JOSÉ ALOÍSIO MARTINS PINTO

“BRASIL SOVIÉTICO?! NUNCA.”:

ANTICOMUNISMO E ESTADO AUTORITÁRIO NO JORNAL CATÓLICO “O NORDESTE”
(FORTALEZA/CE, 1930 – 1945)

ASSIS
2012

JOSÉ ALOÍSIO MARTINS PINTO

"BRASIL SOVIÉTICO?! NUNCA.":

ANTICOMUNISMO E ESTADO AUTORITÁRIO NO JORNAL CATÓLICO "O NORDESTE"
(FORTALEZA/CE, 1930 – 1945)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Doutor em História (Área: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Áureo Busetto.

ASSIS
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P728b Pinto, José Aloísio Martins

"Brasil soviético?! Nunca.": anticomunismo e Estado autoritário no jornal católico "O Nordeste" (Fortaleza/CE, 1930 – 1945) / José Aloísio Martins Pinto. – 2012.

335 f.; il.

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Programa de Pós-Graduação em História, Assis, 2012.

Área de concentração: História e Sociedade.

Orientação: Prof. Dr. Áureo Busetto.

1. História 2. Política 3. Comunismo 4. Catolicismo 5. Jornal I. Título.

CDD: 981.061

JOSÉ ALOÍSIO MARTINS PINTO

“BRASIL SOVIÉTICO?! NUNCA.”:
ANTICOMUNISMO E ESTADO AUTORITÁRIO NO JORNAL CATÓLICO “O NORDESTE”
(FORTALEZA/CE, 1930 – 1945)

COMISSÃO JULGADORA

Tese apresentada para a obtenção
do título de Doutor

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Áureo Busetto (UNESP/Assis)

1° Examinador: Prof. Dr. Angelo Aparecido Priori (UEM)

2° Examinador: Prof.ª Dr.ª Adelaide Maria Gonçalves Pereira (UFC)

3° Examinador: Prof. Dr. José Luís Bendicho Beired (UNESP/Assis)

4° Examinadora: Prof. Dr. Paulo Henrique Martinez (UNESP/Assis)

Assis, 24 de Agosto de 2012.

À Alciléa
e à Lígia,
que, cotidianamente,
antecipam
o tempo da delicadeza.

AGRADECIMENTOS

Às universidades públicas que, apesar da carência de recursos, mas ofertando saber e democracia, acolhem os mais diversos pesquisadores do Brasil e de outros países, em especial à Universidade Estadual Paulista, UNESP-Assis, por ter possibilitado a realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por conceder, sem interrupção, a bolsa de estudos.

Ao orientador, professor Áureo Busetto, que, por meio de diálogos elucidativos, potencializava a organização do texto.

Aos professores com os quais tive oportunidade de cursar disciplinas – Claudinei Magno Magre Mendes, José Luís Bendicho Beired, Paulo Henrique Martinez e Tânia Regina de Luca, referências de conhecimento na docência e no acompanhamento das pesquisas.

Aos professores José Luís Bendicho Beired e Paulo Henrique Martinez, membros da banca de qualificação, que realizaram uma leitura acurada do texto, sugerindo alterações valiosas.

Aos professores Adelaide Maria Gonçalves Pereira, Angelo Aparecido Priori, José Luís Bendicho Beired e Paulo Henrique Martinez, membros da banca examinadora, pela indicação de novas abordagens à pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História, com destaque para Zélia Maria de Souza Barros, sempre prontos para atender as demandas dos pós-graduandos.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Ceará, da Biblioteca Estadual Menezes Pimentel, do Centro de Documentação Empresa Jornalística O POVO, do Instituto do Ceará (Histórico, Antropológico e Geográfico) e do Seminário Arquidiocesano de

Fortaleza (Núcleo de História Eclesiástica). Sem a presença destes trabalhadores a pesquisa jamais teria sido concluída.

Ao professor Vianney Mesquita que, ao contrário de corrigir mecanicamente o texto na revisão ortográfica, o enriqueceu com ideais.

Aos orientandos do professor Áureo Busetto, os Eduardos, Osmani e Vanessa, pelos bons momentos de convivência.

Aos amigos Eduardo, Elton e Ulisses, que me receberam em Assis com o máximo de atenção.

Às amigas Meize Regina e à Isaíde Bandeira pelo constante incentivo.

À dona Dita, pelas inúmeras vezes que, zelosamente, cuidou do meu vestuário.

PINTO, José Aloísio Martins Pinto. **“BRASIL SOVIÉTICO?! NUNCA.”: Anticomunismo e Estado autoritário no jornal católico “O Nordeste” (Fortaleza/CE, 1930 – 1945).** Assis - SP, 2012, 335 fls. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

RESUMO

Analisa-se a militância anticomunista do jornal *O Nordeste* na cidade de Fortaleza/CE, entre 1930 e 1945. Fundado em 1922, sob os auspícios da Arquidiocese de Fortaleza, o periódico, a despeito de conceituar a República, oriunda da Constituição de 1891, de liberal e ateia, mostrava-se defensor intransigente da ordem. Adepto das diretrizes ultramontanas, o órgão empenhava-se em destruir as “forças do mal”: o comunismo, o laicismo, o liberalismo, o judaísmo, os hábitos da Modernidade etc. À vista disso, examina-se o anticomunismo nas páginas d’*O Nordeste*, focalizando: a tentativa do jornal de ser o organizador coletivo da sociedade civil fortalezense; o processo de formação das imagens que caracterizavam o comunismo; o apoio veemente do periódico à Revolução de 1930 e à ditadura do Estado Novo getulista; as orientações do órgão ao eleitorado católico, incluso o primordial voto feminino, para sufragar os candidatos da Liga Eleitoral Católica (LEC) e do Partido Republicano Progressista (PRP); as funções de partido político exercidas pelo *O Nordeste* nas eleições de 1933 a 1936 e o clamor que fazia, independentemente da conjuntura, pela instalação urgente de um “Estado forte” no Brasil com Getúlio Vargas à frente.

PALAVRAS-CHAVE: Anticomunismo, catolicismo, imprensa.

PINTO, José Aloísio Martins Pinto. **“SOVIET BRAZIL?! NEVER.": Anti-communism and the authoritarian State in the Catholic newspaper “The Northeast” (Fortaleza / CE, 1930 - 1945).** Assis - SP, 2012, 335 pgs. Doctoral thesis (History). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2012.

ABSTRACT

This study analyses the militant anti-Communism of the newspaper *O Nordeste* (The Northeast*)* in Fortaleza / CE, between 1930 and 1945. Founded in 1922, under the auspices of the Archdiocese of Fortaleza, the periodical, despite portraying the Republic created by the 1891 Constitution as liberal and atheist, was an adamant defender of the established order. Adept with ultramontane guidelines, the agency strove to destroy the “forces of evil": communism, secularism, liberalism, Judaism, modern lifestyles and so on. In view of this, anti-communism in the pages of *O Nordeste* is examined, focusing on: the newspaper's attempt to be the collective organizer of civil society in Fortaleza, the process of forming images characterizing communism; the journal’s vehement support of both the 1930 Revolution and the *Estado Novo* (New State) dictatorship of Getúlio Vargas; the guidelines of the Catholic electoral body, including the first female vote, to support the candidates of the Catholic Electoral League (LEC) and the Progressive Republican Party (PRP); the functions of a political party exercised by *O Nordeste* in the 1933 to 1936 elections and the outcry it made, regardless of the juncture, for the urgent installation of a "strong state" in Brazil led by Getúlio Vargas.

KEYWORDS: anti-Communism, Catholicism, press.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – *Tcheka* ..... p. 51

FIGURA 2 – Hitler e Prestes ..... p. 71

FIGURA 3 – Exposição Mariana Anticomunista ..... p. 94

FIGURA 4 – Salazar ..... p. 118

FIGURA 5 – Missa em ação de graça pela vitória da revolução ..... p. 149

FIGURA 6 – Manchete (Legião Cearense do Trabalho) ..... p. 174

FIGURA 7 – Prestes e o imperialismo da URSS ..... p. 189

FIGURA 8 – A influência do anúncio ..... p. 225

FIGURA 9 – Não larguemos “o osso” aos bolchevistas ..... p. 236

FIGURA 10 – Liga Eleitoral Católica ..... p. 248

FIGURA 11 – Manchete de apoio a Carneiro de Mendonça ..... p. 269

FIGURA 12 – Reunião (Liga Eleitoral Católica) ..... p. 310

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIB – Ação Integralista Brasileira

BPF – Banco Popular de Fortaleza

BOC – Bloco Operário e Camponês

CCF – Círculo Católico de Fortaleza

COTCSJ – Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José

CPSJ – Crédito Popular São José

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LCT – Legião Cearense do Trabalho

LEC – Liga Eleitoral Católica

LDN – Liga de Defesa Nacional

PCB – Partido Comunista do Brasil

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PRP – Partido Republicano Progressista

PSD – Partido Social Democrático

UDE – União Democrática Estudantil

UDN – União Democrática Nacional

UMC – União de Moços Católicos

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

Introdução 12

Capítulo 1 – *Os filhos das trevas*

1.1 Indo à ação 29

1.2 O credo comunista 54

1.3 Em defesa da propriedade privada 81

1.4 A sã política 107

Capítulo 2 – *O "urso branco" estende suas garras sobre o Brasil*

2.1 A Revolução de 1930 contra a demagogia comunista 136

2.2 Para a direita 160

2.3 Dentro da lei 180

2.4 O Calabar vermelho 203

Capítulo 3 – *Não cair em pecado eleitoral!*

3.1 Para direita ou para esquerda 226

3.2 Semente do mal 247

3.3 Liberalismo dissolvente, liberalismo bolchevizante 267

3.4 Escolha acertada 286

Considerações finais 314

Fontes 323

Referências bibliográficas 324

Introdução

> O Brasil não quer o ódio 'stalianiano', não quer o terror 'leniano', não quer a morte 'marxista'. Brasil soviético, Brasil bolchevista, Brasil comunista?! Nunca.[1]

Fortaleza-CE, 15 de maio de 1941. Teatro José de Alencar. Sessão magna das comemorações do "Jubileu Áureo da Encíclica *Rerum Novarum*". Tomaram assento à mesa: o representante do arcebispo metropolitano de Fortaleza, monsenhor Otávio de Castro; o interventor federal no Ceará, Menezes Pimentel; Andrade Furtado, secretário estadual do Interior e da Justiça e editor do jornal *O Nordeste*; major Juarez Vasconcelos, comandante do 23º Batalhão de Caçadores; Adonias Lima, presidente do Conselho Regional do Trabalho; padre José Bruno Teixeira, diretor do Departamento Geral da Educação do Ceará; João Rocha Moreira, procurador da Justiça do Trabalho; padre Aluísio Ferreira Lima e Carolino de Aquino, respectivamente, assistente eclesiástico e presidente da Federação dos Círculos Operários do Ceará; Cunegundes Rodrigues Júnior, representando os sindicatos de Fortaleza e Vital Félix de Sousa, a Federação dos Círculos Operários do Ceará.

A Arquidiocese de Fortaleza, à frente Dom Manuel da Silva Gomes (1912-1941), organizou vasta comemoração alusiva ao jubileu da *Rerum Novarum*, encíclica do papa Leão XIII e delegou ao jornal arquidiocesano *O Nordeste* a missão de divulgá-la. No dia 15 de maio, data jubilar, ocorreu o ponto máximo das festividades: sessão magna no Teatro José de Alencar com o comparecimento em peso do *establishment* político-sindical cearense. No entorno do teatro, palco maior das artes cênicas no Ceará, foi distribuída a versão popular da *Rerum Novarum* à "compacta massa de operários e classes em geral" que assistiu à solenidade, calculada em 5.000 pessoas, na estimativa do periódico católico[2]. Este opúsculo teve sua edição chancelada pela Interventoria Federal no Ceará.

Antecedendo o auge das festividades, o órgão arquiepiscopal veiculou o roteiro da programação para o mês de maio de 1941: dia 11, sessão solene, na sede do Círculo Operário de Fortaleza às 14 horas; dos dias 11 a 15, rádio-palestra na P.R.E. 9 às 11 h 30 min; dos dias 12 a 14, preleções com o padre Guilherme Vaessen, na sede do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, de Fortaleza, às 19 h 30 min; dia 15, data jubilar, missa campal na Coluna do Cristo Redentor às 7 h, sessão solene no Seminário Arquidiocesano de

[1] Brasil comunista ou Brasil brasileiro. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 10 nov. 1945.
[2] O jubileu da Rerum Novarum. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 maio 1941. Página Operária, p 5.

Fortaleza às 8 h, fixação do retrato do papa Leão XIII na Delegacia Regional do Trabalho e no Conselho Regional do Trabalho às 9 h, inauguração da Carteira Imobiliária dos Trabalhadores Comerciários às 14 h, lançamento da pedra fundamental da Vila Operária Leão XIII, em Santo Antônio da Floresta, com transporte gratuito às 16 h, sessão magna no Teatro José de Alencar às 19 h 30 min.

Relativamente à conjuntura nacional, no 1º de maio de 1941, aconteceu a oficialização da Justiça do Trabalho, marco da legislação trabalhista, que nas análises d'*O Nordeste* referendava plenamente as diretrizes expostos pelo papa Leão XIII na *Rerum Novarum* em 1891. Assim, 1941 denotava pleno contentamento, que veio por intermédio da constatação em editorial: "em nossa democracia gozamos a perfeita tranquilidade das relações entre governantes e governados, graças à iniciativa de uma legislação calcada nos princípios de fraternidade cristã e de respeito à natureza da pessoa humana".[3]

Fiel seguidor de Dom Luís Antônio dos Santos (1861-1881) e de Dom Joaquim Vieira (1884-1912), do qual fora bispo-auxiliar, Dom Manuel estruturava o poder eclesiástico na sociedade civil, combatendo o catolicismo não oficial, ampliando o assistencialismo, criando dioceses, estimulando o ingresso de ordens religiosas no Ceará, disseminado o anticomunismo e fundando um jornal. Em junho de 1922, passou a circular *O Nordeste*, que encerrou as atividades em 1967. Ao articular-se com o laicato conservador e a intelectualidade, com líderes oligarcas e populares na criação de partidos e entidades, que passaram a disputar a direção dos movimentos sociais e da cena política, a Arquidiocese de Fortaleza superava o isolamento da instituição perante a República.

Desde a fundação até a Revolução de 1930, sistematicamente, *O Nordeste* atribuiu à governança do País uma "crise de autoridade". O epicentro dos traumas sociais encontrava-se na tríade liberalismo-comunismo-laicismo. O jornal qualificou o golpe de Estado contra Washington Luís, tramado pela Aliança Liberal, de data excepcional à história nacional, similar à Independência do Brasil e à Abolição da Escravatura. Manuseando a dualidade (céu / inferno) e dogmas tradicionais do catolicismo romano, *O Nordeste* definia o comunismo como a encarnação do Demônio, do Anticristo. Ou seja, Satanás continuava atormentando a comunidade eclesial, incentivando motins, rebeliões e revoluções para derrotar o Cristo Salvador. Adepto da imprensa de opinião, o diário impunha aos devotos uma obrigação precípua: barrar o anticlericalismo bolchevique.

[3] Homenagem perene. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 maio 1941. Editorial, p. 1.

Em função do exposto, examina-se o anticomunismo nas páginas d'*O Nordeste* de 1930 a 1945, focalizando: a tentativa do jornal de ser o organizador coletivo da sociedade civil fortalezense; o processo de formação das imagens que caracterizavam o comunismo; o apoio veemente do jornal à Revolução de 1930 e à ditadura do Estado Novo getulista; as orientações do periódico ao eleitor católico, incluso o primordial voto feminino, para sufragar os candidatos da Liga Eleitoral Católica (LEC) e do Partido Republicano Progressista (PRP); as funções de partido político exercidas pelo *O Nordeste* nas eleições de 1933 a 1936 e o clamor que fazia pela instalação urgente de um "Estado forte" no Brasil.

Embora o periódico afirmando, em diversos momentos, a disposição da LEC de permanecer "fora e acima dos partidos", no Ceará a agremiação obteve registro partidário. De 1932 a 1936, a sede do vespertino transformou-se em posto de alistamento eleitoral e comitê central dos lecistas. Atuando como partido político, *O Nordeste* divulgou a plataforma lecista e do PRP, opôs-se ao Partido Social Democrático, o "partido sem Deus", e publicou avisos de reuniões da LEC no palácio arquiepiscopal. Afora apoiar efusivamente o presidente Getúlio Vargas, *O Nordeste* clamou pelo estabelecimento de um Estado sob a égide do lema integralista: Deus, Pátria e Família!

Na LEC, *O Nordeste* superou o ofício de porta-voz e na coalizão lecista, formada por integralistas, oligarcas e o grupo católico, vinculado à Arquidiocese de Fortaleza, *O Nordeste* atuou como importante força política. Tudo isso a serviço de um projeto social: a implantação de um regime autoritário e nacionalista com Getúlio Vargas na liderança e, localmente, as rédeas do poder à mercê do grupo católico. Deste modo, estariam postas as condições de entrelaçar a sociedade civil e a comunidade dos fiéis, formando ente único, no qual os chefes políticos e religiosos exerceriam o poder de forma contundente.

O propalado Estado "forte" ou "Estado Novo", dirigido pelo presidente Getúlio Vargas (1930-1945), e assemelhado aos existentes na Europa (fascismo, nazismo, salazarismo), teria de executar atitudes imediatas. Revalorizar as origens católicas do Brasil: a Terra de Santa Cruz fora moldada pelos padres jesuítas José de Anchieta e Manoel de Nóbrega. Aniquilar definitivamente com as "forças do mal": o comunismo, o laicismo, o liberalismo, o materialismo, o espiritismo, os cultos afro-brasileiros, os maçons, os jacobinos, os judeus, os hábitos da modernidade etc.

No bispado de Dom Manuel da Silva Gomes (1912-1941), a Arquidiocese de Fortaleza articulou uma rede social que envolveu o Círculo Católico de Fortaleza (1913-1922), o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (fundado em 1915) e o Crédito Popular São José (em 1920, sucedido pelo Banco Popular de Fortaleza). Na

sequência, vieram o jornal *O Nordeste* (fundado em 1922), a União de Moços Católicos (fundada em 1924, sucedânea do Centro Cearense de Propaganda Católica, organizado em 1910), a Confederação das Sociedades Católicas da Arquidiocese de Fortaleza (em 1925), a Liga Eleitoral Católica (em 1932), o Partido Republicano Progressista (em 1936) e a Federação dos Círculos Operários do Estado do Ceará (em 1940) etc.[4]

Dos anos 1930 até 1945, alguns dirigentes de entidades vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza ocuparam posições de relevo na cena político-eleitoral cearense. Do Círculo Católico de Fortaleza (CCF), os ex-presidentes Fernandes Távora (eminência da Aliança Liberal, líder civil da Revolução de 1930, interventor federal de 1930 a 1931, fundador do Partido Social Democrático); Andrade Furtado (editor-chefe d'*O Nordeste* de 1922 até 1962, juiz eleitoral, secretário estadual do Interior e da Justiça de 1939 a 1945, no governo Menezes Pimentel); Menezes Pimentel (colaborador do jornal *O Nordeste*, governador constitucional de 1935 a 1937, interventor até 1945). Ainda do CCF, Edgar Arruda, orador oficial do grêmio, exerceu a presidência estadual da Liga Eleitoral Católica, da fundação (1932) a 1935. Nesse ano, elegeu-se senador da República pela agremiação lecista, juntamente com Waldemar Falcão. No início do Estado Novo, Getúlio Vargas nomeou Falcão ministro do Trabalho, posteriormente guindou-o ao Supremo Tribunal Federal, no ano de 1941.

Da União de Moços Católicos, os ex-presidentes Andrade Furtado e Raimundo de Alencar Araripe, prefeito de Fortaleza de 1936 a 1945. Sob a legenda do Partido Republicano Progressista (PRP), Araripe venceu a disputa contra o Partido Social Democrático (PSD), nas eleições de 1936. Nas eleições para vereador, o ex-presidente do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, José Agostinho da Silva, conquistou vaga no Legislativo municipal, compondo a bancada PRP.

A despeito de conceituar a República, oriunda da Constituição de 1891 de liberal e ateia, *O Nordeste* mostrava-se defensor intransigente da ordem. Logo, criminalizou todas as greves operárias e manifestações populares. Condenou as revoltas tenentistas da década de 1920 e a Revolução Constitucionalista (São Paulo, 1932). Expressou concordância com o

[4] Nas páginas d'**O Nordeste**, além dessas entidades, vinculavam-se à Arquidiocese de Fortaleza: Liga das Senhoras Católicas, Juventude Feminina Católica, Liga Feminina Católica, Liga da Sagrada Família, Associação das Mães Cristãs, Conferências Vicentinas, Congregados Marianos de Fortaleza, Federação das Congregações Marianas, Liga Teresinha, União dos Médicos Católicos, União Militar Santo Inácio, Liga dos Professores Católicos, Associação Brasileira de Educação - secção do Ceará, Ação Universitária Católica - núcleo do Ceará, Centro Literário São José, Centro Jackson de Figueiredo, Associação Jornalística Católica, União Popular Cristo Rei, União Sindical do Trabalho, Instituto Epitácio Pessoa, Grêmio Dramático Familiar, Grêmio Dramático Pio XI, Dispensário dos Pobres, Asilo do Bom Pastor, Instituto de Proteção à Infância, Confederação das Associações Católicas.

programa da Legião Cearense do Trabalho (LCT).[5] Pediu votos para a Liga Eleitoral Católica (LEC) e para o Partido Republicano Progressista. Publicou as opiniões de Plínio Salgado, futuro dirigente da Ação Integralista Brasileira, e, como alternativa de governabilidade, defendeu o integralismo. Elogiou calorosamente Adolf Hitler, Benito Mussolini, o general português Oscar Carmona, Primo de Rivera, da Espanha, o fascismo clerical de António de Oliveira Salazar, em Portugal e de Engelbert Dollfuss, na Áustria.

Ao longo do período pesquisado, de 1930 a 1945, *O Nordeste* encarou a sovietização do País, que, na avaliação do periódico, crescia a passos largos, como a maior "praga" capaz de destruir a tradição católica brasileira, pois financiada ostensivamente pelo "ouro de Moscou". Ou seja, nutrida pela democracia liberal e pela leniência das autoridades, a "anarquia bolchevista", consubstanciada no divórcio, na imprensa extremista, no amor livre, na coeducação, no sindicalismo "vermelho" etc., estava prestes a triunfar. Daí a necessidade premente do Estado, via ação preventiva, mesclando repressão policial e ensinamento catequético, obstar a movimentação assaz traiçoeira da "hidra moscovita". Por conseguinte, *O Nordeste* condenou peremptoriamente a Parada Contra a Fome, articulada pelo PCB-CE em 1931 e o Levante Comunista de 1935.

As ligações institucionais d'*O Nordeste* ganharam corpo no biênio 1935-1936, indo até o fim do Estado Novo, quando, respectivamente, Menezes Pimentel, professor-titular da Faculdade de Direito do Ceará, ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza e filiado à LEC, saiu-se vitorioso na eleição à chefia do Executivo estadual, via Assembleia Legislativa e Raimundo de Alencar Araripe, presidente da LEC-CE, pelo Partido Republicano Progressista (PRP), dirigido pelo lecismo, venceu a disputa à Prefeitura de Fortaleza, derrotando J. J. Pontes Vieira, do PSD. Comumente n'*O Nordeste*, as agendas de trabalho de Pimentel e de Araripe ocuparam espaços significativos.

À vista disso, como se explica a militância política d'*O Nordeste*? A resposta a esta indagação encontra-se nas origens da Diocese do Ceará, criada quando das disputas intraeclesiais que envolveram o clero liberal e o romanizado. O primeiro pautava-se por uma Igreja Nacional; o último, pela mitra de Roma, incorporava a prática de destruir os inimigos do Vaticano: o liberalismo, o positivismo, o protestantismo e o catolicismo popular. Ao fim e ao cabo, o bispado cearense romanizou-se, majoritariamente (PINHEIRO, 1994, p. 199). Do primeiro bispo, Dom Luís Antônio dos Santos (1861-1884), até Dom Antônio de Almeida

[5] A LCT "foi um movimento corporativista, integralista e católico de mobilização de trabalhadores. Antecessora da Ação Integralista Brasileira, manteve-se em atuação até 1937 quando Vargas decretou o Estado Novo. Teve como co-fundadores o tenente Jeová Mota e o padre Hélder Câmara. Composta de jovens católicos antiliberais e anticomunistas e militares opositores ao movimento de 30." (CORDEIRO JR., 2000, p. 325).

Lustosa (1941-1963), sucessor de Dom Manuel, os valores ultramontanos foram rigorosamente implantados e adaptados às peculiaridades históricas locais.

A Arquidiocese de Fortaleza fazia uso da comunicação jornalística, do assistencialismo, dos círculos operários, de casa bancária, da arregimentação do laicato reacionário, do reforço devocional etc. para intervir na ambiência sociopolítica, pondo em prática os programas da Ação Católica e de seu desdobramento nacional, a Neocristandade, liderada por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro (RJ). A Ação Católica foi sistematizada nos pontificados de Pio X (1903-1914) a Pio XII (1939-1958) e sua atuação se deu na perspectiva de "recristianizar as estruturas sociais, de dotá-las de um fundamento doutrinário católico, de tirá-las das influências malignas do racionalismo, do materialismo, do liberalismo e do socialismo." (MANOEL, 2004, p. 21).

Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, a Igreja Católica constituiu, provavelmente, a instituição não estatal mais empenhada no combate ao comunismo no transcorrer do século XX. Ao reportar-se à posição da cúpula eclesial, Motta (2002) enfatizou que, para as lideranças católicas, o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, um desafio à sobrevivência da religião. Impor-lhe derrota, só pela luta ferrenha. A Revolução Bolchevique (1917), na Rússia, e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), de acordo com Motta (2002), intensificaram a vontade da Igreja Católica de combater o socialismo.

Durante a Guerra Civil Espanhola, *O Nordeste*, frequentemente, publicou reportagens abordando o conflito, comentou-o em seus editoriais e colocou-se na defesa das posições defendidas pelo General Franco. O jornal tachou os republicanos de queimadores de igreja, profanadores de imagens, desenterradores de monjas, assassinos de padres inermes e de freiras tímidas[6].

Na opinião de Motta (2002), o temor de que os comunistas conquistassem seguidores e simpatizantes na comunidade dos fiéis já se revelara em momentos anteriores, mas na década de 1930 e nas seguintes a insegurança da Igreja Católica cresceu e o combate ao comunismo se fez presente com muita força, tornando-se elemento constante. Nem no decorrer da Segunda Guerra Mundial, momento em que a União Soviética lutou contra o nazismo, *O Nordeste* deixou de criticar o comunismo.

Analisa-se a intervenção política d'*O Nordeste*, como prática de direita, primeiramente, baseando-se em Norberto Bobbio. O pensador compreendia a igualdade social como o único critério resistente à usura do tempo e a utilizava como fundamento principal na classificação adotada. Mesmo adjetivando seu esquema inferior à diversificação da realidade,

[6] Dois anos de guerra na Espanha. **O Nordeste,** Fortaleza, 18 jul. 1938. Editorial, p. 1.

Bobbio (1995) estabeleceu a distinção: a esquerda é igualitária e a direita inigualitária. Com isso, a doutrina igualitária, ao conceber as disparidades com base em costumes, leis, imposição do privilegiado sobre o fraco, tornou-as modificáveis e passíveis de redução. Bobbio valorizou as políticas públicas tendentes a diminuir as desigualdades e o acesso à educação, à saúde e ao trabalho, que possibilitaria aos indivíduos serem menos desiguais se comparados aos afortunados por nascimento ou de condição endinheirada.

Conforme Bobbio (1995), a direita conceituava às desigualdades sociais como coisa natural, ineliminávеis. Dentro da lógica inigualitária, a desigualdade é percebida de forma habitual, presa à tradição e determinada pela força do passado. Bobbio didaticamente cindiu a direita em duas correntes: o centro-direita e a extrema-direita. Nesta distinção, a fidelidade aos postulados democráticos configurou-se em variável de separação das doutrinas. Para Bobbio, a injunção popular "todos os homens devem ser iguais" expressa algo puramente sugestivo. O indispensável é defrontar-se com o problema da igualdade, observando os questionamentos: entre quem, em relação a que, com qual critério?

O Nordeste tanto reproduziu condutas atribuídas por Bobbio à centro-direita (igualitarismo mínimo, quer dizer, igualdade perante a lei, cabendo exclusivamente aos órgãos judiciais, imparcialmente, zelar por sua aplicabilidade e veneração da meritocracia), como da extrema-direita (aversão à democracia, veto aos partidos e as organizações operárias autônomas do Estado e da religião). O inigualitarismo d'*O Nordeste* considerava o direito a fragmentos de cidadania (saúde, educação e trabalho) como uma dádiva das elites (econômicas, políticas e eclesiásticas) aos pobres. A submissão cega à hierarquia seria o passaporte à felicidade terrena e celestial. Daí o ataque ferrenho ao discurso comunista de elevar o proletariado à condição de sujeito histórico e a ojeriza às mobilizações políticas populares, à Parada da Fome, à Aliança Nacional Libertadora e ao sindicalismo avesso aos círculos operários.

Outras características da prática de direita encetadas pelo jornal *O Nordeste* são interpretadas, levando em conta a apreciação de José Luis Bendicho Beired. Desde o início do século XX, no Brasil, na formulação do historiador, cresciam as manifestações de cunho nacionalista e fiéis aos cânones liberais. De 1914 a 1945, entretanto, mudanças na conjuntura europeia (a Primeira Guerra Mundial, símbolo do colapso da velha ordem liberal, originária do século XIX e a Revolução Russa) e na conjuntura brasileira (a crise da antiga ordem oligárquico-liberal, a atuação de novos atores sociais, de movimentos culturais, o tenentismo, a Revolução de 1930 e o Estado Novo) contribuíram para o surgimento de uma corrente

nacionalista, antiliberal e autoritária, nomeada por Beired (1999) de “direita nacionalista” ou “nacionalismo de direita”.

A estas características, Beired acrescentou as posições estatistas, a manutenção das tradições nacionais, a defesa de princípios anti-igualitários e valores a serviço da autoridade, ordem, hierarquia e obediência, pois a liberdade e a igualdade eram meras abstrações. Da mesma forma, a reespiritualização da população e do Estado compôs o plano do nacionalismo de direita. Politicamente, a direita nacionalista se opôs aos princípios democrático-liberais e da soberania popular, favorecendo o autoritarismo, o elitismo e o corporativismo. Reportando-se à Europa, o historiador arrolou as características da direita no Continente: nacionalista, antiliberal, xenófoba, anti-igualitária e, às vezes, antissemita e imperialista.

Sumariou Beired que, *grosso modo*, o pensamento autoritário da nova direita brasileira, consubstanciado nas obras de Alberto Torres, Oliveira Viana, Azevedo Amaral e Francisco Campos, defendia o argumento de que a intelectualidade deveria ter o monopólio do saber para atuar nos negócios públicos, descartando, portanto, quaisquer das outras categorias sociais. Advogavam, igualmente, a hipertrofia do Estado, a visão orgânico-corporativa da sociedade, o modelo paternalista-autoritário, o princípio da não organização da sociedade civil e o objetivismo tecnocrático. No debate atinente ao País, os intelectuais de direita valorizaram as definições culturais (tradições, língua, raça, meio e religião) em oposição ao político, que, fixado por meio da Revolução Francesa, elevou as nações à qualidade de entes dotados de autonomia.

Também contrariavam a tese liberal na qual a soberania do corpo político estava firmada nos indivíduos associados livremente, mediante pacto. Dentre os postulados do liberalismo – liberdade, igualdade e propriedade – apenas o último integrava o projeto social do nacionalismo de direita. Esta intelectualidade identificava na História do Brasil desvios do curso natural de sua trajetória. Por exemplo, a supressão da autoridade do Estado punha em xeque a integração territorial do País. Desse modo, propugnava por soluções autoritárias, que implicavam a autonomização da esfera estatal em detrimento dos anseios imediatos de partidos, associações, classes etc. e na formatação de novas perspectivas de desenvolvimento nacional, provenientes da tecnocracia e da *intelligentsia*. Corriqueiramente, *O Nordeste* difundia tais ideias.

Referente ao polo católico, Beired situou na revista *A Ordem*, criada em 1921, e no Centro Dom Vital, fundado em 1922, as duas maiores iniciativas da ofensiva católica na busca de recuperar o *status* político perdido após a Proclamação da República (1889), e em

Jackson de Figueiredo e Tristão de Athaíde, os expoentes do laicato. O cerne do raciocínio jacksoniano acerca do papel do catolicismo no Brasil nos anos 1920, Beired resumiu-o: permanecer à base da tradição nacional enfrentando a ameaça do cosmopolitismo, liberalismo, comunismo e materialismo. O papel da Liga Eleitoral Católica na Constituinte de 1933 foi realçado.

Relativamente a Tristão de Athaíde, expôs as críticas do pensador ao liberalismo: apego ao individualismo ilimitado; ao socialismo: imposição do materialismo, do monoclassismo, do igualitarismo, sufocando o indivíduo na massa; ao nacionalismo totalitário: exaltação extremada da raça e do País, com deflagração de embates sangrentos e destruidores. Para identificar o escopo dos intelectuais católicos, Beired utilizou o termo reespiritualização e, na explicação, fez uma retrospectiva histórica dos desmandos que, na óptica do catolicismo, deformaram a humanidade (Renascimento, Reforma Protestante, Revolução Francesa e Revolução Russa). Ressalte-se que a linha editorial d'*O Nordeste* enaltecia o pensamento de Jackson de Figueiredo e Tristão de Athaíde.

De grande valia são as pesquisas de Júlia Miranda, Francisco Moreira Ribeiro e João Alfredo de Sousa Montenegro. Júlia Miranda, apoiando-se em Gramsci (1988), situa *O Nordeste* como força política dirigente, desempenhando funções típicas de partidos políticos: direção e organização de todas as atividades que dizem respeito ao desenvolvimento de um determinado grupo social, no caso, o grupo católico filiado à LEC, que, ultrapassando o âmbito restrito do setor representado, obtinha o consentimento dos demais agrupamentos no sentido de tornar cada vez mais universais seus interesses orgânicos originais. A Júlia Miranda, acrescenta-se o estudo de Oppo (2007, p. 899), definindo o caráter dos partidos políticos: "a natureza da sua ação essencialmente orientada à conquista do poder político dentro de uma comunidade, e a multiplicidade de estímulos e motivações que levam a uma ação política associada, concretamente à consecução de fins 'objetivos' e/ou 'pessoais'".

No entendimento de Francisco Moreira Ribeiro, da interventoria de Fernandes Távora (outubro de 1930 a julho de 1931) à interventoria de Felipe Moreira Lima (setembro de 1934 a maio de 1935), quando os comunistas (Antônio Marcos Marrocos e Luiz Gomes) dirigiram, em maio de 1935, uma greve na Usina Ceará, pertencente à firma Diogo Siqueira & Cia., o PCB-CE ficou à margem do movimento operário cearense, não obstante o esforço despendido por poucos adeptos visando a superar as adversidades. Na gestão Moreira Lima, *O Nordeste* acusava o chefe do Executivo estadual, o "interventor *sans-culotte*", de subsidiar o "perigo vermelho", permitindo a livre expressão aos comunistas.

Na avaliação de Ribeiro, as vitórias da Liga Eleitoral Católica, hegemônica nas eleições realizadas nos anos 1930, o fortalecimento das associações de trabalhadores e de socorro vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza (círculos operários, União de Moços Católicos, Liga dos Professores Católicos, Juventude Operária Católica, União Beneficente Cristo Rei etc.), a atuação da Legião Cearense do Trabalho (basicamente, composta de jovens católicos antiliberais, anticomunistas e de militares opositores à Revolução de 1930) e a repressão imposta pelo interventor Fernandes Távora aos comunistas na Passeata da Fome de 1931 e pelo interventor Menezes Pimentel (1935-1945) impuseram "total" esfacelamento político do Partido Comunista. No pimentelismo (governo constitucional de 1935-1937 e interventoria de 1937-1945), enfatiza Ribeiro, um dos governos de maior repressão política do Ceará, ocorreu brutal perseguição aos opositores de todos os matizes do Executivo estadual, o que os levou à latência. Independentemente de tal cenário, *O Nordeste* permanecia cobrando das autoridades medidas preventivas contra o comunismo.

João Alfredo de Sousa Montenegro deteve-se nas estratégias engendradas pelo tradicionalismo católico no Ceará. De Dom Luís Antônio dos Santos (1861-1884) a Dom Antônio de Almeida Lustosa (1941-1963) valores tradicionalistas foram plenamente dominantes. Por isso, movimentos de direita, como a Legião Cearense do Trabalho e o integralismo, receberam o influxo da Igreja Católica no Ceará, o que demonstrava a continuidade do tradicionalismo, com extraordinária capacidade de adaptação às novas circunstâncias históricas. Montenegro evidenciou a aceitação das ideias de Louis-Ambroise de Bonald, de Joseph de Maistre e do discurso jacksoniano ou "católico de direita" pela Arquidiocese de Fortaleza. O tradicionalismo teceu loas ao catolicismo autoritário, ao nazifascismo e à pressão na assembleia constituinte, em 1934, no sentido de retirar do ordenamento jurídico o laicismo e o liberalismo, os incentivadores da infiltração comunista no Brasil. Montenegro salientou o fato de o pensamento tradicionalista ir se atualizando, explicitando os pormenores da crise asfixiante do mundo contemporâneo e disseminando uma mensagem salvacionista para alavancar o Brasil rumo à paz e à ordem.

O Nordeste ajuizava a ideia de que as negações históricas ao Evangelho e, em passado recente, à encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, do papa Leão XIII, provocavam crises à Modernidade. No Brasil, o distanciamento das leis divinas possibilitava a descristianização do povo, com o beneplácito do liberalismo republicano, oriundo da Constituição de 1891, e propiciava maquinações, visando a esfacelar a integridade religiosa e territorial do País, tramada pelos brasileiros à custa do "Kremlin de Moscou". Vítima da corrupção moral, a Nação carecia de um lenitivo apenas: a missão altamente civilizadora da Igreja, respaldada

por um Estado, liderado pelo presidente Getúlio Vargas. Eis aí o consenso apregoado pelo diário arquidiocesano em meio às paixões políticas da época. Dessa maneira, o esforço d'*O Nordeste* voltava-se para impedir a participação do povo em atos sediciosos, capitaneado por ideias "exógenas" à tradição católica nacional e de cooperar para formação de uma elite dirigente, imbuída de valores tradicionalistas e ultramontanos.

Viabilizando-se economicamente por meio de anúncios, vendas avulsas, campanha de assinaturas impulsionadas por párocos e fiéis, *O Nordeste* circulava de segunda a sábado, em edições que variavam de quatro a doze páginas; na maior parte, com oito. Sua tiragem regular estava em torno de 5.000 exemplares. Unicamente, no primeiro trimestre de 1939, ficou fora de circulação, por causa de ajustes nas suas oficinas. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, por conta da carência de papel, reduziu a quantidade de páginas para quatro. Dada a sua estabilidade financeira, o vespertino possuía gráfica própria e sempre se renovando. O prédio ocupado pelo jornal pertencia à Arquidiocese de Fortaleza e no andar acima da redação funcionaram a Federação dos Círculos Católicos do Ceará e o comitê central da Liga Eleitoral Católica e do Partido Republicano Progressista.

Ordinariamente, o periódico reeditou textos de órgãos católicos de Portugal (*Novidades*, *A Voz*), da França (*La Croix*) e do *L'Osservatore Romano*. Publicou material de agências de notícias. Utilizava-se das brasileiras Spes e Nacional, da francesa Havas, da alemã Transocean e da inglesa Reuters. Quando das edições de aniversário, em 29 de junho, o diário apresentava edição especial, com farta publicidade e, em média, com 32 páginas. No rol dos anunciantes habituais, estavam o Crédito Popular São José e o seu sucedâneo, o Banco Popular de Fortaleza, que tinham a Arquidiocese de Fortaleza como mantenedora e, na Presidência, Andrade Furtado, editor-chefe d'*O Nordeste*.

Ativo de 1922 a 1967, *O Nordeste* contou com Andrade Furtado na função de editor-chefe por 40 anos ininterruptos, das origens até 1962. Nos anos 1930 a 1939, Furtado exerceu simultaneamente a editoria d'*O Nordeste*, a Presidência do Crédito Popular São José/Banco Popular de Fortaleza, a docência na Faculdade de Direito do Ceará e o cargo de juiz eleitoral, o que não o impediu de realizar articulações pró-LEC. Furtado, componente da Academia Cearense de Letras, publicou, por vezes, nas revistas do grêmio. Destaque para o artigo, a "Trincheira bolchevizante".

Junto a Furtado, desempenharam o ofício de editorialistas d'*O Nordeste* o advogado José Martins Rodrigues e Monsenhor Antônio Tabosa Braga, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, de 1922 a 1934, ano em que faleceu. Rodrigues, em 1935, assumiu incumbências no governo Pimentel. Primeiro, secretário do Interior e da Justiça, sendo

substituído por Andrade Furtado; em 1939, passou à chefia da Secretaria da Fazenda, permanecendo nela até 1942. Em 1936, fundou o jornal *O Estado*, de perfil governista.

Fechando o quadro sênior d'*O Nordeste*, estavam o colaborador Menezes Pimentel, professor-titular da Faculdade de Direto do Ceará, e o jornalista Luís Sucupira, responsável por assinar colunas opinativas e diárias no periódico. Primeiro, "Comentários", de 1922 até 1935; depois "Pontos de vista", que se estendeu anos a fio. Sucupira havia sido membro do Círculo Católico de Fortaleza. Pertencia à Congregação Franciscana. Exercera a presidência da Federação Mariana e do Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paulo no Ceará, na década de 1920 e no começo dos anos de 1930. Ostentou as insígnias de Comendador da Ordem de São Gregório Magno da Santa Sé, título outorgado pelo Papa Pio XII. Em 1933, foi eleito pela LEC deputado constituinte, mas derrotado na eleição à Câmara Federal, em 1934. Nos anos 1930, redator-secretário da Revista *A Ordem*, no Rio de Janeiro (RJ). Trabalhou n'*O Nordeste* de 1922 até 1964.

Membros do baixo clero da redação d'*O Nordeste* ocuparam cargos na Administração Pública e em entidades vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza. O advogado e colaborador eventual do jornal, Hugo Vítor Guimarães, chefiou a Segunda Delegacia da Capital, na gestão do capitão Cordeiro Neto, na Secretaria de Polícia e Segurança Pública, de 1935 a 1941, no governo de Menezes Pimentel. Audifax Mendes, ex-diretor da União de Moços Católicos (1929), acumulou a secretária de redação do vespertino com o ofício de secretário da Junta Arquidiocesana da Ação Católica Brasileira, no ano de 1940.

Tomando por base o período pesquisado (1930-1945), conclui-se que *O Nordeste* possuía um grupo gestor formado por Andrade Furtado, Luís Sucupira e Monsenhor Antônio Tabosa, falecido em 1934. No segundo plano, do ponto de vista da escrita, e não da atividade política do órgão arquidiocesano, o redator José Martins Rodrigues e o colaborador Menezes Pimentel. Pimentel, após ser eleito governador constitucional e nomeado interventor, isto é, de 1935 a 1945, deixou apenas de publicar no vespertino. Rodrigues afastou-se do periódico em 1936, para dedicar-se à direção do jornal *O Estado*, do qual fora fundador. *O Estado*, defensor de Pimentel, em tempo nenhum divergiu do diário clerical. Por sua extensa trajetória n'*O Nordeste*, Andrade Furtado personificava o grupo gestor do jornal.

O Nordeste editou materiais específicos, de uma página, tais como os informativos operários, a Página do Lar, Página Literária, Página Pedagógica, Folha Rural, Folha da Juventude Feminina Católica, Folha dos Municípios, Página Religiosa, Página Mariana e o Suplemento do "Nordeste". No tocante ao proletariado, surgiu em abril de 1939 a Secção Operária, suspensa em janeiro de 1940, em razão da falta de papel provocada pela

Segunda Guerra. Em seguida, vieram, em abril de 1940, a Página Operária e a Página Trabalhista, em março de 1942. Tirante a Secção Operária, os informativos dedicados ao mundo do trabalho tiveram a rubrica da Federação dos Círculos Operários do Estado do Ceará, cuja fundação ocorreu em fevereiro de 1940, na comemoração dos 25 anos do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. Em junho de 1945, surgiu um novo informativo. Com o maior número de páginas, quatro, o Suplemento do "Nordeste", de circulação semanal, passou a se dedicar inteiramente à militância anticomunista.

Nesses impressos, elogios ao presidente Getúlio Vargas e ao governador/interventor Menezes Pimentel, exaltação a várias encíclicas, notadamente a *Rerum Novarum*, entrevistas com líderes sindicais, breviários da legislação trabalhista, rechaço ao comunismo, reclamações acerca das dificuldades vividas pelos trabalhadores atinentes a habitação, saúde, escolaridade etc., cursos de capacitação religiosa, programação das festas cívicas, matérias esportivas, dicas de lazer, que incluíam frequência ao Teatro Circulista, passeios, receitais de poesia etc.

Em relação ao título do jornal *O Nordeste*, acredita-se que sua escolha significou a adesão do grupo gestor do periódico a um tipo de discurso regionalista, identificado exclusivamente com as condições físicas, como fator de unidade da futura região. Em 1922, ano de fundação do órgão arquidiocesano, sequer existia a região Nordeste como hoje. Na opinião de Durval Muniz Albuquerque Jr., existia um tipo de regionalismo, na década de 1920, alheio às fronteiras físicas da região Nordeste e disposto a se agrupar em torno de um espaço territorial maior, descartando, por sua vez, o aspecto geográfico e assumindo uma dimensão histórica, cultural.

Durval Muniz de Albuquerque Jr. esclarece que o termo Nordeste foi usado inicialmente em 1919, para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) e, no discurso oficial, o Nordeste emerge como a parte do Norte sujeito às estiagens: "o Nordeste é, em grande medida, filho das secas" (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 119). Em 1941, a divisão oficial do País em grandes regiões foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, asseverou Manuel Correia de Andrade. Criado por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, em 1938, o IBGE, ao institucionalizar o Nordeste, tentava "diminuir a autonomia dos Estados e fazer uma integração nacional a partir do poder central." (ANDRADE, 1988, p. 43).

A opção pelos marcos 1930 e 1945 justifica-se pelo fato de o jornal ter sido apoiador de primeira hora da Revolução de 1930. *O Nordeste* vislumbrava nos desdobramentos do episódio, caracterizado de respeitador da propriedade privada, isento de

rebeldia comunista e, principalmente, no presidente Getúlio Vargas, a possibilidade do reatamento definitivo dos laços do Estado com a Igreja Católica. De perseverança inabalável, tal crença estendeu-se até o fim do Estado Novo, em 1945. Dos primeiros exemplares até 1930, o órgão bradava a favor do restabelecimento da ordem, já que o País era vítima de uma "crise de autoridade", destruidora do tecido social e originária da Proclamação da República. Em 1929, o órgão apresentou a solução: "Ah! Um Mussolini no Brasil!"[7] Portanto, o anticomunismo militante d'*O Nordeste* expressava um projeto social: a instituição de um regime autoritário e nacionalista e a hegemonia da Liga Eleitoral Católica/Partido Republicano Progressista no Governo do Estado e na Prefeitura de Fortaleza.

Quanto a 1945, a conjuntura nacional, com a redemocratização, a deposição do ditador Getúlio Vargas, a legalização do PCB e o novo quadro partidário (UDN, PSD, PSP etc.) e a conjuntura local, com as destituições do interventor Menezes Pimentel e do prefeito Alencar Araripe, ambos lecistas de origem, antecedendo, ressalte-se a do próprio Vargas, alteraram significativamente a presença do grupo gestor d'*O Nordeste* nos círculos de poder. Abertas as urnas, fracasso de Pimentel, concorrente ao Senado e de Luís Sucupira à Câmara Federal. Tanto Pimentel como Sucupira concorreram sob a legenda do ex-renegado PSD, adversário da LEC/PRP, nos anos 1930. Nas eleições presidências, retumbante derrota em Fortaleza: o candidato da UDN, brigadeiro Eduardo Gomes, saiu-se vencedor, Ieddo Fiúza (PCB) obteve o segundo lugar e o general Eurico Gaspar Dutra (PSD) a terceira posição. Desta feita, *O Nordeste* adotou posição bem recuada se comparada àquela dos anos 1930, preferiu indicar votos nos candidatos de todos os partidos, excetuando-se o PCB.

Finalizando, passemos à estrutura dos capítulos. Antes, torna-se importante reafirmar as dimensões em que se observa o anticomunismo expresso nas páginas d'*O Nordeste*: representações e ações. Estuda-se cultura política e um conjunto de representações, enfatizando o imaginário anticomunista e as ações encetadas pela gazeta arquidiocesana, como partícipe ativo das disputas políticas de 1930 a 1945.

A folha clamava por um Estado "forte", atuava firme na coalizão lecista e valia-se de insistentes maquinações anticomunistas (a invasão do imperialismo soviético ao Brasil, o bolchevismo em vias de assaltar o poder, a socialização das mulheres etc.). Chartier (1990, p. 17) define representações como "as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real".

[7] Justiça que não recua. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 7, 13 jan. 1929.

De acordo com Berstein (1998, p. 354), a cultura política refere-se a "um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo". O historiador destacou que a cultura política é um corpo vivo e que se alimenta das outras culturas políticas, quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, buscando, por seu turno, a edificação de consensos nacionais. Para Berstein, a cultura política revela valores, normas e crenças, e expõe uma leitura do passado, as aspirações para o futuro e as representações da sociedade.

A pesquisa baseia-se em pressupostos teórico-metodológicos consagrados pela historiografia recente: analisar os jornais, considerando-se a simultaneidade fonte-objeto. Então, faz-se uma interface com algumas contribuições.

Compreende-se que os periódicos são instrumentos de manipulação de interesses e de intervenção na vida social (CAPELATO; PRADO, 1980). O estudo em apreço versou sobre as balizas ideológicas do jornal *O Estado de São Paulo*. Dele, destacam-se os itens, "Nazi-fascismo: as críticas matizadas"; "Comunismo: críticas radicais", que, sob a óptica das particularidades locais, subsidiaram apreciar a ideologia propagandeada pelo *O Nordeste*. Mais uma contribuição adveio da obra de Capelato-Prado, "Dilemas do Estado liberal". Embora antiliberal confesso, notadamente no aspecto político, o diário fortalezense advogava a manutenção do mercado, com regulação estatal e numa perspectiva concentracionista , isto é, nada de democratização da propriedade ou reforma agrária ou urbana.

Com a "história dos, nos e por meio de periódicos" (DE LUCA, 2006), classifica-se *O Nordeste* como exemplo típico da imprensa militante, aquela de caráter opinativo e partícipe da vida pública, cujo dia a dia consagrava-se à doutrinação do público leitor. Ainda lançando mão desse referencial, aborda-se o órgão arquidiocesano como jornal-empresa, pois, apesar de indelével no ofício militante, o periódico se esforçava para ampliar o número de assinantes e de anunciantes, concitando os católicos a comparem nos estabelecimentos comerciais veiculadores de propaganda e promoções em suas páginas.

Consideram-se aspectos destacados por Busetto (2008) para explicar a empresa midiática e o produto midiático: as relações de concorrências e as relações da empresa com outros domínios sociais. Com efeito, abandona-se a restrita noção de que a mídia se reduz a uma "caixa de ressonância" da vida política e pensa-se a mídia como um agente integrado, com autonomia, ao domínio do político; ou seja, a empresa midiática em foco, no caso o jornal *O Nordeste*, disputando o poder de impor, inclusive de maneira simbólica, uma visão social do mundo, oferecendo bens políticos (diagnósticos e projetos), um agente influenciador e influenciado.

Discernindo outras feições d'*O Nordeste*, utiliza-se a definição de imprensa confessional engajada (COUTROT, 2003). Nela, atuam órgãos que procuram fazer a mensagem cristã adensar no mundo contemporâneo. Estes periódicos incentivam a formatação de redes de benevolentes difusores, de leitura familiar e grupal-profissional, reuniões em congressos etc., ao fim, redes constituidoras de movimentos políticos e sociais. Obviamente, o coeficiente difusor agiganta-se na proporção direta ao crescimento no número de fieis-assinantes-leitores-anunciantes.

No primeiro capítulo (Os filhos das trevas), de início, caracteriza-se a implantação da Diocese do Ceará e da Arquidiocese de Fortaleza, enfocando o processo de romanização e o posicionamento político-ideológico do arcebispado. Objetiva-se, então, pormenorizar os argumentos que *O Nordeste* desenvolvia para inserir os comunistas no rol das "forças do mal". O jornal alardeava a índole dos "vermelhos": vilania, morbidez e amoralidade. Qualificava a URSS de a "sucursal do inferno" e de escravizadora do proletariado. O comunismo foi definido como um "credo materialista" e contrário à manutenção da propriedade privada. Tendo em vista a "crescente" sovietização do Brasil, pois assim avaliava o periódico, se apresenta a concepção autoritária de Estado difundida pelo *O Nordeste*, já que somente um Estado "forte" seria capaz de defender o País do imperialismo soviético.

Por sua vez, no segundo (O "urso branco" estende suas garras sobre o Brasil), enfoca-se a saudação d'*O Nordeste* à Revolução de 1930 e a Getúlio Vargas. Com suporte nesta posição, evidencia-se a rejeição do órgão arquidiocesano ao "Calabar vermelho", Luiz Carlos Prestes, e a condenação às "ações golpistas dos comunistas": a Passeata Contra a Fome, em 1931, na Capital cearense, a estruturação da Aliança Nacional Libertadora e o Levante Militar Comunista, em 1935. Também se observam as polêmicas renhidas envolvendo *O Nordeste* e os jornais *Unitário* e *O Povo*, que eram acusados pelo órgão arquidiocesano de estarem conluiados com o governo moscovita. Desse modo, prossegue-se interpretando *O Nordeste* à luz do conceito de comunicação manipulatória, que, no caso em estudo, servia de inserção do grupo gestor d'*O Nordeste* nos círculos do poder.

No último capítulo (Não cair em pecado eleitoral!), detendo-se no interregno 1932 a 1936, destacam-se as justificativas d'*O Nordeste* para a transformação da Liga Eleitoral Católica (LEC) em partido político. Logo, enfatiza-se o imprescindível alistamento eleitoral dos católicos; as propostas à Assembleia Nacional Constituinte; o jornal na condição de facção política da LEC e do Partido Republicano Progressista (PRP); as vitórias da LEC e do PRP; a continuidade das altercações com os jornais *O Povo* e *Unitário* e as críticas ao interventor Felipe Moreira Lima, em razão de seu diálogo com os movimentos sociais, fora da

alçada clerical. Com isso, demonstra-se a capacidade de mobilização político-eclesiástica do jornal, centrada continuamente no imaginário anticomunista e, nesse contexto, na ênfase no decisivo voto feminino, antes desprezado.

1 FILHOS DAS TREVAS

> Desenvolvem no Brasil *os* ***filhos das trevas*** forte propaganda das idéias de corrupção social, procurando subverter os sentimentos de dignidade humana para o fim de semear a desordem e gerar um ambiente propício às almas degeneradas.[8]

1.1 Indo à ação

> São os 'perfumes de Roma' que desintoxicam o ambiente internacional dos gases asfixiantes de Moscou.[9]

A implantação da Diocese do Ceará, apartada da administração eclesiástica de Pernambuco, coube a Dom Luís Antônio dos Santos (1861-1881), o primeiro bispo. Indo à ação, a Diocese do Ceará fundou em 1864, o Seminário Episcopal de Fortaleza, de orientação lazarista. Em 1865, por meio das Irmãs de Caridade, instalou o Colégio da Imaculada Conceição. Em 1866, montou o jornal *A Tribuna Católica*, de periodicidade semanal. No ano de 1876, organizou o Partido Católico, que será recriado em 1890, no segundo bispado, o de Dom Joaquim José Vieira (1884-1912). Em 1876, a Diocese do Ceará fundou o Seminário do Crato, no interior cearense e, no ano seguinte, Dom Luís dedicou prestimoso auxílio aos flagelados da seca de 1877-1879, vítimas da fome e da varíola. Dom Luís incentivou as missões nos sertões do Ceará. Destaque para a pregação de Padre Ibiapina. Na Bahia, como primaz, lançou seu "grito de alerta" contra a pregação de Antônio Conselheiro, no episódio de Canudos (CÂMARA, 1981, p. 58).

Em 1890, passou a circular o semanário católico *A Verdade*. Nas eleições daquele ano, ocorridas na administração de Dom Joaquim, o Partido Católico, objetando-se ao empenho do governo republicano de impedir a manifestação dos opositores de qualquer matiz, recorrendo a fraudes e intimidações, instigou o eleitorado a refrear a ida às urnas. Em 1891, nas eleições estaduais, a agremiação católica deparou-se com um quadro semelhante ao

[8] Liberdade de consciência. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 jan. 1934. Editorial, p. 1.
[9] Os perfumes de Roma. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 maio 1936. Editorial, p. 1.

ocorrido no ano anterior. Em função disso, resolveu privar-se do certame, selando o fim do partido. Tais eleições ocorreram sob o impacto das medidas de cunho liberal tomadas pelo governo provisório republicano (separação da Igreja do Estado, casamento civil, secularização dos cemitérios, suspensão da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas, liberdade religiosa, interrupção dos subsídios para a manutenção da religião católica etc.).

De acordo com Francisco José Pinheiro, em seu estudo sobre Dom Luís e Dom Joaquim, os bispos jamais admitiram chegar a uma posição de confronto com o Estado, por meio da imprensa e do partido católico. O clero cearense manifestava temor das experiências revolucionárias, visto poderem alimentar as rupturas originárias da Revolução Francesa (1789). Noutro aspecto, inexistia a preocupação com a miséria da maioria da população e o projeto diocesano de Dom Luís e de Dom Joaquim voltava-se à conquista das elites. Por fim, Pinheiro (1994) deu vulto a algo extensivo a Dom Manuel da Silva Gomes, o terceiro bispo, e a Dom Antônio Almeida Lustosa (1941-1963), seu sucessor: a Igreja vítima de um complô! Entre 1861 e 1912, os algozes foram o governo republicano liberal, a maçonaria e os protestantes. De 1912 até 1945, fim desta pesquisa, os inimigos de ontem ganharam um novo aliado, o bolchevismo.

Seguindo os passos de Dom Luís, Dom Joaquim ampliava as ações do episcopado com o estabelecimento de ordens religiosas na Capital e no restante do Ceará. Na cidade de Canindé, instalaram-se os capuchinos italianos. De imediato, criou, no primeiro ano do seu apostolado, a União do Clero (1884), entidade de amparo e assistência aos padres enfermos, velhos e inválidos. Premido pela seca de 1888, Dom Joaquim, com o auxílio das Irmãs de Caridade, criou a Associação das Senhoras de Caridade, com o fito de aliviar o sofrimento dos habituais pedintes de Fortaleza e dos retirantes vindos de todo o Ceará, que afluíam à Capital fugindo das intempéries. Em 1905, inaugurou escolas dirigidas pelas Irmãs de Caridade. Uma feminina, São Vicente de Paulo, cujos domingos eram reservados à educação de jovens trabalhadoras, as do serviço doméstico *a priori*; uma masculina, Jesus Maria José (1905), para meninos pobres.

Distingue-se na trajetória de Dom Joaquim a punição imposta ao Padre Cícero (1893). O prelado interditou o exercício sacerdotal do Padre Cícero, em virtude da "Questão do Juazeiro": o milagre da beata Maria de Araújo – no ato da comunhão da devota, a hóstia transformava-se em sangue. E no último ano à frente da Diocese do Ceará, no mês de janeiro, Dom Joaquim negociou com Nogueira Acioli, de quem compartilhava amizade, sua saída do governo estadual, após o oligarca ficar no poder de 1896 a 1912. A renúncia ocorreu em meio a forte pressão advinda de uma rebelião popular. O entorno do Palácio da Luz, sede do

executivo, no centro de Fortaleza, transformou-se em praça de guerra, vitimando crianças e mulheres; cavalaria *versus* revoltosos. Fatigado, Dom Joaquim abdica e Dom Manuel o sucedeu.

Dom Manuel da Silva Gomes, terceiro bispo da Diocese do Ceará, tomou posse no final de 1912, no mês de dezembro, e concluiu sua administração em junho de 1941. Desde fevereiro de 1912, entretanto, Gomes vinha exercendo a incumbência de bispo coadjutor junto a Dom Joaquim. Ao ser investido na nova responsabilidade, deparou-se com a Igreja Católica cearense obediente à reforma ultramontana: clero fortalecido, exercendo o mando nas irmandades, confrarias e santuários. Dom Manuel encaminhava suas ações na perspectiva de ampliar o poder eclesiástico na sociedade civil com o ingresso de novas ordens (irmãs salesianas, irmãs doroteias, carmelitas, maristas, lazaristas holandeses, sacramentinos, jesuítas, irmãs capuchinhas e franciscanos menores), a criação de dioceses, a ampliação das obras de caridade (Asilo do Bom Pastor e Leprosário de Canafístula) e a fundação de escolas (salesiana, marista, doroteia etc.).

E mais, com o associativismo (o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, de 1915, e o grêmio de intelectuais, Centro Católico de Fortaleza, de 1913 a 1922), com o jornal *O Nordeste*, de 1922, a União de Moços Católicos, de 1924, a sucedânea do Centro Cearense de Propaganda Católica, de 1910, a Liga Eleitoral Católica, de 1932, o Partido Republicano Progressista, de 1936, etc. Em 1915, Bento XV, atendendo ao bispo Dom Manuel, desmembrou a Diocese do Ceará em Arquidiocese de Fortaleza, Diocese do Crato e de Sobral. Nesse ano, Dom Manuel enfrentou a terrível "Seca do 15", chegando a peregrinar até o sul do País, implorando auxílio aos poderes públicos e aos colegas mitrados. Em 1938, por determinação do papa Pio XI, instalou-se a Diocese de Limoeiro do Norte.

No ato de posse, Dom Manuel apresentou em carta pastoral (8 de dezembro) os propósitos de entendimento do poder eclesiástico com o poder temporal. Endereçado ao tenente-coronel Marcos Franco Rabelo, sucessor do afastado Nogueira Acióli, o texto do religioso assinalou: "Somos colaboradores, na mesma obra, artífices da mesma empresa, para engrandecimento do Ceará. Somos, portanto, colaboradores, e, ainda que em esferas distintas, nossa ação deve ser comum e harmônica." (SANTOS, 2003, p. 39). As boas relações de Dom Manuel com o governo estadual possibilitaram isentar o Crédito Popular São José, casa bancária, cuja mantenedora era a Arquidiocese de Fortaleza, e as cooperativas católicas ou não de recolher impostos ao fisco estadual.[10] Ressalte-se que, no decorrer da aprovação da isenção fiscal ao Crédito Popular São José, transcorria o governo de Justiniano de Serpa

[10] Crédito Popular São José. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 jul. 1922.

(1920-1923) e, no auxílio direto a Serpa, estava Francisco Menezes Pimentel, à ocasião, vice-presidente do Círculo Católico de Fortaleza e futuro governador do Ceará, eleito pela Liga Eleitoral Católica, em 1935.

Do ponto de vista social, Dom Manuel guiava-se pelas encíclicas de autoria do papa Leão XIII. Este, por sua vez, em fevereiro de 1878, assumiu o pontificado, vivenciando o crescimento da sociedade industrial, da urbanização e do movimento operário de cunho revolucionário, ou seja, um crescente processo de secularização e democratização, que beneficiava o crescimento da esquerda política e ideológica. À vista disso, a religião tradicional estava recuando com rapidez, sem precedentes, na intelectualidade e nas massas. A "religião ocidental nunca tivera tão pouco espaço como no início do século XX, e politicamente estava batendo em retirada, para dentro das muralhas confessionais fortificadas contra assaltos de fora." (HOBSBAWM, 1988, p. 369). Então, Leão XIII partiu para o contra-ataque. Na primeira encíclica, *Inscrutabili dei Consilio* – Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios, de abril de 1878, reiterou os pecados enumerados pelo predecessor Pio IX, e incluiu nas transgressões o comunismo.[11] Antes de completar um ano de papado, Leão XIII promulgou, em dezembro, a segunda encíclica, *Quod Apostolice Muneris* – Sobre o Socialismo e Comunismo, o marco fundador do anticomunismo católico, dado ser a primeira carta pontifícia dedicada exclusivamente ao tema.

Esse documento papal qualificou o comunismo como sendo peste mortal, serpente, perigo extremo, seita, quase bárbaro, pacto de iniquidade, monstruoso erro, ímpia audácia, audácia de homens pérfidos, doutrina envenenada, germe de corrupção, fruto deletério, borda do abismo, embuste do inimigo, germe funesto, heresia duma liga criminosa, insânia de réprobos e doutrina depravada. Com essa classificação, o papa Leão XIII procurou chamar a atenção para a tática "dos movimentos ateus das massas que, por influência de uma filosofia materialista, pretendia transformar a sociedade e conduzi-la à mais baixa animalidade." (CALAGE, p. 1941, p. 39). Com a publicação da *Quod Apostolice Muneris*, a doutrinação anticomunista foi incorporada definitivamente como mais um item a compor o ininterrupto espírito de cruzada adotado pela Igreja Católica, do seu nascedouro até nossos

[11] Em 8 de dezembro de 1864, no documento *Syllabus*, que foi promulgado como anexo da encíclica *Quanta Cura* – Condenação e proscrição dos graves erros do tempo presente, o Papa Pio IX sistematizou um elenco de 80 "erros do tempo presente". No item IV – Socialismo, Comunismo, Sociedades Secretas, Sociedades Bíblicas, Sociedades Clérico-Liberais escreveu: "Tais pestilências são condenadas freqüentemente e com gravíssimas expressões na carta *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846; na alocação *Quibus quantisque*, 20 de abril de 1849; na carta encíclica *Nostiset Nobiscum*, 8 de dezembro de 1849; na alocução *Singulari quandam perfusi*, 9 de dezembro de 1854; na carta encíclica *Quanto conficiamur moerore*, 10 de agosto de 1863." (COSTA, 1999, p. 264).

dias. No restante do século XIX e ao longo do XX, esses adjetivos permaneceram e outros surgiram em documentos eclesiásticos e nos textos editados pela intelectualidade católica.

Símbolo da contraofensiva de Leão XIII, a encíclica *Rerum Novarum* – Sobre a Condição dos Operários (1891), não só continuou a denunciar os males da "peste mortal", como também inovou ao adicionar a repulsa ao comunismo uma alternativa de organização proletária, o corporativismo católico. Assim procedendo, Leão XIII detalhou um projeto global de restauração da sociedade cristã, que se encontrava em aberta fragmentação, em virtude da ação do liberalismo, da industrialização e do proletariado, quer o revolucionário ou aquele resistente à opressão capitalista. Aspecto inovador da encíclica, as "Obrigações dos operários e dos patrões" expuseram uma ética religiosa que metamorfoseou as relações sociais de produção em deveres morais. O trecho, "não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências, e nunca revestirem a forma de sedições" (LEÃO XIII, 1980, p. 23), sistematizou o posicionamento a ser praticado pelos trabalhadores católicos mundo afora. *O Nordeste* era um fiel tributário da doutrina exposta por Leão XIII. Nas festividades do cinquentenário da *Rerum Novarum*, o jornal engajou-se, com fervor, em ampla programação de aniversário da encíclica (ver Introdução) e, à medida que analisava a legislação trabalhista, atribuía ao varguismo plena sintonia com o ideário projetado pelo "papa dos operários", epíteto de Leão XIII nas hostes católicas.

Produto desta lógica, *O Nordeste* passou a circular em 29 de junho de 1922. O jornal definia-se por ser um "vespertino de ação e informação católica". Compuseram o quadro de redatores da folha eclesial intelectuais católicos pertencentes às Congregações Vicentina e Mariana e ex-filiados ao Círculo Católico de Fortaleza. Exemplos: Andrade Furtado, José Martins Rodrigues, Menezes Pimentel e Luís Cavalcanti Sucupira. Furtado dirigiu a Secretaria do Interior e da Justiça e Rodrigues a Secretaria da Fazenda no governo de Menezes Pimentel (1935-1945). O funcionamento do periódico, a cargo de personalidades de proa da ambiência católica da capital Cearense, denotava o empenho aguerrido da Arquidiocese de Fortaleza em difundir os seus princípios, com realce para o anticomunismo e a instituição de um Estado autoritário no Brasil.

A militância d'*O Nordeste* conectava-se a outras investidas sociais do catolicismo conservador no Brasil. A fundação da Revista *A Ordem*, no Rio de Janeiro, em novembro de 1921, pelo intelectual católico Jackson de Figueiredo; a realização, em setembro de 1922, do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário da Independência, e a criação, em dezembro do mesmo ano, do Centro Dom Vital, foram sustentáculos da Neocristandade, liderada por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, arcebispo do Rio de

Janeiro[12]. Outra atitude de peso deu-se em maio de 1924: Dom Leme selou o pacto da Igreja com o Estado. A reaproximação política já se fazia notar na presidência de Epitácio Pessoa (1919-1922), mas foi com Artur Bernardes presidente (1922-1926) que a colaboração Igreja-Estado se transformou em diligência pública e oficial. Naquele instante, Félix Pacheco, ministro das Relações Exteriores, resumiu a posição do governo Bernardes. Consoante Pacheco, o Brasil precisava do concurso de todas as "forças vivas da nacionalidade" para se refazer na disciplina, no respeito à autoridade, na prática das virtudes, na obediência à lei, na lealdade aos deveres políticos, no trabalho útil e na independência responsável e sem ódios. Citando as forças revigorantes da Nação, pontuou o ministro: "nenhuma maior do que a Igreja." (AZZI, 1977b, p. 97).

O Nordeste manifestava extraordinária preocupação quanto à "crescente" sovietização do Brasil. Exemplo disso ocorreu entre 1922 e 1929 e se prolongou de 1930 até 1945, respectivamente, anos inicial e derradeiro desta pesquisa. Em 29 de junho de 1922, data de circulação do seu primeiro exemplar, o periódico discorreu de forma intolerante e retrospectiva acerca dos adversários da Igreja Católica e a vitória sobre eles (fariseus, Pilatos, Herodes, Judas, os imperadores de Roma, os cismas, os primeiros racionalistas, Lutero, a Enciclopédia, Voltaire, o materialismo, o ateísmo, todos os "disfarces e sutilezas satânicas do espírito das trevas"). Em 1929, contrapôs a "lei cristã do amor" à "lei bolchevista do ódio"; definiu o Papa Pio XI e Josef Stalin como sendo "as duas forças mais antagônicas do mundo"; afirmou que a ditadura do proletariado no Brasil eram "uvas verdes"; apontou a marcha da Rússia à barbárie, conduzida por uma "casta de burocratas", que ia de Stalin aos correspondentes das modestas aldeias e amalgamou o obscurantismo dos tempos modernos ao "jacobinismo vermelho". Logo, só havia uma possibilidade, conforme advertira o pensador católico Jackson de Figueiredo: "Vencer ou morrer; povo cristão, pátria cristã, enfim!"[13] Com a Revolução de 1930, *O Nordeste* passou a acreditar, firmemente, na possibilidade do reatamento das relações Estado-Igreja.

Poucas vezes, de 1930 a 1945, *O Nordeste* referiu-se às ações dos comunistas no Estado do Ceará; noutras situações, ignorou-as e, após as eleições presidenciais de 1945, clamou pelo fortalecimento do aparato de segurança nacional, repetindo discurso comum em sua trajetória: a defesa por uma ordem autoritária. Além disso, constantemente, disseminando

[12] Homenagem a Dom Frei Vital Maria Gonçalves, bispo de Olinda e Recife (Pernambuco), participante ativo da Questão Religiosa (1873-1875).

[13] Está, e não passa. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 jun. 1922. Coisas da Rússia bolchevista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 6 dez. 1922. Situação alarmante. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 dez. 1929. Editorial, p. 1. Grande intolerância. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 dez. 1929. Editorial, p. 1. A hora da definição. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1929. Editorial, p. 1. Novos burgueses. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 dez. 1929. 2º editorial, p. 2.

pânico, o jornal insistiu em contrapor a ideologia comunista ao cristianismo: o Brasil estava próximo de se tornar um satélite da União Soviética! Sem reação imediata das forças do "bem", o imperialismo moscovita dominaria a civilização ocidental! A explicação para as omissões ou parcas notícias, *O Nordeste* deixou bem clara em 1931: divulgar matérias referentes ao comunismo significava incentivar a militância bolchevista! Donde solicitou às esferas governamentais impedir o noticiário acerca da luta de classes, pois alimentariam a comunização da sociedade.[14]

No ano de 1930, *O Nordeste* atribuiu a José Joaquim de Lima, o Joaquim Pernambuco, e a Laffite Barreto a autoria de distúrbios ocorridos em duas sessões da primeira "Campanha Contra o Comunismo", cuja organização ficou a cargo da União de Moços Católicos (UMC).[15] Em 1931, ao noticiar a "Passeata da Fome", parabenizou a Secretaria de Polícia por coibi-la. Na esteira de tal acontecimento, publicou o relatório "O comunismo no Ceará", de autoria do delegado Faustino Nascimento. O documento policial informou que o PC cearense possuía uma organização regular com cerca de 3.000 adeptos na Capital, sem contar as células no restante do Estado, localizadas nas cidades de Uruburetama, Aquiraz e Camocim. Contavam os comunistas com quatro jornais: três na capital (*Voz Operária, O Pacificador*, *O Edificador*) e em Camocim (*O Operário*). Depois, por meio de uma breve nota, reportou-se à deportação, para o Rio de Janeiro, Capital federal, de alguns envolvidos neste episódio.[16] Unicamente nesta oportunidade, o jornal arquidiocesano fez menção ao relatório do delegado Nascimento e calava-se em relação aos seus desdobramentos (houve o fechamento da imprensa vermelha?), mas em relação à tentativa de realização da "Passeata da Fome", o periódico salientou, corriqueiramente, ter ocorrido apreensão de artefatos explosivos e, se vitoriosa, acarretaria malefícios ao clero.

Transcorria novembro de 1934 e *O Nordeste* criticava o interventor Felipe Moreira Lima, vinculado ao PSD de Fernandes Távora, por manter boas relações com os

---

[14] Telegramas sobre o comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 26 jan. 1931. A Imprensa e o Bolchevismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 jan. 1931. 2º editorial, p. 1.

[15] A UMC promoveu uma série de nove conferências com intelectuais católicos da cidade que acorreu entre 7 de março e 16 de maio de 1930 no Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, no Centro Artístico Cearense, na Sociedade Beneficente 24 de Junho, na Phenix Caixeral (a entidade dos comerciários), na Associação dos Merceeiros, na Sociedade Deus e Mar, na União Marítima Beneficente, na União Beneficente dos Trabalhadores Ambulantes e no Centro dos Retalhistas**.** Para subsidiar as discussões ao longo da Campanha, **O Nordeste** intensificou a publicação de material anticomunista. A "Campanha Contra o Comunismo" foi analisada na dissertação: "Serventuários das trevas": Os Bolcheviques na Imprensa Católica (Fortaleza/CE, 1922-1932), Mestrado em História Social, Universidade Federal do Ceará, 2005.

[16] Os comunistas que embarcaram, ontem, para o Rio, a bordo do "Manaus" – a lista completa dos indesejáveis. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 fev. 1931. Raimundo Pires Cardoso, Francisco Theodoro Rodrigues, José Militão dos Santos, Luís Silveira, José Policarpo Filho, João Marques de Almeida, Manoel Elias Costa, José Joaquim Feitosa, Antônio Marcos Marrocos, Fábio Alfredo, Antônio Paulo Regis, Vicente Mathias Paula, Maria Luísa Costa, Manuel Paulino Moraes e João Francisco Mendonça.

comunistas. Primeiro, Lima teria comparecido a um ato de saudação à Revolução Bolchevique de 1917, no qual os oradores proferiram impropérios contra a Igreja Católica. (O jornal *O Povo*, porta-voz do pessedismo, negou a presença do interventor na manifestação.) Após isto, o órgão clerical registrou a visita da Liga Operária Independente, de orientação moscovita, ao Palácio da Luz, sede do Executivo estadual. Tal informação consta do livro "História Política do Ceará" (MOTA, 2000a, p. 139). Os parlamentares pessedistas, no entanto, sempre negaram a aproximação alardeada pelo *O Nordeste*. No ano de 1935, em maio, *O Nordeste* responsabilizou os comunistas Antônio Marcos Marrocos e Luiz Gomes pela greve deflagrada na Usina Ceará, de propriedade da firma Diogo Siqueira & Cia. – inclusive, informação corroborada por Francisco Moreira Ribeiro, em pesquisa sobre o PCB/CE. O jornal *Unitário*, entretanto, não só atribuiu à direção do movimento paredista a recém-fundada Frente Única Sindical (FUS), como não noticiou a participação de comunistas na paralisação.

Sempre diminuta, a atuação dos comunistas jamais punha em xeque a hegemonia das organizações católicas no meio operário e na intelectualidade. Vários pesquisadores (Gonçalves e Bruno, Montenegro, Ribeiro, Santos, Souza e Parente) atribuem à administração eclesial de Dom Manuel da Silva Gomes o estabelecimento de uma rede de assistencialismo, de entidades sindicais e do circulismo, principalmente, que, paulatinamente, firmou o domínio dos "papa-hóstias dotado de cegueira ultramontana" nos movimentos sociais, inferia o jornal *O Trabalhador Graphico*, em obra de autoria de Adelaide Gonçalves e Alisson Bruno. A isso, somavam-se a Legião Cearense do Trabalho, os seguidos triunfos eleitorais da Liga Eleitoral Católica e o êxito do Partido Republicano Progressista, dirigido pelos lecistas. E a maior vitória do catolicismo de direita: a interventoria de Menezes Pimentel, de 1937 até 1945, fim do Estado Novo. Pimentel foi destituído por Vargas apenas em outubro de 1945 e Vargas acabou por sair em novembro do corrente ano. No pimentelismo, nas análises de Ribeiro, houve a montagem de um aparelho de coação, perseguidor implacável das oposições, à direita ou à esquerda, ao ocupante do Palácio da Luz.

No mais, *O Nordeste* omitiu de seus noticiários alguns pontos marcantes da trajetória dos comunistas no Ceará. Definindo as eleições presidenciais de 1930 de "burla" e abstendo-se de apoiar qualquer candidatura, o periódico sequer divulgou o resultado final do pleito: em Fortaleza/CE, votaram 2.574, de um total de 6.000 eleitores. Júlio Prestes obteve 1.826 contra 1.056 de Getúlio Vargas e 52 votos de Minervino de Oliveira do Bloco Operário e Camponês (MIRANDA, 1987, p. 85). Resultados no Ceará: Júlio Prestes (85.233 votos); Vargas (4.149), de acordo com Mota (1987, p. 329) e Minervino (58), conforme Karepovs

(2006, p. 160). Outras omissões: julho de 1935, prisões e detenções provocadas pelo fechamento da sede da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em Fortaleza, e pelo golpe do Estado Novo, em novembro de 1937. Nesta circunstância, processou-se a detenção de militantes por meio do Departamento de Ordem Política e Social. No empastelamento da ANL, informaram Boris Koval e Francisco Moreira Ribeiro, ocorreram prisões de militantes comunistas. Koval (1982, p. 327-328) referiu-se à detenção de 1.319 pessoas e Ribeiro (1989, p. 43) ao esfacelamento do Comitê Regional do PCB/CE. Informa Ribeiro que, somente em 1946, o jornal *O Democrata*, órgão vinculado ao PCB/CE, relatou a maneira como foram mortos alguns dirigentes do partido.[17]

O desempenho do PCB nas eleições de 2 de dezembro de 1945 levou *O Nordeste* a repreender as autoridades e os católicos: os moscovitas, usufruindo de excesso de liberdade, falaram de revolução, desnorteando as "hordas". A realização do pleito, porém, e o simples ato de votar demonstraram o quão fora imensa a bondade da Providência Divina para com o Brasil, tornando-o inteiramente refratário às doutrinas comunistas. Em Fortaleza, Yeddo Fiúza, candidato do PCB à Presidência da República, o "Iodo Feiúra" para o órgão clerical, superou a votação do general Eurico Gaspar Dutra (PSD), terminando em segundo lugar; em primeiro ficou o brigadeiro Eduardo Gomes (UDN). À proporção que noticiava os resultados parciais, mesmo com Fiúza sempre à frente de Dutra, o preferido do ex-interventor Menezes Pimentel, antigo prócer da LEC e presidente estadual do PSD na ocasião, o periódico colocava o candidato pecebista na última posição. Ao veicular a totalização dos votos, o jornal finalmente colocou o general Dutra no último lugar.[18]

Ao analisar as eleições presidenciais de 1945, *O Nordeste* detinha-se nas "incongruências" na candidatura do PCB, pois a agremiação defendia, às escondidas, a ditadura do proletariado, uma plataforma exógena à tradição católica do brasileiro. O fato de o ex-lecista Menezes Pimentel ocupar a presidência do PSD, o outrora "partido sem Deus" e adversário feroz da LEC nos anos 1930, passava bem ao largo das preocupações do jornal. Na avaliação do periódico, o PCB escondia uma artimanha perigosa: o partido explorava o momento político nacional travestido de defensor da ordem e do processo democrático, todavia ansiava por impor à pátria a condição de satélite da União Soviética, tal qual fazia o Exercito Vermelho no Leste Europeu. À vista disso, propôs: defesa dos princípios do Evangelho, fortalecimento do aparelho de segurança nacional, vigilância aos "burgueses

[17] No momento da pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Estadual Menezes Pimentel, o jornal *O Democrata* encontrava-se indisponível para consulta.

[18] Conforme **O Nordeste**, em Fortaleza, Luiz Carlos Prestes obteve 3.118 votos para o senado e Yeddo Fiúza 9.455 sufrágios, enquanto o general Dutra amealhou 8.399 e o vencedor, brigadeiro Eduardo Gomes, 20.535.

progressistas" e censura à disseminação do "veneno soviético" nas obras dos escritores Monteiro Lobato, José Lins do Rego, Gilberto Freire e Oswald de Andrade.[19] Sistematizando a posição vigilante d'*O Nordeste*, o colunista e secretário de redação do órgão, Audifax Mendes, advertiu: "As eleições de 2 de dezembro trouxeram para nós, os católicos, uma lição tremenda. O comunismo representa, agora mais do que nunca, uma terrível ameaça para os destinos do Brasil."[20]

Desse modo, as ações encetadas pela Diocese do Ceará, pela Arquidiocese de Fortaleza e pelo jornal *O Nordeste* pautavam-se por implementar os cânones do ultramontanismo, da romanização e do integrismo. Analisando o bispado de Dom Luís Antônio dos Santos, Ralph Della Cava destacou que ele encontrou uma população estimada em 720 mil habitantes, sob a tutela de 33 padres, mais de dois terços dos quais, conforme rumores, possuíam famílias constituídas, angariando, por sua vez, baixos índices de respeitabilidade junto aos leigos. Dom Luís, contudo, atuava na perspectiva de reformar tal ccenário e empenhava-se no sentido de restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia eclesial. O prelado e seus sucessores voltavam-se para substituir o catolicismo colonial pelo catolicismo universalista de Roma. Com efeito, Della Cava (1976, p. 31-32) definiu as ações do primeiro bispo do Ceará: "Dom Luís foi o precursor do trabalho desenvolvido, a longo termo, pela hierarquia do sentido de 'romanizar' o catolicismo brasileiro."

Apoiando-se em Roger Bastide, Della Cava enumerou as características da romanização do catolicismo brasileiro: afirmação da autoridade de uma igreja institucional e hierárquica, estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo; levante reformista do episcopado, em meados do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus), principalmente das congragações e ordens missionárias, para realizar a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e também moral; a busca destes objetivos, independentemente e mesmo contra os interesses locais; integração sistemática da Igreja brasileira, no plano quer institucional, quer ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Romana. Relativo às consequências deste último objetivo, Della Cava (1976, p. 31-32) citou Roger Bastide: "Ao se tornar romanizada, a Igreja (brasileira) desnacionalizou-se."

---

[19] Demonstração magnífica. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 dez. 1945. Editoriais, p. 3. O comunismo e o Momento Nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 dez. 1945. Editoriais, p. 3. Governo de lei e governo de força. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 dez. 1945. Editoriais, p. 3. O veneno soviético. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 dez. 1945. Editoriais, p. 3.

[20] De bubuia. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 20 dez. 1945.

Baliza no processo de romanização brasileiro, a proposta formulada por Dom Antônio de Macedo Costa, arcebispo da Bahia, "Alguns pontos para a reforma da Igreja do Brasil", de 1890, apresentada poucos meses após a proclamação da República, esboçava a nova fisionomia que se tencionava imprimir ao catolicismo nacional: retomada das diretrizes do Concílio Tridentino (1545-1563), que, formuladas no contexto da Reforma Protestante, desencadearam um movimento de caráter eminentemente hierárquico, visando a assegurar a unidade da fé. Agora, no século XIX, tratava-se de expurgar os padres de cultura iluminista e adeptos dum projeto político liberal, impondo-lhes o modelo sacerdotal celibatário e com dedicação exclusiva ao templo. Nele, local privilegiado, haveria a celebração da missa no altar, a pregação da doutrina católica no púlpito e a remissão dos fiéis no confessionário.

Ainda com Riolando Azzi, deveria ocorrer a valorização da casa paroquial, onde o clérigo deveria passar o dia isolado e abstendo-se ao máximo do contato com as pessoas da comunidade. Concernente ao recrutamento vocacional na mocidade, optava-se por priorizar as zonas do interior, em função da Igreja ter considerado a urbanidade proveniente da Revolução Industrial nociva à fé católica, por expressar uma mentalidade burguesa. Os jovens isentos dos desvios citadinos, porém, exprimiam outros defeitos: um excesso de liberdade típico da vida rural e carência de boas maneiras; donde acarretaria um enorme esforço para torná-los aptos a evangelizar a população urbana em franco crescimento. Examinando a efetivação da reforma ansiada por Dom Antônio de Macedo Costa, Azzi (2008, p. 78) referiu-se à diocese cearense: "O Ceará e Minas Gerais passaram a ser considerados os estados mais favoráveis a esse recrutamento, pela mentalidade tradicional das famílias."

Conforme João Alfredo de Sousa Montenegro, o tradicionalismo católico nos apostolados de Dom Luís Antônio dos Santos até o de Dom Antônio de Almeida Lustosa (1941-1963), sucessor de Dom Manuel, interferiu, direta ou indiretamente, na cena política no Ceará. Isso só foi possível em razão da grande capacidade de ajustamento do clero às sucessivas mudanças na conjuntura brasileira. Montenegro classificou o Integralismo de movimento político de direita, cujo início vinculou às reuniões capitaneadas pelo jovem padre Hélder Câmara, envolvendo intelectuais católicos, ex-seminaristas e o laicato reacionário, tudo sob as bênçãos do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, o Casarão da Prainha. Também analisou as militâncias da Liga Eleitoral Católica e d'*O Nordeste*, alocando ambos na matriz ideológica dos camisas verdes. Na compreensão do historiador, com a República, apesar dos percalços iniciais, haja vista a separação Estado-Igreja, o clero brasileiro continuou adaptando-se, conservando assim uma posição que tomara desde os antigos vínculos trono-altar, em especial a partir da Questão Religiosa (1872-1875). A contenda formou um claro

divisor nas hostes católicas, surgindo o bloco romano-conservador e o bloco liberal-regalista, de afinidade com a ordem imperial (MONTENEGRO, 1992, p. 95-97).[21]

Jackson de Figueiredo (1891-1928), para Montenegro (1972, p. 173), "ia mais longe que a ortodoxia católica", ao qualificar a encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII, de "concessão" aos novos tempos, leia-se a modernidade, por priorizar o associativismo católico na luta contra o "mal". Avaliando a militância católica e eleitoral de Jackson de Figueiredo nos anos 1920, Montenegro situou-a no tradicionalismo católico: aniquilamento do laicismo, do indiferentismo religioso, do ateísmo e do revolucionarismo. Figueiredo, igualmente, culpava a omissão da elite econômica pela crescente decadência do Brasil. Posto isso, Montenegro discorreu acerca das soluções, bastante afeitas aos movimentos ideológicos reacionários, apontadas pelo pensador católico: ou o oligarca Artur Bernardes ou o reformismo da Reação Republicana de Nilo Peçanha, o primeiro; com o fito de implantar o nacionalismo católico, a fundação de um sólido partido católico, apto a conduzir a massa de devotos, pois acreditava Figueiredo ser indispensável ao triunfo do cristianismo uma luta aberta contra os infiéis, um verdadeiro espírito de cruzada e de rigorismo doutrinal.

O que Jackson de Figueiredo propugnava nos anos 1920 no tocante a organização de um partido católico, a Diocese do Ceará, com Dom Luís e com Dom Joaquim, já organizara. Ademais, nos anos 1930, com a obtenção do registro partidário pela secção cearense da Liga Eleitoral Católica no arcebispado de Dom Manuel, a elite católica cearense obteve a hegemonia nos diversos pleitos disputados, conquistando a direção do governo estadual e da Prefeitura de Fortaleza. Tal domínio somente findou em 1945, ao final do Estado Novo. A conduta da LEC-CE destoava da preconizada por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro e líder-maior da Igreja Católica brasileira, que contivera as intenções partidárias de Figueiredo, levando-o a canalizar para a revista *A Ordem* e para o Centro Dom Vital seu espírito cruzadístico (BEOZZO, 1995, p. 282). Na coalizão lecista, *O Nordeste* atuava como ator político de destaque, daí ser oportuno vinculá-lo às concepções integristas.

Antônio Flávio Pierucci enumerou as características mínimas do integrismo: a autoridade sacra para a qual se pretende a inerência literal é o texto papal (melhor dizendo, certos textos de certos papas), não a Sagrada Escritura; a motivação do zelo militante é a

[21] D. Vital Maria Gonçalves, bispos de Olinda/PE e D. Antônio Macedo Costa, de Belém/PA resolveram obedecer as ordens do papa Pio IX, punindo os religiosos apoiadores da maçonaria. D. Pedro II, influenciado por maçons, solicitou aos bispos a retirada das punições. Os prelados se recusaram a atender ao monarca. Como consequência, foram apenados com quatro anos de prisão. Em 1875, receberam o perdão imperial, ficando livres; entretanto, a altercação extremeceu as relações entre a Igreja Católica e o Império.

defesa de valores religiosos ameaçados de decomposição pelos efeitos da Modernidade; a Modernidade, por conseguinte, é pensada como síndrome antagônica à tradição que se quer preservar; numa sociedade condenada a se desagregar pelos próprios erros, o único e legítimo portador da boa ordem sociopolítica a restaurar é a Igreja hierárquica, o alto clero; para a restauração de uma sociedade integralmente cristã, ou seja, confessional em seu conjunto, é indispensável à manipulação ou o exercício do poder político. À vista disso, Pierucci (2000, p. 189) afirmou: "o integrismo opera necessariamente uma recuperação do político para fins religiosos, pois, afinal, a tradição da qual se trata aqui é uma tradição totalizante."

De acordo com Pierucci (2000, p. 191), o integrismo chegou ao ápice no início do século XX, durante o pontificado de Pio X (1903-1914), o "papa integrista". Acolhendo tradicionalistas, ultraconservadores, ultraortodoxos e recalcitrantes antimodernos, o integrismo contrapunha-se aos católicos progressistas, sociais e modernistas. Em síntese, contra a sociedade moderna, laica e aconfessional, todavia a favor do "ativismo político dos católicos, desde que à direita". Portanto, antepondo-se a uma reforma intelectual da Igreja e adversário de toda forma de laxismo, de liberalismo, de esquerdismo e de centrismo na ação política e social dos católicos. Logo, o Estado moderno era tido na conta de inimigo da Igreja, visto ter circunscrito a religião a um assunto privado, apesar de assegurar a liberdade religiosa como liberdade de consciência. Os integristas localizavam na Reforma Protestante a geratriz de todos os males e desordens do mundo. *O Nordeste* identificava em Karl Marx um continuador da obra de Martinho Lutero.

E como se processava o integrismo nas páginas d'*O Nordeste*? O jornal expressava na sua linha editorial reações antimodernas (o progresso numa perspectiva de modernização capitalista necessariamente levaria à descristianização do Brasil, recusa à democracia liberal e à soberania popular); a Igreja Católica como a única que era capaz de arbitrar os conflitos sociais, que deveriam trilhar o caminho da harmonia capital-trabalho; a transformação da Liga Eleitoral Católica em agremiação partidária e a consequente ocupação de cargos públicos por políticos profissionais em estreito vínculo com a Arquidiocese de Fortaleza; a escolha do comunismo com o grande inimigo a ser derrotado. Em nenhum exemplar, ao longo dos anos pesquisados, *O Nordeste* tecia elogios ou esperanças ao progresso advindo da Modernidade, aqui compreendida como um conjunto de valores e ideias norteadoras das ciências desde o fim do século XVIII até os anos 1980, ao contrário, para o vespertino, a Modernidade trazia, sobretudo, balbúrdia social e antirreligiosa, confundido inteiramente as hordas e setores das elites.

Nas campanhas lecistas e nas demais datas analisadas, *O Nordeste* propagandeava um conteúdo apocalíptico. “A LEC quer salvar o Brasil”, escreveu o jornalista Abelardo F. Montenegro. Entre as causas do descalabro atormentador da pátria, Abelardo F. Montenegro, destacou: “Neste século em que pretendem substituir a Igreja pelo laboratório, a fé em Cristo pela adoração à máquina; nos devemos salvar a civilização brasileira e conservá-la fiel a religião.” E qual a origem e o resultado de tal acinte? A Modernidade e o bolchevismo, respectivamente, pois os vermelhos ansiavam por dar vazão “a última etapa desse ciclo de descristianização que as democracias modernas projetaram como capazes de redimir a humanidade dos seus amargos sofrimentos”. Perante a veiculação de notícias atinentes à URSS, o jornal advertia: “uma propaganda corrosiva que todo brasileiro honesto e digno tem o direito de, por todos os meios, combater”.[22]

Canclini (1998, p. 31-32) fez a indagação: “O que significa ser moderno?” A sintética resposta veio na caracterização de quatro projetos: emancipador, expansionista, renovador e democratizador. Aliás, excetuando-se as descobertas científicas e o desenvolvimento industrial e, mesmo assim, com ressalvas, já que na compreensão do periódico, em larga medida, a ciência confrontava a fé crista, os demais aspectos atingiriam frontalmente os ditames do jornal *O Nordeste*. Ao primeiro projeto, Néstor Garcia Canclini agregou a secularização dos campos culturais, a produção autoexpressiva e autorregulada das práticas simbólicas, seu desenvolvimento em mercados autônomos. Parte desse movimento, a racionalização da vida social e o individualismo crescente, sobretudo nas grandes cidades. Ao segundo vinculou a tendência a se entender o conhecimento e a posse da natureza, a produção, a circulação e o consumo de bens. Neste aspecto, Canclini ressalvou: no capitalismo, a expansão motiva-se preferencialmente pelo incremento do lucro; contudo, existe a promoção das descobertas científicas e do desenvolvimento industrial.

Indo ao terceiro projeto, Canclini explicitou: de um lado, a busca de um aperfeiçoamento e inovação intermitentes, próprios de uma relação com a natureza e com a sociedade liberada de toda “prescrição religiosa” sobre como deve ser o mundo; de outro, a necessidade de reformular várias vezes os signos de distinção que o consumo de massas desgasta. Por fim, o democratizador. Eivado de confiança na educação e na difusão da arte e dos saberes especializados para atingir uma evolução racional e também moral, o projeto democratizador, na óptica de Cacclini abarcaria um amplo espectro: da “ilustração até a

[22] Respectivamente: A “LEC” quer salvar o Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 27 fev. 1933. Propaganda comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 fev. 1933. 2º editorial, p. 7. Semente do mal. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 nov. 1933. Editorial, p. 1.

Unesco, o positivismo até os programas educativos ou de popularização da ciência e da cultura empreendidos por governos liberais, socialistas e associações alternativas".

A cidade de Fortaleza/CE na década de 1920, época em que começou a circular *O Nordeste*, continuou a vivenciar um dos conflitos típicos da virada do século XIX para o XX: definir as fronteiras do público e do privado. Afinal, a cidade vinha mudando, a passos largos, por meio do crescimento populacional (provocador de constantes reclamações à limpeza pública em razão da sua inoperância); da proliferação de pedintes; do alargamento e iluminação de ruas (facilitando o deslocamento dos veículos); da construção de cinemas (alimentado a avidez por diversão); da constituição de bairros elegantes (segregando os populares); da implantação de novos meios de comunicação (serviço telegráfico, rádio, assentamento de trilhos e bondes movidos a tração animal), do surgimento de novas relações no mundo do trabalho advindas da ampliação numérica e qualitativa das profissões etc.

Na Capital cearense, sob certos aspectos, o processo de modernização em curso refletia o desenvolvimento oriundo do último quartel do século XIX, quando houve investimentos financeiros originários da lavoura algodoeira de exportação, que utilizava o porto de Fortaleza como escoadouro da produção e a oferta de mão de obra barata disponibilizados pelos retirantes vindos do sertão (SILVA FILHO, 2001, p. 70). A agudeza das transformações provocou a edição do Código de Posturas de 1932 e com ele uma série de vetos. Após as 22 h, tornava-se proibido a emissão de sons em volume acentuado, quer em recintos abertos ou particulares; uso de buzinas, sirenes, vitrolas, motores ou qualquer objeto barulhento. Com os anos 1940, acentuavam-se as interdições, visando a reduzir o movimento das ruas, notadamente à contenção à boêmia: o último bonde da noite saía da praça do Ferreira, "coração da cidade", às 23 h (SILVA FILHO, 2001, p. 72).

"Aqui em Fortaleza, os costumes regionais estão desaparecendo com a invasão do progresso. [...] Diz a sabedoria antiga que devemos casar as nossas filhas com os filhos dos nossos vizinhos." Eis a repulsa de Luís Sucupira, assíduo colunista d'*O Nordeste*, à modernização. Não obstante o cronista defender a conciliação da tradição com o novo, sua argumentação revelava um temor na chegada irreversível das novidades e clamava por resistência: "É o tradicionalismo a reagir contra as inovações que se algumas vezes melhoram, inúmeras outras derrocam e prejudicam." [23] A pretensa agilidade nos transportes, ou falta deste e as indefinições advindas com a Segunda Guerra levaram Sucupira a protestar: "Quem, por exemplo, tiver pressa que tome um bonde da 'Light' ou um trem da RVC... Chegará atrasado. É da guerra. Material velho, sem possibilidades de substituição. [...] E que o

[23] Pontos de vista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 maio 1940.

automóvel matou o burro. Nós, infelizmente, não possuímos o sentido da organização."[24] Dentre os rechaços ininterruptos d'*O Nordeste* à Modernidade, sobressaia o medo da transformação revolucionária da sociedade, especialmente do comunismo. Os demais efeitos da modernização, para o jornal, seriam vitoriosos caso ocorresse a sovietização do Brasil.

Para Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, *O Nordeste*, exemplo de conservadorismo católico, desferia reprimendas implacáveis contra os ideários da modernização. O periódico arquidiocesano denunciava as tentações da matéria, o desvario do consumo e os prazeres do mundo profano. Silva Filho (2002, p. 95-96) conceituou de "verdadeira cruzada religiosa" as atitudes praticas pelo jornal, cujos alertas visavam a livrar os misseiros da "decadência da época moderna". Contrapondo-se aos entusiastas dos adventos tecnológicos, o periódico conceituava a técnica, por vezes, prejudicial à manutenção das tradições, incentivadora do menosprezo às instituições e subversora das hierarquias sociais, ou seja, o por vir irradiava a "desordem social". O historiador, persistindo na análise das posturas d'*O Nordeste*, explicitou os elogios que o diário fazia à administração municipal de Fortaleza, no ano de 1941. A prefeitura dotava a cidade de uma feição urbanística conveniente, sem, no entanto, receber dos mais variados habitantes a polidez nos comportamento (2006, p. 73-79). E quem chefiava o Executivo municipal na ditadura do Estado Novo? Raimundo de Alencar Araripe, ex-presidente da LEC-CE, eleito em 1936, sob a legenda do Partido Republicano Progressista, dirigido por ex-lecistas.

No entendimento da corporação dos sacerdotes e dos intelectuais de sacristia, administrar este caldo de cultura significava intensificar, principalmente, a educação social das massas populares, inclusive a formação para o trabalho e o catecismo, sem descuidar das elites. No todo social, tornava-se premente a edificação de maior civilidade, com a decretação de padrão único de conduta nos espaços públicos e domésticos, submetidos à moral cristã. Além disso, intensificar os cuidados ante a conspiração comunista, um verdadeiro assalto ao poder constituído, que, mesmo oriundo da "liberal e ateia" Constituição de 1891, deveria ser respeitado, argumentava *O Nordeste*. Referentemente aos anos de 1920 e as duas décadas que se seguiram, Júlia Miranda comentou:

> A ação da Igreja é sem dúvida um elemento da maior importância nesse contexto, na medida em que disputava a liderança do movimento operário. Nos marcos traçados pela *Rerum Novarum*, que aponta o caminho para a atuação social da instituição e define as bases de aceitação do estado liberal e capitalista, é que a hierarquia católica cearense vai pautar a sua prática, sobretudo no que diz respeito às classes dominadas. Numa estrutura de poder excludente, de cujo centro decisório estavam afastados todos os grupos não

[24] Pontos de vista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 abr. 1943.

> identificados com as oligarquias rurais, a ação social da Igreja junto aos trabalhadores é desenvolvida no sentido de impedir a penetração e propagação das ideias comunistas. (MIRANDA, 1987, p. 80).

Rodrigo Patto Sá Motta, ao analisar o mito da conspiração judaico-comunista, localizou sua origem no século XX, precisamente após o triunfo da Revolução Bolchevique de 1917 e a eclosão dos movimentos fascistas. Com isso, o discurso nazista não só manipulava uma tradição presente de muito na cultura europeia, o antissemitismo, como atualizava-a, amalgamando de maneira indelével comunismo-judaísmo e difundindo esta junção em escala belicista: a conspiração judaico-comunista enveredaria pelos caminhos do caos e para derrotá-la valeriam todas as armas e meios. Quanto às representações difundidas, sobressaíam aquelas simbolizadoras do "reino do mal", das "forças malignas", do "judeu sem pátria", da "escravização da humanidade" e as zoomórficas (hidra, polvo etc.). Avaliou Motta (1998, p. 94) que aceitação aos mitos conspirativos, no século XX, pode ser entendida como decorrência das tensões provenientes do advento da Modernidade. De um modo geral, no período contemporâneo, tornou-se corrente o surgimento de mitologias de conspirações políticas. O historiador, recorrendo a Georges Lefebvre (O grande medo), localizou na Revolução Francesa (1789) a possível geradora de conluios verossímeis, e então mencionou o medo consagrado à conspiração da fome e a conspiração dos aristocratas.

A respeito do mito político, Girardet (1987, p. 13) ressaltou: "O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real." Raoul Girardet, contudo, deixou bem claro, referiu-se a mais uma das formulações acerca do tema e pormenorizou: a narrativa legendária fornece certo número de chaves, visando à compreensão do presente. Nela sobressaltam de forma recíproca a função explicativa ordenadora do caos e o papel de mobilização. Ademais, Girardet (1987, p. 179-180) tratou do chefe profético, imbuído do mesmo propósito dispensado ao conceito de mito político e explicitou: o chefe profético, superando o limite de ser o mero executante da vontade geral, encarna a totalidade das dimensões sociais; ele, concomitantemente, renuncia à identidade individual e reencontra a identidade coletiva, "a fusão íntima e indissolúvel com a comunidade mãe". À vista disso, compreende-se *O Nordeste* expressando as seguintes características: reiterava o fato de o cristianismo ser alvo de incessante conspiração do nascedouro ao século XX, sem perspectiva de alívio; o medo das práticas comunistas, sedentas por violência; o salvador materializado na figura do presidente Getúlio Vargas e nas diversas etapas do seu governo, com ênfase na ditadura do Estado Novo.

Ora doutrinador, ora mobilizador, ora os dois, *O Nordeste* atuava em muitas frentes: incentivando os trabalhadores a aderirem aos círculos operários e o público em geral a engrossar as fileiras das entidades vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza (União de Moços Católicos, Associação das Senhoras de Caridade, Liga Feminina Católica etc.); motivando a participação do laicato nos retiros espirituais; formulando material específico para vários segmentos (Página Operária, Página Feminina, Página Rural, Página Literária, Página da Juventude Feminina etc); conclamando o eleitorado a votar e atuando como força política decisiva na Liga Eleitoral Católica e no Partido Republicano Progressista; dando ampla cobertura às duas edições da "Campanha Contra o Comunismo", capitaneada por intelectuais ligados à Arquidiocese de Fortaleza; editando o *Suplemento do "Nordeste"*, material semanal e com conteúdo exclusivamente anticomunista. Sintetizando, tutelando dos costumes públicos aos privados, discutindo da economia à cultura, *O Nordeste* buscava ser o organizador coletivo da sociedade civil na cidade de Fortaleza/CE. Em tal empreitada, o periódico expressava uma cultura política vinculada ao nacionalismo de direita e fazia do medo social uma estratégia de convencimento e autopromoção.

Entende-se por medo social algo tramado com o intuito de dominar indivíduos, grupos ou comunidades. Efetivando-se, manipula valores habitualmente compartilhados nestas esferas, recorre às tradições inventadas e a exercícios de poder, cujo raio de ação vai da persuasão à opressão. Hobsbawm (2008, p. 9) definiu tradição inventada como "um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição". A isso, acrescentou: tal repetição "implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado."

No caso específico d'*O Nordeste*, tinha-se a reiterada associação do comunismo com a cor vermelha, que, por sua vez, era historicamente sinônimo de tragédia, alerta ou perigo, e com as representações zoomórficas (serpentes, germes, polvos, hidras, micróbios, aracnídeos etc). Na doutrinação do periódico arquidiocesano, a filiação do comunismo com os desacertos da Modernidade e as intentonas demoníacas ocupava espaços primorosos. Ainda o periódico cobrava das autoridades constituídas o uso indiscriminado da força policial para combater os brasileiros sovietizados. Quanto à veiculação de notícias acerca da URSS ou da militância bolchevique no Brasil, o jornal pedia aos confrades de imprensa para evitá-las e solicitava dos governos censura firme para barrar os desviantes.

Defensor de primeira hora dum Estado autoritário – fazia-o desde os exemplares iniciais e mesmo antes do golpe do Estado Novo (1937) – *O Nordeste*, amiúde, a partir do imediato triunfo da Revolução de 1930, já alçava o presidente Getúlio Vargas à condição de "salvador da pátria" e cobrava-lhe o descarte da legalidade advinda da Constituição de 1891, notadamente dos trâmites democráticos: partidos, parlamentos etc. Era comum o jornal comparar a União Soviética ao Estado Getulista, quer em editoriais, quer através de artigos de colaboradores. Exemplo notável encontra-se no artigo, "A Cápua do comunismo", do Padre Florêncio Dubois, professor do Seminário Metropolitano Nossa Senhora da Conceição, de Belém-PA. Por meio da provocação – "Manejador do martelo, da enxada ou da trolha, julgas que o bolchevismo aboliu os patrões? Não sejas ingênuo!" – Dubois descortinou o "paraíso soviético": "O grande patrão da Rússia é sua majestade o Estado, representado por milhares de subpatrões ou comissários, que tratam o proletariado como os feitores tratavam os negros das senzalas." Na contraposição à URSS, o clérigo sentenciou: "Sob o getulismo, o trabalhador escolhe seu serviço, sua profissão, seu emprego. Sob o reinado de Luiz Carlos Prestes, teria de ir para o lugar marcado."[25]

Enquanto no Brasil, argumentava Dubois, existia diálogo patrão-empregado, quer nas simples reclamações, quer greves ou na saída espontânea do trabalhador, em busca de um emprego do seu agrado, na União Soviética havia somente repressão, materializada nas perseguições da polícia secreta, a *Tcheka* (Comissão Extraordinária para o Combate à Contrarrevolução e à Sabotagem), nas prisões da Sibéria ou na transformação das paredes em crime de lesa-Estado, lesa-partido. Ocorrendo o triunfo do "barbaçudo" Prestes, ocorreria uma tragédia nos hábitos de higiene: o comunismo entulhava as pessoas nos aposentos, estabelecia o fogão comum para várias famílias e obrigava os inquilinos a usarem a mesma bacia de lavar o rosto e a mesma sentina. Diante de tal descalabro, os pobres sofriam com a desmedida carência de um "pedaço de sabão"!

Nas moradias, a "irmandade ultravermelha" colocava gente honesta com prostitutas, separava marido da mulher e afastava filhos das mães, pois as crianças pertenciam as Estado, que as repartiam em dois lotes: algumas iam para colégios faustosos, destinados ao embasbacamento dos estrangeiros e as outras iam vagar pelas ruas, semelhante aos "cães sem dono", sujeitas ao frio, ao vício e à fome. O brasileiro casado contava com a fidelidade e dedicação da esposa, por sua vez, o desmonte da família soviética, diferentemente da brasileira, dava-se de forma ágil: o divórcio efetivar-se-ia, caso fosse o desejo de um dos cônjuges, após um quarto de hora da concretização do matrimônio. As famílias recalcitrantes

[25] A Cápua do comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 1 fev. 1936.

ao modelo moscovita resistiam graças à herança de séculos de cristianismo contra as aleivosias do marxismo.

No Brasil de Vargas, qualquer varredor ou limpador de trilhos possuía uma mísera barraca, e isso sequer podia existir na União Soviética, a não ser no restrito grupo de campônios ricos, no qual todos possuiam ligações com os "Prestes de lá". No campo, no "excomungado capitalismo", o nosso "Jeca" possuía uma roça, um cavalinho, uma vaquinha etc. Vendia livremente, embora barato, o milho, o arroz, o algodão, a farinha. Com Stalin, um horror: os sovietes municipais açambarcavam toda a colheita e a criação de animais. Caso fosse um assalariado, receberia em vales ou ficaria de sol a fio, diante das cooperativas, à mercê de funcionários mal humorados devido ao acúmulo de serviço e pela falta de muitos gêneros alimentícios.

A pluralidade na imprensa e outras liberdades inexistiam. Ou se liam os jornais oficiais, tipo o *Pravda* ou nada! Os jornalistas só exerciam um tipo de liberdade: blasfemar, "Deus não é Deus; Stalin acima dos profetas". De livre trânsito, ao sair ou ao entrar do Brasil, a população carecia apenas de um passaporte de fácil consecução, contrariando o usual na União Soviética, "o horror dos horrores": ninguém se evadia sem ser alvo de fuzilarias pesadas na fronteira; ninguém entra sem a anuência das autoridades, o que evidenciava uma informação de notório conhecimento: os russos tinham vergonha de serem visitados por gente estrangeira! Fechando, a constatação: "Trabalhador, Getúlio Vargas não te proíbes de crer em Deus. Perto de Stalin, serias bestificado por mascarados anticristãos, pelo santo sepulcro de Lenin, pelo culto de Judas."

Semelhante a uma guerra psicológica, *O Nordeste* veiculava textos atribuídos a doutrinadores sovietizados. De próprio punho, os bolchevistas descreviam seus preceitos anticlericais, foi o revelado com a publicação de "O Decálogo Comunista". Aliás, este texto foi veiculado duas vezes; a primeira, em 1932 e a segunda, em 1945, no *Suplemento do "Nordeste"*. Enumerando uma dezena de mandamentos, "O Decálogo Comunista" era um claro insulto ao homônimo católico, deixava transparecer o jornal à medida que ia apresentando o corolário moscovita. I- Odiar o Senhor, vosso Deus (fora os operários embrutecidos pela religião). II- Amaldiçoar Vosso Deus e Senhor (odiamos e amaldiçoamos a Cristandade e devemos considerar os cristãos, ainda os melhores, como nossos piores inimigos). III- Desprezar o dia do Senhor (as igrejas, conventos e capelas sejam destruídas e transformadas em salas de divertimento público, cinema e lojas).

IV- Desprezar pai e mãe (a família é uma constituição burguesa, inventada pela Igreja ... é preciso aniquilá-la). V- Matar (será para nós um prazer ver agonizar padres,

burgueses e capitalistas. O que pedimos é o inferno e o prazer que leva até lá). VI- A impureza é o nosso prazer (neste tópico, *O Nordeste* fez a seguinte ressalva: Aqui poupamos aos leitores o desenrolar de uma fita de nauseabundas cenas de bestificação). VII- Furtar (esfolaremos os capitalistas quanto possível, e isso não deve ser qualificado de roubo. Roubai o mais possível, porque tudo foi roubado). VIII- Menti, se a mentira vos aproveitar (evitemos de ofender o povo, dizendo-lhes o que desejamos; seria falta de tática). IX- Desejar a mulher do próximo (nenhum casamento; amor livre). X- Preparai uma Revolução Universal (À bala o burguês; não se poupe dinamite).[26]

Noutro texto, *O Nordeste* lançou mão do recurso de fixar o comunismo às atitudes cotidianamente repelidas pela população. Tratava-se de expor comportamentos de repúdio automático. Didaticamente dividido em 16 tópicos, o escrito começou por identificar o bolchevismo a "Um monstro": É o monstro mais disforme, de cem cabeças horríveis. Nasceu finalmente o monstro que trazia em seu seio o mundo moderno com a civilização ateia. Depois vieram: "A irreligião": Fúria dos homens sem Deus, fúria de hospital e manicômio. "O comunismo é a morte da família": A família é um farrapo do passado, deixa de ser uma necessidade para os membros que a formam e para o Estado. "É a imoralidade": É moral tudo o que é útil ao partido comunista.

"É a revolução": Traz os povos em revolução e guerra civil, sem deixá-los em paz, nem trabalhar, nem prosperar. "É o ódio": Odiamos os cristãos que pregam a caridade e a misericórdia, as quais são contrárias aos nossos princípios. Efetivamente, a história do bolchevismo é um poema diabólico de ódio monstruoso a tudo, até a si mesmo. "É o sangue": Quanto sangue tem derramado, sangue digno, santo, venerável! Grande é a Rússia. "É o roubo": Roubou aos legítimos donos quanto tem podido. Não reconhece a propriedade ou, o que é o mesmo, justifica o roubo aos proprietários. "É o açambarcamento": Os chefes e os principais desses comunistas são proprietários e mais burgueses que os antigos. E vivem mais ricamente do que eles, enquanto o povo morre de miséria.

"É fome": Nunca houve na Rússia mais fome do que com o governo bolchevista. Na Rússia, onde sempre houve sobra de trigo, agora há falta de trigo. E tem havido crises de fome fabulosas, maiores que todas as calamidades conhecidas. "É a miséria": Nem mesmo tendo dinheiro, que é pouco, podem comprar o que querem. E as rações que se podem comprar são muito pequenas. Os meninos andam pelas ruas como antigamente os cachorros, em Constantinopla, apanhar o que podem. "É o trabalho mal retribuído": Os camponeses não querem dar o seu trigo nem os seus produtos, mas são obrigados a dá-los a vil preço e de

[26] O Decálogo Comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 6, 12 maio 1932.

graça! “É a degradação”: É incrível a degradação introduzida entre os homens e as mulheres: matrimônio livre, divórcio, amor livre. E, o que é pior, a perversão entre os inúmeros meninos que andam soltos e misturados, rapazes e moças.

“É mentira”: Esses comunistas não deixam ver senão o que há de bom, o resto do antigo; nem ir livremente aonde se quer, nem valer-se senão dos interpretes e cicerones designados por eles, nem tirar fotografias sem censura. “É guerra perpétua”: Farsantes! Dizem que são inimigos do militarismo e das guerras. E eles se armam mais do que nenhum povo, homens, mulheres e meninos. E levam às guerras a todos os povos que podem! “É o pior dos males”: É o mal extremo a que pode chegar um povo. É o erro, é o mal, é a tirania, em que uns poucos oprimem a muitos milhões! É a miséria, é a desaprovação, é a desumanidade em todos os sentidos. É a maior maldição do gênero humano. É o pior de todos os males.[27]

Nas páginas d’*O Nordeste*, a *Tcheka* ganhou relevo em uma série de nove reportagens, que circulou entre 29 de junho e 14 de julho de 1936. Nela houve a descrição do perfil da esmagadora maioria dos agentes da polícia secreta soviética: clientes do álcool, da heroína e da cocaína e, mais tarde, dos manicômios. Também a descrição dos métodos de ação dos “funcionários do terror”: fuzilamentos, extração do couro cabeludo, da pele das mãos, dos tendões rotulianos, dos olhos, da língua, de órgãos sexuais dos prisioneiros, esquartejamentos, morte em altos fornos, estupro de mulheres, agressões com barras, pregos e braceletes de ferro, enterro de pessoas vivas, assassinatos de doentes hospitalizados, com os corpos abandonados nas ruas até serem devorados pelos cães, proibição dos detidos de receberem víveres, suplício da insônia, um tipo de tortura na qual se impede o preso de dormir, fazendo-lhe cócegas e empregando, por vez, o punhal, obrigar o sentenciado a comer peixe salgado, sem acesso à água, esfacelamento de crânios e encharcar com água fria os sentenciados, depois abandoná-los na neve, para vê-los se transformar em estátuas de gelo.

A série de reportagens de título “DA CHEKA A GUEPU (G. P. U.)” referiu-se aos conspiradores de “alta categoria”: eclesiásticos e anticomunistas. E citou o número de executados, considerando os anos de 1917 a 1923: 25 bispos, 1.215 eclesiásticos, 6.575 professores, 8.800 médicos, 10.500 agentes de polícia, 19.850 funcionários, 48.000 guardas, 54.850 oficiais, 192.000 operários 260.000 soldados, 344.250 intelectuais e 815.000 camponeses, total de 1.761.065 vítimas. O periódico realçou os crimes perpetrados contra religiosos e crianças.

[27] O que é o comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 13, 29 jun. 1936.

Em Rostov, em 1918, foram fuzilados todos os meninos de 14 a 15 anos, que tinham servido ao exército branco, durante a Guerra Civil (1917-1920) desencadeada com o triunfo da Revolução Bolchevique de 1917; em Kharlov, o couro cabeludo do bispo Radiov, um ancião de 75 anos, fora arrancado. No ano de 1919, em Perm, o bispo Andronik foi enterrado vivo. 1920, em Yelisavetgrad, foram fuziladas quatro meninas de três a sete anos, porque seu pai era oficial do exército branco. Fechando as estatísticas, de 1917 a 1935: deportados 662.199 prisioneiros, sendo 18.932 meninos de 13 a 17 anos. Tudo isso justificado por Lenin: "O caminho do terror é o único aberto, e não podemos evitá-lo. Imaginais que sem terror revolucionário brutal e sem contemplação, nos é possível vencer?" Na sequência, uma das matérias focalizando a polícia secreta soviética:


DA CHEKA A GUEPEU (G. P. U.)

FIGURA 1 – *Tcheka* (Na foto, Maxim Litinov, comissário dos estrangeiros na Rússia, antigo salteador do Banco Tifflis)
Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 8, 29 jun. 1936.

Deter o perigo comunista incluía atenção ao espaço aéreo e a leitura do papel de embrulho das mercadorias, de envelopes etc. Em suas explicações, *O Nordeste* alertou a população: "Na Rússia estão se fabricando bombas explosivas, contendo germes de todas as moléstias infecciosas; os aviões se encarregarão de soltá-las sobre as cidades." O "expansionismo do credo vermelho" intencionava surpreender os citadinos lançando um material bélico recheado de micróbios (cólera-morbo, tifo, tuberculose, lepra) e de demais variedades mortificantes. Ao atribuir a alguns "miseráveis" brasileiros o disparate de tentar

inocular no proletariado da terra a doutrina do bolchevismo, o jornal concitava as autoridades a destruir os enganadores como se estraçalhasse um "réptil venenoso, traiçoeiro e fatal". O ardil soviético vinha ganhando ares de ultrassecreto no pequenino núcleo de poder stalinista, todavia fora revelado pelo escritor argentino Campio Carpio. O jovem escriba, um anarquista avesso ao "uso da bomba e do punhal", fizera a denúncia na sua penúltima obra, *El mundo agonizante*. Com livro veio à tona o informe da proliferação de várias fábricas de explosivos infectantes no solo russo. Ao cabo, *O Nordeste*, conquanto acreditasse piamente no exposto, mostrou-se surpreso: "Será possível que o cérebro humano idealizasse tão nefando crime?"[28]

Diuturno precisaria ser o combate ao comunismo nas plagas cearenses e a ocupação de espaços necessitaria ser incisiva. Deste modo, *O Nordeste* parabenizou a iniciativa da Associação Comercial do Ceará, seguindo recomendação da Federação das Associações do Comércio e Indústria do Ceará, de orientar seus associados de imprimir no verso de seus envelopes, nas margens ou ângulos de suas faturas, contas, notas de débito e de crédito, notas de entrega, cartas, memorandos, papel de embrulho e em quantos veículos pudessem ser utilizados alguns períodos de sentido claro e suficientemente persuasivos, envolvendo os necessários conselhos e prudentes advertências aos menos precavidos sobre a desfaçatez dos "pregoeiros do extremismo". Ao final dos elogios, o jornal reproduziu uma série de frases disponibilizadas pela Associação Comercial a título de auxílio aos filiados da entidade:

> I. Exercei toda a influência persuasiva sobre vossos subordinados para que não se deixem seduzir pelas falsas promessas do extremismo.
> II. Procurai por todos os meios prevenir os incautos contra as sedutoras promessas dos que propagam doutrinas contrárias às instituições que nos regem.
> III. Aqueles que vos acenam com as vantagens do comunismo querem apenas conquistar o domínio para fazerem depois um escravo de cada um de vós.
> IV. Meditai nos males que vos adviriam da vitória do comunismo e evitai todo o contato com aqueles que direta ou indiretamente o propagam.
> V. Prestigiai o governo com a vossa repulsa pelas falsas ideologias extremistas e tereis praticado o mais são e elevado patriotismo.
> VI. Sede precavida contra os perigos do comunismo demolidor e fazei que também o sejam todos aqueles que viverem a vossa sombra.
> VII. Uni-vos em fileiras cerradas contra a invasão do comunismo, para sagrada defesa do lar, da religião e da pátria.
> VIII. O melhor índice de civismo de um povo está no amor e no respeito às instituições de sua pátria.
> IX. Vede como vossos inimigos, porque o são da vossa pátria, os pregoeiros dos credos extremistas.

[28] Inominável. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 12 mar. 1930.

> X. A noção de responsabilidade se desdobra nos homens, quando no exercício das funções que se lhes cometem. Confiai nos dirigentes da nação e fugi do comunismo.
> XI. Ser comunista, principalmente no Brasil, é trocar a mais esplendida liberdade pelo mais rude e humilhante cativeiro.[29]

No editorial, "Ofensiva anticomunista", *O Nordeste* comentou os encaminhamentos propostos pela Associação Comercial do Ceará. Situou o regime soviético como uma consequência lógica do liberalismo, condenou o excesso de liberdades no Brasil e apontou o "rumo seguro" que o País, de 1936 em diante, haveria de seguir: o exemplo de Portugal, cuja direção de Carmona e Oliveira Salazar abolira as ambições partidárias, regularizando os passos da nação. Ou seja, embora exaltando rotineiramente o governo Vargas, o ápice do apoio ocorrera em 1935, no desmantelamento da Levante Militar Comunista, o periódico ansiava pelo aprofundamento da repressão ao "mal de Marx", um tipo insofismável de materialismo bárbaro, no qual tinha na Rússia uma irradiação de violência desumana e anticristã, por excelência.

No mais, a propagação do comunismo desencadearia, certamente na Terra de Santa Cruz, cruéis prejuízos ao trabalho e ao civismo. A partir de tal raciocínio, *O Nordeste* solicitava ao presidente Getúlio Vargas a suspensão das garantias individuais em nome do restabelecimento imediato da ordem nas diversas esferas da vida nacional. Chegando novembro de 1937, quando do golpe do Estado Novo, o jornal sentiu comtemplado pelos propósitos da ruptura constitucional: derrotar o Plano Cohen dos comunistas.

Independentemente de se tratar do ano de 1935, em virtude do crescimento numérico e político da Aliança Nacional Libertadora ou do Levante Militar Comunista, episódios irrefutáveis, ou, em escala micro, por ocasião da Passeata da Fome, na cidade de Fortaleza, inclusive fato noticiado por outros órgãos da imprensa cearense, em janeiro de 1931; quer em novembro de 1937, na armação do Plano Cohen, atribuído aos comunistas pelo governo Vargas que desencadeou o golpe do Estado Novo, *O Nordeste* sempre atuou de forma linear: o comunismo era um perigo visível e iminente! Aliás, o comunismo extrapolando os episódios citados e se imiscuindo no dia a dia da população levando "anarquia" era bem cristalino na linha editorial do periódico arquidiocesano. Nela, sobressaia o medo, entre outras formas de manipulação.

---

[29] Combatendo o comunismo – Circular da Associação Comercial do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 17 fev. 1936.

1.2 O credo comunista

> Nós católicos, digamos sempre ao tamanduá comunista: quem não te conhece... que te abrace![30]

O medo do comunismo foi determinante na linha editorial d'*O Nordeste*. Nesse sentido, tornam-se pertinentes as afirmações de Elizabete Cancelli acerca dos inimigos construídos pelo Estado no pós-1930. Entre eles, asseverou Cancelli (1994), os comunistas tornaram-se os alvos preferidos da ação da polícia. A iniciativa estatal fazia questão de identificar na corriqueira resistência operária (greves, passeatas etc) a ideologia "exótica" dos comunistas. Logo, garantiam-se, por meio da propaganda getulista e do preconceito, no tocante à autonomia do proletariado, maneiras eficientes de controle da classe trabalhadora. Na saudação de Ano Novo referente a 1936, enfatizou Cancelli (1994, p. 83), Getúlio Vargas fez alusão ao Levante Militar Comunista de 1935: a "intentona" representava os métodos de ação dos comunistas, baseados essencialmente na "dissimulação, mentira e felonia". Desse jeito, corporificava-se: o inimigo maior do Estado, a negação ao uso de soluções políticas para os protestos sociais e o salvo-conduto para as soluções repressivas.

Derrotar o comunismo munia a polícia varguista com um saber técnico específico, era inserido no rol das campanhas cívicas para a consolidação de um novo país, estimulava o engajamento da população por meio de delações e do envio de cartas diretamente ao presidente Vargas. Entregar à polícia um comunista significava um ato de bravura, assegurou Cancelli. Ao negarem o pacto social apregoado por Vargas, os comunistas obstaculizavam a edificação de uma sociedade harmoniosa e encarnavam o "mito da conspiração". O comunismo, no discurso de Getúlio, era o "inimigo mais perigoso da civilização cristã" e nunca seria vencido pela propaganda "franca e aberta" (CANCELLI, p. 82-83). Alongando-se, Cancelli referiu-se às articulações de Batista Luzardo, chefe de polícia do Distrito Federal, em março de 1931, com o Departamento de Estado dos EUA, procurando agilizar o rastreamento ao comunismo na cidade do Rio de Janeiro. Luzardo, por sua atuação na Capital nacional, recebeu fartos elogios d'*O Nordeste* e a eficiência da polícia local foi comparada à carioca, durante a ofensiva contra a realização da "Parada da Fome", em Fortaleza, no mês de fevereiro de 1931.

O medo ao comunismo nas páginas d'*O Nordeste* apontava para dois encaminhamentos equilibradamente imbricados: o enfretamento via catecismo, por dever de

[30] O tamanduá. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 7.

ofício, e o enfrentamento com auxílio ostensivo da polícia. O aparato repressivo, incluindo as forças armadas, recebia pomposos elogios do jornal, não só graças à intervenção nas poucas situações nas quais os comunistas realizaram ações abertas (em Fortaleza, na "Passeata da Fome", em 1931; nacionalmente, no Levante Militar Comunista de 1935), como recebia a qualificação de baliza da moralidade, indispensável à manutenção da ordem pública, conforme a percepção do grupo gestor d'*O Nordeste*. O periódico tencionava a repressão a permanecer vigilante e de olhos arregalados, dada a imprevisibilidade dos comunistas, constantemente de "tocaia". Para o jornal *Unitário*, adversário político do vespertino católico, a chegada do lecista Menezes Pimentel (1935-1945) ao Palácio da Luz, sede do governo estadual, redundou na perseguição generalizada, via "tirania policialesca" no Ceará, aos opositores do chefe do Executivo, muitas vezes, convenientemente, acusados de sovietizados.

Nos anos 1930, precisamente na segunda parte desta década, na sociedade brasileira, argumentava Dutra (1997, p. 35), a revolução comunista configurou-se no "grande tema mobilizador dos desejos, das aspirações, das energias e também dos temores e dos rancores". Girando ao redor desta mobilização, vivia-se um real conflito elaborador de uma constituição imaginária do inimigo. Dessa forma, o anticomunismo construía a imagem horripilante do oponente – um ser tenaz e alheio a certos perigos: a morte e o castigo. A tão alardeada militância ininterrupta dos comunistas tornava-se estímulo à incessante vigilância, pronta para incidir sobre os "traidores da pátria". Fundia-se o imaginário anticomunista com o universo contrarrevolucionário da década de 1930, alegava Eliana Dutra. De um lado, a integridade nacional, a pátria soberana, a civilização cristã; no avesso, a doença, o maligno, o apocalipse. Portanto, difundia-se uma visão maniqueísta da sociedade, onde pontuavam seres débeis, facilmente iludidos: operários e jovens; afora as "multidões" em constante tensão, prontas a explodir ao menor incentivo.

Apesar de defender os postulados da contrarrevolução expostas por Eliana Dutra, *O Nordeste*, note-se, evitava concitar os católicos a alinharem-se a uma revolução. Os processos revolucionários conspurcavam os ensinamentos de Pio X: "os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários, nem inovadores, mas tradicionalistas".[31] Em 1930, de julho a novembro, mesmo publicando uma sequência de editoriais, cujos títulos continham a palavra revolução e assinados por Monsenhor Tabosa, na ocasião, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, o jornal posicionava-se com ressalvas: caberia exclusivamente às elites conduzirem tal processo. A escrita de Tabosa, ante as incertezas geradas pela sucessão presidencial de Washington Luís e advertindo o recém-empossado Getúlio Vargas, chamava à

[31] Escola da ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 jun. 1930. Editorial, p. 1.

responsabilidade os governantes e cobrava-lhes pôr cabo à "anarquia", antecipando-se aos "perigosos" comunistas e às hordas. Paralelamente a repulsa à ação revolucionária vinda "dos debaixo", o periódico apoiava o golpismo "dos de cima", como na rápida adesão à Revolução de 1930 e no permanente aplauso ao governo de Getúlio Vargas.

Em editoriais, antes da Revolução de 1930 e desancando a Primeira República, por ser ateia e liberal, *O Nordeste* propugnava por uma reação, intitulada de nacionalista, nacional ou cívica. Estas denominações foram usadas pelo órgão arquidiocesano para referir-se ao caráter do movimento capitaneado por Getúlio Vargas e o vespertino o fez em momentos especiais. Ao comentar pela primeira vez o significado da Revolução de 1930: "reação nacional que representa o efeito da cooperação popular em prol do bem comum, que a nós católicos é lícito presumir uma intervenção da Providência Divina". Em 1931, no nono aniversário do jornal: "reação cívica contra o deturpamento do regime, que não cheguemos a perder a oportunidade, talvez única de reatarmos o fio das tradições de fidelidade às crenças dos nossos pais onde se vê escrito o lema antigo e sempre novo – Deus, Pátria e Família!"[32]

O Nordeste utilizava-se de vários convencimentos para legitimar-se na "guerra" ao comunismo: receava o crescimento do ataque às tradições católicas, a extinção da propriedade privada, horrorizava-se com o excesso de liberdade concedido aos bolchevistas abrasileirados e rogava pela identificação pormenorizada, através da imprensa "sadia" e do aparato repressivo, dos inimigos "vermelhos", cuja determinação ocupava os múltiplos espaços da sociabilidade brasileira. Por isso, o periódico clamava em prol do enfrentamento "sem piedade" às várias facetas do comunismo e difundia uma linguagem beligerante, sugerindo a extinção moral e física dos comunistas. Na solução final, o jornal projetava uma reação nacionalista capaz de banir de vez da Terra de Santa Cruz a "nódoa" da comunização e de seus determinantes: o laicismo e o liberalismo.

Similar a um organizador coletivo da sociedade, e aí se encontrava uma apropriação do grupo gestor do jornal das teses leninistas, *O Nordeste* atava a reação ansiada a várias esferas.[33] Legião Cearense do Trabalho; organização do Estado Novo na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler, nestes países antes da Segunda Guerra e, continuamente, no Portugal de Salazar; promulgação da Constituição de 1934, por outorgar as demandas

[32] Respectivamente: Profilaxia única. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 dez. 1930. Editorial, p. 1. Sem trégua nem desânimo. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jun. 1931. Editorial, p. 1.

[33] No artigo *Por onde começar*, para Lenin (2010, p. 241): "O jornal não é apenas um propagandista e um agitador coletivo; é também um organizador coletivo. Como tal, *pode ser comparado* aos andaimes que, erguidos em torno de um edifício em construção, demarcam seus contornos e facilitam as relações entre os diferentes construtores, auxiliando-os na distribuição do trabalho e no acompanhamento dos resultados obtidos pelo trabalho organizado."

católicas (suporte financeiro do Estado à Igreja, proibição do divórcio, reconhecimento do casamento religioso, indissolubilidade do casamento, subsídios do Estado para as escolas católicas, ensino religioso facultativo nas escolas públicas e privadas); Liga Eleitoral Católica; Ação Integralista Brasileira; Presidência de Getúlio Vargas (1930-1945); governo estadual de Francisco Menezes Pimentel (1935-1945); e prefeito de Fortaleza, Raimundo de Alencar Araripe (1936-1945). No mais, parabenizava o general Francisco Franco pela reação contra os republicanos na Espanha e, localmente, ambicionava por um basta às "futilidades" do rádio, cinema e teatro, inclusive publicando, regularmente, o que os leitores poderiam ver e ouvir.

Referindo-se a Fortaleza/CE, *O Nordeste* indicava aos operários e aos homens de escol filiação à Legião Cearense do Trabalho (LCT), organização fundada pelos futuros integralistas, tenente Jeová Mota, deputado federal lecista, eleito para a Constituinte de 1934, e pelo padre Hélder Câmara.[34] A LCT, atuante entre 1931 a 1937, aglutinava lideranças oriundas dos círculos operários, da União de Moços Católicos, da Liga dos Professores Católicos e da Juventude Operária Católica. Opunha-se aos vícios do mundo industrial-materialista. Apoiava a Ação Católica Brasileira, entidade surgida em junho de 1935. Animava as classes ao pacto social, objetivando retomada os ideais humanistas e a superarem os desmandos capitalistas. Expressava-se, regularmente, através do jornal *O Legionário*, conseguindo reunir um número considerável de militantes. No corpo de filiados, predominavam jovens católicos antiliberais, anticomunistas e militares contrários à Revolução de 1930 (CORDEIRO JR., 2000, p. 325).

A URSS, antagonizando-se com o franquismo, assumia um novo disfarce: a luta contra os regimes fascistas. As vitoriosas tropas do general Franco, encorajava *O Nordeste*, estavam livrando a Espanha de uma verdadeira catástrofe: a proliferação do "materialismo tártaro-mongólico".[35] Para o jornal, na Ibéria, o básico era derrotar a Frente Popular, agrupamento galvanizado por setores democráticos e pelas forças de esquerda (anarquistas, comunistas e socialistas).[36] Além disso, o periódico coadunava-se com as posições da hierarquia católica espanhola, que, em julho de 1937, oficialmente, em carta, declarou-se pró-Franco. Com isso, a Igreja da Espanha "confirmou seu papel como principal propagadora da visão maniqueísta dos nacionalistas a respeito da guerra e responsável ideológica por sua legitimidade"; no conflito, Franco era saudado como o "salvador da perseguida fé" (SALVADÓ, 2008, p. 177).

---

[34] Em 1945, Jeová Mota foi candidato ao senado pelo PCB-CE, juntamente com Luiz Carlos Prestes.
[35] União antidemocrática. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 nov. 1936. Editorial, p. 1.
[36] "Fogueira Vermelha..." **O Nordeste**, Fortaleza, 26 abr. 1937. Editorial, p. 1.

Em consequência, no franquismo, a Igreja viveu uma fase "dourada": adquirindo o monopólio da educação e uma utilidade primordial na caridade social, recebendo ajuda financeira e isenção na cobrança de impostos. E mais: a legislação republicana laica foi revogada, templos e igrejas reconstruídos e o sacerdócio elevado à condição de "guardião" dos costumes do povo. Desse modo, houve uma fusão de tendências totalitárias modernizadoras com elementos religiosos absolutistas e medievais, um enlace que pode ser definido de "catolicismo-nacional" (SALVADÓ, 2008, p. 177). À exceção do prisma modernizador, dada as críticas do órgão arquidiocesano à reestruturação capitalista, a governança de Franco expressava o modelo de governabilidade almejada pelo grupo gestor d'*O Nordeste*.

Transcorrendo 1935, ano marcado pela atuação da Aliança Nacional Libertadora e pelo Levante Militar Comunista, *O Nordeste* opondo-se a estas ações, personificava o "credo de Moscou" em Karl Marx, Vladimir Lenin e Luiz Carlos Prestes. Agora e por diante, assumindo uma conotação eurocêntrica: o comunismo materializava a religiosidade oriental de vertente mongol. A "onda vermelha" expressava a "barbaria tártara". Provocava a abjeta revolta da criatura contra o criador. Resgatava as heresias da Torre de Babel. Detratava a Terra de Santa Cruz, agitando bandeiras com a foice e o martelo. Acenava com o pecado do gozo, através do amor livre e incontido. Incitava a perigosa desobediência do "pobre ser racional" à lei divina.[37] Enfim, certificou o jornal aos leitores:

> Não é o lado do interesse econômico da propaganda bolchevista que deve horrorizar os nossos patrícios. É, sobretudo, o abominável ludibrio de todos os valores humanos, resumidos nos princípios insubstituíveis da organização social – Deus, Pátria e Família. [...] A aplicação, com efeito, da ideologia moscovita importa no esmagamento dos direitos sagrados da consciência.[38]

Paralelo aos rasgados elogios a Getúlio Vargas, elevando-o à condição de herói nacional por ter debelado o Levante Militar Comunista de 1935 e por ter implantado a legislação trabalhista, inspiradas no catolicismo social, iniciado com o papa Leão XIII na encíclica *Rerum Novarum*, *O Nordeste* fazia uma brevíssima restrição à Constituição de 1937: a lei maior do Estado Novo deixara de referendar as demandas religiosas instituídas pela Constituição de 1934. O periódico tratou das lacunas da "Polaca" imediatamente após sua imposição. A opinião do órgão católico veio a público em 22 de novembro de 1937, quando o jornal noticiou os detalhes de uma das festividades alusivas ao Dia da Bandeira, realizada na

[37] Empirismo legislativo. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 fev. 1935. Editorial, p. 1. Medida indeclinável. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 dez. 1935. Editorial, p. 1. Regenerar-se ou perecer! **O Nordeste**, Fortaleza, 10 dez. 1935. Editorial, p. 1.

[38] A grande confusão. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jun. 1935. Editorial, p. 1.

Capital federal. A comemoração em apreço ocorrera na praça do Russel e contemplara a unidade civismo e fé, marca registrada desde o começo do governo Vargas. A celebração coube a Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro e expoente-mor do catolicismo brasileiro, na descrição do periódico. O cardeal Leme celebrou uma missa campal, onde pontuava contíguo aos símbolos da cristandade, o pavilhão nacional.

As advertências d'*O Nordeste* quanto à ausência na Constituição de 1937 das conquistas religiosas implantadas pela Constituinte de 1934 tinham um objetivo: evidenciar a fragilidade da pátria diante dos "sofismas materialistas do credo vermelho da *Tcheka*", referindo-se à polícia política da URSS. Ao informar os leitores das lacunas da Carta Magna do Estado Novo, o jornal concitou o público a se engajar em uma retomada de caráter nacionalista: solicitar ao governo Vargas a reintrodução dos dispositivos católicos. Com eles, a nacionalidade estaria a salvo dos ataques perpetrados pelos comunistas, sequiosos por ver o Brasil ao arbítrio do "anticristianismo tártaro". Repetindo os costumeiros ultimatos, o periódico pôs em relevo: "não temos vacilação em afirma-lo: é o laicismo irracional que possibilita os surtos do bolchevismo ateu e sanguinário, entre as democracias do mundo contemporâneo".[39] O jornal insistia na necessidade de o Executivo monitorar detidamente os comunistas, pois, seduzindo os "ignorantes" com promessas irrealizáveis – voto popular, igualdade social e liberdade de culto – escondiam as perseguições aos religiosos na URSS.

Em função do evidenciado, chega-se à conclusão de que *O Nordeste* considerava os bolcheviques abrasileirados de irrefutáveis santarrões devotados ao "credo sangrento de Moscou", ao "rubro credo do ódio" e aos "espíritos alucinados pelo materialismo de Moscou".[40] Para exorcizar os falsos beatos, suplicava o periódico arquidiocesano aos governos a implantação de soluções "enérgicas", apoiadas nos princípios católicos (autoridade e caridade) e na honestidade cívica dos vitoriosos na Revolução de 1930. Dos homens de responsabilidade, os comunistas deveriam ficar isolados por completo, porquanto adeptos de um anticlericalismo congênito e indestrutível, daí a asserção do vespertino: "O credo de Moscou é a antítese da lei divina."[41]

O Nordeste e o texto do padre J. Cabral, no livro "A miragem soviética", de 1933, convergiam: o comunismo constituía uma crença religiosa albergadora de traiçoeiros profetas de causas perdidas. Resenhando a obra de Cabral, em editorial, de título idêntico ao do livro,

[39] Altar de Deus. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 nov. 1935. Editorial, p. 1.
[40] A defesa social. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 fev. 1931. Editorial, p. 1. O relatório sobre o comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 mar. 1931. Editorial, p. 1. A subversão da autoridade. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 jun. 1931. Editorial, p. 1. Perigo imediato. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jun. 1931. Editorial, p. 1.
[41] Para a direita. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 set. 1931. Editorial, p. 1.

o jornal, afora enaltecer as ideias do religioso – "enriquecera a bibliografia anticomunista no Brasil"; descortinara o "credo convulsionista de Moscou", proveniente de um país "semibárbaro" – regozijou-se com uma das observações do clérigo centrado no desenvolvimento do sindicalismo cristão no Estado do Ceará: o vigor da Juventude Operária Católica (JOC) e da Legião Cearense do Trabalho (LCT).[42] De acordo com Cabral (p. 327), "A despeito das crises climatéricas, que o flagelam e lhe empobrecem o solo, o Ceará conseguiu realizar o milagre de formidável concentração de forças ao serviço da ordem, da paz e do trabalho." No seguimento, o religioso avultou os atributos da LCT: dedicava-se à alfabetização popular e citou os números estaduais dos legionários, aproximadamente 70 associações de operários filiadas à Legião e 15 mil sócios. Da JOC, informou: mantinha em Fortaleza/CE nove escolas, educando três mil alunos.

Padre J. Cabral, em "A miragem soviética", partia do princípio: o comunismo estabelecia "uma espécie de nova religião, religião da terra e da vida temporal" e instituía "uma monstruosa caricatura da religião, sendo Deus criatura do homem e o homem o criador de Deus" (p. 96). Sovietizadas, economia, política e legislação restringiam-se à vida material. Ao cabo, os comunistas recusavam a espiritualidade. Naturalmente, recusavam Deus como o criador do poder público e da autoridade civil, desrespeitando as sagradas escrituras, que trazem passagens nas quais a origem divina dos poderes leigos conferia a um "rei" a honra de comandar um povo escolhido. O sacerdote (p. 235) considerou o bolchevismo uma superação do sem número de inimigos de Jesus Cristo, por atuar em vastas geografias, no meio de civilizados e nas brenhas africanas: "a União Soviética apresenta um acontecimento único na história: a guerra contra Deus. Pela primeira vez, no mundo, organiza-se um combate, prepara-se uma batalha, abertamente, claramente, contra a divindade."

Distintamente d'*O Nordeste* e do padre J. Cabral, Heraldo Barbuy e Sérgio da Mata referem-se aos embates entre catolicismo e o comunismo intercruzando, as esferas do político e do religioso. O clérigo e o jornal separavam estas duas instâncias, todavia, aspiravam por uma consonância entre as partes, missionando em proveito da urgente recristianização do Brasil, sempre colocado à beira da sovietização e da laicização. A atuação política dos católicos, segundo o órgão arquidiocesano, em um partido declaradamente católico, existiria submetida às circunstâncias, como se deu com a Liga Eleitoral Católica (LEC) no Ceará, durante as eleições sucedidas na década de 1930.[43]

---

[42] A miragem soviética. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 dez. 1933. Editorial, p. 1.
[43] A atuação política da LEC será analisada no capítulo 3.

Heraldo Barbuy, na obra “Marxismo e Religião”, ofereceu a interpretação:

> O marxismo não quer ser uma religião que engane assim as massas oprimidas: quer efetivamente libertar o homem e, no fundo, quer a correção dos erros praticados pelo Cristianismo. Condenando o Cristianismo, como religião que aliena o homem, o marxismo quer ocupar o seu lugar. Sua filosofia, se bem que pretenda emancipar a espécie inteira, se dirige às vítimas da ordem capitalista; aos deserdados, aos camponeses que foram desapropriados de suas terras; aos que foram arremessados ao inferno do cortiço humano; à legião dos pobres e Lázaros da miséria. Marx trata a classe proletária com um sentimento misto de desprezo e simpatia: mas a descrição de suas condições de vida, nas longas páginas de *O Capital*, esconde uma compaixão comovente. (1963, p. 47).

Por sua vez, Sérgio da Mata, no texto “Sacralização da política, politização do sagrado (quando a Igreja se descortina)”, sustentou a reflexão:

> De fato, quando verificamos, historicamente, o combate da Igreja Católica a ideologias como o positivismo ou o comunismo, este fato por si só tende a demonstrar o quanto, simbolicamente, um e outro tendem a ocupar o mesmo espaço. [...] Porque outro aspecto fundamental é indagar até que ponto religião e política constituem esferas distintas da vida social. [...] Postulamos que a religião e política são, na verdade, esferas análogas. Nada mais natural, assim sendo, que investigar como estes dois vetores sociais (ora concorrentes, ora aliados, ora ‘fundidos’ numa só instância, ora indiferentes entre si) se comportaram um em relação ao outro no caso específico da cristandade. (1996, p. 146-147-148).

Os editoriais d’*O Nordeste* serviam de espaço privilegiado para o jornal enfrentar o comunismo. A partir da circulação do *Suplemento do “Nordeste”*, em julho de 1945, na reta final da Segunda Guerra Mundial, o intento de denunciar os sovietizados ampliou-se. Semanalmente, com quatro páginas, reproduzindo artigos de autores nacionais e estrangeiros, na maioria das vezes, sem mencionar a procedência deles, o *Suplemento* caracterizava-se por sistematizar e rememorar as diversas críticas disferidas pelo diário clericalista, desde a fundação (1922) até 1945, término desta pesquisa, contra a União Soviética e o comunismo.

Considerava iguais – todos eram sovietizados – anarquistas, comunistas e socialistas. Discutia várias temáticas (a constituição da família, o conceito de liberdade, a concepção de ensino, questões da moralidade, os encargos sociais da mulher, os feitos do general Francisco Franco na Espanha, as semelhanças entre Adolf Hitler e Luiz Carlos Prestes, a religião como ópio do povo, a total incompatibilidade do catolicismo com o comunismo, o “espírito diabólica da ímpia” Revolução Francesa, a Comuna de Paris, a infância e a adolescência, as revistas pornográficas, os “prazeres do amor livre”, o feminismo de Alexandra Kollontai, o clero e os ricos, o patriotismo como virtude cívica e cristã, o voto dos cristãos, a destruição de igrejas sob a égide dos “bárbaros petroleiros tártaros”, a troca do

Evangelho pelo Decálogo Comunista, a substituição da bandeira brasileira pela "flâmula rubra da Rússia" etc.). Tudo isso imbuído de um nexo exposto anteriormente:

> A hora é decisiva: Nacionalismo ou Bolchevismo, o Papa ou Stálin! O Brasil não há de ser nunca uma colônia tártara dos povos escravizados do Volga. Aqui, nestas plagas da livre América, civilizadas por Anchieta e Nóbrega, não vingarão, mercê de Deus, as sementeiras do anticristianismo mongol. Será debalde que os lobos se metam em peles de cordeiros...[44]

É consensual a importância do Exército Vermelho na derrota militar do nazismo e a compreensão a respeito da URSS com o término da Segunda Guerra: Moscou passou a polarizar com os EUA as disputas internacionais, a conhecida Guerra Fria. *O Nordeste*, no correr da Segunda Guerra, vibrava com os avanços e êxitos das tropas aliadas; contudo, o fato de opor-se ao Eixo Roma-Berlim-Tóquio sequer diminuiu a repugnância a Moscou e, atento ao Brasil, o jornal relembrou frequentemente a "traição" dos comunistas em 1935. A URSS era imputada como agressora contumaz da Finlândia e da Polônia, nações-símbolo da tradição cristã. Somando-se aos editoriais e ao *Suplemento*, os jornalistas Luís Sucupira e Audifax Mendes, em colunas diárias, respectivamente, Ponto de vista e De bubuia, criticavam frequentemente o "perigo" bolchevista.

Em diversas ocasiões, antes da circulação do *Suplemento*, *O Nordeste*, em editorias, referiu-se ao "credo de Moscou". Tal denominação, ao sabor da hora, assumia diversas aparências. Por exemplo, em julho de 1930, ao discutir as incertezas da conjuntura pós-eleições presidenciais, realizadas em março do ano referido, ateve-se a setores da Aliança Liberal dispostos a impedir, recorrendo à "política do bacamarte", a posse de Júlio Prestes, o candidato vitorioso contra o aliancista Getúlio Vargas, *O Nordeste* temia por uma rebelião das turbas sob a direção do "credo revolucionário" do capitão Luiz Carlos Prestes, tido na conta de um "caudilho" ganancioso a soldo do "comunismo internacionalista". Neste instante e nos demais, o jornal dava seguimento a um discurso eivado de frases salvacionistas, cuja intensificação foi alavancada com o triunfo da Revolução de 1930 e Getúlio Vargas daria um basta nos equívocos da Primeira República, uma governança sem religião ao capricho dum agnosticismo atentatório. Vargas resgataria de vez a tradição católica do brasileiro.[45]

O espírito de cruzada norteava o conteúdo das publicações no *Suplemento do "Nordeste"*. Igualmente, primava por combater o bolchevismo, valorizando demasiadamente o lado institucional da Igreja Católica, pois qualquer outra perspectiva que não a hierárquica descartar-se-ia. Outrossim, notabilizava-se por publicar textos seguidos, verticalizando as

[44] Atividades subversivas. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 jul. 1935. Editorial, p. 1.
[45] Como salvar o Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 jul. 1930. Editorial, p. 1.

temáticas. Imerso na dinâmica de 1945 (processo de redemocratização, término da Segunda Guerra, deposição de Vargas, legalização do PCB, eleição presidencial, Assembleia Nacional Constituinte etc.), o *Suplemento* censurava o comunismo encarando-o como uma profissão de fé e é isso que será examinado nas próximas linhas.

Inicia-se com "O Comunismo e o Cristianismo", uma série de 16 números, assinados por M. F. (o jornal deixou de notificar a autoria e a fonte), circulante de 11 de agosto a 15 de dezembro de 1945. Nela, alguns subtítulos apresentaram o conteúdo a ser difundido: O comunismo é ateu, O comunismo anticristão, O comunismo odeia o Cristianismo, O comunismo não tem moral, O comunismo contra a família e A tirania comunista em Espanha. O primeiro artigo anunciou a tônica dos demais: "Se queres a paz prepara-te para a guerra justa e oportuna." Ou melhor, no Brasil, a implantação do bolchevismo significaria o sepulcro da nossa "independência nacional e cristã", proclamada em 1822, por Dom Pedro I, e a passagem do País à "escravidão" soviética.[46]

A partir de declarações atribuídas a Stálin ("Todo o nosso sistema é ateu e não pode tomar outro rumo") e a Lenin ("O homem que se ocupa em venerar a Deus suja-se na própria saliva"), M. F. passou a esvaziar, do ponto de vista religioso, ou seja, doutrina *versus* doutrina, o materialismo bolchevista. Se não de Deus, donde viria o "grande livro da natureza"? Questionou o autor, para deter-se na impossibilidade de um armistício entre Roma e Moscou. Em objeção às declarações dos dirigentes soviéticos, pontuava a lógica: dispondo de vigoroso arsenal e de uma rede de espiões, o Kremlin, ávido por dominar as nações livres política e religiosamente, envidava esforços para substituir o credo católico pela heresia materialista, consubstanciada na fingida tentativa de edificar o paraíso terrestre em detrimento do paraíso celestial.[47]

A rejeição ao ajuste entre cristãos e moscovitas prosseguia e M. F. advogou que a elite comunista se livrara de qualquer inibição moral, objetivando a manutenção do poder *ad eternum*, tal qual o conseguindo pelo Vaticano. A aristocracia bolchevique rompera com as pessoas e organizações tidas como inimigas, mediante prisões e torturas; no nível religioso, via opressão à Igreja Ortodoxa Russa.[48] Referendando o argumentado, trouxe a lume um axioma compartilhado por Mikhail Ivanovich Kalinin, presidente da URSS, de 1922 a 1946, e por Anatoli Vasilevitch Lunatcharski, Comissário do Povo para a educação, de 1917 a 1929:

[46] O Comunismo e o Cristianismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 6.
[47] O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo é ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8. O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo e a Religião. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 7.
[48] O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo anticristão. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 7.

"Nós odiamos a cristandade e os cristãos, e devemos considerar, mesmo os melhores dentre eles, como os nossos piores inimigos." O desdobramento imediato do ódio a clérigos e burgueses redundaria na brutal perseguição, a perder-se no horizonte, ao propalado clero reacionário: "vestidos de suas batinas, os padres morreriam lentamente pelas ruas e sob nossas vistas", pois "a loucura das multidões não tem regra, nem medida".[49]

Retrospectivo, M. F. ateve-se à Revolução Francesa (1789): o "espírito diabólico" propiciador da laicidade. Com a secularização, veio uma crescente profanação dos símbolos, da doutrina e dos espaços católicos, a ponto de Stalin, chefiando a secretária-geral do PCUS, instigar a população a transformar igrejas, conventos e capelas em salas de divertimentos públicos (cinemas, lojas etc.) e do programa da III Internacional, dirigida por George Dimitrov, ajuizar, anos a fio, a abolição do domingo, como um dia consagrado às orações. Consoante M. F., o intuito de Stálin e Dimitrov era atingir os píncaros da glória da bolchevização: aniquilar com os santuários; porém, a empreitada dos dirigentes comunistas, à semelhança do corrido com inimigos, até de poderes superiores aos moscovitas (judeus, maçonaria etc.), sofreria derrota e a Igreja Católica continuaria a levar a mensagem de Deus a locais civilizados e ermos (povoações rurais, sertanejas e serranas).

Ultramontano, M. F. reproduzia as críticas da Igreja Católica ao século XVIII, tempo de efetivação das liberdades de pensamento, de consciência e de religião. Dos papas, atinente à Revolução Francesa, coadunava-se com o pensamento de Pio VI. Ao reportar-se à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789, o pontífice escreveu em 1791: "Estabelece-se, como um direito do homem em sociedade essa liberdade absoluta, [...] que concede ainda essa licença de pensar, de dizer, de escrever [...] impunimente o que pode sugerir a imaginação mais desregrada – direito monstruoso." (PIO VI *apud* AURENCHE, 2005, p. 191). Cauteloso para 1945, notadamente para as eleições (Presidência e Assembleia Nacional Constituinte), o articulista preocupava-se com ardis dos "ímpios iconoclastas modernos", aqueles sedentos por destruir os santuários católicos, à época, os pecebistas e que os congêneres na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), dando vazão aos instintos "tártaros", atearam fogo nos templos devotados a Jesus Cristo.[50]

Desta feita, o enfoque de "O Comunismo e o Cristianismo" reportou-se à escolaridade. Moscou objetivava instruir crianças, adolescentes e jovens, do ensino primário

[49] O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo odeia o Cristianismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 6.

[50] O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo odeia o Cristianismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 6. O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo e o Santuário. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 12.

ao superior, aptos a obedecer docilmente aos escravagistas bolcheviques. Como pedra de toque do ensino, os educadores vermelhos optaram por retirar das aulas e dos compêndios alusões ao cristianismo, romano ou ortodoxo. Aos recalcitrantes, reunidos em bandos para cometer delitos, algumas autoridades educacionais intentaram aplicar a pena capital: o fuzilamento.[51] Para M. F., a escola da URSS possuía enormes "vícios", sob o controle de Lunatcharski. Facultava ao alunato livre acesso a revistas e livros pornográficos. Juntava em grupos de estudos ou de amizade, estudantes "inocentes" com aqueles versados nos ensinamentos adquiridos com professores "satanizados". Permitia que cinquenta por cento das crianças de menos de 14 anos sofressem toda sorte de doenças "vergonhosas".[52]

Anatoli Vasilievith Lunatcharski, em 1903, aderiu ao bolchevismo, tornando-se figura de proa no grupo, ao lado de Lenin e de Trotsky; no entanto, tencionava conciliar marxismo com religião. Com a vitória da Revolução em 1917, tornou-se o Comissário do Povo para a Educação, até 1929, e balizador-mor da escola soviética. Lunatcharski instituiu o trabalho como princípio educativo e criou os Conselhos de Escola. O trabalho produtivo, como método de ensino e atividade socialmente necessária, deveria ser executado com interesse, sem desencadear uma ação violenta na criança. O Conselho como o órgão responsável pela autogestão escolar agregaria trabalhadores da escola, representantes da população contemplada pela unidade educativa, alunos das séries finais e um representante governamental do setor de ensino (GADOTTI, 1993, p. 124-125).

Sem avaliar o quão autoritário e burocrático foi o socialismo real soviético, principalmente, no stalinismo e sem entrar no mérito quanto à concretização do modelo de educação formulado por Lunatcharski, entretanto baseando-se:

- em Gadotti (Conselho de Escola, autogestão escolar);
- num documento chancelado por Lunatcharski, no começo do governo bolchevique, intitulado "Da Educação Popular", no qual pôs em destaque a "criatividade das massas" (REED, 2010, p. 443-448);
- no estudo de Daniel Aarão Reis Filho, entre 1928 e 1941, o total de diplomas universitários cresceu de 233 para 908 mil. No ensino secundário, o salto aferido foi de 288 mil para 1,49 milhão de diplomas. Entre os matriculados nas *rabfaks* (faculdades proletárias), houve um aumento de cerca de 50 para 288 mil, em quatro anos, de 1928 a 1932. Tudo isso concebido

[51] No correr da série, M. F. relatou apenas uma vez a possibilidade de tal proposta ser efetivada. Sem tecer maiores explicações (local, se em livro ou homilia ou concílio etc.), atribuiu ao padre Antônio Abranches a autoria desta informação, proferida em 1929.

[52] O Comunismo e o Cristianismo – O Comunismo na Escola. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8. O Comunismo e o Cristianismo – Escolas Superiores Soviéticas. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

via ensino universal e gratuito em todos os níveis, sem falar nos estímulos ao aprendizado prático, aos métodos de ensino a distância, por correspondência, ou ao ensino noturno nas faculdades operárias (REIS FILHO, 2003, p. 94);

- nas declarações imputadas ao Comissário do Povo para a Educação, datadas de 1929 e publicadas, conforme M. F., no jornal moscovita *Izvestia* (Novidades), em que Lunatcharski advogava a exclusão dos mestres religiosos das escolas.

Entende-se o porquê das severas críticas de M. F. à educação soviética. A URSS, conclusa a Segunda Guerra Mundial, saía engrandecida, por ter praticado uma "verdadeira" "desnazificação" e ser a "encarnação" do progresso (FERRO, 1984, p. 84), isso em dimensão macro, e, no Brasil, angariando exaltação no transcurso da beligerância: "Olha a esperança à frente dos exércitos, olha a certeza. Nunca assim tão forte. Nós que tanto esperamos, nós a temos com o russo em Berlim." (ANDRADE, 2011, p. 172). Aos olhos deste expositor católico, a URSS, objetivamente, tornava-se habilitada a superar a civilização ocidental-cristã em termos escolares: "Comparai essa educação com a educação cristã. O Cristianismo ensina tudo ao contrário do comunismo."[53] Para M. F., no pós-Segunda Guerra, o marxismo e o sovietismo desfrutaram de um prestígio inédito, daí os ataques a Moscou enaltecendo o catolicismo – "o comunismo não tem moral", "o comunismo contra a família" e o "o comunismo e a pátria" – nos últimos temas da série.

Os "infalíveis" anjos tutelares do Brasil, valorosos auxiliares dos jesuítas, Manuel da Nóbrega e José Anchieta, na etapa colonial, fase de transformação das "selvas" em "jardins da Igreja e viveiro do Céu", orientariam, com certeza, acreditava M. F., os atuais dirigentes da "grande nação latina da América do Sul e do Cruzeiro" a destruir as maquinações soviéticas. Do contrário, se as autoridades constituídas negassem o chamado divino, o "Brasil Católico" seria atingido à semelhança de grandes tragédias: o ocorrido ao planeta Terra com o Dilúvio, narrado pelo texto bíblico ou a morte, aproximadamente, de 1.523 pessoas no Titanic, o presunçoso navio "inafundável" ou a erupção vulcânica de 1902, na Martinica, "vitimizadora" de quase 30.000 pessoas ou a catástrofe de Sodoma e Gomorra, destruída por Deus, com fogo e enxofre, dada a sua libertinagem.[54] A propósito, advertia M. F., na URSS as orgias campeavam aos borbotões, ao sabor das teorias de Alexandra Kolontai.

A bolchevique histórica, Alexandra Kolontai, com a vitória da Revolução em 1917, tornou-se Comissária do Povo para a Assistência Pública. Nesta incumbência, interveio

[53] O Comunismo e o Cristianismo – Escolas Superiores Soviéticas. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

[54] O Comunismo e o Cristianismo – O comunismo não tem moral. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

na construção da igualdade jurídica entre homens e mulheres. Coube à Assistência Pública, em 1918, organizar o primeiro Congresso de Mulheres Trabalhadoras de toda a Rússia. Durante o VII Congresso do Partido Bolchevique (1918), apresentou voto desfavorável à Paz de Brest-Litovski e tal posição lhe acarretou a perda de cargo no comitê central do partido. No ano de 1919, Kolontai passou a compor os quadros da Oposição Operária, agrupamento de críticas à burocracia instalada no Partido Comunista, reivindicando a gestão coletiva nas fábricas, a liberdade de expressão e participação ativa dos sindicatos proletários. A partir de 1922, dedicou-se à carreira diplomática, falecendo em 1952 (KOLONTAI, 1980).

Até a década de 1920, a URSS incluiu normas progressistas na legislação, atinente ao direito de família (casamento, divórcio, aborto, natalidade etc.) e ao Direito do Trabalho. A reação conservadora, dos anos 1930 em diante, tendeu a abandonar as inovações originárias da cepa revolucionária de 1917, e, apesar disso, a família patriarcal continuou sofrendo abalos. Não obstante o discurso oficial, nivelador e de incentivo à participação de jovens e mulheres no mercado de trabalho, persistiam na sociedade soviética diferenças sociais entre gerações e os gêneros; entre os proletários migrantes e os urbanizados, estes de segunda geração. Os ganhos na educação e saúde públicas passavam longe das relações laborais, norteadas pelos estímulos materiais à obtenção de resultados, via trabalho compulsório. Em 1937, o salário médio real correspondia a pouco mais da metade do pago em 1928, atestando uma degradação na vida dos operários (REIS FILHO, 2003, p. 95). Com efeito, no imediato pós-Segunda Guerra, em prol da reconstrução pátria e no auge stalinista (1945-1953), em prol da defesa nacional, as grandes linhas dos planos quinquenais dos anos 1930 foram retomadas e com o tradicional rigor (REIS FILHO, 1997, p. 170).

Alheio ao autoritarismo stalinista (1922-1953), e, consequentemente, à reação conservadora refratária às mudanças dos primeiros anos da Revolução de 1917, M. F. contestava as teses encabeçadas por Alexandra Kolontai no Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) de 1924 e na legislação familiar na URSS de 1945. Kolontai, a "libertina", aconselhava o emprego da família universal proletária em contraposição a família tradicional nuclear. Aquela brotaria dos prazeres do amor livre; aboliria o sentimento de posse dos pais para com os filhos e libertaria a mulher para dedicar-se à causa da revolução, tornando-a igual aos homens. Já a legislação bolchevique corrente prescrevia a "socialização das mulheres" a partir dos 18 anos, o fim do casamento e a outorga do sexo feminino à condição de "propriedade" nacional. Aos homens e às mulheres facultavam-se a opção da poligamia e da poliandria. Surgindo filhos, tornar-se-iam bens do Estado, submetidos à coeducação, particularidade de todo o sistema educacional da URSS, desde Lunatcharski.

Em 1945, na Suécia, a embaixadora Alexandra Kolontai reclamou para as mães "o direito de matar seus próprios filhos no espaço de 24 horas depois de nascidos". Na conta de M. F. um paroxismo descomedido, haja vista existir a ampla permissão e gratuidade do aborto nos hospitais da Rússia bolchevista. Dirigindo-se ao coração feminino das cearenses, o articulista indagou: "E haverá mulher que consinta em descer por tão infame sistema abaixo do nível em que a mantinha outrora o gentilismo greco-romano?"[55] Com isso, M. F., censurando Kolontai, passou a definir o marxismo como uma extensão do culto a Dionísio (deus das videiras, do vinho, das festas campestres, dos ciclos vitais, nascimento, morte, renascimento, e da fecundidade humana, animal e vegetal, e do delírio místico) que, por meio da esbórnia, equiparava os ebriosos à deidade, na Grécia Antiga. Matar por meio do aborto significava dotar os homens de um poder unicamente atribuído ao Deus católico, significava divinizar os humanos, e quebrar o elo de confiabilidade de Deus para com a criatura. E, no caso do Brasil, nascido sob a cruz do Cristo e pelas mãos de fé dos jesuítas, denotava ferir de morte o patriotismo, uma virtude cívica e cristã.[56] Saliente-se que, nos cultos dionisíacos, as mulheres eram a maioria (KORTE, 1999, p. 182).

As mulheres desempenharam papel impar no sucesso da Liga Eleitoral Católica nos anos 1930 (ver capítulo 3). A proeminência atribuída ao feminino permaneceu nas edições do *Suplemento do "Nordeste"*. Escrita dum jeito direto e sentimental, a "Carta aberta à mãe brasileira" procurou tocar no âmago da sensibilidade maternal. Dirigia-a ela "que chorou de felicidade quando dois bracinhos mimosos lhe rodearam o pescoço". Na sequência, a Carta conclamou: "é a você que compete lutar para defender a sua felicidade, o amor do marido e o futuro dos seus filhos". O triunfo das filhas de Maria passava, irrevogavelmente, por impedir a filiação dos cônjuges e filhos ao comunismo. Exitoso, o bolchevismo igualaria "você as mulheres que se dão sem amor a todos os homens". A tarefa exigia o máximo de dedicação e ausência de hesitação! Falhando as tentativas de indução, restava o choro doído: "Deus não é insensível ao pranto das mães." Do pranto viria o resultado: "Porque das lágrimas das mulheres é que nascem os heróis."[57]

Padre Florêncio Dubois, professor do Seminário Metropolitano Nossa Senhora da Conceição, de Belém-PA, mudou o enfoque: desprezou o tom sentimental e lançou mão de

[55] O Comunismo e o Cristianismo – O comunismo contra a família. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 6.

[56] O Comunismo e o Cristianismo – O comunismo e a Pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 6. O Comunismo e o Cristianismo – A tirania comunista em Espanha. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 dez. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8. O Comunismo e o Cristianismo – Triunfo do Cristianismo em Espanha. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 dez. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

[57] A mulher brasileira e o comunismo – Carta aberta à mãe brasileira. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

narrações abordando os abusos ao corpo feminino na URSS. Iniciou atribuindo a Alexandra Kolontai o desprezo à maternidade: "A mulher, se ama os filhos, não é senão uma cadela." A máxima – O pudor é um preconceito burguês! – com o sovietismo, materializava-se: tentaram o nudismo ao bel-prazer dos andarilhos nas ruas, em restaurantes ou nos transportes públicos, despontando a contrariedade dos escassos pudicos, surgiu o permitido: nudez balnear. O avançar no universo das mulheres contava com aliados: as prostitutas e a coeducação. Cabiam às meretrizes levar as honestas, especialmente, solteiras e viúvas, à devassidão: o amor livre ou o amor forçado. Das escolas soviéticas, as jovens saiam descristianizadas, pervertidas na sexualidade e na alma. Indo às fábricas, sofriam violações dos chefes. Arrematando, Dubois recordou das sevícias às filhas de Maria no Brasil: em 1935, no Levante Militar Comunista, os amotinados invadiram escolas femininas em Natal-RN.[58]

No Brasil, na sociedade doméstica, a família nuclear e a submetida ao pater-poder, condizia com o projetado pelo jornal *O Nordeste*. E na URSS, qual o ideal de família e de mulher? Questionou frei Afonso Maria. Lá, por entravar a revolução, a família, fruto da moral burguesa e afiançada pela Igreja Católica, deveria perecer, ajuizara a Federação Feminina Comunista (FFC), reunida em 1925. Em resolução de 1924, a FFC decidira: "É preciso destruir nela o sentimento egoísta e o instinto maternal. A mulher não passa de uma cadela... enquanto amamenta os filhos." Quebrada a união matrimonial, o pecado cadaverizava a pretérita Rússia czarista. Irrompia a frenética busca ao prazer sexual, o desprezo à prole e a queda da natalidade, por meio do infanticídio e do aborto.

Amparando-se em estatísticas colhidas em anos distantes de 1945, frei Afonso asseverou: "o inferno soviético é um maravilhoso campo de cultura da imoralidade". Citando a Universidade de Smolensk, expôs o crescimento do infanticídio: em 1909, no Império, 376; em 1925, no bolchevismo, 1.120. Com substratos do jornal *Gazeta Vermelha*, o sacerdote enumerou o número oficial de abortos de 1925: de mil parições, 302 abortos. Do *Izvestia*, mostrou as estatísticas governamentais concernentes à prostituição de 1923, na cidade de Leningrado: de 53 mil meninas menores de 16 anos, 80% haviam sido prostituídas. Do *Catholic News*, da Inglaterra, sem informações precisas de 1931: o "aterrador", meninas de 12 e 15 anos, mães ou em vias de tornar-se abortando duas ou três vezes ao ano.[59]

---

[58] A honra da mulher, outra grande vítima do comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8. Padre Dubois utilizou como fonte ao referir-se à Alexandra Kolontai a obra de Otávio de Faria, *Destino do Socialismo*; sobre o nudismo, o livro de Soares d'Azevedo, *O que vi em Moscou*.

[59] A família na Rússia soviética. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 7.

A admissibilidade do aborto, da coeducação e do divórcio na URSS gerava enormes resistências nas páginas d'*O Nordeste*. O jornal propugnava que as filhas de Maria fossem submetidas a uma instrução antimoderna, sob a óptica do catolicismo ultramontano e apropriado a transformá-las em zelosas educadoras da prole e fiéis aos maridos. As pesadas críticas à Proclamação da República (1889) revelavam a completa repulsa à laicização do ensino. A ojeriza às mudanças no *status* da mulher eram analisadas, considerando-as destituídas da condição de agentes da história, elas deveriam passar imunes às contradições sociais, às mudanças políticas e aos percalços da economia. Elas eram susceptíveis a cair nos ludíbrios eleitorais; os homens, quase não! Então, persistia nas páginas d'*O Nordeste* a precaução: "Como educar sem corromper as jovens no contato com o 'nefasto' mundo moderno, perigoso, indesejável de certa forma, mas sempre presente e impostor?" (MANOEL, 1996, p. 54). Isso explica, por exemplo, as resistências d'*O Nordeste* ao voto feminino, só aceitando-o premido pelas circunstâncias: acatar as determinações do Código Eleitoral de 1932 e o fortalecimento da Liga Eleitoral Católica, ante as disputas com o Partido Social Democrático, localmente apoiado pelo jornal *O Povo*.

A educação de homens e mulheres na escola ou na família, o comportamento privado ou público dos cidadãos deveriam obedecer ao primado: "Não estamos condenados, para a obtenção do pão material para saciar nossa fome física, à renúncia aos valores do espírito e à morte por inanição moral." Retirado da Carta Pastoral do episcopado do Rio Grande do Sul, de julho de 1945, esta admoestação, de acordo com o *Suplemento*, caso adotado à risca, evitaria a contaminação do Brasil por "um credo anti-humano e anticientífico", o materialismo dialético. Nele estaria embutida uma crença na luta de classes, na utópica igualdade econômica para resolver a questão social, na vida resumida ao biológico e no trabalho como fator exclusivo de produção da riqueza.[60]

O Nordeste, estabelecendo modelos simbólicos para homens e mulheres, alimentava o marianismo, aqui definido como um estereótipo oriundo da veneração à Virgem Maria. O periódico referia-se ao feminino atribuindo-lhe a qualificação filhas de Maria. Ao longo do período pesquisado (1930-1945), o jornal expressou a percepção de que a mulher adensava o núcleo moral da sociedade, revelando-se, sobretudo, nos sentimentos, nas orações; ao homem reserva-se o espaço público. Dela dependia a regeneração da sociedade. O marianismo do órgão arquidiocesano patenteava uma leitura machista de sociedade. A força espiritual engendrada pelas mulheres revestia-se em abnegação, quer dizer, as filhas de Maria

[60] Não estamos condenados. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 6.

possuíam uma capacidade infinita de humildade e de sacrifício em nome da pátria e da família (ARY, 2000, p. 72-73).



SUPLEMENTO DO «NORDESTE» — 4 PAGINAS

HITLER E PRESTES

(Semelhanças impressionantes)

O partido comunista brasileiro-russo afirma querer galgar o poder por MEIOS DEMOCRÁTICOS. Por uma vitória eleitoral, portanto. E depois? E depois ha de continuar a democracia?

—Não!

Depois acabar-se-á a Democracia, pois os comunistas, sendo totalitários, não admitem outras opiniões organizadas.

O ex-fuehrer Adolfo Hitler, do ex-partido nazista, do ex-Terceiro Reich, deu ao mundo uma lição clássica, de como se sobe ao poder, por meios democráticos, depois de malograda uma intentona

E o lider comunista brasileiro-russo está lhe seguindo admiravelmente as pegadas. Acompanhai o paralelo e tirai as conclusões, enquanto é tempo

HITLER PRESTES HITLER PRESTES HITLER PRESTES

FIGURA 2 – Hitler e Prestes

Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, 8 nov. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 7.

O *Suplemento* traçou um quadro de semelhanças envolvendo Adolf Hitler e Luiz Carlos Prestes. Acima, uma destas matérias.[61] Noutra, tachou Prestes e Hitler de personalistas e ludibriadores da boa fé católica, por difundirem fraudulentas políticas de apaziguamento. Em 1933, o nazista até se congraçara com o Vaticano, usufruindo de concordata, o que não o impediu de perseguir cruelmente a Igreja Católica, na Alemanha e nos países conquistados. Hitler e Prestes assemelhavam-se em gravíssimas artimanhas, com expressivo risco à continuidade da Igreja Apostólica Romana: construir igrejas próprias. O primeiro tentara edificar a Religião Nacional Alemã; o segundo buscava erigir a Religião Católica e Nacional Brasileira. O *führer*, em substituição ao crucifixo, adorara uma trindade assentada na cruz gamada, na raça germânica e na mística do Estado ariano. Prestes, divinizava as massas, a República Socialista Soviética do Brasil e o Estado universal, com capital em Moscou. No "paraíso comunista brasileiro", acenava Prestes, implantar-se-ia a tolerância religiosa: ledo

[61] **O Nordeste**, Fortaleza, 8 nov. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 7.

engano! O vivenciado na URSS apontava em sentido oposto: pedagogia ateística; religião, o ópio do povo; liquidação sem piedade dos cleros ortodoxo e romano.[62]

Pina Manique, ao repelir a política de estender a mão a todos os crentes, um verdadeiro "canto de sereia", propagandeado por Luiz Carlos Prestes, vinculou o comunista brasileiro ao ex-bispo de Maura, sacerdote excomungado pelo papa Pio XII, em 6 de julho de 1945. Manique, embora omitindo no decorrer do texto o nome do prelado insurgente, referia-se a Dom Carlos Duarte Costa, fundador da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), organizada pelo religioso ao romper com o Vaticano. No instante da excomunhão, Dom Carlos fundou a ICAB e lançou o "Manifesto à Nação: Igreja livre no Estado livre". Abstendo-se de tecer comentários de como se daria a unidade comuna-religiosa, Manique definiu o bispo rebelde: "tenta, ridiculamente, fundar uma religião católica e nacional brasileira, indiscutível atentado à nossa civilização e à nossa fé". Em tempo: falta registro do pacto Prestes-ICAB em Carone, Basbaum, Moraes & Viana, Prestes e Segatto.

Azzi (2008, p. 280) somente atribuiu a fundação da ICAB ao "nacionalismo exacerbado", provocado pelo ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, descartando, em consequência, a atuação política além Igreja de Dom Carlos, que presidiu em 1945 o Partido Socialista Cristão. Há várias décadas, explanava Azzi, membros do clero secular apresentavam insatisfações ante um dos desdobramentos do processo de romanização do catolicismo no País: vários religiosos europeus passaram a ocupar a direção de muitas paróquias e santuários de devoção popular, disso resultante a perda de identidade da Igreja no Brasil. À frente do bispado de Botocatu-SP, assumido em 1924, Dom Carlos alinhou-se com os nacionalistas e passou a desenvolver sua ação pastoral neste sentido. Em 1932, na Revolução Constitucionalista, assumiu posição pública a favor de São Paulo, contra o presidente Getúlio Vargas, organizando, aliás, um batalhão patriótico que desfilou em Botucatu, revestido das insígnias pontificais. Acusado de má administração financeira da diocese, foi afastado do bispado em 1937, ficando com o título honorífico de bispo de Maura, uma extinta diocese do norte da África.

Passando a residir na cidade do Rio de Janeiro, capital federal, empolgado com o nacionalismo do Estado Novo, Dom Carlos acusava de nazistas os franciscanos alemães e

[62] "A quadrilha de Hitler" e os processos de Prestes: onde os extremos se tocam. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 jul. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 5. **O Nordeste** atribuiu a Pina Manique a autoria do texto. Era bastante comum nas edições do Suplemento a omissão de informações referentes aos autores dos escritos. No artigo em questão, acredita-se tratar de um pseudônimo em homenagem ao magistrado português Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805), que no reinado de Maria I (1777-1816), em Portugal, ocupou a intendência-geral da Polícia. Nesta, perseguiu de forma implacável os adeptos do ideário da Revolução Francesa; criou o serviço de inspecção sanitária das meretrizes; fundou a Casa Pia (1781), destinada a abrigar mendigos e órfãos. (Dados de Pina Manique em http://www.arqnet.pt/dicionario/pinamanique.html)

utilizava-se do vernáculo nacional nos cultos. Dirigindo-se a Vargas, em 1942, por meio de telegrama, identificou no clero estrangeiro um perigoso inimigo do Brasil e solicitou ao presidente sua expulsão do País. Ciente do fato, Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, minimizou o episódio e reafirmou a posição oficial do episcopado – a permanência dos clérigos estrangeiros – e obteve a concordância do Executivo federal. Em 1943, Dom Carlos foi desautorizado pela Santa Sé. O alinhamento da hierarquia clerical brasileira com o Estado Novo getulista impediu que a atuação de Dom Carlos alcançasse uma expressão nacional de vulto na ambiência católica (AZZI, 2008, p. 280).

Detendo-se, contudo, na leitura de dois escritos de Dom Carlos Duarte Costa, o prefácio ao livro "O poder soviético", do reverendo Hewlett Johnson, deão de Canterbury, na Inglaterra (1943, e o "Manifesto à Nação: Igreja livre no Estado livre" (1945), texto de repulsa a sua excomunhão, chega-se a uma conclusão diferente a de Azzi, malgrado o nacionalismo do prelado. No prefácio, o sacerdote brasileiro expressou afinidades com a União Soviética: "Tudo está modificado na Rússia. A liberdade de culto existe sem limitação. A crença na ciência é um fato inconteste. O respeito à dignidade humana está crescendo de modo notável. [...] A Rússia, soldado ao serviço das Democracias, contra os tiranetes totalitários". O entendimento de Dom Costa refutava os extremos: nem o paraíso dos materialistas dos cafés, nem o inferno das religiões de embuste. Na URSS, agia honestamente um partido disposto a organizar um povo, proporcionando-lhe melhor gerenciamento, coisa nunca ofertada na história dos russos. Ao cabo, enfatizava o bispo, via-se no bolchevismo a eliminação dos seis entraves à justiça social: o comprador do trabalho humano, o atravessador encarecedor, o jogo, o protecionismo alfandegário, a pluralidade de imposto e o lastro-ouro.

As deduções de Dom Carlos no "Manifesto à Nação" apresentaram profundas discordâncias com o Vaticano. Idêntico a uma carta de princípios, o documento começou por discordar do poder do papa Pio XII de excomungá-lo, posto ser um bispo como ele. Em contíguo, tratou da democracia religiosa, instrumento pelo qual, até o século XII, leigos e sacerdotes ombro a ombro elegiam o corpo diretivo da Igreja. Por alimentar a desunião do episcopado, aceitando os sufrágios dos cardeais italianos e chegando ao papado, Pio XII estava se segregado da "verdadeira" Igreja de Cristo. Referente às diretrizes de Roma na Segunda Guerra, Dom Carlos acusou-a de optar pelo nazi-fascismo, uma decorrência natural da estrutura do Vaticano, toda ela fascista. Portanto, exaltar a infalibilidade papal correspondia a estimular a decadência da Igreja e esconder os crimes praticados por Pio XII na Segunda Guerra.

Dom Carlos identificou os motivos de sofrer a excomunhão. O primeiro deles: ter prefaciado o livro "O poder soviético", qualificando a Rússia de esteio à democracia. O segundo: ter denunciado o conluio do episcopado brasileiro, unido aos demais episcopados das nações americanas, com os ditadores António Salazar, de Portugal, e Francisco Franco, da Espanha, visando a fortalecer a onipotência papal após a Segunda Guerra nos países do Continente Americano. O terceiro: ter proposto o arquivamento de encíclicas pró-capitalistas (*Rerum Novarum, Quadragesimo Anno, Divini Redempotoris*) na perspectiva de se buscar a implantação plena da justiça social. Antes da execração, relatou o sacerdote, estivera preso a pedido do núncio apostólico no Brasil e do arcebispo do Rio de Janeiro, mancomunados com um grupo de fascistas brasileiros. Consumada a prisão, veio o fichamento: comunista.[63]

A efetivação da justiça social passava, necessariamente, pelo reconhecimento do direito à vida, ao trabalho e ao uso da terra às massas. Ao proteger a propriedade privada, a Igreja resguardava o patrimônio da Cúria Romana. Leão XII equivocara-se ao alardear a função social da propriedade, igualmente Pio XI. Ambos, por certo, acabaram privilegiando a manutenção da sociedade capitalista em detrimento da coletividade, ultrajando, enfim, a dignidade do trabalho produtor de riquezas. Caberia ao Estado, opinou Dom Carlos, estabelecer a nacionalização da terra, abolir os vários monopólios, ampliar a renda social e, gradualmente, realizar os ideais do socialismo. A concretização de tais propostas respeitaria a liberdade individual e a humanidade, certamente, elevar-se-ia a culminância do Cristianismo e o Reino de Deus desceria sobre a Terra.

No epílogo, o "comunismo cristão": concórdia entre todas as religiões; garantia absoluta de liberdade civil política, filosófica e religiosa, não permitindo ser qualquer pessoa inquirida, sob nenhum pretexto, a respeito de suas crenças; admissão do divórcio, possibilitando a moralização da família; abolição do celibato clerical, antes o casamento de padres, do que papas, cardeais e bispos vivendo em concubinato; permissão aos sacerdotes de terem uma profissão civil ou militar; todos os ritos religiosos em língua vernácula; separação da Igreja Romana, a fim de restabelecer a Igreja de Cristo na sua pureza; bispos eleitos pelas comunidades religiosas de cada diocese; os bispos são autônomos nas suas dioceses; em seguida aos crimes perpetrados pelo Vaticano na Segunda Guerra, não é mais possível que o mundo leve a sério essa organização de "falsários e mistificadores", que vêm "mentindo e enganando" a humanidade, desde a lista dos papas, onde figuram papas que nunca existiram, até o martirológio e o calendário dos santos.

[63] Dom Carlos Duarte Costa evitou citar o nome do núncio apostólico no Brasil, Benedetto Aloisi Masella, e do arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme.

Discorda-se de Azzi (2008, p. 280), por atribuir unicamente a um nacionalismo "exacerbado" a ruptura de Dom Carlos Duarte Costa com o Vaticano e com o papa Pio XII. Nacionalista, sim. A época propiciava esta adesão. Havia a ditadura estadonovista (1937-1945), à frente o presidente Vargas, disseminando ufanismo patriótico na condução desenvolvimentista do Brasil; existia a luta antifascista identificando nos integralistas a representação local do Eixo Roma-Berlim-Tóquio; deu-se a agressão nazista a navios brasileiros, o móvel oficial da entrada do País na Segunda Guerra, ao lado das tropas aliadas (EUA, URSS, França, Inglaterra). A despeito disso, a posição de Dom Carlos hostil à intromissão papal nos governos das nações, numa clara aversão à romanização; a defesa em prol do vernáculo nacional nas cerimônias religiosas, no sentido de levar o Evangelho ao povo; a abolição do celibato, a implantação do divórcio e o descarte de dogmas vaticanistas etc. objetivaram a edificação da fraternidade evangélica, expressão utilizada por Dom Carlos no "Manifesto à Nação" (1945). Objetivava-se fundar outra Igreja, calcada no comunismo cristão: "Igreja Livre no Estado Livre. Tudo por Deus. Tudo por Cristo. Tudo pela Pátria."[64]

A satanização dos comunistas evidenciava-se em alguns artigos do *Suplemento* e retratando uma feição unilateral: o Diabo *versus* o Divino. Em nenhum texto, o Diabo aparecia, como no Juízo Final, castigando os pecadores a mando de Deus. Nesta situação, o Diabo tem o próprio ofício e trabalha em impecável sintonia com os poderes santos. Nem inimigo nem suplício, o Diabo torturando os pecantes reforça a máquina de julgar celestial. O efeito é o medo. Sem apelação, os culpados serão apenados: bispo ou rei, pobre ou rico, negro ou branco, ninguém em pecado escapa! Enganar Jesus Cristo ou sua Igreja, jamais! A justiça é cirúrgica e contundente! Maniqueísta, o *Suplemento* valia-se do princípio do Apocalipse: uma luta entre oponentes. No caso, a concepção medieval do Apocalipse: a expulsão do Diabo do Céu. Tratava-se duma guerra na qual o perdedor era expulso e sem possibilidade de retorno. Consumado o desterro, obtinha-se a pureza. Aos crentes, a salvação, todavia, submetido a pressão, à custa de temor constante (LINK, 1998, 47; 99).

À luz do catolicismo social – não ao liberalismo, não ao socialismo e sim à caridade evangélica e à harmonia capital-trabalho – o *Suplemento* descreveu a gênese do marxismo: deixou o umbigo no inferno. Com isso, Satã ganhava fôlego a cada investida dos bolcheviques no mundo, largo mundo. Os moscovitas, iludindo os ignorantes, os pobres e os oprimidos, usurpavam os princípios eternos do cristianismo. Logo, para o padre jesuíta Arlindo Vieira: "Não basta desmascarar o comunismo, mostrando seu espírito luciferino que

[64] Manifesto do bispo de Maura em: http://bispodemaura.blogspot.com.br/2007/06/o-manifesto-do-bispo-de-maura.html.

defende a democracia, sendo ele o mais odioso regime totalitário que nunca viu o mundo. É necessário mostrar que a Igreja tem uma moral social, tem uma moral política".[65] Assim, qual a serventia do Estado no capitalismo periférico ou central, indagava Vieira? Intervenção "moderada" para fomentar o bem comum, o direito dos operários de se inscrever no sindicato de sua escolha; em certos casos, conceder permissão de os trabalhadores de fazerem greve, intermediar a favor do salário justo e tolher o amoralismo nos negócios. Ademais, caberia ao Estado manter a legitimidade do direito da propriedade e o direito de sucessão como requisitos substanciais ao progresso das nações ricas, pobres ou remediadas.

O acossar aos moscovitas deveria ter ritmo incessante. Análogo a Satanás, apossando-se de máscaras católicas, transmutando-se em anjo de luz, pregando uma religião de trapaças e evocando o poder das trevas, o bolchevismo deitava prosa a expensas do prestígio da União Soviética, apreciava padre Saboia de Medeiros. Aos adversários, tachava-os de reacionários fascistas, disparando intolerâncias, bravatas e impropérios. Com tais ardis, contraditoriamente, os moscovitas se colocavam ao lado dos trabalhadores, defendendo reivindicações justas e, muitas vezes, ancoradas no catolicismo social (elevação salarial, liberdade sindical, redemocratização, o Brasil estava saindo do Estado Novo getulista etc.). Só que assumindo o hodierno *status* de "anticristo apocalíptico": queria a democracia para transformá-la em ditadura do proletariado no futuro breve. A perseguição à militância sovietizada desencadeava um prélio avivador da religiosidade calcada na tradição cristã dos idos coloniais, no culto a Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil, e na ligação dos homens a Jesus Cristo, no dizer da infalível Divina Providência. O comunismo, uma das tantas "concreções diabólicas", debelar-se-ia, recomendava Medeiros, passando-se a "foice no cipoal", cercando a "fera" e, derrotando-a com o "suor do rosto" e com "calos nas mãos".[66]

Uma unidade, uma moeda, na cara, o Anticristo; na coroa, o Demônio ou vice-versa. Eis a representação cotidiana do monstro do Mal no *Suplemento*. *Grosso modo*, inexistia nos autores cristãos uma visão exata do Anticristo. Certas vezes, fusão, amalgamada ao Demônio ou Anticristo como um derivado do Demônio ou um ser humano possuído pelo Diabo ou um legítimo filho de Satã. Pretendendo ser divino, o Anticristo lideraria na Terra os exércitos infernais na batalha derradeira contra Deus. Consigo, o Anticristo traria guerra, pragas, fome e destruição. O horror ganhava narrações apocalípticas, propiciando, por parte dos cristãos, a imposição de um rígido código moral, pois o Diabo estava solto! Embora

[65] O meio por excelência no combate ao comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 5. Segundo informou **O Nordeste**, este artigo foi publicado originalmente no jornal **Correio da Manhã** (RJ), em 21 de outubro de 1945.
[66] Os reacionários. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 5.

ciente da vinda de Jesus, com o intuito de salvar o homem do poder do Diabo, a Igreja, para garantir sua continuidade, esquivava-se de ostentar a derrota definitiva do Demônio. Surgia a aterrorizante certeza da existência de uma conspiração sobrenatural antagonizando-se ao êxito do Salvador. O poder de Satã sobre a humanidade havia-se rompido parcialmente com a interveniência terrena do Cristo, mas o Diabo permanecia um formidável oponente. Capturar almas em profusão, despojando-as do dom divino, negando os homens a Deus e Deus aos homens, alimentava o inimigo e seus descendentes (NOGUEIRA, 2000, p. 77-78; 41).

Padre Dubois retratou como a Providência Divina fazia justiça na URSS e contou uma nova versão para os expurgos stalinistas, cujo desdobramento levou à morte importantes dirigentes bolcheviques: Kamenev, Zinoviev, Trotsky, Bukharin etc. O professor do Seminário Metropolitano Nossa Senhora da Conceição (Belém-PA) expôs a dualidade do regime soviético: Lenin massacrara os brancos (mencheviques e czaristas); Stálin trucidava os vermelhos. Lenin instalara a Revolução Russa até 1924, com o comunismo de guerra, vencendo a guerra civil, derrotando os exércitos inimigos e matando torpemente a família Romanov. Por seu turno, Stálin prendia, fuzilava, suicidava ou aniquilava os colaboradores de Lenin, aos jorros. Perseguia adversários, quer ilusórios, quer reais, através da "sinistra" *Tcheka*, a polícia política. Em moto-perpétuo, as perseguições, as mortes e os paredões instalavam a paz tumular, donde vinha a consumação: "Quando o diabo cospe no ar, o cuspe lhe cai sobre o nariz." Via-se na URSS, debaixo dos auspícios da Providência Divina o demudar-se: os assassinos eram assassinados.[67]

O caráter do povo russo foi apontado em alguns artigos como um traço essencial para a concretização do axioma: "para o comunismo só a matéria existe, o espírito é um mero atributo da matéria; o materialismo é a divinização da matéria".[68] O caldeamento de raças gerou uma população bruta e absorvida inteiramente pela quimera: livrar-se a qualquer custo dos governantes autocráticos. Polacos, caucasianos, turcos, judeus, escandinavos, alemães com os autóctones submetidos à miscigenação de raças, crenças, costumes, religiões e sentimentos, vivendo à mercê dos tiranos czares, tornaram-se um povo de índole essencialmente sediciosa, já que assolado por levas de desempregados, ladrões, anarquistas e prostitutas. Surgiam demagogos em todos os recantos para acirrar o ânimo das "multidões tresloucadas". A agitação redundou por arraigar nos insurgentes as formulações marxistas, do

[67] A grande vítima do comunismo é o próprio comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.
[68] LEVY JR., Maurício. *Comunismo e Religião*. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

tipo: Proletários de todos os países, uni-vos![69] Com elas, adveio um ódio dos pobres, em grande parte, analfabetos contra ricos, nobres, burgueses e os escalões religiosos. Por fim, a Rússia, sofrendo ininterruptas e humilhantes derrotas na Primeira Guerra Mundial, facilitou a ação dos bolcheviques: o povo iludido armou-se, lutou e derrubou governos; o czarismo, em fevereiro, e o de Kerensky, em outubro de 1917.[70]

A "Carta aos operários cristãos", assinada, singelamente, por "um proletário cristão", dentre os muitos textos impressos pelo *Suplemento*, compilou uma variedade de imaginários explanados na publicação para alertar sobre os infrenes perigos vermelhos; faltou, apenas, o "sebastianismo" de Luiz Carlos Prestes, à tona depois da circulação da *Carta* e a demonização do bolchevismo. "Operários cristãos, não vos iludais!", marcava a cadência do texto e advertia acerca da retomada democrática de 1945, com as eleições em vias de acontecer e a atuação dos comunistas neste processo. A democratização, cessados os motivos para a implantação o Estado Novo getulista, corretamente instituído em 1937 e consolidado o esmagamento total do "imperialismo nazifascista", voltava. E retomavam-se os pleitos eleitorais num cenário alentador: a questão social deixara de configurar-se num caso de polícia, em virtude da legislação trabalhista, porém com a ressureição dos politiqueiros do passado e a libertação de Luiz Carlos Prestes.

Prestes, ora lobo, ora cordeiro, exprimia uma nevrose embuçada na felonia e no rancor: destruir o Cristianismo, uma "obra ciclópica de vinte séculos de luz e verdade!" A democracia, na visão prestista, apoiava-se na "fragilidade sentimental das massas proletárias inundadas na miséria e tangidas pelo ódio e pela revolta". A "incandescência rubra da estrela" sublimava a estatolatria e fazia-o "em guerra sem tréguas ao Espírito", procurando aniquilar o "clarão luzidio e redentor da estrela de Belém". Presenciava-se o "endeusamento dionisíaco da matéria", que produzia "trevas, caos, anarquia" e um homem despersonalizado à maneira dos "trogloditas da pré-história". No "totalitarismo ateu comunista", o Estado-patrão e onisciente dissolveu a instituição sacrossanta da família e a propriedade privada, sinônimo de progresso social nas encíclicas papais desde o século XIX. Então, o missivista, "um proletário cristão", apontou o único mecanismo de salvação aos trabalhadores: "Imunizai-vos, com a verdade da nossa fé, contra esses novos TÁRTAROS!"[71]

---

[69] ANDRADE, Antônio Paes de. *Como e porque se engendrou o Comunismo na Rússia*. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.
[70] O que é a Rússia? **O Nordeste**, Fortaleza, 15 set. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 1.
[71] Carta aberta aos operários cristãos. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 ago. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

Prestes, ainda, encarnava um resquício do sebastianismo, racionava J. de Figueiredo Filho.[72] Sem ater-se a pormenores, o autor do texto, residente na cidade do Crato, interior do Ceará, coisa reveladora da circularidade d'*O Nordeste,* esboçou uma panorâmica do preceito moral deste episódio da História de Portugal. Nós, brasileiros, em meio a vícios e virtudes, herdamos do colonizador a tendência acentuada de esperar salvadores. Adverso às ideias, prendíamos a líderes salvacionistas, com atributos de nos guiar à satisfação coletiva. E Prestes representava uma grande desfiguração da herança lusitana, concluiu Figueiredo. Alçado à categoria de "cavaleiro da esperança" nos anos 1920, perdia fôlego. No ano de 1945, recém-saído do cárcere estadonovista, em abril, beneficiado pela anistia, em tempos de redemocratização, retomou o comando do PCB e no processo eleitoral em curso, frustrava os antigos "divinizadores": renegou a disputa frontal, indicou um candidato inexpressivo, Ieddo Fiúza e, Prestes, indiretamente, media forças com candidaturas de alto quilate à Presidência da República: general Eurico Gaspar Dutra (PSD) e brigadeiro Eduardo Gomes (UDN). De alvissareiro chegava à lama, "ídolo de barro".

O sebastianismo, como ressaltou Hermann (2001, p. 523), de forma geral, esteve associado, desde fins do século XVI, à crença no regresso de um rei salvador, capaz de livrar o reino português do domínio castelhano e restaurar a soberania, que fora perdida com a anexação de Portugal a Castela, em 1580. Aguardava-se por Dom Sebastião, desaparecido na batalha de Alcácer Quibir, em 1578. Jacqueline Hermann filiou o sebastianismo ao mito do Encoberto, vivenciado em diferentes momentos e lugares da Europa ocidental. Retroagindo ao século ao XII, depara-se com o mito do Encoberto encarnado pelo imperador Frederico II, o monarca dos Últimos Dias, neto de Frederico Barba Ruiva e desaparecido na Terceira Cruzada, em 1190. A lenda de Frederico II, narrando à espera de um continuador de sua obra, mostra duas características: emerge em contexto de crise e de derrota, está profundamente marcada pela luta do bem contra o mal e, na Europa cristã, pela expectativa de superar o Anticristo e salvar a humanidade das "garras do infiel", no ensejo, século XII, os muçulmanos.

O *Suplemento do "Nordeste"* dava vazão a um cartel de imaginários anticomunistas: amor livre, socialização das mulheres, destruição da família, dionização, profetas da matéria, pacto Prestes-ICAB, demonização e o salvacionismo prestista – tudo isso atualizando a ambiência da Europa cristã do século XII e do sebastianismo. Por imaginário social, compreende-se: "uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder." (BACZKO, 1985, p. 310). No

[72] A derrocada de um ídolo. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 out. 1945. Suplemento do "Nordeste", p. 8.

Suplemento, a dimensão sociopolítica do anticomunismo dotava a hierarquia da Igreja Católica e o laicato conservador de defensores insubstituíveis da cidadela católica. Em razão da sua pluralidade temática, o *Suplemento* esmerava-se, com base no duo informação-imaginação, em abastecer semanalmente o leitor com um painel dos desacertos dos moscovitas em várias searas. Isto é, o Capeta, empunhando a foice e o martelo, fazia peraltices e desafiava a manutenção da catolicidade no Brasil. Mesmo não compondo o rol daqueles dedicados a espraiar uma cultura de massas, dado o seu elitismo, o *Suplemento* empunhava a pena, discorrendo em linguagem deverás acessível, trazendo o cotidiano das pessoas à pauta do jornal e prescrevendo comportamentos públicos e privados.

As representações do imaginário anticomunista publicadas pelo jornal *O Nordeste* e por seus impressos especiais (Suplemento do "Nordeste", Sessão Operária, Página Operária, Página Trabalhista, Página Religiosa, Página Mariana etc.) mesclavam críticas à moral comunista e ao programa socioeconômico dos bolcheviques. O órgão arquidiocesano via no comunismo uma poderosa alternativa aos valores essênciais do catolicismo. O marxismo possuía habilidades (violência e persuasão) de levar, com o passar dos anos, a Igreja Católica ao ostracismo. Por isso, o periódico exigia das autoridades constituídas prevenção e belicismo no enfrentamento aos brasileiros sovietizados. Presenciava-se nos exemplares do vespertino clerical um jogo maniqueísta da conjuntura. Ao longo do período pesquisado (1930-1945), o grupo gestor do jornal, envolvido nas disputas pelos aparelhos do Estado, utilizava-se do discurso anticomunista e instrumentalizava o apoio do arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, para assegurar a fidelidade do eleitorado católico, que votava na Liga Eleitoral Católica ou no Partido Republicano Progressista, e era sensibilizado a apoiar, incondicionalmente, o presidente Getúlio Vargas, desde o trinfo da Revolução de 1930 até a ditadura do Estado Novo, como se verá nas seções a seguir.

1.3 Em defesa da propriedade privada

Patrões e operários do mundo inteiro, uni-vos!.[73]

"Metáforas de forte apelo dramático, crivadas por múltiplas referências míticas, tinham presença obrigatória nos jornais, principalmente quando o foco era o terror vermelho." Nestes termos, Menezes (2006, p. 394) analisou o discurso midiático sobre a Revolução Russa, no contexto de luta entre o exército vermelho e o exército branco, no interregno 1917-1921. Ainda realçou Menezes (2006, p. 395) que "a razão era adormecida num processo de sacralização da política pronto a despertar o medo, os ódios e as paixões". Por esta lógica, ponderava a historiadora Lená Medeiros de Menezes, os argumentos antirrevolução bolchevique valiam-se de um etnocentrismo branco e cristão, um espírito de cruzada contra os novos infiéis, um ataque de hordas orientais abatendo-se sobre a Europa e a uma ênfase no irracionalismo, no fatalismo, no desregramento dos costumes, na brutalidade e na felonia. Continuador disso, *O Nordeste* atualizava para os anos 1930-1945 o que classificava de artimanhas do terror soviético. Na estruturação do jornal, a linha editorial recorria à segmentação, lançando mão de informativos específicos e com eles a verticalização do anticomunismo e do discurso conservador. A despeito de segmentar informação, o periódico jamais aceitou a fragmentação social provocada pela Modernidade, aliás, sempre criticou os "tempos modernos", por incentivar a laicização da sociedade.

O Nordeste publicava vários tipos de informativos tais como a Página do Lar, Página Literária, Página Pedagógica, Folha Rural, Nordeste Agrícola, Folha da Juventude Feminina Católica, Página Religiosa, Página Mariana, Folha dos Municípios e o Suplemento do "Nordeste", de conteúdo totalmente anticomunista. No que concerne ao mundo do trabalho, surgiu em abril de 1939 a Secção Operária, suspensa em janeiro de 1940, devido à falta de papel provocada pela Segunda Guerra. Na sequência, em abril de 1940, a Página Operária, e a Página Trabalhista em março de 1942. Exceto a Secção Operária, os demais informativos voltados ao proletariado tiveram a chancela da Federação dos Círculos Operários do Estado do Ceará, cuja fundação deu-se em fevereiro de 1940, na comemoração dos 25 anos do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. Nessas publicações, elogio ao presidente Getúlio Vargas e ao interventor Menezes Pimentel, exaltação das encíclicas *Rerum Novarum*, de Leão XIII, e *Divini Redemptoris*, de Pio XI, entrevistas com líderes sindicais, explicações acerca da legislação trabalhista, rechaço ao comunismo, denúncias sobre as

[73] **O Nordeste**, Fortaleza, 29 abr. 1939. Secção Operária, p. 11.

dificuldades vividas pelos trabalhadores atinentes a habitação, saúde, custo de vida e escolaridade, aulas de catecismo, dicas de lazer (entre elas, o Teatro Circulista), programação das festas cívicas e matérias esportivas.

Para *O Nordeste*, o valor social do trabalho suplantava o mero exercício de sobrevivência material. A lida, por excelência, servia ao engrandecimento da religião, da pátria e da família. Logo, cabia ao Estado preservar a saúde física e mental dos trabalhadores. No mais, na vigência do Estado Getulista, exaltava o órgão católico: os direitos sociais vinham atender uma demanda já explicitada pelo papa Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum* (1891), ou seja, nada de estabelecer conexão entre as conquistas do proletariado e a legislação trabalhista, pois os insurgentes, nacionais e estrangeiros, deveriam continuar sendo da alçada policial e rotulados de comunistas. Acreditava o periódico que o intervencionismo getulista decretando um novo paradigma nas relações de trabalho preenchia uma lacuna desprezada pela Primeira República, a definida como fruto de uma constituição ateia e liberal. Por isso, *O Nordeste* aplaudia, com fervor, duas iniciativas do presidente Getúlio Vargas: as criações do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e do Ministério da Educação e Saúde. Com eles, o getulismo estabelecia a "concepção totalista de trabalho, atenta às mais diversas facetas da vida do povo brasileiro: saúde, educação, alimentação, habitação etc." (GOMES, 1982, p. 156).

Comumente, *O Nordeste* e seus informativos dedicados ao mundo do trabalho (Secção Operária e as sucedâneas desta, a Página Operária e a Página Trabalhista), todos autointitulados de "representante do pensamento da classe operária", expressavam o seguinte princípio: "para que Vargas pudesse ser a fonte única do poder político era preciso que a política se deslocasse das ruas para o aparelho de Estado." (PINHEIRO, 1974, p. 139). Assim, o periódico explicitava uma linha editorial calcada na precaução. Era indispensável, para bom enraizamento da legislação trabalhista entre trabalhadores e patrões, obstar a ação dos "inimigos da pátria". Daí a criminalização e o degredo dos opositores do presidente Vargas. O periódico clamava a favor da combinação: aparato policial preventivo e sistemático com rígido controle social sobre o corpo político do País. Tal atitude sequer reconhecia os trabalhadores como sujeitos históricos, que foram capazes de obter uma cidadania mitigada, tutelada, via legislação trabalhista, mas obtida graças às mobilizações sociais. Ao contrário, nas páginas d'*O Nordeste*, o enaltecimento corriqueiro reiterava o lugar social do operariado, ser exemplo de católico obediente e militante.

Os vários informativos de doutrinação dos trabalhadores publicados pelo *O Nordeste* versavam do cotidiano laboral à ambiência familiar dos proletários e dedicavam

atenção peculiar às encíclicas. A primeira referência à *Rerum* Novarum do papa Leão XIII reproduziu trecho retirado do tópico "Obrigações dos operários e dos patrões" e exaltou a subserviência do proletariado ao capital: "O operário deve fornecer integralmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme a equidade."[74] No tocante ao anticomunismo, os informativos em análise colocavam a ação evangelizadora de Leão XIII e de seus sucessores como uma indispensável barreira contra a comunização dos proletários. A estes sumos sacerdotes, o jornal agradecia pela orientação que culminou com a organização dos círculos operários:

> Nenhum dos progressos sociais reclamados pelo comunismo lhe pertence como indicador. Todas as justas reivindicações dos trabalhadores já foram formuladas muito antes do comunismo pela Igreja. Assim é que Leão XIII reivindicou no seu tempo com firmeza e insistência para os operários o direito de associação que o liberalismo econômico teimara em não lhes conceder.[75]

Em uma série de 17 textos intitulados "A questão social", publicados de março a outubro de 1941, a Página Operária d'*O Nordeste* contrapôs o socialismo às práticas católicas. Os textos basearam-se nas encíclicas de Leão XIII (*Rerum Novarum* – Sobre a Condição dos Operários, de 1891) e de Pio XI (*Quadragesimo Anno* – Sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no XL aniversário da encíclica de Leão XIII *Rerum Novarum*, de 1931 e *Divini Redemptoris* – Sobre o comunismo ateu, de 1937). O jornal, entretanto, fez alusão às outras encíclicas, definidas de balizas na condenação do comunismo: *Qui pluribus*, de 1846, de Pio IX, e *Quod Apostolice Muneris*, de 1878, de Leão XIII. Ressalte-se que esta foi a segunda encíclica de Leão XIII e o primeiro documento papal exclusivamente dedicado ao anticomunismo. Leão XIII assumiu o pontificado em março de 1878, e, de imediato, publicou em abril sua primeira encíclica *Inscrutabili Dei Consilio* – Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios, na qual censurou o agnosticismo, liberalismo e socialismo. Com a *Quod Apostolice Munerisa* – Sobre o Socialismo e Comunismo, posta em circulação em dezembro de 1878, configurou-se, porém, o marco fundador do anticomunismo católico.

Para *O Nordeste*, a "única" solução viável para resolver a questão social seria cristianizar o Estado, urgentemente. Recorrer à formação do povo brasileiro, tradicionalmente obediente à Igreja, resultaria na consolidação do "catolicismo social" e o consequente rechaço do liberalismo e do socialismo. Especificamente acerca do anticomunismo, a Página Operária relatou o fracasso das tentativas do comunismo de se internacionalizar: malograram a 1ª

[74] **O Nordeste**, Fortaleza, 13 maio 1939. Secção Operária, p. 11.
[75] **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jun. 1939. Secção Operária, p. 19.

Internacional, fundada por Karl Marx, em 1864, e a 2ª Internacional, de 1889. Em curso, encontrava-se a 3ª Internacional, fundada por Lenin, em 1919. Com a morte de Lenin (1924), todavia, a organização fragilizara-se, apesar do triunfo da Revolução Russa (1917). O bolchevismo, argumentava a Página Operária, restringia-se à imposição da "ditadura vermelha" ao proletariado russo e só. Tal "erro" assentava-se sobre duas premissas: Karl Marx e a repressão "violenta" da polícia secreta, a *Tcheka*. Do marxismo, vinham à supressão da propriedade privada e dos estímulos à livre iniciativa, a nacionalização de todas as indústrias e de todas as terras, a coletivização forçada e integral dos bens de produção, via supremacia desmedida do Estado, o ódio à religião e uma sociedade integralmente materialista. Da *Tcheka*, a matança de dois milhões de russos.[76] (Ressalte-se que estes argumentos foram expressos em outros informativos.)

Solucionar a questão social significava ultrapassar os seus aspectos econômicos e políticos, compreender o trabalho espelhando um desdobramento da lei da providência divina e capaz de garantir a sobrevivência dos proletários. Certamente, erraria o Estado se priorizasse no aparato policial e na legislação trabalhista a solução para o convívio entre patrões e empregados. Portanto, para a Página Operária, era fundamental circunscrever a atuação dos católicos aos ditames da *Quadragesimo Anno*: "socialismo religioso, socialismo católico, são termos contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista" e obedecer a *Rerum Novarum*, o guia da Igreja na questão social: 1º) justiça e caridade; paz, união e ordem; 2º) a Igreja regula a vida de cada indivíduo, indicando os seus deveres, impondo um freio às paixões; 3º) pelas suas instituições de beneficência, a Igreja auxilia os homens em todas as suas necessidades, diminuindo o sofrimento do mundo e suavizando o sofrimento que não pode suprimir; 4º) a Igreja pede o esforço de todas as classes para resolver a questão social e indica a cada um os seus direitos e os seus deveres; 5º) a Igreja regula a intervenção do Estado e afasta duas teorias igualmente perigosas: o liberalismo, que nega ao Estado qualquer intervenção e o socialismo, que entrega tudo ao Estado, paralisando as iniciativas particulares e as liberdades legítimas.[77]

A Página Operária, por meio da série de artigos (A questão social), empenhava-se em demostrar quão a modernidade capitalista (vapor, eletricidade, meios de comunicação e de transporte e maquinismo) proveniente do século XIX e, em largo desenvolvimento no século

[76] A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 jun. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 jun. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 jul. 1941. Página Operária, p. 7.

[77] A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 mar. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 jul. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 ago. 1941. Página Operária, p. 7.

XX, abandonara os princípios cristãos e provocara desequilíbrio no mercado de mão de obra, produzindo levas de miseráveis proletários. Esta nova etapa do capitalismo implantara a igualdade de todos perante a lei, cujo desdobramento desencadeara uma busca fraticida pela igualdade econômica, definida como inalcançável, pois sabotava a colaboração entre os agentes econômicos. Com tais mudanças, surgiram três escolas para solucionar a "crise social moderna": o liberalismo, o comunismo e o catolicismo social. A gênese de tal crise originara-se na Revolução Francesa (1789), que importara da Independência dos Estados Unidos da América (1776) princípios morais e políticos. Ao fim e ao cabo, o modelo revolucionário francês, alicerçado no jacobinismo, triunfante na Convenção, no Diretório e no Império Napoleônico, ganhara corpo em toda a Europa. Com ele, a liberdade quase "ilimitada" dos povos e dos indivíduos nos diversos terrenos da sociabilidade. Reflexiva, a Igreja Católica Romana acompanhava detalhadamente os percalços do capitalismo, cabendo ao papa Leão XIII sintetizar, por meio da *Rerum Novarum*, a solução para as aflições da Modernidade.[78]

No Brasil, a doutrina exposta por Leão XIII ganhava consistência com a decretação da legislação trabalhista varguista, exaltava a Página Operária; no entanto, existia a necessidade de coisas a mais e indispensáveis: a cristianização do Estado brasileiro e a derrota definitiva do comunismo, impedindo-o de atuar legalmente, inclusive. Não obstante reconhecer convergências com o socialismo, haja vista este difundir "princípios cristãos" (melhor repartição das riquezas, salário familiar, a limitação das horas de trabalho e outras aspirações proletárias), o informativo mantinha-se irredutível: o programa comunista alardeava disputas sociais, geradoras de desordens e revoluções. Ao expor a plataforma vermelha, a Página Operária denunciava a miséria imerecida do operário, proclamava a necessidade de unidade dos três fatores de produção (as riquezas da natureza, o trabalho humano e o capital fornecedor de instrumentos para a geração de bens ou produtos ao "alcance de todos"), explicitava os benefícios da harmonia capital-trabalho, mediante o estabelecimento do "salário justo" e as "vantagens da paciência cristã".

Vantagens morais: "do esforço dispendido no trabalho, fica a lembrança e a estima do lucro moral e desta estima nasce, naturalmente, o amor do trabalho e até dos instrumentos de trabalho". Vantagens profissionais: "com paciência o trabalhador conserva toda a sua liberdade de espírito para desenvolver todo o seu valor profissional e se aplica melhor à tarefa do que tendo revolta no coração". Vantagens sindicais: "na sua ação sindical o

[78] A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 mar. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 abr. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 abr. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 maio 1941. Página Operária, p. 7.

trabalhador que aceita e ama a sua condição será mais esclarecido nas suas reivindicações não pensando somente no seu interesse, mas agindo por um motivo mais elevado: a justiça e a ordem querido por Deus". Vantagens sociais: "a sociedade é formada de vários elementos com missões diversas a desempenhar todas elas necessárias para a sua existência e boa marcha. A paz na sociedade é feita da união e dos sacrifícios de todos".[79]

Ciente de compartilhar com os socialistas reivindicações pró-trabalhadores, a Página Operária esmerava-se na difusão da ideia: os comunistas, aproveitando-se da desumanidade capitalista, instigavam pobres contra os ricos. Com efeito, o informativo fazia uso de duas estratégias (a "fala roubada aos trabalhadores" e o "mito da doação") e recolhia das encíclicas referidas subsídios para convencer o proletariado da viabilidade do catolicismo social e da incapacidade política dos "homens da blusa grosseira" de portarem-se autonomamente ante o patronato e ante o Estado. Ansiava, desse modo, por amortecer o impacto das lutas de classes. No tocante ao mito da doação, fazia "crer que a legislação social não passaria de uma dádiva caída dos céus getulistas sobre a cabeça dos trabalhadores brasileiros." (PARANHOS, 1999, p. 23-24).

Ao apregoar, insistentemente, a harmonia capital-trabalho, os informativos operários d'*O Nordeste*, dada a circulação usual entre os setores abastados e a leitura nos púlpitos, visavam a persuadir as classes produtores cearenses de algo premente: a legislação trabalhista e previdenciária deveria ser encarada como um "instrumento necessário não só à estabilidade política, como ao crescimento econômico e particularmente industrial do país." (GOMES, 1979, p. 204). Por isso, defendiam a extinção de uma "anomalia": a recusa das classes patronais cearenses de obter registro sindical junto ao Ministério do Trabalho. A legalidade perante o Ministério do Trabalho, à época, dirigido pelo cearense e ex-senador lecista, Waldemar Falcão, facilitaria a concretização de um instrumento indispensável ao fraterno convívio de patrões e empregados: as convenções coletivas do trabalho. A recusa patronal, compreendia o informativo, nunca poderia ganhar contornos de sabotagem ao governo de Vargas. Esboçava simplório desconhecimento dos benefícios da legislação

[79] A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 maio, 6 jun., 11 jul., 18 jul., 21 ago., 29 ago., 5 set., 31 out., 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 jun. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jul. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jul. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 ago. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 ago. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 set. 1941. Página Operária, p. 7. A questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 set. 1941. Página Operária, p. 7.

vigente, de modo que, cabia à Inspetoria do Trabalho do Ceará intimar os não sindicalizados a obedecê-la, mas aplicando as regras da persuasão.[80]

Procurando convencer o patronato das vantagens das convenções coletivas, a Secção Operária relacionava uma série de benéficos ao empregador. A estabilidade ao desenvolvimento da empresa viria por meio da permanência dos operários nos postos de trabalho, tendo o patrão a certeza de equacionar os custos da produção, calculando a quantia das receitas revertidas em salários aos empregados. Do lado dos trabalhadores, cessaria o medo de alterações imprevistas na redução do salário, em virtude da diminuição da carga de horária laboral. Contanto que o contrato vigorasse para todo o Ceará, padronizaria os salários, evitando a "guerra" da concorrência empresarial por operário e destes por melhores ofertas de emprego. Nisso valorizar-se-ia um "instrumento de paz", capaz de gerar "bases estáveis e justas para a colaboração do capital e do trabalho".[81]

À proporção que defendia a legislação trabalhista varguista, de novo colocando-a na conta de um desdobramento dos ensinamentos de Leão XIII, a Secção Operária chamava atenção acerca dos malefícios do distanciamento do Estado em relação à religião católica, publicando um "pedido de 73.000 operários" ao episcopado brasileiro reunido no Primeiro Concílio Plenário Nacional. Redigido pela Confederação de Operários Católicos, o manifesto pedia: declarar oficialmente padroeira e rainha dos operários do Brasil a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças! Abençoados, os operários brasileiros agiriam diferentemente dos operários da União Soviética. Lá, "os operários desorientados procuram os sacerdotes e bispos para trucidá-los"; no Brasil, dizia o Manifesto, referindo-se aos clérigos: "nos os procuramos [...] para pedir-lhes a benção e a proteção divina".[82]

Compreende-se que, no dia a dia, os informativos operários d'*O Nordeste* manifestavam o seguinte juízo: o "discurso católico considerava sagrado o direito à propriedade, natural a desigualdade entre os homens e erradas as tentativas de questionar a ordem social." (MOTTA, 2002, p. 45).[83] Numa edição dedicada a examinar a propriedade privada, a Página Trabalhista, em sua repulsa ao regime soviético e ao capitalismo "explorador", ponderou: a "propriedade privada não é um direito absoluto e incondicional,

[80] Convenção coletiva do trabalho. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 ago. 1939. Secção Operária, p. 9.
[81] Até agora, nenhum contrato coletivo no Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 out. 1939. Secção Operária, p. 9.
[82] Os operários católicos do Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 ago. 1939. Secção Operária, p. 9.
[83] Rodrigo Patto Sá Motta, no livro Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964), abordou a fundamentação doutrinária do anticomunismo, considerando três vertentes: catolicismo, nacionalismo e liberalismo. Sobre o catolicismo, discorreu: "as fontes eclesiásticas demonstravam desagrado para com certas características da sociedade capitalista, como o estímulo ao materialismo, o enfraquecimento da moralidade tradicional e a excessiva exploração dos trabalhadores" (p. 45). Tais posições coadunavam-se com a linha editorial d'**O Nordeste**.

mas um poder de administração e de distribuição, onerado de uma espécie de servidão social, que obriga o indivíduo a utilizar-se de sua propriedade de modo tal que beneficie a todos". Imbuída de uma função pública, consoante às formulações de Santo Tomaz de Aquino, Leão XIII e Pio XI, a propriedade particular converter-se-ia num instrumento de paz social, diferenciando-se do ocorrido no bolchevismo (ferramenta de enriquecimento do Estado-patrão, por aplicar o excedente em prol dos burocratas estatais), e modificaria as regras de convivência no âmbito privado: os proprietários individuais ater-se-iam aos próprios negócios, privando-se de imiscuir-se nos assuntos alheios.

E qual o papel do Estado na implantação da díade (propriedade privada-paz social)? Imprescindível, defendeu o informativo. A título de exemplo, citou uma fala de Getúlio Vargas, no ano 1932, na qual o Presidente concitou os proprietários a continuarem a amparar os trabalhadores, nos moldes sugeridos pelo governo. Ou melhor, terminada a seguridade patrocinada à custa do tesouro público, os particulares, principalmente aqueles pagadores de trabalhadores assalariados, os médicos e as pessoas de fortuna deveriam investir, com destemor, em filantropia e assistência social, disponibilizando maternidade, creches e escolas aos filhos de seus funcionários. Valorizando o "heroísmo" dos setores destacados, a Página Trabalhista insistiu: a distribuição equitativa da renda, preconizada na doutrina católica, triunfaria mediante a intervenção do Estado. Esperar a espontânea vontade dos patrões redundaria em fracasso.

Não obstante, identificar o papel inestimável do Estado no socorro aos necessitados, o informativo caracterizou-o de qualitativamente inferior ao amparo ofertado pelos particulares, porquanto eivado de espirito rotineiro e burocrático, típico do servidor público brasileiro. E, num rompante liberal, afirmou: o Estado deve abster-se de uma intromissão contínua na vida dos particulares![84] Noutros momentos, enfatizando a atualidade da *Rerum Novarum*, a Página Trabalhista inseriu o devir da propriedade no rol dos "problemas sociais", retirando-o da esfera exclusiva do mercado. E asseverou: "É, pois, Deus o primeiro e único proprietário, pois foi o exclusivo autor de todos os bens que povoam a terra, pertençam a este ou aquele reino, quer o animal, quer o mineral, quer o vegetal." Ao defender o direito à propriedade, classificando-o de natural e irrevogável, o informativo postulou a manutenção das hierarquias sociais, estimulando que cada indivíduo, rico ou pobre, cumprisse com sua missão na terra, sob pena de sofrer castigos divinos, conforme advertira Leão XIII.[85]

[84] A propriedade não é um direito absoluto. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jun. 1944. Página Trabalhista, p. 14.
[85] A propriedade – direito natural. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 maio 1944. Página Trabalhista, p. 14.

A Página Trabalhista ateve-se a comentar a paulatina instituição da propriedade privada na União Soviética. Explicando a importância da atitude do governo bolchevique de implantar um instrumento emblemático do capitalismo, mencionou as considerações do papa Leão XIII referentes ao tema. Na encíclica *De conditione opificum*, o pontífice considerara a propriedade particular como o direito do homem sobre o produto do seu trabalho. No entendimento do informativo, o trabalho, à luz dos ensinamentos do sucessor de São Pedro, repararia nossas culpas na terra, seria uma penitência a nos conduzir à paz celestial dos eleitos; contudo, o "pensamento utópico e absurdo" de Proudhon (a propriedade é um roubo), ampliando pelo "judeu" Karl Marx e aplicado por Lenin na Rússia, levara à extinção da propriedade nas terras dos antigos czares. Agora, alertava a Página Trabalhista, via-se nos domínio de Stalin a aplicação da máxima (Com a Igreja está a verdade!), pois a "teoria materialista e ateia" estava cedendo terreno na permissão de se estabelecer a propriedade individual na URSS, confirmando uma "norma universal e imutável", cujo anúncio fora primazia do papa Leão XIII.[86]

O Nordeste e, por extensão, seus informativos operários, a Liga Eleitoral Católica etc. revelavam enormes preocupações diante das consequências sociais da Modernidade capitalista e reagiam, utilizando-se, entre outros recursos, das normas ultramontanas. Nos embates políticos em que se envolviam *O Nordeste* e sua feição partidária, a LEC, valiam-se de um cânone precioso do ultramontanismo: o fervor na centralização doutrinária advinda do Vaticano. Por diversas vezes, o periódico adjetivava de lícita a participação dos católicos na vida político-partidária do País: eles, somente, davam rumo local ao ordenamento formulado desde Roma. Calcados numa atitude conservadora, a tônica dos posicionamentos do jornal buscava convencer os leitores de que a saída para a "crise do mundo moderno" estaria no Evangelho, no Decálogo, no Padre, no Círculo Operário, na LEC, nas associações vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza etc. e longe do "vírus" comunista, de Luiz Carlos Prestes, do sindicalismo "vermelho" etc. Independentemente das circunstâncias, o fundamental era a vitória do catolicismo, não interessava se os eleitores que rejeitaram o PSD, o outrora "partido sem Deus" nos pleitos de 1933 a 1934, votassem no PSD de 1945, agora dirigido por Menezes Pimentel, ex-lecista e ex-interventor de 1937-1945. À vista disso, compreende-se o discurso conservador, difundindo:

> O medo de que a população estrague a festa do poder, destruindo a segurança, a propriedade, os vínculos da tradição, as inovações que só beneficiam alguns. [...] Por isso a imagem do dilaceramento, junto com o medo da subversão da ordem, é onipresente nas falas conservadoras. Nelas

[86] A Igreja e a propriedade. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 nov. 1944. Página Trabalhista, p. 4.

> acentua-se a harmonia como fim político, não importa o preço. [...] Se tal concórdia implica em jogar nos porões da polícia este ou aquele inocente, se ela disfarça ódios, tudo isto importa pouco. Os caminhos da Providência são misteriosos. (ROMANO, 1994, p. 29).

O medo do comunismo vivenciado pelo jornal *O Nordeste* materializava-se, entre outros, na pessoa de Luiz Carlos Prestes. No rol das personalidades focalizadas pelo diário católico, Prestes e o presidente Getúlio Vargas pontuavam à exaustão. À medida que criticava duramente o líder "vermelho", o periódico exaltava o chefe do Executivo nacional. Havia por parte d'*O Nordeste* a intenção deliberada de obstruir a expansão mística do "cavaleiro da esperança", tida como demoníaca. De acordo com Ferreira (2002), atiçavam o imaginário popular acerca de Prestes até abril de 1945, quando os presos políticos receberam, por parte do Estado Novo, anistia – Prestes cumprira nove anos de reclusão – os feitos na coluna militar na década de 1920, a coluna Prestes-Miguel Costa, na insurreição de 1935, o Levante Militar Comunista, e nos martírios da prisão. Por parte dos comunistas brasileiros, esta trajetória possibilitava a transformação de Prestes em mártir, cujo ardor revolucionário permanecia e sobrevivendo às adversidades, que lhe impuseram ficar longe da filha Anita e da mulher Olga Benário, comunista judia deportada do Brasil por ordem do Estado Getulista. Por tudo isso, a imagem de Prestes despertava um grande carisma popular, salientou Jorge Ferreira.

Relatou Bastos (1986) que Prestes participou ostensivamente de quatro episódios da História da República: em 1924, do chamado Segundo 5 de Julho, revolta tenentista iniciada na cidade de São Paulo, sob a liderança do general reformado Isidoro Dias Lopes, cujo objetivo era derrubar o governo de Arthur Bernardes; em 1930, negando-se a participar da Revolução de 1930, alegando ser o movimento contrário a uma direção popular e socialista; em 1935, já plenamente comunista, dirigindo a Aliança Nacional Libertadora e o 27 de Novembro, o Levante Militar Comunista; em 1945, com a legalidade do Partido Comunista do Brasil. Abguar Bastos dividiu a trajetória de Prestes em: romântico e aventuroso (1924-1930), comandando a Grande Marcha (coluna Prestes-Miguel Costa); misterioso e romântico (1930-1935); período da solidão (1936-1945), preso nos cárceres do Estado Novo; período da libertação, a partir de 1945. De 1924-1930, denotou-se na: "Grande criação estética da pequena burguesia brasileira, Prestes é consagrado o Herói nacionalista há muito esperado com tamanha amplidão nos feitos." Depois, Prestes quebrou o "pedestal burguês", ao pedir filiação ao PC, incorporando-se às lutas do operariado e do campesinato, sagrando-se também "herói do proletariado" (BASTOS, 1986, p. 25).

Ao término do pleito de 1945, eleição à Presidência da República e ao Congresso Nacional, realizado em dezembro, Prestes conquistou pelo Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro, vaga no Senado da República, inclusive disputando-a pelo PCB/CE.[87] No período pré-eleitoral, Prestes visitou Fortaleza-CE. A Página Trabalhista noticiou o fato nos seguintes termos: "Anunciam os despatriados adeptos do ex-brasileiro Luiz Carlos Prestes que este sanguinário representante da URSS está para chegar." Além disso, o informativo orientou os católicos a absterem-se de comparecer à presença do "famigerado trucidador de inocentes", referindo-se ao Levante Militar Comunista de 1935. Ao justificar-se, focalizou a oratória do "inimigo da Religião". A fala do líder comunista redundaria num ataque à família cearense, por advogar a favor de um regime no qual os trabalhadores se reduziam a um singelo mecanismo de produção de riquezas para a burocracia estatal, sendo tolhidos de pensar livremente, impedidos de economizar para o futuro e sem direito a possuir sua propriedade privada. A resolução de ausentar-se do ato dos moscovitas trazia a rubrica da Junta Central da Ação Católica de Fortaleza; porém, enfatizou a publicação, não seria o temor a esta advertência que provocaria o esvaziamento do comício do "representante do Komintern" e sim o respeito ao Evangelho.[88]

Para *O Nordeste*, o Brasil, desde a chegada de Getúlio Vargas a Presidência, mediante a "redentora" Revolução de 1930, livrando a Nação dos males da Primeira República, vinha num crescente rumo à justiça social. Opondo-se às convicções do jornal, encontrava-se Luiz Carlos Prestes, o único líder apto a despertar a violência inerente às hordas, caso atingisse o patamar alcançado por Vargas: tornar-se um mito. Consigo Prestes trazia uma obstrução à "tranquilidade" social imposta pelo Estado Getulista à sociedade brasileira. Trazia por trás das "garras", habilmente camufladas graças ao pseudodiscurso igualitário, a devassidão e a opressão. Infelizmente, o "caudilho vermelho" poderia apoiar-se na "ignorância" do operariado nacional.[89] Embora preso por nove anos, a produção intelectual de Prestes chegara a zero, sequer produzira um opúsculo de vulgarização das teorias bolcheviques, tendo o Brasil como cenário, denunciava a Página Trabalhista. Ao contrário, permitira o aparecimento de cisões. No PCB, surgiram os trotskistas, ferrenhos adversários de Stalin e a esquerda democrática. O informativo via inutilidade no fato de Prestes apodrecer no

[87] O PCB-CE candidatou Prestes e Jeová Mota, ex-diretor da Legião Cearense do Trabalho, ex-integralista, ex-deputado federal lecista eleito em 1933, ao senado federal e a deputado federal (RIBEIRO, 1989, p. 62).
[88] Vem a Fortaleza, segundo anunciam, o representante do Komintern, Luiz Carlos Prestes. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 out. 1945. Página Trabalhista, p. 4.
[89] O operariado e o comunismo ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 nov. 1945. Página Trabalhista, p. 4.

cárcere, melhor seria vê-lo solto, a promover desatinos: "Porque preso era um mito e uma esperança; solto é uma desesperança e uma realidade de dirigente incapaz."[90]

Certa vez, a Página Trabalhista colocou Prestes na condição de avesso ao consumismo da sociedade burguesa. O padrão de consumo do "cavaleiro do desespero" vinculava-se a ausência completa de luxo e de coisas supérfluas (refrigeradores, discos para vitrolas, camisas etc). Daí aplauso à URSS, onde "uma" fábrica produzia "um" só tipo de automóvel. Contudo, alertava *O Nordeste*, o Brasil de muito se tornara um país bem informado. Mal sabia o "corifeu do comunismo" que chegaram ao País informações seguras de como a burocracia soviética regozijava-se com banquetes puxados a cálices de champanhe e a "estonteante" coleção de frios. Lá, em Moscou, imperava um antro de prostituição e de miséria, lugar no qual os corrompidos davam expansão aos "ferozes" prazeres da carne, sob a guarida de um soberano "imbecil", leia-se Stalin. A mulher comunista perdera a honra, chegando a um nível de degradação de tornar a virgindade algo banal. O casamento de fachada, sem harmonia no lar, sem amor recíproco, servia unicamente para as mães entregarem a prole à serventia do Estado. O sentido da maternidade desaparecera e as "fêmeas" tornaram-se "máquinas" a serviço do Estado. Ao chegar a este patamar, dizia *O Nordeste*, a União Soviética atingira o clímax da "anticivilização".

Recaía nos ombros de Stalin, como recairia nos de Prestes, triunfando o comunismo no Brasil, a perseguição à religião, que, na sociedade brasileira, sempre simbolizou a pátria, defendia Página Trabalhista. Prestes de muito se tornara um traidor. Começara em 1924, na revolta tenentista iniciada na cidade de São Paulo; depois, viera 1935, o Levante Militar Comunista, tão bravamente derrotado pela sagacidade de Getúlio Vargas. Nas situações em foco, realçava o jornal, sobressaíra a grandeza do "exército de Caxias", acima de tudo! No íntimo, Prestes desejava vender a Nação brasileira ao governo soviético. Tendo frustrado seus planos, o "caudilho vermelho" recorria a mais uma armadilha: acenava com a bandeira da união nacional e das frentes populares. Na contraposição, a Página Trabalhista identificava Prestes com as maquinações do fascismo. Mussolini se fizera de "cordeiro" e tentara golpear o clero, vindo a sofrer retumbante derrota, pois o Vaticano se conservava altivo, enquanto o chefe dos "camisas negras" sucumbira, na Segunda Guerra Mundial. Prestes, no afã de engabelar os incautos, escondia uma das predileções de Stalin: ver em exposição nas vitrines das lojas moscovitas joias caríssimas, colares riquíssimos e peles

[90] A capacidade do chefe Prestes. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 nov. 1945. Página Trabalhista, p. 4.

cobiçadas, numa clara afronta à miséria e à religiosidade do povo soviético, mesmo que influenciado pela Igreja Ortodoxa.[91]

Além dos informativos operários que faziam pregações anticomunistas, a Página Mariana, publicação a cargo da Federação das Congregações Marianas de Fortaleza e Limoeiro do Norte, por duas oportunidades, somou-se à Secção Operária e suas sucedâneas no combate ao "ouro de Moscou". Fundada em 1939, com circulação quinzenal, a Página Mariana chamou o general Francisco Franco de grande irmão no texto "A nossa vitória", ao comentar a bravura do militar ao longo da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O denodo de Franco vinha derrotando "o tufão de todas as desgraças desencadeadas pelos métodos bolchevista, capaz de atirar as multidões no báratro da pior miséria física e moral". Aliada da maçonaria internacional, a URSS abatia-se ante as sucessivas derrotas impostas pelo franquismo. Em tal empreitada, os vitoriosos recebiam substanciosa ajuda: contavam tanto com as "armas espirituais", como com a luta no campo de batalha dos mais valorosos combatentes, os congregados marianos. Dirigidos pela "ternura e bondade do coração de Franco, que chorava diante do Crucifixo ao pensar na miséria do povo de que a invasão bolchevista era a única causa", o exército nacionalista impunha pesada derrota no invasor estrangeiro. Segundo a Página Mariana, Franco dirigiu uma "guerra santa" contra a tirania comunista e, esta tarefa, o Vaticano abençoou com "extrema" felicidade.[92]

A reportagem "A Exposição Mariana Anticomunista" relatou a apresentação de painéis, com documentos e recortes de jornais de vários estados da Federação, cuja temática abordou as atitudes de Luiz Carlos Prestes no ano de 1935, na preparação do Levante Militar Comunista. Visitaram a exposição, realizada nas dependências do Departamento de Educação do Estado do Ceará, aproximadamente dez mil pessoas. Coube aos marianos empregados no Comércio de Fortaleza e à Juventude Católica do Ceará a organização do evento. Ao longo da exposição, "vários" comunistas penitenciaram-se diante da eloquente traição dos brasileiros sovietizados, ao ponto, narrou a Página Mariana, de causar surpresa nos guardas encarregados de vigiar o acervo. O destaque da exposição apresentou um aviso de Prestes, publicado no jornal *A Manhã* (RJ), no qual o comunista conclamou os insurretos a golpearem o "governo de traição nacional de Getúlio Vargas", em novembro de 1935. De "verdade" inquestionável, o clamor de Prestes não só fora derrotado pela bravura de Vargas, como fora vencido pela "fagulha divina, que se impõe ao bom senso, à sã razão e, sobretudo, ao homem de fé". Por

[91] A URSS por dentro. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 nov. 1945. Página Trabalhista, p. 4. A ideologia marxista. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 dez. 1945. Página Trabalhista, p. 4. Prestes. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 dez. 1945. Página Trabalhista, p. 4.
[92] A nossa vitória. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 abr. 1939. Página Mariana, p. 2.

fim, citou a matéria a benção do arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, na abertura da mostra arquitetada por estes destemidos "soldados da Igreja".[93]



Exposição Mariana Anti-Comunista

ao ouviu sua confissão de de que era "comunista"., e, al por isto, foi guardado no ão "deposito". O referido no quadro continha um jor- u- nal do Rio, "A Manhã", a- com este aviso de Prestes s- a seus companheiros: r- "O Comite revolucioná- o- rio sob a minha direção, a- frente aos acontecimen- s- tos que se desencadeiam - no NORTE do país,e a a- meaça de instalação de - uma ditadura reacio- - nária, decide que todas as forças da revolução este- jam prontas para lutar pelas liberdades popula- res e para dar o golpe de- finitivo no **governo de**

Vista parcial da grande exposição anti-comunista

PERDIDOS

FIGURA 3 – Exposição Mariana Anticomunista
Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, 27 nov. 1945. Página Mariana, p. 4.

Nas edições de aniversário, de maneira singular, *O Nordeste* reiterava a importância de manter-se como um jornal militante, ou melhor, um órgão avesso às folhas neutras ou hostis à religião. A informação, filtrada pela óptica social do Evangelho, obstaculizava a "dialética satânica dos filhos das trevas", como afirmou o editorial, *A defesa da verdade*, na comemoração pelos 16 anos de fundação do periódico. Como "trincheira de resistência", *O Nordeste* defendia os nossos tradicionais costumes, orientando-se pela perpetuação da mentalidade "latina e cristã", marca indelével da formação da brasilidade. Do contrário, o povo sofreria horrores no "pântano do bolchevismo ateu e brutalizador". No editorial em apreço, a gazeta arquidiocesana orgulhou-se de ter começado a circular em data alvissareira, a consagrada à Boa Imprensa, aquela a serviço da Igreja. Empunhar a pena, imbuído dos propósitos exaltados, redundava em contrapor a virtude à corrupção, a justiça à iniquidade e o amor ao ódio, especialmente, no momento em que a conjuntura internacional se ressentia de orientação segura e católica, pois eivada de prelos desorientadores das

[93] Exposição Mariana Anticomunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 nov. 1945. Página Mariana, p. 4.

"turbas", em fragoroso prejuízo à civilização ocidental e à natureza humana. Urgia, portanto, recorrer às mesmas "armas" do inimigo e robustecer a boa imprensa.[94]

Nesta mesma edição de aniversário (29 junho de 1938), *O Nordeste* comunicou das novas instalações do jornal, próximo à praça do Ferreira, coração da Capital. Composto de rotoplanas importadas da Suíça, a maquinaria propiciaria aos leitores e anunciantes um "prelo moderno e a serviço da Boa Causa". Na esteira das reformulações gráficas, o diário minuciou um dever dos católicos: promover um grito de alarme diante da doutrina comunista. Ateve-se, de início, a indicar a encíclica *Divini Redemptoris* – Sobre o comunismo ateu, de 1937, do papa Pio XI, como guia de ação. Veio na sequência uma advertência acerca das novas roupagens "humanitárias" do bolchevismo no plano internacional: a formação das frentes populares/união nacional/frente única contra o nazi-fascismo. Esta tática agruparia democratas, operários, jovens universitários e (pasmem!), evidenciou o jornal, inocentes filhas do povo e ingênuas senhoras da sociedade. Barrar a nova empreitada comunista vinculava-se à difusão ampla dos documentos pontifícios concernentes às questões sociais, por um lado; noutro, deveria existir a abnegação dos dinheirudos em abrir uma nesga nos seus cofres e cedê-la às classes pobres. Ao capitalismo, deveria se opor o "bom combate": a realização da caridade, da justiça social e cristã, acrescida de repulsa intransigente às alianças com os moscovitas.[95]

Conectando os encaminhamentos propostos pelo jornal *O Nordeste* à conjuntura nacional de 1938, conclui-se que o periódico demonstrava pleno conhecimento das diretrizes nacionais do PCB e da Internacional Comunista ante o nazi-fascismo. De acordo com Anita Leocádia Prestes, alguns fatos levaram a Secretaria Nacional do PCB a lançar o manifesto "União Nacional pela Democracia e pela Paz", em março de 1938, no qual defendeu a união entre governos e povos dos países democráticos para a defesa da democracia e da paz, para a resistência ativa contra o imperialismo fascista. Os agentes nazistas, no Brasil, logravam sucesso em suas atividades junto à comunidade germânica. Em 1937, tinham sob controle, aproximadamente, 2.300 organizações alemãs de todos os tipos no País e o Partido Nazista atingira a marca de três mil filiados. Quanto à ligação de nazistas com integralistas, o Executivo federal detectou a participação de hitleristas na conspiração integralista contra o Vargas, o que acarretou a prisão de agentes do *führer* em junho de 1938. Sacramentada a anexação da Áustria pela Alemanha (março de 1938), o governo Vargas decidiu enfrentar

[94] A defesa da verdade. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jun. 1938. Editorial, p. 1.
[95] As novas instalações de O NORDESTE. **O Nordeste**, p. 1, Fortaleza, 29 jun. 1938. É nosso dever levantar um grito de alarme diante da doutrina comunista. **O Nordeste**, p. 14, Fortaleza, 29 jun. 1938.

com maior afinco as atividades nazistas no País e, por intermédio da polícia, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e mediante decretos-leis, proibiu o funcionamento de partidos estrangeiros, houve a invasão de residências de agentes nazi, a apreensão de grande volume de literatura advinda da Alemanha enaltecendo a cruz suástica e a prisão e deportação de funcionários-chave do Partido Nazista (PRESTES, 2001).

Para Anita Leocádia, com o manifesto "União Nacional pela Democracia e pela Paz", o inimigo prioritário do PCB deixou de ser Vargas e passou a ser o nazi-integralismo. Ou melhor, ocorreu o descarte do entendimento – "a derrota do getulismo seria a derrota do integralismo" (PRESTES, 2001, p. 39). Ante o bloco imperial fascista ítalo-nipo-germânico, era primordial unir todas as forças, e uma possível aliança com Vargas não estaria fora de cogitação, contanto que Vargas cumprisse com o seu "dever" de se opor à investida do fascismo. Ficava explícita a ideia de União Nacional acima de quaisquer outros conflitos, quer os de classe, quer a derrubada de Vargas; só interessava barrar o nazi-integralismo. Após o fracasso do golpe integralista, em maio de 1938, *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB nacionalmente, na edição de julho, levou seu apoio a Vargas contra o fascismo, desfraldando a bandeira da anistia aos presos políticos e das liberdades democráticas. Ainda mencionou Anita Leocádia o apoio manifestado pela Internacional Comunista à decisão do PCB: articulava-se uma frente democrática, pela abolição da Carta constitucional totalitária, pela promoção da indústria pesada e por um salário mínimo efetivo. Afora, posicionar-se favoravelmente à anistia para os antifascistas e a saída dos fascistas do governo Vargas.

De 1938 até o início de 1942, a atuação política nacional do PCB ficou limitadíssima, quase desparecendo. O que existia eram ações isoladas em alguns estados da Federação, centradas em torno do Comitê Central (CC), sediado no Estado do Rio de Janeiro ou nos Comitês Regionais (CR), principalmente em São Paulo e na Bahia. Os outros CR inexistiam ou existiam isolados e pequenos. No final de 1939 e começo de 1940, a polícia varguista prendeu ou dispersou vários CR e o CC. Na prática, o PCB como organização ficou acéfalo, o que subsistia era a dispersão: uns militantes presos e outros soltos, sem unidade orgânica, à beira da "extinção total do partido" (SEGATTO, 1981, p. 44). A partir de 1942, no decurso da Segunda Guerra Mundial, ao lado de forças democráticas, nacionalistas e liberais, o PCB reapareceu no cenário nacional. À época, intensificaram-se os movimentos reivindicatórios de combate à carestia, à falta de produtos no comércio e, o de maior expressão e vitorioso, a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados (EUA, França, Inglaterra e URSS). E isso redundou num paradoxo: o Brasil lutava na Europa contra os

fascistas; aqui, Vargas governava e assemelhava-se aos inimigos das tropas aliadas. Em 1943, ganhou força e não mais parou um amplo movimento reivindicatório de caráter democrático.

Reivindicava-se por eleições gerais, *habeas-corpus*, anistia ampla e irrestrita, convocação de uma assembleia nacional constituinte, liberdade de expressão e organização etc., gerando, por conseguinte, uma frente democrática contra o Estado Novo. Engajadíssimo, o PCB reafirmava a necessidade da "União Nacional", vinculando-a à abertura democrática contra o varguismo. Acompanhado o crescimento do movimento democrático, sendo nele parte importante, o PCB, de 1942 a 1945, cresceu rapidamente. De cem militantes em 1942 passou quase três mil em 1942-1943, atingindo o número de 50 mil em 1945 e quase 200 mil em 1946 (SEGATTO, 1981, p. 48).

Em 1943, na Conferência da Mantiqueira, o PCB definiu-se por lançar a consigna "união nacional na luta contra o nazi-fascismo" – relatou Daniel Aarão Reis Filho. Tratava-se de uma aliança ampla, que incluía o governo ditatorial de Vargas, o mesmo que torturara, massacrara e assassinara muitos comunistas; o mesmo que entregara ao nazismo, em 1936, Olga Benário, posteriormente morta pelo hitlerismo. Na lógica comunista, o primordial era o avanço das lutas sociais, do pensamento progressista e da organização das esquerdas. A tática aprovada rendeu frutos ao PCB e à URSS, e a pressão social pró-aliados impulsionou o Brasil de Vargas, depois de relutar e barganhar, a declarar guerra incondicional à Alemanha. Então, os comunistas brasileiros passaram a ser visto como os antifascistas mais resolutos, patriotas e desprendidos, visto realizar qualquer sacrifício patriótico. Paralelamente, crescia o prestígio da URSS, repaginada em amiga da democracia e das liberdades. Stalingrado e Stalin "transformaram-se em poemas, em símbolos de uma época de uma luta [...] que, agora, estava esmagando, de forma definitiva, a poderosa e considerada invencível Besta nazista." (REIS FILHO, 2002, p. 71).

Iniciado o ano de 1945, destacou Reis Filho (2002, p. 71), crescia o prestígio dos comunistas nas ruas, graças aos comícios e às manifestações favoráveis à anistia e à democratização do País. A rendição nazista, assinada em 8 de maio do ano corrente, provocou euforia nas multidões e os comunistas tentavam harmonizar-se com a alegria dos populares. O PCB buscava canalizar para Luiz Carlos Prestes os loiros da vitória, em "comícios monstros", que ocorriam em estádios de futebol. Agora, a tarefa almejava obter credibilidade junto à população, superando a imagem de sanguinários, assassinos e impatriotas bastante irradiada pelos setores dominantes. Desse modo, os comunistas tentavam se apresentar como paladinos da ordem política e da paz social. Queriam mudanças, sem desestabilizar o País, como o movimento "queremista", constituinte com Vargas. Consumada a deposição do presidente, em

outubro de 1945, o PCB manteve-se fiel à política de "União Nacional" e obteve ótimos resultados com as eleições de dezembro: Prestes senador, 14 deputados à Assembleia Nacional Constituinte e cerca de 10% dos votos validos para o candidato à Presidência da República, o desconhecido Yeddo Fiuza.

Em Fortaleza, o PCB-CE, executando as deliberações da II Conferência Nacional, a Conferência da Mantiqueira, realizada em agosto de 1943, passou a atuar nos canais de participação possíveis: as secções locais da Liga de Defesa Nacional, da Sociedade dos Amigos da América, da União Democrática Estudantil e da União Nacional dos Estudantes. Delas, sobressaía a Liga de Defesa Nacional (LDN) e, pontuava, o seu Departamento Juvenil, que percorria várias cidades do Ceará, difundindo a luta antifascista, a liberdade de expressão e a anistia aos presos políticos. O ápice desta atuação ocorreu na "Semana Pró-anistia no Ceará", evento realizado de 8 a 15 de abril de 1945, no Teatro José de Alencar, cenário maior das artes cênicas nas terras cearenses. Antes, em março, militantes e simpatizantes da esquerda, coordenados pelo médico comunista Isnard Teixeira, lançaram o Programa Mínimo, no qual reivindicaram: anistia geral, eleições livres, reatamento das nossas relações com a Rússia, redemocratização do País à base de uma política de União Nacional em face da guerra contra o fascismo (RIBEIRO, 1989, p. 57).

O Nordeste, ao longo da Segunda Guerra Mundial, e tendo a União Soviética integrada às forças aliadas, combatendo o nazismo, permaneceu execrando Moscou. No curso da abertura política encetada por Vargas, em 1945, o jornal conservou sua posição de repelir qualquer aproximação com o regime de Stalin e utilizava-se de vários argumentos para descartar a participação legal do PCB na cena eleitoral. Como mote, difundiu: "O Brasil não é colônia de conquista para as ambições da barbaria asiática."[96] Na condição de pátria latina, católica e porção da América livre, o Brasil jamais poderia aceitar uma organização partidária cujo estatuto adequara-se ao "totalitarismo tártaro". Em vigor, a Constituição de 1937 deveria ser considerada, principalmente, porque fora imposta para combater o comunismo, por via de um inevitável golpe de Estado. Ausente do Texto Constitucional estadonovista, a legislação partidária vigorante em 1945 poderia ater-se ao estabelecido em 1937: barrar o perigo extremista; conservar as instituições civis e políticas. Alegava *O Nordeste* que sua postura conservava a liberdade de expressão, pois rechaçava uma governabilidade castradora da "independência das massas", do direito à propriedade privada e antirreligiosa incorrigível.

A própria natureza do comunismo, "irmão gêmeo" do nazismo, chocava-se com as diretrizes do governo Vargas. Stalin optava por monopolizar a riqueza pública,

[96] Fora da lei. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 jul. 1945. Editorial, p. 3.

escravizando o braço produtor. No Brasil, ocorria o inverso. Vargas dotava o País e a região Nordeste de infraestrutura. Construíra a Companhia Siderúrgica Nacional e a Companhia Nacional de Álcalis. Para abastecer de eletricidade o nosso espaço, erguia a usina hidroelétrica de Paulo Afonso, no rio São Francisco. E, mais uma vez, enaltecia o periódico: a legislação trabalhista e previdenciária coadunava-se aos anseios de um povo civilizado e cristão. Posto isso, o diário arquidiocesano delineava o quadro eleitoral: irmanados, comunismo e liberalismo *versus* os direitos dos cidadãos, segundo as "determinações" emanadas das autoridades eclesiásticas. Sucessor de Dom Manuel da Silva Gomes, Dom Antônio de Almeida Lustosa dotava a Ação Católica de espaços reservados para o alistamento eleitoral. A "arma do voto" derrotaria o "paganismo totalitário", tal qual fizera a Liga Eleitoral Católica, no Ceará, nos anos 1930, período em que se colocou na "vanguarda" do movimento de recristianização da nacionalidade.[97] Na análise d'*O Nordeste*, o imperativo da hora exigia: "Ninguém falte ao clamor dos nossos chefes!"[98]

Alimentando a propaganda anticomunista, a Página Religiosa d'*O Nordeste* publicou a série "Documentos Preciosos". A Página Religiosa começou a circular em janeiro de 1944 e, semanalmente, veiculou orações, passagens bíblicas, biografia de clérigos etc. Desta feita, publicou trechos da encíclica *Divini Redemptoris* – Sobre o comunismo ateu, de 1937, do papa Pio XI. Ressalte-se que a *Divini Redemptoris*, ultrapassando os limites da União Soviética, ampliou o raio de críticas ao comunismo, denunciando seu caráter internacional e defensor de uma revolução mundial. Também criticou seu modelo econômico, centrado no objetivo de vincular o homem a uma só missão: produtor de bens por meio do trabalho coletivo, subserviente ao Estado e sem direitos individuais sob a propriedade. Assim, a *Divini Redemptoris* considerou o bolchevismo feroz inimigo da civilização cristã, tachando-o de ardil essencialmente ímpio e servindo-se da imprensa, em uma "conspiração de silêncio", para incentivar uma prática antirreligiosa. Via-se, pela óptica do Vaticano, um inimigo avançando, em razão da III Internacional (o Komintern), ativa de 1919 a 1943, aos partidos a ela filiados, atuantes depois de sua dissolução e ao Kremlin; afora crescer nas crises do capitalismo liberal, provocadoras de duas guerras mundiais, descreveu Camacho (1995, p. 141-153).

Desde 1935, a partir de Moscou, havia a exaltação à tática de frente popular, outro elemento indutor à publicação da encíclica. Fruto disto, eclodiu na Espanha de 1936 a 1939, a

[97] Contradição flagrante. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jun. 1945. Editorial, p. 3. Contraste flagrante. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 ago. 1945. Editorial, p. 3. Divergências substanciais. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 ago. 1945. Editorial, p. 3. Solene compromisso. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 set. 1945. Editorial, p. 3.
[98] A arma do voto. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 set. 1945. Editorial, p. 3.

guerra civil, na qual travaram luta a coligação hitlerismo-mussolinismo-franquismo, recebendo apoio do Vaticano e as milícias internacionalistas, severamente combatidas nas páginas d'*O Nordeste*. A *Divini Redemptoris*, entretanto, foi além das questões políticas pontuais e propôs barrar o comunismo em um novo *locus*: "a colaboração no campo das obras humanitárias e de caridade, à qual os católicos foram frequentemente convidados pelos comunistas." (CAMACHO, 1995, p. 150). A recusa integral ao bolchevismo, proponente da "política de mãos estendidas aos católicos", assentava-se no "ateísmo beligerante" dos comunistas. Afinal, eles materializavam algo friamente arquitetado para destruir Deus, a pessoa e a família, insuflando as massas e superando todas as perseguições anteriormente endereçadas à Igreja. A *Divini Redemptoris* reiterou a necessidade premente da cristianização da sociedade, nomeando, resolutamente, para tal empreitada os "soldados" da Ação Católica, como até então não se tinha visto, e reforçou a importância do Estado de garantir à Igreja a plena capacidade de atuação.

Na série "Documentos Preciosos", composta de cinco edições, de 8 de setembro a 15 de dezembro de 1945, a Página Religiosa d'*O Nordeste* reproduziu e comentou alguns trechos da encíclica *Divini Redemptoris* – Sobre o comunismo ateu; priorizou aqueles coadunados aos interesses católicos nas eleições do ano decorrente. Nestas, o jornal indicou uma lista de candidatos a presidente, a senador e a deputado federal de vários partidos (UDN, PSD, PDC, PPS, PRP), todos abençoados pelo arcebispo de Fortaleza/CE, Dom Antônio de Almeida Lustosa. Ao divulgar a listagem, em sucessivas edições, o jornal vetou os postulantes do PCB: "não podem receber votos dos católicos". Na primeira publicação da série, o periódico fixou a essência pétrea do comunismo (a religião como ópio do povo) e discorreu acerca da situação econômica na União Soviética. O bolchevismo mantinha-se alicerçado no terrorismo e com ele ia implantando um regime materialista de escravização do operariado. No "paraíso soviético", a Igreja sabia separar os dirigentes dos explorados. Estes, infinitas vezes, foram enganados por falazes esperanças e mereciam o afeto paterno, seguido de perdão. Eram engrenagens descartáveis, formatadas à mercê da ganância dos senhores do Kremlin, cujo objetivo-mor ambicionava o enriquecimento próprio e a revolução mundial.

Arrogando o "corpo místico de Cristo", o segundo número da série dedicada à *Divini Redemptoris* expôs, mais uma vez, dado que em outros informativos estes temas foram recorrentes, as prerrogativas divinas herdadas pelos homens: direito à vida, aos meios de subsistência, de associar-se livremente e de usufruir os benefícios da propriedade privada, isto numa perspectiva terrena. Indo à espiritual, direito a constituir família, mediante o matrimônio cristão, proveniente de educação calcada nos valores do Evangelho. O bolchevismo, contudo,

impedia, servindo-se de violências e ardilezas, a vitória do Cristo salvador no solo russo. Obstruía a expansão da civilização cristã laicizando a vida privada e a vida pública, derivando daí um apego desmedido aos bens terrenos, sob a guarda da burocracia estatal soviética e a formação de um contingente de miseráveis, carente de socorro. A um só tempo, a URSS feria de morte dois postulados caros à escrita de Pio XI: a caridade cristã e a justiça social. Observava-se nos domínios stalinistas a ação dum Estado açambarcador da produção, formulador de propaganda ateia e belicoso. À vista disso, o Estado soviético tonara-se autossuficiente, passando a competir com a fé católica no sentido de dotar de significados a vida humana sobre a terra. Os males da Revolução Russa extrapolaram o imediato pós-ruptura e ganhavam perigosa dimensão universal, advertia a Página Religiosa.

Retomando temas da encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, do papa Leão XIII, concernente à harmonia capital e trabalho, a Página Religiosa aplicou-se em pormenorizar as atualizações ao tema trazidas pela *Divini Redemptoris*. De início, reafirmou o quão indispensável atingira a função social e individual da propriedade privada. Tornar-se-ia, porém, inconsistente o desempenho citado da propriedade privada se esta interferisse no sentido de obstaculizar os ganhos aos salários dos trabalhadores. A meta "salário justo ao operariado" devia sem cessar nutrir o bom convívio entre os agentes econômicos. Cada uma exercendo seu mister asseguraria o fim da luta de classes, sepultaria as aleivosias do liberalismo "imoral" e frearia os abusos autocráticos do poder estatal, aliás, algo corrente em se tratando do Estado soviético. Como pano de fundo disto, a Página Religiosa aludiu ao corporativismo. Caberia às associações representativas de classes (patronal e laboral) – em solidariedade orgânica, acrescida das bênçãos da Igreja e do poder arbitral do Estado, estes, por sua vez, igualmente imbricados – adquirir o perfeito equilíbrio nas relações de produção. Por isso, a cristianização do Estado tornava-se indispensável, igualmente, a não ideologização dos sindicatos, capitaneada pelos militantes comunistas.

Opondo-se ao Estado soviético, a Página Religiosa dissertou acerca das funções do Estado cristianizado. Primeiramente, competiria garantir os direitos humanos (liberdade de associação, propriedade etc.) e os direitos divinos, dentre eles, a "legitima" hierarquia, conforme preconizara o Evangelho e explicado, com parcimônia, pelo papa Leão XIII, nas encíclicas (*Diuturnum Illud*, de 1881 e *Immortale Dei*, de 1885). O grave equívoco do sovietismo residia no fato de conceber igualdade à população às leis públicas, invalidando a vontade do Criador; e o gravíssimo, fazendo uso do terrorismo coletivista e do dirigismo dum partido político. Desse modo, o Estado assumia o papel de guardião da sociedade, vigiando a tudo e a todos, por um lado e, no outro, uma burocracia partidária deliciava-se com as

benesses do poder. À medida que os altos funcionários se assenhoravam das riquezas e deformavam a outrora moral ortodoxa, via-se na URSS a redução, quase a zero, do prestígio dos sacerdotes e das sagradas escrituras. O Estado deveria exercer a autoridade máxima, reconhecia, sem exceção, a Página Religiosa na série explicativa acerca da inesgotabilidade da *Divini Redemptoris*, no entanto, perguntava: qual tipo de Estado? Apenas, o submetido a uma constituição cristã!

A Página Religiosa, de forma retrospectiva, indo ao nascedouro do cristianismo e projetando um futuro triunfante ao Vaticano, ratificou a fidelidade da Igreja ao Evangelho. Roma mantinha-se firme, ignorando os adversários, quer liberais ou comunistas. Desta feita, o informativo usou dois raciocínios: a fraternidade e o trabalho. Devia-se à Igreja a disseminação do ideal da fraternidade universal, desconsiderando raça e aporte financeiro. Vigente a escravidão no Brasil, a Igreja concitou aos senhores: "ver em sua escrava uma irmã de Cristo". Indo às relações de trabalho, a partir de Jesus Cristo, filho de carpinteiro, deu-se a elevação do trabalho manual à condição de elevada dignificação e indispensável à geração de bens, aptos a suprir as necessidades humanas, afastando o consumismo. Ao longo da série, insistiu a Página Religiosa em que a fé católica seria suficiente para valorizar a pessoa, a família, a economia e o Estado. O comunismo, na ânsia de torna-se universal, tal qual a Igreja, ajuizava o axioma: homem diminuído, reles servidor do Estado. De heresia em heresia, o comunismo deixara de ser transitório – atentai aos desacertos da URSS e os da Guerra Civil Espanhola, exclamava o informativo – e materializava-se no maior inimigo da cristandade e, consequentemente, merecendo enorme atenção, daí a relevância da imprensa cristianizada.[99]

Pelo exposto, conclui-se que a Secção Operária, a Página Operária, a Página Trabalhista, a Página Mariana e a Página Religiosa possuíam um fio condutor: a defesa da propriedade privada, associada à continuidade do Estado Novo e de sua norma constitucional, com Getúlio Vargas à frente, mas com uma solicitação ao Executivo federal: a necessidade de se estabelecer a função social da propriedade, em consonância com as encíclicas dos papas Leão XIII e Pio XI, exaustivamente comentadas nos informativos citados. Centrado na oposição ao regime soviético, o discurso de convencimento em defesa da propriedade privada desenvolvia-se de tal maneira que Moscou, embora consentindo a instalação de poucos

[99] Documentos preciosos – A encíclica de Pio XII sobre o comunismo ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 set. 1945. Página Religiosa, p. 10. Documentos preciosos – A encíclica de Pio XII sobre o comunismo ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 set. 1945. Página Religiosa, p. 10. Documentos preciosos – A encíclica de Pio XII sobre o comunismo ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1945. Página Religiosa, p. 10. Documentos preciosos – A encíclica de Pio XII sobre o comunismo ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 nov. 1945. Página Religiosa, p. 10. Documentos preciosos – A encíclica de Pio XII sobre o comunismo ateu. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 dez. 1945. Página Religiosa, p. 10.

negócios particulares, (vide notícia na Página Trabalhista), ficava sendo conceituada como inimiga contumaz das iniciativas empresariais. Nas remotas terras czaristas, imperava o Estado-patrão, dirigido por uma burocracia ciosa de amealhar riqueza em detrimento de um proletariado escravizado, argumentava seguidamente *O Nordeste*. Nem sequer o fato de na União Soviética inexistir vida partidária, pois havia o partido único, o PCUS, e o culto à personalidade de Josef Stalin estimulavam o periódico arquidiocesano a tecer um brevíssimo elogio a um modelo almejado de conduta política.

A defesa da propriedade privada nas páginas d'*O Nordeste* considerava duas vertentes: aquela concebida pelas cartas doutrinárias dos papas Leão XIII e Pio XI e a própria existência do jornal. Publicado sob os auspícios da Sociedade Editora São Francisco das Chagas Ltda., o periódico se colocava como uma empresa comercial. Renovava sua maquinaria, vendia anúncios dos mais variados tipos (lojas comerciais, consultório médicos, farmácias etc.), buscava ampliar o corpo de assinantes, divididos em níveis: no estrangeiro, na capital, no restante do Ceará e em outros estados da Federação. Fundia o fervor no catolicismo com o estímulo às vendas avulsas nas bancas de revistas e a dilatação do número de assinantes. Juntamente com o Banco Popular de Fortaleza, sucedâneo do Crédito Popular São José, fundado em 1919, *O Nordeste* compunha os braços comerciais da Arquidiocese de Fortaleza. Tal estrutura iniciou-se na administração eclesial de Dom Manuel da Silva Gomes, sendo continuada e ampliada na de Dom Antônio de Almeida Lustosa, que, em 1964, incorporou ao patrimônio da Arquidiocese de Fortaleza a Rádio Assunção Cearense. Em 1967, *O Nordeste* deixou de circular; em 1970, o Banco Popular de Fortaleza foi vendido e em 1980, a Rádio Assunção Cearense passou para a iniciativa privada.

Abstendo-se de comentar diretamente, porém em virtude da repetição incessante acerca da função social da propriedade privada, nos moldes definidos pelos papas Leão XIII e Pio XI, infere-se que *O Nordeste* debatia-se por manter algo preconizado pela Constituição de 1934, em seu artigo 113, inciso 17: "É garantido o direito de propriedade, que não poderá ser exercido contra o interesse social ou coletivo, na forma que a lei determinar." Na Constituição de 1937, houve um retrocesso se comparado a 1934, pois se deu garantia absoluta ao direito de propriedade e se fez vaga referência ao seu perfil no artigo 122 ("A Constituição assegura aos brasileiros e estrangeiros residentes no País o direito à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes:"), inciso 14 ("o direito de propriedade, salvo a desapropriação por necessidade ou utilidade pública, mediante indenização prévia. O seu conteúdo e os seus limites serão os definidos nas leis que lhe regularem o exercício"). Ressalvando-se isso, *O Nordeste* expressava larga concordância com a Constituição de 1937,

que na análise de Marco Antonio Villa possibilitou ao governo central receber plenos poderes, como “nunca na história do Brasil” (VILLA, 2011, p. 68).

Vale relembrar que no período 1933-1934, nacionalmente, durante as eleições e na Assembleia Nacional Constituinte, a Liga Eleitoral Católica (LEC) atuou de forma marcante, conseguindo incluir na Constituição de 1934 o apoio financeiro do Estado à Igreja Católica, a proibição do divórcio, o reconhecimento do casamento religioso, a educação religiosa durante o horário escolar e a ajuda monetária do Estado às escolas católicas (MAINWARING, 1989, p. 48). Numa perspectiva da LEC-CE, nas páginas d’*O Nordeste*, o artigo 113, inciso 17, do Texto Constitucional de 1934, significava um ponto de equilíbrio entre a existência livre da propriedade privada, concebida com base nos cânones do liberalismo econômico e o uso coletivo, calcado na experiência socialista, proveniente da Revolução Russa e da União Soviética.

Daniel Aarão Reis Filho atribuiu aos partidos de vanguarda, sob uma perspectiva leninista, atuantes no Brasil ao longo dos anos 1960, algumas características; das quais, destaca-se quatro. “Complexo da dívida”: o partido é a encarnação de uma vontade coletiva, politicamente organizado, detentor de uma saber maior, porque científico e social. O saber e o poder de cada militante são dádivas do partido. Por maiores que fossem suas capacidades, os militantes nunca deveriam esquecer duas coisas: suas prerrogativas e conhecimentos jamais se igualariam às prerrogativas e conhecimentos do partido. A compreensão de uma inferioridade medular marcava os militantes em relação ao partido.

“Massacre das tarefas”: a dinâmica das organizações comunistas era marcada por extensa gama de atividades ou tarefas. Internas, realizadas para atender aos imperativos da própria vida orgânica, e externas, referentes à sociedade – estudo teórico (leitura do marxismo-leninismo, obras de vulgarização, cursos de formação básica, palestras de dirigentes; apenas uma pequena elite dominava com alguma profundidade as obras tomadas como referência), debate político-teórico interno (corrigir erros, superar desvios, conter cisões); trabalho de massas (a luta dos movimentos sociais), trabalho de agitação e propaganda (divulgar poucas ideias para um público numeroso e estudo mais aprofundado em pequenas audiências).

“Celebração da autoridade”: apologia do saber dos dirigentes e o culto da personalidade do chefe, apresentado como arquétipo que todos deveriam imitar. Os chefes concentravam saber teórico, tirocínio político, capacidade organizativa, militância prática, espírito de sacrifício e altos valores morais. O PCB trabalhou desde sempre o culto a Prestes, o “cavaleiro da esperança”, o bom pai, o bom esposo, o verdadeiro bolchevique. Do seu jeito,

a celebração da autoridade amplificava o complexo de dívida, pois o arquétipo seria inalcançável, insuperável.

"Síndrome da traição": o militante devia tudo à organização partidária, uma nova concepção de mundo, padrões de orientação política, uma comunidade de companheiros, um conjunto de tarefas que o absorviam completamente e davam sentido a sua vida, incluindo até normas de comportamento estritamente pessoais, os padrões morais; mas era preciso que o militante permanecesse organizado. Disto dependeria seu acesso a um novo tipo de vida. O militante, ao ingressar no partido, deixava de ser uma pessoa comum, tornava-se parte integrante de um corpo de elite e dirigente de um processo de transformação do mundo. O complexo da dívida, cristalizado por anos de prática política, provocava a síndrome da traição, porque deixar o partido era traição (REIS FILHO, 1990, p. 105 *et seq.*).

Na sua militância anticomunista, *O Nordeste* expressava conduta análoga ao modelo sistematizado por Daniel Aarão Reis Filho para os partidos de vanguarda marxista-leninista. Entende-se que o periódico se colocava como um intermediário da teoria com a ação. Pautava-se por incutir em seus leitores posições rígidas, a começar pelo "complexo de dívida": o conhecimento dos leitores jamais se igualaria aos ensinamentos difundidos pelo jornal, que deveriam ser encarados como dádivas da Igreja Católica aos pecadores; cometendo erros, os leitores deveriam fazer autocríticas e, nos acertos, reconhecer o ganho de ter sido obediente ao pregado.

Havia o "massacre das tarefas": leitura do jornal, participação nas diversas organizações vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza (círculos operários, ação católica, entidades juvenis, ciclos de oração, voto na Liga Eleitoral Católica e no Partido Republicano Progressista etc.), descartando a autossuficiência e compreendendo as tarefas como um fator de coesão indispensável ao triunfo da recristianização da sociedade brasileira. O leitor devia orientar-se politicamente seguindo o jornal, apenas. *O Nordeste*, ao relacionar o conjunto de tarefas a serem cumpridas, apontava para os leitores uma nova concepção de mundo, tanto na vida privada, como na vida pública.

Dos papas, mormente, Leão XIII e Pio XI, por terem publicado encíclicas anticomunistas, passando por Dom Manuel da Silva Gomes, primeiro a exercer o arcebispado de Fortaleza/CE, período em que ocorreu a fundação d'*O Nordeste*, passando por Dom Antônio de Almeida Lustosa, sucessor de Dom Manuel até as autoridades civis, Raimundo de Alencar Araripe, prefeito de Fortaleza (1936-1945), Menezes Pimentel, governador constitucional e interventor (1935-1945), e o presidente Getúlio Vargas, eis o leque de autoridades celebradas pelo jornal. Automáticas, a "celebração da autoridade" ocorria

cotidianamente, entretanto crescia em datas comemorativas: aniversário, falecimento, em comemoração as encíclicas, eleições, data de posse etc.

Já Araripe, Pimentel e Vargas amealhavam elogios paralelamente ao crescimento da repressão aos comunistas e ao sindicalismo independente do Estado e da religião, afora os elogios rasgados devido às providências tomadas contras as secas causticantes do Ceará. *O Nordeste* iniciou seu apoio à Revolução de 1930, descrevendo-a de totalmente avessa à contaminação dos "vermelhos", depois veio o repetido e irrestrito apoio à legislação trabalhista e previdenciária varguista, que como informado, materializava os ensinamentos de Leão XIII. À "síndrome da traição", o periódico manipulava a dualidade típica do catolicismo: o céu aos leais e o inferno aos infiéis.

Por sua vez, Ansart (1978, p. 209 *et seq.*), no item "A eficácia do simbólico", reportando-se à linguagem política, realçou no trabalho de propaganda e persuasão três momentos: o "fazer crer", o "fazer amar" e o "fazer agir". No tocante à idolatria estimulada pelo *O Nordeste* a Getúlio Vargas, tais passos determinaram a construção mítica do presidente. Para isso, suas qualidades individuais foram levadas ao exercício do poder: desprendimento, generosidade, amizade, lealdade, amor ao povo etc. Quanto a Prestes e ao bolchevismo, o vetor atuava em sentido oposto: crenças e valores serviam para desqualificar o líder comunista e a União Soviética, donde se conclui que as etapas expressas por Pierre Ansart adquiriam caráter degenerativo. Então, foi o fazer descrer, o fazer odiar e o fazer repelir. Para *O Nordeste*, o fundamental era servir-se da anunciada formação católica do povo brasileiro, oriunda da colônia, e utilizá-la como ferramenta limitante da soberania popular, ou seja: "Nas classes dominadas, a ideologia oficial impõe modelos de identificação e resignação propícios à aceitação de ordens recebidas; a ideologia crítica produz, pelo contrário, imagens de autonomia propícias à constituição das resistências à opressão." (ANSART, 1978, p. 225).

1.4 A sã política

> Na Alemanha nazista, guardar fidelidade às crenças da nossa santa religião é expor-se a um regime de gente fora da lei, tal qual na Rússia soviética.[100]

De acordo com o grupo gestor d'*O Nordeste*, a elite estatal deveria usufruir da maior liberdade possível com vistas a eliminar os focos de rebeldia à ordem autoritária. Liberais-democráticos, comunistas e massas populares compunham o rol daqueles que deveriam ser objeto de vigilância incessante. O Estado unipessoal, centralizado na figura do líder, no caso do Brasil, personificado em Getúlio Vargas, deveria conduzir a pátria à regeneração, isto é, à recristianização das instituições, algo ocorrido nos tempos do Império, principalmente, com Dom Pedro II, sempre citado como exemplo de governante. A Constituição de 1891, a primeira da República, desfigurara a Nação brasileira, porquanto ateia e liberal. Agora, anos 1930, a Europa com seus governos totalitários, tirante o stalinismo, apontava quais mecanismos poderiam ser adaptados às terras brasileiras.

Acolhendo as demandas da hierarquia católica, a hipertrofia do Estado seria aceita e isso ocorreu com ditadura do Estado Novo (1937-1945). Então, os aparelhos estatais deveriam valorizar a família nuclear, o laicato engajado e as obras assistências do clero. Com isso, estariam postas as condições para edificação duma sociedade homogênea, disciplinada e com um povo serviçal das elites. Para isso, sistematicamente, o vespertino arquidiocesano propagandeava a necessidade imperiosa de o Brasil congraçar-se com o legado colonial dos jesuítas, ajustar a parceria capital-trabalho e instaurar o princípio da autoridade; donde se infere que a conciliação ambicionada pelo grupo gestor do jornal se enquadrava na análise de Michel Debrun, concernente à sociedade brasileira.

No Brasil, a conciliação foi arquitetada não para evitar brigas incertas ou custosas envolvendo competidores de forças simétricas; mas, ao contrário, para "formalizar a relação entre atores desiguais, uns já dominantes e outros já dominados. E para permitir que os primeiros explorassem em seu proveito a transformação dos segundos em sócios caudatários." (DEBRUN, 1983, p. 15). À luz deste raciocínio, nos anos 1930, houve a ideologia da recristianização pregada pelos pensadores católicos, cujo "autoritarismo mobilizador" estimulava as massas populares a lutarem por projetos políticos hegemonizados pelas elites e pela hierarquia católica (SILVA, 2004, p. 88).

---

[100] Dever pascal. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 abr. 1939. Editorial, p. 1.

Ao longo do período pesquisado (1930-1945), a concepção de Estado d'*O Nordeste* negava a democracia representativa, haja vista as massas serem desprovidas historicamente de racionalidade política e sem possibilidade de mudança para o futuro. E assentava-se na larga defesa em prol de um governo ditatorial, centralizado na pessoa de Getúlio Vargas. O Estado deveria organizar-se considerando as associações profissionais, as cooperativas de produção e de crédito. Daí o esforço da Arquidiocese de Fortaleza e do laicato engajado em fundar e tutelar as organizações de trabalhadores e de jovens de vários matizes (círculos operários, professores, militares, juventude feminina etc).

Enfim, o vespertino defendia um Estado corporativo, no qual haveria a neutralização dos conflitos: sem concorrência no plano econômico, sem luta de classes no plano social, sem diferenças ideológicas no plano político e sem imprensa livre. Por esta lógica, imperaria o intervencionismo estatal na vida social do Brasil calcado na legislação trabalhista, na assistência aos pobres, no estímulo ao cooperativismo, na valorização dos conselhos técnico-administrativos, na educação da juventude e na montagem de uma infraestrutura à inciativa privada. O indivíduo deveria ser obediente à unidade capital, trabalho e religião.

Em 1933, o periódico condenou as mudanças na legislação sobre as cooperativas, o decreto federal nº 22.239, de 19.12.1932, do presidente Vargas. Com relação às modificações estabelecidas pela nova legislação, o órgão arquidiocesano condenou a proibição das cooperativas de irradiar propaganda religiosa ou política, consoante o dispositivo (art. 7º, letra k). A alteração em foco, advogava o jornal, introduziu, empregando trâmites legais, o laicismo nas entidades associativas. Destituídas do caráter confessional, este tipo de sociedade, principalmente no distante e sofrível espaço agrário, distanciar-se-ia a léguas de uma de suas finalidades primordiais: disseminar o Evangelho, a "única" solução para a crise moral proveniente da Primeira República.[101]

No Estado burocrático-autoritário, o núcleo familiar teria papel fundamental. O direito à propriedade privada e ao trabalho digno seriam decorrências naturais da necessidade de preservação da família. A verdadeira nacionalidade residiria na valorização à sociedade doméstica, que precederia a sociedade civil. Esta, por sua vez, ficaria sob a vigilância da repressão policial. Mesmo sendo dotado de enorme responsabilidade, o aparato estatal submeter-se-ia a condicionantes: os princípios católicos. Por isso, obstar a bolchevização da sociedade tornava-se atributo indispensável à recristianização da pátria. À vista disso, *O Nordeste* defendia a adoção do pânico (Roma ou Moscou?) como política de Estado, pois o

[101] O laicismo nas cooperativas. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 fev. 1933. Editorial, p. 1.

infatigável "perigo vermelho" rondava a Nação. Colado às posturas reativas, tornava-se urgente recorrer à precaução: catecismo e autoridade! E a reserva moral do País, as forças armadas, deveria estar sempre de prontidão! No Brasil, superando percalços, a fé católica vinha atingindo admirável proeminência.

Passado um ano da Revolução de 1930, *O Nordeste* passou a defender a instituição dum Estado autoritário com Getúlio Vargas à frente. Repercutindo as discussões acerca da volta do Brasil à constitucionalidade, o periódico descartava tal processo e insistia na necessidade de o presidente Vargas deixar de ser um estadista de modos "brandos" e decretar atos contundentes, caso necessário, usando a coerção policial e jurídica, no sentido de garantir o bem comum, a sociedade doméstica, o progresso nacional e a unidade territorial. Ademais, precisava revogar a política herdada da Primeira República. Posteriormente, poderia vir a Constituição. Do contrário, haveria a proliferação dos emissários bolchevistas.

O Nordeste tornava patente o porvir do Brasil Novo: a família, instituição impar, defendida pelos poderes públicos; o município, liberto das injunções eleitorais; as unidades federativas, com autonomia na vida nacional; as corporações morais e econômicas varrendo o individualismo burguês; a subordinação dos interesses materiais aos interesses espirituais; a retomada da ordem e do progresso. Nas projeções d'*O Nordeste*, um governo de união nacional comandaria o expurgo dos "detritos" da Primeira República, os instigadores das trapaças liberais, da enrolação laicista e do materialismo soviético. Ocupariam o cerne da Administração Pública os elementos sadios e as inteligências procedentes da tradicional educação cristã, o que garantiria a homogeneidade do povo.[102]

Entendia *O Nordeste* que a continuidade do Estado neutro, se avalizada pela Assembleia Nacional Constituinte, redundaria no suicídio da nacionalidade e alimentaria a proliferação da ideologia desvairada do "liberalismo bolchevizante". O tempo era de precaução e ação; de repulsa à Pátria Velha, oriunda da Constituição republicana de 1891. Neste sistema político, havia o domínio do partidarismo, o envenenamento das inteligências nas escolas laicas e a condução do povo pelos malfeitores profissionais (comunistas e liberais). O embate da hora abrangia a institucionalização da ditadura nacionalista, tolhendo o crescimento dos socialistas "despóticos", caso o liberalismo permanecesse norteando a legalidade brasileira.

[102] Volta à Constituição. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 nov. 1931. Editorial, p. 1. O dever do momento. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1931. Editorial, p. 1. Novo Ano. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 jan. 1932. Editorial, p. 1. À beira de um caos. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 mar. 1932. Editorial, p. 1. Salus populi suprema Lex. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 abr. 1932. Editorial, p. 1. O modelo que nos convém. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jun. 1932. Editorial, p. 1. Nas linhas de frente. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 out. 1932. Editorial, p. 1. União Nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 nov. 1932. Editorial, p. 1.

Agora estava sendo diferente, pois com Vargas crescia a colaboração Estado-Igreja. Posto isso, *O Nordeste* destacava o papel do clero cearense: guiar as massas. Leia-se, consolidando a Liga Eleitoral Católica, os círculos católicos, as obras de caridade, os círculos operários, a Legião Cearense do Trabalho, as cooperativas de produção etc. Enfrentando protestos desmedidos de liberais e vermelhos, os padres cumpriam um dever imperioso da fé, colocando para os fiéis as opções: ou o princípio da autoridade, consubstanciando no lema integralista (Deus, Pátria e Família!) ou o comunismo devastador, escravizador da liberdade e demolidor da civilização cristã?[103]

No entendimento d'*O Nordeste*, as massas eram irracionais, passíveis de fácil manipulação pelas lideranças liberais e comunistas. Por consequência, existia a premência de discipliná-las, lançando mão da educação, do associativismo cristão e do trabalho. Ao Estado, perfeitamente cristianizado, caberiam o monopólio da violência e o controle da sociedade civil, que seria liberta das disputas ideológicas e do sufrágio universal. Em 1937, o golpe do Estado Novo veio atender as expectativas do jornal quanto à imposição inadiável de um Estado autoritário no Brasil. Até o fim da ditadura estadonovista, em 1945, o jornal permaneceu fiel a Vargas e ao interventor Menezes Pimentel.

O Nordeste, à proporção que ligava o comunismo e os comunistas a várias imagens e símbolos (violência, perfídia; doenças, vírus), aplaudia, calorosamente, o nazista Adolf Hitler, o fascista italiano Benito Mussolini, o catolicismo autoritário de António Oliveira Salazar, o austríaco Engelbert Dollfuss, o espanhol Primo de Rivera e o general português Óscar Carmona. Com esmero, estes governantes combatiam os agentes de Moscou, faziam reformas sociais, organizavam o mercado e, assim procedendo, formatavam o modelo ideal de Estado repressor almejado pelo vespertino: o Estado Novo, o governo forte, a ditadura nacionalista ou Brasil Novo.

Custodiado pelo apodrecido liberalismo, o "paganismo soviético" levava o povo ao báratro da anarquia e à dissolução social, consequentemente, inoculava nas multidões o desprezo aos princípios básicos da estabilidade coletiva: o respeito à autoridade, a prosperidade do trabalho e o sossego das famílias. Ajuizava *O Nordeste* que a civilização ocidental atravessava um período de graves desvarios e inédito até aquela data: a completa

[103] Ordem a realizar. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 fev. 1932. Editorial, p. 1. Dificuldade de compreensão. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 fev. 1932. Editorial, p. 1. Para onde vai o Brasil? **O Nordeste**, Fortaleza, 8 mar. 1932. Editorial, p. 1. O suicídio da nacionalidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 abr. 1932. Editorial, p. 1. Governos fortes. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 abr. 1932. Editorial, p. 1. A religião racista. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 abr. 1932. Editorial, p. 1. Horizontes novos. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 ago. 1932 Editorial, p. 1. Novo interventor. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 set. 1932. Editorial, p. 1. A desmoralização do regime. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 nov. 1932. Editorial, p. 1. O governo a inaugurar-se. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 dez. 1932. Editorial, p. 1. Os compromissos da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 dez. 1934. Editorial, p. 1.

recusa ao dever de respeito com os poderes constituídos e o distanciamento das verdades eternas do Evangelho. Daí a necessidade urgentíssima do incremento da "sã política" para salvar o Brasil e o mundo: ditadura para evitar um despotismo inominável (o comunismo); vigilância à maquinação dos elementos dissolventes da ordem pública (a "selvageria" bolchevista, o judaísmo, a maçonaria, o amor livre, o laicismo e o jacobinismo).[104]

Acima de tudo, os referenciais de governabilidade d'*O Nordeste* (Carmona, Dollfuss, Hitler, Mussolini, Salazar e Primo de Rivera) perseguia implacavelmente o comunismo, que por si era digno de aprovação. De acordo com o periódico, para o Brasil acompanhar os passos delineados por tais lideranças, tornava-se imprescindível que o País repelisse a democracia agnóstica, os cânones das repúblicas liberais e o internacionalismo corruptor, por afiançarem a progressão do bolchevismo mundo afora. De Mussolini, o periódico gabava o nacionalismo e a tática de mão de aço para esmagar o "polvo truculento". O italiano consolidava-se porque passava o carro da autoridade por cima do "cadáver" das velhas fórmulas da democracia liberal e vetava o jornalismo moscovita na Itália. Não obstante receber dos simpatizantes de Moscou críticas pesadas e intermitentes, em nome da enganadora liberdade de expressão, o que fazia o *duce* era livrar o povo do "vírus" da licenciosidade. Minimizando os excessos (a tentativa de eliminar a soberania dos papas ante ao Estado), e, principalmente, celebrando os recuos (o acolhimento aos direitos da Santa Sé, garantidos pela valentia do "Prisioneiro do Vaticano"), o diário alçava o dirigente fascista à categoria de "homem sugerido pela Providência" para a salvação da pátria italiana.

O regramento nacionalista d'*O Nordeste* fixava-se nas díades: trabalho e catecismo; pátria e ordem. Se atuantes, removeriam a ignorância popular. Se ausentes, propiciariam o florescimento do "internacionalismo barbarizante". No caso do Brasil, o desvairamento bolchevista agilmente "envenenaria" a juventude. Indo à conjuntura europeia, apontava caminhos. França, republicana, jacobina e desprovida da praxe católica. Espanha, atormentada pela rebeldia "sanguinária" dos socialistas e cerceada da educação religiosa. Alemanha, com Adolf Hitler, "Em o sentido do século": "há homens que aparecem como que sugeridos pelos acontecimentos nos instantes decisivos da existência universal. Eles se movem, Deus os guia."[105]

---

[104] Justiça que não recua. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 7, 13 jan. 1929. Penúria intelectual. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 mar. 1929. Editorial, p. 1. A sã política. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 maio 1929. Editorial, p. 1. Reação do bom senso. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jun. 1929. Editorial, p. 1. Res non verba. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jul. 1929. Editorial, p. 1. Ação Integralista Brasileira. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 ago. 1933. Editorial, p. 1.

[105] O sentido do século. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 nov. 1933. Editorial, p. 1.

E o que edificara Hitler para merecer tanta apologia? Solidificou a revolução nazista. Arrancou a Germânia das garras do "urso moscovita". Freou a negação a Deus e as injúrias à religião católica, com a Concordata de julho de 1933. Combateu a desonestidade. Restabeleceu a ordem no país. Criou trabalho. Deu pão aos famintos. Restaurou as forças vivas da nacionalidade. Trilhou a rota de Benito Mussolini. Levantou o nível de felicidade e de decência no seio da família. Resguardou a cultura, a arte e moral da Alemanha da "barbaria do materialismo soviético". Em síntese, se a "onda vermelha" houvesse conseguido solapar a terra bávara, os países do ocidente teriam sofrido as moléstias da invasão do anticristianismo da III Internacional.[106]

Crise profunda! Para *O Nordeste*, o Brasil e os demais países civilizados estavam sendo apenados por uma onda de rebelião, salvo Alemanha, Áustria, Itália e Portugal, onde a reação nacionalista detivera o caos da anarquia. A origem da balbúrdia localizava-se na completa falência do Estado neutro e nos "hunos redivivos", desejosos de reduzir a destroços a Pátria, a Religião, a Família e a Propriedade. Das praias aos sertões rudíssimos, minando a disposição dos ministros de Deus a favor da moralidade, irrompiam a imprensa livre, os próceres laicistas e "as iras e os furores" dos arautos de Moscou. Ante a veloz ofensiva da "ignomínia" comunista, a gazeta religiosa enaltecia a ação de António de Oliveira Salazar, com a organização do Estado Novo, em Portugal, e Engelbert Dollfuss, adepto do cristianismo social, de arma empunhada na Áustria, por terem derrotado as estocadas criminosas dos bolcheviques. Perante o "cataclismo da barbaria russa", *O Nordeste* maximizava a autoridade de Hitler e Mussolini.

Antecedendo ao receituário anticrise, consubstanciada na reação nacionalista, a folha clerical desancava os governos democráticos, o tabu constitucionalista, a demagogia internacionalista e o laicismo corruptor da Primeira República brasileira. Resumindo o combate ao espírito do mal, asseverou: era esse liberalismo dissolvente que levava os povos à insânia comunista. De modo algum, deixaria de protestar contra a dissolução da ordem e de dar seguimento ao conselho do pensador católico Jackson de Figueiredo: preferível o pior governo à melhor revolução, sempre!

A reação nacionalista ansiada pelo *O Nordeste* baseava-se: na educação católica da juventude, cuja implantação imitaria os padrões impostos por Mussolini; na retirada do

[106] Ação regeneradora. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 ago. 1933. Editorial, p. 1. A mentira laicista. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 nov. 1933. Editorial, p. 1. Teatro de dissolução. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 nov. 1933. Editorial, p. 1. Os dois poderes. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 nov. 1933. Editorial, p. 1. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 ago., 6, 9, 25, 28 nov. 1933. Editoriais, p. 1. "O Povo" e o habeas-corpus a um aliancista. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 ago. 1935. Editorial, p. 1.

liberalismo da Carta Magna brasileira, em elaboração pela Assembleia Nacional Constituinte, a fim de impedir a continuidade do regime falido da Primeira República; no banimento da democracia a serviço das "forças do mal"; na eliminação dos meios agnósticos incentivadores da vileza do dinheiro e na informação preventiva às multidões do perigo comunista. A efetivação da reação nacionalista, alertava a gazeta, dependia do pulso firme do governo Getúlio Vargas.

O suicídio da nacionalidade prosseguiria, caso o presidente aceitasse a continuidade dos despojos do Estado liberal-democrático de 1891 na futura Constituição, a de 1934, a saber: a subversão da juventude nas escolas secundárias e superiores em virtude da alucinação de mestres corrompidos sob a inspiração da ideologia desvairada do comunismo. Por isso, obstar qualquer contato com Moscou era benéfico, dos comerciais aos culturais. Seria um acinte ao Brasil católico efetuar trocas mercantis com os russos. Além de associar-se a uma nação exploradora do trabalho escravo e castradora da liberdade do operariado, tutelado por uma ditadura esmagadora, haveria a possibilidade de receber o pagamento em moeda desvalorizada e o risco de facilitar a infiltração dos bolchevistas ao País.[107]

Insistindo no rápido extermínio do comunismo, *O Nordeste* ampliava a valoração ao Estado Novo, em franco avanço na Alemanha, Áustria, Itália e Portugal. De início, reiterava o vínculo do liberalismo, a "democracia sem Deus", com a livre circulação de uma das insânias do comunismo: o igualitarismo. Quanto ao Brasil, ratificava a premência por uma ditadura nacionalista capaz de restabelecer os princípios de ordem, paz, trabalho e justiça, existentes no período imperial. A governança desejada primaria por impedir a proliferação do axioma: a rebelião à autoridade religiosa gerou o laicismo; a rebelião à autoridade estatal produziu a anarquia internacionalista.

Reafirmando o desejo por governos fortes para conter os impulsos extremistas, o jornal valorizava Mussolini por ter retrocedido ao pactuar-se com o Vaticano e glorificava Dollfuss e Salazar. Embora reconhecendo à contundência de Hitler no rechaço a infiltração "terrorista" de Moscou, *O Nordeste* lamentava-se pelo fato de o dirigente instituir a campanha de valorização do arianismo, na vigência da Concordata de 1933. Na Alemanha, tendo Hitler

[107] Problema fundamental. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 fev. 1934. Editorial, p. 1. Ordem a realizar. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 fev. 1934. Editorial, p. 1. A suprema lei. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 fev. 1934. Editorial, p. 1. Liberalismo dissolvente. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 fev. 1934. Editorial, p. 1. Reação nacionalista. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 mar. 1934. Editorial, p. 1. Para onde vai o Brasil? **O Nordeste**, Fortaleza, 8 mar. 1934. Editorial, p. 1. Civilização laica. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 mar. 1934. Editorial, p. 1. A estabilidade da ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 mar. 1934. Editorial, p. 1. O suicídio da nacionalidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 abr. 1934. Editorial, p. 1. Negócios com os sovietes. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 abr. 1934. Editorial, p. 1. Almas fortes. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 abr. 1934. Editorial, p. 1.

livrado indiscutivelmente os germânicos do abismo comunista e aproximando-se do Vaticano, a persistente divinização da raça acarretava a violação explícita do Evangelho.

Visando a derrotar o socialismo extremista e materializante, *O Nordeste* propôs a construção dum Estado cristão e nacional, concebido à luz da encíclica *Quadragessimo Anno* (1931), do papa Pio XI, que referendava a *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII. Ao desdobrar a proposição, o órgão lecista sistematizou a concepção política do ditador austríaco Engelbert Dollfuss e de seu cristianismo social: 1º) Estado ético de sentido cristão, assegurando o pleno respeito à vida moral, com a volta da instrução religiosa à escola e retirando a juventude da criminalidade ateística; 2º) Estado antiliberal sintonizado com a *Syllabus*, de 1864, do papa Pio IX, que condenou o individualismo e a constituição da sociedade em bases puramente materialistas; 3º) Estado antissocialista oponente do marxismo, contrário a toda modalidade de socialização dos bens e garantidor do direito natural de acumulação através da propriedade individual; 4º) Estado autoritário a ser estabelecido sob a direção de chefes imbuídos do espírito de sacrifício e sem política parlamentar; a conduta congressual levou as nações ao demagogismo e ao formalismo democrático, que debilitaram o princípio de autoridade; 5º) Estado corporativo capaz de unir as classes trabalhadoras e produtoras em colaboração cristã, consoante o preconizado nas encíclicas; 6º) Estado Nacional zeloso das características religiosas, etnográficas, históricas e políticas das nações, os fatores essenciais à independência e à prosperidade dos povos.[108]

O Nordeste engrandecia Primo de Rivera, ditador espanhol de 1923 a 1930, pela constituição da "nova era". Nela, Rivera livrou a sua pátria da democracia ateia, do liberalismo corruptor, da anarquia moral, do laicismo antipatriótico, das amarras constitucionais e dos falatórios parlamentares. Implantou serviços técnicos de fomento à produção, pacificou o ambiente social, calando a imprensa sensacionalista e a extremista, a favor da ideologia nefasta do bolchevismo. Contrapôs as utopias inaplicáveis, aquelas a qual pertencia o igualitarismo comunista, à recristianização popular, que se espraiava via ensino religioso obrigatório.

Estadista honesto e competente, do naipe de Carmona, Mussolini e Hitler, mencionados como padrão da "nova era", Rivera, semelhante ao italiano e ao português, não só equilibrara as finanças públicas, como recebia manifestações de confiança do povo, quando este pagava os impostos cientes da aplicação dos tributos em prol da coletividade. No geral, o jornal repetia o lema do governante de Castela: prosperidade, trabalho e ordem. Lamentando a

[108] A suprema lei. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 fev. 1934. Editorial, p. 1. O homem do dia. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1934. Editorial, p. 1.

morte de Rivera, *O Nordeste* pontuou: contíguo à saída do governante, cresciam na Espanha as greves, sob a direção dos moscovitas, o que contrastava com a Rússia dos sovietes. Lá, ao menor sinal de balbúrdia, o Exército Vermelho afogava, em sangue, os manifestantes.[109]

O Nordeste definiu golpe militar de 28 de maio de 1926 como a "verdadeira revolução portuguesa", cujos feitos salvaram a população do comunismo, do materialismo maçônico e do liberalismo. A presidência do general Carmona, iniciada em 1926, e a gestão de Oliveira Salazar traduziam a perfeita sintonia Igreja-Estado. As boas relações (Vaticano-Lisboa) possibilitaram às hostes católicas reaver posições subtraídas em 1910, quando a república liberal destituiu a monarquia. Ou seja, houve a devolução de propriedades à Igreja, a reintrodução do ensino religioso, o retorno das ordens religiosas expulsas, a celebração do Acordo Missionário (1928), a consagração de Portugal ao Sagrado Coração de Maria (1929) etc. E, finalmente, a concordata de 1940, que assegurou os direitos da Igreja em matéria de educação e validou, perante a lei civil, os casamentos realizados à maneira católica. Símbolo-mor desta unidade, Salazar administrava atuando equidistante do capitalismo egoísta e do bolchevismo destruidor. À frente da "economia nova", o católico Salazar colocava-se na vanguarda das democracias contemporâneas, retomando as tradições dos lusitanos e materializando os ensinamentos do papa Leão XIII na *Rerum Novarum*.[110]

Com a pergunta (Qual governo no mundo contemporâneo de maiores afinidades com a horda dos extremistas irresponsáveis? É o de Moscou...), *O Nordeste* justificava seu apoio à ditadura militar portuguesa e demarcava: o general Carmona evitara a comunização da república. Para o jornal, a fibra de Carmona, por abolir os partidos e o parlamentarismo, deveria inspirar o governo provisório de Getúlio Vargas. Discordando da constitucionalização do Brasil, o periódico advertia: nada de carta magna, nada de democracia liberal, se existia a real possibilidade de o País ser alvo dos ardis moscovitas. A circunstância exigia copiar Portugal. Os lusos se coadunavam com os dizeres da Providência: esgotados os recursos da

[109] O ensino religioso. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 fev. 1929. Editorial, p. 1. Nova era. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 abr. 1929. Editorial, p. 1. Patriotismo às avessas. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 abr. 1929. Editorial, p. 1. Res non verba. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 jul. 1929. Editorial, p. 1. Otimismo imprudente. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 out. 1929. Editorial, p. 1. Outro rumo. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 nov. 1929. Editorial, p. 1. A ditadura espanhola. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 abr. 1929. 2º editorial, p. 5. Lições da História. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1930. Editorial, p. 1. A crise do regime. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 mar. 1930. Editorial, p. 1. Situação curiosa. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 dez. 1930. Editorial, p. 1. Contra o ateísmo. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 abr. 1931. 2º editorial, p. 5. Paradigma inapelável. **Nordeste**, Fortaleza, 18 abr. 1933. Editorial, p. 1. Ação regeneradora. **Nordeste**, Fortaleza, 19 ago. 1933. Editorial, p. 1. Defesa da nacionalidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 fev. 1935. Editorial, p. 1.

[110] Os homens do futuro. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 fev. 1930. Editorial, p. 1. Economia nova. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 maio 1933. Editorial, p. 1. A suprema lei. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 fev. 1934. Editorial, p. 1. Tese tradicional. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jun. 1934. Editorial, p. 1. Editorial, p. 1. As festas do aniversário da verdadeira revolução portuguesa. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 29 maio 1936. Que diferença de 1910. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 8 maio 1940. O exemplo de Portugal. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 25 jul. 1940.

misericórdia, o Evangelho admitia as "terapêuticas violentas" a fim de corrigir as mazelas crônicas, que os medicamentos "vulgares" (liberalismo, democracia etc.) não debelaram.

A ditadura "honesta" de Carmona, o "novo pacto português", revogou medidas de cunho individualistas e liberais da Constituição de 1911, moldava-se à índole do povo e considerava os seguintes pilares: a família, a freguesia e município; a corporação profissional ou econômica; as forças da ordem moral e a educação católica, negadora do racionalismo extremado. Na compreensão d'*O Nordeste*, o feito de Carmona se revestia de excepcional importância, porque o monopólio do Estado seria o único agente capaz de compatibilizar desenvolvimento econômico, num sentido estritamente técnico, com a preservação do catolicismo e derrotar o expansionismo territorial da URSS. Alçado ao posto de ministro das Finanças de Carmona, Salazar, por sua trajetória (seminário de Viseu; em Coimbra, militância no Centro Acadêmico da Democracia Católica, órgão difusor dos princípios sociais e políticos do papa Leão XIII, e no partido político católico, Centro Católico Português), adequava-se ao padrão de governante desejado pelo *O Nordeste* para nortear o progresso do Brasil.

Constantemente ovacionado, Salazar, na presidência do Conselho de Ministros, enfrentava o imperialismo soviético com enorme altivez e exibia no Museu de Portugal os materiais de destruição química (gazes e granadas) apreendidos em mãos dos carbonários. Ia das palavras à ação, organizando uma polícia especial e um corpo de legionários voluntários de combate aos "envenenadores" das inteligências. No aspecto doutrinário, opunha-se à coletivização da propriedade. Na esfera administrativa, gastava com temperança e respeitava os direitos dos proprietários de bens, conceituando a iniciativa privada de salutar e de inerente à natureza humana.

Trazendo estas questões para o plano nacional, onde o sistema vigente, salvo mudanças prementes, levaria a Nação ao bolchevismo, *O Nordeste* situava de um lado Salazar e o lecista Menezes Pimentel, governador do Ceará; doutro, a Aliança Nacional Libertadora e interventor Moreira Lima, o coronel *sans-culotte*. Ao passo que as sucursais de Moscou pregavam a supressão da dívida externa, o confisco de empresas, a socialização da terra, o fim da tributação e a subversão da ordem moral, sob a égide do lema, as massas nada têm a "perder" e riquezas a "ganhar", o governante português advogava a reformulação do capitalismo. O capital necessitava de ser disciplinado de modo a beneficiar a coletividade e não o individualismo burguês. Extingui-lo, jamais! No ápice dos conflitos sociais, sentenciava

Salazar, descartar-se-iam as revoluções, por amargurarem o cotidiano dos povos. No fundamental, devia-se "revolucionar" reformando.[111]

Compreendia o senador Waldemar Falcão (LEC-CE) que Salazar continuava a saga de espanhóis e portugueses: fora a bravura luso-castelhana que ampliou no além-mar o ciclo da civilização cristã, no século XV. A saudável proeza dos ibéricos recebeu o título de migração oceânica. Do outubro bolchevista em diante, o mundo vivenciava uma atualização da nefasta migração das estepes, que terminara quando os mongóis, vindos da Ásia Central em direção ao Leste Europeu, após conquistarem a Rússia, a Polônia e a Romênia, ocuparam definitivamente as planícies férteis da Hungria, no século XIII, caracterizando-se, não raro, por deixarem um insólito rastro de extermínio. Aos rejuvenescidos usurpadores da Europa, Falcão irrogou-lhes a pecha: sovietismo tártaro-bolchevista. Também adjetivou a invasão comunista de "perigo internacional" da hora e qualificou a dupla Portugal-Espanha de força nuclear de resistência. O primeiro país, em virtude da tradição católica da sua boa gente; o segundo, pelo fato de resistir, heroicamente, na fluente Guerra Civil, aos republicanos internacionalistas, os infectados pela "doença" moscovita.[112]

O *Nordeste* incriminou a "internacional do anticristianismo" pela tentativa de assassinato a Salazar. A atrocidade tivera antecedentes: ações explosivos no Ministério da Guerra, na Rádio Clube Português e no Consulado Espanhol, em janeiro de 1937. Os intentos destruidores visavam a inserir Portugal na rota da revolução internacional à mercê do sovietismo imperialista e sanguinário. Incessante, a onda vermelha assenhorear-se-ia da Polônia, da Prússia Oriental e da Alemanha, na sequência. Só que houve derrota. O Atentado da Avenida Bocage incluiu várias mãos: os espiões soviéticos atuantes em Portugal, os carbonários portugueses insuflados pelo bolchevismo espanhol, os antros maçônicos e os noticiaristas das agências judaicas, *habitués* na sonegação de informações pertinentes à "conspiração do silêncio". Todos, absortos de marxismo, viam na ousada trama uma etapa de

[111] Gravíssimas responsabilidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 out. 1931. Editorial, p. 1. O exemplo brasileiro. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 abr. 1932. Editorial, p. 1. O modelo que nos convêm. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jun. 1932. Editorial, p. 1. A orientação a seguir. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jun. 1932. Editorial, p. 1. A lição da experiência. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jun. 1932. Editorial, p. 1. Todas as revoluções. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 25 fev. 1933. A mensagem do presidente Carmona, na instalação do Parlamento português. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 15 jan. 1935. Encruzilhada decisiva. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 maio 1935. Editorial, p. 1. Biombo transparente. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 jul. 1935. Editorial, p. 1. Lirismo democrático. "O Povo" e o habeas-corpus a uma aliancista. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 ago. 1935. Editorial, p. 1. Exposição impressionante. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 nov. 1935. Editorial, p. 1. Doutrina perniciosa. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 nov. 1935. Editorial, p. 1. Comunismo intelectual. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 30 abr. 1936. Portugal vai combater o comunismo com organização de legionários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 17 set. 1936.

[112] A exposição em apreço foi proferida no Senado Federal, no dia do 26º aniversário da promulgação da República de Portugal (5 de outubro) e publicada n'*O Nordeste* em de duas edições. A atitude internacional de Portugal contra o comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 14 out. 1936. A atitude internacional de Portugal contra o comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 15 out. 1936.

construção do "império de Satã" esmagando a Cidade de Deus. A armadilha, detonada num domingo, dia no qual, regularmente, o governante lusitano assistia à missa, no oratório da residência do Dr. Josué Trocado, malogrou. Ao afastar-se do automóvel, ele livrara-se do golpe. Em fração de segundos, deu-se a explosão da "máquina infernal": uma nuvem de terra, pedras e estilhaços subiu à altura do 5º andar dos edifícios. A despeito do ardil, a surpresa: sob a poeira, apareceu "sereno" o Dr. Salazar a sorrir![113] A seguir, o episódio em manchete:



ANNO XV — N. 4.576 — Fortaleza Ceará-Brasil, sexta-feira, 22 de janeiro de 1937

O Nordeste

O DIARIO DE MAIOR ASSIGNATURA NO ESTADO JORNAL COMPOSTO EM LINOTYPOS

Carestia desenfreada

TEMOS, repetidas vezes, chamado a attenção dos poderes publicos para os soffrimentos do povo, nesta epoca de carestia desenfreada dos generos de primeira necessidade.

Não é possivel permittir a exploração dos açambarcadores de taes mercadorias.

Ainda hontem, estampámos telegrammas do Maranhão, informando que o governador Paulo Ramos tomou a iniciativa de regular os preços do mercado, tendo em consideração o estado de difficuldades que as classes pobres atravessam.

A Lei de Segurança [illegible] ral! Quantos innocentes hão pagar pelo abusos de alguns, nos momentos de represalias, por parte dos opprimidos!

Compre aos responsaveis pelos destinos da Nação, dentro dos preceitos legaes, agir emquanto é opportuno, afim de se evitar, ainda que outra coisa não fosse, o mal maior da perturbação inevitavel do ambiente humano.

O monopolio dos productos alimenticios, as subidas bruscas de 50 por cento dos alugueis de casas, e encarecimento desproporcionado dos serviços profissionaes geram, necessariamente, uma cri-

Attentados extremistas em Lisbôa

A acção dos agentes sovieticos contra Portugal

RIO, 21 — Diarios noticias de que elementos extremista effectuaram hoje, as

Oliveira Salazar

PORTUGAL SOB A AMEAÇA DA REVOLUÇÃO INTERNACIONAL

LISBOA, 21 — Os communistas abriram bombas de alcance no Ministerio da Guerra, na Emissora do Banco Ceral Portuguez e no Consulado Espanhol. Trata-se de um plano que vinha a estabelecer a desordem nos Estados bem organizados. Se ha muito a U. R. S. S. mandou a ordem de subverter a paz em Portugal, para favorecer os intuitos do conflicto internacional da Hespanha.

Para

Uma

O ma

FIGURA 4 – Salazar

Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 jan. 1937.

[113] O plano soviético da invasão dos novos bárbaros. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 jan. 1937. Atentados extremistas em Lisboa. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 jan. 1937. Portugal sob a ameaça da revolução internacional. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 jan. 1937. A nação portuguesa se congratula com seu heroico defensor – Oliveira Salazar por ter escapado ao atentado de domingo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 jul. 1937. O atentado da Avenida Bocage. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 7 jul. 1937. Foram presos os cinco autores do atentado contra Salazar. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 23 ago. 1937. As organizações secretas continuam a conspirar contra a vida de Salazar. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 25 ago. 1937. Atentado da Maçonaria. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 ago. 1937. Editorial, p. 1. Internacional do anticristianismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 ago. 1937. Editorial, p. 1. O auxílio da Maçonaria. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 out. 1937. Editorial, p. 1.

Segundo *O Nordeste*, a "ditadura benévola" de Salazar, na qual pontuava o embate da civilização cristã *versus* o comunismo internacional, sofria infames estocadas com a aliança maçônico-soviética realizando atentados terroristas nas principais repartições públicas de Lisboa. O enfrentamento à URSS redundava num ordenamento jurídico, passível de ser adotado pelo governo do presidente Vargas. Às provocações extremistas, o dirigente lusitano recomendava altivez: quem for apanhado na rua de armas na mão, a soldo do comunismo ou da anarquia, será sumariamente fuzilado, e concitava a unidade dos setores conservadores, já que a desagregação das direitas, necessariamente, desencadeava a fortificação das esquerdas.

Debruçando-se sobre a legislação salazarista, a Constituição de 1933 e o Código Nacional do Trabalho, o periódico clerical destacava a fidelidade de ambos à encíclica *Quadragesimo Anno*, de 1931, do papa Pio XI, por determinarem as prerrogativas do Estado: coordenar as instituições corporativas, regular à vida econômica, inclusive das empresas portuguesas com o mercado exportador e importador; estabelecer o equilíbrio capital-trabalho; proteger a economia das empresas parasitárias e das incompatíveis com os interesses superiores da vida humana; respeitar a iniciativa privada e a competição empresarial restrita aos marcos da boa convivência. Portanto, o poder de Salazar era supremo. Havia uma sociedade sem partido, exceto a União Social, organização que Salazar chefiava unipessoalmente.[114]

O Nordeste era enfático: o marxismo contrariava as normas do Estado Novo português. Maculava o lema Deus, Pátria e Autoridade, da Legião Portuguesa. Vale ressaltar que esta entidade, fundada por Salazar em 1936, atuou no dia a dia como grupo paramilitar, tendo como missão precípua a defesa da pátria do comunismo e do anarquismo. A Legião movia-se pela lógica: os internacionalistas combatiam a educação cristã das massas; estimulavam a veiculação em jornais de matérias retratando crimes abjetos e passionais; defendiam o liberalismo maçônico, o único capaz de ofertar-lhe sobrevida; por fim, incentivavam o nudismo e a proliferação de trajes indecentes nas praias. Quanto ao vestuário

[114] Governo forte como os tempos exigem. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 23 jan. 1937. A repressão ao bolchevismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 23 jan. 1937. Importante entrevista do chefe do governo português. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 17 abr. 1937. A Constituição de Portugal baseia-se na encíclica pontifícia do *Quadragésimo Anno* de Pio XI. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 24 ago. 1937. Salazar, o chefe do Estado Português. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 6, 29 nov. 1937. Os dois caminhos. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jul. 1936. Editorial, p. 1. A ausência do espírito. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 jan. 1937. Editorial, p. 1. As forces do mal. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 fev. 1937. Editorial, p. 1. Força de desagregação. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 ago. 1937. Editorial, p. 1. Renovação social. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 dez. 1937. Editorial, p. 1.

dos banhistas, noticiava o vespertino clerical, Salazar criou eficientes brigadas de fiscalização e instituiu o uso de roupas adequadas![115]

O 10 de novembro de 1937 o Brasil era idêntico ao 28 de maio de 1926 para Portugal, constatou Azevedo Amaral em artigo impresso n'*O Nordeste*. Amaral definiu o Estado Novo português e o Estado autoritário brasileiro como resultantes de golpes salvacionistas, expoentes das insubstituíveis práticas nacionalistas, governos que sobrepuseram a pátria aos regionalismos e bastiões do primado das forças do espírito ante as preocupações subalternas da ordem material. À vista disso, Salazar e Vargas restabeleciam a irmandade de outrora. Os governantes, imediatamente aos seus triunfos, granjearam o reconhecimento espontâneo da opinião pública. Antes de Salazar e Vargas, as duas pátrias sofriam estorvos da democracia liberal decadente e ataques revolucionários dos solapadores dos interesses coletivos. Salazar reequipou o Exército e a Marinha, levou desenvolvimento econômico às esquecidas colônias e colocou as finanças lusas no azul contábil. Por seu turno, Vargas, com a Revolução de 1930, enterrou a moribunda Constituição de 1891, garantiu a unidade nacional e livrou-nos do perigo da guerra civil.[116]

Para *O Nordeste*, a censura às obras de Karl Marx deveria ser ativa em todo o Território Nacional. De acordo com Amaral (1938, p. 299), a produção de Marx seria apenas acessível ao um público de exímios letrados, distanciando-se, consequentemente, da ralé. Por isso, a obstrução à circulação de livros e afins deveria ser diretamente proporcional ao apuro cultural do público alvo. Nas mãos de eruditos, desenhos obscenos ou um opúsculo eivado de marxismo tornar-se-iam casos de polícia, sem a menor dúvida, haja vista que excitavam "paixões sociais perigosas".

A determinação de Mussolini de solucionar a Questão Romana, assinando os Pactos Lateranenses em 1929, foi avaliado, à época, pelo *O Nordeste* como resolutiva à construção de uma concórdia longeva no mundo contemporâneo. Nas projeções da folha arquidiocesana, nenhum outro acontecimento, no decorrer do século XX, ultrapassaria a concordata chancelada por Pio XI. Resolvido o impasse que afligia o Vaticano desde 1870, ano no qual as tropas italianas de unificação ocuparam Roma, liquidando com o Estado pontifício, a Igreja saíra vitoriosa e o papado assegurara conquistas memoráveis.

---

[115] Deus, Pátria, Autoridade. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 jan. 1938. Editorial, p. 1. O bom teatro. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 set. 1938. Editorial, p. 1. Preconceito liberalista. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 ago. 1939. Editorial, p. 1. Ideias mortas. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jun. 1940. Editorial, p. 1. O nudismo e as praias. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 jan. 1941. Editorial, p. 1.

[116] Dois nacionalismos. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 25 jul. 1938.

Foi conquistada a soberania territorial do Estado do Vaticano, o catolicismo elevado ao *status* de religião oficial do Estado italiano, a obrigatoriedade do ensino catequético nas escolas, o crucifixo nos tribunais, casamento religioso com validade civil, Roma obtendo o caráter de cidade sagrada e a plena liberdade à Ação Católica; entretanto, segundo o jornal, Pio XI enfrentava severa oposição advinda dos frustrados: bolchevistas, laicistas e liberais. Estes, à testa o senador Benedeto Croce. O trio censurava o pontífice por ter submetido o catolicismo às vontades do *duce*, alavancado, por extensão, a popularidade do fascista junto aos populares em troca duma insignificante autonomia territorial. Vencera o clericalismo, e não a Igreja.

Afora estampar, em edição extra, no domingo, o roteiro de festividades em comemoração ao pacto firmado entre a Santa Sé e o governo italiano, *O Nordeste* publicou em primeira página, na data dos festejos, texto do papa Pio XI explicando o acordo Vaticano-Quirinal. Nele, o pontífice vangloriou a conquista da definitiva soberania territorial, a única verdadeiramente eficaz ao exercício integral do poder divino, que continuamente ficaria autônomo do poder civil. As celebrações, organizadas pela Arquidiocese de Fortaleza, à frente, o arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes, ocorreram no dia 24 de abril de 1929. Antecedendo o magno dia, houve, nas igrejas da Capital, três dias de preces públicas louvando o Santíssimo Sagrado.

Iniciando o nobre dia, pela manhã, missas de ação de graças em todos os templos de Fortaleza, a capital do Estado. Na sequência, o governador do Ceará, José de Matos Peixoto, cumprimentou Dom Manuel, em sua residência oficial. Depois de Peixoto, vieram ter com o arcebispo o cônsul italiano, as várias autoridades católicas, os representantes das associações religiosas e dos institutos educacionais. No Palácio do Bispo, por trás da Catedral Metropolitana, a banda do 23º Batalhão de Caçadores, vinculado ao Exército Nacional entoava o hino nacional e outras canções solenes. Fechando as cerimônias, na Igreja da Sé, templo-maior, realizou-se um *Te-Déum*. Após os cânticos, a "massa" de devotos, em procissão, acompanhou o bispo-chefe do Ceará da igreja-matriz até o palácio arquiepiscopal, onde lhe prestaram "efusiva" manifestação de apreço.[117]

[117] A questão romana. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 fev. 1929. Editorial, p. 1. Penúria intelectual. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 mar. 1929. Editorial, p. 1. Ignorância inveterada. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 maio 1929. Editorial, p. 1. Sempre possível. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 jun. 1929. Editorial, p. 1. Bela resposta. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jul. 1929. Editorial, p. 1. Os "emboscados da história". **O Nordeste**, Fortaleza, 6 ago. 1929. Editorial, p. 1. Programa das festas comemorativas do acordo celebrado ente a Santa Sé e o Governo Italiano. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 21 abr. 1929. O discurso de Pio XI sobre a solução da Questão Romana. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 24 abr. 1929.

Mussolini, conforme *O Nordeste*, facilitava as tratativas que culminaram no acordo Vaticano-Quirinal. Com "coragem cívica", continuou intervindo em dois aspectos fundamentais da vida social italiana: as relações de trabalho e a profilaxia moral. Ao referir-se aos operários, o periódico comparou a Itália Nova à Rússia. Nesta, proliferava a "mentira torpe das utopias", as espingardas dos soldados vermelhos e a malandragem comunista. Naquela, expandia-se a inabalável constituição do Estado corporativo, no qual existiam a harmonia capital-trabalho, o reconhecimento jurídico dos sindicatos e a instituição da magistratura do trabalho (a Carta di Lavoro). O *duce* sabiamente adotara os conselhos da Igreja e enterrava o partidarismo, a anarquia intelectual e os resquícios do liberalismo. Quanto aos bons costumes, Mussolini proibiu a imprensa mercantilizada de noticiar crimes passionais e divulgar a literatura mórbida, capazes de despertar nas hordas taras violentas. Valendo-se do plebiscito, aboliu os concursos de beleza e instituiu as normas de bem trajar do feminino: as mangas dos vestidos cobrindo os cotovelos, os decotes, meias e panos transparentes abolidos, saias à altura dos tornozelos e sem marcar o corpo. Ao cabo, a gazeta clerical qualificou o governo do líder fascista de "o país modelo da democracia".[118]

Sucedeu-se, todavia, um contraste no biênio 1930-1931: louvação e censura ao líder fascista. O *duce*, incluído no seleto rol dos governos emancipados das amarras constitucionais de feição parlamentar, recebia ovação por proteger as crianças e a juventude, por implantar a escola cristã e reconhecer a primazia do catolicismo, a única força disciplinadora das consciências. No frigir, a capacidade salvadora do sistema político de Mussolini, resumia-se no tripé: autoridade, ordem e justiça. Imbuído do "espírito verdadeiramente másculo", o fascista dedicava-se ao "sexo frágil", circunscrevendo seu lugar social: portadora de missão sagrada dentro do lar, incompatível com hábitos modernos (fumo e bebida) e continuadora da feminilidade natural, com aversão aos concursos de beleza. Dispensando enorme importância à catequese escolar e ao sindicalismo estatal, o mussolinismo compreendera a urgência de extirpar os costumes pagãos, o egoísmo materialista e a agitação profissional, características marcantes dos desmoralizados regimes liberais. Na organização do Estado, a práxis mussoliniana negava, integralmente, constituir-se

[118] Justiça que não recua. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 7, 13 jan. 1929. Confronto eloquente. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jan. 1929. Editorial, p. 1. O ensino religioso. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 fev. 1929. Editorial, p. 1. Reconhecimento das realidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 maio 1929. Editorial, p. 1. Arma de dois gumes. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 maio 1929. Editorial, p. 1. Reação do bom senso. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jun. 1929. Editorial, p. 1. Antigo regime. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 ago. 1929. Editorial, p. 1. Otimismo imprudente. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 out. 1929. Editorial, p. 1. O prestígio do Vaticano. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 out. 1929. Editorial, p. 1. Relações entre a Igreja e o Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 nov. 1929. Editorial, p. 1. Homenagem à mulher. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 dez. 1929. Editorial, p. 1. Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 1 mar. 1929. Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 nov. 1929. Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 18 dez. 1929. A Itália. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 mar. 1929. 2º editorial, p. 3.

seguindo a trilha dos regimes despóticos, aqueles vinculados à ditadura do proletariado, tal qual a Rússia dos sovietes.[119]

Mussolini, de "homem extraordinário", passou à condição de perseguidor da Ação Católica, por querer impor seu mandonismo ao papa Pio XI e querer arremedar as atrocidades cometidas pelos exércitos de Moscou. Nas páginas do jornal católico, Mussolini era retratado como administrador que não guardava distância da população, visitando colégios, hospitais, quartéis etc. Na bonança, o *duce*, ao banir das relações sociais a responsável pelo recuo da humanidade à barbárie, a heresia laicista, e ao reintroduzir a pena de morte no Novo Código Penal (1931) no propósito de extirpar a hipocrisia social, firmava de maneira inconteste o princípio da autoridade. Ou seja, o "restaurador" da fé aos italianos pobres rechaçava a democracia liberal: governo que dá ou pensa dar ao povo a ilusão de que é autônomo. O desajuízo da soberania popular, frisava Mussolini, patrocinava a convulsão das massas. Visitando escolas, o *duce* atentava para a ambiência das salas de aulas e, de imediato, ordenava instalar aprazibilidade nos recantos de alfabetização. Dessa forma, estariam postas as condições de inculcar na juventude o amor à pátria.

A crescente autonomia da Ação Católica, ocupando-se dos problemas sindicais e juvenis, gerou atritos com o regime fascista. *O Nordeste*, utilizando-se do *Osservatore Romano*, denunciava a omissão proposital dos jornais pró-Mussolini quanto à asfixia (agressões físicas e cânticos profanos) aos católicos na Itália. No órgão, o *duce* assumia conduta equivalente ao cesarismo e sofreria derrota certa e similar a Nero, Diocleciano, Lutero, Voltaire e Napoleão. Lembrava o jornal que a Igreja vencera a guilhotina dos jacobinos e derrotava os fuzilamentos de exaltação a Lenin. Em síntese, tratava-se da eterna luta antagonizando a "bigorna" ao "martelo". Este se renovando (feroz como o comunismo, disciplinado como o fascismo, traiçoeiro como o laicismo) seria derrotado de novo e *ad infinitum*. Aquela, íntegra e rija, ficaria rodeada de ferros quebrados, que lhe serviriam de troféus. A similitude Rússia-Itália, no tocante à perseguição aos católicos, prosseguiu com a conferência de Andrade Furtado, editor do jornal, na Congregação Mariana. Incisivo, o

[119] Princípios falidos. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jan. 1930. Editorial, p. 1. Lições da História. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1930. Editorial, p. 1. A causa de todos os males. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jan. 1930. Editorial, p. 1. A história da educação. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 mar. 1930. Editorial, p. 1. A crise do regime. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 mar. 1930. Editorial, p. 1. O ensino religioso. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 set. 1930. Editorial, p. 1. Não desloquemos a mulher do seu lugar. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 1 fev. 1930. Mussolini e a mulher. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 1 fev. 1930. Mussolini aos camisas pretas. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 2, 23 abr. 1930. Erramos! **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 3 nov. 1930.

jornalista questionou: o que queria a ideologia "louca" de Mussolini? Quem não é fascista é antifascista! Vergar o papado? Jamais![120]

Superadas as desavenças infundadas do regime fascista com o Vaticano, frisava *O Nordeste* ao noticiar o episódio, inocentando a Ação Católica que respeitara o pactuado, o jornal retomou os elogios a Mussolini pelo combate desferido aos "desalmados" bolcheviques. Eufórico, mancheteou os termos do rearranjo: 1º) A Ação Católica da Itália é reconhecida como organização essencialmente diocesana, obediente aos bispos, que escolherão os seus dirigentes eclesiásticos e leigos, não podendo ser escolhidos elementos contrários ao regime. De acordo com as suas finalidades, a Ação Católica não se ocupará de política, sendo, os estandartes das associações locais a própria bandeira nacional; 2º) A Ação Católica não cogitará, em seu programa, organizar associações ou sindicatos profissionais. Não possui, portanto, nenhum objetivo de caráter sindical. As secções profissionais internas existentes têm finalidade exclusivamente religiosa, espiritual; 3º) Os centros juvenis dependentes da Ação Católica poderão manter signos externos de sua finalidade puramente religiosa; a bandeira nacional será seu estandarte maior. As associações locais abster-se-ão de toda atividade de caráter atlético e esportivo, tendo suas reuniões caráter recreativo e educativo, com finalidade religiosa.[121]

O Nordeste saudou o reatamento do Estado fascista com o Vaticano por meio da asserção: reina em toda a Itália intenso júbilo. As chamadas (O que foi a belíssima solenidade da visita de Mussolini ao Papa; Protocolo igual ao dos soberanos, em homenagem ao Duce; O

[120] Erramos. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jan. 1931. Editorial, p. 1. A pena de morte. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 fev. 1931. Editorial, p. 1. Definição de democracia. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 abr. 1931. Editorial, p. 1. Verdadeiro anacronismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 maio 1931. Editorial, p. 1. Fides intrépida. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 jun. 1931. Editorial, p. 1. Rompeu a tempestade. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 jun. 1931. Editorial, p. 1. O Vaticano e o Fascismo (VI) – Deus está conosco. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jul. 1931. Editorial, p. 1. O Papa e Mussolini. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 ago. 1931. Editorial, p. 1. Non posumus. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 set. 1931. Editorial, p. 1. Cadê tempo. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1931. 2º editorial, p. 8. Contra o ateísmo. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 abr. 1931. 2º editorial, p. 5. Na Congregação Mariana da Catedral. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 28 jul. 1931. As violências fascistas contra a Ação Católica – uma resenha das revoltantes cenas de vandalismo contra a Igreja. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 ago. 1931.

[121] O Vaticano e o Fascismo (I). **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jul. Editorial, p. 1. O Vaticano e o Fascismo (II) – A atitude firme do Papa. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 jul. Editorial, p. 1. O Vaticano e o Fascismo (III). **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jul. Editorial, p. 1. O Vaticano e o Fascismo (IV) – O Papa comenta os acontecimentos. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 jul. Editorial, p. 1. O Vaticano e o Fascismo (V) – A intransigência fascista. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 jul. Editorial, p. 1. A voz dos fatos. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 out. Editorial, p. 1. A firmeza de Pio XI contra as pretensões descabidas de Mussolini. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 8 jun. 1931. Estão suspensas as negociações entre o Quirinal e o Vaticano – A prudência e a energia de Pio XI. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 jun. 1931. Foi sempre assim na Igreja: enquanto o Papa não falar. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 11 jun. 1931. O caso Quirinal-Vaticano – O Papa não pôde entender-se com Mussolini; a má fé do 1º ministro italiano. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 4 jul. 1931. O fundo pagão da ideologia fascista. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 7 jul. 1931. A voz do Papa, através da Encíclica sobre o Fascismo e a Ação Católica. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 11 jul. 1931. Apoiada a atitude firme de S. S. Pio XI – A Arquidiocese de Fortaleza envia ao Papa a expressão da sua solidariedade. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 17 jul. 1931. Firmado o acordo entre Vaticano e o Quirinal. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 3 set. 1931.

chefe do governo italiano ajoelha e beija a mão de Pio XI) sistematizaram o comportamento da folha ante o incidente: borracha nas desavenças; reativação do apoio ao "estadista de gênio", ao dirigente "renovador" e a sua gloriosa milícia fascista. Mais aspectos da governança de Mussolini mereciam realce: objetivando diminuir a possibilidade de conflito bélico na Europa, reduzia as dívidas de guerra da Alemanha, contraídas ao término da Primeira Guerra Mundial, incentiva o notável ofício dos médicos; Estado vigilante e a anistia a todos os exilados políticos, dispostos a contribuir com o *fascio*. Na esteira disso, o periódico voltou a focar uma ação que considerava crucial à vitória dos mussolinistas: derrotar os bolcheviques. Ao aniquilar os sovietizados, Mussolini dera uma lição de patriotismo a todas as nações. Atemorizada com o pulso de aço dos camisas negras, a "canalha" comunista, habituada a refestelar-se com o sangue alheio e capaz de lançar mão de artifícios que até os bárbaros repugnaram, fugiu para o estrangeiro. Defenestrados, os vermelhos "roídos de raiva" e "espumando de ódio" assistiam ao ressurgimento da Itália.[122]

O Nordeste, ao publicar trechos de entrevista do *duce* ao jornal *Echo de Paris*, sintetizou a plena confiabilidade do governante no Vaticano: na luta do fascismo, humano e passageiro, e a Igreja, divina e eterna, o catolicismo venceria, certamente! Ao justificar o prestígio devotado ao italiano, o periódico maximizava as façanhas do mussolinismo (o ensino obrigatório da religião às crianças, o crucifixo retornou aos tribunais e os laços indestrutíveis da família certificados pela força da lei) e regozijava-se com a profecia do "ilustre" estadista latino: dentro em breve, a Igreja reconquistaria completamente sua galhardia na Itália. Alongando-se, o jornal especificou nova proeza do líder fascista, desta vez compartilhada por Adolf Hitler, na Alemanha: a proibição da ribalta licenciosa, por semear nos cérebros das massas lições ignóbeis (alcoolismo, traições etc). Fixando-se ao Brasil, *O Nordeste* qualificou a encenação do teatro obsceno de desnacionalizante e acusou a democracia republicana liberal de permitir a livre dramatização de espetáculos indecentes. A combinação (nacionalismo e evangelho) continuava a pautar *O Nordeste*. No caso brasileiro, a recristianização da pátria e dos costumes erradicaria a propagação do socialismo anticlerical, subserviente a Moscou, se aplicada por força similar à Itália, Portugal e Alemanha.

[122] Mussolini e as reparações de guerra. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 jan. 1932. Mussolini visita a Pio XI. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 fev. 1932. O que foi a belíssima solenidade da visita de Mussolini ao Papa. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 8, 20 fev. 1932. A missão moral do médico num discurso de Mussolini. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 6, 14 abr. 1932. Em torno do atentado contra Mussolini. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 17 jun. 1932. A Itália concede anistia a todos os exilados políticos. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 9 nov. 1932. As pátrias salvam-se é assim. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 maio 1932. 2º editorial, p. 3. A páscoa dos militares. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 maio 1934. Editorial, p. 1. A queda do divórcio. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 maio 1934. Editorial, p. 1.

Em 1937, ao aplaudir o rompimento da Itália com a Liga das Nações, *O Nordeste* caracterizou o organismo internacional: templo pagão, liga dos maçons, trampolim do bolchevismo, aliança torva com os malfeitores do Komintern e organização judaica; donde explicava o posicionamento do Vaticano de abster-se de fazer-se representar nesta organização. A atitude de Mussolini, tida na conta de "gesto de larga significação histórica", atingiu duplo resultado: contribuiu para desmontar mais um reduto do anticristianismo moscovita e repeliu as inoportunas sanções econômicas à Península decretada pela Liga, dada a ocupação "civilizatória" da Abissínia (Etiópia e Eritreia), em 1935.

Antes de saudar o governante italiano, o jornal, nos anos 1934 e 1936, desancara a Liga das Nações e o representante soviético na entidade, o "judeu" Maxim Litvinov. A incapacidade da Liga de consolidar a paz, desarmando as potências sedentas por conflito (Alemanha, Itália, URSS) como preconizava o papa Pio XI, ampliava-se em virtude da decisiva pregação belicista dos comunistas. Atinente a Litvinov, tachou-o de porta-voz da destruição da civilização cristã, propalador da "horrenda" da Rússia vermelha e invasor tártaro, descendente autêntico de Gengis Khan. No momento em que a Liga expulsou a URSS, por considerá-la agressora, reprovando a invasão da "católica" Polônia, *O Nordeste*, entretanto, manifestou anuência com a Liga das Nações.[123]

O afastamento d'*O Nordeste* em relação a Mussolini foi diretamente proporcional à aproximação do fascista com Hitler. As notícias inerentes à consolidação do eixo Roma-Berlim-Tóquio e as manobras militares da coalizão se sucediam no jornal. O periódico de 1936, data da assinatura do acordo militar Alemanha-Itália-Japão, até 1938, conceituou as negociações abarcando estes países como normais, típicas do xadrez internacional; contudo, a partir de 1939, o jornal estabeleceu contraposições: de um lado, o "eixo totalitário" (alemães, italianos e japoneses); na oposição as "nações democráticas" (Estados Unidos, França e Inglaterra). Isto, porém, mantendo as críticas ao liberalismo, praticando o antissemitismo e lançando dúvidas, mediante letras garrafais: "O FAMOSO EIXO ROMA-BERLIM-TÓQUIO ADERIU A MOSCOU!", em função do Pacto Molotov-Ribbentrop.[124]

---

[123] O Japão e a Liga das Nações. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 nov. 1934. O primeiro ministro da Itália faz importante declaração. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 ago. 1935. O "brado feroz" dos tiranos vermelhos. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 4 fev. 1936. A Itália abandonou a Liga das Nações. O fracasso moral da Liga das Nações. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13 dez. 1937. O discurso do Duce anunciando a retirada da Itália da Liga das Nações. O fracasso moral da Liga das Nações. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 14 dez. 1937. O fracasso moral da Liga das Nações. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 dez. 1937. Antecâmara da guerra. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 dez. 1937. Editorial, p. 1.

[124] Firme com o eixo Roma-Berlim. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 26 abr. 1939. O pacto assinado entre Berlim-Roma-Tóquio. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 28 set., 31 out. 1940. O racismo italiano. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 26 abr. 1941.

O Nordeste pendulava em relação a Hitler. Este, por descrer da verdade católica, reproduzia o abecedário marxista, sobrepondo as carências materiais às necessidades espirituais, declarando guerra brutal a Deus. A perseverança nazista em valorizar o sangue germânico maculando o Sangue Divino de Jesus Cristo levaria ao fracasso a esperança de reconstrução do antigo império dos kaisers. O jornal criticava o *führer* pela divinização da raça, dita na conta de sentimento bárbaro e anticristão, mas celebrava a perseguição ao judaísmo maçônico, a expulsão de médicos judeus da Alemanha e as diretrizes da escola nazista (proteção à família, a base do Estado Novo alemão, e garantia da educação religiosa cristã à juventude, caso os pais desejassem). Ao admoestar o arianismo nazi, o periódico manifestava crença em que o *3º Reich* cumpriria a Concordata de 1933. O periódico ainda atribuiu à derrota alemã na Primeira Guerra Mundial à exacerbação do orgulho teuto, cuja reintrodução prejudicaria o "nobre" e "generoso" movimento de salvação nacional capitaneado pelo hitlerismo.[125]

O rechaço d'*O Nordeste* ao nazismo baseava-se na consigna: "a cruz gamada contra a cruz de Cristo". De aclamado, por firmar o tratado com o Vaticano, Hitler passou a ser asperamente criticado. Quando se reportava ao contexto da Concordata de 1933, acordo engrenado pelo cardeal Eugênio Pacelli, Secretário de Estado do Vaticano e futuro Pio XII, o periódico expressava a convicção de que inexistia contradição entre o nazismo e a Igreja Católica. Ambos rechaçavam o bolchevismo judaico, eram antiliberais e defensores do princípio da autoridade. Na concordata, o Estado "forte" alemã cedera e assegurava a liberdade de imprensa aos católicos e o livre exercício de sua fé. Ao clero, garantia a ininterrupta comunicação com a Santa Sé e a manutenção do ensino católico, a assistência religiosa aos quartéis e hospitais. O jornal omitia, contudo, a perda da autonomia política da Igreja na Alemanha, consubstanciada na extinção do Partido do Centro Católico (*Zentrum*), que antes da dissolução votara a favor das leis de exceção pró-Hitler e na adesão de membros proeminentes da hierarquia católica ao hitlerismo, cujo desdobramento possibilitou o *führer* influir agudamente nas nomeações episcopais.

O Nordeste desprezava a conjuntura na qual ocorreram os pactos de Mussolini e Hitler com o Vaticano e prendia-se ao que considerava essencial: eles perseguiam os

[125] Organização escolar na Alemanha. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 7 abr. 1934. O fascismo e a Igreja. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 7 abr. 1934. Mussolini e a Religião. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 26 abr. 1934. Governos fortes. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 abr. 1934. Editorial, p. 1. A religião racista. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 abr. 1934. Editorial, p. 1. O problema da imigração. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 maio 1934. Editorial, p. 1. Tese tradicional. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jun. 1934. Editorial, p. 1. Fator decisivo da vitória. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jan. 1936. Editorial, p. 1. O auxílio da maçonaria. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 out. 1937. Editorial, p. 1.

bolcheviques. Alguns pesquisadores (Camacho, Cornwell, Carroll e KERSHAW) apresentam convergência quanto à submissão do papado ao hitlerismo e ao mussolinismo. Nestes regimes, pelas concordatas, Mussolini e Hitler ganharam prestígio junto aos católicos, quer nacional, quer internacionalmente. E o importantíssimo: na Itália e Alemanha houve a eliminação do catolicismo social independente do Estado e isso resultou da orientação do Vaticano para o voto católico: distanciamento da esquerda; aproximação da direita. Com efeito, ampliou-se o intervencionismo de Roma no clero italiano e alemão.

Na Alemanha hitlerista, a repressão à Igreja, segundo *O Nordeste*, estruturou-se a partir da nomeação de Alfred Rosenberg para cuidar das questões ideológicas dentro do partido nazista, em 1934, e adquiriu o efetivo *status* de política de Estado com as resoluções do Congresso de Nuremberg, em 1935 e com a aliança nazi-comunismo, por meio do Pacto Molotov-Ribbentrop (1939). É importante salientar, porém, que o diário arquidiocesano omitia o clima de desconfiança existente nas hostes católicas acerca do empenho de Hitler em efetivar a Concordata de 1933, conforme sublinharam os pesquisadores Camacho, Cornwell, Carroll e KERSHAW. De 1933 a 1936, o jornal exaltou bastante Hitler em função de seu anticomunismo militante e aspectos da formação do povo alemão, enfaticamente, o papel social da mulher.

A partir de 1936 e nos anos seguintes, até o final da Segunda Guerra Mundial, repercutindo os desdobramentos do Congresso de Nuremberg, o jornal passou a ser ostensivo contra o nazismo: Alfred Rosenberg e Adolf Hitler traíam de forma sórdida Pio XI e Pio XII, rasgando a Concordata de 1933 e perseguindo sacerdotes católicos, implacavelmente.[126] Quanto ao massacre de clérigos, *O Nordeste* chegou a comparar a situação do bispo alemão de Meissen, monsenhor Peter Legge, com um bispo brasileiro, adepto do catolicismo ultramontano e atuante na época da Questão Religiosa, na década de 1870, aliás, única ressalva ao reinado de Dom Pedro II, por parte do periódico. Semelhante a Dom Vital, "símbolo da grandeza imortal do Exército da Luz", Legge, igualmente conduzido ao cárcere reservado a criminosos vulgares, de modo deveras insolente, a soldo do neopaganismo de Rosenberg, venceria o despotismo![127]

No correr do ano (1941), o periódico delegou ao vigário de Messejana, bairro da capital cearense, padre João José Cavalcante, a missão de explicar, didaticamente, as

[126] A perseguição na Alemanha. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 jun. 1936. Editorial, p. 1. A perseguição nazista. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 mar. 1937. Editorial, p. 1. Protesto eloquente. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 nov. 1937. Editorial, p. 1. O Estado alemão e a Igreja após o Congresso de Nuremberg. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 nov. 1937. Escravização ariana. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 maio 1938. Editorial, p. 1. O louco de Nuremberg. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 set. 1938. Editorial, p. 1.

[127] Nazismo anticristão**. O Nordeste**, Fortaleza, 7 jul. 1936. Editorial, p. 1.

"marteladas em ferro frio" do amálgama comunismo-fascismo-nazismo. Diga-se, carregando tintas no hitlerismo e no stalinismo. Numa sequência de 50 artigos, de 15 de fevereiro a 3 de dezembro, o clérigo detalhou os múltiplos aspectos da tríade: justiça, imprensa, escola, violência, concordata com a Santa Sé, os motivos do ódio a Roma e ao papa, o anticristianismo, a superioridade racial ariana, o totalitarismo nazista e comunista. Ao caracterizar o pacto Berlim-Roma, definiu que Mussolini não passava de dócil ventríloquo duma voz superior, a do Sr. Hitler. E por extensão, intitulou o *duce* de sofrível "arianista hitlerista".[128] Tal alcunha a Mussolini, considerando os estudos de Falasca-Zamponi (2008), Paxton (1986), Sassoon (2009) e Trento (1986), é um factoide, pois o fascismo na Itália absteve-se de praticar limpeza étnica nos termos hitlerianos.

Uma temática, extremamente delicada, e ausente de análise e de informes nas páginas do vespertino católico, sempre sintonizado com os noticiários europeus, sendo assinante das principais agências internacionais de notícias e, diuturnamente, solidarizando-se com o clero alemão, diz respeito à esterilização. Não obstante ter analisado em editorial a "eugenia das almas", o periódico sequer mencionou a esterilização de alienados e criminosos, que, segundo Dupeux (1992, p. 252), foi decretada pelo regime nazista, na mesma época da publicação da Concordata com o Vaticano. Ao tratar da eugenia, o jornal equiparou o racismo germânico à militarização soviética, definindo-os de manifestações "ridículas" da pretensa superioridade da humana defronte ao Criador do céu e da terra.[129]

Ainda com Louis Dupeux, após intensa discussão na qual se confrontaram o Cardeal Bertram, arcebispo de Breslau, e Monsenhor von Galen, bispo de Münster, por um lado e o teólogo Hans Barion, por outro, este colegiado concluiu que os juízes e médicos católicos poderiam indicar os alienados e criminosos, passíveis de esterilização, mas abstendo-se de responsabilizar-se pelos prontuários das vítimas. Quanto a von Galen, para *O Nordeste*, as cartas pastorais do sacerdote alemão tornaram-se a principal resistência ao intento de Rosenberg de reduzir a cinzas a Igreja Católica.[130] Como informou Dupeux (1992, p. 253), todavia, as cartas pastorais de von Galen, abundantemente difundidas, sofreram um revés, foram proibidas, sob a alegação de violarem a Concordata de 1933.

Quanto ao assassinato em profusão de judeus pelo nazismo, *O Nordeste*, que era reconhecidamente antissemita, rechaçou a carnificina sem utilizar-se de textos especiais,

---

[128] Esclarecendo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 7 maio 1941.
[129] Eugenia das almas. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 ago. 1938. Editorial, p. 1.
[130] A tramoia infante de Hitler**. Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 18 set. 1936. O Nazismo e o Vaticano. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 mar. 1937. Editorial, p. 1. Êmulos de Rosenberg. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 jan. 1942. Editorial, p. 1.

aqueles dedicados aos editoriais, as manchetes ou as chamadas de capa. Noticiou o extermínio em informes comuns, na primeira página, ressalte-se. Num deles, "Eloquente protesto contra as brutalidades nazistas", pareou o sofrimento de judeus a luteranos e católicos. Esta matéria, focando genericamente as "brutalidades nazistas", provinha do impresso religioso, Vozes de Petrópolis. Publicada, originalmente, em agosto de 1936, chegou às páginas do jornal fortalezense em outubro do ano referido. No corpo do texto, as maiores ênfases abordaram os católicos. Aos judeus, reservou-se o menor número de linhas, no início da escrita.[131]

Em 1943, duas matérias, de poucas linhas, na primeira página d'*O Nordeste*, abordaram a perseguição a judeus. A primeira delas, reproduzindo trechos da patronal coletiva de sacerdotes católicos holandeses, denunciou as "injustiças" praticadas pela dominação nazista. A notícia enfocou a obrigatoriedade de judeus ao trabalho compulsório. E tal atrocidade lembrava os tempos da escravidão no Brasil. O anúncio dos maus-tratos aliviava a consciência da igreja holandesa, que anos a fio não poderia ser acusada de omissão. O julgamento dos nazistas ficaria a cargo da "infalibilidade do juízo divino". Na segunda matéria, houve o relato acerca do aniquilamento na Polônia do Gueto de Varsóvia pelo arsenal de guerra do nazismo: artilharia, metralhadoras lança-chamas e até bombardeio de aviões de pequeno porte. Enviada por uma rádio clandestina na Polônia, a notícia da carnificina chegara às agências internacionais. Antes do enfretamento direto, os nazistas flagelaram o gueto: cortaram o acesso à agua e à luz. Dos 35.000, que resistiram dum total de 50.000, quando da organização do segregacionismo, 3.000 morreram em combate, 3.000 vitimados por incêndio e o restante deportado perversamente para a Alemanha.[132]

Dupeux certificou que um dos desdobramentos dos embates Vaticano-Hitler levou a Santa Sé a relacionar o livro de Rosenberg, "O mito do século XX", no *Índex*. Na leitura de Mata (2010, p. 83), Rosenberg estimulava nas massas a criação dum novo homem, dum novo mito e ambos gerariam uma nova forma estatal e uma nova forma de vida comunitária. Por conseguinte, surgiria a edificação dum "cristianismo alemão", que se identificaria com as sagas populares nórdicas e originaria um novo centro espiritual. Com isso, acreditava *O Nordeste*, o caráter universalizador do catolicismo, a partir do Vaticano, dos papas, dos santos, da Virgem Maria perderia, obviamente, centralidade, provocando o alavancar do arianismo e reduzindo os fiéis na Alemanha a um catolicismo de segunda categoria. Ou seja, a

[131] Eloquente protesto contra as brutalidades nazistas. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 out. 1936.
[132] Pastoral coletiva contra a conscrição de trabalhadores e a perseguição aos judeus. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 30 mar. 1943. Aniquilado pelos nazistas o resto do "gueto" de Varsóvia. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 2 jun. 1943.

Igreja Católica, que se prendia, desde sempre, ao mito da representação exclusiva da vontade de Deus na Terra, submergiria.

O Nordeste acompanhava a ambiguidade da Igreja Católica em relação a Hitler (CORNWEEL, 2000, p. 329; HOBSBAWM, 1995, p. 118). Ora manifestava apoio entusiástico, ora externava censura pertinaz ao nazismo. Exemplo de condenação ao *führer* ocorreu na Segunda Guerra, ao examinar o combate Alemanha *versus* URSS. O órgão orientava os leitores: em nenhuma circunstância, Hitler convenceria o mundo de que o ataque a Stalin visava a combater o bolchevismo ateu, ferrenho inimigo da civilização cristã e da cultura ocidental. Ideologias estatólatras, nazismo e comunismo vinham a lume como opostos à obra da Igreja, pois imperialistas e pagãos. À base da força bruta e do fanatismo, realizavam uma guerra total, destruindo templos e hospitais, aterrorizando as populações indefesas – mulheres, velhos e crianças. Publicamente, inimigos; em essência, irmãos-gêmeos.[133]

As encíclicas do papa Pio XI, do ano de 1937, *Divini Redemptoris* – Sobre o comunismo ateu, *Mit brennder sorge* – Com a mais viva inquietação, denunciando as "violências" do racismo hitlerista, e *Ingravescentibus malis* – Sobre o rosário da Santíssima Trindade, novamente denunciando os "horrores" do comunismo ateu, foram comentadas nas páginas d'*O Nordeste*. Na visão do periódico, sabiamente, os documentos classificaram o nazismo e o comunismo de "graves perigos" do instante, atribuindo-lhes dose igual de letalidade. O duo ansiava por elevar o Estado ao patamar de ente absoluto, onipresente na resolução das dificuldades econômico-sociais aflitivas do mundo moderno. Para tanto, praticavam o "imperdoável" crime de estatolatria pagã.[134] Dessa forma, acontecia o descarte do Evangelho, o único capaz de barrar a insanidade das hordas e garantir a ordem pública. No caso do bolchevismo, um agravante: a cassação do direito de propriedade nivelando na miséria as classes trabalhadoras e empresariais.[135] Já, recuando a 1931, nota-se um silêncio por parte d'*O Nordeste* acerca da encíclica *Non abbiamo bisogno* – Nós não precisamos, do papa Pio XI. Este escrito veio em defesa da Ação Católica italiana e condenou o fascismo, inclusive, classificando-o de estatolatria pagã.

---

[133] Contra o rival. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 jul. 1941. Editorial, p. 1. Visão de realidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 jul. 1941. Editorial, p. 1. Soberania suprema. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 out. 1941. Editorial, p. 1.

[134] O santo padre lança a sua esperada encíclica sobre o comunismo. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 mar. 1937. Com a mais viva inquietação – encíclica sobre a luta religiosa na Alemanha. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 11 jun. 1937. Contra o comunismo ateu. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 set. 1937. A última encíclica. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 nov. 1937. Editorial, p. 1.

[135] O nazismo e o Vaticano. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 mar. 1937. Editorial, p. 1. O discurso do Cardeal Pacelli. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jul. 1937. Editorial, p. 1. Festa do Rosário. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 out. 1937. Editorial, p. 1.

Comunismo e nazismo, faces do neopaganismo, insistia *O Nordeste*. Extremos que se tocavam. Prosélitos do anticlericalismo à custa do luto de órfãos e viúvas. Matreiros, seguiam a trilha de perseguição ao Cristo, assimilando os trejeitos do derrotado Herodes e de seus sucessores. Tinham por semelhanças: destruir a sociedade burguesa (ódio de classes e ódio de raças), conquistar do poder absoluto (capitalismo de Estado), espalhar a concepção totalitária do mundo, impor a ditadura do partido único, eliminar derramando sangue o cristianismo, estabelecer a nova fé materialista, possuir o domínio universal (imperialismo proletário e imperialismo racial). Tanto num, como noutro, o culto ao Estado atingia o ápice.

Na Segunda Guerra, a belicosidade inerente ao comunismo e ao nazismo usava a máquina de destruição estatal para perpetuar o desmonte de países tradicionalmente católicos, como a Finlândia e a Polônia. Por seu turno, repetiam o crime nefando de Caim, quando um inocente fora atingido barbaramente. Enlaçados pelo egoísmo selvagem, pelo prazer sensual, pela exclusão racista e pelo ódio de classes, o "anticristianismo vermelho ou pardo" acreditava que construiria o paraíso terreal, fundamentado nas ciências e nas artes, apenas. Ledo engano! Portanto, em tempo algum alcançaria seus intentos: derrotar o Evangelho![136]

Embora condenando Hitler, *O Nordeste* magnificava aspectos da sociedade germânica. Detinha-se nos comportamentos femininos. A submissão das filhas de Maria ao pátrio poder sempre foi difundida pelo órgão e nas acirradas disputas eleitorais dos anos 1930, a LEC vangloriava-se de ter amealhado a maioria do voto feminino. Desta feita, o jornal expôs na primeira página "os mandamentos das donas de casa alemãs". A matéria enumerou didaticamente os pontos norteadores do comportamento das "senhoras dos lares" no instante de irem às compras: 1) não protestar se um artigo pedido falta provisoriamente no mercado; 2) nunca pedir acima do que se dá aos desvalidos; 3) não procurar conquistar a benevolência dos contrabandistas; 4) não correr de armazém em armazém para procurar o que não podia encontrar no tempo da paz; 5) não chegar nunca no último minuto para fazer suas comprar; 6) ter consideração e ceder seu lugar às mulheres que exerçam alguma profissão e que, por conseguinte, não têm muito tempo para fazer compras; 7) ser compreensiva e atender à ordem de fechamento dos armazéns; 8) permanecer alegre, não importa em que situação e não perder nunca o seu bom humor.[137]

---

[136] Os extremos se tocam. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 out. 1938. Editorial, p. 1. Desde Herodes. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 nov. 1938. Editorial, p. 1. A agonia do marxismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1938. Editorial, p. 1. Nova Era. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 dez. 1939. Editorial, p. 1. Nazismo e comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 mar. 1940. Editorial, p. 1. Nacional-Socialismo e Cristianismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 abr. 1940. Editorial, p. 1. Tempo de festas. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 dez. 1940. Editorial, p. 1.

[137] Aspectos do Reich. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 8 mar. 1940.

Como informado, *O Nordeste* classificava Hitler como exemplo de combate ao bolchevismo e de regeneração das funções do Estado (educação do povo, proteção à família e desenvolvimento da economia nacional); porém, à medida que se intensificava a perseguição aos católicos na Alemanha, tornando letra morta a Concordata de 1933, o órgão passou a repelir os hitleristas. Precedendo as perseguições, entretanto, o crescimento do *3º Reich* ficava isento de censuras ou ressalvas. Considerando o elitismo d'*O Nordeste* e o fato do expansionismo territorial nazista buscar reconciliar-se com um passado glorioso, aos olhos do vespertino a "grande" Alemanha certamente despertaria suprema relevância, pois "o cristianismo e o germanismo criaram conjuntamente a elevada cultura alemã da Idade Média." (DUPEUX, 1992, p. 254). No mais, com o *füher*, ocorreu a cabal derrota dos pressupostos da república liberal de Weimar, que, se diga de passagem, concedeu à Igreja alemã algo semelhante ao propiciado pela Concordata de 1933 (DUPEUX, 1992, p. 250).

Transcorrendo a Segunda Guerra Mundial, *O Nordeste* divulgou as diretrizes que os países beligerantes ou não deveriam obedecer para obter a paz terral e celestial. Chanceladas pelo papa Pio XII, as diretivas clamavam pela derrota do nazismo e do comunismo, para conservar a Igreja como a "mãe da civilização". Caberia à caridade evangélica a reconstrução dos países dilacerados pelo conflito armado, mediante o restabelecimento da família universal, sem a aberração do racismo, da luta de classe e da concorrência capitalista. Também, de suma importância, a negação eloquente ao sibarismo e ao gozo sensual para se atingir a "vitória sobre o primado da matéria". A consolidação da paz seria possível se os estadistas cumprissem as concordatas ajustadas com a Santa Sé. A tranquilidade mundial redundaria na destruição do neopaganismo nazi-rubro. Discorrendo sobre as medidas a serem adotadas, o jornal insistia num item: as verdades absolutas do catolicismo eternizavam-se, defenestrando derrota ou desânimo.[138]

Como foi evidenciado, *O Nordeste* pregava a conciliação de classe, via a instalação dum regime autoritário de inspiração nazi-fascista-salazarista. O Estado Novo brasileiro deveria assentar-se no primordial combate ao comunismo, cuidar efetivamente dos bens públicos e criar uma infraestrutura para o progresso da iniciativa privada. A confirmação disso veio por meio da concordância exponencial do órgão com as intervenções na Capital cearense feitas pelos prefeitos Álvaro Weyne e Raimundo Alencar Araripe e pelo governador, depois interventor, Francisco de Menezes Pimentel. Além do denodo dos administradores locais, Fortaleza contava com a obsequiosa ajuda do presidente Getúlio Vargas. Desta união, apesar da carência financeira, a maior cidade do Ceará vinha mudando de feição: construía

[138] Os cinco postulados. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1940. Editorial, p. 1.

uma nova catedral, urbanizava os arrabaldes, remodelava as praças, ampliava a malha ferroviária, interligando a Capital com o restante do Estado e com outras localidades do Brasil e a edificação-símbolo, a construção do Porto do Mucuripe, um dos vetores para o desenvolvimento regional. [139]

As intervenções urbanas em curso, alertava *O Nordeste*, deveriam resultar do afinco de todos os cearenses, sem distinção de cores partidárias. Captar recursos junto ao Executivo federal deveria ser tarefa uníssona. O periódico, no entanto, somente citava políticos pró-Liga Eleitoral Católica, com ênfase em Carneiro de Mendonça, Waldemar Falcão, Pimentel, nos prefeitos Wayne e Araripe, menosprezando, consequentemente, os políticos ligados ao Partido Social Democrático, adversário-mor do lecismo, nos anos 1930. Nas páginas do órgão clerical, o grupo gestor do jornal, todo ele originário e participe ativo da burocracia estatal, notadamente nos governos Araripe e Pimentel, arvorava-se de difundir os interesses da coletividade, mas, na prática política, focava sua corporação, ou seja, os lecistas. No discurso jornalístico, sobressaia a valorização dos interesses do Ceará e o empenho voltado à coisa pública em detrimento das questiúnculas particulares. Logo, o grupo gestor do jornal expressava uma característica marcante do Estado integral salazarista: "O Estado perseguia a coordenação, com harmonia e aparente neutralidade, do conjunto da atividade econômico e social da nação." (PASCHKES, 1985, 23).

Para *O Nordeste*, o mérito do nazi-fascismo-salazarismo, afora o resoluto anticomunismo, era a rejeição ao parlamento liberal e ao individualismo burguês. O liberalismo recebia pesadas críticas por demostrar incapacidade endógena de evitar a luta de classes, o caldo de cultura para a multiplicação das ideias socialistas. Exceção à defesa da propriedade privada, um dos postulados caros aos liberais, o periódico manifestava profundo desprezo à liberal-democracia, por estender os direitos políticos a todos os segmentos sociais, o que não o impedia de definir o comunismo como averso à democracia e à liberdade. Então, urgia ultrapassar a encruzilhada – ou o capitalismo liberal ou o estatismo comunista. Tratava-se, desta feita, de estabelecer um regime de força e intervencionista, tal qual fizeram Hitler, Mussolini e Salazar. Ou seja, o periódico apenas remoçava a tradição autoritária brasileira.

Na esteira do individualismo burguês, disseminavam-se os valores universalistas e a excessiva laicização da sociedade, herdada da Constituição de 1891. A República trouxera a separação da Igreja em relação ao Estado, e com isso, avaliava *O Nordeste*, a sociedade

[139] O problema dos arrabaldes. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 set. 1935. Editorial, p. 1. Pelo bem do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 set. 1935. Editorial, p. 1. Homenagem merecida. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jul. 1938. Editorial, p. 1. A catedral de Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 jul. 1938. Editorial, p. 1. O fato do dia. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 fev. 1944. O fato do dia. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 28 nov. 1945.

cível perdera o prumo, daí a premência dum regime fundamentado no nacionalismo conservador, na autoridade do chefe do Estado e no uso da violência oficial, em nome do interesse nacional. Tudo isso recorrendo à institucionalização da governabilidade, mediante uma percepção corporativista, que, no caso do grupo gestor do jornal, significava instrumentalizar a Arquidiocese de Fortaleza e as várias agremiações caritativas, partidárias, sindicais etc. a ela vinculada; além disso, tomando por base o conservadorismo católico, exposto na encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, do papa Leão XIII. Do ponto de vista do anticomunista, via-se uma tentativa de impor o nacionalismo católico em detrimento do internacionalismo proletário.

O intermitente combate ao comunismo deveria ganhar dimensão de guerra civil legal, na qual se permitia ao Estado o uso indiscriminado de recursos coercitivos ou não, garantidos pela legalidade ou não. Para conter o inimigo, que era capaz de ir da insurreição armada, Levante Militar Comunista de 1935, a simples resistência operária, Passeata contra a fome, Fortaleza (1931), passando por uma atuação partidária legal, o Partido Comunista do Brasil (PCB) nas eleições de 1945, a repressão era autoexplicativa. A fim de evitar sobressaltos na governança, *O Nordeste* pregava a recorrência de um Estado de exceção como padrão de governo. O presidente Getúlio Vargas, consumadas a vitória da Revolução de 1930 e as posteriores boas relações com a hierarquia católica nacional, personificada na figura de Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro (RJ), projetava-se como protagonista-mor para a institucionalização de um Estado de emergência permanente.

2 O "URSO BRANCO" ESTENDE SUAS GARRAS SOBRE O BRASIL

> O Brasil não comporta a introdução em seu meio do ***Urso Branco*** da Rússia. É uma ideia louca, atentado evidente contra as nossas gloriosas tradições de honra e fé, pretender transportar para o nosso habitat a fera bolchevista.[140]

2.1 A Revolução de 1930 contra a demagogia vermelha

> Não estanca a torrente de sangue que corre do debilitado organismo social da Rússia.[141]

De 1922, ano de fundação do jornal, até a Revolução de 1930, cotidianamente, *O Nordeste* atribuiu à governança do País uma "crise de autoridade". A origem dos transtornos sociais se localizava no trio liberalismo-comunismo-laicismo, as fontes do "mal". O periódico aderiu imediatamente ao golpe de estado contra Washington Luís e equiparou a destituição do presidente, urdida pela Aliança Liberal, às grandes datas da História do Brasil, algo similar à Independência (1822) e à Abolição (1888). Quanto a Getúlio Vargas, creditou a ele a responsabilidade pelo apaziguamento do Brasil.

A Revolução de 30 significava para *O Nordeste* o início da superação da crise de autoridade, cujo início remontava à Proclamação da República, em 1889. Entre 1940 e 1945, paralelamente à defesa da ordem, inclusive reivindicando o uso de coerção às esferas governamentais para exterminar, sem piedade, os "malfeitores", o órgão arquidiocesano difundia sua perspectiva de autoridade: uma administração pública na qual os subalternos prestariam obediência incondicional aos comandos do emissor, ou seja, o Estado Getulista. Também nas páginas do jornal, havia a recorrência de ultimatos aos governantes e o lançamento de factoides. Assim, *O Nordeste* procurava estabilizar o poder concedendo "prêmios" e impondo "privações" simbólicas.[142] A legitimidade da Revolução de 1930 e do

---

[140] O urso branco no Brasil... **O Nordeste**. Fortaleza, 28 nov. 1935. Editorial, p. 1.

[141] As "maravilhas" do bolchevismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 mar. 1931. Editorial, p. 1.

[142] Conforme Mario Stoppino (2007, p. 88-89), "Um primeiro modo de entender a Autoridade como uma espécie de poder seria o de defini-la como uma relação de poder estabilizado e institucionalizado em que os súditos prestam uma obediência incondicional". Alongando-se, Stoppino distinguiu três tipos de poder: "coercitivo", baseado na aplicação ou ameaça de sanções físicas; "remunerativo", baseado no controle de recursos e das retribuições materiais; "normativo", baseado na "alocação dos prêmios e das privações simbólica".

Estado Getulista dava-se reavivando a formação católica do povo brasileiro, que era tratado como inepto.

Ao analisar a Primeira República, *O Nordeste* alardeava que ela poderia ter se configurado numa mera etapa para o socialismo e deste ao comunismo, dada a excessiva liberdade, qualificada de absolutamente estranha à formação católica da Nação, concedida aos moscovitas pelas esferas de poder. Segundo o jornal, por ter se constituído em um Estado liberal e, principalmente, ateu com a Constituição de 1891, o Brasil estava susceptível a ser tragado rapidamente pela prepotência "desumana" da ditadura do proletariado.[143] No governo de Getúlio Vargas (1930-1945), a Arquidiocese de Fortaleza e *O Nordeste* não só ampliavam a organização de grupos de pressão (círculos operários, sindicatos, associações beneficente, grupos de oração etc.) no sentido de aperfeiçoar a gestão varguista, como dinamizavam as práticas anticomunistas. O jornal cobrava fidelidade dos devotos à ação política desenvolvida pelos agentes ligados à cúpula arquiepiscopal, notadamente, com a fundação da Liga Eleitoral Católica, em 1932. A proposta de eliminação do bolchevismo vinha acompanhada da preferência por um Estado autoritário e católico a ser implantado no Brasil, urgentemente. O Estado, em parceria com a Igreja Católica, a família, os sindicatos, a escola e os municípios, administraria a pátria.

O Nordeste harmonizou-se inteiramente com os princípios da Restauração Católica (1920-1930). Consoante Azzi (1979, p. 69-73), as diretrizes da Restauração Católica resumiram-se na revogação do laicismo que caracterizara a Primeira República e no novo rumo político, iniciado com a Revolução de 1930, imprimir um cunho marcadamente católico; prevenção rígida contra um eventual avanço das ideias socialistas e comunistas no Brasil, procurando mobilizar nesse sentido a opinião pública; fortificação do princípio da autoridade em contraposição aos métodos liberais ou socializantes; reafirmação da Igreja Católica na sociedade, especialmente junto às classes dirigentes do País. Além disso, destacou Azzi (1979), era mediante a organização de um "Estado forte e estável" que a hierarquia vislumbrava o melhor caminho para restabelecer sua autoridade na sociedade brasileira. Com isso, os bispos procuraram colocar em evidência o papel da Igreja como sustentáculo da ordem social e defensora do princípio da autoridade. Na interpretação da doutrina social católica exposta pelo jornal *O Nordeste*, caberia ao Estado o comando-maior das ações anticomunistas. Com esta compreensão, como se verá, o órgão clerical apoiou a Revolução de 1930, a repressão contra os comunistas cearenses em 1931, quando da realização da Passeata da Fome, o enfrentamento ao Levante Militar Comunista de 1935 e o golpe do Estado Novo.

[143] O terror vermelho. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 mar. 1930. Editorial, p. 1.

O Nordeste garantia que o laicismo vinha deformando o caráter do povo brasileiro e contribuindo diretamente para as fraudes desmoralizadoras das instituições democráticas. À vista disso, o diário católico oferecia alternativa ao impasse: só pela recristianização dos costumes seria possível modificar o temperamento nacional. A aflição do jornal ampliava-se e as represálias voltavam-se contra o democratismo (liberdade, igualdade e fraternidade) atribuído ao liberalismo. Para o órgão, havia uma subversão dos princípios de disciplina na Administração Pública. Inexoravelmente, tal posição levaria a um desdobramento perturbador: arrastar as massas às explosões da rebelião social. Novamente, *O Nordeste* especificou o receituário de superação da crise de autoridade: seguir a Igreja. A instituição fora ininterruptamente, a grande escola de obediência e de respeito à ordem. Era a única habilitada a derrotar a simbiose formada pela herança jacobina, pelo democratismo revolucionário e pelos agitadores comunistas. *O Nordeste* ainda apregoava a necessidade dos católicos participarem ativamente da vida política do Brasil. Aos católicos, definidos como os homens do futuro, caberia a incumbência de obstar a esquerda na sua atividade de "coveiros" da dignidade nacional.[144]

Para *O Nordeste*, em risco, encontravam-se a salvação da República, a consolidação da ordem interna e a reforma no aparato governamental. Então, urgia nulificar os demagogos, o liberalismo, o laicismo e a excitação partidária atuantes nos comícios agitados, nas reuniões turbulentas nas praças e nas conturbações de rua, propiciadas pela eleição presidencial de 1º de março de 1930. Embora fazendo alusão à necessidade de se governar com o povo, o periódico defendia a regeneração dos hábitos coletivos sob a coordenação dos homens de bem e livre de pugna fratricida, ou seja, nada de desavenças intermináveis no seio das elites. *O Nordeste* inquietava-se em relação ao comportamento do proletariado e declarava-se preocupado: alastravam-se na mentalidade ingênua das camadas trabalhadoras os princípios "desvairados" do sovietismo. Para a folha, a quem caberia a responsabilidade pela difusão do socialismo em Fortaleza/CE, uma capital tradicionalmente cristã? A paganização dos costumes afeita aos governos agnósticos, a escola ateia e a legislação laica advindas com a proclamação da República e a atuação do Bloco Operário e Camponês (BOC). Perante isso, quais caminhos seguiriam os católicos?[145]

---

[144] A causa de todos os males. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jan. 1930. Editorial, p. 1. A crise da autoridade. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jan. 1930. Editorial, p. 1. Os homens do futuro. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 fev. 1930. Editorial, p. 1.

[145] A consequência lógica. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 fev.1930. Editorial, p. 1. Definindo os campos. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 fev.1930. Editorial, p. 1.

Como se refreariam as "aberrações" do comunismo no Brasil e no mundo? Na questão social, com quais recursos se implantariam "justiça e caridade" contra o ódio de classes e o orgulho humano sem freio? Quando o universalismo católico derrotaria o internacionalismo proletário? Evocando Roma, a folha apontou a trilha: a da Igreja, a da contrarrevolução e não a da anarquia social, cujo desdobramento levaria ao bolchevismo, inapelavelmente. Sob a óptica da doutrina social formulada pelo papa Leão XIII, a gazeta insuflava o combate premente aos novos sofismas que, interpretando falsamente o Evangelho, julgavam poder comportar-se ao mesmo tempo como bons católicos e moscovitas ou simpatizar com a União Soviética. Quanto ao direito de propriedade, tema recorrente nas páginas do jornal, *O Nordeste* deu ênfase à verdade evangélica: nem o individualismo egoísta do especulador capitalista, nem as anomalias do comunismo, com a coletivização a todo custo. No Brasil, a obra de reconstrução da sociedade nacional, objetivando barrar a crescente sovietização dos operários, deveria contemplar as melhorias nas condições físicas, econômicas, religiosas e também morais tanto dos trabalhadores urbanos, como dos lavadores e humildes em geral.[146]

Em 1930, qual a percepção d'*O Nordeste* referente ao entendimento Religião-Estado, haja vista que a pátria estava aureolada de um halo de santidade disseminado graças ao abnegado padre José de Anchieta, o venerável apóstolo do Brasil? Relativamente a isso, *O Nordeste*, glorificando o triunfalismo da Igreja Católica de Nero a Lenin, afirmava que o Estado e a Religião precisavam se encontrar. Deveriam amalgamar-se, auxiliando-se de modo recíproco na tarefa social a que ambos incumbiam: estabelecer a concórdia entre as classes sociais, destruindo o "ódio rubro". E existindo discordância no convívio Religião-Estado, quais prejuízos acarretariam à Nação brasileira? Fixando-se tanto na bravura do catolicismo de ter derrotar seus inimigos, como nas possibilidades de crescimento da religião à época, a folha ateve-se a localizar os prejuízos advindos da hostilidade do poder civil às autoridades espirituais: ocasionava um obstáculo gravíssimo à própria vida pública, prolongando a democracia laicista e o redivivo paganismo romano. Logo, quem perderia com o distanciamento? O Estado, visto ter dispensando o apoio moral da Religião, encontrava-se numa condição precária e, diante da progressiva indisciplina das massas estimulada pelas "trevas da selvageria", a coação material por si só seria inócua.[147]

Ao justificar sua neutralidade na eleição presidencial de março de 1930, *O Nordeste* salientava que o liberalismo dominante constituía a "chaga dolorosa e profunda" do

[146] Idem.
[147] A expansão cristã. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 fev. 1930. Editorial, p. 1.

século que passava. A publicação religiosa, mantendo-se equidistante das candidaturas de Getúlio Vargas e de Júlio Prestes, arvorava-se de ter a missão de revelar os erros e arbitrariedades do regime republicano, de acomodar-se fora e acima das facções partidárias. Para o jornal, a democracia liberal vigorante contrariava o princípio da autoridade e estimulava o acirramento entre os partidos, minava a paz social e a prosperidade econômica do Brasil. Esta postura veio acompanhada do aviso: a mentalidade popular envenenada pela ideologia dos preconceitos "libertinos" se distanciava, pouco a pouco, do bom senso comum. O periódico sintetizou na locução "miasmas contaminadores" os embaraços vivenciados pelo País: a legislação agnóstica e a demagogia dissolvente dos politicalhos. Afora o repisado cuidado em manter o povo domesticado, avesso às mobilizações sociais, *O Nordeste* assemelhava o Brasil a um organismo em processo avançado de decomposição e ávido por medidas higiênicas, reservadas aos homens de confiança, os expoentes do civismo brasileiro.[148]

Examinando as feridas sociais da hora, *O Nordeste* recorria a um insistente linguajar médico para alertar os fiéis acerca dos perigos oriundos da "calamidade do tempo". As expressões – psicose coletiva, diátese, contágio, profilaxia, instintos destruidores, malignidade, taras ingênitas da natureza humana, enfermidade coletiva, vandalismo brutal e infecção – compuseram a persuasão do diário clericalista. O que seria, porém, a catástrofe referida? Com ênfase, o jornal sentenciava, eram a chaga bolchevista, o fanatismo soviético, a barbaria vermelha e a mentalidade pagã do comunismo alojada em Moscou. Aliás, a linguagem médica para depreciar a União Soviética alimentava o anticomunismo d'*O Nordeste*.

Na capital do bolchevismo, o órgão localizava uma profusão de rotinas sacrílegas. Elas aconteciam no campo santo, preferencialmente. Lá havia a profanação dos mortos e isto retratava o último grau de embrutecimento de uma coletividade degenerada, já que as hordas costumeiramente guardaram veneração às cinzas dos seus antepassados. Determinada a afecção, o periódico designava o gerador da morbidez no Brasil: os governos agnósticos enfraquecendo a catequese católica; a consequência: a rebeldia das massas contra o princípio da autoridade e encerrando a doutrinação, o remédio: o estabelecimento de um cordão sanitário entre Moscou e o mundo civilizado.[149]

O axioma "o bolchevismo é a antítese da Igreja" persistia nas páginas d'*O Nordeste*. Reportando-se a Moscou, símbolo-mor da ditadura de Stalin, o periódico

[148] O Momento Político. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 fev. 1930. Editorial, p. 1.
[149] O espírito da desordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 mar. 1930. Editorial, p. 1.

qualificava-a de a máxima expressão de "impiedade" do instante, cujo objetivo precípuo era subverter todas as noções fundamentais da civilização ocidental; a começar pela extinção da propriedade privada. O comunismo, ao negar explicitamente as posses individuais, destruía o sustentáculo do progresso econômico das nações e, consequentemente, estimulava a dissolução social, via proliferação da luta de classes e do sindicalismo revolucionário. Daí a extrema necessidade de se firmar uma barreira rígida de oposição ao bolchevismo, para se evitar a contaminação dos povos ocidentais.

Tornava-se inadiável conter a "irrupção da diátese contagiosa". *O Nordeste*, ao esboçar esta propositura, em meio a observações nas quais o sovietismo emblemava no Brasil – legalização do roubo, empreendimento exógeno, ação contra o Estado, destruição da autoridade, excitamento aos grevistas para derrubarem a ordem, aproveitamento das mazelas sociais, grande inimigo da classe operária – sugeriu a Chefatura de Polícia do Estado do Ceará proibir a organização de células e a livre circulação da imprensa comunista, todavia, solicitava irrestrita liberdade ao restante do jornalismo da cidade.[150]

As dualidades – mal x cura, dormência x vigilância, propaganda x contrapropaganda e veneno x antídoto – fundamentaram a extirpação do sovietismo, detalhada num ultimato d'*O Nordeste* às autoridades policiais. Os bolchevistas, tal qual a "paciência da gota d'água que cava a lápide", perpetravam crimes de lesa-civilização à doida. Em Fortaleza, o perigo saltava aos olhos: na greve da Light, durante o mês de fevereiro de 1930, o Bloco Operário e Camponês desafiara as instituições sociais. O periódico, aquilatando o nível de ousadia dos maximalistas, citou sua ofensiva no aliciamento até das operárias domésticas, em cuja mente vai encontrar terreno propício, pela sua "incultura", para a fertilidade daninha das suas teses.

Ao adjetivar a desenvoltura da repressão policial de inércia suicida, o jornal passou a exigir do policiamento submissão ao chamado das sentinelas voluntárias, que requeriam o uso de armas no enfrentamento dos agentes moscovitas nas plagas cearenses. Em meio à avalanche bolchevique, um alívio: a iniciativa da União de Moços Católicos (UMC) de promover a "Campanha Contra o Comunismo". E qual fora o propósito desta entidade vinculada à Arquidiocese de Fortaleza e formadora de quadros para a intelectualidade católica da cidade? A defesa da pátria, da ordem pública e abrir os olhos do proletariado incauto, que

[150] Gangrena social. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 mar. 1930. Editorial, p. 1. Combate ao comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 11 mar. 1930.

se ia deixando cair na ilusão bolchevista, concretizada na atuação do Bloco Operário e Camponês e do sindicalismo anticlerical.[151]

Acerca da perseguição religiosa e da situação econômica, em se configurando a sovietização do Brasil, *O Nordeste* projetava um "terrível vandalismo" assolando a pátria. O clero sofreria pesadas restrições a fim de extirpar das multidões a centelha da fé. Existiria a anulação dos direitos políticos e civis dos sacerdotes, banimento e prisões em masmorras de altos dignitários da Igreja Católica, condenação de padres a morte lenta, retirada dos meios de subsistência dos religiosos, sequestros dos bens eclesiásticos, confisco dos patrimônios dos templos e conventos, ou seja, no Brasil, como na Moscou de Stalin, como na Roma de Nero, o sangue dos mártires jorraria e se transformaria em sementeira de cristãos, que continuariam a semear a palavra do Mestre Divino, sem nenhum temor.

O bolchevismo, saturado de ideias libertárias e fruto de uma cultura de classe, redundara, simplesmente, num progresso utilitário e temporal, num "capitalismo de Estado", repartidor da pobreza, porque suprimira os latifúndios e os grandes capitais. O comércio externo, as indústrias e os bancos viraram monopólios estatais. Esvaziara a ilusão de felicidade e de igualdade (um décimo da população dominava os outros nove décimos). Desvanecera o sonho de uma sociedade em que todos os esforços se equilibrariam. Valorizara a facção partidária em detrimento da ilustração, do talento, da competência na cátedra ou na fábrica. O Estado açambarcara o pensamento e a imprensa. Já o ensino provera a cultura ateística. Na visão d'*O Nordeste*, a objeção à religião incentivava a luta a favor do sistema socialista, pois o propósito soviético seria acabar, dentro de dez anos, com todas as igrejas e aplicá-las a fins profanos. Nisso, triunfaria a máxima: toda nação divorciada de Deus caminhava para a ruína.[152]

A urgentíssima reciprocidade (Religião e Estado), no Brasil, adquiria proeminência na conjuntura de 1930. Ocorria por parte d'*O Nordeste* a ratificação do vigor do catolicismo na relação com a governança: a Igreja Católica configurava-se na maior sustentadora do princípio da autoridade no universo. Argumentando, o jornal perguntou:

---

[151] O Comunismo e o Governo. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 mar. 1930. Editorial, p. 1. A UMC promoveu uma série de nove conferências com intelectuais católicos da cidade que acorreu entre 7 de março e 16 de maio de 1930 no Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, no Centro Artístico Cearense, na Sociedade Beneficente 24 de Junho, na Phenix Caixeral (a entidade dos comerciários), na Associação dos Merceeiros, na Sociedade Deus e Mar, na União Marítima Beneficente, na União Beneficente dos Trabalhadores Ambulantes e no Centro dos Retalhistas**.** Para subsidiar as discussões ao longo da Campanha, **O Nordeste** intensificou a publicação de material anticomunista. A "Campanha Contra o Comunismo" foi analisada em minha dissertação: "Serventuários das trevas": Os Bolcheviques na Imprensa Católica (Fortaleza/CE, 1922-1932), Mestrado em História Social, Universidade Federal do Ceará, 2005.

[152] O terror vermelho. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 abr. 1930. Editorial, p. 1. Bolchevismo e cultura. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 abr. 1930. Editorial, p. 1.

como se explica que os governos fugindo ao próprio instinto de conservação, vejam nesta grande "escola da ordem" uma adversária a perseguir? Respondendo, o periódico nomeou as situações nas quais os signatários do poder divino na terra, ao contrariarem a ordem constituída, promoveram seu apartamento do poder temporal: nos abusos da administração, nas fraudes e violências da opressão às classes trabalhadoras e por abster-se de legitimar as iniciativas sediciosas. Para embasar suas deduções, o órgão reproduziu fragmentos de encíclicas dos papas Leão XIII e Pio X, falecidos, respectivamente, em julho de 1903 e agosto de 1914. De Pio X, o jornal enfatizou a superioridade da restauração à revolução: a Igreja, deveras preocupada com a felicidade do povo, jamais estabelecera alianças comprometedoras, nunca se desligara do passado, em tempo algum os verdadeiros amigos do povo difundiram atos inovadores, renegando os aprendizados tradicionalistas.

De Leão XIII, o jornal mostrava o quão o sucessor de São Pedro fora protetor dos direitos das massas operárias ante a extorsão do capitalismo. Constantemente, este papa atuara solicitando a supressão da luta de classes, ancorada na harmonia capital-trabalho, ressaltava *O Nordeste*. Do autor da encíclica *Rerum Novarum*, a gazeta distinguia a eterna validade de uma das suas afirmações: no mundo civilizado, quem resistia à autoridade constituída resistia à ordem de Deus. Baseando-se no tripé condenação-submissão-temor, o jornal delineou um breviário para enfrentar a mentalidade anárquica dominante. O regulamento incutiria nos fiéis a aquiescência à hierarquia: os inferiores seguiriam os médios e os intermediários, os superiores. A efetivação de tal aconselhamento estaria circunscrita à dedicação dos prelados. Os missionários redobrariam os esforços no sentido de cativar, de forma racional, nos espíritos de todos os homens os princípios da Igreja Católica sobre autoridade e a obediência. Junto aos trabalhadores, o periódico solicitou maior empenho dos religiosos. O proletariado deveria compreender que a obediência em nome de Deus lhe traria honra e bonança.[153] Tudo isso para evitar a filiação do Brasil ao "paraíso vermelho", que foi descrito como sendo:

> É a guerra atroz da animalidade materialista contra toda elevação espiritual, dignificadora da nossa natureza. A abominação do mal procura destruir, por todos os meios ao seu alcance, as irradiações da virtude e da humanidade. Visa-se, com isso, exercer sobre a mentalidade da juventude fraca e inexperiente o incitamento à vida desregrada e dissoluta. [...] O terrorismo ali estabelecido em pleno século XX leva absoluta vantagem sobre todos os processos primitivos de intimidação e barbaridade. [...] Os bolchevistas não têm nada de humano. [...] Nunca se viu uma ditadura mais arbitrária e esmagadora dos direitos humanos, e tudo em nome da revolução do operário! Que rude ironia, a do cinismo![154]

[153] Escola da Ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 jun. 1930. Editorial, p. 1.
[154] Moscou sem véus. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 jun. 1930. Editorial, p. 1.

No diário arquidiocesano, a incompatibilidade do operário católico com a militância comunista era habitual. A lida frequente e esmerada no trabalho repelia a ação dos espertalhões e de suas doutrinas perniciosas. A gente insensata, contudo, poderia se tornar presa fácil para os processos do sovietismo. Por um lado, o combate aos desocupados e aos desnorteados pautar-se-ia na intransigência, asseverava *O Nordeste*. Por outro, o diário persistia na harmonização capital-trabalho. Os capitalistas deveriam promover organizações benfazejas e educativas no seio dos "colaboradores" das suas fortunas. Zeloso com a educação popular, dado que o povo – ininterruptamente "criança" – se empolgava facilmente com as promessas infundadas dos socialistas e dos agitadores profissionais, o periódico acentuava a imprescritível utilidade da imprensa em praticar uma orientação séria e segura contra a anarquia atormentadora do Brasil naquela data.[155] A anarquia referida vinculou-se aos impasses oriundos da eleição presidencial vencida por Júlio Prestes e contestada por partidários de Getúlio Vargas, o candidato derrotado no pleito. As especulações em torno de saídas revolucionárias suscitaram apreensão no Arcebispado. Padre Antonio Tabosa Braga, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, avaliando a conjuntura política da Nação, realçou que:

> O maior perigo de uma revolução nacional, no Brasil, é oferecer oportunidade para uma manifestação bárbara dos comunistas, secundados por uma pavorosa multidão de milhares e milhares de vagabundos e desocupados, que enchem tristemente as nossas capitais. Não sei se, havendo um movimento revolucionário triunfante sobre o governo, poderá, depois, controlar os elementos destruidores, nas suas ânsias de roubo e depredações.[156]

No pós-eleição presidencial de 1930, e ante a forte atuação do comunismo na América Latina, *O Nordeste* animava os fiéis a robustecerem a cruzada benemérita de rechaço ao "terror vermelho" respondendo à interrogação – Como salvar o Brasil? O decantado "ouro de Moscou", extorquido do mísero povo russo, possibilitara ao sovietismo ganhar corpo em vários países do Continente. O órgão debitava na conta do liberalismo e do laicismo oficial, com sua escravidão ateísta, a desenvoltura dos apaniguados da União Soviética. Esta, por sua vez, simbolizava o "camartelo demolidor" e de "fouce decepante". Ante a onda subversiva, ansiosa por sepultar a nação em sangue e lama, ante a feroz anarquia, adepta do igualitarismo econômico edificado sobre a teoria do extermínio de classes, tornava-se imprescindível aos governos federal e estadual saírem do caminho errado, baseado unicamente na repressão policial, e servirem-se do prestígio da Igreja que representava a única fórmula de preservação

[155] Organizem-se os operários. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jul. 1930. Editorial, p.1. Exigência descabida. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 jul. 1930. Editorial, p. 5.
[156] Revolução? **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jul.1930. Editorial, p. 5.

da família brasileira contra a dissolução do princípio da autoridade, afeita à pregação moscovita. Para convencer os devotos da obrigatoriedade de aderir à "profilaxia da terrível diátese", consubstanciada no extermínio do sovietismo, *O Nordeste* valeu-se do passado de glórias do Cristianismo: o Evangelho salvara da degradação pagã o mundo antigo.[157]

O Nordeste insistia nos pormenores da remissão da pátria: a educação das novas gerações em moldes seguros de moralidade e de catolicidade. O processo de redenção vincular-se-ia às tradições históricas da família brasileira em reciprocidade com invicta civilização cristã e, resolutamente, opondo-se ao comunismo estrangeiro, ao agnosticismo atentatório e ao caudilhismo ganancioso. Por isso, o jornal criticava as tentativas de motim, personalizando-as no "capitão revolucionário Luiz Carlos Prestes" e vinculando-as ao liberalismo. A proliferação do credo revolucionário e da inominável anarquia esgarçava o sistema republicano decorrente.[158] Padre Tabosa voltou a discutir estes temas. Para o vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, as incertezas à sucessão de Washington Luís incentivavam a excessiva mania de revolução dos letrados à multidão. Definindo o contexto político do Brasil de gravíssimo, o eclesiástico alegou que o povo precisava dos homens do governo; se aparecessem e a pátria estaria salva! Segundo Tabosa, os homens do poder, com sua inércia, potencializavam as sublevações populares e o contrário disto seria bem-vindo: vagabundos deixando a ociosidade; a ordem e o progresso se estabelecendo![159]

Padre Tabosa, apesar de alocar a política nacional na casa do insustentável, fez do título de sua escrita uma vibrante e desesperadora conclamação: "façam a revolução os governos". O apelo veio acompanhado de reprovação pesada à demagogia, corporificada no ludibrio eleitoral, na malversação do dinheiro público, nos impostos asfixiantes, nos minguados recursos às calamidades públicas, na privação da justiça e no paganismo das leis. Tais procedimentos, reiterou Padre Tabosa, desnorteavam as massas. E a resolução dos problemas? Precisava rapidamente estancar os "venenos" bolchevistas sugadores da nacionalidade, retratar o espírito de patriotismo, recobrar as esperanças na civilização, reaparelhar velozmente o funcionamento dos negócios públicos, equilibrar os direitos e deveres dos cidadãos e apagar o liberalismo. Como de hábito, Padre Tabosa reduziu o povo a mero espectador do jogo político do Brasil. Aos governos federal e estadual, emudecidos pela sonolência criminosa decorrente da crise política, o sacerdote cobrou antecipar-se ao descontentamento do povo e fazer a revolução de restauração da ordem, sob pena de sofrer

[157] Caminho errado. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jul. 1930. Editorial, p.1.
[158] Como salvar o Brasil? **O Nordeste**, Fortaleza, 28 jul. 1930. Editorial, p.1.
[159] Ânsia de revolução. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jul. 1930. Editorial, p.1.

atropelamento pela multidão: "o movimento partindo de baixo para cima será prejudicialíssimo. Partindo de cima para baixo poderá salvar a pátria do aniquilamento e o povo do abismo, do desespero e do crime".[160]

Continuemos com Padre Tabosa. O vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza redigiu uma sequência de quatro editoriais, na qual em cada título a palavra trincheira se fez presente e esmiuçou os componentes da anarquia mental em curso no Brasil de então: a demagogia bárbara e antipatriótica com sua missão diabólica de demolição, a má imprensa, o materialismo, o ensino ateu, as exigências descabidas do povo, as massas inconscientes, a vagabundagem, a jogatina, a gatunagem, as ameaças repetidas de revolução e o liberalismo, a maior força destruidora dos homens públicos. No texto inaugural, Tabosa considerou fraudulenta a eleição presidencial de 1º de março de 1930 e dirigindo-se a Washington Luís solicitou o acatamento ao voto do cidadão. O religioso, resguardando a ordem pública, colocou-se a favor da liberdade nas eleições, porquanto seria uma grande válvula de respiração popular. Também instigou a Presidência a barrar a revolução, via a montagem da trincheira da liberdade de voto. No final da série, desancando a inércia do governo em deter o caos administrativo, aviltante contumaz da autoridade do Executivo federal, o sacerdote expôs a prioridade da conjuntura, um "governo forte" e o fez sob o argumento: "prefiro os déspotas aos fracos".[161] A última opinião do clérigo reiterou os encaminhamentos postos no editorial "De mal a pior", publicado no dia anterior. Esse texto dedicara-se a favor do voto livre e constatara a inexistência de um homem de Estado capaz de ordenar a nacionalidade.

A autoridade vacila. Chegamos, por desgraça, a um estádio em que as multidões se tornaram ingovernáveis e insubmissas a toda as ideias de ordem. O despotismo da revolução será o castigo inevitável da indisciplina dos governos aos mandamentos divinos. Grande razão têm os homens públicos de valor em confiar no patriotismo dos católicos. As classes trabalhadoras têm a mentalidade pouco esclarecida sobre a verdade trágica do desastre russo. O povo está perdendo os últimos lampejos de esperança na reabilitação do regime. A grande miséria da República tem sido a abolição da crença religiosa nas esferas dos negócios políticos, na legislação e no ensino. O liberalismo das instituições gerou a ideologia revolucionária. Estes foram os alertas publicados n'*O Nordeste* no sentido de encorajar as autoridades públicas a cristianizar a República, a constituir um governo de unidade nacional, harmonizador das classes e combater os inimigos vigorosos: o constitucionalismo

[160] Façam a revolução os governos. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 ago. 1930. Editorial, p. 1.
[161] "Até as trincheiras". **O Nordeste**, Fortaleza, 18 ago. 1930. Editorial, p. 1. Trincheira defensiva. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 ago. 1930. Editorial, p. 1. Trincheira inexpugnável. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 ago. 1930. Editorial, p. 1. Trincheira das trincheiras. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 ago. 1930. Editorial, p. 1.

fundamentado nos preceitos laicistas que gerou os frutos "podres" da "demagogia libertária"; a letargia "mortífera" dos homens de governo; os tentáculos do "polvo moscovita"; as garras "aduncas" do bolchevismo; o gás "miasmático" emanado das "podridões" do agnosticismo; a "hidra astuta e venenosa" do comunismo e a "insânia" comunista.[162]

O Nordeste encarava os desdobramentos da Revolução de 1930 como uma etapa propícia à recombinação do poder civil com o poder católico. As bênçãos e os festejos pela vitória revolucionária foram expressivos. O triunfalismo da manchete – Caiu o governo do Estado... O sr. José Matos Peixoto abandonou o poder, refugiando-se a bordo de um navio. Assume provisoriamente o governo o Dr. Fernandes Távora – evidenciou o apoio ao novo chefe do Executivo estadual. No relato do jornal, debaixo de grande aclamação, o povo saudou na praça do Ferreira, centro de Fortaleza, Távora. Trechos da oratória do recém-empossado são importantes para se compreender as motivações do Arcebispado em alinhar-se ao sucessor de Matos Peixoto: "Se DEUS quisesse e o ajudasse, seria o seu governo de estrito respeito à lei e aos direitos do cidadão. CALMA E ORDEM, RESPEITO À VIDA E À PROPRIEDADE DOS INIMIGOS, porque a vingança era um sentimento próprio dos selvagens".[163] Aos olhos do periódico, o novo governante, ao sepultar o menor incentivo à revolta popular, fez somente o óbvio e, dando seguimento a isto, *O Nordeste* intensificava o enquadramento do povo no lugar social de coadjuvante na cena política.

Para o diário, o momento era de proclamar "A Hora Cívica" e nela o povo colocar-se-ia "a altura desta grave emergência histórica, apoiando a aspiração de todos os espíritos bem formados de ver o bem comum sobrepairando às paixões individuais". E a quem caberia o gerenciamento do patrimônio coletivo? A manutenção da convivência pacífica na vida social? O restabelecimento da ordem pública? Respondendo, *O Nordeste* atribuiu aos cidadãos a responsabilidade na volta da paz aos lares. No tocante ao Executivo estadual, concitou a população a ter confiança nos homens que tomaram sob os ombros a direção dos negócios públicos.[164] Publicado ao lado de "A Hora Cívica", o comunicado "Ao Ceará e à Nação", da Junta Governativa, preocupou-se com a manutenção da ordem pública. Evocando a Deus, o aviso oficial chamou o povo a recusar a "comédia eleitoral de 1º de março" e prestar

---

[162] Quid est veritas?... **O Nordeste**, Fortaleza, 13 set. 1930. Editorial, p. 1. O Brasil unido. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 set. 1930. Editorial, p. 1. Profilaxia social. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 set. 1930. Editoriais, p. 1. Execração geral. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 out. 1930. Editorial, p. 1. União Nacional. O mal da época. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 out. 1930. Editorial, p. 1.

[163] Caiu o governo do Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 out. 1930. As expressões em letras maiúsculas reproduzem a publicação original do jornal.

[164] A Hora Cívica. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 out. 1930. 2º Editorial, p. 4.

apoio à ação desinteressada e patriótica liderada por Távora, no entanto, respeitando a Constituição e impedindo interrupção na vida econômico-social do Ceará.

O Nordeste comentou a deposição do presidente Washington Luís narrado entusiasticamente o episódio, visto ter decorrido isentando a Pátria de luta fratricida, confirmando assim a tradição brasileira alheia a conflagrações. No entendimento do jornal, no Brasil, as transformações políticas, que em outros países se verificaram por meio de guerras encarniçadas, foram realizadas sem graves sacrifícios de vida. Na sequência, vieram referências à Independência, à Abolição e à República e elogios a Juarez Távora por sua bravura em opor convencimento às armas na vitória da Revolução. O povo, elemento decisivo, e o sentimento cristão obstaculizariam os atos de vingança e explosões de barbarias, ponderou a gazeta. *O Nordeste* rejeitou veementemente a governança republicana de Washington Luís (1926-1930), ao atribuir-lhe responsabilidade exclusiva pela crise infelicitadora da pátria. O presidente, alheio às advertências insuspeitas e conscientes, gerenciava mecanismos administrativos viciados. No Executivo federal, recheado de injustiças e fraudes, subsistia à incompatibilidade com as classes trabalhadoras e o princípio da autoridade divergia da vontade do povo. Após essas constatações, veio um brado de alívio e confiança à Revolução: nenhum surto comunista viera perturbar a paz, a ordem e a economia. Ao término, como de praxe, uma lição aos dirigentes do País. Sem o acatamento aos direitos divinos, postergados pelo laicismo irracional e republicano de 1889, inexistiria segurança vivedoura para os direitos dos cidadãos.[165]

O Nordeste noticiou a repercussão da destituição de Washington Luís em Fortaleza/CE: o povo fez comício na praça do Ferreira, centro da Capital; o povo realizou animadas passeatas de aplauso à Revolução; o povo ouviu atenciosamente Fernandes Távora da sacada do Palácio do Governo, antes e depois de ter com Dom Manuel da Silva Gomes; e finalizando o périplo, o povo dirigiu-se ao Palácio Arquiepiscopal para solicitar a benção de Dom Manuel e pedir-lhe uma missão de ação de graça pela vitória da Revolução. Da janela, o arcebispo congratulou-se com a multidão e, ao vangloriar a tranquilidade (leia-se, ausência de sangue) na derrocada de Washington Luis, disse: “Deus assim o quisera”.

No retorno ao Palácio do Governo, Távora renovou para a massa popular os votos de patriotismo e de justiça no cumprimento do ofício público que ora exercia.[166] No domingo

[165] A queda do governo. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 out. 1930. Editorial, p. 1.

[166] A vitória da Revolução. Como foi recebida, em Fortaleza, a notícia da rendição do Catete. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 25 out. 1930. Afora os relatos que envolveram Távora e Dom Manuel, o jornal informou a realização de passeatas de estudantes: do Colégio Militar; do Liceu Cearense, escola pública estadual e do Colégio Cearense, dirigido pelos Irmãos Maristas; de comício, à noite, na Praça do Ferreira.

ulterior ao afastamento de Washington Luís, Dom Manuel oficiou celebração alusiva ao triunfo da Revolução, na raça José de Alencar, no centro da Capital. A cobertura do evento ocupou, por inteiro, a primeira página do jornal e estendeu-se a meia página no interior daquele exemplar. Fernandes Távora, seu secretariado, o prefeito de Fortaleza, César Cals, e as autoridades civis e militares do Ceará, unidos ao amontoado de povo, realizaram um esplêndido e soberbo espetáculo, regozijou-se *O Nordeste*.

Na missa campal, celebrada em altar artisticamente ornamentado, sob a entoação de cânticos sacros e, na elevação, as bandas executaram o Hino Nacional, Dom Manuel, o oficiante-mor, bendisse a Revolução de 1930: "é aos pés de Deus que devem terminar revoluções como esta, que sacudiu o Brasil, não para o fazer cair, mas, pelo contrário, para o erguer do abatimento político, financeiro e moral a que o tinham levado seus dirigentes".[167] A cruzada salvacionista norteou a homilia. Nela, o celebrante ovacionou a iniciativa dos verdadeiros homens públicos de conduzirem a Revolução, o trato com os vencidos e a reordenamento pátrio à luz da Santíssima Trindade. Pronunciando votos de longevidade à Revolução, o arcebispo acentuou sua compatibilidade com a República, agora sim entregue ao domínio do povo brasileiro e ao Reino de Jesus Cristo.



ANNO IX—N. 2569 | Fortaleza—Segunda-feira, 27 de Outubro de 1930

O Nordeste

DIARIO DE MAIOR ASSIGNATURA DO ESTADO

Aquelle que recusa combater e soffrer recusa a coroa da bemaventurança.

S. Ignacio de Loyola

Sob as bençãos de Deus e os carinhos da Patria

A SOLEMNE MISSA CAMPAL DE HONTEM, EM FRENTE Á MATRIZ DO PATROCINIO

A oração do exmo. e revdmo. sr. Arcebispo Metropolitano

FIGURA 5 – Missa em ação de graça pela vitória da revolução
Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 out. 1930.

Na edição alusiva à missa campal, *O Nordeste* imprimiu na página 1 fotos de Dom Manuel e do general Juarez Távora, o chefe do movimento revolucionário no Norte do Brasil.

[167] Sob as bênçãos de Deus e os carinhos da Pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 out. 1930.

Ao avaliar o desempenho de Juarez Távora, *O Nordeste* atribuiu-lhe o título de notável opositor do bolchevismo, pois graças à formação do seu espírito na escola do dever religioso, este militar vetara o mínimo de contato dos elementos que chefiava com os pregoeiros comunistas e com os "pescadores de águas turvas". Antes de referir-se ao militar, o periódico repetiu os elogios à Revolução: pouco se derramou sangue, quase não se registrou violação à propriedade privada, benefício especial da Providência e governo de inteira concórdia com a vontade livre do povo.[168]

No editorial "A revolução e a demagogia", *O Nordeste* ampliou as glórias à Revolução de 30. O texto, assinado por Padre Tabosa, preveniu os pobres e os desprovidos de senso contra a demagogia, materializada na atuação da militância bolchevique em Fortaleza/CE. As palavras – corrupção, audácia, moral, greves, desgraças, árdua peleja, convulsões, desmandos, infortúnios e desatinos – entrecortaram o texto. Os comunistas foram exibidos como: insensatos, cegos de espírito, fariseus, raça maldita, lobos com peles de cordeiro, árvores carcomidas, folhas secas e inúteis, homens cegos, pregoeiros da desordem, depravadores do povo, elementos de discórdia, antipatriotas, corvos, destruidores do bem e da ordem pública. Já os populares, nomeados por: massas tão cruelmente exploradas pelos comunistas; inexperientes, não conhecem o ambiente; povinho, pouco esperto nas árduas pelejas da existência; menos cônscios de suas responsabilidades. A multidão precisava acautelar-se ante a "obra satânica" e os "planos infernais" dos bolcheviques, em função de ser bastante suscetível à influência nefasta dos moscovitas, prevenia o reverendo. A defesa do princípio sagrado da autoridade permanecia temática do vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza.

A manutenção da ordem pública na Revolução de 30, ponderou Padre Tabosa, deveu-se aos chefes da empreitada, ao sustarem com medidas enérgicas e terminantes as investidas nefastas dos demagogos comunistas. A decidida ação das lideranças poupou o Brasil de chorar "lágrimas de sangue", sob o tacão de um regime despótico, semelhante à União Soviética, do ditador Stalin. A probabilidade de instalação de um regime russificado originou-se na demagogice alastrada durante a campanha presidencial, especialmente no jornalismo sovietizado e nas reuniões organizadas pelo Bloco Operário e Camponês. Ela irradiava seu corolário demolidor, suas práticas deletérias e seus exemplos degradantes, nos quais prometiam ao povo prosperidades fantásticas iguais às da Rússia, onde o povo se tornou infeliz e desgraçado.

---

[168] Grande felicidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 out. 1930. 2º editorial, p. 1.

O sacerdote, ao exprimir o poderoso obstáculo apto a barrar os bolcheviques, o espírito religioso, profundamente arraigado na alma brasileira, aconselhou a Revolução cortar dos destinos da pátria as asas da demagogia, "astuta e solerte". Destruir os comunistas, os novos "fariseus", impondo-lhes a "cólera divina", denotaria palmilhar a trajetória de Jesus Cristo e seguir na marcha do profeta João Batista, eis a convicção da Arquidiocese de Fortaleza na conjuntura em apreço. Por fim, Padre Tabosa felicitou a Revolução de 30:

> A Revolução generosa e tolerante que acabamos de presenciar não era a idealizada e querida pelos nossos demagogos. Eles se acham escandalizados com os elevados princípios de humanidade, postos em prática pelos ilustres chefes do movimento. São incapazes de compreender a grandeza dos sentimentos cristãos e fraternais. A tal demagogia é toda impregnada do comunismo, de cujos ensinamentos e desvarios tem-se feito portadora, no seio das nossas camadas sociais.[169]

Conectando o futuro da renovação nacional ao vigor da Revolução de 30, *O Nordeste* esboçou a Segunda Revolução. Centrado na mentalidade social, o porvir adotaria alguns eixos. O primeiro deles, a educação católica, que consolidaria os direitos eternos de Deus: a ordem, a paz, o amor e a presença insubstituível da Igreja. A Revolução de 30 alcançaria pleno êxito se os governantes reduzissem o belicismo e estimulassem a produtividade econômica urbana e rural. Abordando esta sugestão, Padre Tabosa retomou a temática da escolarização. O analfabetismo de crianças e adultos erradicar-se-ia, alterando as condições de trabalho das heróicas professoras: da penúria à fartura de material e apoio técnico. Sem apresentar maiores explicações, o clérigo descartou os métodos "modernos" de ensino.

Atendo-se à produção, Tabosa exaltou o potencial agrícola do Brasil: capaz de abastecer o mundo de cereais. A inteligência e o patriotismo determinariam o cultivo dos campos. Com escolas, socorro aos retirantes, assistência médica, transporte e crédito à vontade, o progresso chegaria às lavouras. *O Nordeste* condicionava a viabilidade da Revolução de 1930 a uma perspectiva de governabilidade: sob pulso inquebrantável e banindo os instigadores das cizânias sociais. A nação aniquilaria, com Getúlio Vargas à frente, o democratismo, tal qual fizera António Oscar Carmona, em Portugal e o fascista Benito Mussolini, na Itália.[170]

Contentíssimo, *O Nordeste* engrandecia a façanha de a Revolução de 1930 ter reaproximado o Estado da Religião. Igualmente, informava o órgão, que, no desenrolar dos

---

[169] A revolução e a demagogia. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1930. Editorial, p. 5.

[170] Segunda revolução. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 nov. 1930. 2º editorial, p. 4. Política de gamela. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 nov. 1930. Editorial, p. 1. A revolução e a escola. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 nov. 1930. Editorial, p. 1. A revolução e o campo. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 nov. 1930. Editorial, p. 1.

acontecimentos, ocorrera a exitosa inviolabilidade da propriedade privada, inexistira a temida rebelião popular e o comunismo ficara à margem dos fatos; entretanto, ao noticiar a deposição de Washington Luís, o jornal excluiu a Aliança Liberal/CE. E por quê? A resposta encontra-se no começo de 1930. A repulsa ao aliancismo cearense denunciava a opção pelas armas de meia dúzia de politiqueiros da agremiação, se derrotada na eleição presidencial de março de 1930. A eles, o diário imputava verdadeira mania revolucionária, desejo louco de espalhar sangue, sede de tornar-se o coveiro do seu país, ânsia atroz de chacina e de mortalidade.

Comumente, o periódico, ao afastar Getúlio Vargas, seu companheiro na chapa presidencial, João Pessoa (governador/PB), Antônio Carlos de Andrada (governador/MG) e o senador Flores da Cunha (RS) dos conchavos visando à irrupção da luta armada, atestava a conformação deles com o resultado das urnas. E os conspiradores? Os partidários do liberalismo, a militância do Bloco Operário e Camponês, o sindicalismo autônomo do Estado e dos círculos operários, os prosélitos do laicismo e o capitão Luiz Carlos Prestes, conselheiro-mor da insensatez revolucionária em vias de deflagração. Para *O Nordeste*, o cerne da eleição era o povo, deste modo, as autoridades golpistas careciam de resguardo, daí a ralhação aos insurgentes:

> Ao invés de os oposicionistas se limitarem a fazer a propaganda dos seus candidatados [...] voltam-se para o ataque pessoal ao atual presidente da República [...] e utilizam-se de recursos vermelhos, prometendo a revolução se não alcançarem a vitória e ameaçando a paz nacional se não virem os seus desejos satisfeitos. As revoluções para os países são como as operações cirúrgicas para os corpos vivos: o recurso último. [...] Que a divergência de ideias dos que se encontram, hoje, frente a frente, seja para o bem do Brasil e nunca para o seu esfacelamento na guerra civil.[171]

Incessantemente, *O Nordeste* marcava suas dissensões com Aliança Liberal/CE arvorando-se de estar no cargo de porta-voz do povo e atribuindo descrédito à suspensão total das fraudes na votação presidencial de 1930, quer por iniciativa do situacionismo ou dos opositores. Recusando-se a apoiar insurreições, independentemente dos líderes, a gazeta requeria do aliancismo deferência à autoridade constituída e a solução das desavenças no terreno eleitoral. Por isso, repreendia os aliancistas liberais com um "voto numa mão e com o bacamarte na outra"; porém, com os proeminentes da Aliança Liberal no Ceará, *O Nordeste* mudava a forma de tratamento e dignificava Fernandes Távora: cavalheiro, tolerante e ordeiro. Os afagos ao elevado escalão aliancista alargavam-se. A capacidade intelectual do senador Epitácio Pessoa (PB) e a coragem varonil do senador Arthur Bernardes (MG), ex-presidentes da República, foram postas como impulsionadoras de vitalidade na política

[171] Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 11jan. 1930. Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 jan. 1930. Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 30 jan. 1930. Colunas escritas pelo jornalista Luís Sucupira.

brasileira. As admoestações tornavam-se ácidas, quando *O Nordeste* combatia os patrioteiros de esquina e os demagogos profissionais filiados ao "democratismo vermelho", aos motins de salvação nacional e ao liberalismo. Neles, o jornal identificava o achincalhe ao prestígio da autoridade, aos ensinamentos católicos, ao santuário da família e aos direitos populares.[172]

O Nordeste, ao focalizar a eleição presidencial 1º de março de 1930, qualificava-a de fraudulenta e desrespeitosa à vontade popular. O jornal punha em xeque a serventia da democracia em voga de salvar a pátria do jugo das autoridades liberais. Na visão do periódico, a abstenção eleitoral em Fortaleza/CE converteu-se na resposta do povo ao fracasso da liberal-democracia e ocorreu pelo fato de os homens bem-intencionados negarem-se a representar o papel de comediantes na grande farsa da escolha dos representantes do povo ao governo do País. Empunhando a bandeira do patriotismo, da ação católica em prol da formação intelectual e também moral do povo, o jornal invocou: "Não desaminar!" O clamor endereçava-se contra "a ideia sinistra, o verme laicista, a obra de demolição, o crime monstruoso e a anarquia mental" assíduos nas atitudes de alguns aliancistas favoráveis a uma revolução a fim de interromper a posse de Júlio Prestes na Presidência. Antepondo-se a tal empreitada, o órgão referiu-se à palavra "imparcial e serena" de Borges Medeiros (RS) a favor da legalidade. *O Nordeste* trouxe a reprodução do comentário do líder do Partido Republicano Rio-grandense com referência aos embates política no país: "cumpre afirmar patrioticamente e sem vacilar, que é preferível um governo ruim a uma boa revolução".[173]

A objeção-mor d'*O Nordeste* contra a subversão da legalidade veio no posicionamento: agravaria o estado de coisas presentes desencadear um movimento de rebeldia e de indisciplina, cuja consequência seria, nada mais nada menos, "um maior arbítrio das massas ignaras". Além disso, o crime revolucionário aprofundaria enormemente a separação entre a Igreja e o Estado, quebrando definitivamente a unidade cristã da família nacional. Com esta conceituação e com as expostas anteriormente, é possível se dimensionar a serventia do povo: mero joguete nas condutas das elites, ora tido como essencial nos processos eleitorais, para livrá-los das fraudes; ora a rebeldia das massas, deveria ser prontamente reprimida, dado conter incivilidade.

---

[172] Salvação Nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 fev. 1930. 2º editorial, p. 1. Caravana Liberal. Fortaleza, 14 fev. 1930. 2º editorial, p. 1. Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 4, 22, 27 fev. 1930.

[173] Carnaval Eleitoral. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 mar. 1930. 2º editorial, p. 2. Indiferença compreensível. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 mar. 1930. 2º editorial, p. 2. Não desaminar! **O Nordeste**, Fortaleza, 21 mar. 1930. 2º editorial, p. 2. Palavra de ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 mar. 1930. Editorial, p. 1. Resultados da eleição presidencial em Fortaleza/CE: votaram 2.574, de um total de 6.000 eleitores. Júlio Prestes obteve 1.826 contra 1.056 de Getúlio Vargas e 52 votos de Minervino de Oliveira do Bloco Operário e Camponês (MIRANDA, 1987, p. 85). Resultados no Ceará: Júlio Prestes (85.233 votos); Vargas (4.149), de acordo com Mota (1987, p. 329) e Minervino (58), conforme Karepovs (2006, p. 160).

Apoiando-se no disse-me-disse dos populares, *O Nordeste* reportou-se à eleição presidencial de 1º de março de 1930: o povo, na sua linguagem "pitoresca", dava-lhe o nome de tapeação. Prosseguindo, a gazeta reiterava o desprezo aos agitadores profissionais abrigados na Aliança Liberal. Estes doutrinadores revolucionários, inimigos da paz e da ordem, manipulando um palavreado ridículo e barulhento, disseminavam um programa de convulsão desatinada, apenas.[174] A refrega estendeu-se por meio da consigna:

> Pobre Aliança. Ontem, eras a grande esperança do Brasil redimido. Hoje, não passas de um coito político sem princípios, naufragado num mar de lama e de ludíbrios. E é assim que se faz política no Brasil. E são esses homens que prometem salvar o regime cada vez mais se desvirtua. A Aliança passou. Pobre Aliança...[175]

Antes de findar as desavenças d'*O Nordeste* com o aliancismo, sistematicamente, tido como rebelde inescrupuloso, é interessante seguir descrevendo o perfil ideal do trabalhador nas páginas da gazeta. No dia 1º de maio de 1930, a folha arquidiocesana contrapôs aos espíritos envenenados pelos bolchevistas, em que se levavam a efeito todas as provocações possíveis aos detentores da autoridade, quer temporal ou espiritual, o operariado brasileiro, naturalmente, amigo do trabalho honesto e possuído do sentimento de respeito às instituições legais.[176] Como sublinhado, o povo, no meio clericalista, era tido como ignóbil, quando abdicava de colaborar com o patronato. Dando sequência a esta leitura, *O Nordeste* ateve-se a criticar o "visionário" Karl Marx, abordando a igualdade social. Caso o igualitarismo triunfasse, viabilizaria a regressão da humanidade à pré-história, o estímulo ao ódio de classe e o crescimento do proletariado grosseiro. Afora, nivelar o "cavouqueiro antropoide" ao homem culto, quebrando, por sua vez, a lei natural da desigualdade e travando a evolução das espécies. E se a emancipação da plebe viesse conduzida pelos padrões moscovitas, assistir-se-ia no Brasil o acontecido na Rússia: "o primeiro gesto da gente ignara, senhora dos seus destinos e dos seus direitos, foi quebrar pianos, estraçalhar tapeçarias e objetos históricos".[177]

A máxima – "Eliminar a demagogia, salvar a pátria!" – transfigurava-se em missão para o jornal *O Nordeste*. A demagogice professava-se com os marxistas extremados.

---

[174] Palavra de ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 mar. 1930. Editorial, p. 1. Época de tapeação. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 abr. 1930. 2º editorial, p. 3.

[175] Pontos de vista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 3 abr. 1930. Coluna escrita pelo jornalista Luis Sucupira.

[176] A Festa do Trabalho. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 maio 1930. Editorial, p. 1. Esta edição publicou a matéria "A perseguição religiosa na Rússia dos Sovietes – Um eloquente quadro demonstrativo", na qual mostrou uma cronologia de 1918 a 1930 sobre: a separação da Igreja do Estado; a nacionalização de todos os bens da Igreja; a abolição do ensino religioso, inclusive nas residências dos cidadãos russos; o exílio e condenação à morte de clérigos; o início da propaganda antirreligiosa; a proibição das comemorações natalinas, em público e nas casas de famílias; o fechamento de todos os templos e sua transformação em cinemas e fábricas.

[177] Doença maligna. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 maio 1930. Editorial, p. 1.

Eles queriam nivelar, para baixo, as inteligências e com isso ficavam a divagar de forma pueril e sedentos de ambição. Com o aliancismo rebelde, formado por políticos profissionais, na maioria, sujeitos aos seus egoísmos insaciáveis, quando não entregues a líderes sem princípios e sem ideais. E o povo? Vitimados por um e outro. No tocante ao povo, vigorava uma oscilação: os revoltosos, verdadeiros infames; os demais, crianças, inabilitados de perceber a malícia dos exploradores no comunismo ou na fração da Aliança Liberal adepta das armas. Por conseguinte, qual o erro do aliancismo exaltado? Abdicar de falar ao povo os deveres cívicos, os valores nacionais e os direitos sagrados. Os aliancistas, salvo as exceções citadas, na óptica do periódico, necessitavam sair do diapasão da peleja vulgar, porque "chafurdavam" no pântano das vis paixões humanas. A prova disto sucedeu-se com a derrota eleitoral dos mesmos, haja vista que seu programa retratava uma profusão de compromissos insensatos e antipatrióticos.[178] Daí a urgência de cristianizar a República do Brasil. Aliás, chance vislumbrada nas páginas do jornal *O Nordeste* com a vitória da Revolução de 30.

O Nordeste sempre se aferrou na premência de se constituir um governo de união nacional, eliminador do laicismo-comunismo-liberalismo, para alavancar o desenvolvimento do Brasil. Nesta lógica, a Revolução de 1930 abrira ensejo para se impor um Estado autoritário, católico, elitista e fiador da harmonia capital-trabalho. Por isso, o jornal parabenizou o presidente Getúlio Vargas pela escolha do ministério: "alimentamos a confiança de que vamos ter, na verdade, uma Pátria Nova, sob a orientação de uma política integrada nos sãos princípios da democracia cristã".[179] Ainda numa tríade de editoriais escritos por Padre Tabosa, delineou o modelo da relação Igreja-Estado. Nestes escritos, o clérigo defendeu a submissão da questão social ao código divino. Condenou o regime da Primeira República por negar ao povo a liberdade de voto. Atribuiu ao liberalismo a culpa pela disseminação da anarquia na sociedade brasileira. Para o sacerdote, a religião, a maior força civilizadora do mundo e insubstituível na orientação das multidões, conduziria garbosamente os brasileiros no soerguimento da pátria. Nos líderes da Revolução de 1930, o religioso enxergou intenções puras: eles de boa fé expuseram a sua vida e derrubaram uma governança falha de honra e carente de dignidade. [180]

Segundo Beozzo (1995), carente de instrumentos de coordenação nacional, a reação da Igreja à Revolução de 1930 deu-se de formas díspares: iniciado a revolta armada,

---

[178] Doença maligna. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 maio 1930. Editorial, p. 1. "Até as trincheiras". **O Nordeste**, Fortaleza, 18 ago. 1930. Editorial, p. 1.
[179] O Ministério da Paz. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 nov. 1930. 2º editorial, p. 1.
[180] Cuidemos da nossa Pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 nov. 1930. Editorial, p. 1. A revolução e a religião. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 nov. 1930. Editorial, p. 1. A revolução e o dever. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 nov. 1930. Editorial, p. 1.

Dom Helvécio Gomes, em Minas Gerais, e Dom Sebastião Leme, no Rio de Janeiro, atuaram a favor da pacificação dos espíritos beligerantes. Já Dom João Becker, no Rio Grande do Sul, manifestou irrestrita solidariedade a Getúlio Vargas. Inclusive, o sacerdote gaúcho diante da propaganda do governo Washington Luis de tachar os revoltosos de "comunistas e desordeiros", irradiou mensagem ao episcopado nacional e estrangeiro, rechaçando a leitura oficial. Junto ao cardeal Eugênio Pacelli, secretário de Estado do Vaticano, e a Dom Sebastião Leme, reiterou sua avaliação: "a revolução não tem caráter comunista, mas exclusivamente político". Sacramentada a vitória do movimento revolucionário, Dom Becker congratulou-se de maneira "fulgurante" com Vargas. Antes de Beozzo, Azzi (1979) destacara que a Revolução de 1930, ao distanciar-se por inteiro das lideranças comunistas, granjeava apoio junto à cúpula da Igreja Católica e esta, por sua vez, compreendia a singularidade de tal momento histórico: era chegada a hora de lutar no sentido de imprimir à Segunda República um caráter nitidamente cristão.

Solicitando adesão aos vitoriosos de 1930 ao calor da hora, *O Nordeste* comungava com as posturas de Dom João Becker, do Rio Grande do Sul. Mesmo exaltando a figura de Dom Sebastião Leme, do Rio de Janeiro, e tendo-o como referencial-mor do catolicismo brasileiro ao longo do período pesquisado, o jornal somou-se ao sacerdote gaúcho para exaltar a vitória liderada por Getúlio Vargas. Para Beozzo (1995, p. 289), ante a indefinição acerca da deposição de Washington Luís, a atitude de Dom Leme primou por ser "cautelosa e de absoluta neutralidade". Tal qual Dom Manuel, Dom Becker celebrou um *te-déum* em regozijo à causa revolucionária. No cerimonial, denunciou os 40 anos de laicismo da República, seu grau de infidelidade à tradição católica do Brasil e concitou o novo governo a reconciliar-se "urgente" com a consciência católica da nacionalidade.[181]

Se, neste ensejo, adesão imediata a Getúlio Vargas, inexistiu por parte da Arquidiocese de Fortaleza e do jornal *O Nordeste* qualquer contraponto à autoridade de Dom Sebastião Leme, o destoante, contudo, ocorreu quanto à formação de um partido católico no Brasil, pois a LEC-Ceará será uma agremiação partidária, obtendo uma sucessão de vitórias nos anos 1933 a 1936. Neste último, os lecistas dirigindo o Partido Republicano Progressista, elegeram Raimundo Alencar Araripe, presidente do lecismo cearense, prefeito de Fortaleza, derrotando o candidato do PSD, Pontes Vieira, e acirrando as refregas com os Távoras. Aliás, antes da LEC, a Diocese do Ceará tentou organizar um partido católico, mas malogrou no seu intento. Embora contrariando a determinação de Dom Leme referente à arregimentação de um partido católico (BEOZZO, 1995, p. 282), a Arquidiocese de Fortaleza e o jornal *O Nordeste*

[181] Nobres advertências. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 dez. 1930. Editorial, p. 1.

evitavam polemizar publicamente com o arcebispo do Rio de Janeiro e sempre reafirmavam como a proeminência católica nacional.

E quem era Fernandes Távora? O que então justificava os aplausos d'*O Nordeste* ao sucessor de Matos Peixoto na direção do Executivo cearense? Oligarca, um dos líderes da Aliança Liberal no Ceará, fundador em 1920 do Partido Republicano Cearense, com um grupo de dissidentes do Partido Democrata, que articulado com o Partido Conservador se revezavam no governo estadual, desde 1912 (SOUZA, 1994). Membro do Instituto Histórico e Antropológico do Ceará e da Academia Cearense de Letras. De acordo com Montenegro (1982), o médico Fernandes Távora provinha de uma família de expoentes do movimento tenentista, sendo irmão do capitão do Exército, Joaquim Távora, morto na Revolução de 1924, em São Paulo, e dos capitão e major do Exército, Fernando e Juarez Távora; sendo o último, um dos líderes nacionais da Revolução de 1930 e que ocupou cargos de relevo no governo provisório de Getúlio Vargas, de 1930-1934.

Pela análise de Montenegro, Fernandes Távora, tocado pela crise dos anos 1920, deixar-se-ia sensibilizar pelo surto de renovação espiritual de Dom Sebastião Leme. À ocasião, Távora fora presidente do Círculo Católico de Fortaleza, entidade fundada pela Arquidiocese de Fortaleza, no arcebispado de Dom Manuel da Silva Gomes e que atuou de 1913 a 1922.[182] Entre 1921 e 1925 funcionou sob sua liderança o jornal *A Tribuna*. Em 1922, chefiou no Ceará a Reação Republicana de Nilo Peçanha. Nas eleições constituintes de 1933, Fernandes Távora foi o principal dirigente do Partido Social Democrático; o PSD tornou-se, até a extinção dos parlamentos em 1937, o maior adversário da Liga Eleitoral Católica (LEC), no Ceará. Ou seja, Távora pertencia à fina flor da elite cearense, saindo em 8 de outubro de 1930 do cárcere da Secretária de Segurança Pública – estava recluso desde o início do processo revolucionário, por contumaz oposição a Matos Peixoto e a Washington Luís – e conforme relatou em suas memórias foi "aclamado pelo povo e pela polícia, que me arrancaram da prisão e levaram em triunfo, ao Palácio da Luz", a sede do governo estadual, sem, entretanto, reportar-se ao apoio dispensado pela Arquidiocese de Fortaleza (TÁVORA, 1961, p. 10).

Explica-se a atitude de Távora de suprimir de suas memórias, publicadas em 1961, a saudação do arcebispo Dom Manuel a sua chegada ao Executivo cearense em função de desavenças políticas anteriores e posteriores a 1930. Primeiramente com Menezes

[182] De acordo com Parente (2000, p. 87-88) e Leal (1993, p. 21-25), além de Fernandes Távora, presidiram o Círculo Católico de Fortaleza, Andrade Furtado, redator-chefe do jornal **O Nordeste** de 1922 a 1962, e Menezes Pimentel, eleito pela LEC governador do Ceará em maio de 1935.

Pimentel, futuro prócer da LEC, que rompeu com o Partido Republicano Cearense, então sob sua direção, para participar do governo de Justiniano de Serpa (1920-1923), adversário de Távora. No pós-1930, ocorreram embates eleitorais entre o PSD, capitaneado pelo grupo tavorista, e a LEC, dirigida, entre outros, por Menezes Pimentel. Nas eleições ocorridas de 1933 a 1936, o lecismo impôs derrota ao pessedismo, além de eleger Pimentel ao governo do Ceará em 1935. Ainda no tocante aos sucedâneos de Távora na interventoria cearense, deu-se a adesão de Carneiro de Mendonça, sucessor imediato, às hostes lecista, bem como ocorreu a oposição cerrada da LEC ao sucessor de Mendonça, Moreira Lima, vinculado ao PSD e ao jornal *O Povo*, porta-voz do pessedismo.

O Nordeste, ao comentar em 4 de outubro as primeiras informações provenientes do Rio de Janeiro e de Fortaleza, acerca da sublevação armada, minimizou-as. Na capital federal, a prontidão da Polícia, dando cumprimento a ordens emanadas do Catete, daria um basta na agitação. Quanto à Capital cearense, desdenhou: inexistia força política capaz de atentar contra o governo de Matos Peixoto; porém, imputou na conta do liberalismo, das administrações públicas descristianizadas, do comunismo e do caudilhismo militar, a responsabilidade pelos incipientes levantes e realçou: a massa vai se cansando de sofrer a opressão da "tirania", disfarçada sob a capa de governo do povo pelo povo. A 9 de outubro, ao retomar a análise dos episódios que culminariam na Revolução de 19340, o jornal, abstendo-se de autocrítica, alinhou-se aos vitoriosos da insurreição: agora, os revoltosos colocariam o Brasil no rumo certo.[183]

Finalizando 1930, *O Nordeste* cobrou dos governantes uma vigorosa ação no sentido de obstruir o desrespeito à autoridade exercitado pelos comunistas e os títulos de alguns destes escritos prenunciaram os intuitos do jornal: Agir em tempo, Comunistas de imprensa, O governo cearense vai agir severamente contra a propaganda comunista e Profilaxia única.[184] Por meio do editorial "Reivindicações operárias", a folha ostentou uma pergunta básica. A inquirição explicitou a concepção de poder do órgão arcebispal e se referiu ao povo: o que tem feito de bom aos pobres os adeptos da desordem bolchevique? Na resposta: ditadura, greves e fuzilamento na república dos sovietes, ou melhor, no "lameiro pestilencial" do materialismo "dissolvente".[185] O pedido de repressão aos moscovitas veio na notícia concernente à reunião efetivada na Chefatura de Polícia do Estado do Ceará. A matéria

[183] O mal da época. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 out. 1930. Editorial, p. 1. O que diz a "Agência Informada" sobre o movimento comunista no Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 4 out. 1930. Caiu o governo do Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 out. 1930. A Hora Cívica. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 out. 1930. 2º Editorial, p. 4.

[184] Respectivamente: **O Nordeste**, Fortaleza, 18 dez. 1930. 2º editorial, p. 1. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 18 dez. 1930. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 18 dez. 1930. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 dez. 1930. Editorial, p. 1.

[185] **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 19 dez. 1930.

desancou o liberalismo, protetor do sovietismo, e perdurou no veto à livre movimentação dos comunistas, difusores de práticas funestas à ordem pública e à civilização ocidental. Alongando-se, rogou por coação: o levantamento pela "gola" dos agentes de Moscou.[186] E arrematando, *O Nordeste* estampou em letras graúdas, na abertura da 1ª página, da edição do dia 24 de dezembro, véspera do dia de Natal, a intimativa: "E NÃO INTERESSA O COMUNISMO NO BRASIL".

[186] Tribuna livre. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 dez. 1930.

2.2 Para a direita...

> Nem nas tribos selvagens do interior africano o braço produtor é tratado com desprezo e vilipêndio do assalariado russo.[187]

"Ninguém deve passar fome no dia 19!" conclamava a Marcha Contra a Fome, dirigida nacionalmente pelo Partido Comunista do Brasil (PCB). Executando esta orientação, o PCB-CE organizou a Passeata da Fome, em Fortaleza, no entanto, a Chefatura de Polícia do Estado do Ceará coibiu duramente a manifestação. Dos dias 19 a 25 de janeiro de 1931, a repressão, comandada pelo delegado da capital cearense Faustino Nascimento, desenvolveu ativa investigação no território cearense. Houve a prisão de 56 operários, acusados de filiação à agremiação comunista, e, posteriormente, ocorreu à deportação de 16 para o Rio de Janeiro, à época a Capital federal. Narrando o seu banimento e dos demais presos, o jornalista-militante Francisco Theodoro Rodrigues indicou os responsáveis pelos desterros, a prepotência dos "tartufos": o arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes e o interventor Fernandes Távora (RODRIGUES, 2000, p. 25).

Encerrando o inquérito, Nascimento apresentou a Távora o relatório: "O Comunismo no Ceará". Quanto à Passeata da Fome, a exposição policial asseverou que o movimento tinha a intenção de eliminar algumas figuras do governo, do clero e do capitalismo e tentaria levantar operários e camponeses do interior. De acordo com Nascimento, o fracasso do movimento deveu-se à prisão da direção comunista no Ceará, à fragilidade na estrutura do partido e à recusa dos desempregados em participar da revolta. [188]

A manchete (A atividade comunista em Fortaleza – Foram distribuídos em profusão, ontem, exaltados boletins), da *Gazeta de Notícias*, na edição de 25 de janeiro de 1931, noticiou a atuação do "Comitê Revolucionário do Partido Comunista na Região do Ceará". A manifestação pecebista, restrita à entrega de panfletos contrários à repressão desencadeada após o dia 19 de janeiro, foi descrita como atentado à segurança pública, visto excitar abertamente o operariado à rebelião. A *Gazeta de Notícias* elogiou as enérgicas

---

[187] O problema do trabalho. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 jan. 1931. Editorial, p. 9.

[188] O Comunismo no Ceará: íntegra do relatório apresentado ao interventor federal pelo Dr. Fausto Nascimento. **O Povo**, Fortaleza, p. 1-3, 28 fev. 1931. O 1º Catálogo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel (1998) apresentou (p. 12) **O Povo**: "Surgiu em 7 de janeiro de 1928, tendo como fundador Demócrito Rocha. Iniciou sua publicação combatendo os vícios da República Velha e criticando os partidos políticos pela ausência ou estreiteza de suas ideias. Prometia mudanças no estilo jornalístico, através de uma linha editorial de ação mais moderna. Transformou-se depois em jornal essencialmente comunitário, mas de posicionamento político bem definido". Em 2012, **O Povo** continua em pleno funcionamento.

providências da polícia local no enfrentamento aos comunistas, quando da tentativa de realização da Parada da Fome.[189]

O desempenho policial, antes e depois do dia 19 de janeiro, materializou-se nas prisões, nas intimações para o comparecimento nas delegacias distritais de suspeitos, entre estes, alguns operários, e na lavratura de autos de flagrante contra os distribuidores de boletins. A folha classificou de "natural" a ação repressiva, comandada pelo delegado da capital, Faustino Nascimento, e elogiou o prosseguimento das investigações para desmontar de vez a organização dos sovietes em Fortaleza. A seguir, trechos do escrito comunista distribuído no dia 24 de janeiro de 1931:

> Operários sem trabalho! Assaltai os armazéns e tirai alimento para matar a fome dos vossos filhos!
> Camponeses! Juntai vós em grupos e apossai-vos das terras que cultivai!
> Operários das fábricas! Tomai conta das fábricas porque elas devem pertencer-vos.
> Soldados e Marinheiros! Formai frente única com os vossos irmãos! Fornecei armas e munições ao operariado faminto!
> Classe pobre em geral! Façamos a Revolução Agrária e Anti-imperialista! Formemos os Conselhos de operários, soldados e marinheiros para governar este Brasil, tomando-o das mãos dos vampiros e assassinos![190]

Semelhante à *Gazeta de Notícias*, a cobertura da Parada da Fome no *Correio do Ceará* enalteceu a máxima energia de Faustino Nascimento. Por isso, no relato do jornal, inexistira em Fortaleza um movimento comunista; apenas, distribuíram-se boletins concitando o povo a fazer o que, na "terminologia de Lenin", se chamava a revolução agrária e anti-imperialista.[191] O *Correio*, na edição do dia 25 de janeiro, na primeira página, entrevistou o delegado Nascimento. O policial definiu o comunismo de impraticável no Brasil, por abrigar aventureiros e ambiciosos. Também mencionou as ligações dos comunistas cearenses com o Rio de Janeiro e a Rússia. Nascimento revelou os planos da "parada monstruosa": assaltos e depredações utilizando bombas de dinamites.

---

[189] Os jornais **Gazeta de Notícias** e **Correio do Ceará** se referiram ao desdobramento local da Marcha Contra a Fome usando a expressão parada; já **O Nordeste** alternava "parada" ou "passeata". Pontes (1994, p. 376) utilizou Passeata da Fome.

[190] A atividade comunista em Fortaleza – Foram distribuídos em profusão, ontem, exaltados boletins. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, p. 1, 25 jan. 1931, p. 1. O 1º Catálogo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel, assim descreve a Gazeta (p. 8): "Fundado por Antônio Drumond em 10 de julho de 1927. Foi empastelado ao atingir o primeiro mês de existência, por fazer oposição ao presidente do Estado do Ceará, [o desembargador José Moreira da Rocha]. Em 1972, foi adquirido pela empresa [jornal] **O Povo**, passando a circular apenas aos domingos".

[191] A repressão ao comunismo – A ação da polícia, Fala-nos o dr. Faustino Nascimento, Dinamites apreendidas, Um partido comunista, Outras notas. **Correio do Ceará**. Fortaleza, p. 1, 27 jan. 1931. Conforme o 1º Catálogo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel (p. 2), O **Correio**: "Fundado por A. C. Mendes em 2 de março de 1915 com a finalidade de defender os interesses da Arquidiocese de Fortaleza, passou mais tarde a lutar pelos ideais democráticos. Foi essa a posição do **Correio do Ceará**, durante a vigência do Estado Novo. Em 16 de maio de 1937 foi encampado pelos Diários Associados". Deixou de circular em 1982.

Apesar de manter o rigoroso sigilo das investigações, Nascimento descreveu as várias batidas ocorridas, anteriores e posteriores ao dia 19 de janeiro, nas casas de suspeitos, onde se deu a apreensão de documentos e de artefatos explosivos. Concernente ao dia da Passeata, exaltou a eficiência do aparato repressivo de impor derrota estrondosa aos moscovitas: a distribuição de boletins restringiu-se aos subúrbios da cidade, local de exíguo policiamento. Em 31 de janeiro, na primeira página, *O Correio do Ceará* informou a posse de Faustino Nascimento no cargo de delegado especial de repressão ao comunismo no Ceará.

O Vaticano metamorfoseava o comunismo e os comunistas em inimigos ferrenhos do catolicismo e *O Nordeste* expressava eficazmente este ardil. Nas páginas do jornal, ocorria algo destacado por Maria Helena Capelato no seu estudo sobre o varguismo: "a fabricação e a manipulação dos imaginários coletivos que constituem uma das forças reguladoras da vida social e peça importante no exercício do poder." (CAPELATO, 1999, p. 36). Tudo isso a serviço do projeto político do jornal: a implantação, nos anos 1930 a 1945, de um regime autoritário e nacionalista no Brasil. No governo Getúlio Vargas (1930-1945), *O Nordeste* vislumbrou uma realidade alvissareira ao catolicismo brasileiro.

A prática política d' *O Nordeste* enquadra-se nas definições apresentadas por Boris Fausto referentes ao espectro político da direita. Esta concepção, a partir das primeiras décadas do século XX, identifica Fausto (2001), passou a defender uma ordem autoritária, a repulsa ao individualismo em todos os campos da vida social e política, o apego às tradições e o papel relevante do Estado na organização da sociedade. De acordo com Fausto, na década de 1930, de modo geral, nacionalistas autoritários defenderam o prolongamento do governo provisório de Getúlio Vargas, o adiamento da constitucionalização do País e a realização de eleições gerais para um futuro incerto. O historiador enumerou algumas convergências entre intelectuais autoritários e o Estado Novo: supressão da democracia representativa, carisma presidencial, extinção dos partidos, ênfase na hierarquia em detrimento das mobilizações, ainda que controladas.

Para Boris Fausto, as manifestações operárias nos anos 1930 despertaram maior alarme na elite dirigente nacional, quando comparadas às ocorridas no período 1917-1921, cuja amplitude fora maior. Na opinião do historiador, a presença da União Soviética e da Internacional Comunista, controlada por Moscou, e as circunstâncias da crise no Brasil, classificadas de maiores questões – no começo da Presidência, Getúlio Vargas enfrentou um quadro social difícil: desemprego nas grandes cidades, insatisfações nas elites políticas descontentes e no interior do Exército – acentuaram a inquietação da classe dominante.

Consoante Fausto (2006), o diário de Vargas, atinente ao início do governo, está pontilhado de referências ao PCB, de boatos relativos às conspirações reacionárias e ataques comunistas, que, inclusive, provocaram o reforço na guarda do Palácio do Catete, então sede do Executivo federal. Vargas, mesmo reconhecendo o fracasso da Marcha contra a Fome, nomeou-a de explosão revolucionária. Pelo fato de o "pequeno" Partido Comunista, naquele tempo, ser mais "estridente" e menos eficaz, havia algo de "paranoico" nessas avaliações, ponderou Fausto.[192] Embasado nestas leituras, passemos a cobertura d'*O Nordeste* acerca da Passeata da Fome.

Até o fim de janeiro de 1931, *O Nordeste* evitou noticiar a Passeata da Fome e o inquérito policial instaurado em Fortaleza para investigar o movimento, todavia, manteve-se bastante atento ao cenário nacional. A manchete do periódico do dia 20 de janeiro dizia: "Ameaça comunista no Brasil – É descoberto e fracassa um movimento comunista no Rio, Carlos Prestes continua a fazer incursões no Rio Grande do Sul, Incisiva entrevista de Baptista Luzardo". A matéria condensou a avaliação de Luzardo, chefe de polícia da Capital federal, a respeito da Parada da Fome. O órgão, ao emitir opinião favorável às prisões e interrogatórios de suspeitos efetivados pela autoridade policial, aprovou as críticas ao vencido motim comunista e os elogios à Revolução de 30 formuladas pelo agente policial. Para Luzardo, o primeiro fato circunscreveu-se a uma beligerância fútil, desenvolvida à margem da lei e dominada por estrangeiros; a segunda expressou a revolução dos verdadeiros patriotas e a atitude firme de Vargas na resolução dos problemas deixados pela presidência de Washington Luis (1926-1930). Alongando-se, o delegado relatou que os comunistas, ao abusarem da liberdade consentida pelo governo Vargas, difundindo ideias inadaptáveis ao País, estimulavam a pronta ação intimidadora do Estado e, finalizando, referiu-se à acolhida da população às medidas "serenas" exercidas pela força pública e à solidariedade das classes armadas à repressão.

Privando-se de comentar diretamente a Passeata da Fome, conquanto atento às "surpresas dolorosas do momento", Padre Tabosa, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, assemelhou o Brasil a um organismo extremamente doente, mostrando desequilíbrio colossal em todas as esferas: política, finanças, justiça, trabalho, ordem e paz pública, enfim, transpassado por intoxicações rebeldes e assustadoras. Os médicos, isto é, os homens de

[192] Outros elementos da conjuntura de 1930 foram realçados por Boris Fausto (1970): a crise mundial, em outubro de 1929; na América Latina, a ocorrência de 11 movimentos revolucionários, no início dos anos 30; nacionalmente, os desdobramentos da crise brasileira dos anos 1920, na qual se revelaram o inconformismo das classes médias e, sobretudo, nas revoltas tenentistas, a formação da Aliança Liberal e a repercussão pós-eleições presidenciais de 1930.

governos, ajuizou o clérigo, negavam-se a receitar a injeção salutaríssima do ensino religioso. Os governantes preocupavam-se exclusivamente com o progresso material: fábricas, minas, estradas e erário. E as multidões? Alheias a Deus e à Eternidade, passíveis de tornarem-se vítimas da "gangrena" incurável da corrupção extrema parasitada no comunismo, símbolo-maior da "perversidade" humana. Concluindo, o presbítero impôs as alternativas: "ou o catecismo ou a anarquia!".[193] Fiel ao alarmismo de Tabosa, *O Nordeste*, na edição seguinte, estampou no alto da primeira página em garrafal a diretiva:

> A ameaça comunista no Brasil não visa apenas à destruição do capital e da propriedade, mas de todo princípio de organização moral, jurídica e social, desmoralizando a Religião, a Pátria e a Família. Combatendo o surto bolchevista, o governo, que deve encarar esses princípios superiores de ordem, não defende apenas os interesses de qualquer classe, mas a própria integridade das suas instituições fundamentais.

A premissa – "a paz nacional está ameaçada pela insânia comunista" – norteava a conduta do *O Nordeste*. Quando publicada, esta proposição veio acompanhada da caracterização da "ditadura" de Moscou: escravização do operariado, miséria generalizada, despotismo bastante estúpido e inadmissível; impostos escorchantes, salários baixos, produtos manufaturados de péssimo acabamento, insuficientes e vendidos muito caro; o povo obrigado a ficar longas horas diante dos armazéns à cata de alimentos, e muitas vezes, sem levá-los; a carne é rara, faltava banha, nem manteiga e nenhum leite, salvo para as criança. Otimizando a prevenção, o periódico comunicou a sua censura à veiculação de notícias ou meros informes pertinentes ao comunismo. Ao justificar o ato, o vespertino afirmou que essa norma já vinha sendo mais ou menos seguida, no propósito de evitar qualquer difusão das "perniciosas" doutrinas bolchevistas. Antes de concluir o comunicado, o jornal reiterou seu apoio incondicional à repressão ao bolchevismo desencadeada pelas instâncias governamentais.

À conta de afastar o povo da "ditadura proletária", fruto da ideologia "delirante" de Moscou, *O Nordeste* continuava enumerando as mazelas do comunismo: morte moral; não terias pão, nem família; não terias pátria nem lar; irias ser máquina de trabalho para a fortuna de meia dúzia de nababos, e, o gravíssimo, tuas filhas virgens seriam as "odaliscas inermes dos haréns socialistas".[194] Ciente da possibilidade de o Brasil, vir a ter brevemente uma nova constituição, o órgão defendeu a ideia de que ela superasse os 40 anos de República ateia. Por essa razão, lançou novo ultimato aos patriotas:

---

[193] O Grande Doente. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jan.1931. Editorial, p. 1.

[194] Incompatibilidade com o Bolchevismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jan.1931. Editorial, p. 1. A ilusão comunista. Fortaleza, 28 jan. 1931. Editorial, p.1. Telegramas sobre o Comunismo. Fortaleza, p. 5, 26 jan. 1931.

> Os povos que repelem o Cristianismo marcham para a dissolução e a anarquia. Temos de escolher o caminho de Roma ou de Moscou... O civismo está a exigir dos homens de responsabilidade de momento a salvação do Brasil, com o afastamento definitivo do perigo bolchevista, doutrina de ódio e de sangue, incompatível com as nossas tradições e a nossa cultura.[195]

O desbaratamento da Passeata da Fome intensificou as preocupações d'*O Nordeste* com a deflagração da luta de classes e com a proteção à família brasileira. Agora, as estocadas do comunismo estavam próximas: lembrai-vos do desbaratamento dum plano de subversão, inspirado por legítimos adeptos do credo "sangrento" de Moscou! Sobressaltava-se o diário ao qualificar o malogro dos comunistas cearenses, omitindo o nome do movimento. Constantemente reiterando o vínculo liberalismo-comunismo-laicismo, *O Nordeste* detalhava o quão seria catastrófica a russificação do País e impelia os responsáveis pelo patrimônio moral e material da família patrícia a favorecer a repressão ao "o mal do tempo". Do contrário haveria a desonra das esposas e filhas dos homens de bem.

Por conseguinte, ao avaliar o quadro político do Brasil com o líder Getúlio Vargas exercendo uma posição altaneira, mas carente de aperfeiçoamentos, o periódico solicitava uma reforma nos costumes políticos. Indicava a urgência de contrapor a paz social à iminente vitória de Moscou, superando os "pecados da omissão" vivenciados pelas elites brasileiras no combate sovietismo. À vista disso, expressava que nada se conseguiria sem a educação do povo na doutrina católica, sem a infiltração do sentimento religioso n'alma das turbas.[196] Coube ao Padre Tabosa, substanciar, nos editoriais "As garras do Comunismo" e "Despertemos Todos! Despertemos Todos!" do jornal *O Nordeste*, as posições da cúpula católica da Capital sobre a conjuntura da hora.

A advertência – "a fera espreita o momento para se atirar sobre as mais sagradas instituições da nossa estremecida pátria, afogando-a em mar de sangue inocente" – iniciou a descrição da história "vermelha" do bolchevismo: transformar as casas de Deus em lupanares; a virgindade não tem cotação; apoderar-se das propriedades alheias; a noção de patriotismo não tem razão de existir; frequência de conceitos diabólicos; o número de execuções cruelíssimas sobe a um milhão e trezentos mil; o povo não sabe o que é liberdade; a libertinagem, a miséria e a fome campeiam por toda parte; a mulher voltou ao seu desvalor do paganismo; o culto ao vício substituiu-se ao culto de Deus.

Enfatizando que a instituição da família brasileira encontrava-se em perigo iminente, Tabosa prosseguiu a destrinchar "as garras do corvo maldito": subserviência

---

[195] O mínimo de reivindicações. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 jan. 1931. Editorial, p. 1.

[196] A defesa social. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 fev. 1931. Editorial, p. 1. O dever dos conservadores. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 fev. 1931. Editorial, p. 1. O caminho de Deus. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 fev. 1931. Editorial, p. 1.

integral do Brasil a Moscou; a família é a grande vítima do sensualismo bestial; frouxidão da aliança matrimonial; a mulher restrita a um pasto de gozo; mulheres e filhos serão entregues ao Estado; família sem esposa, esposa sem honra; cobiça a virgindade das nossas filhas; consumada a vitória, distribuição prévia das filhas alheias e o ludibrio da mulher honesta da nossa terra.[197]

Para *O Nordeste*, o êxito da Passeata da Fome acarretaria o fim da propriedade privada, a exacerbação da luta de classes e o sacrifício de vidas inocentes. Nisso, o caos instalaria da Capital cearense para o restante do Ceará. Com efeito, urgia harmonizar o capital, o trabalho e a intelectualidade católica. O saudável convívio entre os agentes produtivos requeria a pronta extinção da luta de classes, visto que, se tolhendo o "desvario" comunista e as doutrinas "anacrônicas" de Karl Marx, resolver-se-ia a questão social. Superado o antagonismo interclassista, aconteceria a possibilidade de se equilibrar os ganhos dos pobres e dos ricos, consequentemente, abrir-se-ia espaço às forças do capital para dirigir tal processo – acreditava o periódico.

À proporção que Pio XI, em seu discurso natalino de 1930, subsidiava o órgão com suas posições favoráveis à manutenção da ordem estabelecida pela Divina Providência, na qual as diversas classes colaborariam entre si, em vez da luta, a todos nociva e, dentro em breve, desastrosa; a Rússia exemplificava o pior regime, no qual o "Estado-patrão", dono único de todos os bens, assentia exclusivamente ao "escravo-proletário" uma insignificante ração. Por isso, *O Nordeste* destacava um setor essencial à paz social: a "pobreza honrada", que deveria confiar na soberana Providência e cumprir fielmente os deveres para com Deus, para com a Pátria, para com a Família. Insistindo na premente regularização das vantagens para o capital, como para os trabalhadores, condição essencial rumo ao progresso, senão venceria a "ditadura dos pobres" a serviço dos altos comissários de Moscou, *O Nordeste* sentenciou: a luta entre patrões e operários, promovida no mundo inteiro pelos agitadores bolchevistas, produz um enorme malefício para ambas as partes.[198]

Após a impressão do relatório, "O comunismo no Ceará", de autoria do delegado Faustino Nascimento, no jornal *O Povo*, em 28 de fevereiro de 1931, *O Nordeste* passou a utilizar a expressão passeata/parada da fome. Aliás, nos dias 2, 3 e 4 de março, o jornal

---

[197] As garras do Comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 fev. 1931. Editorial, p. 1. Despertemos todos! Despertemos todos! **O Nordeste**, Fortaleza, 26 fev. 1931. Editorial, p. 1.

[198] União Sindical do Trabalho. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 fev. 1931. Editorial, p. 1. A Defesa Social. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 fev. 1931. Editorial, p. 1. Palavras purificadoras. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 fev. 1931. Editorial, p. 1. Pobreza Honrada. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 fev. 1931. Editorial, p. 1. Organização da desordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 fev. 1931. Editorial, p. 1. O Pior Regime. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 fev. 1931. 2º editorial, p. 1.

divulgou na íntegra o resultado da investigação e comentou em editoriais os perigos da ação da comunista. O matutino contrapôs a Fortaleza pacífica, ordeira e católica ao "ódio vermelho" da Internacional Comunista, que pretendeu estabelecer a dinamite o "terror proletário" na Capital cearense. Definiu, igualmente, o marxismo de subproduto da "peste laicista". Já o crescimento mundial do bolchevista era custeado pelo dinheiro "truculento" de Moscou.

Reiteradamente vigilante, o periódico, ao defender a urgência do combate ao sovietismo, elogiou a coragem dos chefes de famílias cearenses na defesa da honra das suas esposas e das filhas e o desempenho da Chefatura de Polícia na elucidação da trama socialista. Redigindo "passeata da fome" em minúsculo, *O Nordeste* encarou o episódio sob o aspecto de confirmação dos seus repisados avisos de perigo. Agora, o "bacilo bolchevista" mostrara definitivamente a cara e entoara, junto às massas "ignorantes", o som "agoirento e lúgubre" da canção socialista, "A Internacional", afrontando o princípio da autoridade espiritual e temporal, demasiadamente.[199]

Padre Tabosa, nas páginas d'*O Nordeste*, qualificou os brasileiros envolvidos na Parada da Fome, cujo intento visava à profanação dos templos, à mortandade de autoridades civis e eclesiásticas, à "carnificina" dos irmãos em pátria e religião, de indivíduos doentes, desalmados, ávidos por sangue, inteligências desvairadas, algozes das famílias e salteadores violentos da propriedade alheia. Por fim, agradeceu ao Poder público por obstar o plano de crueldades a cabo dos brasileiros russificados, que conceituavam a população cearense de "botocudos" e atormentavam o espírito dos pobres e ignorantes. Contíguo às opiniões de Tabosa, O *Nordeste* defendeu integralmente a operação de perseguição e de deportação dos comunistas no pós-Parada da Fome. Tachando-a de "sonho de ópio", a Parada desencadeara larga investigação com bons resultados, insistia em informar o periódico: derrota total do plano criminoso; acareação dos acusados; captura de indivíduos em flagrante a distribuir boletins subversivos, empunhando armas para resistir aos agentes da segurança social; apreensão de bombas e recolha de documentos.

O enfrentamento aos comunistas cearenses propiciou ao órgão esboçar uma proposta de legislação contra a "diátese moscovita", para tanto se assentou na adotada pelos Estados Unidos, qualificado como a pátria de Washington e da Liberdade: obstruir a exportação de mercadorias vindas da "ditadura sobre o proletariado"; ilegalidade do partido comunista; os estrangeiros filiados à "doutrina de ódio" perderão o direito a se naturalizar

[199] O Comunismo e o governo. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 mar. 1931. Editorial, p. 1. O relatório sobre o Comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 mar. 1931. Editorial, p. 1.

brasileiros; censura às notícias favoráveis ao "vírus de dissolução bolchevista"; os correios impediriam o transporte de correspondência e publicações subversoras. Finalizando esta primeira etapa de propostas, *O Nordeste* sentenciou: ou barrar os dinamiteiros ou ficar em crise profunda de "faniquito liberal".[200]

O brado por leis anticomunistas persistia n'*O Nordeste*. E a argumentação relembrou, insistentemente, a Passeata da Fome. Expoente da "onda vermelha", a "intentona" de Fortaleza, ganhando ímpeto, possibilitaria a vitória de agentes internacionais, assaltos às fábricas, roubos a armazéns, atentados contra os governantes e guerra aberta às forças armadas. Segundo o jornal, na democracia liberal, em razão da tolerância com o "perigo soviético", recaía a culpa pelo clima de motim instalado no Brasil. A legislação ansiada deveria ater-se à inviolabilidade do lar cristão, porquanto os inimigos – insânia bolchevista, laicismo corruptor e o divórcio – tramavam contra a vida das mulheres de família. Da Rússia vinha o exemplo: as mães arrancadas dos lares e obrigadas a trabalhos forçados no campo à requisição dos ditadores soviéticos.

No Brasil, paralelamente à criminalidade bolchevista, exaltava *O Nordeste*, brotava um novo regime disposto a praticar a educação popular no sentido das leis divinas. A despeito de confiar no governo de Getúlio Vargas, *O Nordeste* cobrava-lhe agilidade na reimplantação do ensino confessional, a fim de soerguer o caráter do povo. Na admoestação do jornal, tornava-se urgente deter o "terrível polvo da anarquia" oriundo da "Babel Soviética" e um dos caminhos apontados indicava a castração dos abusos da liberdade de imprensa, aí sim, seria possível alocar o bolchevismo na obscuridade, onde se refugiam os delinquentes e onde trabalhava a polícia criminal.[201]

O Nordeste, concomitantemente ao esboço duma legislação anticomunista, delineava medidas a serem efetivadas pelo governo de Getúlio Vargas, no tocante à estabilidade política e ao equilíbrio econômico. Ante o irrefutável perigo desencadeado pelas recentes ações revolucionárias, o órgão propôs um "golpe de força". Registre-se, algo corriqueiro nas páginas do diário católico. No momento brasileiro, a subsistência dos ultrapassados direitos individuais ligados ao voto caducava, por ser insuficiente a resolução dos problemas vitais da nacionalidade.

---

[200] O Brasil é nosso. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 mar. 1931. Editorial, p. 1. Campanha comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 mar. 1931. Editorial, p. 1. Conversa fiada. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 mar. 1931. Editorial, p. 1.

[201] O dia comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 abr. 1931. Editorial, p. 1. A defesa da família. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 abr. 1931. Editorial, p. 1. Questão aberta. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 abr. 1931. Editorial, p. 1. Método infalível. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 abr. 1931. Editorial, p. 1.

A título de sugestão, o vespertino recomendou o emprego de conselhos técnicos no lugar dos parlamentos, que, no Brasil, permaneciam ruidosos, tumultuários e interinamente desmoralizados. Tudo isso, a fim de resguardar o povo do liberalismo, cuja anuência com os malfeitores trazia escabroso ônus à pátria. O periódico criticou Getúlio por conservar a liberdade de culto, separando Igreja do Estado. O diário identificava no laicismo corruptor as origens do "mal", por colocar Deus inferior ao homem. Com os governos desrespeitando a justiça divina, abrir-se-ia na mentalidade do povo a desordem. À luz da *Rerum Novarum*, caberia à intelectualidade católica conciliar as diferenças interclassistas. "Não aos direitos do homem! Sim à lei da fraternidade evangélica!", vociferava *O Nordeste*.[202]

Com o trinômio abismo-anarquia-salvação, Padre Tabosa relacionou atitudes indispensáveis de extermínio do "plano satânico", do "flagelo universal", ou seja, do "comunismo rubro": a oração contínua dos fiéis, a publicação de material instrutivo (revista, informativos, boletins etc.), a realização de conferências no alcance das multidões, a melhoria de vida das classes desfavorecidas, o ensino religioso nas escolas, a assistência espiritual nos quartéis, a prática catequista junto à mocidade, o calar da imprensa ruim e da demagogia perversa. O sacerdote prendia-se à ideia: o sovietismo, "o maior inimigo", permanecia a defender a transformação das Igrejas em lupanares, o extermínio da família e a demolição das nações. Para o clérigo, no Brasil, o bolchevismo insuflou todos os movimentos recentes de perturbação da ordem pública. Tabosa carregou nas tintas, ao explicar o único meio capaz de reprimir eficazmente os comunistas – o isolamento. A legislação deveria apenar os niveladores de Jesus Cristo a Satanás, encarcerando-os em colônias de trabalho e de regeneração, privando-os definitivamente do convívio com os elementos sadios da pátria. Justificando-se, o prelado alegou: "Esperar que esses infelizes saiam às ruas pra varrê-los a metralhadoras são medidas extremas, justificáveis, mas dolorosas e tristes. As medidas preventivas são de consequências fecundas e edificantes".[203]

A solicitação ao presidente Getúlio Vargas por um "golpe de força" contra a agitação social continuava pautando *O Nordeste*. O jornal enxergava perigo imediato na crescente e livre propaganda "insana" do internacionalismo antipatriótico e anticristã afeita aos "alucinados" moscovitas. Advertia ao governo federal sobre a ineficácia do voto, dado que se achava inteiramente desmoralizado e seria incapaz de salvar o Brasil do

[202] O Momento Brasileiro. Fortaleza, 6 mai. 1931. Editorial, p. 1. Nos editorias *Rerum Novarum*, de 4 de maio e O Papa dos Operários de 15 de maio de 1931, comemorativo aos 40 anos da encíclica, **O Nordeste** reiterou a importância do papa Leão XIII para a resolução da questão social no Brasil. Em 1941, quando do jubileu da *Rerum Novarum*, a Arquidiocese de Fortaleza organizou vasta programação para celebrar a data.
[203] Deixem o governo administrar. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 maio 1931. Editorial, p. 1.

desvirtuamento causado pelas instituições democráticas. A solução enérgica incluía a obrigatoriedade do ensino religioso nos quartéis e colégios. Invalidar o agnosticismo republicano, reavivando a tradição nacional de catolicidade e honestidade cívica, inculcaria nas massas ignorantes o princípio da autoridade, porque quem não teme a Deus, não teme à administração pública, argumentava o diário.

Outra requisição a Getúlio focalizava a imprensa. Competia ao executivo federal regularizar as críticas dos jornais à governabilidade enquadrado-as no acatamento ao ordenamento nacional. A tarefa de guiar a "opinião geral", função-mor dos periódicos, significava proibir notícias concernentes a motins, tumultos, anarquia, intentonas e renunciar a cobertura da convulsão social de então. O objetivo de tal conduta visava livrar o povo de eleger administradores sem consciência, hábeis na conduta de toldar a ordem almejada pela nação.[204]

O Nordeste justificava o pedido a Getúlio por um "golpe de força" analisando tanto as pretensões de Moscou em relação à Europa, como a conjuntura brasileira. O governo dos sovietes, imerso numa crise econômica e moral devastadora, que implantara na terra de Lenin miséria, degradação física e o regime da escravidão operária, vislumbrava a possibilidade de superar o caos invadindo a Europa! No plano interno, concomitante à pretensão expansionista, Moscou organizara cem faculdades de doutrina antirreligiosa e encarcerara acima de 100 bispos e 10.000 ministros de culto. Com isso, pretendia destruir a obra multissecular da civilização cristã erguendo uma nação sobre alicerces materialistas, consequentemente, daria o passo inicial visando destruir toda influência espiritual nos destinos da humanidade.

No Brasil, o clima de perigo imediato poderia ser evitado se a mentalidade popular nos quartéis e escolas fosse educada seguindo a instrução religiosa. A repressão penal, oportuna, todavia, insuficiente, completar-se-ia elevando-se a Igreja Católica à distinção de orientador-maior da sociedade. Ao juízo do vespertino, tornava-se imprescindível repetir, cotidianamente: os bolchevistas desenvolviam campanha antipatriota e anticristã nas classes operárias; os agentes internacionalistas, espíritos desnorteados pela concepção ateísta, punham em xeque a segurança da ordem social; desvairados, representavam a doutrina materialista do século; disseminavam a anarquia nas praças públicas e indisciplina nas forças

[204] A Subversão da Ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 jun. 1931. Editorial, p. 1. A ação da imprensa. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 jun. 1931. Editorial, p. 1.

armadas. Logo, o credo moscovita jamais deveria usufruir de frações mínimas de liberdade, dado seu imenso grau de insubordinação.[205]

Dando seguimento ao exame da crise econômica da União Soviética, *O Nordeste* enfocou o fracasso do Plano Quinquenal, sob o prisma: o comunismo fazia do miserável povo russo cobaia de experiências malignas! A gestão do Estado carecia de novos dirigentes, de engenheiros, técnicos e peritos industriais. Para amenizar os conflitos, Moscou distendia o "pulso de aço" em relação à antiga burguesia. Objetivando deter a derrocada dos sovietes, em pleno curso, Stálin, perante uma multidão, anunciou nova etapa administrativa e política, na qual sucederiam alterações excepcionais nos dogmas invioláveis do bolchevismo e surgiria uma espécie de capitalismo. O ditador russo escandalizava a incomputável massa, que cercada pela tropa, silenciava. Stálin, abjurando integralmente das teorias comunistas radicais, explicava as mudanças nos salários. Ao invés da uniformidade, o mesmo passaria a vincular-se à produtividade individual do trabalhador. Graças aos viajantes, burlando a vigilância extremada do governo soviético, o ocidente soube da autocrítica de Moscou.[206] O salário, expressando a crise do Estado soviético, manteve-se na pauta d'*O Nordeste*. Desta vez, o jornal, em primeira página, apresentou as divergências entre o papa Pio XI e o secretário-geral do PCUS.

Elogiadíssimo, o pontífice manifestou-se a favor da renumeração totalmente vinculada aos encargos da família e, se possível, apto a cobrir as necessidades extraordinárias. Criticado, o bolchevique defendeu o salário estritamente atrelado à quantidade e a qualidade do trabalho produzido. Ao cabo desta comparação, *O Nordeste* definiu o sistema russo – falido! Já Stálin recebeu os epítetos: déspota de Moscou, ditador vermelho e salvador do proletariado moscovita, além de responsabilizado pelo derramamento de "rios de sangue" de inocentes vítimas da mais cruel tirania sobre a terra. Ironizando o tardio aprendizado de Stálin referente às questões óbvias do capitalismo, o periódico exibiu as mudanças adotadas pelo "regime sem-Deus": o cancelamento da igualdade de salários; quem rende, aufere recompensa; a reintrodução da semana de seis dias; a reabilitação de intelectuais e da antiga burguesia, que de párias passaram ao estágio de indispensáveis para retirar o anestesiado povo

[205] O espírito do bolchevismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jun. 1931. Editorial, p. 1. Perigo imediato. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jun. 1931. Editorial, p. 1. Os dados citados no editorial O espírito do bolchevismo, segundo **O Nordeste** foram recolhidos em documentos da Junta Nacional de Estudos na França e de palestras que a instituição organizou com Alexander Kerensky, líder do governo provisório pós-regime czarista, em 1917, na Rússia.

[206] A derrocada dos sovietes. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 7 jul. 1931. Os sovietes renegam os seus princípios 'invioláveis' – Stálin pronuncia famoso discurso na Praça Vermelha pondo por terra as teorias radicais do bolchevismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p.4, 7 jul. 1931. A derrocada dos sovietes. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 8 jul. 1931.

da miséria. À mudança no cálculo do salário na União Soviética, *O Nordeste* atribuiu a adjetivação: ludibriadora do operariado, velharia falida, veneno da corrupção materialista e antissocial, processo truculento, ideologia hedionda, feição antipatriótica, cinismo amoral, ideia corrosiva e funesta.[207]

Portanto, que caminhos indicavam as páginas d'*O Nordeste* para barrar a "crescente" sovietização do Brasil? Aos homens de responsabilidade, a massa trabalhadora, ao povo e à mocidade, interpôs a decisão: "À frente dos seus destinos acha-se quem dirija os seus rumos para a direita, deixando o caminho à esquerda para os inimigos da nacionalidade". De um lado, as verdades eternas da Igreja, a reconstrução política, o governo honesto, a reação moral da nova ordem, o bem, a honradez, a boa vontade, o renovamento cívico, a lei, o ensino religioso, a seiva católica, as energias sãs, os nobres ensinamentos do Evangelho, a índole pacífica do operário, tradicionalmente cristão e ordeiro; em síntese, o princípio da autoridade. Na oposição, a desordem, os desmoralizados, a demolição, a subversão, os aproveitadores, a anarquia, a rebeldia, os corifeus, as águas turvas, a desgraça, os especuladores, a maldade, a desorganização, os feios desígnios, a sedução, a ilusão, o anticlericalismo, ou melhor, o bolchevismo, a ideologia desvairada, o materialismo exótico e a barbaria comunista, sedenta por partilhar os cargos públicos. Ainda no lado do bem, *O Nordeste* reportou-se ao Ceará, a "terra da luz e da liberdade", por ter libertado os escravos em 1884, antes da Lei Áurea (1888). Na visão do jornal, o Brasil exigia compatibilidade à tradição de altivez do cearense.[208]

Antes de situar-se inteiramente à direita no espaço político, *O Nordeste* já assumira em dois editoriais, cronologicamente próximo, 10 e 14 de fevereiro de 1931, posições inigualitárias.[209] No primeiro "As lutas de classe", repartiu *ad aeternum* o mundo em ricos e pobres, ignorantes e sábios, patrões e operários, impondo-lhes a missão de servir ininterruptamente à coletividade, pois alegava que não se podia sequer conceber uma comunidade em que todos os membros estivessem em idênticas condições, num mesmo nível de igualdade. Depois arguiu: quem exerceria os ofícios pesados, indispensáveis ao bom andamento do aparelho público? A título de exemplo e justapondo imutabilidade às díades – engenheiro/orientador, operários/orientandos, o periódico explicou: isso é da essência natural das coisas humanas; caso se invertessem os papéis, nada poderia marchar regularmente. E se

[207] O salário na opinião de Pio XI e na de Stálin. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13 ago. 1931. A Rússia transige com os seus "princípios". **O Nordeste**, Fortaleza, 17 set. 1931. Editorial, p. 4. Traindo a confiança. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 set. 1931. Editorial, p. 4.
[208] Para a direita... **O Nordeste**, Fortaleza, 17 set. 1931. Editorial, p. 1.
[209] Esta conceituação baseou-se em Bobbio (1995).

houvesse interrupção da parceria capital-trabalho, qual resultante surgiria? A ordem social desapareceria, com as perturbações inevitáveis da ordem econômica. No fecho, repreensão aos trabalhadores: "Operários! Os que vos atiram à luta de classes exploram a vossa boa fé, em proveito de ambições desenfreadas! Abri os olhos, ante o abismo a que vos querem arrastar os espíritos extraviados do caminho do dever!"

No segundo editorial, o entendimento – "o judeu de Moscou acena com a sedução da ditadura vermelha dos pobres sobre os ricos" – e a convicção – "sempre haverá pobres entre vós, dizem as Sagradas Escrituras" – foram utilizados pelo jornal *O Nordeste* para circunscrever o lugar social das classes humildes. O pobre, representação terrena do Cristo, ao voltar-se contra os representantes do Mestre Divino, o fazia conduzido por falsos profetas. A Era Proletária, tão desejada pelos moscovitas à brasileira, escondia na Rússia a terrificante escravidão, os cem milhões de párias esmagados pela mais forte das tiranias e o desrespeito à opinião alheia, preconizado por Lenin.

Outro raciocínio do jornal ateve-se ao porquê do ódio dos bolcheviques ao catolicismo. Os comunistas acreditavam ser religião o "vinho" com que os ricos embebedavam os pobres. Já a Igreja difundia a lei moral impondo à consciência humana a límpida expressão de nobreza de sentimentos, donde brotava o "transe" dos sovietistas. O Decálogo ensinava o oposto do código soviético, que tornara o crime uma virtude, que banira o direito de propriedade e que dissolvera a família. Por fim *O Nordeste* advertiu: operário, só no regaço da Religião conseguireis a felicidade da vossa paz, subvertida pela desordem do ateísmo rebelde.[210]

Retomemos o editorial "Para a direita ...." *O Nordeste*, ao desancar a esquerda revolucionária, condenou subliminarmente à Passeata da Fome e incentivou a patriótica sindicalização dos operários à Legião Cearense do Trabalho (LCT). Apresentada na condição de modelo de disciplina, capaz de realizar a "profilaxia dos vícios", portadora de justas aspirações, afeita à índole do operariado brasileiro, freio aos ensandecidos pelo materialismo soviético e "falange de braços válidos", a LCT recebia total apoio nas páginas do jornal. O fundador da sociedade, o tenente Severino Sombra, fora adjetivado de brioso, espírito lúcido dedicado à causa conservadora do renovamento espiritual e apóstolo da grandeza do Brasil. A agremiação, em boa hora surgia, haja vista o fracasso do último movimento comunista na cidade, pontuou *O Nordeste*.

O periódico desejava vida longa à LCT por estar imbuída do propósito de conduzir o operariado na ordem e na paz, conforme a reconstrução política do Brasil, a cargo

[210] Sempre haverá pobres... **O Nordeste**, Fortaleza, 14 fev. 1931. Editorial, p. 1.

do presidente Getúlio Vargas. Na véspera da instalação da sociedade, ocorrida no dia 23 de agosto de 1931, *O Nordeste* reiterou as felicitações ao caráter nacional da entidade em contraposição aos agentes da ideologia desvairada de Lenin, a estrangeirice do bolchevismo, definido como veleidade anacrônica e representando uma "anomalia" na ambiência fundamentalmente cristã.[211] (Em tempo: o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, fundado em fevereiro de 1915, pela Arquidiocese de Fortaleza, filiou-se à LCT.) Na sequência, manchete pro-LCT:



O ministro do Trabalho e a "Legião"

Um telegramma ao tenente Severino Sombra

O dr. Waldemar Falcão, presidente do Tribunal da Legião Cearense do Trabalho, endereçou ao tte. Severino Sombra o seguinte telegramma:

"RIO, 29 — Acabo de conferenciar com o ministro do Trabalho, que recebeu com sympathia a mensagem e as sugestões da Legião Cearense do Trabalho, assegurando que a mesma terá direito ao beneficio da lei do ajuste collectivo, independente de syndicalização. Declarou o ministro que quarta-feira proxima estaria em Fortaleza, onde teria grande prazer em entrar em contacto com a Legião.".

Anno X — N. 2564 | Fortaleza (Ceará-Brasil), Sexta-feira, 30 de Outubro de 1931

O Nordeste

O DIARIO DE MAIOR ASSIGNATURA NO ESTADO

NÃO HA UMA SÓ DAS LEIS SOCIAES VOTADAS, DESDE MEIO SECULO, EM FAVOR DOS OPERARIOS QUE NÃO TENHA SIDO PROPOSTA POR CATHOLICOS, MUITO ANTES DE O SEREM POR OUTROS.

M. GARRIC

FIGURA 6 – Manchete (Legião Cearense do Trabalho)

Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 30 out. 1931.

Compreendia *O Nordeste* que a LCT se somava a sua pregação no meio operário fortalezense: a defesa do trabalho respeitando a ordem. A organização do grêmio veio em momento delicado. Vivenciava o mundo a anarquia econômica, desencadeada pelos "irmãos-inimigos": o liberalismo capitalista, "explorador do suor do pobre" e o socialismo opressor, "verdugo do proletariado". A cidade de Fortaleza repelia completamente as doutrinas erguidas por Karl Marx, incompatíveis moralmente com a população "pacata e cristã" da Capital cearense. A Legião, rechaçando o perigo dos falsos advogados da causa operária e a catástrofe

[211] Legião Cearense do Trabalho. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 ago. 1931. Editorial, p. 1. Compromisso de honra. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 set. 1931. Editorial, p. 1. Novos rumos às classes de trabalho no Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 11 jul. 1931. Legião Cearense do Trabalho. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 ago. 1931. Segundo Barroso (2000, p. 325), fundada em 1931, pelo tenente Severino Sombra, a LCT foi um movimento corporativista, integralista e católico de mobilização de trabalhadores. Antecessora da Ação Integralista Brasileira, a LCT manteve-se em atuação até 1937, quando Vargas decretou o Estado Novo, dissolvendo entidades de classe. Teve como cofundadores o tenente Jeová Mota e o padre Hélder Câmara. A LCT era composta de jovens católicos antiliberais e anticomunistas e militares opositores ao movimento de 30.

da "calúnia da impiedade", tornar-se-ia instrumento eficiente de proteção ao "operário-divino", o crente na justiça cristã, o defensor da harmonização capital-trabalho. Na LCT, o humilde proletário afastava-se integralmente da agitação estéril, hábito contumaz dos repugnantes moscovitas. O órgão identificou na infalível justiça cristã o porquê dos bolcheviques conceituarem a Igreja de guarda patrimonial dos ricos e a Religião de "entorpecente" das revoltas e das manifestações populares. Novamente, a sujeição à Providência Divina, a lógica inigualitária, a natural divisão de classes e a visão utilitarista da sociedade explicaram as desigualdades, acrescidas da glorificação à meritocracia:

> [...] a justiça reconhece que há desigualdades necessárias e úteis na distribuição funcional dos encargos da existência coletiva. As desigualdades resultam dos talentos e dos méritos diferentes que reclamam recompensa desigual. A justiça cristã estabelece uma ordem natural, acima dos caprichos das rivalidades, dos egoísmos e das malversações, obedecendo, neste ponto à palavra da autoridade divina.[212]

Por vezes, *O Nordeste* relegou a participação da massa, do operariado na vida política do Brasil. Ora ignorantes, ora ingênuos, os populares deveriam amiúde fortalecer a perspectiva de autoridade constituída pelas classes dominantes e trabalhar esmeradamente. O princípio da autoridade vigoraria em detrimento da liberdade política. Nela, as eleições serviram de palco a demagogos e antipatriotas, exclusivamente. Também *O Nordeste* se posicionava favoravelmente a um golpe, a um Estado de força, única solução capaz de aniquilar definitivamente a agitação social patrocinada pela tríade de inimigos pátrios: liberalismo-comunismo-laicismo. Desse modo, *O Nordeste* cultuava Getúlio Vargas, desde o triunfo da Revolução de 1930. Tratava-se de apresentá-lo personificando a função de líder autoritário, o promotor do urgente reordenamento nacional. O perfil do mandatário correspondia ao descrito por Beired (1999, p. 161), quando se reportou à direita nacionalista de cunho cientificista (Oliveira Viana): "postado acima das lutas regionais e político-partidárias, que fosse a mais elevada expressão da totalidade da nação brasileira".

Na véspera do dia 3 de outubro, data-símbolo da tomada de poder por Getúlio Vargas, *O Nordeste* aplaudiu as manifestações de aprovação ao "chefe supremo" da República ocorridas naquele dia no Rio de Janeiro, então Capital federal. As homenagens ao presidente objetivavam PRESTIGIAR A AUTORIDADE, escreveu em maiúsculas o periódico. Getúlio, estancando a guerra civil, reduzia a ação dos solapadores da ordem e dos agitadores profissionais. Graças à Providência, a Revolução de 1930 deixava ilesas as finanças da Pátria. Vivia-se uma atmosfera de reabilitação das legítimas normas democráticas,

[212] Manifestação operária. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 ago. 1931. Editorial, p. 1.

na qual todos os brasileiros deveriam prestar a sua solidariedade sincera e firme à consolidação de uma "Pátria Nova", em que vingassem os valores autênticos da raça, salientou o órgão, ao eleger o sinal dos novos tempos: o decreto facultando o ensino religioso nas escolas oficiais. Aos opositores desta medida só restava a alternativa de incompatibilizar Vargas com as multidões ignorantes, embora, sem êxito, tal qual ocorrera na Passeata da Fome, subliminarmente descrita de "atividade demolidora". A Passeata sofrera pesada derrota imposta pela força moral dos homens de bem, cujo dever era realizar um movimento generalizado de APOIO À AUTORIDADE.[213]

No dia 3 de outubro, ao vincular Moscou a uma "horda" de extremistas irresponsáveis, nunca visto na História da humanidade, *O Nordeste* indicou a forma de conservar o princípio da autoridade no Brasil: o veto a qualquer atividade da esquerda. A renovação política dirigida por Vargas carecia adotar medidas preventivas e radicais, urgentemente. Caberia ao aparato policial dirigir a empreitada proposta. Exemplificando o modelo de tais atitudes, o jornal sugeria a proibição à imprensa extraviada, a desorientadora das massas ignorantes e favorável aos "pescadores de águas turvas". O periódico colocava ao lado de Vargas um conjunto de forças conscientes e trabalhadoras, no caso do Ceará, o interventor recém-empossado, Carneiro de Mendonça, que ajudavam o presidente a instalar um processo de reabilitação da democracia, alijando os vícios da "Pátria Velha", outrora realizadora de eleições usurpadoras das legítimas aspirações do povo. Com isso, Vargas era elevado à categoria de executor de uma missão salvacionista, pois Deus quisera impedir uma catástrofe numa terra fiel à palavra de ordem da Igreja. E a qual calamidade se referia *O Nordeste*? Aos saques, às depredações, incêndios, expulsões de bispos caso a esquerda revolucionária tivesse obtido a vitória a 3 de outubro de 1930.[214]

Servindo-se dum discurso de Getúlio Vargas no qual o presidente detectara a contaminação do Brasil por uma temperatura asfixiante da insinceridade e da desconfiança, em virtude da relutância dos homens públicos de cumprirem a missão inerente aos administradores da pátria, a conquista da paz social, *O Nordeste* indicou o X do problema: a continuidade da legislação irreligiosa da Primeira República. Para o diário, a consolidação da obra reabilitadora dos nossos créditos políticos, iniciada por Vargas, ficaria debilitada na hipótese dos direitos do povo permanecerem à deriva, à mercê do ateísmo, do protestantismo, do positivismo, do agnosticismo de 1891, do liberalismo e do livre pensamento. Tratava-se de

[213] Ação construtora. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 out. 1931. Editorial, p. 1.
[214] Gravíssimas responsabilidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 out. 1931. Editorial, p. 1. Instinto Divinatório. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 out. 1931. Editorial, p. 1.

eliminar brevemente a escola neutra, generalizando o catecismo a toda a rede escolar, não apenas o circunscrevendo aos colégios oficiais, conforme o festejado e insuficiente, decreto de 30 de abril de 1931. A ampliação do ensino confessional livraria a maioria católica da humilhação de leis contrárias a sua tradição de fé, daria um basta na política opressiva da consciência nacional e contribuiria sobremaneira na afirmação da nova ordem pela família patrícia. Tornava-se indispensável, no entanto, exaurir as forças dissolventes, claras ou ocultas, explanava o vespertino.[215]

O Nordeste, ao defender um "governo forte", repelia a volta do Brasil à constitucionalidade de matriz liberal, recorrendo aos seguintes argumentos: na vigência da Constituição de 1891, ter-se-á solidificado o princípio de autoridade, o elo indispensável à garantia da ordem e paz? Verificou-se a modificação do temperamento moral dos cidadãos, ao ponto de se evitarem as fraudes no sistema representativo? Resolveu-se a questão do ensino religioso, em moldes capazes de assegurar a liberdade de consciência da Nação, até hoje fiel as tradições cristãs, apesar do laicismo oficial? Contou-se com leis honestas que constituíram a base jurídica da nossa organização política? Atingiu-se um grau exato de conhecimento das necessidades da população? Sem exceção, negativa em todas as respostas.

A origem desta postura localizava-se no fato de o jornal considerar que o "regime ditatorial" de Vargas vinha sendo bem-sucedido e tendia a um maior êxito. Getúlio, ao assumir a Presidência, passou a governar via decreto-lei, extinguindo a vida legislativa nacional e nomeando interventores estaduais, que indicavam os prefeitos. No entendimento do órgão, as atitudes de Vargas livravam o País do desvirtuamento democrático, reconstruíam o caráter do povo e estabeleciam o equilíbrio religião-poder temporal, pois o Catolicismo representava a pedra angular das instituições, dando-lhes a conservação e fortalecimento do patriotismo.[216]

"Amável ditadura" na qual o sr. Getúlio Vargas primava em ser um estadista de "modos brandos, de atitudes magnânimas, de gestos desvanecedores", eis a descrição d'*O Nordeste* pertinente à presidência da República em dezembro de 1931. Findou o ano e o periódico ratificava o apoio ao presidente, entretanto estimulava o mandatário a alterar o estilo de governança, em razão dos avanços e recuos do Poder Público no combate ao comunismo e demais rebeliões. Para o jornal, mesmo que lentamente, Vargas tomava consciência da necessidade de corrigir os males inveterados da indisciplina geral com medidas mais enérgicas.

---

[215] Sinceridade e confiança. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 nov. 1931. Editorial, p. 1.
[216] Volta à Constituição. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 nov. 1931. Editorial, p. 1.

O reerguimento nacional ininterruptamente sofria as tentativas de subversão da ordem exercidas pelos impatrióticos. A defesa social já fora alvo de atividades dissolventes, causadoras de incertezas para os destinos da comunidade (subliminarmente, referia-se à Parada da Fome). Atenta à conjuntura, a publicação clerical indicou: justiça serena e firme na repressão aos atentados contra as instituições. No impresso arquidiocesano, o "Brasil Novo" necessitava urgentemente consolidar o prestígio da autoridade, ante a complexidade dos problemas a resolver. Por isto, o jornal insistia: quem não respeitava a Suprema Autoridade, do mesmo modo ou mais facilmente se insurgirá contra os poderes da terra.[217]

E os focos insurgentes? Onde localizá-los? *O Nordeste* designava-os: a mazela liberalista, a pior das diáteses; os agitadores impenitentes, os inimigos da paz coletiva e insufladores criminosos da luta de classes; a apostasia laicista, libertadora do freio moral; os protestantes, mercenários e antibrasileiros; as trevas do paganismo, as tendências materialistas e as ideias comunistas, provocadoras da decadência dos costumes públicos e privados. Expostos os polos de insurreição, o jornal indicava mecanismos de superação da insuficiência governamental no enfrentamento ao "mal". Não bastava ao governo o emprego de um sistema de punição severa e inflexível aos promotores de mazorca e motins sangrentos, que enchiam de tristeza e de ignomínia a família patrícia.

Desta forma, o órgão apresentava ao Governo federal os limites da esfera policial. A resolução duradoura encontrava-se no restauro do temperamento cívico do povo, pela via do sistema escolar, resgatando-lhe o matiz católico; junto aos infiéis, apresentando-lhes o verdadeiro Deus e transformando a Bíblia no encaminhamento de fé da população. Finalizando, o jornal sugeriu a Vargas executar medidas de força, com a necessária valentia de ânimo e sem melindres, tanto na ordem dos espíritos, como nas ruas, já que os imperativos da hora exigiam firmeza de direção na Brasil.[218]

As representações sociais moldam as classificações e os julgamentos de um grupo social, possibilitando-lhe exibir-se por meio de rituais, estilizações e produção dos significados, exercitando "apropriações culturais", que, segundo Chartier (1991, p. 136), se distinguem por serem "criadoras de usos". A grande questão expressa por Chartier (1998, p. 19) diz respeito à história da produção dos significados: "é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas." Desse modo, a "apropriação inventiva" liga-se às suas determinações fundamentais: sociais, institucionais, culturais. Em vista disso, a pesquisa

[217] O dever do momento. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1931. Editorial, p. 1.
[218] Idem.

centra-se nos marcos institucionais, diga-se vaticano-doutrinários, aos quais *O Nordeste* se curvava, diuturnamente.

Pendulando da arte do desejo à arte do possível, da recristianização ao eleitoreirismo, a inventividade anticomunista nas edições d'*O Nordeste*, a cata de fins imediatos e futuros, reverberava substantivamente a escrita do papa Leão XIII, nas encíclicas *Quod Apostolice Muneris* – Sobre o Socialismo e Comunismo (1878), e *Rerum Novarum* – Sobre a condição dos operários (1891). Concitava, igualmente, o eleitor a sufragar os candidatos lecistas e a apoiar suas governanças. Dos documentos papais, a título de exemplo, transpunha, ao cotidiano local, quadros do imaginário bíblico, a serpente, e do imaginário europeu, os bárbaros. Os comunistas enlaçavam os incautos suburbanos; reviviam a estrangeirice horripilante; materializavam os flagelos da seca. Infere-se, portanto, que a "ameaça comunista" era argumento decisivo para convencer a sociedade da premência de medidas coercitivas longevas, elevando a Liga Eleitoral Católica (LEC) a porta-voz da boa nova.

2.3 Dentro da lei

> Obedeceu ao intuito de enganar as massas a recente fundação, no Brasil, da "Aliança Nacional Libertadora". Trata-se de uma corrente de feição comunista, logo incompatível com a realidade brasileira, tentando, assim, submeter o país à ditadura de Stalin.[219]

A defesa da ordem tornou-se central nas páginas do jornal *O Nordeste* e qualquer dúvida quanto à legitimidade do Estado Getulista de aprofundar o soerguimento da Terra de Santa Cruz foi amaldiçoado, configurava-se em traição à pátria, visto que o Brasil de Vargas trilhava o caminho seguro do progresso: combatendo o bolchevismo, minando a luta de classes e harmonizando o poder temporal com o espiritual. Conquanto necessitasse de reparos (por exemplo, a obrigatoriedade do catecismo nas escolas e quartéis). No Ceará, a destituição de José de Matos Peixoto do Executivo estadual, seguida da ascensão de Fernandes Távora ao cargo de interventor federal, ocorrera resguardando a propriedade privada, inibindo protestos populares e obstando as artimanhas da "demagogia vermelha" e algo idêntico ocorrera na destituição do presidente Washington Luis, afirmava o periódico. Com o interventor Carneiro de Mendonça, a Liga Eleitoral Católica usufruiu de enorme proteção. Já durante a interventoria do coronel Felipe Moreira Lima, *O Nordeste* vinculou o interventor aos moscovitas e à Aliança Nacional Libertadora. Na prática do anticomunismo, o jornal recorria ao lançamento de factoides, clamava por um "governo forte" e apresentava alternativas: a inadiável recristianização do País, fragilizado desde a Constituição de 1891, o Integralismo e a Ação Imperial Patrianovista Brasileira.[220]

A constituição da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e os Levantes Comunistas de 1935 foram tachados pelo jornal *O Nordeste* de ações inaceitáveis, pois, além da implantação da democracia popular, tentaram colocar o Brasil subserviente ao "imperialismo soviético". A militância aliancista, aglutinadora de alguns burgueses farsantes, não obstante ostentar na lapela a insígnia de proletário, carecia de suor do povo. Tratavam-se de pessoas de alta linhagem sem um pingo de sangue popular. Defensores da última classe, viajam de camarotes. No convés, mostravam-se fidalgos com os passageiros de luxo, com os oficiais, com as senhoras e senhorinhas. Em síntese, unido a Luiz Carlos Prestes, inexistia a figura do plebeu autêntico, eram só democratas na praça pública. Distinguiam-se da arraia miúda,

---

[219] A derrota de Moscou e a A. N. L. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 jun. 1935. Editorial, p. 1.

[220] Exemplo de factoide foi explicitado pelo jornal **O Nordeste** na notícia *Inominável* (p. 4, 12 mar. 1930): "Na Rússia estão se fabricando bombas explosivas, contendo germes de todas as moléstias infecciosas; os aviões se encarregarão de soltá-las sobre as cidades, assassinando, por essa horrível fórmula, as suas populações."

apreciavam o charuto e deixavam aquela a "chupar o dedo". Ao chorar miséria, escondiam mãos finas, dedos de pianistas, unhas acostumadas à manicure e epiderme bem macia.

Saídos das oficinas, armazéns e roças, dos estaleiros, andaimes e balcão, os assalariados tressuavam; já os aliancistas procediam dos pistolões, colégios e salões, das profissões liberais, academias e faculdades. No Brasil, alguns agentes dos "tóxicos de Moscou", cooptados na burocracia estatal e nos quadros militares, alimentavam-se dos impostos extraídos da burguesia produtiva. Hostis à Igreja, tolerados pelos liberais, ainda atuantes, apesar de Vargas cerceá-los, e a serviço da "Caixa Preta do Kremlin", os "magnatas do comunismo" dispunham de condições viáveis para a implantação da ditadura do proletariado na Terra de Santa Cruz. Chegar ao poder para os adeptos do "marxismo tropicalizado" significaria partilhar as terras alheias, arranjar a parentela e assumir o *status* de comissariado do povo. À vista disso, *O Nordeste* demarcava: se o comunismo invadir o vosso lar, iremos morrer lutando na praça pública![221]

Segundo Francisco Moreira Ribeiro, da interventoria de Fernandes Távora (outubro de 1930 a julho de 1931) a meados de 1935, na interventoria de Moreira Lima (setembro de 1934 a maio de 1935), quando os comunistas (Antonio Marcos Marrocos e Luiz Gomes) dirigiram uma greve na Usina Ceará, pertencente à firma Diogo Siqueira & Cia., o PCB-CE ficou à margem do movimento operário cearense, apesar do esforço desenvolvido por alguns de seus militantes. Além disso, de acordo com Moreira, as vitórias da Liga Eleitoral Católica, hegemônica nas eleições realizadas até aquela ocasião, o fortalecimento das associações de trabalhadores e de socorro vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza (Círculos Operários, União de Moços Católicos, Liga dos Professores Católicos, Juventude Operária Católica, União Beneficente Cristo Rei etc.), a atuação da Legião Cearense do Trabalho (basicamente, composta de jovens católicos antiliberais, anticomunistas e de militares opositores à Revolução de 1930), e, finalmente, a repressão imposta pelo interventor Távora aos comunistas, vide a Passeata da Fome, impuseram "total" isolamento e esfacelamento político do Partido Comunista (RIBEIRO, 1989, p. 41-42).

Como veremos, entretanto, iniciando o ano de 1935, a gazeta clerical mantinha firme a pregação anticomunista e ao combater a ANL, retomou o arrazoado do juiz eleitoral Andrade Furtado (editor-chefe d'*O Nordeste* de 1922 a 1962) para negar em abril de 1933, o registro do PCB-CE. Furtado alegou que o partido, por aderir visivelmente à Internacional de

[221] Proletários de opereta. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 ago. 1935. Editorial, p. 1. O Comunismo na câmara. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 ago. 1935. Editorial, p. 1. Iremos morrer na rua. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 ago. 1935. Editorial, p. 1.

Moscou, oferecia "grande perigo" à segurança social e à estabilidade das instituições nacionais.

Rodrigo Patto Sá Motta sistematizou nos pontos a seguir alguns aspectos da conjuntura brasileira de 1934: uma série de greves ocorridas de abril a dezembro nas principais capitais brasileiras, a luta antifascista encetada pelo PCB e a tensão política opondo os comunistas e a Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado (MOTTA, 2002, p. 179-180). Referentemente à mobilização de trabalhadores no Ceará, *O Nordeste* noticiou uma parede em Fortaleza: a greve "pacífica" da classe telegráfica. No tocante aos demais pontos expostos por Motta, o jornal silenciou. Mesmo assim, *O Nordeste* prevenia os leitores quanto à possibilidade concreta dos perigos de 1934 contaminarem a Capital cearense no ano de 1935. A cobertura da paralisação na Usina Ceará expressou esta postura.

Durante a greve, o periódico diagnosticou ausência de ordem para solucionar a crise econômica vivenciada pelo Brasil. Permanecendo o quadro, os conflitos de classes macula riam a nacionalidade mediante as convulsões sociais, bancada pelos "profissionais da anarquia", que exploravam a ingenuidade das massas. Os comunistas fortalezenses, seguindo os da Espanha, apenas expressavam um interesse: engrossar o "tufão da rebeldia" a serviço de Moscou, a viga mestra do imperialismo internacional. O periódico temia a repetição no Brasil do caos espanhol: devastações industriais, milhares de desempregados, comícios violentos e fuzilamentos. No território castelhano, a normalidade social só reestabeleceu por intermédio das inadiáveis medidas severas tomadas pelo governo central. Daí o clamor: Não à luta de classes! Sim ao colaboracionismo entre capital e trabalho! [222]

Logo, o que facilitava a investida moscovita no Brasil? – questionava *O Nordeste*. Resoluto, criminalizava o liberalismo e o regime laicista, provenientes da Constituição de 1891, por tolerarem o sovietismo. Isto se contrapunha às tradições de um país católico e alimentava a "sordidez" bolchevista; entretanto, um alento: de sul a norte ouvia-se o brado de alerta da mocidade patriótica contra a campanha "vermelha" de destruição de Deus, Pátria e Família, materializada nas palavras: "as portas do inferno não prevalecerão". Por vezes, o jornal publicou várias adjetivações a Moscou e aos comunistas brasileiros: insânia do convulsionismo da rua, rebotalho social, pescadores de água turva, materialismo

[222] Desde ontem à tarde não se move um estilete Morse, não gira um Baudot, não vibra uma onda hertziana dos Telégrafos, no país, para tráfego normal. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13 jul. 1934. Os operários da Usina Ceará declaram-se em greve: o movimento é orientado por agitadores comunistas. Fortaleza, p. 1, 6 maio 1935. Em torno da parede. Fortaleza, 9 maio 1935. Editorial, p. 1. Diferentemente d'**O Nordeste**, o jornal **Unitário** apontou como direção da greve a recém-fundada Frente Única Sindical (FUS) e não mencionou a participação dos comunistas. Durante a cobertura da parede, entre os dias 7 a 11 de maio de 1935, o **Unitário** posicionou-se ao lado dos grevistas, publicando na íntegra suas reivindicações. Na comissão executiva da FUS, atuava o jornalista Amorim Parga, que seria banido do Ceará para o Maranhão, em função de sua militância na ANL.

embrutecedor, barbaria comunista, espírito de dissolução do século, esquerda extremista, convulsionismo anárquico, gentalha, malandros de rua, agitadores profissionais das turbas, espírito de corrupção, árvore negra do mal, idiossincrasias exóticas, infiltração da onda de perversidade, báratro comunista, forças dissolventes, ideologia demolidora do comunismo e política de Robespierre.[223] Em tempo: *O Nordeste* veiculava insistentemente que a entrada do Brasil nos domínios do imperialismo comunista seria evitada, caso o Estado Getulista adotasse urgentemente condutas favoráveis a robustecer o princípio da autoridade, leia-se: implantar o "Estado forte".

Afora os cotidianos editoriais e as notícias anticomunistas, *O Nordeste* publicava narrativas de viagens à União Soviética e, dentro disso, as condições de vida do povo russo tornaram-se o foco dos testemunhos. Nestes depoimentos, o combate ao igualitarismo bolchevique sobressaiu. Semelhante a uma "ideia diabólica", a propaganda a respeito do acesso dos pobres aos bens de consumo e serviços públicos nas "terras misteriosas" da Rússia expressava um só objetivo: enganar os ingênuos. Enfim, "burla e infâmia"! Quanto ao ritmo da produção, utilizando-se de mulheres e crianças em jornada desproporcional ao biótipo de ambas, destinava-se apenas a suprir a gula do Estado russo, que esvaziara o mercado de trabalho, inteiramente.

Tal procedimento gerava uma gente andrajosa e suja, a utilizar simplórios carros cobertos de pó e lama. Enquanto a turba e os idosos passavam fome, sofrendo nas filas para obter alimentos, o governo soviético destinava aos vigiados e corajosos turistas hotéis com roupas de quarto remendadas! Isto contrastava com a era dos czares, época na qual o povo frequentava, por prazo reduzido, as hospedagens destinadas aos estrangeiros. O leninismo norteava a ferro e fogo toda a escolarização, o cinema e desmoralizava o czarismo. Os ataques aos monarcas objetivam impingir-lhes o mentiroso usufruto de hábitos burgueses e esconder o bárbaro assassinato da família real pela terrível tirania bolchevista. E as igrejas católicas ou ortodoxas? Fechadas, saqueadas, transformadas em museus e escolas antirreligiosas.[224]

Invariavelmente, os relatos de estada na União Soviética do ditador Stálin exprimiam profunda desilusão por parte dos visitantes. A "miragem comunista" sucumbia à realidade recheada de espionagem, de "escravos-operários" e de racionamento extremo de

[223] Miopia mental. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 jan. 1935. Editorial, p. 1. Formidável mistificação. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jan. 1935. Editorial, p. 1. Defesa da nacionalidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 fev. 1935. Editorial, p. 1. Em torno dos cartazes. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 fev. 1935. Editorial, p. 1. Empirismo legislativo. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 fev. 1935. Editorial, p. 1. Profanadores da Pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 fev. 1935. Editorial, p. 1. Nota destoante. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 fev. 1935. Editorial, p. 1.

[224] Como eu vi a Rússia em setembro de 1934 – Aspectos de Leningrado e Moscou (Por uma senhora portuguesa). **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 15 jan. 1935. (Originalmente, publicado pelo Diário de Pernambuco)

comida. “Não existia na Rússia, nem gato nem cachorro, porque o povo os comeu”, desdenhava uma notícia reproduzida n’*O Nordeste*. A imprensa vivia constantemente manietada e timidamente reportava-se à falta de alimentos: cada operário poderia comer no máximo, por mês, 400 gramas de carne, determinava o cartão de alimentação do governo russo. Buscava suavizar, porém, os estragos da crise soviética informando aos cidadãos das dificuldades dos países burgueses, onde os trabalhadores vivenciavam uma situação pior. O exército vermelho, fortemente equipado e composto por um milhão de homens, bem treinados, destoava dos graves problemas sociais. Viagens ao estrangeiro, nem com dinheiro existiam e ai dos ousados: morte certa na fronteira. O agravamento da crise paralisara a literatura soviética, restando ao cabo o louvor às obras de Máximo Gorki. A liberdade de culto, mera falácia, dada a interdição da propaganda religiosa, independentemente da profissão da fé. Sobrava para os assalariados a contestação silenciosa e reduzida à conformação: mas o que fazer?[225]

A governança, quer nacional ou estadual, influenciada pelo duo liberalismo-laicismo, consentindo a divulgação de boletins comunistas e pasquins anticlericais, caía em erro lastimável, avaliava *O Nordeste*. A permissividade dos governantes aos partidários de Moscou levava, inexoravelmente, à desmoralização do Estado e punha em xeque a democracia, porque a força pública se acanhava no enfrentamento aos “atos de desespero das massas bolchevizadas”, adiando a premente extirpação da “demagogia vermelha”. Por esse motivo, a governabilidade mostrava sinais evidentes de decomposição e a indisciplina campeava largamente.

Na hipótese da Revolução de 1930 perder força na regeneração do sistema nefasto oriundo da Primeira República, caberia ao povo declarar a falência das instituições, senão, projetava o jornal, o Brasil assistiria passivo ao incêndio de igrejas e aos saques dos conventos, conforme se via na Espanha. Perante tal cenário, *O Nordeste*, a despeito de apontar as oscilações do Governo federal no combate ao “inimigo do bem comum”, apoiou a proposta de Lei de Segurança Nacional enviada ao Congresso Nacional pelo presidente Getúlio Vargas, no início de 1935, e o fez imbuído do propósito de que a legislação decretaria uma repressão oportuna contra os extremistas brasileiros e propiciaria a defesa da integridade nacional. [226]

---

[225] A decepção de um simpatizante do comunismo ao penetrar na Rússia Soviética. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 6, 22 fev. 1935. (Originalmente, publicado pelo Diário de Pernambuco)

[226] Situação deplorável. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 jan. 1935. Editorial, p. 1. Em torno dos cartazes. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 fev. 1935. Editorial, p. 1. Lei de Segurança Nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 fev. 1935. Editorial, p. 1. Empirismo legislativo. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 fev. 1935. Editorial, p. 1. Insinceridade democrática. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1935. Editorial, p. 1. A atitude dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 mar. 1935. Editorial, p. 1.

Eis as opções expressas pelo *O Nordeste*, visando à proliferação do "mal dos males" naquele momento grave da vida nacional: ou robustecer o princípio da autoridade e o nacionalismo sadio ou, dentro em pouco, se teria a anarquia e a desmoralização do Estado. O chamado visava a incentivar os "soldados de Cristo" a irem à luta coesos, reproduzindo a desenvoltura exitosa da LEC na Constituinte de 1934. Assegurava o jornal que, diferentemente da Constituição de 1891, a de 1934 privilegiara a vontade do povo, valorizara os direitos da maioria e restabelecera a verdade do voto. Com isso, incorporou as principais exigências da Liga Eleitoral Católica: apoio financeiro do Estado à Igreja e às escolas católicas, educação religiosa facultativa dentro do horário escolar, proibição do divórcio e reconhecimento do casamento religioso. Embora valorizando o Texto Constitucional de 1934, *O Nordeste* identificava no regime profundos traços de frouxidão administrativa e indagava: qual era a causa principal da insubordinação contra as autoridades? Era que aqueles que mandavam, deixavam de fazê-lo em nome Deus, e eles mesmos muitas vezes se revoltavam contra as leis eternas. Acrescendo-se a isso, o órgão perseverava na observação do axioma: "agir dentro da lei". Também cobrava, persistentemente, a imediata aplicação da Lei de Segurança Nacional, promulgada a 4 de abril de 1945, notadamente contra os comunistas e os demagogos profissionais. [227]

O pânico seguia nas páginas d'*O Nordeste*, por meio do dilema: era preciso fortalecer a dignidade das instituições em proveito da Pátria, que se achava na decisiva encruzilhada: "para a direita ou para a esquerda"; "comunismo ateu ou nacionalismo cristão". Agora, a interposição cobrava dos homens públicos cearenses a suspensão dos conluios partidários, visando à eleição indireta de governador a ser efetuada no próximo 26 de maio, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. A LEC, por ter ganho os pleitos anteriores, laureada pela vontade livre do povo, exigia do PSD a primazia de designar o cabeça de chapa. Sem ajuste, cada partido lançou candidato. Por fim, o indicado da LEC, Menezes Pimentel, venceu a disputa com José Acioli (PSD).[228] Para o jornal, à medida que as agremiações digladiavam por cargos, havia o fortalecimento da "bolchevização das massas". À superação dos impasses eleitorais e da própria crise brasileira, recomendava a adoção da encíclica *Rerum Novarum*, a doutrina social da Igreja sobre a condição dos operários, do Santo Padre Leão XIII, proclamada em 15 de maio de 1891. A ofensa aos preceitos de Leão XIII e, por

[227] Teríamos a anarquia.... **O Nordeste**, Fortaleza, 9 jan. 1935. Editorial, p. 1. Ação e Oração. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 jan. 1935. Editorial, p. 1. Insinceridade democrática**. O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1935. Editorial, p. 1. Dentro da Lei. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 abr. 1935. Editorial, p. 1. A Paz do Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 abr. 1935. Editorial, p. 1.

[228] Encruzilhada decisiva. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 maio 1935. Editorial, p. 1.

extensão, o desrespeito às lei divinas representavam as origens das cizânias nacionais, por conseguinte:

> O liberalismo econômico dava lugar aos abusos da ditadura capitalista e o socialismo anticristão ia ter, como consequência inevitável da sua evolução, no comunismo marxista, aniquilador de todos os valores morais da vida. Do alto do Vaticano, o Papa percebeu os gravíssimos perigos que ameaçavam o nosso século e, sem demora, deu a publicidade um diploma doutrinal acerca dos problemas sociais em foco, à luz da Fé e da Moral.[229]

A primeira alusão à Aliança Nacional Libertadora (ANL) feita pelo jornal *O Nordeste* resumiu-se a tachá-la de sociedade esquerdista e a zombar da composição do grupo, formada por interventores derrotados – Herculino Cascardo (Rio Grande do Norte, de julho de 1931 a fevereiro de 1932), Augusto Maynard Gomes (Sergipe, novembro de 1930 a março de 1935) e Aristilano Ramos (Santa Catarina, abril de 1993 a abril de 1935); porém, com a ampliação política da ANL, o órgão arquidiocesano mudou sua análise acerca do aliancismo e o denunciou como subvencionado pelo "ouro de Moscou".

Nacionalmente, de março a julho de 1935, foram criados cerca de 1.100 núcleos da frente popular, que atuavam em 17 estados, 300 cidades e em pontos populacionais importantes. Nas fileiras da ANL, reuniram-se mais de um milhão e quinhentos mil ativistas (KOVAL, 1982, p. 296). No Ceará, a ANL-CE, ao manifestar apoio ao interventor cearense, coronel Felipe Moreira Lima, denunciou o predomínio dos "reacionários" da LEC. Os aliancistas locais saudaram Moreira Lima antes mesmo do lançamento oficial da agremiação em Fortaleza, que, segundo o jornal *O Povo*, congregou cerca de dez mil pessoas, aclamado "delirantemente" o nome de Luiz Carlos Prestes, no Teatro José de Alencar. E mais: "no Ceará, quase todos os moradores apoiam a Aliança... O Entusiasmo das massas é incomum" – informou o PCB-CE ao comando nacional aliancista (KOVAL, 1982, p. 297).

Então, *O Nordeste* formulou o diagnóstico-padrão acerca da ANL: estabelecer no Brasil o perverso regime soviético, a "ditadura sobre o proletariado". Vitoriosa, a frente popular brasileira ajudaria a alargar, por toda a América do Sul, o imperialismo vermelho. Complementando a identificação do objetivo aliancista, o diário católico advertiu aos fiéis: "nem nacional, nem libertadora"! Nenhum católico em hipótese alguma, poderia filiar-se a um movimento em torno de Luiz Carlos Prestes, delegado da Rússia, entre nós, como ele próprio se denominava, sem cerimônia![230]

---

[229] Grande data. **O Nordeste,** Fortaleza, 15 maio 1935. Editorial, p. 1.

[230] A Aliança Libertadora Nacional e os interventores derrotados. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 6 maio 1935. Manifestação de apoio ao Cel. Moreira Lima. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 8 abr. 1935. Aliança Nacional Libertadora. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 23 maio 1935. A derrota de Moscou e a ANL. **O Nordeste,** Fortaleza, 3 jun. 1935. Editorial, p. 1.

Belicoso, *O Nordeste* delineava a conjuntura pró-Aliança Nacional Libertadora: falseamento do princípio da autoridade, ineficácia da recém-aprovada Lei de Segurança Nacional e predomínio do liberalismo, subsidiando o "vírus do mal" contra Deus, Pátria e Família! Firme, o periódico estabelecia maniqueísmos: ou a experiência comunista da ANL, com pavoroso aviltamento do homem ou recorrer ao vitorioso Cristianismo, o único defensor inflexível de todos os valores essenciais à vida. Ou cruzar os braços na hora do perigo decisivo para a nacionalidade ou lutar com o sacrifício da própria vida. Do lado da pátria ou a serviço de Moscou. Num canto, o internacionalismo vermelho a tentar demolir as reservas morais da civilização cristã e a buscar conquistar territórios avidamente, a propaganda bolchevista que mentia ao proletariado e que devia horrorizar os nossos patrícios, os excessos do amor livre, o "comunismo de Freud", o despotismo de Stálin, a tese materialista dos sovietes, a ignomínia de uma concepção "zoológica" da vida, a "flâmula encarnada do anticristianismo de Luiz Carlos Prestes", simbolizada na foice e no martelo; doutro, a reação nacionalista consubstanciada numa "frente única à barbaria tártara", a Terra de Santa Cruz e a integridade moral e territorial do Brasil.[231]

Reforçando as censuras à ANL – disfarce nacionalista para o comunismo, anjo torto do operariado brasileiro, lobo vestido com pele de ovelha, tecla do anticlericalismo – *O Nordeste* desancava a "escola sem Deus" da URSS e a "pedagogia liberticida" do Sr. Anísio Teixeira, secretário da Educação e Cultura, na cidade do Rio de Janeiro, administrada pelo prefeito Pedro Ernesto Batista, adjetivado de socialista humanitário. Ambas baseavam-se em um marxismo caótico a praticar "hostilidade satânica", cujo resultado levaria a toda sorte de "anomalias físicas" e ao crescimento da criminalidade juvenil. A propósito, frisava o órgão, antecipando-se à corrupção do alunato, Stálin decretara pena de morte para crianças de 12 anos, dado que o laicismo escolar provocara na "ditadura vermelha" a falência do Direito e esgotara as regras imperativas da Moral. No Brasil, a reação nacionalista, extinguindo a liberal-democracia, estancaria o crescimento duma "geração de libertinos" à mercê da ideologia de Moscou. Com isto, o país livrar-se-ia de sofrer a escravidão do imperialismo soviético e impediria o ensino ateu de arrastar a nação ao caos comunista, onde proliferavam uma pedagogia irracional, a aniquilação da sociedade doméstica, o desrespeito à autoridade e o trucidamento do ideal divino.[232]

---

[231] A lógica do erro. **O Nordeste,** Fortaleza, 12 jun. 1935. Editorial, p. 1. A grande confusão. **O Nordeste,** Fortaleza, 15 jun. 1935. Editorial, p. 1.

[232] Reação nacionalista. **O Nordeste,** Fortaleza, 14 jun. 1935. Editorial, p. 1. Pêsames expressivos. **O Nordeste,** Fortaleza, 21 jun. 1935. Editorial, p. 1. Tirania espiritual. **O Nordeste,** Fortaleza, 26 jun. 1935. Editorial, p. 1. Arregaçando as mangas. **O Nordeste,** Fortaleza, 29 jun. 1935. Editorial, p. 1.

Uma das críticas vigorosas d'*O Nordeste* à ANL reprovou inteiramente o programa da "onda vermelha" ao sabor de Luiz Carlos Prestes, o mais destacado dos agentes internacionais de Moscou na América do Sul. O Brasil, indiferentemente do liberalismo irracional, afastava-se bastante da URSS. Aqui, nestas plagas civilizadas por José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, pereceriam, em nome de Deus, "as sementeiras do anticristianismo mongol".[233] O lema aliancista – pão, terra e liberdade – jamais contagiaria as "turbas" brasileiras, porque, neste trecho da livre América, a civilização rejeitaria a "barbaria do anticristianismo tártaro". Acima do interesse material, estariam os maiores ideais da vida – DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA!

Para *O Nordeste*, o cancelamento da dívida externa proposto pela ANL seria o ponto de partida de uma sequência de procedimentos drásticos no território brasileiro: o confisco das indústrias, o açambarcamento das propriedades alheias, a repartição da terra, a abolição dos tributos e a anulação das dívidas dos agricultores, ou seja, ninguém pagaria a ninguém! Tudo isto concitando às massas: "vós que nada tendes que perder e a riqueza imensa do Brasil a ganhar". Apoiando-se num decreto de 26 de dezembro de 1934 de Stálin reconhecendo a existência de milhares de miseráveis entre os *kolkhozes*, em razão do flagelo da seca e contando com o auxílio das nações burguesas à URSS, o órgão questionou: podem os "emancipados" do comunismo viveram a expensas dos "escravos" do capitalismo?[234]

Num conjunto de matérias denominadas – "Comunismo prático e advertência necessária. Cearenses: sentido!" – no qual evidenciou os malefícios do "chicote dos judeus", *O Nordeste* alongou-se na reprimenda ao modelo de Estado da ANL, ou melhor, da "Aliança Internacional Escravizadora". O tripé (religião, família, propriedade) formatou a sequência de admoestações ao "comunismo prestista". A lábia aliancista persistia na engabelação, quer explorando a ingenuidade do sertanejo, quer ludibriando o cidadão da capital (médicos,

---

[233] Manifesto-programa de lançamento da ANL (VIANNA, 1995, p. 283-284): "A Aliança Nacional Libertadora tem um programa claro e definido. Ela quer o cancelamento das dívidas imperialistas; a nacionalização das empresas imperialistas; a liberdade em toda a sua plenitude; o direito do povo manifestar-se livremente; a entrega dos latifúndios ao povo laboriosos que os cultive; a libertação de todas as camadas camponesas da exploração dos tributos feudais pagos pelo aforamento, pelo arrendamento da terra etc. a anulação total das dívidas agrícolas; a defesa da pequena e média propriedade contra a agiotagem, contra qualquer execução hipotecária. Diminuindo todos os impostos que pesam sobre nossa população laboriosa e com isso baixando o custo de vida e desafogando o comércio; Aumentando os salários e ordenados de todos os operários, empregados e funcionário; Desenvolvendo em enorme escala a instrução e protegendo realmente a saúde pública. Queremos uma Pátria livre! Queremos o Brasil emancipado da escravidão imperialista!"

[234] Atividades subversivas. **O Nordeste,** Fortaleza, 3 jul. 1935. Editorial, p. 1. A garantia da ordem. **O Nordeste,** Fortaleza, 5 jul. 1935. Editorial, p. 1. Biombo transparente... **O Nordeste,** Fortaleza, 11 jul. 1935. Editorial, p. 1. Movimento de massas. **O Nordeste,** Fortaleza, 12 jul. 1935. Editorial, p. 1. Chamadas de capa das edições dos dias 9, 10, 12 jul. 1935. De acordo com Daniel Aarão Reis Filho (1997, p. 115-116), K*olkhozes*: cooperativas de camponeses formadas em fins de 1929 na URSS em decorrência da coletivização forçada da terra.

engenheiros, advogados, oficiais etc.), tudo em prol de retirar a liberdade do brasileiro e transformá-lo em "escravo do estrangeiro". A revogação da propriedade privada possibilitou aos dirigentes do Estado russo assenhorearem-se das terras, indústrias, bancos e comércio a seu bel-prazer e a resistência à apropriação estatal desmontava-se com um tiro na nuca dos audaciosos.

O "bolchevismo judeu" arrancara a representação de Deus da alma do povo soviético recorrendo à destruição das igrejas, à "animalização" das imagens divinas e com aulas de ateísmo às crianças. E a família? Destruída graças à implantação do divórcio, à cassação dos direitos dos pais na educação dos filhos, ao incremento das habitações coletivas, eliminando a privacidade dos lares e a proliferação do amor livre. O "imperialismo judeu" alcançara níveis de horror, continuava o jornal: o operário vale menos do que um porco, a elite pensante fora chacinada e, quanto aos militares czarista convertidos ao bolchevismo, após consolidarem a governança revolucionária, foram exterminados. Nos regimentos do exército bolcheviques, vigorava o adágio: a menor falta, um botão desabotoado do dólman, provocava rápida eliminação.[235] (Abaixo, noticiário anticomunista).



Disse o sr. Carlos Prestes, chefe ostensivo da Alliança Libertadora, no seu manifesto, ultimamente divulgado na imprensa communista: — "Vós que nada tendes que perder e a riqueza immensa do Brasil a ganhar!" . . .
Ahi está todo o sentido do "movimento de massas" pseudo-nacionalista . . . Frente unica dos que nada têm que perder, segundo a propria confissão do autorizado representante do imperialismo da U. R. S. S. na America do Sul.

ANNO XIV — N. 3.940 Fortaleza, (Ceará-Brasil) sexta-feira, 12 de julho de 1935.

O Nordeste

O DIARIO DE MAIOR ASSIGNATURA NO ESTADO — JORNAL COMPOSTO EM LINOTIPOS

TODO poder vem de Deus! Para o que manda, ahi está a unica justificativa do mando; para o que obedece, o unico fundamento da obediencia.

Andrade Bezerra

MOVIMENTO DE MASSAS...

PARA as responsabilidades da orientação de uma campanha civica, a primeira coisa a exigir é a idoneidade pessoal dos chefes. Ainda que a pregação doutrinaria se revista de uma concepção louvavel, faz-se mister confiança

até as crianças, desde que attinjam o uso da razão, ficam sujeitas a pena de morte?

Num decreto de 26 de dezembro de 1934, a dicta dura de Staline reconhece que "por motivo de secca", existe entre os "kolsecho-

O ministro da educação vae construir a Cidade Universitaria

RIO, 12 (R.) — O sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saú-

Está em Fortaleza o Superior dos Jesuitas

COMMUNISMO PRATICO E ADVERTENCIA NECESSARIA

Cearenses: sentido!

FIGURA 7 – Prestes e o imperialismo da URSS
Fonte: **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 12 jul. 1935.

Marly Vianna responsabilizou o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, e o seu proprietário, Roberto Marinho, pela ofensiva final do governo Vargas contra a ANL. O

[235] Comunismo prático e advertência necessária. Cearenses: sentido! **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1; 12, 13, 15, 18 jul. 1935.

periódico carioca noticiou, no dia 26 de junho de 1935, em duas edições, a descoberta de um plano subversivo visando à imediata sovietização do Brasil, do Uruguai e da Argentina, simultaneamente. A historiadora classificou de farsa a veiculação desta notícia e qualificou o conteúdo do plano de grosseiro (VIANNA, 1992, p. 132-133). *O Nordeste* reportou-se ao material divulgado pelo *O Globo* em duas edições, nos dias 4 e 9 de julho de 1935. Na primeira, ocupando praticamente metade da página três, reproduziu na íntegra o "Plano de uma revolução comunista no Brasil" e comentou seus malefícios no editorial "Pela dignidade nacional". Na segunda, no editorial "Deus o quer!", saudou o jornalista Roberto Marinho por ter denunciado as artimanhas dos bolchevistas.

Nos editoriais e na reprodução do plano feitas pelo *O Nordeste*, a identificação do objetivo do imperialismo soviético: reproduzir no Brasil o "ódio dos aliancistas espanhóis", que utilizaram toneladas de explosivos para demolição de igrejas, hospitais, fábricas, usinas, ficando tudo reduzido a um montão fumegante. Disso redundou o esmagamento das forças espirituais, debaixo da brutalidade do "tacão marxista". Nos editoriais, a sugestão-mor de aniquilamento da expansão internacionalista dos "judeus de Leningrado": a vitória do nacionalismo à semelhança dos regimes comandados por Dollfuss, Hitler, Mussolini e Salazar.

Na reprodução do "Plano de uma revolução comunista no Brasil", *O Nordeste* destacou em maiúsculo alguns pontos. Começou enfatizando o porvir COMUNISTA da revolução político-social a ser deflagrada, em breve e os cuidados na execução do intento: AGRADAR AS MASSAS. Isto ocorreria burlando os incautos com a adoção de uma DOUTRINA APARENTE, na qual sairia qualquer menção ao internacionalismo e a palavra COMUNISMO, entrando o cunho nacionalista da rebelião, com a utilização de armas de sedução: O NÃO PAGAMENTO DAS DÍVIDAS EXTERNAS, NACIONALIZAÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTES, GUERRA AO IMPERIALISMO E FASCISMO ETC.

O sucesso estaria vinculado à capacidade das células comunistas de permanecerem na VIDA SECRETA, uma vez que a duração RÁPIDA E VIOLENTA caracterizaria a primeira fase do golpe e de obedecerem em uníssono a ORDEM OPORTUNA de levantar-se contra o governo. A consecução do assalto ao poder requereria um GOLPE TÉCNICO com o pleno controle dos CENTROS ELÉTRICOS, dos TELÉGRAFOS e das estações de rádio, utilizando-se de BOMBAS. A qualquer reação governista, os revoltosos deveriam se passar por LEGALISTAS BURGUESES, PRENDER OU MATAR OS ADVERSÁRIOS; nas forças armadas, FUZILAR OS OFICIAIS NÃO COMUNISTAS, de preferência NAS PORTAS DE SUAS CASAS OU INVADINDO-LHES OS DOMICÍLIOS.

Fechando a empreitada, as tropas rebeldes com metralhadoras AMEDRONTARÃO A POPULAÇÃO, obrigando-a a se recolher aos domicílios, esvaziando ruas, praças, avenidas e ENTOCANDO A BURGUESIA.[236]

O Nordeste noticiou com entusiasmo o decreto nº 229, de 11 de julho de 1935, do governo Vargas, cassando a ANL. Reportando-se à efetivação do ato federal em Fortaleza, o jornal elogiou a rapidez do chefe de polícia do Ceará, tenente Manoel Cordeiro Netto, no desmonte da "sucursal da URSS". O militar e seus auxiliares (o 2º delegado da Capital, dr. Magdaleno Girão Barroso, o delegado dr. Antônio Barros e o inspetor Carmo) lacraram às 22 h, do dia 13 de julho, num sábado, a sede da associação e recolheram documentos, anotações, livros de atas e um fichário detalhando a filiação de servidores federais e estaduais ao aliancismo.

O empastelamento da ANL reforçou o princípio da autoridade e, momentaneamente, estancou a propaganda a serviço do imperialismo soviético. Era, no entanto, preciso avançar! Clamava o periódico. De imediato, tornava-se imprescindível expulsar inteiramente do serviço público os funcionários pagos por Luiz Carlos Prestes, com o dinheiro de Moscou. Semeando pavor, *O Nordeste* denunciou, baseando-se em informações colhidas junto ao comando da polícia militar pernambucana, as negociações, bem avançadas, entre os aliancistas e Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião. O plano incluía saques a engenhos e fazendas no interior de Pernambuco e ao comércio de Mossoró e Assu, cidades do Rio Grande do Norte.[237]

Concomitante aos aplausos d'*O Nordeste* à repressão aos militantes da Aliança Nacional Libertadora, em Fortaleza, materializada em punição, detenção, transferência, deportação ou prisão, os jornais *O Povo* e *Unitário*, autodenominados republicanos e liberal-democratas, noticiavam frequentemente as arbitrariedades do chefe de polícia do Ceará, tenente Cordeiro Netto.[238] Na visão dos oponentes d'*O Nordeste*, a conduta do aparato

---

[236] As expressões em letras maiúsculas reproduzem a publicação original do jornal.

[237] Numa carta apreendida pela polícia pernambucana... **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 11 jul. 1935. Decretado o fechamento da Aliança Libertadora e designado o Sr. Cascardo para uma "começa" no estrangeiro. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 13 jul. 1935. O fechamento da Aliança Libertadora, em Fortaleza. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 15 jul. 1935. Repressão ao comunismo – Medidas tomadas pela polícia. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 17 jul. 1935. A maioria parlamentar ao lado do comunista Carlos Prestes – a débil democracia e a sua politicagem dissolvente. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 19 jul. 1935. O caso da Aliança. **O Nordeste,** Fortaleza, 17 jul. 1935. Editorial, p. 1.

[238] O 1º Catálogo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel (1998), assim descreve o **Unitário** (p. 14): "Fundado por João Brígido em 8 de abril de 1903, para combater a oligarquia aciolina. Com a derrubada desta, passou a fazer oposição ao governo do Presidente Franco Rabelo. Em 26 de janeiro de 1914 foi o UNITÁRIO destruído por uma malta de desordeiros. Suspendeu sua publicação em 1918, voltando a circular em 16 de fevereiro de 1935, para logo desaparecer. Em 9 de janeiro de 1938, iniciou sua 3ª terceira e atual fase e em 1940 foi encampado pelos Diários Associados."

repressivo a mando do governador Menezes Pimentel reproduzia hábitos inerentes à polícia-política, agia a serviço da politicagem, da "conjura de padres" e do Integralismo.[239] Ambos, por corriqueiramente noticiarem as atividades da ANL, foram denunciados n'*O Nordeste* de conluiados com Moscou.

O periódico arquidiocesano enquadrava-os na premissa: o sistema liberal levava necessariamente ao bolchevismo; entre os dois caminhos, seguia-se à direita, sempre! Nas respostas às incriminações, *O Povo* e *Unitário* negavam peremptoriamente qualquer vinculação à União Soviética e censuravam a opção da Liga Eleitoral Católica por governos fascistas, estes sim imperialistas, e por desenvolver campanha abertamente pró-Integralismo, cuja plataforma, qualificada de extremista, almejava brevemente desencadear o assalto ao poder, implantando uma ditadura no Brasil. Transcorrendo o debate, *O Povo* e o *Unitário* inverteram o vetor e imputaram ao jornal *O Nordeste*, dirigido pelo juiz eleitoral, Andrade Furtado, a pecha de comunista e de explorador da religião católica.[240]

O banimento do Ceará, para o Maranhão, de Amorim Parga, secretário da ANL/CE, jornalista, acadêmico de Direito, membro da comissão executiva da Frente Única Sindical, na madrugada do dia 4 de julho, precedendo o fechamento nacional da ANL, antagonizou os jornais citados. *O Nordeste* absteve-se de comentar o episódio no instante da sua efetivação, mencionou-o posteriormente e, ao justificá-lo, acusou Parga de ser extremista, subversivo e agitador com antecedentes desabonadores. Contrariados, *O Povo* e o *Unitário* caracterizaram a deportação de sumária, torpe e ao arrepio da Lei de Segurança Nacional, pois o aliancista fora preso arbitrariamente, ao bel-prazer da repressão, na noite do dia 3 de julho, por volta de 21 h, no centro de Fortaleza, distribuindo convocatórias para ato da ANL, no dia 5 julho, data-símbolo dos levantes tenentistas de 1922/1924, e levado imediatamente a bordo do paquete Almirante Jaceguay, sem sequer passar no Centro Estudantal Cearense, local de

---

[239] O primeiro Degrau de uma Perfídia. **O Povo**, Fortaleza, 9 jul. 1935. Editorial, p. 1. O Governo central e a Interpelação na Câmara. **O Povo**, Fortaleza, 24 jul. 1935. Editorial, p. 1. Governo extremista. **O Povo**, Fortaleza, 26 jul. 1935. Editorial, p. 1. O Nordeste a Serviço da Politicagem. **O Povo**, Fortaleza, 30 jul. 1935. Editorial, p. 1. Religião, Política e Extremismo. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 5 ago. 1935. Incongruência do Integralismo. **Unitário**, Fortaleza, 5 jun. 1935. Editorial, p. 1. Política Integralista. **Unitário**, Fortaleza, 11 jun. 1935. Editorial, p. 1. A Inquisição Cearense. **Unitário**, Fortaleza, p. 1, 2 jun. 1935. Polícia-Política. **Unitário**, Fortaleza, 1 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ditadura policial. **Unitário**, Fortaleza, 2 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ditadura policial e regime de calabouço. **Unitário**, Fortaleza, 3 ago. 1935. Editorial, p. 1. Defesa e "defesas". **Unitário**, Fortaleza, 4 ago. 1935. Editorial, p. 1. Fiel da balança. **Unitário**, Fortaleza, 7 ago. 1935. Editorial, p. 1. A situação. Chama... minha filha, antes que te chamem. **Unitário**, Fortaleza, 8 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ação católica. **Unitário**, Fortaleza, 27 ago. 1935. Editorial, p. 1.

[240] O extremismo no Brasil. **O Nordeste,** Fortaleza, 31 jul. 1935. Editorial, p. 1. O Governo do Estado e a Aliança Libertadora. **O Povo**, Fortaleza, 17 jul. 1935. Editorial, p. 1. O Partido Político do Governo. **O Povo**, Fortaleza, 24 jul. 1935. Editorial, p. 1. Pegado pela Gola. **O Povo,** Fortaleza, 24 ago. 1935. Editorial, p. 1. A situação. **Unitário**. Fortaleza, 7 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ação católica. **Unitário**. Fortaleza, 27 ago. 1935. Editorial, p. 1.

sua residência. O jornal *Unitário* evidenciava a diferença de tratamento do aparato policial para com aliancistas e integralistas. Aos primeiros, o arbítrio, desrespeitando um agrupamento legal e de personalidade jurídica; aos últimos a plena liberdade, apesar de seu patente caráter golpista. Na opinião d'*O Povo*, o violento degredo de Amorim Parga e outras práticas congêneres incentivavam a proliferação do extremismo de direita. E isto carecia de um basta![241]

Novamente uma deportação sumária do Ceará para a Bahia, executada pela Chefatura de Polícia, obediente às ordens do tenente Cordeiro Netto, indispôs os jornais *O Povo* e *O Nordeste*. A vítima, Araken Silva, ex-inspetor de segurança, embora concursado, fora exonerado do cargo pelo governador Menezes Pimentel. *O Nordeste*, noticiando o banimento, informou que Silva prestara serviços ao governo de Felipe Moreira Lima. A própria administração Moreira Lima inimizara os periódicos: o católico, ferrenho crítico; o outro, pertinaz defensor. O desterrado, alegava *O Povo*, similar ao de Amorim Parga, viajara com a roupa do corpo e privado de dinheiro. Araken Silva caíra prisioneiro, após comparecer ao embarque do senhor João Cabanas, dirigente nacional da ANL, de passagem pela capital cearense.

O Povo, alegando afronta à constitucionalidade e a Lei de Segurança Nacional, expôs a ocorrência, descrevendo-a de possível acerto de contas do coronel Cordeiro Netto com Araken Silva. Redimensionando o achaque policial, *O Povo* destacou uma singularidade da administração Menezes Pimentel: a transformação de seus adversários de outrora, entre eles, os filiados ao PSD em aliancistas, para justificar a violência policial e as demissões no serviço público. Abordando o banimento de Araken Silva, *O Nordeste* teceu vivas ao Chefe de Polícia, visto ter livrado definitivamente o Ceará de um agitador subversivo e hábil na articulação com os núcleos da ANL-CE. No fecho da notícia, *O Nordeste* informou, em tom ameaçador, da existência de uma lista, contendo nomes de vários servidores federais, passível de investigação policial, brevemente.[242]

Desta feita, a frustrada transferência do capitão Valter Pompeu de Fortaleza para Cruz Alta/RS, motivou as desavenças envolvendo *O Nordeste*, defensor da legalidade e os

---

[241] Em torno da deportação de um aliancista. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 11 jun. 1935. Medida violenta da Polícia cearense. O Governo do Ceará e o Extremismo da direita. **O Povo,** Fortaleza, p. 1, 4, 10 jul. 1935. O primeiro Degrau de uma Perfídia. **O Povo,** Fortaleza, 9 jul. 1935. Editorial, p. 1. O caso arbitrário da prisão e deportação do jornalista Amorim Parga. **Unitário**, Fortaleza, p. 1, 5 jul. 1935.

[242] O Fechamento dos Núcleos aliancistas. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 15 jul. 1935. O Governo do Estado e a Aliança Libertadora. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 17 jul. 1935. Repressão ao comunismo. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 17 jul. 1935.

jornais *O Povo* e o *Unitário*, contrários à remoção.[243] Os antagonistas do órgão clerical responsabilizaram o "integralista" Menezes Pimentel pela politicagem contra o militar, excluído do território cearense antes de completar o tempo mínimo de permanência, conforme o regulamento das forças armadas. Por isso, a súbita mudança domiciliar era posta na conta da quebra disciplinar. Indo fundo na querela, o *Unitário* ampliou o rol dos culpados e incluiu lecistas proeminentes: o senador Waldemar Falcão, que telegrafou para o ministro da Justiça, Vicente Rao, exigindo a expulsão de Pompeu, o deputado federal Olavo Oliveira e o secretário estadual do Interior e Justiça, José Martins Rodrigues.

Sempre reconhecendo as fortes ligações de Valter Pompeu com ANL, desde o ato inaugural, quando fizera o discurso de instalação, *O Povo* e *Unitário* esmeravam-se na defesa do oficial: traído por Menezes Pimentel, seu ex-professor na Faculdade de Direito; aluno da Escola Militar, em 1922, revoltando-se contra a tirania de Epitácio Pessoa; preso nas masmorras de Artur Bernardes; no ano de 1932, aliou-se aos legalistas na Revolução Constitucionalista, em São Paulo; membro da Academia Cearense de Letras, autor da valiosa obra Ceará Colônia; ex-professor do Colégio Militar; aliancista ausente dos comícios, que respeitava a hierarquia da caserna.

A punição ao capitão Valter Pompeu, para *O Povo*, tratava-se de facciosismo governista e de excesso de repressão à ANL; para o *Unitário*, representava uma prática de ditadura policial e do "jesuitismo governamental" dominante no Ceará. E, para *O Nordeste*, a justa punição aos adeptos do imperialismo soviético. Ao publicar editoriais favoráveis à pena ao militar, *O Nordeste* cobrava das autoridades constituídas a adoção de preventivas objetivando aniquilar o extremismo bolchevista. Isoladamente, a repressão seria insuficiente em razão da ousadia do inimigo. Cônscio do perigo à vista, o jornal clericalista publicou informes, colhidos junto à polícia paranaense, alertando a respeito da neutralização de uma revolta visando a apear os governantes do Pará, Maranhão e Ceará, semelhante àquele evitado pelo capitão Filinto Müller, em julho passado, na Capital federal. Daí o aviso: essas veleidades de cunho subversivo um dia se concretizarão em realidades "sangrentas", por motivo da inoperância dos poderes públicos. Dentre as precauções a serem tomadas velozmente, houve a sugestão de retirar dos cargos de alta responsabilidade pública os suspeitos de tramar contra a segurança nacional. As demissões sumárias explicavam-se pelo fato d'*O Nordeste* constatar a necessidade imperiosa de as instituições conterem a subversão

[243] **O Povo**, em sua edição de 14 de setembro de 1935, informou que o capitão Valter Pompeu acabou ficando no Rio de Janeiro, capital federal, na condição de adido ao Ministério da Guerra.

revolucionária, em crescimento vertiginoso. Tudo isto causado pelos resquícios da liberal-democracia provenientes da Constituição de 1891.[244]

O *Unitário* relatou a tentativa de deportação de três operários residentes em Fortaleza: Lindolpho Pessoa, Adauto Nascimento e Luís Custódio. Acusados de filiação à ANL, os trabalhadores foram presos de surpresa, à noite, na praça do Ferreira, centro de Fortaleza, e levados a bordo do paquete Santos. Ao embarcá-los, os policiais sofreram um enorme revés e manifestando a convicção ("para se deportar todos os aliancistas seria necessário botar fora do Brasil a maior parte dos brasileiros"), o comandante da embarcação, angariando o apoio dos comissários e dos passageiros, frustrou os emissários do tenente Cordeiro Netto.

Narrando o malogro dos secretas, o *Unitário* considerou a polícia cearense a mais fiel cumpridora da perseguição ao "grande e monstruoso perigo" comunista e deslegitimou a empreitada capitaneada por Filinto Müller, desde julho de 1935. A descoberta do suposto ataque bolchevique adviera das investigações comandadas por Müller, ao obedecer a ordens do ministro Vicente Rao, do presidente Getúlio Vargas e de Armando Sales, governador de São Paulo. A pretensa ofensiva moscovita, no entanto, simplesmente se tratava dum ardil, que fora recolhido nos "velhos arquivos secretos" da polícia carioca, cuja elaboração originara-se na própria corporação, na gestão de Coriolano Góes à frente da Chefia de Polícia do Distrito Federal, na Presidência de Washington Luis.[245]

O *Unitário* considerava o fechamento da ANL e o pavor contra os comunistas uma manobra a serviço de Getúlio Vargas: amedrontar a população e criar um ambiente terrorista, capaz de desviar a atenção nacional a fim de possibilitar a captação de novos empréstimos no Exterior, mediante a penhora das últimas reservas naturais do País, salvando a Nação da bancarrota geral. Saindo do econômico, dar-se-ia a execução da tenebrosa obra de redução das liberdades populares. No âmbito estadual, submissas ao comando do governador Menezes Pimentel, eleito pela LEC, em maio de 1935, ocorreria o fortalecimento da reação

---

[244] O governo, o Integralismo e a Aliança Libertadora. **O Povo**, Fortaleza, p. 8, 27 jul. 1935. A transferência do Capm. Valter Pompeu. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 29 jul. 1935. Gente malvada...A transferência do Capitão Valter Pompeu e a Culpa do Governo do Estado. **O Povo**, Fortaleza, 1 ago. 1935. Editorial, p. 1. O Capitão Valter Pompeu ao Povo Cearense. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 17 ago. 1935. Atacado pelas costas. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 20 ago. 1935. Mentiras e Perfídias. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 22 ago. 1935. Foi transferido o capitão Valter Pompeu. **Unitário**, Fortaleza, p. 3, 28 jul. 1935. Polícia-Política. Ditadura policial. **Unitário,** Fortaleza, 1 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ditadura policial e regime de calabouço. **Unitário,** Fortaleza, 2 ago. 1935. Editorial, p. 1. Defesa e "defesas"! **Unitário,** Fortaleza, 3 ago. 1935. Editorial, p. 1. O cérebro é livre. **Unitário,** Fortaleza, 20 ago. 1935. Editorial, p. 1. "O POVO" e a propaganda aliancista. **O Nordeste,** Fortaleza, 21 ago. 1935. Editorial, p. 1. O extremismo no Ceará. **O Nordeste,** Fortaleza, 22 ago. 1935. Editorial, p. 1. "O Povo" e os ideais libertadores. **O Nordeste,** Fortaleza, 23 ago. 1935. Editorial, p. 1.

[245] Para se deportar todos os aliancistas seria necessário botar fora do Brasil a maior parte dos brasileiros. **Unitário,** Fortaleza, p. 3, 17 ago. 1935.

"plutocrata" em detrimento das massas sofredoras. Assim, o Ceará tornava-se a maior vítima da mais "hedionda camorra", a "camorra clerical fascista", segundo palavras do antecessor de Pimentel, coronel Felipe Moreira Lima, divulgadas pelo *Unitário*. Da manobra participavam os jornais de Assis Chateaubriand e Roberto Marinho, hábeis em criar uma atmosfera de alarme: a Rússia tomaria conta do Brasil, se a ANL vencesse! Ou, de qualquer forma, era preciso salvar o Brasil das garras daqueles "bárbaros" asiáticos! A artimanha, ao capricho de Vargas, Rao, Filinto Müller e Armando Sales, ponderou o *Unitário*, alavancava o Integralismo, contumaz aliciador de pessoas e comprador de armas, embora o presidente Vargas, o "campeão do bom humor", o definisse de ingênua brincadeira de moços irrequietos, e que o sr. Plínio Salgado era um pobre sonhador desequilibrado.[246]

Argumentando: queria *O Povo* que um agitador de massas, declarado membro da Aliança Libertadora do Sr. Carlos Prestes, continuasse sem menor punição a exercitar em nosso meio o seu apostolado vermelho?, *O Nordeste* explicou a remoção de Luis Brígido, ardoroso opositor da LEC, diretor do jornal *Unitário*, funcionário dos Correios e Telégrafos, de Fortaleza para Natal/RN. Em artigo publicado no *Unitário*, Luis Brígido criticou veementemente Pimentel, os padres reacionários, os autores da torpeza que o vitimara, contudo advertiu: o exílio jamais o derrotaria, vide, o êxito obtido ante a José de Matos Peixoto, governador destituído pela Revolução de 1930, responsável por transferi-lo infrutiferamente para Vitória/ES, por contrapor-se à mesma politicagem, exercitada por Pimentel.

Os periódicos solidários a Brígido qualificaram a transferência de deportação sumária, inculparam o governador Menezes Pimentel por sua execução e, quanto à pecha de aliancista atribuída ao jornalista, simplesmente a ignoraram. Noutros lecistas recaíram a autoria do golpe de força contra o *Unitário*: Waldemar Falcão, Olavo Oliveira, Edgard Arruda e José Martins Rodrigues, mas na pessoa de Andrade Furtado, editor d'*O Nordeste* e juiz eleitoral, houve a maior carga. Furtado foi alcunhado de: orientador de jornal comunista, integralista juramentado, explorador da religião de Cristo, satanás travestido de cristão e judeu do Banco São José (diga-se: o Banco São José pertencia à Arquidiocese de Fortaleza; Furtado ocupava a Presidência da instituição).[247]

---

[246] Idem.

[247] A história se repete. Traindo seu democratismo. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 3, 4 set. 1935. A Remoção do Diretor do "Unitário". **O Povo**, Fortaleza, 3 set. 1935. Editorial, p. 1. A escandalosa remoção do jornalista Luís Brígido. **Unitário**, Fortaleza, p. 1, 4 set. 1935. A infâmia da "Gaveta". **Unitário**, Fortaleza, p. 3, 4 set. 1935. A polícia e o juiz Andrade Furtado. **Unitário**, Fortaleza, p. 3, 4 set. 1935. Covarde e vendido. **Unitário**, Fortaleza, p. 3, 4 set. 1935.

Neste embate contra *O Nordeste*, o jornal *Unitário* criticou uma autoridade ainda preservada e intensificou a conhecida repulsão ao Integralismo. Do arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, o *Unitário* cobrou ação no sentido de largar a cegueira e enquadrar Menezes Pimentel e os quatro ou cinco sacripantas a serviço do governador. Dom Manuel jamais poderia ter envolvido a religião nas lutas políticas, separando homens de um mesmo credo, em nome da Cruz, símbolo do amor de Deus e não arma de destruição. Nunca deveria ter-se guiado pelo fanatismo de padres renegadores da sublimidade de seu verdadeiro sacerdócio. Referentemente aos adeptos de Plínio Salgado, os redivivos "cruéis e fanatizados inquisidores do Santo Ofício", o *Unitário* censurou suas ligações com o poder estadual e vinculou-os à constituição de um Estado totalitário, o gerador da falência da liberal-democracia brasileira. Os "espíritos das trevas", beneficiando-se da perseguição a punho de ferro, empreendida por Pimentel aos aliancistas, passaram a difundir o antirrepublicanismo para alegria do clero faccioso. Não satisfeita, a arrogância insólita dos integralistas chegou ao ponto de imitar o programa da ANL. No dia 7 de setembro último, os sigmáticos declararam-se favoráveis à libertação do Brasil da escravização exercida pelo capital estrangeiro![248]

Sobre a ligação orgânica de Luis Brígido com a ANL nenhum dos jornais pesquisados fez referência precisa. Todavia, eram notórios os elogios do *Unitário* a Luiz Carlos Prestes, como à oposição a Plínio Salgado e à "conjura de padres", eleitoralmente representada pela LEC e pelo governador Menezes Pimentel. Prestes, o idealista inatacável, o pregoeiro augusto da liberdade, ressurgido do ostracismo para o advento de uma era nova para os destinos da nacionalidade; Plínio, o ex-cabo eleitoral de Júlio Prestes, a quem no passado, as atas falsas e as vergonheiras das fraudes eleitorais conferiram o diploma de feitor-mor desta grande "senzala" brasileira. Na avaliação do *Unitário,* a redenção política do Ceará avançaria com o enfrentamento ao governo "integralista" de Menezes Pimentel, sendo dirigido por uma plêiade de organizações: Legião Cearense do Trabalho (LCT), Aliança Nacional Libertadora, o extinto Partido Conservador, de José Acioli, ex-aliado da LEC, e o Partido Social Democrático (PSD), dos deputados federais Fernandes Távora e Demócrito Rocha (dirigente do jornal *O Povo*).[249] Portanto, a unidade almejada compunha-se de anticomunistas e integralistas confessos, a LCT, de partidos oligárquicos e de uma frente popular, a ANL, antilatifundiária, anti-imperialista e favorável às liberdades democráticas.

---

[248] O povo contra o governo. **Unitário,** Fortaleza, 5 set. 1935. Editorial, p. 1. Assassinos do regime. **Unitário,** Fortaleza, 1 set. 1935. Editorial, p. 1.

[249] Política Integralista. **Unitário,** Fortaleza, p. 1, 11 jun. 1935. Os dois chefes. **Unitário,** Fortaleza, p. 1, 2 jul. 1935.

Nas eleições de 1933 e de 1934, a LCT, via LEC, elegeu respectivamente, Jeovah Motta, deputado federal constituinte, reeleito em 1934, e dois deputados estaduais, Ubirajara Índio do Brasil e Carlos Eduardo Benevides. Na eleição para governador, em maio de 1935, Ubirajara e Benevides votaram em Menezes Pimentel da LEC contra José Acioli do PSD. Correndo às tratativas eleitorais, José Acioli veio a ser preterido pela LEC na candidatura ao governo estadual e tornou-se o candidato do PSD, automaticamente. O *Unitário* publicou manifestos de Acioli denunciando o quanto fora traído. *O Povo* ateve-se a denunciar a manobra dos lecistas. Registre-se que, na eleição estadual, os remanescentes dos partidos Conservador e Democrata abrigados no lecismo, de 17 deputados eleitos, ficaram com seis cada um.

Recuando a 1931, na interventoria de Fernandes Távora, houve forte repressão à Passeata da Fome, localmente organizada pelos comunistas, seguindo orientação nacional do PCB. No mais, a proposta do *Unitário* desconsiderava a composição heterogênea da ANL: movimento operário e o PCB, a juventude progressista, a intelectualidade democrática e antifascista, a juventude militar e a imprensa liberal-democrática (PRESTES, 1997, p. 121; DEL ROIO, 2002, p. 54-55); ou seja, do ponto de vista ideológico, o objetivo do jornal *Unitário* seria um natimorto, acabando por se configurar numa improdutiva exaltação a nomes ilustres do quadro político cearense e nacional.

Rodrigo Patto Sá Motta conceituou a "indústria" do anticomunismo na perspectiva da manipulação oportunista do medo comunista presente em amplos setores da sociedade, notadamente entre os mais conservadores, um "negócio" cuja exploração podia render dividendos políticos, eleitorais e até pecuniários. Exceção à lucratividade, o jornal *O Nordeste*, o porta-voz da militância ultramontana no Ceará, coadunava-se com a definição de Motta (2001/2002, p. 71). Curiosamente, os jornais *O Povo* e *Unitário*, que foram contrários ao fechamento da ANL e denunciaram a Lei de Segurança Nacional, picharam de "comunista" o órgão arquidiocesano, porém, abstiveram-se de nomeá-lo pró-soviético, esgrimidor da foice e do martelo, ou de vinculá-lo às corriqueiras representações anticomunistas publicadas no órgão arquidiocesano.

Na proporção que identificavam o crescimento do plinismo/integralismo no governo de Menezes Pimentel, *O Povo* e *Unitário* posicionavam-se favoravelmente às instituições liberal-democráticas. Ambos declararam-se contrários aos radicalismos de direita ou de esquerda e só o derradeiro elogiou vibrantemente Luiz Carlos Prestes. À vista disso, obviamente, percebe-se no anticomunismo dos jornais *O Povo* e *Unitário* total carência de

perfil ideológico, diferente do anticomunismo clerical. Nas controvérsias em pauta, o ser comunista oscilou do embuste ao mero insulto.

No correr da pesquisa, examina-se o imaginário anticomunista difundido nas páginas d'*O Nordeste* à luz das representações coletivas (CHARTIER, 1988; 1991). Nesta perspectiva, as representações do mundo social, embora tendo em vista à universalidade, primam por serem determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Assim, para Chartier é indispensável relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As "lutas de representação" adquirem, por seu turno, relevância como as lutas econômicas e possibilitam compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor dominação. As representações coletivas asseguram a coesão social, ensejando comportamentos autoinvestidos. Na óptica do grupo gestor d'*O Nordeste*, tratava-se de eliminar o diferente, ou seja, os comunistas e os antilecistas. Com isso, no extremo, ocorreria a eliminação da política, como lugar primordial do gerenciamento das diferenças, configurando-se o esmaecimento do contraditório e o espraiamento do autoritarismo.

Em nova sucessão de reportagem procedentes do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, *O Nordeste* acentuou o caráter golpista da ANL. O material, publicado entre 2 e 6 de agosto nas páginas do órgão arquidiocesano, apresentou os planos dos aliancistas, que intencionaram desencadear, a partir do dia 5 de julho de 1935, a "revolução vermelha", se não fora a pronta intervenção do chefe da polícia do Distrito Federal, Filinto Müller. Sabe-se que, nessa data, a ANL faria um grande comício no Estádio Brasil, no bairro de São Cristovão, na então Capital federal. O dia escolhido aludiu aos primeiros levantes tenentistas no Forte de Copacabana, em 1922, e ao segundo, em São Paulo, no ano de 1924.

À última hora, tensionado por portaria de Filinto Müller, proibindo manifestações políticas em recintos públicos, o prefeito Pedro Ernesto, aliado da ANL, vetou a realização do ato no espaço previamente marcado, levando a direção aliancista fazê-lo na sede central da entidade. Na ocasião, Carlos Lacerda, membro da Juventude Comunista, apresentou o manifesto de Luiz Carlos Prestes, cujo encerramento conclamou: Abaixo o fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um Governo Popular Nacional Revolucionário! Todo o poder à ANL! Por discordar do conteúdo desta manifestação, o presidente nacional da ANL, Hercolino Cascardo, faltou à leitura do texto prestista.

O material produzido pelo *Correio da Manhã* – "A implantação e irradiação do extremismo no Brasil" – compunha-se de entrevistas com Filinto Müller, esmiuçando o planejamento comunista, atuante desde 1933. No subtítulo, sempre reproduzido pelo jornal *O Nordeste*, o resumo das considerações do militar: "O Brasil escolhido para centro irradiador,

Agir sem falar em comunismo, Capitais estrangeiros para intensificar a campanha, A Aliança Nacional Libertadora e o Partido Comunista, Os planos que teriam sido executados no dia 5 de julho". Ressalte-se que Müller, ao pormenorizar o conteúdo exposto pelo jornal *O Globo*, no final de junho de 1935, repetia integralmente diversas partes do publicado por Roberto Marinho. O chefe de polícia detalhou o papel do Brasil na América do Sul, polo de expansão do bolchevismo, haja vista a mudança operada pela URSS: evitar a competição com a Alemanha nazista e com o Japão.

Além disto, pontuou o comportamento de Moscou no plano internacional: produzir oscilações cambiais, gerando, consequentemente, crise nas economias nacionais. Internamente, os comunistas brasileiros estimulariam campanhas separatistas, explorando o ódio entre nortistas e sulistas, acrescidas de batalhas de massas (manifestações, greves e lutas contra o imperialismo, o latifúndio, o integralismo e o governo Vargas). Ou melhor, os bolchevistas fomentariam o clima de guerra civil para facilitar a instalação de um governo popular revolucionário de unidade nacional, hegemonicamente sovietizado.

Pelos comentários de Müller, os núcleos da ANL deveriam se articular na formação da Confederação Unitária Sindical do Brasil, consolidar a Juventude Comunista, desenvolver o trabalho feminino, organizar os centros de cultura moderna e expandir a autodefesa armada. Algumas categorias profissionais mereceriam atenção especial: militares, bancários e marítimos. Aos primeiros, a agitação comunista prometeria aumento de salário, contratação de efetivo e atenderia às reivindicações próprias dos sargentos. Atendimento aos numerosos trabalhadores das instituições financeiras incluía o compromisso de implantar a jornada de seis horas e aumentar os salários.

A propaganda moscovita abordaria os mais variados temas: raça, religiões, esportes, universidade e ciência. Concluindo, Filinto Müller assegurou o total controle da situação, quer utilizando medidas preventivas, quer violência policial. Também atribuiu à tolerância de nossas leis o crescimento do bolchevismo e da ANL. Salientou que a repressão ao nacionalismo aliancista, assessorada pelo serviço secreto de informações, resultara da aplicação da Constituição de 1934 e da recém-promulgada, Lei de Segurança Nacional. Ao manifesto de 5 de julho, de Luiz Carlos Prestes, atribuiu a marca de elemento principal a estimular o dever patriótico de desbaratar a manobra de sovietizar o Brasil.

Para *O Nordeste*, o fim da ANL indicava somente uma derrota parcial dos comunistas brasileiros. Longe estava a definitiva extinção da militância bolchevique, pois, diuturnamente, o falido socialismo ameaçava a civilização ocidental. Ao longo dos meses subsequentes ao empastelamento da ANL, o aliancismo e os levantes comunistas de

novembro de 1935 tornaram-se exemplos do nefasto nas páginas do jornal, habitualmente. No tocante ao restabelecimento da ordem, o periódico insistia no fortalecimento do princípio da autoridade.

A mocidade estudiosa e desiludida com o liberalismo, contudo, indicava uma possibilidade de retomada das tradições políticas nacionais, via movimento monárquico, liderado pela Ação Imperial Patrianovista Brasileira, que crescia vertiginosamente em número de adeptos. Nesta pregação, *O Nordeste* reiterava os malefícios da democracia moderna e do regime liberal: anarquia bolchevista, bárbara violência das massas e tripúdio sobre as conquistas da civilização cristã. O triunfo do nacionalismo monárquico possibilitaria respeitabilidade completa aos direitos da religião católica e com isso as multidões se tornariam submissas a toda ideia de ordem. A divisa (Por Deus e pelo Imperador), ultrapassando os limites da juventude, imporia um efeito frutífero na intelectualidade. Equivalente ao segundo reinado, o III Império expressaria maiores atenções às aspirações populares, acreditava a publicação arquidiocesana. Por fim, *O Nordeste* aconselhou:

> Por sua vez, a Ação Imperial Patrianovista e o Integralismo, na sua campanha pela constituição de um Estado vigoroso, à altura da árdua missão histórica da Terra de Santa Cruz, ergam uma barreira coesa contra a infiltração dos ideais internacionalistas, que tão dissimuladamente tentam penetrar no seio das massas para subverter o espírito pacífico da nossa gente! A modificação da tática das atividades revolucionárias de Moscou, apresentado-se agora sob o disfarce de campanha nacionalista, veio apenas agravar ainda mais o perigo da invasão dos bárbaros vermelhos. [...] Não podemos licitamente manter ilusões.[250]

Ao expor as opiniões do padre Cícero F. Coutinho, vigário em Juazeiro do Norte/CE, *O Nordeste* apontou o pecado original da "Aliança Nacional Comunista", o verdadeiro nome da ANL: continuar a destruição da religião católica, iniciada com a Revolução Francesa (1789) e sequenciada por Pierre Joseph Proudhon (Deus é um mal e a propriedade é um roubo) e por Karl Marx (a Religião é o ópio do povo). Os ateístas fantasiados de aliancistas buscavam instituir no Brasil um regime à semelhança do soviético: desmoralização sistemática da mocidade, pela propaganda nas escolas dos mais baixos instintos; destruição organizada da família, pela abolição do matrimônio e pela "socialização

[250] O III Império. **O Nordeste,** Fortaleza, 1 ago. 1935. Editorial, p. 1. Pelo Brasil Uno. **O Nordeste,** Fortaleza, 5 set. 1935. Editorial, p. 1. Idade Nova. **O Nordeste,** Fortaleza, 12 set. 1935. Editorial, p. 1. Segundo Teresa Malatian (2001, p. 46), em Fortaleza, nos anos 1930, houve a atuação de um centro patrianovista, dirigido pelo professor Rosendo Ribeiro, que manteve durante vários anos o mensário – *O Império*. *O Nordeste* chegou a publicar em 1º de outubro de 1930, um artigo assinado pelo professor Rosendo, entretanto, as referências a Ação Imperial Patrianovista Brasileira, na Capital cearense, de 1930 a 1935, foram restritas, inclusive, em relação à existência do jornal monarquista.

das mulheres"; transformação dos templos em tabernas e salas de danças; combate cerrado ao nome de Deus e a qualquer noção religiosa.

Na visão do clérigo, incontestavelmente, a pregação aliancista unia umbilicalmente a ANL ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e reproduzia localmente algo "feroz": a destruição da civilização ocidental de base cristã, o crescimento dum ateísmo sem limites e do espírito de irreligião descomunal. Desde a República, vinha atacando o País uma onda de caráter subversivo, nunca antes presenciada na vida política brasileira e, à época, configurou-se uma mudança significativa: as "forças ocultas" passavam da escuridão à claridade. Naturalmente, destacou o sacerdote, surgia o terrível duelo: a ideação materialista enfrentando a ideação espiritualista.[251]

[251] Sua alma, sua palma. **O Nordeste,** Fortaleza, p. 1, 8 ago. 1935.

2.4 O Calabar vermelho

> O governo não dispõe de recursos com que possa medir-se com os seus implacáveis adversários. Agirá quando houver a deflagração de uma intentona armada. Antes, não! [...] É mudar de rumo ou marchar para o caos da anarquia socialista![252]

O Nordeste, ao louvar a Exposição de Jesus Sacramentado na Catedral de Fortaleza, lamentava-se. O Coração Eucarístico de Nosso Senhor continuava acolhendo os pecadores e, graças ao poder infinito do Amor Divino, o planeta Terra livrara-se dos castigos da Justiça Suprema. Ainda que desprezado pelos homens e esquecido pelas multidões, estas apenas imiscuídas nas coisas materiais da vida, Deus mantinha-se misericordioso. Ao pé do Sacrário, exaltava o periódico, viu-se uma audiência plural: donzelas piedosas, mães de família aflitas e criancinhas. Ao lado da velhinha cheia de pesares e de virtude, o menino cândido, as Filhas de Maria, adeptas da verdadeira causa social da Igreja, o gradualismo administrador público e os representantes dos altos círculos comerciais.

Igualmente se penitenciavam os expoentes da cultura superior: magistrados, professores, advogados, médicos, engenheiros, jornalistas e vultos da intelectualidade. Ou seja, somente Jesus propiciava o nivelamento perfeito das classes: o industrial rico ombro a ombro com o pobre operário; o homem de letras ajoelhado bem junto ao trabalhador ignorante e obscuro. Para *O Nordeste*, louvar o Cristo era algo isolado e o Brasil sofria agitações políticas à custa do "ouro dos sovietes", porque os traidores do País substituíram o lema integralista (Deus, Pátria e Família) pelo engodo (Pão, Terra e Liberdade) da Aliança Nacional Libertadora.

Ousadamente, a traição desafiava o Poder Público. E para vencê-la, *O Nordeste* indicava a montagem urgente dum "Estado Novo" no Brasil, análogo ao salazarismo. A perfídia englobava os crimes de opinião, cujo expoente local era o jornal *Unitário*, a persistente, embora fragilizada, militância aliancista e chegou ao ápice com os levantes comunistas de 1935, em Natal/RN, Recife/PE e Rio de Janeiro/RJ. Ocorrendo o sucesso da "barbaria tártara", intermediada pela ANL, implantar-se-ia automaticamente a "escravidão vermelha" e o Brasil sentiria cativeiro similar ou pior do que a dos povos párias das escarpas dos Urais ou das margens do Volga, conjecturou *O Nordeste* na véspera do dia 7 de setembro.

A História do Brasil expressa na resistência de africanos e indígenas à escravidão contrariaria os presságios do "bolchevista judeu" Georgi Dimitrov, secretário-geral da

[252] Doutrina perniciosa. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 nov. 1935. Editorial, p. 1.

Internacional Comunista. O búlgaro, no VII Congresso da III Internacional, classificara o povo brasileiro de semicolonial. A qualificação do dirigente socialista levou ao avivamento do brado (Independência ou Morte!), a fim exaurir de vez a pretensão moscovita de reduzir o "gigante adormecido", abençoada pelo jesuíta José de Anchieta, à categoria de Tundra Siberiana. Necessariamente, a derrota do internacionalismo viria com o fortalecimento do princípio da autoridade. Na avaliação d'*O Nordeste*, como havia excesso de liberdade de política, o regime do presidente Vargas carecia de mecanismos eficazes para extirpar o comunismo. Em face do perigo iminente, a reação cívica, consubstanciada na tradição de fé do brasileiro, optaria por moralizar os costumes políticos, fortalecendo o Estado Getulista, que restabeleceria as energias morais da governança nacional, contribuindo deste modo para a manutenção da civilização ocidental, conspurcada diuturnamente pelo bolchevismo.

Para *O Nordeste*, visando a combater a direita, a ANL disfarçara-se de nacionalista. Ao dar um tom "verde e amarelo ao vermelho", os aliancistas pretendiam dourar o objetivo-mor do comunismo: a escravização do Brasil ao imperialismo de Moscou. À vista disso, a defesa da pátria clamava pela recristianização imediata dos costumes públicos. Como etapa deste processo, o jornal concitava os fiéis a se engajarem na formação dum Estado vigoroso, guiando-se pela Ação Imperial Patrianovista Brasileira e pelo Integralismo, de Plínio Salgado. Os católicos assumiriam a responsabilidade de orientar o povo ante os pregoeiros da desordem, à disposição do sovietismo. Nada de ilusões legalistas!

As articulações aliancistas exigiam atenta vigilância! A trágica e crescente russificação dos brasileiros impatrióticos agravava algo próximo de acontecer: a invasão dos "bárbaros vermelhos", insistia o periódico. Na leitura da folha clericalista, a condescendência com os brasileiros russificados gerava enorme afronta às normas legais da Nação. A tolerância com os perturbadores da paz coletiva produzia fator detestável: o esvaziamento da autoridade. O desrespeito ao governo atingia todas as esferas da administração estatal e brevemente a segurança pública estaria em xeque. Tratando deste problema localmente, *O Nordeste* incluía o *Unitário* no rol dos desordeiros.[253]

O *Unitário* fixava suas críticas na Liga Eleitoral Católica, no governador Menezes Pimentel, em Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, e no presidente Getúlio Vargas. O periódico oposicionista atribuiu às beatas ignorantes, aos escroques políticos e à

[253] Movimento edificante. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 set. 1935. Editorial, p. 1. O culto ao Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 set. 1935. Editorial, p. 1. Espírito de patriotismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 set. 1935. Editorial, p. 1. Idade nova. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 set. 1935. Editorial, p. 1. Juízo precipitado. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 out. 1935. Editorial, p. 1. O "golpe de mão" extremista que ensanguenta o norte do país. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 nov. 1935. O movimento subversivo no sul do país completamente jugulado. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 28 nov. 1935.

imprensa jesuítica o mérito pelas vantagens eleitorais lecistas. Da gestão Pimentel, qualificava-a de perdulária, de omissa no combate à epidemia de impaludismo fatigante da ralé, e propensa à instalação dum Estado totalitário, seguindo os integralistas.

No quadro de pessoal, o chefe do Executivo estadual exonerava funcionários identificados com a administração passada, a do coronel Felipe Moreira Lima, e distribuía empregos públicos à "camorra" que o cercava. Ao tenente Cordeiro Netto acusava de montar um estúpido e grotesco regime policial-ditatorial, marcado por deportações sumárias, menosprezo aos *habeas corpus*, prisão de cidadãos honestos e trabalhadores nos cubículos infectos das delegacias estaduais. Relativamente à nova Constituição do Ceará, a lei máxima aprovada pela Assembleia Legislativa, revelara-se uma "filha espúria do clero faccioso em concubinato degradante com os reacionários viciados da 1ª República". Em síntese, o povo cearense estava sendo coagido pelas masmorras "inquisitórias" do governo católico de Menezes Pimentel.

O *Unitário* atribuía a Dom Manuel grande parcela de culpa pelo caos administrativo reinante no Ceará, por ter apoiado a ascensão dum católico integralista ao governo estadual. O arcebispo metropolitano escondia-se no "quem cala consente", deixando os atentados maquinados pela governança de Pimentel sem quaisquer admoestações. Outra falha gritante do sacerdote: o amparo ostensivo que concedia aos derrotados pela Revolução de 1930; todavia, cabia ao presidente Vargas as responsabilidades pelo triunfo de Pimentel. Getúlio patrocinara diretamente a candidatura do lecista e em razão do conluio encabeçado por Vicente Rao, então ministro da Justiça, o governo do Ceará estava sendo ocupado por inimigos da Aliança Liberal.

Com isso, o jornal rememorava a eleição presidencial de 1930. Mais um ralho do *Unitário* a Getúlio dizia respeito ao desvirtuamento do movimento revolucionário de 30. Reintegrando reacionários nos postos de mando, a Revolução, "benéfica, propícia e necessária", sujeitava-se a trânsfugas e criminosos. Em alianças espúrias, Vargas desonrava o heroísmo dos mártires do Forte de Copacabana (1922) e da Revolução de 1924 (São Paulo), no entanto, sucedia-se o crescimento da oposição na Câmara Federal, inclusive contando com a participação de pessedistas cearenses (José de Borba Vasconcellos e Plínio Pompeu de Sabóia) e Getúlio marchava, inexoravelmente, rumo à derrota e ao exílio.

O *Unitário* tratava algumas personalidades com escárnio: Andrade Furtado, editor-chefe d'*O Nordeste*; tenente Cordeiro Netto, chefe de polícia do Ceará; José Martins Rodrigues, secretário estadual do Interior e da Justiça do governo Pimentel e ex-líder na Assembleia Legislativa do governador deposto em 1930, Matos Peixoto; Dário Correia Lima,

líder do governo Pimentel na Assembleia Estadual do Ceará e Virgílio Firmeza, 1º promotor da Capital e o responsável por acusar o *Unitário* de infringir a Lei de Imprensa de 1934, provocado que fora pelo governo Pimentel. Furtado, ou melhor, *Andradoff Furtadoff*, "chefe local do comunismo rubro", que estava à cata do dinheiro do camarada Georgi Dimitrov, a fim de organizar um partido e ampliar suas "mamatas", que incluíam a presidência do Banco São José, pertencente à Arquidiocese de Fortaleza.

O múltiplo *Furtadoff*, rezador fervoroso, orava para a Itália interromper a beligerância. Tenente Cordeiro Netto, contratador de "cabras" na cidade do Recife/PE, objetivando engrossar o batalhão de secretas e substituir os cearenses falhos em tal ofício. O "pardinho" Zé Martins Rodrigues, contumaz devoto do ofício das almas, às sextas-feiras e titular no coral "O Monstro Encapuzado". Dario Correia Lima, deveras enervado, conduzia a bancada lecista a serviço do "clericalismo-reacionário", no Legislativo cearense. Virgílio Firmeza, carente de "luz jurídica" e hábil na requisição de conhecimentos de terceiros.[254]

Ao rebater as posições do jornal *Unitário*, *O Nordeste* reiterava sua caracterização acerca do órgão oposicionista: fiel porta-voz de Luiz Carlos Prestes em nossa Capital, colaborador assíduo da III Internacional de Moscou, solidário com os elementos destruidores da pátria e da família cristã. A liberdade ao *Unitário* demonstrava a capitulação da justiça federal na defesa das instituições e viabilizava a proliferação da luta de classes no território brasileiro. Donde concluia a publicação católica: inexistia possibilidade de se coibir pelos meios constitucionais a expansão progressiva dos métodos dissolventes do sovietismo.

Na invasão da redação do matutino opositor pelos irmãos Dário e Híder Correia Lima, respectivamente, líder do governador Menezes Pimentel na Assembleia Estadual do Ceará e médico da Saúde Pública do Estado, ambos portando revólveres, *O Nordeste* amenizou o fato.[255] Da mesma forma, reportou-se à apreensão de todos os exemplares do *Unitário* feita pela Chefatura de Polícia, a mando do tenente Cordeiro Netto e sem qualquer mandado judicial. Ao sair o pronunciamento da Justiça Federal sentenciando improcedente a recolha das edições do *Unitário* e aplicando multa à autoridade policial, *O Nordeste* acusou-a de afrontar a "terapêutica" da Lei de Segurança Nacional.

---

[254] Com as edições do jornal **Unitário** publicadas entre 10 de setembro de 1935 e 10 de outubro de 1935. Conforme edição do dia 6 de outubro de 1935 do **Unitário**, o processo contra o jornal, baseando-se na Lei de Imprensa, de 14 de julho de 1934, decreto nº 24.776, foi considerado nulo, por sentença proferida pelo juiz municipal de 1ª vara, dr. Luiz Gonzaga Alves Bezerra, em 2 de outubro de 1935.

[255] Juízo precipitado. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 out. 1935. Editorial, p. 1. Insólita agressão ao jornalista Rodolfo Ribas – grave desrespeito à liberdade de imprensa. . **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 11 out. 1935. A apreensão do Unitário. . **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 12 out. 1935. Julgada improcedente pelo Juiz Federal. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 26 out. 1935. A segurança do regime. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 29 out. 1935.

O Nordeste qualificou a atitude dos irmãos Correia Lima de repercussão natural ao habitual descomedimento de linguagem nas páginas do jornal *Unitário*. Ali se praticava, livre de qualquer censura, uma afronta à honra alheia. O "desabusado paladino do comunismo nacional" conduzido por um "velho", referindo-se ao jornalista Rodolfo Ribas, diretor do periódico, desmoralizava os homens de Estado e da Religião. A trajetória do órgão oposicionista exigia a pronta intervenção policial. Dever-se-ia inserir aqui o que fizera o capitão Filinto Müller na cidade do Rio de Janeiro com os aliancistas.

Caberia exclusivamente à força pública impedir a multiplicação desta "diátese do tempo", alimentada pela anarquia oriunda da Rússia, visto que o ano de 1935 fora moldado ao sabor da corrupção laicista, subvencionada pelo liberalismo. A permanente desordem interrompia as conquistas da civilização cristã e alimentava a militância a serviço de Moscou. A apreciação clerical equiparava o decorrer de 1935 à primitiva era pagã. Por ter defendido o *Unitário*, o jornal *O Povo* foi acusado na publicação arquidiocesana de estar junto aos internacionalistas de Moscou e de ter sido ardoroso defensor do governo de Felipe Moreira Lima, criticado por aliar-se à ANL.[256]

Persistindo na compreensão – a conjuntura mundial levava os povos ao bolchevismo, inapelavelmente – *O Nordeste* denunciava o intento da "infecção" internacionalista: escravizar as massas ao imperialismo soviético, desmoralizar o poder constituído e subverter a mentalidade cristã dos populares. No Brasil, o liberalismo fertilizava a proliferação dos "frutos sangrentos" e a Nação padecera com a atuação da Frente Única Antifascista e com a ANL. A subversão avolumava-se porque o marxismo, similitude de "ópio degradante", beneficiava-se de hediondo aspecto da civilização burguesa, o individualismo egoísta e gozador.

O patriotismo e o ensino popular cristianizados cortariam os efeitos do "narcótico abominável", só que gerenciados por um "Estado Novo", de inspiração salazarista, haja vista a alarmante fraqueza do "Estado Velho", filhote da Constituição de 1891. No exposto, os patriotas recebiam ataque de duas frentes: a dos liberais-democratas e a do "anticristianismo tártaro". Para derrotá-los, *O Nordeste* sugeria a adoção do Integralismo e a criação de milícias populares, iguais às formadas nos países cultos do orbe para debelar o comunismo. Considerando a democracia brasileira ineficiente para barrar os moscovitas nacionais, a

[256] Liberdade mal entendida... **O Nordeste**, Fortaleza, 12 out. 1935. Editorial, p. 1. Juízo precipitado. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 out. 1935. Editorial, p. 1. A insegurança do regime. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 out. 1935. Editorial, p. 1. Na intenção do papa. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 out. 1935. Editorial, p. 1. Positivamente lógico. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 out. 1935. Editorial, p. 1. A partir deste episódio o **Unitário** deixou de circular, voltando a ser publicado apenas em meados de janeiro de 1936.

gazeta clericalista lançou mão da convocatória: "Por Deus, Pátria e Família, é imperioso lutar, nesta hora histórica do mundo, com a democracia, sem ela ou contra ela!"[257]

No final de novembro de 1935, após os levantes comunistas, em Natal/RN e no Recife/PE, *O Nordeste* sistematizou nas palavras traição, horror e lágrimas o desacerto causado ao Brasil se o "liberalismo bolchevizante" tivesse saído vencedor. Na pregação do jornal, cabia às mães, esposas, noivas e irmãs dos combatentes rogar a Deus para estancar o "sangue fraterno", derramado numa aventura "louca". Atribuindo ao marxismo uma "animalidade humana", o periódico expressou que o socialismo levava à erupção de instintos inferiores. A resultante do bolchevismo representava o vilipêndio à propriedade privada e à família patrícia.

Relativamente à derrota do imperialismo soviético, advogava a "união sagrada contra os bárbaros e a barbaria" dirigida por um Estado, semelhante ao português de Oliveira Salazar, em pleno desenvolvimento, e ao austríaco de Engelbert Dollfuss, de saudável lembrança. Outro ponto de resistência a Moscou priorizava a doutrinação nacionalista da população, uma vez que vitimadas pela corrupção liberal, as pessoas afligiam-se com golpes delineados na URSS. Aglutinando tais medidas, *O Nordeste* propunha a reintrodução do País na lei do Evangelho, algo marcante na Colônia e no Império.

Já o levante comunista na cidade do Rio de Janeiro encetado pela "fera bolchevista" desejou acabar com a propriedade individual, macular a família, aniquilar o crédito e sacrificar a frágil democracia brasileira. A "alimária rugidora", entretanto, somente ampliou o número de viúvas, de órfãos e de mães sem filhos. O marxismo, doutrina exótica e irracional, pretendia impor ao País algo incompatível com a tradição de honra e de boa fé da pátria. Quis adaptar o rouxinol europeu aos carnaubais nordestinos, substituindo a graúna. Ou remover um piquira, de baixa estatura, e semear o carvalho dos Pirineus nos sertões. Posto isto, *O Nordeste* constatou: o Brasil renegou bravamente a introdução, em seu meio, do "Urso Branco da Rússia".

Esta tentativa ocorrera porque a "intoxicação" engendrada pela III Internacional de Moscou contara com o apoio aberto dos liberais, que manipulavam a incultura dos populares, introduzindo o livre pensamento. O imperialismo soviético, continuamente ligado a nomes de origem judaica, almejava vingar-se do "padre burguês". Fazia crer aos singelos a

[257] Doutrina perniciosa. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 nov. 1935. Editorial, p. 1. Em prol da lavoura algodoeira. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 nov. 1935. Editorial, p. 1. Alerta! Rádio cultural. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 nov. 1935. Editorial, p. 1. A praxe democrática. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 nov. 1935. Editorial, p. 1. Com ela ou contra ela. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 nov. 1935. Editorial, p. 1. Identidade de vistas. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 nov. 1935. Editorial, p. 1.

existência dum clero rico no Brasil: atroz engano! Diferentemente dos marxistas, os sacerdotes viviam sacrificando-se em benefício da felicidade do povo, seguindo a espiritualidade de José de Anchieta, remota à colonização.[258]

A reação do governador Menezes Pimentel aos levantes comunistas e da guarnição federal abrigada em Fortaleza foi detalhada nas páginas d'*O Nordeste*. Sabedor dos acontecimentos de Natal e do Recife, o governo estadual providenciou rapidamente o envio de uma companhia de guerra, com uma secção de metralhadoras, à frente o capitão Ózimo de Alencar Lima para o Rio Grande do Norte; colocou de sobreaviso todo o regimento policial do Estado e ordenou a Polícia Civil a executar medidas preventivas. Nelas, várias prisões de elementos reconhecidamente adeptos do comunismo e de boateiros.

Sob a coordenação do delegado auxiliar, Dr. Hugo Victor Guimarães, ex-colaborador do jornal clerical, houve permanente ligação telegráfica da Capital com as cidades do Ceará. Vinculado ao exército nacional, o 23º Batalhão de Caçadores de Fortaleza ficou de prontidão, esperando ordem de embarque. Imbuído da orientação (reprimir com energia), o comando da tropa federal permaneceu atento a qualquer ato de solidariedade aos insurgentes dos estados vizinhos; mas foi o caráter do presidente Getúlio Vargas o reverenciado: demonstrou grande coragem ao comparecer às linhas de combate, afrontando o perigo vermelho com desprezo pela morte; provocou admiração das massas e dos soldados; o destemor do presidente garantiu a paz e o conforto para o povo; bravo primeiro magistrado da República; tempera rija, sendo dotado de rara intrepidez.[259] No transcorrer da cobertura destes episódios, o periódico reproduziu do jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), da coluna de Waldemir Bernardes, o novo epíteto de Vargas:

> Nessa peleja contra os demolidores de tudo o que há de mais caro ao nosso patrimônio moral, o Sr. Getúlio Vargas sagrou-se, verdadeiramente, o "cavaleiro da esperança", enquanto o Sr. Carlos Prestes se revelou um simples explorador da inconsciência de fanáticos mazorqueiros.[260]

Descrições das cidades de Natal e Recife no decurso dos levantes comunistas tiveram espaços n'*O Nordeste*. "Natal sob o Regime Soviético" abordou a desenvoltura da Junta Governativa. Reproduzindo o jornal *O Globo* (RJ), o texto relatou a prisão, no aeroporto

---

[258] O clamor do momento. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 nov. 1935. Editorial, p. 1. A imagem do Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 nov. 1935. Editorial, p. 1. Veleidades subalterníssimas. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 nov. 1935. Editorial, p. 1. O uso branco no Brasil... **O Nordeste**, Fortaleza, 28 nov. 1935. Editorial, p. 1. O Dia do Padre. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 nov. 1935. Editorial, p. 1.

[259] Rompeu um levante armado em Natal – o governo do Estado esclarece, pormenorizadamente, os levantes armados de Natal e Recife – Nota Oficial. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 25, nov. 1935. O "golpe de mão" extremista que ensanguenta o norte do país. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 26, nov. 1935. A atitude do presidente da República elogiada calorosamente pela imprensa carioca. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 29, nov. 1935. Como o presidente da República falou à imprensa. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 29, nov. 1935.

[260] O verdadeiro "cavaleiro da esperança". **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 30 nov. 1935.

da Capital potiguar, do radiotelegrafista da companhia área Condor, Alberico Silveira dos Santos. No dia seguinte, conduzido à residência do governador do Estado, ocupada pela Junta Administrativa rebelde, Santos inteirou-se da missão a ser cumprida: espalhar boletins revolucionários em Natal e nas cidades próximas. Ao recusar-se, fora convencido na base de argumentos incisivos: as metralhadoras *parabélum* dos camaradas. Chegando ao palácio do governo, deparou-se com muita gente metralhada e descalça, afora operários e soldados prontos para o combate. Ainda encontrou algumas jovens bem vestidas, andando apressadamente e distribuindo víveres aos feridos. A exposição de Santos voltou-se para o andamento do comércio e às ruas. Estabelecimentos fechados, arrombados e saqueados por soldados comunistas, que retiravam alimentos e dinheiro, alegando distribuição aos pobres. Logradouros na desolação: tiroteios, fugas e silêncio. Escaparam comerciantes e industriais, numerosas autoridades e políticos.

Saques, depredações e atentados às famílias massacraram Natal, a capital do Rio Grande do Norte, nas 19 horas de fogo cerrado, contou João Alves de Castro, digno auxiliar da Relojoaria Canção, de Fortaleza, ao *O Nordeste*. A cidade apresentava aspecto duma "Sodoma", dominada por loucos furiosos e entrecortada por automóveis e caminhões cheios de soldados e milicianos, para todos os lados, afora civis e "mulheres de vida fácil" de revólver em punho, atirando a torto e a direito. Os rebeldes contavam com cerca de 2.000 homens armados e carentes de direção, agiam ao seu bel-prazer. Aos gritos, os saqueadores lançaram às turbas tresloucadas latas de manteiga, de sardinha, conservas etc. Saltearam bancos, joalherias, casas de ferragens e revenda de automóveis. Requisitaram todos os carros particulares e das docas portuárias.

A escória ensandecida desonrou a integridade física de donzelas indefesas, fuzilou e assassinou friamente. Insaciáveis, planejavam um baile oficial de comemoração à nova governança. Na festança, o comparecimento de moças de elite seria obrigatório! E a junta dos sovietes de Natal? Uma pândega! Um rebotalho! E orgulhava-se dos seguintes "estadistas": o tesoureiro dos Correios e Telégrafos cuidava das Finanças, o ex-diretor da casa de detenção do Interior e da Justiça, o ex-secretário do Ateneu da Aviação e Transporte, um músico e um sargento do 21º Batalhão de Caçadores, respectivamente, da Defesa e do comando da guarnição, e um sapateiro, o comissário geral do povo.[261]

[261] Uma testemunha de vista da intentona vermelha de Natal fala ao "O Nordeste". Fortaleza, p. 1, 11 dez. 1935. Membros da Junta Governativa: José Macedo, Lauro Lago, João Baptista Galvão, Quintino, Eliziel, José Praxedes de Andrade.

Persistindo na equiparação de Natal a Sodoma, *O Nordeste* descreveu o achincalhe a que seriam submetidas às senhorinhas, caso os "tentáculos do polvo vermelho" lhes tocassem. Primeiramente, reafirmou o quão insensato teria sido a realização dos bailes públicos de homenagem a junta dos sovietes. Neles, as jovens participariam obrigatoriamente de licenciosidades à moda saturnal. Ato contíguo, evidenciou a invasão da Escola Doméstica pelos bolchevistas. No centro educacional, encontravam-se aproximadamente uma centena de meninas.

Sequiosos, mesmo tendo feito estragos, roubos e desatinos, os comunistas perpetraram uma torpeza: mancharam a pureza das internas, julgadas a salvo das iniquidades do mundo, porque se recolhiam num estabelecimento inviolável. A impudicícia dos revoltosos desdobrou-se em profunda tristeza nos lares honrados do Rio Grande do Norte. Ao esclarecer a razão de noticiar tanta desgraça, *O Nordeste* reiterou o grau de enfrentamento aos internacionalistas da Rússia: luta de vida e morte. Por outro lado, as reportagens serviam de alerta: no Ceará e no restante da Federação poderia ocorrer algo parecido ou pior. Ademais, o "anticristianismo tártaro" revigorava-se aos caprichos de Dimitrov Georgi, secretário-geral da Internacional Comunista, e Josef Stalin, líder máximo da URSS.[262]

Da carta do tenente Carlos Castor, lotado na 7ª Região Militar do Recife, ao tenente José Granjeiro, de Fortaleza, *O Nordeste* serviu-se para relatar aspectos do Levante Comunista na Capital pernambucana. Antes de publicar na totalidade a missiva de Castro, o jornal indicou a condição em que o oficial recebeu a convocatória de comparecimento ao quartel: no dia 24 de novembro último, precisamente às 8 horas e 45 da manhã, estava acabando de vestir-se para ir à missa com a família. Castro, sensibilizado pela tragédia, qualificou-a de obra de celerados, conclamou a Nação a deter a "horda vermelha" e evitar a imersão da família brasileira no "holocausto". Em jogo estava a estabilidade das instituições republicanas! O militar pontuou sua narrativa, relembrando o misto de sacrifício e heroísmo manifestado pelos colegas de caserna contra o extremismo. Combatendo, o oficial indagava-se: Para a vida? Para a morte? Retroceder, covardia! Ao descrever a morte do Sargento Gregório Sampaio (varado de balas), Castro repercutiu-a nas relações conjugais do falecido: a esposa de Sampaio, na iminência de dar à luz, fora poupada da notícia do trágico desenlace; mas, ao recebê-la, a grávida protagonizou cenas indescritíveis de desespero e dor.[263]

Recaiu sobre Luiz Carlos Prestes, o "Calabar vermelho", a responsabilidade pelo Levante Comunista, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), no dia 27 de novembro de 1935.

[262] Os efeitos da barbaria. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 dez. 1935. Editorial, p. 1.
[263] Pormenores do levante comunista de Recife. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 7 dez. 1935

Afinado com as opiniões de Filinto Müller, chefe de polícia da Capital federal, *O Nordeste* atribuiu ao ex-cavaleiro da esperança o recebimento do "ouro russo", que financiou o golpe bolchevista contra as instituições nacionais. Era o sinal que Moscou desejava para alimentar as ambições desmedias do comunista brasileiro, a serviço dos "judeus do Komintern". Prestes, no afã de contentar um poder estrangeiro, composto de "tártaros e mongóis", autorizou os assassinatos de oficiais legalistas, quando dormiam.

O agrado à URSS finalizar-se-ia por intermédio da dissolução integral das entidades políticas e eclesiásticas da Nação. O fundamental era implantar um governo afinado com as "trevas do anticristianismo semita das estepes polares".[264] Os levantes comunistas reforçaram a conhecida pregação autoritária d'*O Nordeste* e Prestes representava "satanás", em corpo e em alma. Insistentemente, o jornal creditou à democracia vigente o ônus pela desordem experimentada no País. Indo adiante, o periódico apontava na formatação do Estado português, italiano e alemão o modelo eficaz de eliminação do comunismo.

Somando-se aos corriqueiros editoriais e narrativas anticomunistas, *O Nordeste* publicou uma série de matérias retratando a atuação dos extremistas na URSS e no Brasil. Iniciou com "A religião na Rússia", posteriormente, em seguida "Tenaz em sua ação subversiva, o partido comunista trabalha pelo esfacelamento do Brasil" e, encerrando, "A trama comunista que pretendia esfacelar o Brasil", análise das resoluções do VII Congresso Mundial da Internacional Comunista. Na primeira matéria, o jornal, sem detalhes, anotou o crescente aburguesamento dos bolcheviques à custa do sacrifício do proletariado. Depois, acusou os comunistas brasileiros de ocultarem propositadamente as agruras dos religiosos nos domínios de Stalin, a despeito do imenso conhecimento da realidade soviética.

O argumento de que a religião era assunto de foro íntimo na Rússia, marcado por cinismo revoltante, enganava a ignorância do povo. A violência desferida pelo Estado soviético em cima das religiões efetuava-se cruelmente. Havia fuzilamento em massa do clero e dos fiéis que conservavam a sua fé; aos opositores, prisão perpétua com trabalhos forçados na gelada Sibéria; igrejas transformadas em casas de diversão e lupanares; as sacrílegas procissões blasfematórias; a propaganda dos sem Deus, subvencionada pelo governo; padres banidos e encarcerados, igrejas fechadas.

"Tenaz em sua ação subversiva, o partido comunista trabalha pelo esfacelamento do Brasil" reproduziu o discurso do representante brasileiro no VII Congresso Mundial da

[264] Oportunidade perdida... **O Nordeste**, Fortaleza, 18 dez. 1935. Editorial, p.1. A defesa das instituições. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 dez. 1935. Editorial, p.1. Um bom sinal... **O Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1935. Editorial, p.1.

Internacional Comunista, sediado em Moscou, em agosto de 1935.[265] Ao publicá-lo, o jornal dividiu-o em duas partes, sendo a primeira subdividida em quatro subtítulos: O desenvolvimento do comunismo em nossa terra, a partir de 1929; O comunismo e a técnica da desordem; A direção subterrânea das greves e Influência do comunismo na imprensa e nos sindicatos. A segunda foi subdividida em: O comunismo e a Aliança Nacional Libertadora; Luiz Carlos Prestes; Erros de tática e de orientação e Fomentando greves entre os trabalhadores do campo.

Além disso, ao longo do texto, *O Nordeste* criou um guia de leitura para os fiéis, destacando trechos em itálico. *O Nordeste* começou os realces indicando os pontos-chave da trajetória que culminou na cisão profunda das classes dominantes brasileiras nos anos 1930. Grifou os conflitos envolvendo os retrógrados, qualificados de organizações feudais e os modernizadores, qualificados de organizações burguesas, desde os anos 1920, a luta armada em 1930 e em 1932. Com a dissensão no alto escalão, cresceram as dificuldades do imperialismo e de seus agentes nacionais de prosseguirem em 1935 com a dominação existente.

O acirramento das divisões nos setores ricos e nacionalistas provocou as negativas de setores modernizadores da burguesia quanto ao atendimento das exigências imperialistas: contratos comerciais draconianos, controle dos caminhos de ferro, instituição de um governo forte, aumento de impostos para pagar a dívida externa e concessão de terras para fins de colonização a estrangeiros. Descontentes, grupos modernizadores da burguesia passaram a compor uma frente popular nacional revolucionária, iniciada em fins de 1934. Noutra passagem, *O Nordeste* sublinhou a compreensão dos bolcheviques brasileiros acerca do governo Getúlio Vargas: enfraquecido ante a pressão do movimento antifascista e das correntes nacionalistas e democráticas. Sequenciando, a folha católica mostrou a participação dos comunistas nas greves travadas em 1933 e até julho de 1934: 60% destas estavam submetidas à direção vermelha. Foram paredes de cunho anti-imperialista e greves políticas de massas contra o fascismo e o governo Vargas. Atento ao movimento operário, *O Nordeste* evidenciou a chegada das oposições sindicais comunistas, em 1934, nas direções da Federação Sindical do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul e da Confederação Central Revolucionária, em Niterói.

Prosseguindo, *O Nordeste* marcou os desdobramentos do Congresso de Unidade Sindical, de maio/1935: a quadruplicação das forças sindicais influenciadas pelo Partido Comunista, agregando aproximadamente 500.000 trabalhadores, o correspondente a 70% das

[265] **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6, 7 dez. 1935. Material extraído do *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro.

massas organizadas do País. Ao frisar o crescimento do setor de juventude do PCB, baseaou-se na preparação em curso do Congresso Pan-brasileiro da Juventude Operária, Estudantil e Camponesa, que contava com o apoio relevante de grêmios escolares e desportivos. Concluindo a primeira parte do balanço das atividades comunistas no Brasil, *O Nordeste* focalizou a importância da publicação "A guarda vermelha", especificamente para os militares e existência de numerosos jornais das diversas células partidárias. Na abertura da segunda parte de "Tenaz em sua ação subversiva...", *O Nordeste* arrolou os propósitos da ANL: lutar a favor da libertação nacional contra o imperialismo e o governo reacionário de Vargas. Na continuação, focou o nível de atuação do aliancismo, que saíra do estádio meramente organizacional e atingia a base de combate de ação de massas, dirigindo greves populares e antagonizando-se ao Integralismo e à polícia.

Dada a crise revolucionária vivenciada pelo Brasil, caberia aos aliancistas destituir o governo de traição nacional de Vargas e estabelecer um poder popular nacional-revolucionário, por meio da palavra de ordem: Todo o poder seja entregue a Aliança Nacional Libertadora! Na última subdivisão do documento, *O Nordeste* chamou atenção para o significado do VII Congresso da Internacional Comunista para a militância bolchevique: demonstrou a unidade do proletariado da URSS com o proletariado do mundo capitalista; lançou as bases de uma mobilização mundial contra o capitalismo; determinou mobilização intensa contra a guerra imperialista; estabeleceu um programa visando à luta pela frente única proletária, estigmatizando todos os sectarismos pequeno-burgueses; consolidou a direção do Komintern; decretou a mobilização geral de todos os partidos comunistas e do Komintern para preparar o final feliz da revolução proletária mundial; manifestou expressivo interesse pela ação do Komintern na África e na Ásia; marcou uma nova etapa da ofensiva do Komintern na América Latina, notadamente na América do Sul.

Na série "A trama comunista que pretende esfacelar o Brasil" ("Informações confidenciais de Moscou, transmitidas a título de instruções para a orientação política dos agentes de propaganda soviética em nossa Pátria"), *O Nordeste* usou como fonte o periódico integralista *Ofensiva*, editado na cidade do Rio de Janeiro/RJ.[266] O jornal católico reproduziu trechos dos documentos apresentados no VII Congresso da Internacional Comunista (IC). Publicou relatórios de George Dimitrov, intitulado, "A ofensiva do fascismo e as tarefas da III Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária"; do holandês, Van Mine, membro do conselho executivo do Komintern e relator dos assuntos pertinentes à América do

[266] Publicados nos dias 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24 e 26 de dezembro de 1935, sempre na primeira página do jornal.

Sul; de W. Pieck, delegado alemã, resumindo a atividade do comitê executivo da Internacional Comunista e as resoluções do VII Congresso. Na edição inicial da série, que contou com 13 exemplares, *O Nordeste*, apôs ao título uma fotografia de Josef Stalin, dirigente máximo da URSS do período. Antes de passar à reprodução dos escritos dos congressistas, o órgão relatou o entusiasmo dos delegados sul-americanos ao aclamarem o secretário-geral da Internacional Comunista. A louvação ficara a cargo de Luiz Carlos Prestes, que usou palavras quentes e vibrantes, assegurando o pleno sucesso das revoluções comunistas na América do Sul, futuramente.

Desta vez, *O Nordeste* publicou os informes comunistas, sem intercalá-los com subtítulos. Ateve-se a distinguir em itálico as passagens referentes à sociedade brasileira: as maquinações bolchevistas contra o fascismo e o integralismo, a subversão da ordem pública, a oposição vermelha à Igreja Católica e referências ao documento, A luta pela libertação nacional e social do Brasil. E a quem caberia livrar o Brasil do jugo do "judeu capitalista", do imperialismo e do fascismo? A frente popular por meio da consigna: Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora! O texto do holandês Van Mine corroborava algo sobejamente denunciado pelo *O Nordeste*: a ANL fora concebida secretamente pelo PCB, seguindo ordens expressas de Moscou.

Luiz Carlos Prestes, chefe absoluto do aliancismo, deveria guiar a futura União Brasileira, fruto do êxito da frente única nacional libertadora de perfil anti-imperialista e antifascista. O pleno ordenamento da frente única colocaria ao PC brasileiro a necessidade de superar os desvios sectários e inseri-la no movimento de massas. Um governo de união nacional, defensor dos interesses imediatos dos operários, dos camponeses e da pequena burguesia urbana, tornar-se-ia embrião do que viria: a ditadura revolucionária e democrática do proletariado. Ao final desta operação, o Brasil seria uma "linda pérola" a ser engastada no "colar vermelho" das Repúblicas Soviéticas, como preconizara a gazeta clericalista.

Da intervenção de Georgi Dimitrov, *O Nordeste* salientou os comentários à pergunta (Como evitar a vitória do fascismo?) e o fracasso na concretização da República Soviética do Brasil. A ditadura terrorista, presente no ideário fascista e no integralismo brasileiro, seria derrotada mediante a efetivação das seguintes tarefas: arregimentação da frente única em bases democráticas, incluindo a classe operária, as massas camponesas, sindicatos de trabalhadores, independentemente, se comunista ou não, desempregados, analfabetos, populações pobres e os pequeno-burgueses; desarmamento dos milicianos fascistas; a expulsão dos fascistas ou simpatizantes de todos os organismos do Estado; a luta contra os "patifes reacionários" e a Igreja Católica. Paralelamente a sua materialização, a

frente popular divulgaria as reivindicações revolucionárias: substituição da polícia do Estado por uma milícia operária armada, controle da produção e dos bancos. No caso específico do Brasil, Dimitrov realçou um forte impeditivo, repassado por Luiz Carlos Prestes, à ampliação da militância bolchevista e ao poder soviético: o espírito conservador e profundamente católico do povo, apesar da crescente propaganda antirreligiosa nas classes armadas, com intelectuais, professores, estudantes de academias, liceus e ginásios oficiais. À exceção disto, dava-se nos colégios religiosos e de ensino particular.

A proclamação da República Soviética do Brasil falhara. Ao explicar-se, Dimitrov argumentou que as Revoluções de 1924 e de 1932, ambas no Estado de São Paulo, não só abriram possibilidades de mudanças radicais, como fortaleceram a presença do comunismo e a liderança de Prestes entre os brasileiros. Continuando, lamentou o recuo de Prestes em proclamar a República Soviética do Brasil, pois, como já argumentara, a situação política advinda destes episódios favorecia o triunfo do socialismo. Segundo Dimitrov, Prestes já convencera inteiramente a IC, de que, naquela época no Brasil, a implantação do socialismo seria coisa passageira. Seria preferível aguardar e estabelecer definitivamente o comunismo nas terras brasileiras. Intervindo na situação revolucionária nacional, Dimitrov indicou o papel da ANL nas lutas eleitorais: atuaria na legalidade ou seria substituída por um novo partido; entretanto, em qualquer situação, a libertação do proletariado mundial, via configuração de um governo operário e camponês, seguiria norteando a conduta da militância do PCB e de seus aliados. Por fim, os trechos assinalados do relatório de Dimitrov suscitavam n'*O Nordeste* uma só medida: o Estado Getulista devia declarar guerra aberta ao comunismo, imediatamente; senão, pereceria, fatalmente.

Na hipótese de os relatos atribuídos a Dimitrov possuírem veracidade, o secretário-geral da IC referiu-se a fatos ocorridos no Estado de São Paulo: a Revolução de 1924, cuja liderança-mor coube ao general reformado Isidoro Dias Lopes, e a Revolução Constitucionalista de 1932. Quanto à participação de Prestes e do comunismo nestes episódios, vinculados ao tenentismo e à disputa da elite paulista *versus* o governo Vargas, é patente o equívoco do dirigente da III Internacional. Só em maio de 1930, Prestes divulgou manifesto rompendo com o tenentismo e aderindo ao comunismo. O PCB respondeu ao manifesto opondo restrições: Prestes tentava criar um partido operário-camponês de perfil pequeno-burguês e personificava os elementos, que, embora hesitantes, identificavam-se com o aventureirismo dos golpes de Estado.

Além disso, em 1931, Prestes seguiu para a URSS, permanecendo até 1934, ano de ingresso oficial no PCB (CARONE, 1978, p. 328); contudo, nas páginas d'*O Nordeste*, as

observações de Dimitrov atestavam algo fartamente temido: qualquer rebelião ou contestação à ordem pública, independentemente da matriz ideológica, bastaria para colocar o Brasil na órbita do imperialismo soviético. Malgrado a conjuntura desautorizá-lo, em oportunidade alguma, o periódico questionou o dirigente comunista, pelo contrário, nos exemplares onde constavam os informes do secretário-geral da IC, o pânico (a passos largos, os comunistas estão chegando!) foi bastante usual.

Simultâneo aos assombros, *O Nordeste* clamava por medidas de repressão para exaurir o comunismo, adjetivado-o de o maior e mais ostensivo inimigo das nossas tradições de moralidade e fé. Uma das preocupações concentrou-se no funcionalismo público. Semelhante a Dollfuss, na Áustria, cabia ao Estado tolher com ação autoritária a "hidra venenosa de Moscou". Os efeitos do "*morbus* soviético" grassaram à custa dos próceres da liberal-democracia, até agora presentes, em algumas poucas esferas governamentais. Primeiramente, a "onda vermelha" expandiu-se na administração estatal e por meio dos "terríveis áspides" sovietizados: Joaquim Pimenta, no Ministério do Trabalho; Sussekind de Mendonça, no Ministério da Educação; Anísio Teixeira, na Instrução Pública do Distrito Federal, e Pedro Ernesto, prefeito do Rio de Janeiro. Robustecido, o marxismo ousou constituir uma junta composta de "músicos e operários", para administrar a cidade de Natal, no levante comunista, de novembro de 1935.

Concomitantemente, no Rio de Janeiro, Capital federal, sede do Governo central, Luiz Carlos Prestes liderava bombardeios a instalações militares, assassinatos de oficiais indefesos e saques à riqueza pública e de particulares. Ao término, a pátria contabilizou um espólio de cadáveres mutilados, viúvas e órfãos. À vista disso, *O Nordeste* sentenciou: a culpa dos deploráveis acontecimentos do momento incidia nos governos e, persistindo o radicalismo anticlerical, o Brasil superaria o golpe de mão de 1934, na Espanha, na região da Catalunha.

Na Câmara Federal, as críticas d'*O Nordeste* voltaram-se para a atuação do Bloco Parlamentar Pró-liberdades Populares. O agrupamento de deputados seguia os passos da extinta Aliança Nacional Libertadora, que em surdina atuava. O Bloco acobertava contumazes demagogos ciosos de organizar a frente única antifascista, a mando da III Internacional de Moscou. No manifesto à Nação, os adeptos do nacionalismo de fachada, os esquerdistas e os "caipiras ingênuos", tutelados pelos "águias", repeliram o Integralismo, de Plínio Salgado, definindo-o de arremedo de fascismo. A crescer tais atitudes, o País seria manipulado pelos bolchevistas à brasileira e pela "sanguinária" URSS. A possibilidade de conformação deste quadro constituía o alvo principal de todas as vivas preocupações de luta, reiterava *O Nordeste*.

Aqui se poderia reproduzir o comum na "ditadura imperialista dos sovietes": a liderança do comunismo entregue a tomadores de cocaína, estelionatários, escritores fracassados, chantagistas e escroques. No caso do Brasil, o jornal identificava alguns agravantes: o perfil de maximalistas proeminentes e a crise de autoridade, provocando instabilidade no controle dos extremistas e das multidões. A elite subversiva do País agregava cabotinos vulgares e intelectuais pernósticos. Nisso, aderir ao corolário de Lenin correspondia a substituir o talento para ascender no mundo das letras pelo golpe de força, a expensas do "ouro russo".[267]

O Nordeste tachou a proposta de frente popular da III Internacional de embuste. Metamorfoseava-se a forma, largando antigos processos "bárbaros", objetivando conservar o de sempre: estabelecer na terra o anticristianismo. A persuasão aos crentes deveria iniciar-se com as reivindicações materiais e a valorização do nacionalismo, nada de ataques diretos ao clero: a URSS escondia as "garras" para mais facilmente apanhar a presa. Vinha com os "pés de lã" a fim de assaltar o rebanho incauto.

Em xeque, a condução dos homens, pela Igreja ou pelo marxismo e o seu reducionismo econômico. Aceitar docilmente a propagação da "ideologia tártara", alterada em razão da influência dos povos civilizados do Ocidente, ultrapassava os limites da Lei de Segurança Nacional, editata em janeiro de 1935. Ineficaz, esta fora desrespeitada recentemente nos levantes comunistas e, para substituí-la, *O Nordeste* insistia no argumento: carecia a Nação dum governo antagônico ao liberalismo. Neste instante, o proposto vinculou-se a um dos lemas do salazarismo (liberdade com autoridade). Complementaria o porvir à vigilância ininterrupta ao inimigo externo, o bolchevismo e o descarte dos patrícios traidores. Na leitura do periódico, somente a unidade espiritual garantia a integridade territorial do Brasil.

O Nordeste parabenizou efusivamente a maioria das forças armadas pelo apoio manifestado ao presidente Getúlio Vargas no enfrentamento dos levantes comunistas. Compreendia o jornal que, para arraigar no País definitivamente o comunismo, seria necessário "engastar a linda esmeralda do Brasil no colar vermelho das Repúblicas Soviéticas", quer dizer: Moscou invadiria o Território nacional. Neste ensejo, o periódico ocupou-se em reiterar a função precípua dos militares: barrar a invasão externa por parte da

[267] Medida indeclinável. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 dez. 1935. Editorial, p. 1. Caminho certo. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 dez. 1935. Editorial, p. 1. Liberdades populares. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 dez. 1935. Editorial, p. 1. Ainda é tempo. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 dez. 1935. Editorial, p. 1. A repulsa unânime. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 dez. 1935. Editorial, p. 1. Regenerar-se ou perecer! **O Nordeste**, Fortaleza, 10 dez. 1935. Editorial, p. 1.

URSS. Subjugando os rebeldes de Natal, do Recife e do Rio de Janeiro, o Exército e a Marinha deram exemplo de firmeza no combate ao socialismo em Terras de Santa Cruz. Garantiram a integridade do patrimônio material e espiritual da nacionalidade. A derrota dos "fanáticos" dirigidos por Luiz Carlos Prestes e pelos remanescentes da ANL criava importante óbice à expansão territorial da III Internacional na América do Sul. Os militares patriotas expressaram afinidade com as gloriosas tradições de dignidade da família nacional e cristã. Também o fizera Plínio Salgado. Irmanado às classes armadas, o mentor da Ação Integralista Brasileira, ao disponibilizar a Getúlio cem mil combatentes aptos a serrar as "garras da fera bolchevista" e rapidamente mobilizáveis, demonstrou plena afinidade com os valores norteadores do oficialato brasileiro.[268]

Movido pelo sentimento da constante precaução ante a desenvoltura do bolchevismo e o ano de 1935 mostrava o ímpeto do adversário, *O Nordeste* apresentou alguns encaminhamentos aos católicos e às autoridades constituídas. Começou com a proposta de fundação da Sociedade Rádio Cearense. Em Fortaleza, a campanha em prol da radiodifusão seguiria os passos daquela lançada pelo cônego Manuel Macedo, da Congregação Mariana, na cidade de São Paulo. Lá, amealhou-se a contribuição de um extenso espectro: dos abastados às pessoas humildes. Justificando-se, o jornal resumiu uma transmissão da rádio Moscou, em português inteligível, ouvida na Capital cearense, momentos antes: as massas proletárias deveriam negar-se a escutar os sermões do clero rico do Brasil, o explorador de operários e camponeses. Implantar a radiocomunicação significava lutar de igual para igual com o inimigo, ponderava *O Nordeste*, dado que o rádio se tornara a sexta arma do século XX. Havia o dever moral de o povo se servir dele contra o sovietismo, que tão eficientemente o empregara na sua campanha de desfiguração do caráter nacional. Finalizando os argumentos pró-estação difusora católica, o periódico aludiu ao passado de glórias do povo cearense. A Terra da Luz acenderia um farol capaz de iluminar "as trevas emanadas daquele oriente polar, envolvido na densa escuridão de uma noite tártara".

Considerando a necessidade premente de eliminar o anticristianismo de Moscou, *O Nordeste* instigava os fiéis a se engajarem na Ação Católica Brasileira, fundada em junho de 1935. O surgimento da organização seguia a orientação do papa Pio XI e conclamava o laicato a atuar na propagação dos dogmas católicos na vida individual, familiar e coletiva: o amor à terra natal, ao trabalho, à vivência doméstica e ao bem seria capaz de impedir a

[268] Escondendo as garras. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 dez. 1935. Editorial, p. 1. A defesa da democracia. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 dez. 1935. Editorial, p. 1. Defensores da liberdade. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 dez. 1935. Editorial, p. 1. Crimes de lesa pátria! **O Nordeste**, Fortaleza, 16 dez. 1935. Editorial, p. 1.

proliferação do marxismo. A Ação Católica Brasileira, no dizer d'*O Nordeste*, atuaria em caráter nacional, diocesano e paroquial. Internamente, teria setoriais: homens, senhoras, juventude masculina e feminina. Externamente, posicionar-se-ia fora e acima de qualquer partido. A sua única política subordinava-se ao papado, à salvação dos fiéis e à glória de Deus. No Ceará, lugar de devoção à causa de Deus, Pátria e Família, a autoridade arquidiocesana agregaria diversos católicos na tarefa de regeneração social, ora iniciada. Na proporção que o periódico elevava ao *status* de dever de consciência, impingir fragorosa derrota ao materialismo, por intermédio da recém-criada arregimentação católica, nivelava a abstenção ao pecado mortal. Sem exceção, todos seriam chamados a contribuir: das cidades até aos centros longínquos e bárbaros, habitados palas hordas selvagens.[269]

Terminava 1935, fase marcante na trajetória do jornal *O Nordeste*. De mera especulação para os inocentes, a possibilidade de assalto ao poder, dirigida pelos moscovitas nacionais, tornara-se brutal em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro. Nunca a pátria ansiara por medidas enérgicas de enfrentamento aos bolcheviques como naquele final de temporada. Nas projeções do órgão, os exauridos, liberalismo e democracia, sairiam de cena e o "Estado Novo", tão decantado ao longo do ano em apreço, regeria os destinos da Nação, contra as ameaças de implantação do "Estado-patrão" soviético.

Findava 1935 e *O Nordeste* reavivou o que poderia ter sido a governabilidade vermelha: o intermitente pranto de mães, viúvas e órfãos, a conspurcação da inocência das virgens, o estabelecimento da igualdade social em detrimento da meritocracia, as igrejas de portas cerradas, o fuzilamento de sacerdotes, o trucidamento de militares, combatendo ou desarmados, as deportações e morticínios em cifras exponenciais. Diante da crescente petulância dos brasileiros russificados, o periódico repetia a urgência do fortalecimento da autoridade na limitação aos excessos de regalias pleiteados pelas massas e na expansão do louvor ao Senhor das nações, Jesus Cristo.[270] 1936 chegava e *O Nordeste* continuava preso aos meses anteriores. Nas orientações aos governantes e ao povo, o enfrentamento à ANL e aos levantes comunistas deu a tônica.

O Nordeste pressupunha que as forças secretas, a serviço do mal, viviam em constante conspiração e, para detê-las, apenas um pulso de ferro dirigindo o País, sem

---

[269] Rádio católica. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 dez. 1935. Editorial, p. 1. Ação Católica Brasileira. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 dez. 1935. Editorial, p. 1. Organizações fundamentais. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 dez. 1935. Editorial, p. 1. Apostolado hierárquico. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 dez. 1935. Editorial, p. 1. "Em 1935, como resultado da constitucionalização do país, surgiu a Aliança Nacional Libertadora, reunindo as forças da esquerda. A resposta da Igreja foi a fundação da Ação Católica Brasileira." (AZZI; GRIJP, 2008, p. 255).

[270] A festa do Natal. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 dez. 1935. Editorial, p. 1. O novo ano. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 dez. 1935. Editorial, p. 1.

delongas. Retrospectivamente, o periódico enumerava os ardilosos: desde Lúcifer até Luiz Carlos Prestes, passando por Caim, Judas, Lutero, Stalin e Béla Kun-Cohen, comunista húngaro. Antigamente, atacavam a civilização cristã de modo disperso, porém, agora, coube ao judaísmo unificá-los. Daí a pergunta: "Quem armou o braço de Carlos Prestes senão o dinheiro judeu da Rússia?".

Aliás, na visão do jornal, os judeus em oposição à Igreja Católica provinham de longe, atuaram na Revolução Francesa. Não obstante elogiar o combate do Fascismo, do Hitlerismo e do Integralismo a Moscou, o jornal considerava-os incompletos. Apenas o Vaticano possuía força moral para enterrar a "conjuração malfazeja", ponto de convergência da ambição, do orgulho e da inveja. A tentativa de impor o programa da "hidra vermelha" (destruição da fé, desmoralização do matrimônio, degeneração dos costumes, ódio de classes, abolição da propriedade particular) fracassara no Brasil. Malograra em virtude da educação católica do povo, que soube reconhecer os méritos do presidente Getúlio Vargas no enfrentamento das facetas do mal.

De muito, Getúlio Vargas contentava *O Nordeste*. A Revolução de 1930 possibilitara o reencontro da Pátria com o zelo apostólico dos Nóbregas e Anchietas. A Constituição de 1934, invocando Deus no preâmbulo, confirmava os bons propósitos de Vargas. O presidente fazia cerrada perseguição às manifestações custeadas pelo "ouro vermelho". Proibia a circulação de livros importados da União Soviética, impedia a disseminação do ateísmo no sistema escolar, enxotava dos quartéis os traidores, valorizando os Florianos e os Saldanhas, retirava do serviço público os trânsfugas. Com serenidade, destemor e intrepidez venceu, Luiz Carlos Prestes, em novembro de 1935.

Por conceder liberdade à Aliança Nacional Libertadora, respeitando a legalidade, fora enganado em sua boa fé. O presidente não supunha encontrar brasileiros internacionalistas. O "monstro sem Deus, sem Pátria e sem Família" abusara, buscando infiltrar-se junto às classes laboriosas. Derrotando o movimento armado dos comunistas, Getúlio Vargas aprendera: é impossível contemporizar com o mal. Vigilante aos limites da normalidade constitucional, *O Nordeste* dirigiu-se a Vargas: o presidente deveria abrir bem os olhos, mas também os braços para não ser devorado pelos inimigos da pátria. Os traiçoeiros sabiam que somente esmagando a civilização cristã poderiam vender o Brasil ao estrangeiro.[271]

[271] Novo rumo. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jan. 1936. Editorial, p. 1. O futuro de Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jan. 1936. Editorial, p. 1. Fator decisivo da vitória. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jan. 1936. Editorial, p. 1. Na defesa do Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 jan. 1936. Editorial, p. 1. Os inimigos do Brasil se movimentam. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jan. 1936. 2º editorial, p. 4.

No Ceará católico, nas palavras d'*O Nordeste*, desembarcou em janeiro de 1936, o capitão de engenharia, dr. José Nogueira. O militar vinha com o intuito de apurar a participação de comunistas cearenses na derradeira arremetida de Luiz Carlos Prestes, o "maior de todos os traidores". De posse duma lista, encontrada nos arquivos da subversão, na cidade do Rio de Janeiro, o oficial e o chefe de polícia do Ceará, capitão Cordeiro Netto, desenvolveriam esforços objetivando prender os conspiradores locais. Aqui, ambos teriam o absoluto apoio do governador Menezes Pimentel.

Quanto à investigação, o jornal anunciou: grandes surpresas estão reservadas ao nosso público! Finalmente, os traiçoeiros ativistas dos levantes comunistas submeter-se-iam à justiça serena, já que por um triz não fizeram do Brasil parte da União Soviética. Após essa cobertura, o periódico silenciou acerca dos resultados da investigação. Voltou ao tema restringindo-se a publicar, na íntegra, em primeira página, telegrama recebido pelo governador Pimentel, no qual constavam os nomes dos membros da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo: almirante Dario Paes Leme, general Coelho Neto e deputado Adalberto Correia.[272]

Boris Koval, Francisco Moreira Ribeiro e o jornal *O Povo*, todavia, forneceram informações atinentes ao desempenho policial. Os autores optaram por breves notas. Koval (1982, p. 327-328) mostrou dados do Comitê Central do PCB: nos dois meses subsequentes a novembro de 1935, foram presas 1.319 pessoas, em Fortaleza. Ribeiro (1989, p. 43) relatou os efeitos da delação de Antônio Farias Ferreira, destacado militante do PC estadual: identificação de todo o Comitê Regional, que ficou completamente acéfalo com a captura de seus dirigentes. A prisão de militantes e simpatizantes do PC desencadeou forte refluxo nas atividades partidárias, inteiramente suspensas, enquanto duraram as batidas policiais.

Na avaliação de Ribeiro, o PCB precisou de dez anos para se recuperar do erro histórico, de tentar fazer uma revolução sem a participação popular. Dos periódicos que polemizavam com *O Nordeste*, o jornal *O Povo* noticiou arbitrariedades e prisões, relacionando-as prioritariamente às disputas entre lecistas e pessedistas. Ao tratar do movimento rebelde, isentou o Ceará de qualquer participação nos levantes e informou da libertação, pela polícia da Capital de todos ou quase todos os suspeitos, logo no início de

[272] Extremistas cearenses. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jan. 1936. Editorial, p.1. Por um triz. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jan. 1936. 2º editorial, p. 1. Para a repressão ao comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1,29 jan. 1936.

dezembro de 1935.[273] O *Unitário*, à época da insurreição comunista, estava fora de circulação. Voltou à ativa em meados de janeiro de 1936.[274]

Tanto na conjuntura até aqui exposta (Revolução de 1930, Parada da Fome, Aliança Nacional Libertadora e Levante Militar Comunista de 1935), como na conjuntura a seguir (Eleições de 1933 a 1936), a intervenção d'*O Nordeste* destoava, em parte, da compreensão que se reportando ao jornalismo no Brasil da Primeira República, sob a óptica de uma dupla transição (o aumento do caráter empresarial e informativo da imprensa), afirmou:

> A tendência de mudança no jornalismo brasileiro da Primeira República (1889-1930) é gradual; os grandes veículos eram ainda do Império e a consolidação empresarial dos mesmos só se daria depois de algumas décadas do novo regime. [...] Assim, um aspecto de transição (iniciada de modo mais acanhado no próprio Segundo Reinado) é este: de uma imprensa pouco estruturada como negócio ao jornalismo como empresa; de outro lado, o modelo de jornal opinativo tenderá a ser, ao longo da primeira fase da República, substituído pelo jornal de informação. (ROMANCI; LAGO, 2007, p. 76).

O "em parte" decorre da manutenção ininterrupta do vespertino católico como um jornal de opinião, baseado numa linha política, ideológica e partidária bem definida, não só entre 1922 a 1945, quando finda este estudo, mas até o final de sua trajetória, em 1967. Portanto, desde sempre o órgão reiterou à exaustação a máxima: urge recristianizar a República! Aliás, *O Nordeste* era tributário de outras experiências de comunicação da Diocese do Ceará: os jornais *A Tribuna Católica*, de 1866 e *A Verdade*, de 1890. Não obstante a participação da Arquidiocese de Fortaleza na fundação do *Correio do Ceará*, em 1915, este periódico, apesar de seu editor-chefe A. C. Mendes, ser à época membro do Círculo Católico de Fortaleza e ter ficado até a dissolução da entidade em 1922, jamais desempenhou o papel de organizador coletivo das ações arquidiocesanas e a função de maior porta-voz do anticomunismo católico em Fortaleza, tanto é que Dom Manuel da Silva Gomes articulou com a intelectualidade católica e com o laicato engajado a fundação d'*O Nordeste*, em 1922.

O Nordeste incorporou outros aspectos das mudanças na "grande imprensa" na primeira metade do século XX. Nestas "o leitor urbano pertencente às camadas médias – pequenos comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, atores ausentes no cenário dominado pelas oligarquias – esteve na mira dos empreendimentos jornalísticos",

---

[273] Burlando o sentido da lei. **O Povo**. Fortaleza, 3 dez. 1935. Editorial, p.1.

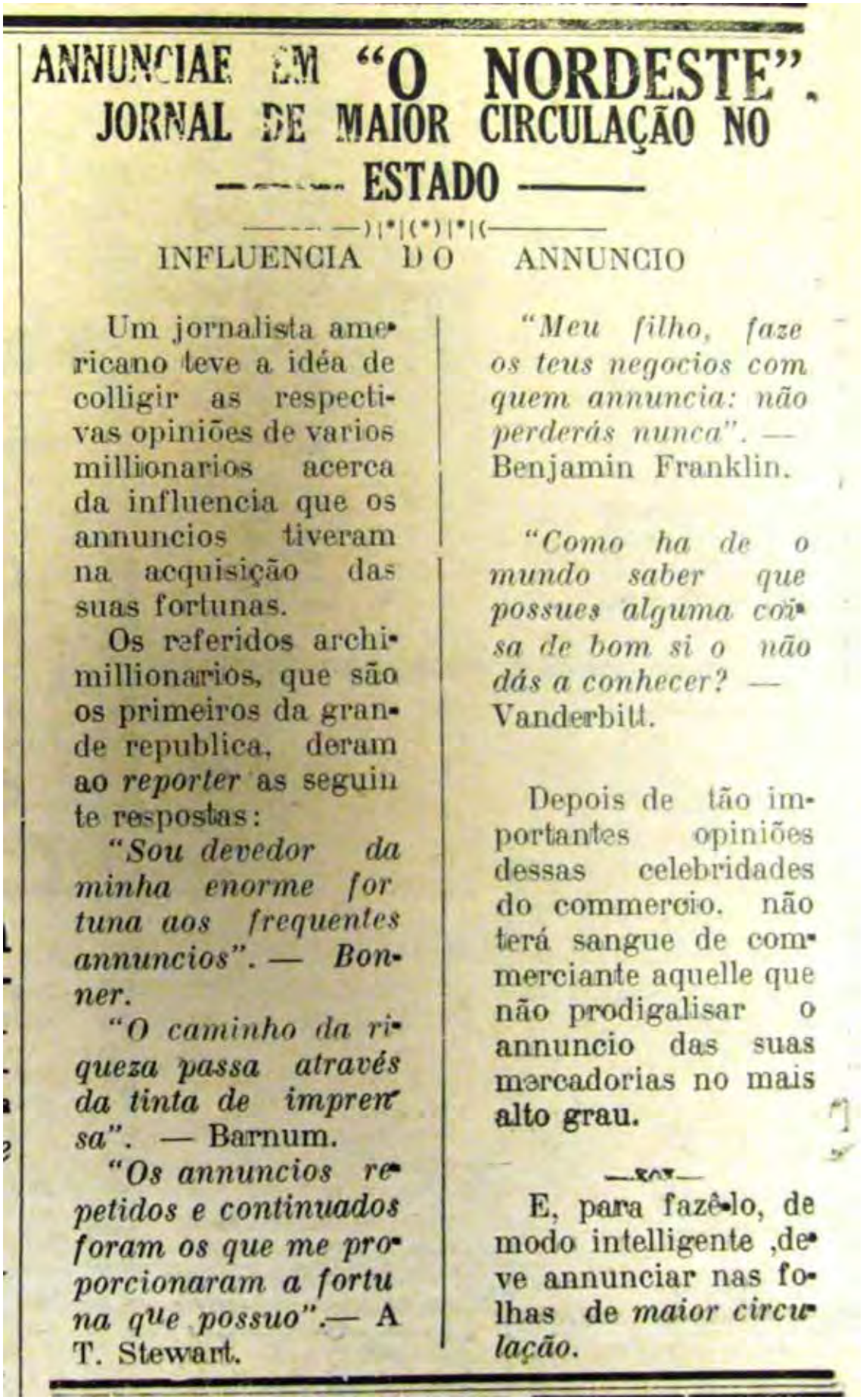
[274] Nos locais de pesquisa, inclusive acervos com maior quantidade de jornais na cidade de Fortaleza, a Biblioteca Estadual Governador Menezes Pimentel e o Instituto do Ceará, os exemplares relativos ao mês de janeiro de 1936 do jornal *Unitário* estavam em falta. Registre-se que se deu prioridade aos períodos indicados por Boris Koval, ou seja, dezembro/1935 e janeiro/1936.

como decorrências disso, estes periódicos veiculavam "a atenção aos eventos e problemas da cidade" (DE LUCA, 2008, p. 165). Além das camadas médias, que a partir do editor-chefe do periódico estavam contempladas, pois Andrade Furtado provinha de tal segmento, exercendo a magistratura, no cargo de juiz e lecionando na Faculdade de Direito do Ceará, o vespertino, politicamente oligarca, dispensava ao proletariado significativo cuidado na *Secção Operária* e em suas sucedâneas.

Em diversos momentos, o órgão arquidiocesano debateu-se contra a imprudência no trânsito à mercê da "fúria dos automóveis", contra a falta de higiene das pessoas nos apertos de mão e nas diversas formas de cumprimento, contra os aumentos dos preços dos gêneros alimentícios, dos bilhetes dos bondes, dos aluguéis e das tarifas de energia elétrica, sob a responsabilidade da companhia inglesa *Ceará Tramway Light and Power* etc. A despeito de exigir da *Light* a redução na tarifa, o periódico relembrava o fato da "agitação comunista" induzir os "humildes" operários da empresa a realizarem em 1929 uma greve atentatória à ordem pública. À vista disso, o órgão cobrava das esferas governamentais intervirem no sentido de equacionar o acesso da população às mercadorias, aos serviços e à moradia, mas preservando o direito à propriedade privada.

No tocante ao jornalismo como empresa, o vespertino católico nasceu compondo um circuito financeiro, cujo centro provinha da Arquidiocese de Fortaleza. Fundado em 1920, o Credito Popular São José, depois Banco Popular de Fortaleza (BPF), possuía como entidade mantenedora o arcebispado da Capital. Afora atuar como qualquer agente financeiro no mercado, o BPF possui como cliente as cooperativas de produção católicas e recebia os parcos depósitos das entidades operárias e assistenciais vinculadas ao clero. Também se tornou assíduo anunciante no jornal *O Nordeste*. Rotineiramente, o periódico concitava o público católico a comprar nos anunciantes do periódico (Católicos! Quando necessitardes de comprar alguma cousa lembrai-vos das casas que anunciam em O Nordeste)[275]. Igualmente, estimulava os profissionais liberais, o comércio em geral, os fabricantes de remédio etc. a anunciarem em suas páginas, porém apresentando um arrazoado, pontuado de referências ao jornalismo dos Estados Unidos da América[276]:

[275] **O Nordeste**. Fortaleza, p. 5, 10 jan. 1935.
[276] **O Nordeste**. Fortaleza, p. 7, 18 abr. 1936.



ANNUNCIAE EM "O NORDESTE".
JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO
ESTADO

INFLUENCIA DO ANNUNCIO

Um jornalista americano teve a idéa de colligir as respectivas opiniões de varios millionarios acerca da influencia que os annuncios tiveram na acquisição das suas fortunas.

Os referidos archimillionarios, que são os primeiros da grande republica, deram ao *reporter* as seguinte respostas:

"Sou devedor da minha enorme fortuna aos frequentes annuncios". — *Bonner.*

"O caminho da riqueza passa através da tinta de imprensa". — Barnum.

"Os annuncios repetidos e continuados foram os que me proporcionaram a fortuna que possuo". — A T. Stewart.

"Meu filho, faze os teus negocios com quem annuncia: não perderás nunca". — Benjamin Franklin.

"Como ha de o mundo saber que possues alguma coisa de bom si o não dás a conhecer? — Vanderbilt.

Depois de tão importantes opiniões dessas celebridades do commercio, não terá sangue de commerciante aquelle que não prodigalisar o annuncio das suas mercadorias no mais alto grau.

E, para fazê-lo, de modo intelligente, deve annunciar nas folhas de *maior circulação.*

FIGURA 8 – A influência do anúncio

Fonte: **O Nordeste**. Fortaleza, p. 7, 18 abr. 1936.

3 NÃO CAIR EM PECADO ELEITORAL!

> Procuram os inimigos da Igreja, por todos os modos, estabelecer a confusão entre os católicos, a respeito da obrigação moral do voto. Quer se formar uma mentalidade falsa, no meio do povo cristão, no sentido de criar o preconceito de que o dever eleitoral nada tem com os interesses da nossa Fé. O desleixo e o temor dos cidadãos que não votam em bons deputados bem se poderia chamar ***pecado eleitoral***.[277]

3.1 Para direita ou para a esquerda

Uni-vos anticomunistas do mundo inteiro![278]

Na primeira página, com ampla cobertura, *O Nordeste* noticiou a instalação da Liga Eleitoral Católica (LEC) no Ceará. A cerimônia ocorreu em Fortaleza, no dia 16 de dezembro de 1932, às 20h, no salão nobre do Colégio da Imaculada Conceição, escola administrada pelas Irmãs Vicentinas. Ao longo da matéria, o periódico advertiu: nenhum católico, consciente dos seus deveres, poderia negar apoio a essa organização que se constituiu pelo fato de representar uma exigência formal da Religião e da Pátria. Junto à admoestação, a íntegra dos estatutos da Entidade. Sem mencionar a presença do povo na posse da junta estadual lecista, o jornal restringiu-se a destacar o comparecimento de "grande" número de famílias, de pessoas da mais alta representação da ambiência católica, de membros do clero, advogados, professores, jornalistas etc. Discursaram, na sessão solene, os presidentes do cerimonial: o arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, e o vigário-geral do arcebispado, Monsenhor Antônio Tabosa Braga; a professora Rosita Paiva, representando o setor feminino da Arquidiocese e Andrade Furtado, editor-chefe d'*O Nordeste*. Em um vasto recinto que se encontrava superlotado, Dom Manuel, abrindo o ritual, indicou o propósito da LEC: arregimentar o eleitorado católico.

Conforme o prelado, a meta do lecismo diferenciava-se bastante do jogo político ora praticado. O importante era defender os direitos da Igreja nas votações, escolhendo governantes filiados à tradição católica da nacionalidade. Em seguida, falou Andrade Furtado, o orador oficial da solenidade. Furtado atacou, fundamentalmente, o agnosticismo oficial, oriundo da Constituição de 1891. Em decorrência disto, conclamou os fiéis a encararem a

[277] Pecado eleitoral. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 set. 1934. Editorial, p. 1.
[278] Um artigo sensacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 maio 1932, Editorial, p. 1.

participação nas eleições semelhante a um dever católico. Tal posição devia-se ao fato de a Igreja sentir-se ameaçada, pois o Estado adotara inflexíveis posições jurídicas laicas. Portanto, cabia aos homens bons, utilizando as eleições, reintroduzir nas leis o tradicional sentimento católico do povo brasileiro, materializado, entre outras, nas demandas do clero nacional: o nome de Deus na Constituição; ensino católico facultativo nas escolas públicas e privadas, nos horário regulares das aulas; reconhecimento oficial do casamento religioso; política econômica nacionalista; escolarização e proteção às classes rurais e aos humildes em geral. *O Nordeste* qualificou a fala de seu editor-chefe de "oração", cujo encerramento desencadeou vibrantes aplausos. Após Andrade Furtado, para uma plateia atentíssima, os oradores abordaram o papel decisivo das mulheres católicas nos pleitos eleitorais vindouros.

Rosita Paiva encorajou as católicas a elegerem governantes comprometidos a submeterem a pátria ao reinado social de Jesus Cristo, o conciliador do progresso material com a vida espiritual. Ao término, a docente foi louvada com vibrante salva de palmas. Encerrando os discursos, usou da palavra Monsenhor Antônio Tabosa Braga. Enfermo e combalido de intenso sofrimento, o clérigo mostrou-se alegre de ver, em breve, o voto feminino cearense influenciar decisivamente na seleção dos dirigentes do Brasil. Fechando a sua reflexão, Tabosa, muito ovacionado, expressou incisiva profissão de fé: "se, amanhã, eu, às portas da morte sentir o meu coração falhar, peço aos amigos que me conduzam até perto da urna, a fim de que eu possa morrer tranquilo, por ter votado pela minha fé e pela salvação do Brasil". A declaração de Monsenhor Tabosa revelou o empenho militante da Arquidiocese de Fortaleza em estruturar a LEC, no Ceará. Inclusive na junta estadual empossada, dois nomes merecem destaque pelos cargos que ocuparão: Edgard Cavalcante de Arruda, membro do extinto Círculo Católico de Fortaleza, futuro senador, eleito em 1935, pela LEC, e Raimundo de Alencar Araripe, ex-presidente da União dos Moços Católicos, vencedor do pleito municipal de 1936, pelo Partido Republicano Progressista, dirigido pelos lecistas, prefeito de Fortaleza (1936-1945).

Dando sequência ao lançamento da LEC/CE, *O Nordeste* sistematizou o programa da entidade: indissolubilidade do laço matrimonial, reconhecimento do inviolável direito de propriedade, adoção duma legislação cristã capaz de modificar as precárias condições dos assalariados no capitalismo, ensino religioso facultativo nas escolas, afastando de vez as crianças da pedagogia laicista e a manutenção da prerrogativa dos pais de decidirem os destinos espirituais dos filhos. Fechando a apresentação dos propósitos do lecismo, o jornal destacou: na encíclica *Quadragesimo Anno*, do saudoso papa Pio XI, havia todos os

elementos para a solução da crise social vigente no Brasil, com destaque para a harmonia capital-trabalho.

No entendimento do jornal, a efetivação do projeto lecista dependia de algo insistentemente cobrado: a aplicação, por parte do Estado brasileiro, dos invictos princípios católicos regulando a moral pública. Ao longo da exposição do plano de ação da LEC, o periódico reiterava a opção do lecismo de fixar-se no terreno meramente doutrinário, abstendo-se de escolher algum partido, coligação ou candidatura, dada a filiação de vários cristãos a diferentes agremiações políticas. O órgão garantiu, entretanto, que cobraria de todos os católicos o repúdio à mentalidade bolchevizante manifestada por qualquer postulante a cargos eletivos, haja vista a necessidade de os devotos, antes de tudo, serem obedientes por inteiro aos deveres de cristão, seguindo a firme orientação das autoridades eclesiásticas, à frente Dom Manuel.[279]

Antes de apoiar a fundação da Liga Eleitoral Católica/CE, *O Nordeste*, no começo de 1932, opôs-se frontalmente à reconstitucionalização do Brasil, ao debate partidário e ao voto universal. Estas polêmicas marcaram o centro da atuação política do jornal, porém, de forma pragmática, *O Nordeste* participou ativamente das eleições constituintes de 1933. A conduta do periódico de negar à Constituinte baseava-se na compreensão de vislumbrar em Getúlio Vargas a possibilidade definitiva de estabilização do regime. Para o vespertino, o governo provisório de Vargas, exaltado com o título de ditadura, vinha se constituindo num harmonizador consistente do Estado com a Religião e logo, logo haveria a conciliação da ordem dos espíritos com a ordem das ruas.

Vargas respeitaria a tradição popular, eliminaria os preconceitos exóticos, extirparia as doutrinas subversivas, suprimindo as lutas e os ódios de classes; porque, do contrário, Vargas assemelhar-se-ia aos governantes republicanos pré-1930, pois o Poder Público, ao desprezar as tradições da nacionalidade, atraía penalidades e transitoriedade, invariavelmente, como ocorrera na Primeira República. Embora apoiando irrestritamente Getúlio Vargas, a expectativa em relação ao comportamento político do presidente manifestava certa dúvida: falhando a evangelização do governo, retrogradaríamos ao liberalismo desmoralizador e às praxes viciadas de sufocação da família brasileira.

N'*O Nordeste*, a aversão à constitucionalidade fundamentava-se no apoio incondicional aos princípios revolucionários executados por Getúlio Vargas. A revolução com

[279] A instalação da Junta Estadual da L.E.C. em Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 dez. 1932. Instalou-se, ontem, solenemente, a Liga Eleitoral Católica do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 17 dez. 1932. 1932. Arregimentação indispensável. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 dez. 1932, Editorial, p. 1.

Vargas significava o oposto à demolição da ordem e à subversão da paz, triviais ao bolchevismo da Rússia. Para o órgão, a volta à legalidade causava apreensão: regressar ao constitucionalismo passava a ideia de reinstalação do sistema de fraudes, de desprezo pela vontade do povo, de dissídio permanente entre governantes e governados. A base de tudo isso localizava-se na permanência do liberalismo, o instigador do "mal". Na avaliação do jornal, o Brasil possuía o mais liberal dos regimes políticos e fora durante a vigência da Carta Magna de 1891 que se efetivaram desrespeitos cruéis à família brasileira. Caso o liberalismo fosse o suporte do novo ordenamento, efeitos nefastos desestabilizariam o Brasil. O País assistiria à decretação do divórcio, à perpetuação do laicismo corruptor, do sectarismo oficial, da crise de antinomia envolvendo as classes dirigentes e as classes dirigidas, ou seja, o civismo vivenciado pela "Pátria Nova", assentado no revigoramento da formação católica do povo, poderia interromper-se.[280] *O Nordeste*, ao comentar qualquer ato ofensivo ao governo federal, independentemente de qual setor social o praticasse, asseverou que:

> Haveria, de longe ao menos, um resquício de justificação para tal cometimento, de consequências as mais deploráveis para o bem público? Nada, absolutamente. Pura corrupção comunista. [...] O domínio do Cristo sobre as almas é que preparará para nossa terra, tradicionalmente católica, um regime de prosperidade, de respeito à hierarquia dos governantes, de união e congraçamento coletivo. A eliminação de Deus em nossas instituições é o erro formidável a corrigir. Ai está a 'chave de todas as soluções'.[281]

Ao passo que o presidente Getúlio Vargas realizava uma renovação nacional em hora excepcional, trilhando o caminho da restauração, a volta à constitucionalidade reproduziria os métodos falidos do sistema republicano pré-1930, prevenia *O Nordeste*. Justificando-se, definia de pressa o regresso à legalidade constitucional, porque Vargas precisava resolver, inapelavelmente, graves problemas. Sem citar quais empecilhos Getúlio enfrentava, o jornal persistia em enumerar os erros dos 40 anos de falsa democracia: intolerável opressão das liberdades à família patrícia; descalabro oligárquico de onde procedeu diretamente o amoralismo político e jurídico; a Constituição de 1891 mostrou-se um simples reflexo do fragílimo voto popular, desligada de todos os laços morais que prendem os governantes aos governados e introdutora do laicismo, o corruptor das regras da vida pública. Associado a isto, o jornal passou a descartar a retomada da vida partidária. Para a função de elaborador político, o periódico referiu-se à conduta do major Juarez Távora, delegado militar nos estados do Norte e Nordeste. Em visita oficial ao Amazonas, o militar apontara o caminho

[280] Novo ano. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 jan. 1932, Editorial, p. 1. Renovação Nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jan. 1932, Editorial, p. 1.
[281] Novo surto de rebelião. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jan. 1932, Editorial, p. 1.

único para o povo brasileiro chegar a seu destino: a cooperação autônoma e harmônica dos três poderes – político, econômico e espiritual.

Perseverando na condenação aos partidos políticos e na ênfase dos vícios do constitucionalismo da Primeira República – preconceitos liberalistas; fórmulas laicistas; métodos cavilosos da demagogia; fraudes legais, em que são useiros e vezeiros os próceres partidários – *O Nordeste* expôs a necessidade de um "governo forte", apto a extinguir a gravíssima crise de agitação social atormentadora do Brasil. Ordinariamente, repelindo os transcursos revolucionários, pelo fato de instigarem a anarquia, o jornal definia a Revolução de 1930 de exceção à regra e salientava o mérito deste episódio: a arregimentação das forças sadias capazes de impor um regime de seriedade ao Brasil. Apenas uma governança firme, resultante da colaboração dos poderes político, econômico e espiritual, poderia, nesta hora decisiva, sequenciar o renovamento político, a regeneração da nacionalidade e o saneamento da nossa vida pública, enfim, os sonhos de regeneração começados por Vargas. Nesta ocasião, o diário referiu-se ao problema educacional, leia-se, implantação da obrigatoriedade do ensino católico dentro do horário escolar. O doutrinamento religioso converter-se-ia no elemento indispensável à garantia do retemperamento do civismo nacional, porquanto equilibraria as leis governamentais com as aspirações do povo.

O Nordeste compreendia o governo provisório de Getúlio Vargas como uma passagem. A Nação saia de um período no qual as relações Estado-Igreja estavam debilitadas e começava a ingressar num estádio de franca consolidação dos laços do poder civil com o religioso. O decreto favorável ao ensino religioso facultativo, juntamente com a inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, à época Capital federal, atos ocorridos respectivamente em 31 de abril e 12 de outubro de 1931, receberam nas páginas d'*O Nordeste* largos elogios. Insatisfeito, o periódico queria ir à frente. Defendia a implantação urgente de um regime autoritário no Brasil, recorrendo à expressão "governo forte".

A justificativa para esta proposta vinha da percepção de que a pátria se sentia à beira de um caos. A olhos vistos, sobressaía o conluio dos bolcheviques e de outros setores hostis ao Executivo federal. O livrar-se do abismo, prognosticava *O Nordeste*, aconteceria se, por ventura, Getúlio, governando com amplos poderes, impedisse o regresso do País à constitucionalidade, proibisse a atuação dos partidos originários da Primeira República e controlasse o povo, cuja atuação restringir-se-ia à mera condição de executor das tarefas cívicas. De novo, presencia-se a descrição das massas – ingênuas, embrutecidas e destinadas a acompanhar fielmente a orientação social das elites.

Apoiando Getúlio Vargas, o chefe da ditadura, no trabalho de saneamento do ambiente político nacional, *O Nordeste* concitava o presidente a governar impondo repressão enérgica aos processos de subversão da autoridade, quer temporal, quer espiritual. Pertencia ao presidente a prerrogativa de restaurar os métodos de honestidade administrativa, indispensáveis à obra de reconstrução do Brasil. O comandante, eliminando o sistema agnóstico, o liberalismo e a opressão laicista, estabeleceria condições propícias à promulgação de uma nova constituição. Mantida a tolerância com o mal, o "perigo da anarquia" permaneceria a ameaçar a Nação, gerando o domínio da mentira no republicanismo nacional. Seguindo este diapasão, o diário projetava o quão oportuno seria a propagação da catequese na pátria naquela situação e, dada a influência brasileira, aconteceria, certamente, repercussão na América Latina.

Em se tratando de Brasil, o catecismo propiciaria o fortalecimento de uma terra católica por excelência e o País, finalmente, reencontraria a origem perdida. Quem guiaria, contudo, a doutrinação? Quem daria sustentáculo a Vargas? Repetindo-se, *O Nordeste* delegou às classes conservadoras, a parte sã do País, esta missão e lançou o ultimato: o dilema era mudar de rumo ou retroceder, pela estrada palmilhada, às mesmas posições falsas de onde saímos.

A concepção de democracia apregoada n'*O Nordeste* elevava Getúlio Vargas à condição de ponto de equilíbrio do governo provisório, sempre adjetivado de saudável ditadura. As reformas ingentes a serem desenvolvidas adquiriam ares de salvacionismo, configurando-se em antítese da governação afeita à Constituição de 1891. Deste modo, a publicação confessional apontava seus inimigos: liberalismo doentio, positivismo obsoleto, terrorismo vermelho, socialismo revolucionário e convulsão internacionalista. Paralelo a isso, repelia veementemente a condescendência da Primeira República para com eles.

Na visão política militante d'*O Nordeste*, Vargas deveria impor o raciocínio: fortalecimento da autoridade em detrimento do combalido liberalismo. Incessantemente proclamado ditador, Vargas movimentava-se dentro de uma encruzilhada fatal, agia sabiamente, a despeito da hora sombria, e vinha usufruindo do essencial: a proteção habitual da misericórdia divina ao Brasil. Devia respeitar, entretanto, os limites da graça especialíssima da Providência, sob pena de cair em pecado. A longevidade de Vargas condicionava-se à obediência do princípio: respeito às nossas tradições católicas, para que

desabrochasse, com vigor, no seio das multidões o amor à pátria, a obediência à lei, o acatamento à autoridade, o culto à família, o espírito de ordem e os direitos da justiça.[282]

A resistência d'*O Nordeste* à Constituinte exprimia o intenso grau de exclusão que dispensava aos populares. Constantemente, o povo aparecia na qualidade de simples joguete nas postulações das elites, tanto econômicas, como eclesiásticas. Sendo carentes de formação política, eram manipuláveis, viviam à mercê dos políticos profissionais e vítima das corriqueiras adulterações eleitorais. À época, para *O Nordeste*, estávamos muito mal amparados se esperássemos a renovação cívica da pátria vinda do minguado sufrágio universal. A culpa por tal quadro cabia aos estadistas e aos chefes de partidos da Primeira República, já que realizaram eleições fraudulentas, algo comum em decorrência do "rosário de pecados" dos regimes republicanos. Com isso, o sufrágio universal jamais se tornaria a terapêutica para os males do Brasil. Ao contrário, seria objeto de falsificação por demagogos profissionais e aventureiros bolchevistas. Então o periódico reafirmava a saída à crise: administração nacionalista; gestão elitista da ordem, a impulsionadora moral da população e à altura das graves necessidades da hora excepcional vivida pelo País; pulso decidido e firme no leme do Brasil; ação regeneradora e seriedade gerencial sintonizadas com as aspirações públicas e dentro da realidade cristã do brasileiro.

O Nordeste enfatizava uma concepção autoritária no processo eleitoral em curso: desmoralizar o voto universal. Assim, a promulgação do Código Eleitoral, ocorrida em 24 de fevereiro de 1932, neste tocante, virou letra morta. Preso à avaliação – o Brasil carecia de salvação, o País vivia um momento excepcional, Getúlio Vargas honroso ditador – o jornal identificava, nos aproveitadores do regime, nos adeptos da democracia moderna e nos profissionais da política, os mentores dos embustes: a soberania reside no povo e só a ele caberia a delegação dos poderes governamentais; soberania exercida pelo povo por meio das urnas. Por isso, só a paz, leia-se, o arrefecimento das disputas eleitorais com o acordo entre as elites, favoreceria o progresso, as realizações do trabalho e o retorno do Brasil às suas origens, à Terra da Santa Cruz e a um passado próximo, quando na Monarquia o catolicismo fora religião oficial. O diário nomeava os resultados desastrosos à coletividade, em se consolidando o triunfo do direito de voto a todos os cidadãos: democratismo irresponsável, ânimos desatinados, iniquidade, perturbações, aberrações, injustiças clamorosas, falência,

[282] Ideal revolucionário. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 fev. 1932, Editorial, p. 1. O dever dos patriotas. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 fev. 1932, Editorial, p. 1. À beira de um caos. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 mar. 1932, Editorial, p. 1. Crise política. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1932, Editorial, p. 1. Hora crítica. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 mar. 1932, Editorial, p. 1.

violências, motins, ambições sem limites, lutas de classes, nivelamento de todos, culto à irresponsabilidade e à incompetência.

A seguir, as objeções ao sufrágio universal n'*O Nordeste*. Os nossos estadistas e chefes políticos não possuem a elevação de idéias necessárias para realizar eleições livres e sérias. Não são as palavras, mas os fatos que atestam as verdades opostas a esses artifícios, de que se servem os aproveitadores do regime em favor das suas ambições sem limites e anticristãs. Poderíamos igualar o voto do homem trabalhador, vinculado ao seu lar, por laços morais resistentes, ao voto do indivíduo que nada tem que perder, tornando-se, por isso, um sequaz de desordem, desejoso de pescar nas águas turvas de subversão social? Deveríamos colocar no mesmo pé de igualdade, sem atentar contra as normas da sensatez, o voto do homem competente, que estudava os problemas vitais do País, e o voto do ignorante, desconhecedor das necessidades urgentes da vida pública?

Teríamos a mesma expressão da vontade popular o voto do chefe de família que labutava para cumprir com honradez os seus deveres sociais e o voto egoísta do libertino celibatário? Estariam nas mesmas condições de merecimento o voto do agricultor, do comerciante, do industrial e o voto do viciado na malandragem, sem eira e nem beira, que colocava a sua aspiração na obtenção de uma sinecura no serviço público? A igualdade perante a lei produziria esse inconcebível absurdo do voto do bandido ter o mesmo valor do voto do cidadão honesto? O ideal democrático, a que o mundo devia tão graves desatinos, resumia-se no nivelamento de todos, sem preocupação de idoneidade ou de mérito. Como se transformaria, para o efeito da função eleitoral, o analfabeto em homem culto? O nivelamento teria de ser feito pelos índices de inferioridades?[283]

Conspiração! Definia *O Nordeste* a movimentação pró-Constituição. Para o jornal, muitos homens de bem e políticos respeitados já deveriam ter compreendido que os sabotadores, a trabalhar nas trevas contra os interesses da Pátria, desejavam a proteção de um código legal para mais facilmente levar a termo os seus desígnios perniciosos. E quem seriam os tais ardilosos? Os bolchevistas! A quem enganariam? Ludibriariam numerosos cidadãos honestos que ingenuamente, fazendo discursos democráticos, possibilitavam um ambiente favorável aos emissários da URSS. Indo adiante, o diário solicitava a Vargas interromper o crescimento das ideias "rubras" da dissolução social, visto que o Brasil atravessava uma saudável fase de regeneração dos nossos costumes políticos. Na exposição do órgão arquidiocesano, só um "governo forte" derrotaria a onda demolidora que se preparava para

[283] Pulso firme. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 mar. 1932, Editorial, p. 1. Preconceitos anacrônicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 mar. 1932, Editorial, p. 1.

assaltar o Poder público e colocar na masmorra o clero. As injúrias ao governo Vargas continham o "veneno" do liberalismo e serviam aos manejos dos brasileiros sovietizados. A perdurar a militância dos moscovitas, a promulgação da nova Carta Magna redundaria em precipitação. Daí sugeriu *O Nordeste,* que, antecedendo à Assembleia Constituinte, o presidente Vargas deveria opor rapidamente o império da ordem aos desordeiros ansiosos por afundar o País na anarquia.

A herança da Revolução Francesa de 1789 ("a mania das liberdades"), na opinião d'*O Nordeste*, estimulava o irromper da crise de autoridade nas sociedades modernas. A superação do caos necessitaria de padrões de sociabilidade inspirados na firmeza da única lei verdadeira e justa que havia no mundo, a lei de Deus, e isto vinha ocorrendo na ditadura militar implantada em Portugal, com António Oscar Carmona. No Brasil, a simples promulgação de um documento jurídico ficaria aquém da felicidade do povo. O contentamento popular viria graças à aplicação completa e inadiável do programa: revogação do liberalismo, originário da Primeira República, por consentir espaço ao desregramento bolchevista na sociedade brasileira; extinção do partidarismo; defesa da integridade do Território Nacional; formação da consciência popular em bases católicas; salvação das populações nordestinas dizimadas pela seca; ocupação produtiva às classes trabalhadoras e consolidação da paz ameaçada pelo comunismo internacionalista. Nesse ínterim, os legítimos patriotas, o pensamento sadio, os cidadãos honestos e pacíficos, deviam irmanar-se ao presidente Getúlio Vargas, fortalecendo a autoridade do governante, dando-lhe condições de administrar a pátria sem impeditivos constitucionais e cerrando fileiras no enfrentamento aos profissionais da agitação.

Respondendo aos desatentos, habituados a desdenhar de suas projeções referentes à atuação das "pragas de Moscou" no Brasil, *O Nordeste* tratou de defini-las como verdades palpáveis. Apenas dizê-las em tom de calmaria revelava insuficiência, porque deveriam ser gritadas. Duvidar da existência do comunismo militante significava enaltecer um escárnio ou um delito. Embora reconhecendo as dificuldades dos "perigos vermelhos" de agredirem o Território Nacional ("escorregava como o óleo na superfície de uma lixa, mas escorregava"), a ameaça iminente da bolchevização do País continuava dando a tônica às alegações do periódico opostas à reconstitucionalização e à atividade partidária.

Por isso, o órgão, costumeiramente, evidenciou frustrados ardis moscovitas, que precisavam ser encarados como alerta à população e às autoridades. Desta feita, o jornal aludiu a fatos ocorridos em janeiro de 1931: a Marcha Contra a Fome, episódio à mão armada, acontecida na cidade do Rio de Janeiro (RJ), e a tentativa de preparo da Passeata da

Fome, em Fortaleza/CE. Nestes episódios, a polícia detivera eficazmente o inimigo, aniquilando a possibilidade do "ouro arrancado ao trabalhador escravo da Rússia" de cometer desatinos, aliviando a Nação de entoar cantos fúnebres. Donde a conclamação: nada de ilusões! Espertos ou ignorantes, todos de prontidão ante aos moscovitas, expoentes na arte de demolir os bons costumes, a família, a coletividade e as instituições.

No entendimento d'*O Nordeste*, o povo apresentava-se despreparado para constitucionalização imediata do Brasil. Apesar de honrado, ordeiro, altivo e crente, o povo carecia de um código político isento do liberalismo e do laicismo. Eles, os fatores de dissolução da Primeira República, permaneciam a infernizar o cotidiano nacional e incompatibilizavam-se inteiramente com as tradições católicas da Pátria. O Estado, com Vargas na condição de ditador, antecedendo a promulgação da Constituição, deveria impor medidas saneadoras da realidade brasileira: repressão aos extremistas e educação católicas às massas. Abstendo-se de reconfigurar a administração pública (Estado forte e católico), Vargas praticaria açodamento.

Por conseguinte, urgia expor os direitos e os compromissos do povo com a Igreja. *O Nordeste*, ao divulgar o manual de conduta dos fiéis, recomendava observância indefectível às diretrizes do compêndio: salvar o País da infiltração comunista; deter a propaganda bolchevista, a maior afronta ao princípio da autoridade; criar barreiras sólidas diante da ameaça de russificação da pátria; denunciar a conspiração de forças ocultas direcionadas a conduzir o Estado à convulsão demagógica; eliminar o prurido de liberdade; levar o povo à obediência incondicional ao Poder público; evitar o solapamento da família e matar o vírus do facciosismo antinacional.[284]

Com origem no questionamento – irá voltar o Brasil às fórmulas liberalistas de outrora? – *O Nordeste* ampliava sua oposição à reconstitucionalização do Brasil. Temia o periódico que a elaboração da nova Lei Suprema repetisse o ocorrido na primeira fase do republicanismo. Nela, os homens públicos, ao excluírem da administração do País as tradições católicas do povo, viabilizaram os longos períodos de subversão das instituições do Estado. O diário identificava nas negociatas dos partidos políticos a origem dos defeitos que minaram o regime deposto por Getúlio Vargas. Repelindo as liberdades excessivas do período e clamando por ordem já a fim de evitar a proliferação de doutrinas perigosas, o jornal se repetia: nesta hora de agitação tumultuária, o retorno à legalidade, expressa pelas urnas,

[284] Salus populi suprema Lex. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 abr. 1932, Editorial, p. 1. O exemplo brasileiro. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 abr. 1932, Editorial, p. 1. A voz do bom senso. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 abr. 1932, Editorial, p. 1. O momento atual. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 abr. 1932, Editorial, p. 1. Não há comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 abr. 1932, 2º editorial, p. 1.

ficaria aquém das reais necessidades do povo, tornando-se um péssimo remédio para nossos males. Sentindo-se pressionado tanto por intenções clandestinas, como por ameaças de anarquia em vias de acontecer, *O Nordeste* lançava um chamado à maioria ineficiente: superar as minorias audazes! A tarefa premente da maioria católica deveria superar as trapaças partidárias e confrontar os elementos sadios, o revigoramento da autoridade e a salvação da República aos "filhos das trevas", ao liberalismo "iníquo" e à "Pátria velha".[285] Abaixo, editorial anticomunista:


Não larguemos "o osso" aos bolchevistas...

FIGURA 9 – Não larguemos "o osso" aos bolchevistas
Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, 2 fev. 1932, Editorial, p. 1.

O Nordeste, fundamentando-se em declarações do arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes (o Brasil encontrava-se numa encruzilhada – ou reajustamento ou subversão), instava os católicos a saírem da contemplação e superarem, rapidamente, algo bastante corrosivo à Pátria: as funestas práticas laicistas. A construção da nova ordem, na óptica do prelado, solicitava principalmente o apaziguamento das paixões partidárias e da luta de classes. Alheio ao partidarismo e reconstitucionalização liderados pelo Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo, ansiosos em ressuscitar os 40 anos de "Pátria velha", *O Nordeste* particularizava o caminho da reordenação pátria: os católicos agiriam fora e acima dos partidos, dado que o povo confiava na reabilitação nacional empreendida por Getúlio Vargas e rejeitava a sublevação das forças do mal a serviço de criminosas ideologias dissolventes.

[285] O manifesto do ditador. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 maio 1932, Editorial, p. 1. Maioria ineficiente. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 maio. 1932, Editorial, p. 1. Segundo Robert M. Levine (2001, p. 53), Getúlio Vargas avaliou o movimento pró-constitucionalização como "uma cortina de fumaça para os esforços que o velho regime fazia para voltar ao poder". Daí percebe-se uma perfeita sintonia entre Vargas e a prática política adota pelo jornal **O Nordeste**.

O periódico, insistindo na apreciação – o debate constitucional daria sobrevida ao liberalismo em fase de extinção, via paredes, motins, assaltos a mão armada, atentados e lutas sociais – propunha estrita vigilância ao resultado do modelo liberal: serviu para gerar o desvario comunista, eliminando das consciências as noções insubstituíveis das verdades eternas. A Rússia sem Deus configurava-se no "inferno do operariado", em nome de cuja redenção se vinha perpetrando a ignomínia do cativeiro das classes trabalhadoras.

Paralelo ao veto a reconstitucionalizar o Brasil, ao debate partidário e ao sufrágio universal, *O Nordeste* esboçava um modelo de governo capaz de conduzir a Nação à verdadeira liberdade: a ditadura honesta. E com ela viria a eliminação da demagogia parlamentar, do materialismo funesto e das doutrinas individualistas. A verdadeira essência da liberdade, explicava o periódico, recusava as fórmulas vazias da representação plural dos congressos. Em nosso País, no regime anterior, a vontade popular ficara ao sabor do laicismo corruptor e a opinião pública refém das ambições partidárias. Afora isso, o liberalismo provocara a incompatibilidade do individualismo burguês com o princípio da autoridade, fragilizando a governabilidade da nação.

Com Getúlio Vargas, a reversão deste quadro difundia a moralizadora observância de princípios nitidamente nacionais e católicos. Para *O Nordeste*, somente as revoluções abençoadas pela sabedoria divina superariam a agitação social. A Providência, esgotados os recursos da misericórdia, permitiria a entrada na cena política das "terapêuticas violentas", unicamente objetivando o fim das convulsões populares. Os fatores da dissolução (liberalismo e laicismo), associados às forças inimigas da nacionalidade, como o bolchevismo, deveriam receber combate incessante. Aqui, deu-se à mocidade, isenta do materialismo, a função de regenerar a Pátria.[286]

As eleições constituintes, na interpretação d'*O Nordeste*, provocariam intranquilidade à salutar ditadura de Getúlio Vargas. Esta, sendo interrompida, daria margem às rebeliões e ao sinistro partidarismo da Primeira República. De pronto, surgiriam condições propícias aos golpes comunistas e o Brasil poderia reproduzir a sociabilidade da União Soviética. À vista disso, o jornal publicava uma série de advertências: a única maneira eficaz de combater o bolchevismo era opor ao seu sistema de materialismo irracional o Evangelho, com as insubstituíveis verdades trazidas ao mundo por Nosso Senhor Jesus Cristo. A melhor

[286] Cruzada de oração pela Pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 jun. 1932, Editorial, p. 1. O dever dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 jun. 1932, Editorial, p. 1. Inimigo do Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 jun. 1932, Editorial, p. 1. O modelo que nos convém. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 jun. 1932, Editorial, p. 1. A orientação a seguir. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jun. 1932, Editorial, p. 1. A lição da experiência. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jun. 1932, Editorial, p. 1.

maneira de combater a demolição comunista era despertar nos populares a confiança no governo Vargas, dando-lhes a convicção de que o presidente dedicava as suas integrais energias no sentido de satisfazer as aspirações da coletividade.

A concepção irracional do sistema comunista dominava as consciências que quebravam todas as amarras capazes de prendê-las aos códigos da religião e da moral, do direito e da lógica. Foi o regime laicista, imposto pela maçonaria às democracias modernas, que preparou o terreno para a sementeira desse materialismo bolchevista que reduzia o homem a uma fera, na disputa sangrenta dos bens materiais. O Brasil não estará maduro para o comunismo durante estes próximos 50 anos. Era a energia da fé o elemento, por excelência, de oposição ao avanço da truculenta ofensiva da barbaria nova. Irrefragável balela era uma eleição popular na Rússia soviética: o voto era imposto a mão armada. O terror ainda não abateu todos os ânimos. Muitas vezes surgiram votos livres, mas os ousados foram incontinenti imolados, em holocausto à liberdade do voto!

Temeroso do reingresso do partidarismo e da falência dos bons propósitos da Revolução de 1930, *O Nordeste* defendia a ampliação de poderes ao presidente Vargas. Getúlio deveria atuar livre das restrições do Estado constitucionalizado. Em ascensão vigorosa, o renovamento da vida nacional refutava os chamados direitos do homem, advindos da Revolução Francesa de 1789. O periódico informava que tais direitos gerariam antagonismos entre capital e trabalho, provocando, imediatamente, danos ao Poder público e dificultando a paz na comunidade nacional, católica por excelência. Se a constitucionalização fosse inevitável, o País deveria necessariamente valorizar a tradicional fé católica do povo brasileiro. Para granjear notório reconhecimento, o Texto-Maior excluiria a mínima alusão aos cânones do Estado laico e coadunar-se-ia à encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), do papa Pio XI, notadamente, na recusa ao ateísmo e ao liberalismo.

Os administradores republicanos pré-Vargas, perdurava *O Nordeste*, lançaram à Nação no caos liberalista. Lá, o desrespeito à autoridade divina e dos homens de boa fé deu-se em parceria com os moscovitas e sobraram desfalques, subornos e transigências com as obrigações da vida civil e do campo militar. Lá e como estava ocorrendo em 1932, no âmbito das forças armadas, o comando, a lealdade, a disciplina e a confiança nos superiores desfiguravam-se. Depois, o órgão condenou veementemente a Revolta Constitucionalista, em curso no Estado de São Paulo.

Referindo-se ao processo constitucional (eleições, debates na Assembleia Constituinte e texto final), *O Nordeste* reafirmava suas dúvidas acerca da eficácia destes procedimentos: ainda que progressistas e bem elaborados, jamais concertariam as mazelas da

vida pública de um povo. A leitura do jornal vinculava-se à interrogação: como moldar o caráter das multidões, mediante uma nova Constituição, se o laicismo de 1889, até aquele instante, corrompia a disciplina civil e militar? A Revolta Constitucionalista de 1932, a cargo dos velhos políticos, possibilitava a reentrada do liberalismo, do comunismo, da corrupção eleitoral e da liberdade religiosa. Com isto, retornaríamos à descristianização da família, à escola sem Deus, ao casamento religioso sem as garantias civis, à República sem representação na Santa Sé, aos cemitérios secularizados, à proibição de símbolos religiosos nas escolas, repartições públicas etc. Alongando-se, o vespertino projetava o Brasil do futuro, caso permanecesse a conjuntura do momento: avistava, a passos largos, o partidarismo faccioso, explorador da fortuna pública; a pedagogia irracional, mutiladora da mentalidade popular; os dirigentes corrompidos pela política sem Deus; a orientação materialista, o regime agnóstico, a apostasia da nossa Religião na vida pública e o laicismo corruptor.[287]

Ao analisar o porquê da Revolução Constitucionalista de 1932, *O Nordeste* localizou uma atroz falsidade. O periódico caracterizava o móvel da subversão de frívolo e explanava que fora um mero pretexto a esconder o real intuito do combate: a cobiça política estorvada pela Revolução de 1930. A interrupção da cupidez desenfreada suceder-se-ia com implantação da Justiça Divina nas relações de poder. Reportando-se aos desdobramentos do conflito em São Paulo, *O Nordeste* citou o raciocínio do sacerdote paulista, padre Álvaro Negromonte: "não há melhor preparação para a revolução comunista do que as revoluções liberais". Os políticos do Estado bandeirante receberam censura por metamorfosear discordâncias circunstanciais com Vargas em questão nacional.

Os belicosos pagariam caro pelo desprezo ao aviso: existe um perigo bem maior para a nacionalidade – o perigo comunista. O "ouro maldito de Moscou" transformava São Paulo em quartel-general da insidiosa propaganda vermelha no Brasil. De forma perdulária, o dinheiro soviético custeava um ato de impatriotismo. Eivada de liberalismo, a Revolução Constitucionalista propiciava a germinação perniciosa do "anarquismo bolchevista", lamentava o diário. Findando, realçava como a integridade nacional periclitava em se generalizando os combates, tanto em São Paulo, como atingindo outros espaços da Federação.

---

[287] A União dos Moços Católicos e a questão social. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 jul. 1932, Editorial, p. 1. Frente única. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 jul. 1932, Editorial, p. 1. Realidades tristíssimas. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 jul. 1932, Editorial, p. 1. A lição amarga. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 jul. 1932, Editorial, p. 1. Mobilização espiritual. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jul. 1932, Editorial, p. 1. A hora de Deus. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 jul. 1932, Editorial, p. 1. A voz dos fatos. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 jul. 1932, Editorial, p. 1. A porta aberta. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jul. 1932, Editorial, p. 1. Certeza plena. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jul. 1932, Editorial, p. 1. O voto livre, na Rússia. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jul. 1932, 2º editorial, p. 6.

Audácia. Assalto aos postos públicos. Anticristianismo. Resumiram a apreensão do jornal *O Nordeste* com o desenrolar da guerra civil em São Paulo. Fragilizada, a Pátria corria enorme risco de sofrer arremetida de grupos inescrupulosos. Hierarquia. Submissão. Doutrina católica. Significavam a preservação territorial do Brasil. Triunfando a Revolução Constitucionalista, a instabilidade das instituições, os estratagemas liberais e a condução das massas populares à miséria moral desfigurariam a fértil reabilitação de Vargas. Por isso, recuo, aconselhava o periódico. A continuar a paixão partidária, ocorreria no País o "assalto da barbaria soviética". Os extremistas paulistas, negando-se a dialogar, abririam espaços às "ideias dissolventes de Moscou". A situação conflituosa levava à incapacidade momentânea de elaboração duma constituição à altura das carências nacionais. Inglória e inoportuna, a luta armada, definida de crime de lesa-pátria, empurrava o Brasil para o centro de uma terrível encruzilhada. Ansioso pela superação das velhas disputas partidárias em São Paulo, *O Nordeste* vislumbrava a paz: oxalá pudesse, no fragor dos ódios desencadeados, ser ouvida a voz amorosa da Igreja, concitando os ânimos a afastarem dos corações rivalidades injustificáveis, que estavam alimentando a horrível fogueira em que ardíamos.[288]

O Nordeste, ao localizar, na Ásia, o incêndio bolchevista a deflagrar o banditismo radical; na Europa, a devastação liberalista a abalar os alicerces de antigas instituições; na América do Norte, o perigo de uma multidão incontrolável de desempregados; nos países sul-americanos, sucessivos levantes de caráter convulsivo, saudou com entusiasmo a ida de dois batalhões cearenses para São Paulo. Na proporção que elogiava o interventor Carneiro de Mendonça por ter enviado duas unidades pacificadoras, *O Nordeste* reforçava suas críticas ao pretexto da conflagração paulista: a temerária constitucionalização do Brasil. O jornal perfilou os equívocos do democratismo motivador da contenda nas terras paulistas: a dissolução dos costumes públicos, a depravação das virtudes cívicas e, a pior de todas: a perversão social por intermédio do voto popular.

Os constitucionalistas do Estado beligerante, difundindo promessas vãs, acabaram por trazer horror à pátria. Tal conduta poderia levar o Governo federal a reduzir ou até suspender a assistência patriótica dispensada à região Nordeste, que sofria com mais uma seca. Como de hábito, o periódico vinculou ao partidarismo antipatriota a deflagração da revolta com o sacrifício dos superiores interesses da nacionalidade. Os homens do passado,

[288] O bem da paz. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 ago. 1932, Editorial, p. 1. Recuemos o passo. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 ago. 1932, Editorial, p. 1. Na terrível encruzilhada. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 ago. 1932, Editorial, p. 1. Revolução e comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 ago. 1932, 2º editorial, p. 1.

apelando às armas, tencionaram restaurar a artificialidade liberal do pré-1930, no entanto, provocaram holocausto em detrimento do revigoramento ao princípio da autoridade.

O clima de apreensão – a Nação margeia o abismo – permanecia e, retrospectivo, *O Nordeste* enumerava os culpados: o erro agnóstico e a insânia partidária, que desfrutaram de guarida no regime da Primeira República. Resultante disso, a Revolução Constitucionalista, em São Paulo, chegara a uma situação na qual a culpa se generalizava. Ao passo que adjetivava o embate de monstruoso conflito fratricida, exterminação das forças vivas da pátria em conflito separatista e desvario da soberba humana, o jornal defendia o estabelecimento dum sacrifício recíproco, ancorado no Evangelho, rumo à concórdia nacional. Estendendo-se a guerra, temia o periódico a imersão do Brasil no abismo da anarquia: enquanto assim se procedia, em oposição ao sentimento da quase totalidade do povo, havia maior liberdade para a propaganda internacionalista de cunho abertamente subversivo.

Aí, então, *O Nordeste* se colocou a favor do armistício apresentado por Getúlio Vargas: deposição das armas pelo governo paulista, anistia e adoção de uma constituição provisória. Destoando, São Paulo pleiteou uma junta nacional ou governo de gabinete, que levasse o Brasil à constitucionalização imediata; continuidade do atual governo paulista e de seus comandantes militares com a manutenção dos atos por eles praticados. A intransigência do Estado bandeirante, receava o jornal, afora desarticular a administração do País, custaria à região Nordeste a provável suspensão da ajuda aos flagelados da seca.[289]

Ante os impasses periclitantes da conjuntura nacional (guerra civil em São Paulo, reconstitucionalização açodada, sufrágio universal, ameaça comunista), *O Nordeste* delineava a solução final: "para a direita ou para a esquerda". À direita, a doutrina de concórdia e os ensinamentos eternos do Evangelho. À esquerda, as teorias de indisciplina, de conflito de classes e de ódio entre os homens. Para o diário, o País convivia com uma cena pungentíssima de irmãos se devorando nas batalhas renhidas, referindo-se à Revolução Constitucionalista; sofria com o liberalismo irracional, o responsável por arrastar povos incautos a desrespeitar o princípio da autoridade governamental e com o laicismo, meio caminho ao ateísmo e deste à barbaria moscovita e à convulsão social. E o erro dos erros: desprezar o prestígio moral da Igreja na obra de salvação da nacionalidade. O encerramento de tanto descalabro dar-se-ia nas eleições constituintes, se as vontades do povo e da Igreja Católica fossem respeitadas, postura que a República pré-1930 traiçoeiramente subvertera. Inexoravelmente, o afastamento das

[289] Panorama lutuoso. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 set. 1932, Editorial, p. 1. Pela paz. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 set. 1932, Editorial, p. 1. Sacrifício recíproco. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 set. 1932, Editorial, p. 1. As bases da paz. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 set. 1932, Editorial, p. 1. Liberalismo irracional. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 set. 1932, Editorial, p. 1.

tradições católicas do Brasil levaria a vitória da "dissolução bolchevista" e ao triunfo dos ódios convulsionários. Ao cabo, *O Nordeste* compelia os fiéis a engajarem-se, sem vacilo, nas eleições constituintes, uma vez que a recusa significava obstruir a desenvoltura da regeneração do Brasil.

Vencido, quanto à efetivação do pleito constituinte, a eleição estava marcada para o dia 3 de maio de 1933, por decreto federal, *O Nordeste* passou a exercitar o pragmatismo político e a Liga Eleitoral Católica (LEC), o veículo de tal atitude. Diferente da orientação nacional, no Ceará, a LEC disputou voto a voto com o Partido Social Democrático a composição da bancada constituinte. De início, *O Nordeste* reproduziu a análise de Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, atinente à questão eleitoral em face da consciência católica. O cardeal definiu o voto tanto como direito, como dever inabalável de fé e patriotismo. Já a abstenção, pecado mortal. Indagado se a LEC viria a constituir um partido, o prelado foi peremptório: absolutamente não, apenas fixaria critérios de indicação de voto. Concernente à interferência das mulheres na eleição, o arcebispo respondeu objetivamente: a Igreja Católica eximia-se completamente da implantação do voto feminino, todavia, se consumado, impediria que a minoria sem fé o manipulasse. Desdobrando isso, *O Nordeste* intensificou a catequese eleitoral exposta por Dom Leme e esclareceu o papel do governo Vargas no contexto: ouvir a Nação para colocar nos postos eletivos os candidatos da maioria católica, redimindo, por sua vez, o Brasil dos erros "monstruosos" do passado (liberalismo, laicismo e comunismo).[290] Ao votante católico, caberia tacitamente assumir a noção que:

> Não será um "trapo de papel" que conterá as ambições e servirá de barreira aos ímpetos dos egoísmos sem freio. [...] Desprezar as tradições cristãs não é outra coisa que dar expansão às teorias de solapamento dos princípios fundamentais da sociedade humana. A imensa maioria católica vai sendo minada na escola sem Deus, pela ideologia materialista, a arrastar os povos inevitavelmente ao caos do bolchevismo.[291]

Nas observações d'*O Nordeste*, o pleito constituinte de 1933 beneficiaria o saneamento cívico da nacionalidade, iniciado por Getúlio Vargas, caso a totalidade dos católicos atuasse acompanhando as orientações lecistas, plenamente. Tratava-se de alterar a correlação de forças na arena política nacional, guiando as massas populares. E como agiriam os fiéis? Opondo a plataforma do clero (ensino do catecismo facultativo nas escolas públicas, assistência dos ministros do altar junto às forças armadas e validez dos casamentos religiosos registrados nos cartórios públicos) aos agentes da demolição internacionalista, aos brasileiros

---

[290] Para a direita ou para a esquerda. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 out. 1932, Editorial, p. 1. Erro político. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 out.. 1932, Editorial, p. 1. Os católicos em face do dever eleitoral. Fortaleza, p. 1, 19 out. 1932.

[291] A volta à normalidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 out. 1932, Editorial, p. 1.

bolchevizados e à apostasia laicista, o elemento corruptor, por excelência, da Primeira República. Em tempo: no voto, os filhos da Igreja deveriam atuar fora e acima dos partidos. Agora, pelo sufrágio, o perigo aumentava! O liberalismo corruptor, travestido de "espírito demoníaco", poderia levar a Nação ao um precipício infinito: as discordâncias entre as classes tenderiam a fracionar a unidade espiritual e territorial do povo brasileiro. Longe das refregas partidárias, a atuação do católico-eleitor seguiria o regramento: tomar parte nos prélios eleitorais, causando a derrota dos homens de bem, seria uma falha imperdoável; os maus candidatos teriam que ser derrotados.

Sistematizando a normatização dos católicos rumo à eleição constituinte, *O Nordeste* reiterava as orientações básicas, repisadas ao longo de novembro de 1932. Os fiéis atuariam constantemente fora e acima dos partidos e, eximindo-se de acatar as diretrizes da Liga Eleitoral Católica, praticariam crime de alta traição à Igreja. Com efeito, o jornal publicou trechos da Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1915, na qual estabeleceu os encargos do católico-cidadão: 1º) respeitar e apoiar a autoridade legitimamente constituída, sem atender à sua cor partidária; 2º) contribuir material e moralmente para os diversos da Nação, esforçando-se pelo seu engrandecimento e prestígio; 3º) cumprir conscienciosamente e sem preconceitos pessoais ou apaixonados o dever eleitoral. No pleito de 1933, competiria ao católico-cidadão defender a constituição da família, ameaçada gravemente pelos arautos da dissolução dos costumes. A saber: as ideologias corrosivas, as forças do mal, a depravação dos sentimentos populares, os agentes internacionalistas, os inimigos do bem, os pescadores de águas turvas e o agnosticismo laicista. Todos irmanados a incutir na mentalidade do povo a ojeriza à harmonia entre as classes e a obstar o êxito dos princípios da Liga Eleitoral Católica, que haveriam de salvar o Brasil das comoções internas e da fragmentação territorial.

Desta feita, o enquadramento do votante católico referiu-se às imposições do Estado russo aos adeptos de Jesus Cristo: perseguição e martírio. Aplicadas ao Brasil, a sovietização provocaria a infiltração das ideias dissolventes no caráter do povo, desencadeando, imediatamente, a convulsibilidade das classes. A fim de evitar o sucesso dos inimigos da paz social, *O Nordeste* ateve-se a diretivas expostas anteriormente, porém, aumentando-as: a situação impelia os homens de responsabilidade a largar as paixões partidárias, as conveniências de negócios e as ligações de família em prol dos princípios eternos do Bem. O voto dos fiéis, no cenário posto, assegurava o jornal, dedicar-se-ia na busca incansável de garantir o nome de Deus na Constituição, ou melhor, a voz o povo. A supremacia católica deveria hegemonizar a lei maior, senão, o acinte de meia dúzia (ateus, bolchevistas, maçons, livres pensadores e judeus) macularia a Carta Magna. Enodoada, por

insignificante coeficiente, a Norma Suprema resguardaria a herança de 1891. De pronto, o órgão arguiu: para que servia a esmagadora maioria católica? Só para pagar impostos? Só para defender com a sua coragem cívica o patrimônio moral do País, no dia em que os agentes de Moscou buscassem se apoderar do Brasil?

Inquieto, *O Nordeste* alardeava: diante da marcha incerta dos acontecimentos políticos, referentes à eleição constituinte, estávamos com o socialismo às portas! Nisso qualificava o socialismo de oposição aos princípios insubstituíveis do Cristianismo Social e tratava de enumerar os malefícios da república bolchevista. Concomitante à opressão da família, dar-se-ia a constituição de uma sociabilidade antinacional, subjugada aos déspotas modernos da Rússia. À medida que mostrava o rol de iniquidades do sovietismo, *O Nordeste* recomendava, por um lado, antídotos às forças do mal: revigoramento em Cristo das diversas esferas sociais, a difusão massiva da educação católica, a única base de toda a política séria e bem-intencionada. Noutro, relembrava o *quantum* de pecaminosidade que corromperia o juízo dos fiéis, se descumprissem os conselhos do papa Leão XIII de envolvimento total nos negócios públicos. Omissão, jamais! Independentemente do padrão econômico ou ascendência, precisariam ficar os católicos unidos na eliminação dos desalmados socialistas. Em xeque, o engrandecimento da Pátria, definido de questão precípua à cristandade. Resultando disso um futuro extremante alvissareiro e insubstituível: a edificação duma política sadia, tipicamente nacional, verde-amarela e determinada pelos elementos conservadores, os "homens das direitas".[292]

A conclamação – hora de definição – dominou os editoriais e as principais matérias d'*O Nordeste* nos últimos meses de 1932. Incessantemente, o jornal defendeu a necessidade de manter a atividade católica sempre fora e acima dos partidos. Fraternalmente, os direitos de Deus e dos homens coabitariam no código social do País, para garantir ao povo o senso de honestidade e a pureza das consciências. Igualmente, cobrou do eleitorado obediência efusiva à Liga Eleitoral Católica, pois o momento, na verdade, inadmitia atitudes dúbias e vacilantes. Complementado isso, o alerta: nenhum católico, digno deste nome, poderia negar apoio à arregimentação dos homens de boa vontade, em torno das reivindicações da nossa fé! No tocante ao programa lecista, o jornal realçou os pontos-chave: ensino religioso nas escolas, manutenção da indissolubilidade do laço matrimonial e o

[292] A postos. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 nov. 1932, Editorial, p. 1. Enquanto é cedo. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 nov. 1932, Editorial, p. 1. Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1932, Editorial, p. 1. Questão de coerência. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 nov. 1932, Editorial, p. 1. Dever de católico. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 nov. 1932, Editorial, p. 1. Deus na Constituição. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 nov. 1932, Editorial, p. 1. A posição dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 nov. 1932, Editorial, p. 1. Acima dos partidos. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 nov. 1932, Editorial, p. 1.

reconhecimento da legitimidade do casamento religioso, mediante simples registro civil em cartório. A este plano, *O Nordeste* acrescentou a continuidade do direito de propriedade. Reiteradamente, ocorreu a indicação do papel da LEC: não é um partido, mas a união dos elementos fiéis à Igreja na defesa das reivindicações dos nossos direitos. A isso, o periódico acresceu: a Liga jamais seria um partido político. Estava acima e fora dos partidos.[293]

Diferente do apregoado, a LEC-CE obteve registro partidário e participou ativamente das eleições de 1933 a 1935. Em 1936, assumiu a legenda do Partido Republicano Progressista e elegeu o prefeito de Fortaleza. Em todos os pleitos citados, a LEC superou o Partido Social Democrático (PSD). Na eleição constituinte de 1933, elegeu seis deputados federais de um total de dez reservados ao Ceará; o restante coube ao PSD, dirigido pelo cearense Fernandes Távora, ex-interventor federal, de outubro de 1930 a maio de 1931. Entre os eleitos pelo lecismo, o jornalista Luis Cavalcante Sucupira, d'*O Nordeste*, responsável pela coluna diária "Comentários". Vale ressaltar que as eleições constituintes de 1933 ocorreram na interventoria pró-LEC de Roberto Carneiro de Mendonça. O militar carioca dirigiu o Executivo cearense de setembro de 1931 a setembro de 1934, sendo substituído por Felipe Moreira Lima.[294] Ainda sobre o pleito em foco, *O Nordeste* e a LEC tiveram preocupação especial na mobilização do eleitorado feminino, apto votar por determinação do Código Eleitoral de 1932.

Orientar o sufrágio das mulheres era dar continuidade a algo corriqueiro nas páginas do vespertino arquidiocesano. Desde o nascimento do jornal até a década de 1930, existiram indicações de leituras às senhoras e senhoritas, conforme o estudo de Maria Lucélia de Andrade: "as resenhas e os contos de teor educativo veiculados apresentam uma divisão entre leituras femininas e as leituras masculinas: aos homens, a leitura séria da política, da economia, da sociedade – e às mulheres, os entrechos atraentes e a leveza de estilo." (ANDRADE, 2008, p. 111). No combate às "leituras perniciosas", como os romances realistas, e sua variante naturalista, *O Nordeste* fazia uma clara divisão, o acessível ao público masculino, capaz de resistir e reagir às insinuações dos enredos maléficos, era, por extensão, vetado ao feminino, cujo baixo discernimento provocar-lhe-ia mancha irremovível na sua "inocência".

---

[293] Hora de definição. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 dez. 1932, Editorial, p. 1. Liga Eleitoral. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 dez. 1932, Editorial, p. 1. Vai ser instalada a Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13 dez. 1932. Próxima à instalação da Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 14 dez. 1932. Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 15 dez. 1932.

[294] A LEC-CE também obteve vitória sobre o PSD nos pleitos de 1934 (Assembleia Legislativa, Câmara Federal e Senado, para este conquistou as duas vagas em disputa) e de 1935, para o governo do Ceará.

Outro enfoque de Maria Lucélia de Andrade voltou-se para o comércio de livro nas décadas 1920 e 1930 e para a maneira como *O Nordeste* indicava os locais adequados: os livros proibidos eram encontrados em engraxates e vendedores ambulantes, enquanto as leituras edificantes tinham lugares próprios, as lojas e livrarias. Por sua vez, estas, mediante anúncios pagos, publicavam no jornal o rol de livros disponíveis, breves resenhas, capas das obras, os lançamentos etc. A historiadora destacou pontos de venda: a Livraria Selecta e a Loja O Gabriel, e sua filial Nossa Casa; mas também ressaltou a publicidade em torno dos autores Padre Júlio Maria e Dom Macedo Costa, e sua obra, "O Livro da Família". Ainda pôs em relevo as diferenças entre os anunciantes. Enquanto O Gabriel ocupava-se nas ameaças doutrinárias: "Ter uma medalha religiosa. Usar uma insígnia religiosa e não saber nada de religião é uma das maiores inconveniências que existe. Compre na loja 'O Gabriel' um livro e tome por penitência ler um capítulo por dia." (ANDRADE, 2008, p. 127). A Selecta evidenciava o conteúdo e informava a aceitação do público: "O Meu Tesouro – É um livro que contem muitas orações. Centenas de pessoas têm obtido graças por meio dessas orações simples." (ANDRADE, 2008, p. 128).

Maria Lucélia de Andrade discorreu acerca da constância da publicidade das livrarias nas páginas do vespertino arquidiocesano, ao longo do período pesquisado. Embora reconhecendo as limitações dos reclames no tocante a convencer plenamente os leitores a adquirirem os livros anunciados, referiu-se à boa circulação d'*O Nordeste* nas paróquias cearenses, inclusive mencionado como o jornal incentivava a passagem do mesmo de mão em mão: "Mandai-os para as famílias conhecidas, que moram fora da cidade, nos sítios, nas roças, onde, talvez, raras vezes recebam um jornal bom e que, por serem pobres, não podem tomar uma assinatura. Deus vo-lo pagará!" (ANDRADE, 2008, p. 110). A permanência destes anunciantes fez a historiadora inferir acerca da eficácia da publicidade, pois as livrarias em apreço publicavam e renovavam constantemente suas mensagens comerciais no periódico.

3.2 Semente do mal

> Pela arregimentação das energias nacionalistas, o universo há de salvar-se da invasão do anticristianismo da III Internacional.[295]

Nos primeiros meses de 1933, *O Nordeste*, por meio de editoriais, artigos etc. reafirmava a Liga Eleitoral Católica como sua opção partidária às eleições constituintes de maio vindouro. Agindo do contrário, os eleitores tornar-se-iam pecadores. Além disso, o periódico enaltecia a mulher católica que, de eleitora renegada, passava a fator decisivo no triunfo do lecismo. Nesta quadra eleitoral, durante a Assembleia Nacional Constituinte e nas eleições de 1934, 1935 e 1936, *O Nordeste*, extrapolando a condição de porta-voz da LEC, atuou como uma importante força política na coalizão lecista. Tenaz, o vespertino advertia: o Brasil jamais poderia imitar a União Soviética. Os temas (educação, família, moral, povo e trabalho) foram apreciados invocando o pânico de outrora: agraciados com o "ouro de Moscou", os bolcheviques estavam prestes a atacar o Território Nacional.

Com isso, o País margeava o assombroso e a saída para derrotar a russificação, a geratriz do "mal", encontrava-se prioritariamente na submissão do poder temporal ao Evangelho. Assim, o Estado cristianizado substituiria o Estado liberal oriundo da Constituição de 1891. Apoiando-se nesta leitura, *O Nordeste* expunha uma concepção autoritária e nacionalista de Estado: a nova governança competiria às elites (eclesiástica, econômica e intelectual), que sedimentariam a reconstrução da pátria iniciada na "ditadura" do presidente Getúlio Vargas. Ao povo, só restava atuar nas lides políticas na função de mero seguidor dos chefes e obstáculo aos comunistas.

Logo, no dia 19 de janeiro de 1933, *O Nordeste* disse em manchete – "A reunião do clero e dos católicos, ontem, no Prédio Vicentino. O que a Liga Eleitoral Católica deseja é sanear a política. Não querer, agora, votar é apostatar da fé. É preciso que os campos se delimitem". O jornal resumiu a prédica de Dom Manuel da Silva Gomes, durante a sessão de abertura da campanha da LEC às eleições constituintes. O arcebispo de Fortaleza, acompanhado de 22 sacerdotes, dirigiu a solenidade. De início, o prelado externou a finalidade do encontro: a arregimentação dos católicos em redor do imperativo da ocasião – o compromisso eleitoral. Atendo-se à função da LEC-CE, enfatizou: restringia-se à indicação de candidatos, porque a entidade privava-se de buscar cargos eletivos ou empregos. Segundo Dom Manuel, para livrar a Pátria do que vinha ocorrendo na Rússia, o crente deveria

[295] O sentido do século. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 nov. 1933, Editorial, p. 1.

participar ativamente da vida pública e votar em benefício do Brasil. Eximindo-se, estaria o fiel covardemente ajudando os inimigos do catolicismo. Daí a urgência em demarcar o conflito: de um lado, a Pastoral Coletiva de 1915 e a lição dos papas Leão XIII e Pio XI; na oposição, os traidores e os habituais refratários à Igreja. Antes de encerrar o ato, Dom Manual facultou a palavra a Hélder Câmara. A oratória do jovem padre conquistou um reboar de palmas e nela, Câmara comparou a empreitada lecista a tanques de guerra, que, uma vez iniciada a marcha, fazem-na segura, vencendo todos os obstáculos.



NÃO SÓ COMO CIDADÃOS, MAS EM VIRTUDE MESMO DA FÉ QUE PROFESSAM, PARA OS CATHOLICOS, EM GERAL, O DEVER DO VOTO É UM "DEVER DE CONSCIENCIA". E, COMO A "LIGA ELEITORAL CATHOLICA", INDEPENDENTE DE QUALQUER PARTIDO POLITICO, REPRESENTA A DEFESA DOS NOSSOS PRINCIPIOS NA VIDA PUBLICA NACIONAL NELLA SE DEVEM INSCREVER TODOS OS QUE PARA O BRASIL QUEREM A PROSPERIDADE ECONOMICA, A JUSTIÇA SOCIAL E O PROGRESSO MORAL E RELIGIOSO.

CARDEAL LEME

ANNO XI — N. 1227 | Fortaleza (Ceará-Brasil), quinta-feira, 19 de janeiro de 1933

O Nordeste

O DIARIO DE MAIOR ASSIGNATURA NO ESTADO

O zelo deve ser conquistado. A possibilidade não foi em tempo algum qualidade propria do zelo; hoje seria o seu luminoso.

Guibert

A REUNIÃO DO CLERO E DOS CATHOLICOS, HONTEM, NO PREDIO VICENTINO

"O que a Liga Eleitoral Catholica deseja é sanear a politica"

«Não querer, agora, votar é apostatar da fé»

«E' preciso que os campos se delimitem»

FIGURA 10 – Liga Eleitoral Católica
Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 8, 28 jan. 1933.

Ainda no dia 19 de janeiro, *O Nordeste* no editorial "O Dever imprescritível", ratificou a pretensão da LEC: capitanear o eleitorado católico, visando a impedir o assento na Assembleia Nacional Constituinte dos notórios oponentes da Igreja, e, desdenhando da ambição pelo poder, os lecistas esquivar-se-iam de reivindicar cargos públicos. Da mesma forma, desmoralizou a recusa eleitoral, que, efetivada pelos trânsfugas, possibilitaria o revigoramento dos erros da Primeira República. O indispensável era acompanhar os chefes católicos, senão o devoto praticaria a "felonia cívica". Repetindo-se, o jornal comunicou a opção do lecismo: age fora e acima dos partidos. Ainda repreendeu os votantes ansiosos em diferenciar a vida temporal da vida espiritual. Em síntese, a missão civilizadora da Igreja Católica, naquela emergência gravíssima, só possuía um caminho: incentivar o sufrágio na

chapa lecista. O desviante, movido por interesse nobre ou frívolo, imitaria um desertor do Exército de Jesus Cristo. Para o órgão, na Constituinte existiria ambiente adequado à instalação duma anarquia no Brasil, caso os opositores da parte sã e honesta da família patrícia hegemonizassem a feitura do código. Concluindo, opinou: enquanto era tempo, não trepidassem os católicos no cumprimento estrito da sua obrigação de salvar o País das garras do "convulsionismo vermelho", que nos ameaçava.

A publicação da conferência do padre Guilherme Waessen, "O dever eleitoral", ampliava o enquadramento do eleitor católico feito pelo *O Nordeste*.[296] O palestrante identificou na secularização o grande erro político dos tempos modernos e, derivando do laicismo, outro desacerto crasso: o repúdio dos católicos à vida pública que propiciava a exploração das massas e o crescimento da politicagem. Atribuindo à política o caráter de *res publica*, Waessen arguiu: por que não seria permitido a um católico ser político? Inspirando-se no papa Leão XIII, comentou acerca da importunidade de se questionar a eficácia do sufrágio, o instrumento da hora presente. Se, no Brasil, a promessa de tirar a "coroa da cabeça do rei e pô-la na cabeça do povo" fracassara, decorria da ausência de honestidade e de justiça na Administração Pública. Graças ao voto, destacou o conferencista, existia em vários países civilizados uma legislação protetora dos operários. Destoante das nações bem-educadas, no Brasil, o sufrágio popular carecia de substrato político e direção religiosa. Instruído e cristianizado, o povo alcançaria os verdadeiros interesses públicos. De forma pragmática ("de nada serve gemer; é preciso agir"), padre Guilherme Waessen admitiu o voto de filhas e consortes. Para isso, expôs argumentos a favor e contra o voto feminino.

Das más línguas, padre Guilherme Waessen enumerou alguns problemas referentes ao discernimento das votantes: as sufragistas, desconhecendo a valia das esposas no lar, introduziram a briga política na sociedade doméstica, fragilizando-a. Levadas ao grau de eleitoras, as mulheres talvez se ocupassem menos com a *toilette*, os cinemas e a vida alheia, e atentasse de soslaio para as carências sociais prementes: amparo aos flagelados do alcoolismo, do jogo e da prostituição. Avesso à desqualificação das votantes, Waessen deteve-se nos elogios às mulheres: historicamente, com desvelo e com orações, conservavam as tradições de honra, de piedade, de amor a Jesus Cristo, e defendiam intransigentemente a Igreja Católica; presentemente, um fator importantíssimo para nos dar bons parlamentares, bons deputados e orientar as filhas na hora do sufrágio. Futuramente a Nação agradeceria tamanho esforço na

[296] Jovelina Santos considerou o padre Waessen, ex-reitor do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, de 1914 a 1927, o pioneiro do circulismo no Brasil. Waessen implantou a primeira experiência circulista em Fortaleza com a fundação do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (1915). Depois, passou a exercer a função de assistente eclesial da entidade (SANTOS, 2007, p. 58-59).

manutenção do País no Reino do Senhor. Explicitada a tolerância ao voto feminino, o clérigo afirmou que homens e mulheres, jovens e moças, velhos e anciãs, antes de usufruírem o direito normatizado pelo Código Eleitoral de 1932, necessitavam refletir em orações sobre a situação política do Brasil, situando-se aos olhos de Deus: votando bem ou mal, com mérito ou culpa, digno de recompensa ou castigo!

Sublimando a máxima – "Deus manda que votemos e que votemos bem, como manda que respeitamos a vida e os bens do próximo. Proíbe votar mal, como proíbe roubar e matar" – padre Guilherme Waessen prescreveu o votar bem: negar os interesses particulares, combater os inimigos da Igreja, os partidários de uma constituição laica, de um governo ateu, de uma escola leiga e do divórcio. Os maus sufragistas ficariam terrivelmente responsáveis perante a Deus e cairiam em pecado mortal, semelhante aos abstencionistas. Neles, exemplos de covardia e deserção, recairiam o ônus de possibilitar ao Brasil ombrear-se à Espanha, vítima da militância comunista que patrocinava o banimento da religião, a saída violenta de religiosos e o incêndio nos conventos. A renhida batalha aglutinava os católicos de vários matizes, das carmelitas (velhas e enfermas) ao grande patriota. Na conjuntura brasileira, a omissão eleitoral comprometia a eterna salvação do País. Enfático, Waessen discorria: votar era um ato de altíssima gravidade; votar mal era pecado mortal, nivelava-se a faltar à Missa aos domingos, ou recusar-se a fazer a Páscoa. Nada de nada justificava o católico votar em personalidades hostis à Religião e à Pátria. Um eleitor cometeria falta grave, prestigiando um admirador do divórcio, do laicismo, da luta de classes etc. A enumeração dos perigos objetivou desmontar o adágio: mais um voto, menos um voto, isso não tem importância!

A certa altura da explanação, Padre Guilherme Waessen argumentou: a fé católica, acima de tudo e de todos os agrupamentos políticos, monarquistas, republicanos ou outro qualquer, já que o papa Pio XI descartava os partidos. De acordo com o religioso, o voto e a filiação ao lecismo validariam a crença dos eleitores e dos concorrentes a funções parlamentares. Com isso, haveria respeito à ordem pública e à Igreja Católica, a guia-mor da sociedade mundial. O prelado encorajou os fiéis a superarem a intimidação, a corrupção, a resistirem às falsas promessas, às ameaças corriqueiras nos prélios e a escolherem no voto lecista, Jesus a Barrabás. Waessen, invocando o pragmatismo eleitoral e utilizando-se do maniqueísmo característico d'*O Nordeste*, preveniu: "a chapa que vamos lançar na urna será verificada uma primeira vez cá na terra, e uma segunda vez no dia do juízo final". Junto à última advertência, veio à conclusão da lista das afrontas ao poder divino maquinadas pelos atuais inimigos da Igreja, os comunistas: a perda da alma das crianças nas escolas leigas e ateias; a profanação da santidade do matrimônio via o divórcio imoral; o declínio da Pátria e

da Religião. Arrematando, glorificou a origem do País na Santa Missa, o trabalho dos jesuítas e exclamou: o Brasil era católico![297]

Outra deliberação crucial para os votantes católicos partiu do padre Tobias Dequidt, à época, reitor do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. *O Nordeste* publicou, em cinco partes, a conferência "O dever eleitoral dos católicos na hora presente", proferida pelo reverendo, em Fortaleza, no Círculo de Trabalhadores e Operários Católicos São José, nas comemorações do 18º aniversário da entidade. No cerne da exposição, o povo e o voto, o bem e o mal. Na introdução, o palestrante, lembrou ao público a legitimidade do artigo 3º dos estatutos do grêmio (toda e qualquer orientação seria tomada sob o influxo da Religião Católica) e lançou mão do recurso da autoridade: todo poder de um homem sobre outros homens vinha de Deus, somente.

Feitas as ressalvas iniciais, identificou a tarefa precípua dos fiéis ao sufragar os candidatos lecistas: implantar uma duradoura justiça social no Brasil. Era a vez do homem que arrastava fardos, do homem que quebrava pedras e do modesto cidadão aniquilar os candidatos ímpios e sua plataforma: destruição da propriedade privada, roubo dos bens dos ricos, desmonte da família, implantação do divórcio e proibição do ensino religioso. Dequidt vinculou a institucionalização da justiça social à votação massiva do eleitor católico na LEC. A abstenção e o votar mal se assemelhariam a um erro grave, porque contribuiriam para a supremacia dos candidatos indignos.

Insistindo na surrada censura aos abstencionistas e aos maus votantes, pecadores contumazes, o gestor-maior do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza comparou-os à ajuda que recebiam os ladrões para roubar, um assassino para matar e um mau jornal para vender. E, em razão das circunstâncias do instante (em xeque, a salvação do Brasil), Dequidt incentivou a ida às urnas sob o aspecto de dever de caridade, centrada no apoio à LEC, seguindo a determinação do cardeal Dom Sebastião Leme, do Rio de Janeiro, e Dom Manuel, arcebispo de Fortaleza. Na avaliação do padre Tobias Dequidt, a elaboração da nova constituição acontecia com a Nação presa a uma encruzilhada: a luta entre as doutrinas invencíveis do catolicismo *versus* todas as doutrinas adversas conjugadas no laicismo pagão, no socialismo e no comunismo. Preponderando os inimigos da Igreja, a quem caberia a responsabilidade? À incúria da maioria do povo que se negou a eleger os seus chefes verdadeiros. Convencido de assistir futuramente um ato de fé dos filhos da Igreja, aquela acima de todo e de qualquer partido, Dequidt manifestou crença no sucesso da LEC. Doutra forma, a traição à consciência católica decretaria na vindoura Carta Magna a ausência do ensino religioso, a presença do

[297] O dever eleitoral. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 8, 28 jan. 1933.

divórcio e a ruptura da sociedade com o nome de Deus, a fonte de toda autoridade e de toda moralidade.[298]

Ao passo que manifestava repugnância ao facciosismo partidário, típico da Primeira República, mas com possibilidade de ser retomado, não obstante a vitória da Revolução de 1930 e a honrada ditadura do presidente Getúlio Vargas, *O Nordeste* aclarava o porquê da LEC: a orientação que salvaria o Brasil das incursões nefastas de perigosas ideologias convulsionistas. O êxito lecista seria total se o propulsor do descalabro eleitoral da "velha República" fosse extirpado: o agnosticismo laicista. Isto só seria possível com o triunfo do decálogo da LEC, o talhado para efetivar a salvação do Brasil: 1º) Defender a constituição da família; 2º) Difundir a instrução; 3º) Elevar o nível da educação; 4º) Desenvolver o ensino profissional; 5º) Cuidar da assistência; 6º) Fomentar o desenvolvimento econômico do e o saneamento do solo; 7º) Promover a harmonia das classes; 8º) Proteger o trabalho na base do sindicalismo cristão; 9º) Manter e fomentar a união entre Estados; 10º) Velar pelo patrimônio moral da nacionalidade. *O Nordeste* vulgarizava os "inabaláveis" preceitos do lecismo: a LEC age fora e acima dos partidos e os lecistas repudiam disputar o poder pelo poder (não queremos mandar; também não deixaremos que mandem os inimigos da nossa Fé e da nossa Pátria).[299] A LEC tornou-se, entretanto, partido e *O Nordeste* justificava a legalização.

Luís Sucupira, importante colunista d'*O Nordeste*, rechaçou a conversão da LEC num simplório ajuntamento partidário, igual aos que atuaram na cena política brasileira, ao longo dos tempos. Sob o argumento (não se fundaria nenhum partido católico, agora e nem no futuro), Sucupira louvava a atuação da Igreja: só Ela poderia trazer ao Brasil os dias felizes que os homens, até hoje, não lhe deram. O jornalista valeu-se de convicções impressas n'*O Nordeste*: o lecismo atinha-se ao ordenamento do eleitorado católico, com o intento de cristianizar a vida pública e regenerar o voto. Por aglutinarem grande contingente, 90% da população, os católicos transmudar-se-iam no fiel da balança das próximas disputas político-eleitorais. Nisso, relembrou Sucupira o quão pecaminoso seria para os crentes renegar as urnas. A duradoura hegemonia das práticas políticas fundamentadas no Evangelho aniquilaria a luta intestina dos partidos, superaria a letargia momentânea dos católicos e a moral cristã execraria a corrupção advinda da Primeira República. Ao retomar a delimitação dos campos, o articulista corroborou o maniqueísmo usual d'*O Nordeste*: a autoridade, os patriotas, as

[298] O dever eleitoral dos católicos na hora presente. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22, 23 24, 25, 27 fev. 1933.
[299] A Liga Eleitoral Católica e o Proletariado. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 jan. 1933. A L. E. C. em foco – Os católicos não querem formar partido. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 jan. 1933. Os resultados da L. E. C. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 jan. 1933, Editorial, p. 1.

lições dos papas Leão XIII e Pio XI enfrentando os ameaçadores do bem público, os rebeldes de variados naipes e os aproveitadores da ignorância religiosa do povo.

Definida inscrição da LEC no Superior Tribunal Eleitoral, Luís Sucupira, ao explicar a partidarização do lecismo, reforçou argumentos já expostos n'*O Nordeste*. O jornalista argumentou que a oficialização da LEC nunca poderia induzir tapeação aos católicos, malgrado os lecistas terem informado, exaustivamente, o oposto: a Liga Eleitoral Católica não seria um partido político. O registro no STE vinculou-se ao objetivo-mor da entidade: comandar o eleitorado católico; porém, o cumprimento deste ideário articulava-se com conjuntura vigente: foram os acontecimentos políticos fora do controle da LEC que determinaram a mudança de rumos na estratégia eleitoral dos lecistas.

Na óptica de Sucupira, o lecismo apenas respeitara as normas do Código Eleitoral de 1932, para facilitar a difusão do programa da entidade, e isto, diferenciava-se de amealhar votos, ambicionando o poder. Sucupira, problematizando o contexto eleitoral, aventou a conveniência de a LEC viabilizar nomes à Constituinte, por causa do isolamento imposto à agremiação. Mantido o afastamento, poderiam os demais partidos lançar os inimigos ferrenhos ou ocultos da religião, e aí a legalidade eleitoral denotaria exclusivamente a reação de um eleitorado consciente do seu dever patriótico. A LEC deixaria os bastidores e, gerindo uma grande força eleitoral, tolheria o retorno dos hábitos da República positivista de 1889, configurando-se na maior força eleitoral do "Brasil Novo", projetou o futuro deputado constitucional.[300]

Reagindo, conforme preconizara Luís Sucupira, a LEC-CE escolheu os candidatos à eleição constituinte. *O Nordeste* noticiou os critérios de formação da chapa, o revés nas conversações envolvendo a cúpula do lecismo e as agremiações concorrentes. A conclamação (Todos a postos!) fechou a cobertura destas negociações políticas. Primeiramente, os lecistas tentaram compor com o PSD (Partido Social Democrático). No Ceará, o ministro da Agricultura do governo Vargas, major Juarez Távora, negociou pelos pessedistas. Ao se pronunciar sobre o insucesso da chapa única, o jornal publicou um pequeno e lamuriante aviso, no qual ignorou o motivo do distrato. Remetendo-se à composição lecista, o órgão comunicou que faria ampla divulgação pela imprensa dos nomes escolhidos pela LEC, após a Junta Estadual da entidade montar a lista dos candidatos ao grande prélio cívico de 3 de maio

[300] O que é e o que quer a Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 4 fev. 1933. (Publicado originalmente em 30 de dezembro de 1932, p. 1.) Na edição do dia 21 de fevereiro de 1933, **O Nordeste** informou acerca da obtenção do registro partidário pela LEC (A Liga Eleitoral Católica registrada, p. 1), mas o fez de forma simples. A Liga Eleitoral Católica é partido político? **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 2 mar. 1933.

e providenciar o registro no Tribunal Regional Eleitoral. À espera da escolha dos candidatos lecistas, os eleitores deveriam familiarizar-se com as regras das eleições constituintes lendo o jornal. Posto isto, *O Nordeste* prevenia: nenhum eleitor verdadeiramente católico transigiria com a resolução de estar firmemente solidário com a LEC, do contrário deixaria à mercê da sorte os destinos da Igreja nas eleições constituintes.

Concomitante ao anúncio dos candidatos – o advogado Waldemar Falcão, o capitão Jeová Motta, o jornalista Luís Cavalcante Sucupira, os médicos Leão Sampaio, José Antonio de Figueiredo Rodrigues e Antônio Xavier de Oliveira – a LEC difundiu os critérios da seleção, tornando a lamentar o malogro das coligações eleitorais. A formatação da chapa lecista ocorreu imparcialmente, asseverava *O Nordeste*. Os escolhidos combinavam significância moral, intelectual e eleitoral com os interesses da Religião e da Pátria. E acataram a questão suprema: os lecistas desconsideravam fazer política tendo por finalidade a obtenção de cargos públicos, haja vista, proclamava o jornal: alhures, aqui e acolá, a LEC restringia-se a comandar a maioria católica e desprezaria os fins nefastos do jogo político pré-Revolução de 1930. No tocante aos candidatos externos à LEC, o órgão deixou bem nítido o seu posicionamento: benevolência, por afigurarem-se em correntes ponderáveis, adeptas da ordem e, que, recentemente discutiram com os lecistas possíveis alianças eleitorais. Deste assunto, *O Nordeste* informou que a divergência surgira pela inviabilidade de contemplar os diversos agrupamentos políticos em justo equilíbrio, leia-se, Partido Social Democrático, do ex-interventor Fernandes Távora, e denominou tão somente de um "conjunto de circunstâncias imperiosas" o fracasso das tratativas eleitorais.

A convocação (Todos a postos!) indicou ao eleitor católico a atitude correta diante da urna: um sufrágio em proveito da educação cívica, dos colégios religiosos, do povo trabalhador, do patriotismo militar etc. Leais à Igreja Católica, os votantes repeliriam as perspectivas individuais, familiares e extremistas, vermelhas ou não, concentrar-se-iam no bem da Religião e da Pátria. O mal combater-se-ia com o voto sem a menor discrepância, na chapa integral da LEC. Nem um nome de menos, nem um nome de mais! A indisciplina acarretaria prejuízos irreparáveis ao lecismo e ao Brasil. A sujeição do cidadão-católico converter-se-ia em reconhecimento ao grande esforço despendido na montagem da chapa lecista, incluindo do simples inscrito ao grupo dirigente, homens e mulheres, jovens e velhos, casados ou solteiros. *O Nordeste* equiparou o resultado da votação à Constituinte a uma inesquecível passagem da História cearense. Ou melhor, eleger os seis candidatos do lecismo, no total dez parlamentares que representariam o Estado, renovaria o epíteto de Terra da Luz, atribuído ao Ceará, pelo abolicionista José do Patrocínio, quando, se antecedendo a 1888,

libertou os escravos em 1884. Encerrando a chamativa, o órgão instou, do primeiro ao último eleitor da LEC, do humilde ao abastado, a levar a efeito o pacto de solidariedade antecipadamente firmado pelos católicos com a Arquidiocese de Fortaleza no lançamento da campanha eleitoral lecista. Concretizando a orientação (votar em nome da fé, uma obrigação de cunho moral), os votantes fortaleceriam a cruzada de renovação dos costumes públicos encetada pela ditadura Vargas.[301]

Arregimentar o eleitorado católico! Eis o lema do jornal *O Nordeste*. Desdobrando isto, a sede do órgão transformou-se em local de alistamento de eleitores e de apoio aos lecistas. Informativos enumerando pontos de qualificação de votantes e reuniões da LEC nas diversas cidades do Ceará, nos bairros da Capital e no palácio arquiepiscopal, tornaram-se comuns nas páginas do vespertino. Igualmente, estímulos à presença das mulheres na escolha dos constituintes, no pleito de maio de 1933. Conceituando-as de anteparo doméstico aos bolcheviques e revigorantes dos direitos políticos, que pela óptica do periódico com o presidente Getúlio Vargas ganhavam auspiciosa amplitude, o incentivo às filhas de Maria dava-se por meio de doses crescentes de eleitoralismo.

Em 1928, ante as reivindicações pró-voto feminino, *O Nordeste* se posicionou hostil: a campanha que as mulheres ultramodernas vinham intentando, para libertarem-se daquilo que elas chamavam de preconceito social, os homens opunham ironia, vingando-se a rir das ideias do "feminismo rubro". Para as eleições daquele período, anunciou: não há votos nem sufrágios que as transformem – a mulher será sempre mulher! E, no seguimento, interpôs o lugar social do feminino: um ser feito para amar e ser amado. Companheira inseparável do homem, foi-lhe dada a parte afetiva do lar e presa a essa norma ficaria. Ao sugerir a provável aquiescência das votantes ao aliciamento eleitoral, o periódico debochou: *rouge* e pós-de-arroz a fim de comprar os votos femininos![302] Sem, todavia, realizar a menor autocrítica de ter vinculado as mulheres ao "feminismo rubro", *O Nordeste*, aferrando-se ao Código Eleitoral de 1932, dispensava especial atenção às eleitoras. Editoriais e textos serviam de manual de votação.

Comecemos com padre Tobias Dequidt. O reitor do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza proferiu no Colégio da Imaculada Conceição, escola restrita às meninas, na Capital cearense, a palestra "O alistamento eleitoral das senhoras católicas". *O Nordeste*, em uma

[301] A ação eleitoral da L.E.C. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 abr. 1933. Nota da Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 19 abr. 1933. Advertência ao Eleitorado da Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 19 abr. 1933. O que deve saber todo eleitor da Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 abr. 1933, Editorial, p. 1. Todos a postos! **O Nordeste**, Fortaleza, 29 abr. 1933, Editorial, p. 1.

[302] Comentários. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 30 mar. 1928.

série de cinco partes, publicou os conselhos de Dequidt às associações católicas femininas. Na primeira, o conferencista enfocou a obrigação das eleitoras de se oporem aos candidatos adeptos da formulação de leis propícias ao ensino neutro, ao divórcio e à expulsão dos religiosos do Brasil. A valorização do indigno redundaria em lesa-patriotismo. Depois, reservando os ofícios públicos ao homem, circunscreveu o espaço social da mulher, embora votante: o sagrado lar e o insubstituível ofício de educadora cristã dos filhos. Consoante o sacerdote, a demora na indefinição da oferta de prédios reservados às senhoras e às jovens, elas distinguir-se-iam pelo recato e pelo sacrifício de mover-se nas trilhas inabituais da política, mantinha intacto o direito de voto das mulheres. Na eventualidade de todos os partidos adotarem os requisitos católicos, existiria a diminuição do potencial das mulheres; votar ou não transformar-se-ia em detalhe. Por ora, o alistamento eleitoral era inadiável, repelindo-o, crime.

No terceiro escrito, Dequidt classificou de futilidade a relutância à inscrição por parte das eleitoras em virtude delas terem de revelar as idades e convocou-as a gastar soma irrisória na qualificação. Considerando a LEC apenas a propositora de candidatos, o clérigo sentenciou: harmonizados, os católicos derrotariam qualquer partido inimigo da Igreja! No quarto tópico, padre Dequidt orientou as casadas e as filhas de família, em se configurando a objeção dos esposos e pais ao alistamento eleitoral: diálogo, obediência e resignação. Dequidt esboçou um perfil de opositores ao voto feminino: católico, maçom e massa intermediária, capaz de oscilar à esquerda ou à direita. Se maçom, só agir docilmente; se católico, de fácil convencimento; se intermediário, persuasão ao extremo, falhando-a, em poucas situações, acreditava o presbítero, a subserviência.

Finalizadas as acomodações nos lares, o reverendo concitou as devotas a largarem a fé entorpecida e erguerem uma sólida fé católica. Ao estimulá-las, lançou-lhes o desafio: quereis entregar Jesus aos judeus, quereis entregá-lo na pessoa da Igreja às mãos dos seus inimigos (maçonaria, bolchevismo, laicismo, impiedade) não vos alistais, continuais o vosso sono! Compreendia o religioso que havia uma fusão dos inimigos da Igreja com os inimigos do Brasil, por isso, as crentes, obtendo o título de eleitor, contribuiriam para interromper a confecção de leis iníquas e o fim das perseguições ao bispado, livrando-se, naturalmente, da culpa de presenciar impassíveis os revides dos anticlericais. Arrematando a série, Dequidt enumerou as condições legais de acesso ao direito ao voto: brasileira, ter 21 anos, saber ler e escrever.[303]

[303] "O alistamento eleitoral das senhoras católicas" foi publicado pelo **O Nordeste**, nos dias 11, 13, 14, 15 e 16 de fevereiro de 1933, sempre na primeira página.

O Nordeste aconselhava a católica votante a fazer ouvidos de mercador às ridículas intrigas, que, se aproveitando da candura feminil e da inexperiência das damas em assuntos partidários e do pouco conhecimento do Código Eleitoral de 1932, informavam da suspensão do seu direito de voto, em curto prazo. Na avaliação do periódico, o crescente prestígio da LEC, de norte a sul, provocara um surto de mesquinharias. Os inimigos da Igreja e da Pátria buscavam macular o esforço das senhoras e senhorinhas de dar ao Brasil um conjunto de eleitoras honestas. À surdina, os falatórios procuravam trazer cizânia à extraordinária coesão do pensamento católico cearense, cuja unidade corporificava-se no programa lecista. Os espíritos decaídos inquietavam-se, assistindo aos partidos concorrentes buscando diálogo com a inteligência do lecismo e, à procura de vingança, queriam enfraquecer a nova força eleitoral, desestimulando o alistamento das fiéis. A vilania dos dissimulados fracassaria e, bem organizadas, as esposas e filhas dariam uma lição de perseverança: inserir de vez o Brasil político e o Brasil social dentro das normas cristãs. A atenção às mulheres perdurava e os ensinamentos do monsenhor Antônio Tabosa Braga, então vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, foram publicados n'*O Nordeste*.

Anos atrás, Monsenhor Tabosa fora oponente do voto feminino. Tabosa fizera objeção às sufragistas num passado de triste memória, a Primeira República, fase na qual o ambiente dos partidos era uma fonte inesgotável de corrupção e o voto uma farsa. Àquele tempo, as eleições hostilizavam o povo; no entanto, por meio do Código Eleitoral de 1932, o Governo federal concedera às senhoras católicas um direito não reivindicado e com isso a situação se modificara. As mulheres passaram da condição de espectadores para o estádio de poder decidir o futuro da nacionalidade. Cumpririam com uma imperiosa obrigação cívica, haja vista que o socialismo anticristão intentava subverter a consciência religiosa do País.

Logo, o voto se tronaria decisivo na escolha dos nossos homens públicos, avaliava o sacerdote. Irmanado com Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, e com o episcopado brasileiro, Monsenhor Tabosa creditou ao agnosticismo das instituições, herança maldita da Primeira República, a responsabilidade por divorciar o poder civil do poder de Deus. A separação do homem em relação ao divino levava o Brasil a margear um profundo despenhadeiro. Felizmente, mudanças salutares aconteciam na governança do País, por meio do presidente Vargas, e as forças sadias, poderiam dirigir a Nação. E a ninguém era lícito abster-se. Daí o chamado do clérigo: votar com fé para salvar o Brasil da imensa catástrofe do socialismo dissolvente.

Em 28 de abril, próximo ao dia da eleição (3 de maio de 1933), *O Nordeste* permaneceu engrandecendo o voto das mulheres e convocando o eleitorado católico a desempenhar o seu papel histórico. Obstinado, o jornal reputou o direito das mulheres ao voto de alta expressão cívico-político-social. No Código Eleitoral de 1932, elas alcançaram um degrau inédito na História do Brasil e o sufrágio feminino – consciente e franco – seria um expediente crucial na marcha vencedora da Liga Eleitoral Católica. A prática eleitoral comprovaria a força da cidadã católica, que deixava a inoperância e assumia uma responsabilidade vital para com a Pátria e a Religião. Votando, as esposas, as senhoras e as filhas galgariam posições de relevo, indo do habitual patamar de sentinela da família ao patamar de altíssima graduação de sentinela da felicidade do Brasil. Desta feita, o ardor, o devotamento e o entusiasmo na manutenção do civismo e dos sentimentos religiosos iriam para a Liga Eleitoral Católica. Em meio à possibilidade de lamentáveis consequências (bolchevismo, divórcio, ensino laico etc.), *O Nordeste* acreditava que as mulheres, disciplinadas e destemidas, perfariam o dever eleitoral, pois chegava o momento de elas mostrarem se seu catolicismo configurava uma aparência de sinceridade ou expressava arregimentação corajosa.

O Nordeste intensificou o chamado para os católicos sufragarem, sem vacilação, os nomes do lecismo. A cédula dos fiéis deveria conter os seis candidatos lecistas, a despeito de o Ceará ter o direito de enviar dez parlamentares à Assembleia Nacional Constituinte. O voto nos algozes da Igreja Católica reverter-se-ia em perfídia. Enfático, o jornal ressaltou que nenhum eleitor da LEC deveria, absolutamente, discrepar da sua obrigação de católico, ou seja, os fiéis sufragariam a chapa integral que a Junta Estadual lecista indicou e que os bispos do Ceará recomendaram. Requerendo insistentemente fidelidade dos devotos à LEC, o jornal cobrava o dever da hora: votar, sem vacilar, em todos os candidatos da Liga Eleitoral Católica, sem alteração de um só, sem substituições nem acréscimos de nomes, que desnaturariam chapa da invencível convicção cristã.

Véspera da eleição, no dia 2 de maio, *O Nordeste* recomendou em editorial: o Ceará solicita dos seus filhos o comparecimento às urnas, sem nenhuma defecção, para que fosse amplamente confirmada a boa vontade de todos em prol do soerguimento da nossa grande Pátria. Em seguida, ao lado do artigo de fundo, relembrou dum encaminhamento bastante cobrado: inútil querer convencer o eleitor católico a votar em dez nomes, total da bancada cearense na Assembleia Constituinte. Ele somente votaria nos seis nomes lecistas. As

outras chapas não pertenciam à Liga Eleitoral Católica, portanto, não poderiam receber votos de nenhum católico de verdade![304]

O Nordeste adjetivou a eleição de 3 de maio de 1933 de hora histórica, dado que no pleito constituinte a vontade consciente da nacionalidade e o rebate a insurreição internacionalista irradiaram altivez. Brioso, o eleitorado cearense manifestara espírito de confiança nas autoridades, posição inédita na vida política brasileira. Dentre os fatos marcantes, o periódico visualizou dois: a movimentação cívica do elemento feminino e a confirmação da força política da LEC. A atuação das mulheres e dos lecistas proveio da reverência aos chefes espirituais. O jornal parabenizou estes agentes por honrarem o cognome Terra da Luz concedido ao Ceará. Ufanista, elogiou a Revolução de 1930, personificada no interventor federal, Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, nos secretários estaduais e no ditador, Getúlio Vargas. A eles, *O Nordeste* agradeceu o fato de o pleito ter decorrido satisfatoriamente. Ao votar, o cidadão sentiu-se perfeitamente à vontade para exprimir o pensamento e os valores da consciência. Ampla liberdade. Completa garantia. E as filhas de Maria? Gabou-as pelo fato de usarem candidamente a oportunidade outorgada pelo Código Eleitoral: a mulher cearense soubera, com dignidade e altruísmo, usar das novas faculdades que lhe foram conferidas, quase todas se portaram com um desembaraço e uma correção dignas de registros infindáveis.

O triunfalismo da manchete – A LEC ELEGEU OS SEIS CANDIDATOS QUE APOIOU – norteou a cobertura d'*O Nordeste* acerca da eleição ora findada. O ufanismo no pós-dia 3 de maio materializou-se nas asserções: o Ceará vitorioso a serviço do presidente Getúlio Vargas, a sensatez do eleitorado da LEC e o lecismo circunscrito à arregimentação do votante católico, negando-se a lutar por funções públicas. Ao propagar essas análises, *O Nordeste* conectou-as a duas características positivas do governo Vargas: o menosprezo às injunções partidárias oriundas da Primeira República e a progressiva reestruturação administrativa do Brasil, freando o bolchevismo e exaurindo as rebeliões sociais ou separatistas. O aforismo (voto dado, voto apurado) magnificou o denodo eleitoral dos cearenses.

Aqui, livre do anárquico comportamento dos impatrióticos, o povo elegeu uma bancada à altura do momento, afinada com o sentimento da família conterrânea, católica por

[304] Não se arreceiem nem se entibiem as senhoras católicas. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1933. 2º editorial, p. 1. Devem as mulheres votar? **O Nordeste**, Fortaleza, 16 mar. 1933. Editorial, p. 1. As mulheres devem votar. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 mar. 1933. Editorial, p. 1. O pleito de amanhã. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 abr. 1933. Editorial, p. 1. Os candidatos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 maio 1933. Editorial, p. 1. Eleitora católica do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 28 abr. 1933. O eleitor da LEC deve votar na chapa da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 28 abr. 1933. 6 candidatos e não 10. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 2 maio 1933.

excelência. A vantagem lecista (elegeu seis deputados e o Partido Social Democrático, que fora liderado pelo ex-interventor federal no Ceará, Fernandes Távora, quatro parlamentares), punha na ordem do dia a intransferível reconciliação da República do Brasil com a Igreja Católica. Unidos, resguardariam o povo de ameaças assustadoras provenientes da "onda invasora" das doutrinas de demolição social, vindas do estrangeiro russificado e proporcionariam a emergência da principal força de conservação da pátria, a religião católica, afora potencializar o trabalho ordeiro e o aprendizado familiar.

Transcorrida a eleição constituinte de 1933, etapa difícil da conjuntura brasileira, reconhecia *O Nordeste*, restava aos católicos ir à luta central: o embate da civilização cristã *versus* o neopaganismo, agora travestido de bolchevismo. A LEC executara abnegada tarefa na contenda recentemente encerrada, porém, existia algo maior: ajustar a direção política do País, tão bem gerido pelo presidente Getúlio Vargas, à religião católica. Conquanto vitorioso, o lecismo se estabelecia aquém das necessidades da Igreja: a subordinação do povo e do Estado ao Evangelho, traço advindo da colonização do Brasil e dos jesuítas. Elogiando os papas Leão XIII e a Pio XI, chefes espirituais avessos ao funcionamento de partidos católicos, o jornal delineava o caminho: implantar o modelo cristão na governança nacional e nisto cristalizar-se-ia o vigor da autoridade. Na trajetória proposta, os parlamentares lecistas atuariam, sucessivamente, em campos opostos ao do inimigo, evitando quaisquer conciliações e submetidos aos deveres religiosos, enfim, adotariam rotina esmerada na missão de robustecer as forças cristãs da nacionalidade. E onde, proximamente, se debateriam os projetos administrativos para o Brasil? Na Assembleia Nacional Constituinte. Atento, *O Nordeste* passou a defender a ideia de que esta adotasse uma concepção autoritária, centralizante e nacionalista de Estado, ancorada na completa repulsa à União Soviética.[305]

Apesar de intensificar o anticomunismo após o resultado da votação à constituinte, *O Nordeste*, paralelamente à campanha eleitoral lecista, permaneceu abominando o bolchevismo e a laicização do Estado. Tais inimigos cresciam graças às benesses do liberalismo republicano pré-1930, ponderava o vespertino. O jornal culpava o regime agnóstico pela generalizada indisciplina social na Primeira República. Nesta, o laicismo desobedecera ao axioma: a base de toda organização social exitosa vinculava-se ao

[305] O plebiscito de ontem. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 maio 1933. Editorial, p. 1. Depois do grande pleito. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 maio 1933. Editorial, p. 1. Honra ao Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 maio 1933. Editorial, p. 1. A nossa política. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 maio 1933. Editorial, p. 1. Coerência de atitude. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 maio 1933. Editorial, p. 1. A LEC elegeu os seis candidatos que apoiou. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 maio 1933. Diferente da propalada aversão aos partidos, a LEC atuou nas eleições para deputados estaduais e federais em 1934; na eleição indireta para governador do Ceará, em 1935, saiu-se vitoriosa, e, em 1936, dirigindo a legenda do Partido Republicano Progressista, elegeu o prefeito de Fortaleza.

substancial e invencível acatamento às leis divinas. E quais os malefícios do Estado leigo? O deslanchar da premissa: o laicismo convertera-se no declive que levava os povos à insânia comunista. Perante as investidas dos vermelhos à brasilidade, o periódico constatava: a conjuração saíra das "trevas" para difundir nos comícios eleitorais a vitória das "forças do mal".

Por isso, para deter a russificação do Brasil e, em particular, no meio sindical, era imprescindível a contribuição de todas as classes, que, irmanadas, soergueriam moral e materialmente os trabalhadores e reprimiriam a proliferação no País de costumes usuais aos déspotas de Moscou: a iniquidade revolucionário-proletária, as convulsões permanentes, os fuzilamentos em massa e a escravidão operária. Ampliando as mazelas da sovietização, o jornal sistematizou as linhas mestras do "Figurino tupinambá", o degradante comunismo a brasileira: 1º) socialização da propriedade privada e o não pagamento das dívidas externas do Brasil; 2º) imposto único e o trabalho escravo; 3º) igualdade da mulher ao homem; 4º) amor livre e união matrimonial a capricho dos laços afetivos; 5º) o divórcio.[306]

Até a promulgação da Constituição de 1934, quando o nome de Deus voltou a constar na lei maior do Brasil, *O Nordeste* incriminava o Estado leigo pela disseminação do comunismo no País. O jornal imputava ao republicanismo liberal de 1889 a origem da laicidade. Ante o agnosticismo oficial, a passividade se igualaria ao perjúrio. Resoluto, o periódico sentenciava: o bolchevismo vinha sendo o corolário inevitável dos sistemas administrativos agnósticos. Atuante, o sovietismo dilatava a rebeldia advinda do poder público. Com isso o princípio da autoridade esgarçava-se, ocorrendo o desmonte da ideologia cristã, na qual a obediência constituía a única escola de bem governar. Reguladores da estabilidade social, o poder civil e o poder religioso poderiam estar coesos no comando do Estado brasileiro. Atuando separados, desde a Proclamação da República, causavam perturbações graves à coletividade. *O Nordeste* salientava os ganhos para o aparato estatal se as administrações públicas viessem a apoiar uns poucos instrumentos de educação popular cristã: o fortalecimento do princípio da autoridade. Inicialmente, propôs as liturgias. Elas, as verdadeiras fontes de energia espiritual, contribuiriam para retemperar a fé da população e o respeito às instituições, uma vez que o paganismo vitimara todas as camadas sociais.

Afirmando – o comunismo é o maior inimigo, em nosso tempo, da integridade social – *O Nordeste* ampliava os ataques ao Estado ateu dos sovietes e examinou o cinema, a

[306] Conjuração do mal. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jan. 1933. Editorial, p. 1. Reação salutar. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 fev. 1933. Editorial, p. 1. A nacionalização do clero. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 fev. 1933. Editorial, p. 1. Figurino tupinambá. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 fev. 1933. Editorial, p. 1.

maior arma de convencimento daqueles dias. A pregação focou a recém-fundada Sociedade Americana Cooperativa (SAC), que, além de películas anticomunistas, consagrar-se-ia a frustrar a infiltração bolchevista no Continente americano, recorrendo à imprensa (rádio e jornal) e a falas públicas. No Brasil, a incessante ameaça vermelha, dissertava o jornal, aproveitava-se de duas lacunas: o distanciamento das classes conservadoras da única moral, a moral cristã, e a deficiente educação das multidões e da juventude. Clandestinamente, semeando o ódio de classes, as "forças do mal" avolumavam-se em decorrência das crises econômicas, dissensões políticas e rivalidades territoriais. Então, urgia desmascarar o traiçoeiro engodo do governo de operários e camponeses da Rússia. Copiando os argumentos da SAC, o periódico enumerou os "pecados vermelhos": sinônimo de escravização proletária, conspurcação da família, execução em massa, abatimento das crenças religiosas, distribuição de ração, degradação humana, retrocesso à barbaria e, o pior deles, o contágio arrebatador do marxismo materialista nos incautos. Alargando a repressão anticomunista, *O Nordeste* rogava à governança federal e estadual o implemento da mescla: leis enérgicas e vigilância preventiva.[307]

Vítima da liberal Constituição de 1891, a formação do espírito nacional carecia de socorro, urgente. Deseducando o povo, o laicismo corruptor pavimentava, a passos largos, a consolidação da barbaria soviética no País, concluía *O Nordeste*. Moscou, nas páginas do órgão, simbolizava uma das facetas do novo paganismo. A gentilidade rediviva encontrava-se na urbanidade culta, nas regiões longínquas e semibárbaras (Ásia, África e Oceania). Combatendo-a estava a bravura dos missionários custodiados pelo Vaticano. A derrota das trevas do fetichismo e da heresia completar-se-ia com a multiplicação da paz do Evangelho e regatear a propagação da fé ocasionaria traição imperdoável à Civilização e à Igreja. Tão grave quanto desprezar a colaboração aos abençoados pregadores, seria aderir ao materialismo e ao marxismo dissolvente. Inócuo, o progresso ateísta, ao engrandecer a acumulação de bens, provocava o desequilíbrio econômico e social, cujo desdobramento ensejava o relaxamento da disciplina moral, intelectual e militar. A superação da luta de classes brotaria da recuperação da ideia espiritual do valor do trabalho, assim frustrar-se-iam

[307] Arregimentação católica. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 jun. 1933. Editorial, p. 1. A vontade do povo. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 jun. 1933. Editorial, p. 1. Paganismo político. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 jun. 1933. Editorial, p. 1. Cinema Anticomunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 jun. 1933. Editorial, p. 1.

as pretensões do erro agnóstico, que persevera em levar os povos civilizados a abjurar da indestrutível lei divina.[308]

E o Brasil, quais medidas urgentes exigia? Estancar o ateísmo das instituições. Coibir a devassidão do *modus operandi* nos entes públicos. De que forma barrar a onda de desagregação social ameaçadora da família? Por meio do ensino confessional facultativo nos estabelecimentos oficiais, da assistência espiritual às forças armadas e da oficialização do matrimônio religioso, receitava *O Nordeste*. Na educação religiosa, o periódico depositava sua maior expectativa de reversão do quadro exposto, visto que a permissão a colégios de orientação comunista significava um crime de lesa-patriotismo, contra o qual se insurgiriam todas as razões de honestidade e de bom senso.[309] Entrementes, naufragando o Estado cristianizado, o que viria? Escuridão das alfurjas. Trevas. Aves sinistras e agourentas. Clandestinidade. A profunda desigualdade social. Abismo. Absurda barbaria. Despotismo. Ambição de orgulho. Egoísmo insaciável. Cópias de Lenin aos borbotões, tal qual Leon Trotsky e Lev Kamenev. Escravização. Copiosos assassinos e inimigos da paz coletiva. Tiranos que não saíram do seio do povo (fábricas, casernas, campos), e sim das universidades, dos círculos intelectuais, ou seja, das fontes do conhecimento laicizado. O máximo de sangue e crueldade. Isto é, a "semente do mal". Terminando a sucessão de atrocidades oriundas da foice e do martelo, *O Nordeste* descreveu o perfil dos militantes sovietizados:

> Estão convencidos falsamente de que o comunismo será, contra o sentido do século, a teoria vitoriosa nessa fase crítica da civilização, abalada até nos seus fundamentos pelos erros e sofismas da época. São indivíduos que se deixaram dominar pela concepção de desespero das injustiças e das opressões de que a pobre terra vive. O bolchevismo representa uma consequência lógica do ensino sem religião, do Estado sem Deus. É a ultima etapa desse ciclo de descristianização que as democracia modernas projetaram como capaz de redimir a humanidade.[310]

Circunstanciado ao jogo político-partidário, *O Nordeste* instrumentalizava o eleitor católico, analisando os debates constituintes e contrapondo o integralismo ao bolchevismo. Nas futuras eleições (Assembleia Estadual e Câmara Federal), em outubro de 1934, o votante deveria ir à urna exalando o propósito: um voto que seja uma oração. Na tensão entre o Estado agnóstico, em pleno vigor, e o Estado cristão, objeto de conquista, a ínfima vacilação poderia abrir flancos para as manobras do inimigo. Transgressão neste

---

[308] Eugenismo antissocial. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 out. 1933. Editorial, p. 1. Apostolado universal. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 out. 1933. Editorial, p. 1. Progresso sem Deus. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 out. 1933. Editorial, p. 1.

[309] Respeito à opinião. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1933. Editorial, p. 1. Ensino antinacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 nov. 1933. Editorial, p. 1.

[310] Semente do mal. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 nov. 1933. Editorial, p. 1.

assunto acarretaria infidelidade às nossas tradicionais convicções religiosas. Significava permitir que os maus conquistassem terreno, tal qual o ocorrido na Rússia. Lá, houve a destruição das noções elementares da dignidade humana.

O Nordeste apoiava o soerguimento pátrio à feição do presidente Vargas, mas cauteloso se posicionava: estávamos reincidindo nos erros que fizeram apodrecer a Primeira República. O Estado continuava ateu, a prescindir das forças da fé, a desconsiderar a educação católica do povo. O centro da atividade política do jornal buscava evangelizar o Estado e o fazia sob ultimato, difundido pelo cardeal Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro (RJ): ou o Estado reconheceria o Deus do povo ou o povo não reconheceria o Estado. A descristianização da nacionalidade, vaticinava *O Nordeste*, robustecia a fluência no Brasil do socialismo, regime eivado de falhas desde o nascedouro. Na Rússia sovietista, a promessa de paraíso na terra metamorfoseara-se em ateísmo, litígios, desespero e mortes.

Acompanhando os debates na Assembleia Nacional Constituinte, *O Nordeste* cobrava agilidade na revogação do agnosticismo oficial. Invalidando o liberalismo laicista, a pátria desvencilhar-se-ia da corrupção do regime da Primeira República e os homens de responsabilidade reestruturariam a Nação. Sem isto, como ficaria o povo? Desnorteado e propenso a desatinos, haja vista que a impiedade das massas conduziria o mundo ao caos da "hedionda brutalidade do despotismo". Portanto, restavam às classes conservadoras obstruir a montagem dum governo-satélite à ditadura dos sovietes. Ombreada a uma direção de pulso firme, a educação católica renovaria a nacionalidade, pois os povos sem Deus, já dizia Napoleão Bonaparte, não se governam: "metralham-se".

Para *O Nordeste*, deter a russificação do País denotava esclarecer incessantemente aos populares sobre a ruína da tão sonhada igualdade de classe bolchevista e vigiar a tática dos maximalistas brasileiros, pois o comunismo passou a ser o "álcool" das grandes palavras para embriagar os cérebros tolos e inflamar os corações ingênuos em esperanças paradisíacas inatingíveis; também mostrar o lado perdulário da governança moscovita: enquanto os párias na terra dos czares padeciam nas mais horrendas ignomínias, o ditador Stalin se transportava do arrabalde de Gorki, onde reside, à sede do governo, num automóvel de luxo, marca *Rolls Royce*.[311]

[311] Os católicos e a política. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 dez. 1933. Editorial, p. 1. Apostasia oficial. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 dez. 1933. Editorial, p. 1. A hora nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 dez. 1933. Editorial, p. 1. A miragem soviética. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 dez. 1933. Editorial, p. 1.

Confrontando o integralismo com o bolchevismo, *O Nordeste* exaltou Gustavo Barroso e resumiu as preleções do escritor ocorridas em Fortaleza.[312] As conferências "Utopias socialistas" e "O que quer o Integralismo", no Teatro José de Alencar, ficaram a cargo da Legião Cearense do Trabalho. "O direito de família na Rússia", no Instituto Epitácio Pessoa, coube à União dos Moços Católicos de Fortaleza. Ao sintetizar os pontos-chaves destes eventos, o jornal, na proporção que erguia Barroso ao *status* de porta-voz da semente da ideia nova, diga-se, o integralismo, pormenorizava os velhos equívocos dos comunistas: anarquia permissiva e igualitarismo impraticável.

O Nordeste, sempre louvando a agudeza de raciocínio do escritor para salvar o Brasil do perigo das doutrinas insinceras, destacou alguns pontos. Na primeira palestra, o veraz orador nacionalista acusou Karl Marx e os maximalistas de terem produzido a maior aberração do século XIX: o comunismo. Na União Soviética, palestrava Barroso, a ditadura do proletariado transformava o misticismo do povo russo em materialismo, em religião negativista, em magia negra e, falsamente, prometia a libertação dos freios da moral e a expansão desmesurada dos instintos. Incisivo, o conferencista, ao assegurar a bancarrota do socialismo na Rússia, preceituou: a liberdade inaugurada pela Revolução Francesa tornara-se ineficaz para encher a barriga de quem passava fome![313]

Antes de debater a matéria (O direito de família na Rússia), Gustavo Barroso criticou a doutrina bolchevista pelo fato de ter desvirtuado parcela da juventude brasileira e o fez sob o argumento: garantiu Leon Trotsky, que a humanidade ficaria infinitamente bela graças ao comunismo e que, em cada esquina das cidades, haveria um Galileu, um Newton, um Copérnico. Mentira! Exclamou Barroso, para assegurar o contrário: o que existia na União Soviética era um agente secreto em cada canto, pronto a efetuar prisões e delações de toda espécie. Materialista e usurpador, o bolchevismo escravizava e transformara os homens em máquina, reduzindo-os a um vulgar código de letras e número.

Passando ao tema central, o romancista tachou o código familiar vermelho de um amontoado de misérias e depravações, no qual a "socialização das mulheres" atestava a completa degenerescência do lar na Rússia bolchevista, diferentemente da vida doméstica cristã, símbolo de afago, entendimento, candidez e felicidade. Simultaneamente ao desmonte da intimidade familiar, garantia Barroso, proliferava a delinquência dos meninos, que,

---

[312] Nas conferências, acompanharam Barroso: do Ceará, Ubirajara Índio do Brasil (chefe interino da LCT), padre Hélder Câmara e tenente João Barbosa Carvalhedo e Miguel Reale, dirigente nacional da Ação Integralista Brasileira.

[313] Utopias socialistas. Fortaleza, 16 dez. 1933. **O Nordeste**, Editorial, p. 1. Utopias socialistas – A conferência de Gustavo Barroso, ontem, no Teatro José de Alencar. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 19 dez. 1933.

arrancados dos pais, viraram pupilos do Estado, bestializados e mecanizados. Harmonizado com as ideias de Gustavo Barroso, *O Nordeste*, encerrando a cobertura de suas palestras, sintetizou a concepção de Estado do jornalista e destacou os aplausos ofertados pelo público fortalezense ao escritor:

> [Gustavo Barroso] Estudou os regimes liberais e comunistas, confrontando-os com o integralismo e provou a superioridade deste sobre os demais. O Estado liberal é a resultante da entidade administrativa mancomunada com os partidos. O Estado comunista é a resultante da entidade administrativa com o proletariado. O Estado integral é o que resulta de toda a nação. O Brasil está ameaçado pelo separatismo. Explicitou os objetivos por que se bate o Integralismo, demonstrando como era preferível voltar à escolástica a continuar a viver iludido pelas lábias do liberalismo. [...] Após esta brilhante explanação [...] O auditório vivou o notável escritor com palmas prolongadas. [314]

[314] O direito de família da Rússia. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 dez. 1933. O que quer o Integralismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 dez. 1933. Além destas preleções, Gustavo Barroso ainda conferenciou: *Brasil, uma colônia de Rotschild*, no Teatro José Alencar, no dia 20 de dezembro de 1933.

3.3 Liberalismo dissolvente, liberalismo bolchevizante

> A Igreja constitui, com sua doutrina de paz e de luz, o maior obstáculo às pretensões de bolchevização do Brasil.[315]

Na visão d'*O Nordeste*, o liberalismo, originário da República (1889), alimentava a proliferação do comunismo no Brasil. As posturas liberais, por tolerarem os bolcheviques, foram definidas como exógenas à tradição católica do brasileiro. O jornal, ao menor indício de contestação à ordem, vindo de qualquer matriz ideológica, clamava por uma reação nacionalista e pelo fortalecimento do princípio da autoridade para impedir a preponderância das "forças do mal". Apoiador de primeira hora da Revolução de 1930, o periódico considerava o presidente Vargas indispensável à regeneração pátria, que extinguia os malefícios da Primeira República.

Em 1934, *O Nordeste* acusou o jornal *O Povo*, órgão do Partido Social Democrático, de ser liberal. Ampliando as polêmicas com *O Povo*, a gazeta clerical louvava a equidistância do interventor federal no Ceará, capitão Carneiro de Mendonça, nas eleições constituintes de 1933 e pichava de comunista o seu sucessor, coronel Felipe Moreira Lima, dado sua relação de proximidade com a Aliança Nacional Libertadora. Ainda em 1934, a folha arcebispal, ao comentar os trabalhos na Assembleia Nacional Constituinte, defendia a instituição dum "Estado forte" no Brasil: a ditadura nacionalista. Tudo isto, objetivando resistir à crescente sovietização do País. No mais, a Liga Eleitoral Católica permanecia ao largo das intrigas partidárias, destacava *O Nordeste*.

Outra frente de atuação d'*O Nordeste* foi o pleito de 14 de outubro de 1934. Neste ano, foram eleitos deputados à Câmara Federal e à Assembleia Constituinte Estadual. Do total de onze deputados federais reservados ao Ceará, a Liga Eleitoral Católica elegeu sete e o Partido Social Democrático quatro parlamentares. Quanto aos estaduais, a LEC elegeu dezessete contra treze do PSD. Na eleição em apreço, o vespertino compreendia que a política dos católicos na Terra de Santa Cruz limitava-se a concorrer com o seu voto livre para escorraçar dos postos de representação popular os indivíduos que queriam sepultar a Pátria, para o efeito de satisfazerem as suas ambições inconfessáveis. E quem seriam os "coveiros" do País? As publicações dissolventes, os filhos das trevas, as ideias de corrupção social, as almas degeneradas, os arautos da III Internacional e a sua infiltração internacionalista, reconhecida e confessadamente ligada ao trabalho de difusão, no País, da ideologia odiosa e

[315] Liberdade de consciência. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 jan. 1934. Editorial, p. 1.

escravizadora da "barbaria soviética". Com isso, o órgão chamava atenção para a disseminação do bolchevismo no Brasil conectando-a à gente estrangeira, cuja ardileza maculava os símbolos sagrados da nossa emancipação moral e política – a Cruz de Nosso Senhor e a Bandeira da Pátria!

Ao longo da gestão Carneiro de Mendonça (setembro/1931 a setembro/1934), *O Nordeste* consolidou os laços políticos com o interventor. Esta aliança provocou atritos com os excluídos do poder, os aliados do ex-interventor Fernandes Távora (PSD), líder civil do tenentismo e da Revolução de 1930, no Ceará. Ao expor as divergências entre a LEC e o PSD, *O Nordeste* elogiava a neutralidade de Carneiro de Mendonça, no pleito constituinte de 1933 e na Administração Pública, contrariando o jornal *O Povo*, defensor do grupo tavorista. No transcurso dos conflitos partidários, diferentemente dos pessedistas, que solicitavam ao presidente Vargas a imediata destituição de Carneiro de Mendonça, *O Nordeste* manifestava apoio irrestrito a este. Como argumento principal, o periódico explicitava o funcionamento das instituições durante a votação de 1933: as eleições de maio tiveram o efeito de evidenciar a completa isenção de ânimo do governo, que garantiu sem vacilações a plena manifestação das urnas. Nas eleições de maio de 1933, do total de dez representantes do Ceará à Assembleia Nacional Constituinte, a LEC elegeu seis e o PSD quatro parlamentares. Na campanha eleitoral de 1933 e 1934, Fernandes Távora, ex-interventor federal no Ceará (outubro/1930 a julho/1931), foi o dirigente-mor do PSD/CE.

Indicado pelo presidente Getúlio Vargas em função de ser oriundo da caserna, portanto estranho às lutas oligárquicas cearenses, Carneiro de Mendonça iniciou sua gestão determinando sindicância nas prefeituras e nas finanças estaduais, afora providenciar auxílio financeiro e técnico às populações atingidas pela seca. *O Nordeste* aplaudiu as primeiras atitudes de Carneiro de Mendonça e o apoio ao interventor crescia proporcionalmente à aplicação do decreto facultando o ensino religioso nas escolas públicas (MIRANDA, 1987, p. 85-86). As facções oligárquicas remanescentes dos partidos Democrata e Conservador, derrotadas pela Revolução de 1930 e adversárias da dissidência dos Távoras, aliaram-se a Carneiro de Mendonça. Este buscou nos quadros da oligarquia decaída (democratas e conservadores) assessores diretos, como desembargador Olívio Câmara. Símbolo desta aliança, Câmara, um conservador, dirigiu a Secretária do Interior e Justiça. Atacado, Carneiro de Mendonça foi vivamente defendido n'*O Nordeste*. O periódico e os políticos depostos em 1930, que passaram a apoiar Carneiro de Mendonça, constituíram uma frente às lideranças da Revolução de 1930 e trataram de fortalecer a LEC. No lado contrário, o Partido Social

Democrático (PSD), fundado às vésperas das eleições constituintes de 1933, passou a abrigar o grupo tavorista.

A LEC, o Instituto da Ordem dos Advogados do Ceará, a Legião Cearense do Trabalho, a Phenix Caixeral (entidade dos comerciários de Fortaleza) e a Associação dos Funcionários Públicos do Estado do Ceará aderiram às manifestações de apoio, organizadas pela Federação de Associações de Comércio e Indústria do Estado do Ceará, a Carneiro de Mendonça. Reportando-se ao desagravo a Carneiro de Mendonça, *O Nordeste* exaltava o desempenho do capitão Mendonça nos auxílios aos flagelados da seca de 1932, nas melhorias do Porto de Fortaleza e no barrar as ambições dos políticos por cargos nas repartições públicas. Nisso, a dedicação do militar à causa pública levava o Ceará em peso a depositar ampla confiança no seu governo.

A equidistância do interventor, nas disputas políticas, ocorrera graças ao alheamento que tivera com relação às futricas do partidarismo e a retirada de tantos obstáculos que o liberalismo semeava por toda parte. Assim procedendo, o chefe do Executivo estadual granjeava aprovação junto às multidões e anulava o protesto das turbas desapercebidas dos verdadeiros móveis de campanhas ora surdas, ora descobertas, mas, sem exceção, animadas por uma forte dose de astúcia e de rebelião comunista. Daí o empenho d'*O Nordeste* a favor da permanência de Carneiro de Mendonça até o retorno do País ao regime constitucional. De acordo com o periódico, somente com governantes idênticos ao interventor, o Ceará e todas as classes alcançariam com plenitude o término da fase ditatorial varguista, sinônimo de paz e ordem, na reconstituição da vida pública nacional.



O Nordeste

A grandiosa manifestação de hontem, ao interventor Carneiro de Mendonça

Diante da vontade expressa e reiterada do povo, s. excia. concorda, desde que o Chefe da Nação o determine, em não se afastar definitivamente do governo cearense

FIGURA 11 – Manchete de apoio a Carneiro de Mendonça

Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 jan. 1934.

As acusações do PSD, por meio d'*O Povo* – em 1933, os pessedistas sofreram no pleito constituinte terrível e imerecida campanha da LEC; de novo, estava o PSD ameaçado

de sofrer da mesma campanha, caso o desembargador Olívio Câmara, titular da Secretária do Interior e da Justiça, assumisse o cargo de interventor, ratificando o desejo dos lecistas, em se configurando a saída de Carneiro de Mendonça – na avaliação d'*O Nordeste* eram infundadas. Ao contestá-las, o órgão confessional renovou os elogios a Carneiro de Mendonça, enalteceu o governo do presidente Getúlio Vargas por estar respeitando o voto popular e revelou uma informação ausente do seu noticiário: o pacto entre a LEC e o PSD.

O Nordeste referiu-se à eleição do médico Leão Sampaio, católico e pertencente à facção comandada por Fernandes Távora (PSD), incluído na chapa lecista, como ato de conciliação com o pessedismo, que se negou a compor chapa única com a LEC na eleição constituinte de 1933. Na compreensão d'*O Nordeste*, se o lecismo tivesse apresentado chapa completa (dez candidatos), poderia ter sido acusado de boicote aos pessedistas, mas apenas concorreu com seis nomes. Ou seja, para o jornal, a LEC, numa atitude conciliadora, deixara quatro lugares vagos para o PSD e elegera um notório correligionário de Fernandes Távora, líder civil da Revolução de 1930, no Ceará.

Em resposta ao PSD, *O Nordeste* frisava: nunca os lecistas receberam ou pleitearam quaisquer favores do governo de Carneiro de Mendonça; a LEC atuara e prosseguiria fora e acima dos partidos; a LEC restringia-se a ser uma organização eleitoral católica; a LEC tornara-se a dirigente das forças do bem; competia, exclusivamente, aos lecistas coordenarem a defesa da ação católica nas questões parlamentares. No Legislativo, a bancada lecista contribuiria para a renovação social atuante no País desde a Revolução de 1930 e formaria uma plêiade de políticos católicos com parlamentares de outras legendas. Nas eleições de 1934, o lecismo continuaria abstendo-se de sublevar as massas, com a certeza de que a regeneração nacional em curso descartaria a sangueira dos processos revolucionários e submeteria os deveres políticos à doutrina social da Igreja. [316]

[316] A manifestação de hoje, ao interventor Carneiro de Mendonça. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 4 jan. 1934. A grandiosa manifestação de ontem, ao interventor Carneiro de Mendonça. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 jan. 1934. Os deputados católicos e a manifestação ao interventor. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 10 jan. 1934. A atitude do PSD. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 24 jan. 1934. Nota oficial da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 24 jan. 1934. Desertores políticos. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 25 jan. 1934. A nota do PSD. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 26 jan. 1934. Liga Eleitoral Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 26 jan. 1934. Grande injustiça. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 31 jan. 1934. A manifestação de hoje. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 jan. 1934. Editorial, p. 1. Liberdade de consciência. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 jan. 1934. Editorial, p. 1. A incompreensão do "O POVO". **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jan. 1934. O ponto máximo das celebrações pró-interventor ocorreu na tarde do dia 4 de janeiro de 1934, em ato público na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza/CE, com a presença do povo cearense, desde o mais humilde operário até os seus mais elevados expoentes. Antes, porém, a multidão dirigira-se ao Palácio da Luz, sede do governo estadual, na praça General Tibúrcio, logradouro próximo a praça do Ferreira, e saudou com longas e vibrantes palmas o homenageado. Ressalte-se que as repartições estaduais e municipais funcionaram apenas no expediente da manhã.

O voto lecista expressaria as improrrogáveis reivindicações cristãs da nacionalidade: o sepultamento da corrupção política, a derrota do bolchevismo à brasileira, o combate ao laicismo e a supressão dos procedimentos liberais, engendrados na Primeira República sob mando da deturpação maçônica. Obediente à LEC, respeitando as autoridades temporais e eclesiásticas, o povo atingiria a glória e, finalmente, haveria condição propícia à edificação duma nação venturosa, unida e forte.

Alertava *O Nordeste* para o fato de que a permanência das tradições católicas do povo seria obrigação tanto dos devotos, como de todas as classes sociais. O triunfo dos inimigos jurados da civilização (os filhos das trevas, o judeu estrangeiro e os liberais) acarretaria consequência trágica à Nação: abriria espaço para os manejos do internacionalismo dissolvente, a serviço de Moscou. Para antepor-se à sovietização do país, a folha recomendava a extinção da escola leiga, herança maldita da República liberal e da Constituição de 1891, e a aprovação, pela Assembleia Nacional Constituinte, do ensino religioso facultativo nos colégios públicos e a assistência religiosa nos quartéis, já que o laicismo tomara abertamente o rumo do comunismo, via implantação do bolchevismo escolar.

Alongando-se, solicitava a imediata censura à imprensa extremista, visto que o excesso de liberdade conduzia o mundo à beira do abismo da pior das tiranias, que a Rússia tão bem representava. A inclusão, na legislação social brasileira, da indissolubilidade matrimonial era solicitada frequentemente. Com tais medidas, acreditava *O Nordeste*, frear-se-ia a propagação do liberalismo e da demagogia internacionalista. Em síntese, o periódico vinculava a ruína da nacionalidade à descristianização republicana. Apreciando a conjuntura internacional, o jornal citou o social-cristão, Engelbert Dollfus: a época das secularizações passara!

O Nordeste acusou o jornal *O Povo* de abrigar republicanos liberais e maçons, quando o órgão do pessedismo tolerou as agressões do escritor Edgard Süssekind de Mendonça feitas à Igreja: chamou o povo cearense de fanático, ao ponto de "comer batatas podres por hóstias" se os padres assim mandassem. Palestrante no VI Congresso Nacional de Educação (Fortaleza, fevereiro de 1934), Süssekind, membro da Liga Anticlerical, no Rio de Janeiro (RJ), foi descrito como autêntico emissário do extremismo vermelho, insultador gratuito de Nosso Senhor e blasfemo degradado, até o último grau da insânia de ódio ao Clero. Contrastando com o ambiente da Associação Brasileira de Educação, onde militava assessorado por comunistas extremados, Süssekind encontrara no Ceará, terra de verdadeiros católicos, uma situação adversa: aqui, graças às ideias de sadio nacionalismo, descartavam-se os postulados liberalistas, com os quais os agentes de Moscou pretendiam encetar suas

campanhas dissolventes. Estendendo-se nas querelas com *O Povo* e Süssekind, *O Nordeste* qualificou-os de atrasados pelo fato de refutarem os governos fortes, em voga na Europa e desprezarem o magnífico papel do alemão Adolf Hitler ao livrar o velho mundo das ameaças comunistas. Também, por desprezarem a necessidade de uma reação nacionalista, consubstanciada na instalação do "Estado Novo" em repulsa ao Estado neutro.[317]

Uma das funções da ditadura nacionalista, o "Estado forte", seria institucionalizar nas relações laborais a percepção: o trabalho, do ponto de vista cristão, tornara-se fonte indispensável de fraternidade social. Incisivo, *O Nordeste* defendia a total incompatibilidade das relações de produção socialistas, com a concepção divina do trabalho. Assim, o periódico contrapunha o Brasil à URSS. Aqui, existia a valorização das frontes banhadas pelo suor do trabalho. Lá, dominava a hipocrisia de uns tantos dirigentes, que traziam sob a capa de cordeiro o lobo voraz e esfaimado, a explorar a lida alheia. Além disso, o regime marxista cortava o direito à propriedade particular. Maculava a família, via entrega dos filhos ao "Estado-patrão". Distribuía a comida em rações aos proletários fabris e aos produtores agrícolas. Suprimia o descanso semanal. Negava o direito de greve. Impedia a poupança. Ostentava: o futuro é o Estado, que se transformara no domínio dos espertalhões de vida fácil e ... de duvidosa honestidade. Era a lei do chicote, do fuzilamento sumário, ordenado por aqueles que, para iludir as massas, pregavam a mentira de todas as delícias, a igualdade social. Prevalecia um regime de terror e sanguinário. Desdenhoso, *O Nordeste* indagou: quantos operários e camponeses havia na direção do governo soviético?[318]

Poucos! Majoritariamente, na direção do Estado soviético, encontravam-se apenas líderes provenientes de setores intermediários da Rússia, que abjuraram de seu passado revolucionário e se tornaram abastados, tal qual fizera Stalin. Então, *O Nordeste* publicou descrições dos hábitos do dirigente comunista. Enquanto, em 1933, a Rússia padecera na

---

[317] Ensarilhar Armas! **O Nordeste**, Fortaleza, 2 fev. 1934. Editorial, p. 1. Vitalidade católica. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 fev. 1934. Editorial, p. 1. A folha do PSD fora do seu lugar. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 fev. 1934. Editorial, p. 1. Lirismo e veleidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 fev. 1934. Editorial, p. 1. Ordem a realizar. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 fev. 1934. Editorial, p. 1. Obra de confusionismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 fev. 1934. Editorial, p. 1. Dificuldade de compreensão. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 fev. 1934. Editorial, p. 1. Outros rumos. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 fev. 1934. Editorial, p. 1. O Brasil consciente e livre e o ensino religioso facultativo nas escolas. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 fev. 1934. Lirismo e veleidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 fev. 1934. 2º editorial, p.1. **O Nordeste** reportou-se a Engelbert Dollfus, chanceler da Áustria, de 1932 a 1934 e aliado de Benito Mussolini. Dollfus tornou-se um dos referenciais de governabilidade do jornal.

[318] 1º de Maio. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 abr. 1934. Editorial, p. 1. Consciência operária – as comemorações do Dia do Trabalho, ontem em Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 2 maio 1934. A matéria retratou os festejos do 1º de Maio organizados pela Legião Cearense do Trabalho. A programação inclui missa, a posse do Conselho Legionário, filme dedicado à Sindicalização Operária Feminina, desfile dos legionários tendo à frente a banda de música do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos São José; ato na sede da AIB-Ceará; palestras com os padres Hélder Câmara e Geminiano Bezerra.

catástrofe da fome, em que se ignoraram doentes e mortos, por ordem expressa de Moscou; em 1934, os camponeses, apesar de famintos e da ótima safra, tiveram de entregar ao Estado a produção, sob repressão violenta e a qualquer resistência das multidões famintas a guarda vermelha passava o fio de espada e conduzia os rebeldes aos campos de concentração, o "ditador vermelho" vivenciava a igualdade comunista ao sabor dos prazeres burgueses (boa mesa, escolta armada, grande parque selvagem para uso da caça e descanso, suntuosos *Lincoln* e *Rolls-Royce*). Aliás, mordomias bem superiores aos custos de manutenção dos imperadores russos. Para ficar incólume, Stalin fanatizava as massas, mediante fartas notícias retratando o seu perfil de humilde. As reportagens sobre a vida particular do chefe comunista omitiam deliberadamente do público onde se refestelava: nos largos aposentos do czar Ivan, o terrível.[319]

Em meio às narrativas acerca das mazelas do sovietismo, *O Nordeste* saudou a aprovação dos direitos de Deus pela Assembleia Nacional Constituinte. A saber: invocação do nome de Deus no preâmbulo; colaboração recíproca Religião e Estado, golpeando o liberalismo falido; serviço eclesiástico nos quartéis e nas expedições, os capelães seriam de nacionalidade brasileira; assistência religiosa em hospitais, penitenciária etc.; as associações religiosas poderiam manter cemitérios, sujeitos à fiscalização das autoridades competentes; direito de voto aos membros das ordens monásticas; a pluralidade sindical com o encerramento do monopólio da militância ateia nas organizações de trabalhadores; indissolubilidade do casamento; legitimidade do casamento religioso submissa à habilitação em cartório; ensino religioso facultativo nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais, no horário das aulas.

O Nordeste adjetivou a retomada da colaboração dos poderes temporal e espiritual de golpe de misericórdia no liberalismo oriundo da Primeira República. Superada esta etapa do processo de regeneração pátria, na qual a LEC congregou a mais brilhante falange de patriotas na preservação das aspirações religiosas do povo brasileiro, *O Nordeste* passou a concitar o eleitorado católico a sintonizar-se com o pleito de 14 de outubro de 1934. Nele, sem traição à Igreja, haveria uma nova demonstração de solidariedade do nosso povo aos princípios de luz do Evangelho e a pátria irmanada sobrepujaria as ambições partidárias, com certeza.

---

[319] Sob o guante soviético. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 6, 14 jun. 1934. Extraído do periódico **Nation Business**, de Nova York. Texto de autoria do jornalista Wayting, que realizou viagem à União Soviética. Cartas de Roma – A vida burguesa de Stálin. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 20 jun. 1934. Texto de autoria do ex-vice-presidente da República da Geórgia e ex-membro da direção do PC de Leningrado, Cirilo Kakabadse. Igualdade Comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 20 jun. 1934. Texto de autoria de J. Santa Rita, a partir dos escrito de Cirilo Kakabadse.

Na Constituição de 1934, salientava *O Nordeste*, o ensino católico, o serviço religioso militar e a rejeição do divórcio configuraram-se em pontos essenciais. Eles engrandeciam as tradições cristãs do Brasil, reprovavam a herança da Primeira República, um passado de agnosticismo dissolvente e renovariam a vida pública da nacionalidade. Destruindo o laicismo, o ensino religioso reforçaria a assimilação do civismo pela mocidade. Impulsionando a assistência religiosa nos quartéis, as forças armadas reconquistariam a autoridade, assegurando a paz à expansão econômica brasileira. Banindo a ideia bárbara do divórcio e garantindo o reconhecimento da validez jurídica do casamento religioso, a família patrícia atingiria a plenitude dos direitos. Tais posturas assemelhavam o Brasil a Áustria, Itália e Portugal, países rejuvenescidos por meio das concordatas firmadas com a Santa Sé e que derrotaram a materialidade brutalizante do comunismo e a opressão maçônica. Para *O Nordeste*, o bolchevismo representava crime de lesa-humanidade, combate encarniçado às forças morais da pátria, perseguição tenaz às tradições cristãs do povo, fonte de iniquidades e desesperos, teorias e práticas abomináveis, lutas de rancor e ferocidade, precipício, radicalismo demolidor, extermínio da propriedade privada, guerra nas classes sociais, tirania de sofismas desoladores, último grau de miséria, acervo de ignomínias.

Não obstante a efusão pela promulgação da Constituição, *O Nordeste* estimulava o eleitorado católico a permanecer coeso e sufragar a LEC na eleição de 14 de outubro de 1934 para a Câmara Federal e Assembleia Constituinte Estadual. No pleito, movido por um imperativo patriótico, o voto de cada cearense livraria o Brasil da pior das anarquias, a anarquia espiritual. Nacionalmente, as circunstâncias eram propícias, dadas as garantias do novo sistema eleitoral, instituídas pelo presidente Getúlio Vargas, e, no Ceará, em razão da imparcialidade do interventor, o capitão Carneiro de Mendonça. Deveria, porém, se avolumar o alistamento eleitoral. A LEC/CE, vigilante ao anticlericalismo dos "filhos das trevas" a buscar iludir os "filhos da luz", seguia firme a política do episcopado nacional traçada por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro. Logo, nada de hesitação e o povo deveria orientar-se pela asserção: honra a tua crença, não admitindo que protestantes, maçons, espíritas, teósofos, livres pensadores, comunistas ocupassem com o teu voto os cargos de responsabilidade em nossa terra cristianíssima. À exaustão, repetia *O Nordeste*: a votação de outubro seria uma demonstração revigorante da fé. A ocasião inadmitia tibiezas e os fiéis, sob nenhum pretexto, poderiam se esquivar nem do alistamento, nem do voto. A guiá-los o lema: a pátria exigia, mas, sobretudo a religião ordenava!

Somou-se a este preceito, a constante reprodução da máxima: a LEC fora e acima dos partidos. No governo Vargas, o sufrágio assumia o papel de arma eficientíssima a

defender as "forças do Bem" ante os sequiosos em restabelecer as benesses do sistema político deposto em 1930. O quadro de ameaças à Igreja agravava-se com a incorporação, à nova Constituição, das reivindicações católicas. Daí, a importância da vitória integral do programa lecista, pois em xeque se encontrava a salvação da nacionalidade. Ao iniciar a campanha eleitoral do lecismo, *O Nordeste* passou a insistir na simbiose (civismo e religião) e o fez, dentre outras motivações, imbuído do propósito de obstar os prejuízos do estrangeirismo corrosível à pátria, especialmente o europeu, que trazia o fermento do socialismo e o "veneno" bolchevique. A emigração seria combatida intensificando-se a vigilância das fronteiras e robustecendo a censura à livre propaganda maximalista no Território Nacional, das cátedras universitárias até as simplórias associações de trabalhadores. Havia, porém, uma necessidade bem maior: dotar rapidamente as esferas do poder público da sanção divina, do contrário, a ausência das virtudes cristãs, que davam força aos atos do governo e dignidade à submissão das massas, redundaria em ódio, inveja, tirania e revolta.[320]

A harmonia Igreja-Estado, tolhendo as artimanhas da secularização, espólio da Constituição de 1891, reavivava as tradições católicas do brasileiro e alavancava a soberania nacional. Ademais, a reabilitação dos costumes políticos, por intermédio do presidente Vargas, tornava oportuno o envolvimento das associações católicas e das classes populares nas lides eleitorais, porém, submetidas ao comando dos chefes espirituais, aconselhava *O Nordeste*. À medida que Vargas e a Constituição de 1934 sepultavam a herança maldita da Primeira República, caberia aos "soldados de Cristo" a obediência: dos fiéis aos párocos, dos vigários aos bispos, dos arcebispos à hierarquia da Igreja Católica, capitaneada por Dom Manuel, no Ceará, por Dom Sebastião Leme, no Brasil e na Santa Sé, resplandecia o papa da ação social, Pio XI. E nada de recolhimento! Nada de traição! Às urnas! – era a palavra de ordem d'*O Nordeste*. A milícia cívico-religiosa triunfaria caso o povo referendasse no voto, sem quaisquer variações, as indicações lecistas. Para as forças do bem, conduzir as multidões e as demais classes representava suplantar a ira dos protestantes, da maçonaria, do laicismo e dos comunistas, ponderava *O Nordeste*, que, novamente, aludiu à gestão de Oliveira Salazar, em Portugal, como exemplo de concórdia do governo com episcopado.

---

[320] As reivindicações católicas. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 jun. 1934. Editorial, p. 1. Tese tradicional. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jun. 1934. Editorial, p. 1. União e disciplina. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 jul. 1934. Editorial, p. 1. A nova constituição. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 jul. 1934. Editorial, p. 1. Campanha eleitoral. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 jul. 1934. Editorial, p. 1. Arrancado do erro. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 jul. 1934. Editorial, p. 1. Honra a tua crença. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jul. 1934. Editorial, p. 1. A política do Bem. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jul. 1934. Editorial, p. 1. O exemplo chileno. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jul. 1934. Editorial, p. 1. O dever indeclinável dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 jul. 1934. 2º editorial, p. 4. Registre-se que as instalações d'O **Nordeste** tornaram-se local de alistamento eleitoral e sede da Liga Eleitoral Católica.

Na leitura d'*O Nordeste*, a Liga Eleitoral Católica, o expoente da cruzada cívico-religiosa, atuava similar a um exército, defenestrando o espírito de facção e amealhando decúrias eleitorais. O desempenho esmagador dos lecistas no prélio de 14 de outubro de 1934 ajudaria na consolidação definitiva do regime de liberdade e de garantias cívicas corrente no Brasil de Getúlio Vargas. Aplicado, o lecismo derrotaria os agitadores da classe operária, o vírus da indisciplina e as forças secretas do mal. Prevaleceria na Terra de Santa Cruz, civilizada por José de Anchieta, a tradicional crença do povo e os ensinamentos do príncipe da Igreja Católica, Dom Sebastião Leme, cardeal do Rio de Janeiro. Implantado o programa da LEC, o "veneno" da pior tirania, a dos russos de agora e a dos lusitanos de outrora, distanciar-se-ia do Brasil. E quais as pretensões internacionalista de Moscou? No dizer d'*O Nordeste*: o comunismo queria destruir o aparelho de segurança da vida coletiva, para tripudiar sobre os destroços das instituições garantidoras do ambiente de trabalho e de progresso do País. Por precaução, *O Nordeste* celebrou o Exército Nacional: bastião do civismo, antemural à onda de demolição e mantenedor da paz social![321]

Mobilizado pela eleição de 14 de outubro de 1934, *O Nordeste* definia, em diversos editoriais, o sufrágio, suas finalidades e limitações: a arma do voto repeliria da vida pública os inimigos dos ideais nacionais ou o Brasil seria reduzido, em breve, à degradação socialista. O ministro do altar permanecia acima das facções a esclarecer à opinião geral para que ninguém favorecesse, nas urnas, elementos prejudiciais à causa da fé. A obrigação do voto era um dever moral. Junto à obrigação de votar, estatuída no Código Eleitoral, deveríamos acrescentar, como cristão, o dever de votar bem, para felicidade do Brasil e honra da Igreja. O Papa, o Clero e o Laicato pareciam fazer política, mas, na realidade, faziam unicamente religião. Exercer a cidadania no voto significava colocar os ideais religiosos acima de qualquer imposição de caráter temporal. O alto sentimento de fidelidade à causa de Jesus Cristo determinava sufragar a LEC, sem vacilação. O direito do voto era um dever inalienável, assim como o respeito à vontade do povo, essencialmente católico, para que não se conspurcasse a verdade das urnas. O devoto era um cidadão no pleno gozo de seus direitos, deveria votar exalando fidelidade às suas tradicionais crenças. Tornava-se impreterível que

[321] Horizontes novos. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 ago. 1934. Editorial, p. 1. Concentração lecista. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 ago. 1934. Editorial, p. 1. Celebrando as vitórias católicas na constituição. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 ago. 1934. Editorial, p. 1. Repeli-os. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 ago. 1934. Editorial, p. 1. Confusões a evitar. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 ago. 1934. Editorial, p. 1. O dever do momento. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 ago. 1934. Editorial, p. 1. Luta do desespero. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 ago. 1934. Editorial, p. 1. A atitude da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 ago. 1934. Editorial, p. 1. Coesão e disciplina. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 ago. 1934. Editorial, p. 1. A defesa da pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 ago. 1934. Editorial, p. 1. Equidistância partidária. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 ago. 1934. Editorial, p. 1. Trair a religião e a pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 ago. 1934. 2º editorial, p. 4.

todo católico de convicção, e não apenas de nome, soubesse cumprir a obrigação moral do voto.

Abandonando estas regras os fiéis negariam a "Caridade para com a Pátria", já que as urnas exigiriam a restauração das normas do bom senso e da justiça, da paz e do trabalho. Desrespeitariam o idealismo do movimento de 1930, notadamente, a extinção do parasitismo partidário. Praticariam "Erro lamentável", retroagindo à Primeira República, regime que manteve no governo homens sem consciência cristã e patriotismo, por meio da corrupção do povo. Inclusive, a República recebera da Monarquia um país acreditado no estrangeiro, isento de dívidas e com o erário abastecido. Condição mudada por inteiro no regime da Velha República, mas restabelecida na Pátria Nova, do presidente Getúlio Vargas. Divinizado, o Ceará honraria seu epíteto de Terra da Luz sufragando a LEC e eliminaria as "Razões da descrença", haja vista estarmos imersos num tempo em que se tornava necessário enfrentar com denodo as artimanhas rubras; entretanto, perdendo as turbas a fé, o País rapidamente caminharia pela estrada da dissolução e chegaria ao caos da anarquia bolchevista. Agora, era preciso fortificar o espírito do povo, edificando nele a fé, a abnegação e o sacrifício da sua vida consagrada à Igreja, redundando na elevação do padre à distinção de o grande condutor das multidões. Fé e civismo. Sacerdotes e leigos. Assumindo a função de bons combatentes, em prol da Religião e da Pátria.[322]

O Nordeste indicava ao sucessor de Carneiro de Mendonça, coronel Felipe Moreira Lima, qual conduta deveria ter no pleito de outubro de 1934: civismo retilíneo, inflexível imparcialidade, honestidade inatacável, neutralidade partidária, portar-se como um soldado da Revolução de 1930. Senão, regressaríamos à velha democracia da Primeira República, sistema de farsas nas urnas, de corrupção política e do cinismo na administração pública. Caso Felipe Moreira Lima trilhasse caminho divergente, antagonizando-se com o capitão Carneiro de Mendonça, assumiria a responsabilidade de um ato injustificável, que concorreria para uma situação contrária ao progresso do Brasil e da religião. Afinal, neutralizar a influência do exclusivismo partidário, do extremismo vermelho e do laicismo corruptor configurava-se no ditame do momento.

O novo governante, copiando o presidente Getúlio Vargas, levaria sua ação política a usufruir de um estádio superior: paz e trabalho. Ao dispensar dos industriais e dos profissionais liberais, no começo da gestão, o pagamento de multas referentes ao serviço de

[322] Caridade para com a Pátria. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 set. 1934. Editorial, p. 1. Erro lamentável. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 set. 1934. Editorial, p. 1. Razões da descrença. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 set. 1934. Editorial, p. 1.

água e esgoto, Felipe Moreira Lima recebeu parabéns d'*O Nordeste*. Persistente, o jornal aconselhava o novo interventor a amenizar a miséria das turbas das cidades e da zona rural. Cabia-lhe a responsabilidade de evitar a proliferação da luta de classes, das passeatas de ofensa ao clero, das sublevações na caserna etc., ou seja, o novo interventor deveria coibir as origens de todos os males desencadeadores das crises da época.[323]

À medida que se aproximava a eleição de outubro de 1934, *O Nordeste* não só intensificava a propaganda pró-LEC, como também criticava severamente o interventor federal, coronel Felipe Moreira Lima, o PSD e o jornal *O Povo*. Para a eleição de maio de 1935, via Assembleia Legislativa, lançou a candidatura do professor da Faculdade de Direito do Ceará, Francisco Menezes Pimentel, à chefia do Executivo do Estado. Quanto à formação da chapa dos lecistas, *O Nordeste* informava que sua composição, por ventilar a possibilidade de acolher a indicação de partidos diferentes, excetuando-se os internacionalistas, repudiava o arbítrio das futricas políticas, tão em voga na Primeira República. O programa do lecismo personificava a falange dos bons, haja vista expressar a renovação política, incorporando as justas reclamações das classes trabalhadoras, especialmente, operários e camponeses. Além disso, a LEC renovava seus compromissos de outrora: união dos fiéis para a defesa dos princípios da Igreja Católica, a LEC atuava fora e acima dos partidos, reforço aos propósitos de moralidade da Revolução de 1930 e do presidente Getúlio Vargas. A isto, *O Nordeste* acrescentou o incentivo de Dom Sebastião Leme aos candidatos lecistas: vanguardeiros dos supremos interesses espirituais da Pátria.

Moreira Lima, ao capricho do "vírus partidário", passou a beneficiar o PSD no rateio de cargos estatais, proclamava *O Nordeste*. O interventor federal, divergindo da justiceira administração de Carneiro de Mendonça, nomeava pessoas vinculadas aos altos maçons do PSD. Para ocupar a função, o aquinhoado deveria ser energúmeno, insultador inveterado da Igreja e do Clero, blasfemador público e homem capaz de todas as injustiças e violências contra os católicos. A despeito de reconhecer o prestígio de católicos no

[323] Imparcialidade e energia. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 set. 1934. Editorial, p. 1. A política de Deus. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 set. 1934. Editorial, p. 1. Novo interventor. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 set. 1934. Editorial, p. 1. Definição categórica. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 set. 1934. Editorial, p. 1. Os destinos da Revolução. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 set. 1934. Editorial, p. 1. Para onde vamos. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 set. 1934. Editorial, p. 1. Liga e não facção. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 set. 1934. Editorial, p. 1. De cabeça erguida. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 set. 1934. Editorial, p. 1. A união dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 set. 1934. Editorial, p. 1. Governos facciosos. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 set. 1934. Editorial, p. 1. A obrigação do voto. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 set. 1934. Editorial, p. 1. A lição dos fatos. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 set. 1934. Editorial, p. 1. O Governo e as eleições. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 set. 1934. Editorial, p. 1. O interesse público. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 set. 1934. Editorial, p. 1. Dever de disciplina. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 set. 1934. Editorial, p. 1. Dever de patriotismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 set. 1934. Editorial, p. 1. O dever de ação. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 set. 1934. Editorial, p. 1.

pessedismo, *O Nordeste* rejeitava sua composição: na prática, a organização dos maçons agia como afronta à consciência cristã, com demonstrações de requintada hostilidade à fé. Além disso, no interior do Ceará, o PSD vinha ameaçando com detenção padres, por expressarem predileção pela LEC. Com isso, a proteção aos religiosos partia dos populares, exclusivamente. A tentativa de prisões nivelava o Ceará ao terror comunista. Como alternativa a enorme descalabro, *O Nordeste* defendia a eleição de Menezes Pimentel ao governo estadual. Pacifista, por índole, Pimentel, ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza, fora escolhido espontaneamente no seio das classes trabalhadoras cearenses, sem injunção partidária alguma e, certamente, administraria a favor da Terra da Luz.

O Nordeste amalgamou sob a alcunha de frente anticlerical: os pessedistas, o jornal *O Povo*, os radicais de esquerda, os adeptos da concepção retardatária de Robespierre, os maçons e o caudilhismo do interventor Moreira Lima. Da conduta de Robespierre, avaliou o quão danoso fora a reciprocidade entre liberdade e razão na Revolução Francesa, pois o Comitê de Salvação Pública, ao praticá-la, instalara o despotismo oficial. Por isso, derrotar os inimigos da Igreja configurava-se encargo inadiável ao eleitorado católico, através do voto livre, sendo a abstenção equiparada à apostasia. *O Nordeste* adjetivava de injúria o fato de os adversários da LEC acusarem os sacerdotes de praticar desmedida tirania espiritual ao solicitarem aos fiéis que votassem nos lecistas. Aos clérigos, pertencia o salutar ofício de guia do povo brasileiro, no sentido de adequar os direitos do homem aos direitos soberanos de Deus e da Igreja. Exemplo disto acontecia nos países cultos da Europa (Bélgica, Espanha, França, Holanda e Itália). A concretização do duo (patriotismo-catolicismo) livraria os "filhos da luz" do caos da barbaria e da aberração do ateísmo comunista.[324]

[324] A chapa da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 out. 1934. Editorial, p. 1. Em ordem de batalha. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 out. 1934. Editorial, p. 1. Recursos antipáticos. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 out. 1934. Editorial, p. 1. O candidato da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 out. 1934. Editorial, p. 1. Apoio à chapa lecista. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 out. 1934. Editorial, p. 1. Pano de amostra. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 out. 1934. Editorial, p. 1. O governo que convém. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 out. 1934. Editorial, p. 1. Não estamos no México. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 out. 1934. Editorial, p. 1. Que ideia fazem dos católicos? **O Nordeste**, Fortaleza, 12 out. 1934. Editorial, p. 1. Reagi pelo voto! **O Nordeste**, Fortaleza, 13 out. 1934. Editorial, p. 1. O pleito de ontem. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 out. 1934. Editorial, p. 1. O *thabor* argentino. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 out. 1934. Editorial, p. 1. A lição do momento. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 out. 1934. Editorial, p. 1. A vitória da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 out. 1934. Editorial, p. 1. Opressão espiritual. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 out. 1934. Editorial, p. 1. Recursos fraudulentos. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 out. 1934. Editorial, p. 1. Apoio à Igreja. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 out. 1934. Editorial, p. 1. Voto livre. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 out. 1934. Editorial, p. 1. Política objetiva. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 out. 1934. Editorial, p. 1. Inconsciência. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 out. 1934. Editorial, p. 1. *Adveniat Regnum Tuum*. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 out. 1934. Editorial, p. 1. Apaixonamento partidário. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 out. 1934. Editorial, p. 1. Civismo católico. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 out. 1934. Editorial, p. 1. Atitude nobilitante. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 out. 1934. Editorial, p. 1. A politicagem invade a Instrução Pública. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 out. 1934. Os últimos acontecimentos políticos – A insinceridade da palavra oficial. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13 out. 1934.

No entendimento do periódico, os católicos jamais poderiam ficar à margem dos acontecimentos políticos, e, principalmente, tendo à frente do País, o presidente Vargas. As cédulas nas urnas garantiriam aos devotos o pleno exercício da cidadania. *O Nordeste*, parafraseando o líder da Confederação Espanhola das Direitas Autônomas (CEDA), Gil Robles, criticou os democratas por questionarem a participação ativa dos católicos nos processos eleitorais e citou-o:

> Não queremos nada do governo, nem lhe pedimos nada. O que exigimos, porque o exigiu a maioria popular que nos elegeu, é a retificação absoluta da política antinacional dos últimos anos. Daremos todas as facilidades a quem governe, contanto que não veja em nós um inimigo, senão um vigilante que há de cuidar de que a obra do governo seja precisamente o que lhe impõe a soberania do voto popular.[325]

Reiteradamente, *O Nordeste* refutou o fato de o clero cearense ter pressionado o eleitorado católico a sufragar a LEC, conforme apregoava a frente anticlerical. A vitória lecista no pleito de 14 de outubro de 1934 (a LEC de 30 deputados estaduais, elegeu dezessete e o grupo tavarista treze: o PSD, doze e um deputado avulso; de 11 deputados federais, o lecismo elegeu sete e os pessedistas quatro) deu-se graças à confirmação do sentimento religioso do povo. Paralelamente a isso, a folha condenava a aproximação de Moreira Lima com o bolchevismo. Em duas notícias intituladas, "Governo e Comunismo", o órgão tratou deste assunto. Na primeira, relatou a presença de Moreira Lima na concentração comunista ocorrida em Fortaleza, que celebrou o triunfo do bolchevismo na Rússia com agressões à Igreja Católica (o jornal *O Povo* negou o comparecimento do interventor na manifestação). *O Nordeste* ainda reprovou o uso ostensivo da polícia estadual para garantir o ato e, analisando o episódio, denunciou a falência da democracia vigente por assegurar a primazia do motim à ordem. Antes de noticiar o segundo encontro de Moreira Lima com os socialistas, o periódico censurou o indefectível anticlericalismo do interventor federal. Depois se reportou a ida de comunistas ao Palácio da Luz, sede do governo cearense. Lá, o chefe do Executivo estadual fora saudado como companheiro ideal e sincero de Luiz Carlos Prestes, por membros da Liga Operária Independente (MOTA, 2000, p. 139).

O Nordeste apelava aos brasileiros para que, com ou sem Estado, tratassem de deter a "onda vermelha", bastante perceptível e, de muito, ultrapassando a simples agitação de ideias. Ao ir da palavra à ação, imiscuindo-se na política nacional, os próceres da Rússia bolchevista deveriam ser reprimidos mediante a ação enérgica do Estado. Recorrendo a

---

[325] A posição dos católicos. **Nordeste**, Fortaleza, 20 out. 1934. Editorial, p. 1. Segundo Pierre Vilar (1989, p. 25), Gil Robles, antes da CEDA, tinha vindo da hierarquia das organizações católicas: CNCA (Confederação Nacional Católica Agrária), ACNP (Associação Católica Nacional de Propagandistas).

vocábulos como extensão da ameaça comunista, anarquia econômica, forças da dissolução, assaltar os postos de mando e convulsionismo internacionalista, *O Nordeste* defendia o estabelecimento de uma ditadura da união sagrada, capitaneada por homens de mentalidade formada no crisol da honra cristã, a fim de evitar a submersão do Brasil no paganismo da lama e do sangue e no tremedal da sangueira do ódio fratricida da decomposição generalizada. A supremacia da reação cívica ocorreria caso o governo, sem citar nominalmente o presidente Getúlio Vargas, largasse a inércia criminosa e instalasse o combate nacionalista pela grandeza e independência da Pátria, pela dignidade e pureza da Família, pela glória e honra de Deus! A matriz da algazarra residia nos princípios deletérios de 1889, geradores da falência da Primeira República, e na democracia liberal. Quanto à saída: voto firme na LEC e apoio aos integralistas, os "soldados da esperança", haja vista que o idealismo dos camisas verdes estava pondo em verdadeiro sobressalto a mentalidade exótica dos sonhadores de uma República dos Sovietes no Brasil.

Apesar de citar o desmentido do jornal *O Povo* e do deputado federal Fernandes Távora (PSD), as críticas a Moreira Lima por seu diálogo com os bolchevistas sucediam-se nas páginas do jornal arcebispal. Ao contrário de Carneiro de Mendonça, tido como respeitador do voto livre do povo, praticante do ideário (civismo-religião), fiel aos compromissos antioligárquicos da Revolução de 30 e à soberania nacional, Moreira Lima recebia apoio duma frente única das esquerdas e governava à feição de um Robespierre (recorrendo às demissões a torto e a direito do funcionalismo, achincalhando as urnas e impondo a tirania da politicagem), afora abdicar inteiramente do cristianismo. Analisando a fala do interventor à turba, na manifestação comunista no Palácio da Luz, sede do governo, *O Nordeste* rechaçou o intuito-mor de Moreira Lima no Ceará: a proliferação da anarquia mental, com o incentivo à livre manifestação de qualquer pensamento, bem ao estilo das práticas do liberalismo. Ligando-se aos brasileiros moscovizados, o administrador do Executivo estadual conduzia o povo cearense a um grave desatino: colocava em igualdade a honra cristã e a ignomínia bolchevista. Tal posição destoava das origens católicas do Ceará e robustecia a dissolução social na Terra da Luz.

No entanto, o êxito da LEC na eleição de 14 de outubro de 1934, superando o PSD, encorajava a luta contra os anticlericais governistas. Na Segunda República, diferentemente da Primeira, o eleitorado católico exercia o direito do voto num ambiente de máxima ordem e acatamento à liberdade. No Ceará, Carneiro de Mendonça simbolizou os novos tempos e Moreira Lima, o oposto: abusou da coação oficial, demitiu funcionários públicos e enviou metralhadoras para o interior do Estado. Comentando tais métodos, *O Nordeste* enfatizou: não

havia hoje núcleo comunista no País que não rendesse homenagem e não se sentisse lisonjeado com o liberalismo reinante entre nós. O sucesso dos caluniadores do clero perverteria o Brasil, entrecortando-o por convulsão anárquica e antinacional. Antepondo-se à tolerância com o mal e os malfeitores e à desmoralização do regime, *O Nordeste* propunha uma urgente reação nacionalista, similar ao Estado Novo do austríaco Dollfus e do português Salazar: uma governança em que o Bem tinha as honras que merecia e o Mal punição pertinente e implacável. Inalterada a correlação de forças, a gazeta religiosa antevia longevidade ao liberalismo dissolvente cujo epílogo seria a convulsão do materialismo comunista, corporificado no regozijo do "liberalismo bolchevizante".[326]

O Nordeste qualificou a campanha dos anticatólicos contra a LEC, na eleição de 14 de outubro de 1934, de sofisma crasso, haja vista que separaram voto, Religião e Pátria. A apartação destas instâncias assemelhava o Brasil à Rússia de Stalin. Forçando o isolamento do sufrágio, a Nação ficaria vítima perpétua do corrosivo liberalismo e com ele o anticlericalismo redundaria em posturas antidemocráticas e antinacionais. No Ceará, Moreira Lima chefiava os opositores ao clero e boicotava os princípios da Revolução de 1930: justiça, liberdade e equidade. Os métodos do interventor (batalhões de fuzileiros, secções de metralhadoras e fraudes eleitorais) coadunavam-se à truculência moscovita. Fazendo coro com o interventor, repetia *O Nordeste*, encontravam-se o jornal *O Povo* e o PSD, de Fernandes Távora. Estes, por sinal, advertia o periódico confessional, davam às críticas à administração Moreira Lima um tom de perseguição, desvencilhando-se do cerne da questão: o bem-estar da coletividade. Quando noticiara os efeitos da peste bubônica (fechamento do Porto de Fortaleza e infectados no interior do Ceará), *O Nordeste* restringira-se a publicar o discurso do líder lecista na Câmara Federal, Waldemar Falcão; entretanto, Falcão e o órgão

[326] Antes que tal aconteça. **Nordeste**, Fortaleza, 5 nov. 1934. Editorial, p. 1. Justiça eleitoral. **Nordeste**, Fortaleza, 7 nov. 1934. Editorial, p. 1. Católicos ludibriados. **Nordeste**, Fortaleza, 8 nov. 1934. Editorial, p. 1. Os padres tinham razão. **Nordeste**, Fortaleza, 9 nov. 1934. Editorial, p. 1. Media das aspirações. **Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 1934. Editorial, p. 1. Civismo e Política. **Nordeste**, Fortaleza, 13 nov. 1934. Editorial, p. 1. A Verdade do voto. **Nordeste**, Fortaleza, 14 nov. 1934. Editorial, p. 1. Displicência oficial. **Nordeste**, Fortaleza, 16 nov. 1934. Editorial, p. 1. Católicos, alerta! **Nordeste**, Fortaleza, 17 nov. 1934. Editorial, p. 1. Axioma político. **Nordeste**, Fortaleza, 20 nov. 1934. Editorial, p. 1. Consciência cristã. **Nordeste**, Fortaleza, 21 nov. 1934. Editorial, p. 1. Acima de todas as sujeições. **Nordeste**, Fortaleza, 22 nov. 1934. Editorial, p. 1. Idealismo falho. **Nordeste**, Fortaleza, 23 nov. 1934. Editorial, p. 1. Cidadania cearense. **Nordeste**, Fortaleza, 24 nov. 1934. Editorial, p. 1. A vitória da "Liga". **Nordeste**, Fortaleza, 26 nov. 1934. Editorial, p. 1. Consciência da Verdade. **Nordeste**, Fortaleza, 28 nov. 1934. Editorial, p. 1. A desmoralização do regime. **Nordeste**, Fortaleza, 30 nov. 1934. Editorial, p. 1. Governo e Comunismo. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 nov. 1934. O Governo e a concentração comunista. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 nov. 1934. Governo e Comunismo. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 nov. 1934. As atitudes do interventor Moreira Lima provocam agitações na Câmara – Os paulistas ao lado dos lecistas. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 nov. 1934. Governo e comunismo – O seu a seu dono. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 21 nov. 1934. Ainda a "piada" do "O Povo". **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 21 nov. 1934. Manifestação original. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 nov. 1934.

foram destratados nas páginas do periódico pessedista, recebendo o apelido de traidores da terra natal!

Concomitante à denúncia da tirania de Moreira Lima, *O Nordeste* publicava notícias acerca do "império do terror" na Rússia e colocava o Brasil numa encruzilhada: ou o comunismo ou o integralismo. Stalin patrocinava maciços fuzilamentos e impelia o êxodo populacional após o assassinato de Sergei Kirov, descrito como futuro substituto deste no secretariado do Partido Comunista da União Soviética. O ímpeto criminoso do stalinismo estendia-se e o Kremlin, guardado por 2.000 homens, desbaratara uma simultaneidade de tentativas de homicídio de todos os chefes soviéticos. Arquitetando o morticínio, dez proeminentes oficiais do Exército Vermelho. Na contraposição à União Soviética, *O Nordeste* veiculava matérias denotando o porvir da Alemanha: o dique da Europa contra o bolchevismo e Hitler, o salvador da civilização ocidental.

No Brasil, a eliminação dos bolcheviques necessitava da retomada da crença no medo do inferno pelas turbas. As multidões facilmente sujeitavam-se à cantilena comunista e a política a Robespierre alargar-se-ia, propiciando a vitória das minorias insubmissas. Derrotado, o País assistiria, sem tardança, a um governo subjugado às massas. Ter-se-ia, então, o comunismo devastador de todas as glórias da nacionalidade, escravizador da liberdade da civilização cristã. Triunfando o Integralismo, haveria o restabelecimento do princípio da autoridade, com o respeito às ideias fundamentais da vida pública: Deus, Pátria e Família.[327]

Reportando-se a Fortaleza, *O Nordeste* comentou a realização dum comício "ultrarrevolucionário" em homenagem ao capitão Francisco Moésia Rolim. Aterrorizado, o periódico censurou o tremular do estandarte (Viva Carlos Prestes! Viva a Revolução!) e o ecoar do brado: "morras ao clero!", na manifestação dos comunistas. Na edição em que noticiou este ato e nas seguintes, realçou a preocupação: impedir a falência do regime! De início, relembrou que a cidade de Deus se fechava para os apaniguados do mal. Em seguida, listou os eixos da sovietização: confisco da propriedade privada, aniquilação da família e a suspensão da liberdade de consciência. Como de hábito, encorajou a mocidade nacionalista a

[327] Sem preocupação de crenças. **Nordeste,** Fortaleza, 1 dez. 1934. Editorial, p. 1. Tudo como dantes. **Nordeste,** Fortaleza, 4 dez. 1934. Editorial, p. 1. Insensata politicagem. **Nordeste,** Fortaleza, 5 dez. 1934. Editorial, p. 1. Verba non res. **Nordeste,** Fortaleza, 6 dez. 1934. Editorial, p. 1. Dever de nacionalismo. **Nordeste,** Fortaleza, 7 dez. 1934. Editorial, p. 1. Pelo bem do povo. **Nordeste,** Fortaleza, 10 dez. 1934. Editorial, p. 1. Católicos, como católicos! **Nordeste,** Fortaleza, 11 dez. 1934. Editorial, p. 1. O governo a inaugurar-se. **Nordeste,** Fortaleza, 18 dez. 1934. Editorial, p. 1. A Rússia sob o impacto do terror. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 dez. 1934. Planejavam assassinar todos os chefes soviéticos. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 dez. 1934. A Alemanha será o dique oposto à invasão do bolchevismo na Europa. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 7 dez. 1934. Querem desvirtuar a palavra de Hitler. **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 15 dez. 1934.

desinfetar a sociedade visceralmente enferma, gabou Carneiro de Mendonça, o defensor da regeneração dos costumes públicos, e responsabilizou Moreira Lima pela agitação pró-Rússia, signo da "flâmula vermelha e da chibata".[328] Também repreendeu o jornal *O Povo*, por questionar a validade da cláusula pétrea lecista: a restauração da democracia cristã no Brasil, a Terra de Santa Cruz. Repetindo-se, *O Nordeste* apontou a geratriz de tantos descalabros: o socialismo corruptor e a democracia liberal, que eram patrocinados pela negativa de Moreira Lima de exaurir do Ceará a propaganda do internacionalismo dissolvente e de matar o incentivo à paixão material do gozo.

Para *O Nordeste*, diuturnamente, o governo do presidente Getúlio Vargas necessitava exaurir o menor barulho de rebelião. Finalizando 1934, o jornal enumerou o que deveria ser repelido naquele instante para estabilizar o Executivo nacional. Nacionalmente, debelar uma embrionária conspiração tendo na vanguarda os generais Valdomiro Lima e Manuel Rabelo, consoante especulações obtidas no Rio de Janeiro, Capital federal, via imprensa. No Ceará, desmontar as artimanhas do interventor coronel Felipe Moreira Lima favoráveis ao PSD contra a LEC na eleição suplementar de 30 de dezembro e punir severamente a militância comunista por ter agredido a fé católica e o povo brasileiro no comício em homenagem ao capitão Francisco Moésia Rolim.[329]

O periódico arquidiocesano defendia a ideia de que, além da obtenção de *habeas corpus*, garantindo o deslocamento dos candidatos e filiados lecistas, repetindo o ocorrido na véspera do pleito de 14 de outubro de 1934, era indispensável a liberdade do voto para assegurar a continuidade vitoriosa da Revolução de 1930. Para isso era absolutamente

---

[328] Comício ultrarevolucionário. **Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 19 dez. 1934. Em 1926, Francisco Moésia Rolim, como acadêmico do curso de Direito e colaborador do jornal **O Ceará**, escreveu o artigo "Cristo e Karl Marx - apóstolos da miséria humana", questionando o porquê da ausência de estudos na Faculdade de Direito do Ceará acerca da obra do pensador alemão. Exemplo de jornalismo crítico e independente, o periódico circulou entre os anos de 1925 e 1930, combatendo as oligarquias, o coronelismo e a Igreja Católica (CARVALHO; LIMAVERDE, 2008). Rolim participou da revolta da Escola Militar em 1922, no Rio de Janeiro/RJ. Com a derrota do movimento foi desligado do Exército Nacional. Anistiado pelo presidente Getúlio Vargas, em janeiro de 1931, voltou à ativa no posto de capitão (MOREL, 1999, p. 29). Nas eleições de outubro de 1934, Moésia Rolim candidatou-se à Câmara Federal, pela legenda do PSD/CE, ficando com a terceira suplência (MOTA, 2000, p. 161). No mês de dezembro de 1934, funda **O Combate**. Segundo **O Povo** (22 de dezembro de 1934, p.1), "o novo jornal é feito por moços, para o povo, em nome dos ideais de três clarinadas vermelhas, que são três marcos, balizando o futuro: 22, 24 e 30". Participou ativamente da fundação da Aliança Nacional Libertadora, inclusive discursando na sessão de instalação da entidade no Teatro Municipal João Caetano, no Rio de Janeiro/RJ, em abril de 1935 (ABREU *et al*., 2002, v. 4, p. 3008).

[329] Podemos estar certos. O **Nordeste**, Fortaleza, 19 dez. 1934. Editorial, p. 1. Atividade subversiva. O **Nordeste**, Fortaleza, 20 dez. 1934. Editorial, p. 1. Os compromissos da LEC. O **Nordeste**, Fortaleza, 21 dez. 1934. Editorial, p. 1. Último recurso. O **Nordeste**, Fortaleza, 22 dez. 1934. Editorial, p. 1. O Natal de Jesus. O **Nordeste**, Fortaleza, 24 dez. 1934. Editorial, p. 1. Garantia Eleitoral. O **Nordeste**, Fortaleza, 26 dez. 1934. Editorial, p. 1. Evitar alarme. O **Nordeste**, Fortaleza, 28 dez. 1934. Editorial, p. 1. Situação falsa. O **Nordeste**, Fortaleza, 29 dez. 1934. Editorial, p. 1. Cearenses invencíveis. O **Nordeste**, Fortaleza, 31 dez. 1934. Editorial, p. 1. Boatos, conspirações e nervosismo – eis a nota obrigatória: o que dizem os jornais do Rio. O **Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 27 dez. 1934.

necessário a interferência da força armada federal e não dos destacamentos policiais estaduais, pois serviçais do pessedismo de Moreira Lima.[330] Qualificando as iniciativas da LEC, o jornal *O Povo* definiu-as de grosseiras invencionices da "tirania espiritual".[331] Alimentando a polêmica, *O Nordeste* reforçava algo já admitido: o suicídio da democracia brasileira, por aceitar a tolerância com o mal e os malfeitores, porquanto

> As nações que não se premunem com os princípios de formação cristã terão de cair nas malhas da anarquia bolchevista, a que o liberalismo da época forçosamente conduzirá os povos incautos... O século é de nacionalismo vibrante e reação patriótica contra a barbaria que tenta arrasar todas as mais belas conquistas da justiça humana. [...] Não se permita jamais em nome da prepotência estúpida da filosofia do gozo, se conspurquem os grandes ideais da vida – Deus, Pátria e Família.[332]

[330] Em outubro de 1934, a requisição do Exército Nacional ao Governo federal fora solicitada pelo desembargador Olívio Câmara, presidente do Tribunal Regional Eleitoral e ex-secretário do Interior e Justiça na gestão de Carneiro de Mendonça.

[331] Comentários do dia. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 22 dez. 1934. Comentários do dia. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 27 dez. 1934. O "Habeas-Corpus" lecista – um dos "beneficiados" protesta contra o embuste. **O Povo**, Fortaleza, 28 dez. 1934. Editorial, p. 1. Explorações lecistas. **O Povo**, Fortaleza, 29 dez. 1934. Editorial, p. 1.

[332] Conspiração abortada. O **Nordeste**, Fortaleza, 27 dez. 1934. Editorial, p. 1.

3.4 Escolha acertada

> Acima de tantas expectativas trágicas paira a serenidade da fé imortal na palavra luminosa do Mestre Divino: – as portas do inferno não prevalecerão...[333]

A Liga Eleitoral Católica, além dos membros vinculados à Arquidiocese de Fortaleza, o chamado grupo católico, agrupou os integralistas, os partidos Agrário, Democrata e Conservador. Na Primeira República, conservadores e democratas revezaram-se na condução da política cearense. Destituídos na Revolução de 1930 pela dissidência oligárquica dos Távoras, originária do Partido Democrata, voltaram à cena pública na gestão pró-LEC do interventor Carneiro de Mendonça. *O Nordeste*, superando a condição de porta-voz da LEC, atuou como uma relevante força política desta coalizão nas eleições de 1933 a 1936. Nelas, a LEC tornou-se hegemônica, apesar de o jornal, em diversos exemplares, definir a atuação do lecismo fora e acima dos partidos.

Em 1935, a LEC elegeu Menezes Pimentel. No ano de 1936, com a desistência da LEC de lançar candidatos, os lecistas passaram a dirigir o Partido Republicano Progressista e elegerem Raimundo de Alencar Araripe prefeito da Capital cearense. Nessa eleição, os integralistas e os conservadores romperam com a LEC.[334] Não obstante participar ativamente do jogo partidário, o vespertino solicitava ao presidente Getúlio Vargas a instalação urgente dum Estado "forte" no Brasil, o único habilitado a derrotar os ferrenhos inimigos de Roma: o comunismo, o laicismo, o liberalismo, os maçons, os jacobinos, os judeus, o amor livre etc.

Continuamente, na escrita d'*O Nordeste*, o lecismo simbolizou a homogeneidade política por excelência. Unificados, os lecistas derrotariam os inimigos contumazes do Vaticano e o "partido sem Deus", o PSD, a despeito de este privar-se do anticatolicismo militante. Oligarcas, mas com diferenças, a LEC, reacionária e o PSD, reformista, ambos se restringiram a disputar o aparato estatal e, privatizando a coisa pública, garantiram a sobrevivência das elites locais. Como tática de inserção, *O Nordeste* mesclava louvor à eficácia policial (prisões e banimentos) com persuasão, manipulando a dualidade céu-inferno e apoiando-se na tradicional formação católica do brasileiro.

Este traço cultural, manifestava o periódico, opunha o Brasil à URSS. Também receitava lições de enquadramento nas colônias de trabalho, no catecismo, na labuta

---

[333] A hora de Deus. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 mar. 1936. Editorial, p. 1.

[334] Ao longo da campanha, **O Nordeste** absteve-se de colocar os motivos do rompimento; informava apenas que antigos aliados se bandearam para o esquerdismo, comando pelo ex-interventor Moreira Lima.

prolongada etc. Do ponto de vista da ação política, de 1932 a 1936, *O Nordeste* transformou sua sede em local de alistamento de votantes e distribuição de cédulas eleitorais, afora a constante publicação, sob as bênçãos de Dom Manual, arcebispo metropolitano, de avisos de reuniões da LEC nos bairros de Fortaleza e no palácio arquiepiscopal. As polêmicas com o PSD, com os jornais *O Povo* e *Unitário*, com Moreira Lima e a valorização do sufrágio feminino foram correntes nas edições d'*O Nordeste*.

O jornal *O Povo*, ao tratar do "conglomerado lecista", tecia apreciações, objetivando mostrar as incoerências do lecismo, que defendia o governo do presidente Getúlio Vargas e a Revolução de 1930, conluiado à oligarquia decaída (partidos Democrata e Conservador). *O Povo* ia da formatação interna da LEC ao papel social do jornal arquidiocesano. O lecismo, de invejável ecletismo, abrigava elementos antirrevolucionários a serviço dos velhos políticos do "regime sem Deus", "vigários-políticos" e pessoas de agir reprovável – ateus, maçons e espíritas.

Nas lides eleitorais, de acordo com a folha pessedista, *O Nordeste*, submetido às ordens do seu editor-chefe, professor da Faculdade de Direito do Ceará e juiz do Tribunal Regional Eleitoral, Andrade Furtado, assumia a condição de "órgão político lecista" e um dos mentores da LEC.[335] *O Povo* e o *Unitário* harmonizavam-se no tocante à composição interna da LEC e na defesa da gestão do interventor coronel Moreira Lima. O *Unitário* referia-se à Liga Eclética, identificando nesta um ardil do "clericalismo-reacionário" a fim de implantar uma ditadura policial no Ceará, proveniente dum "indecoroso concubinato político", formado por católicos de última hora, integralistas e egressos dos partidos Conservador e Democrata, atuantes na Primeira República.[336]

Alheio às discussões no âmbito do Partido Comunista do Brasil (PCB), pois, alguns setores qualificavam o aliado coronel Felipe Moreira Lima de "demagogo", fazendo uso da imprensa partidária, no jornal *A Classe Operária* (VIANNA, 1992, p. 59-135), *O Nordeste* condenava-o por sua dedicação ostensiva à esquerda extremista e grosseira hostilidade à Igreja Católica. Ainda o acusava de querer passar o controle do Estado aos pessedistas, recorrendo às armas, à fraude eleitoral e demitindo funcionários. Ao relacionar-se

---

[335] Falta de escrúpulos – grosseira mentira do jornal "católico". **O Povo**, Fortaleza, 10 nov. 1934. Editorial, p. 1. Comentários do dia. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 20 dez. 1934. Intriga lecista. **O Povo**, Fortaleza, 28 dez. 1934. Editorial, p. 1.

[336] Desvirtuamento de propósitos. **Unitário**, Fortaleza, 8 jun. 1935. Editorial, p. 1. A inquisição Cearense. **Unitário**, Fortaleza, 2 jul. 1935. Editorial, p. 1. A nevrose do medo. **Unitário**, Fortaleza, 4 jul. 1935. Editorial, p. 1. Polícia-Política. **Unitário**, Fortaleza, 1 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ditadura policial. **Unitário**, Fortaleza, 2 ago. 1935. Editorial, p. 1. Vítima de uma conjura de padres. **Unitário**, Fortaleza, 24 ago. 1935. Editorial, p. 1. Ditadura policial e regime de calabouço. **Unitário**, Fortaleza, p. 1, 2 ago. 1935. Nova explicação necessária. **Unitário**, Fortaleza, p. 7, 2 set. 1935.

com organizações proletárias de Fortaleza, chegando a receber, em dezembro de 1934, felicitações da Liga Operária Independente, agrupamento fundado por Abdias de Freitas, Luís Gomes e Moacir Caminha, Moreira Lima desencadeava protestos veementes d'*O Nordeste*.

A atenção do interventor aos comunistas era uma posição estranha num cenário político, no qual a LEC, abrigando integralistas, fascistas e católicos, predominava desde a eleição constituinte de 1933. Na convocatória para a manifestação, Moreira Lima foi identificado como simpático à orientação progressista e libertária e avesso aos "sabujos" da imprensa clerical (MOTA, 2000, p. 137-140). Avaliando este episódio, no Congresso Nacional, os deputados Waldemar Falcão e Luís Sucupira, da LEC/CE, afirmaram, respectivamente, que Moreira Lima estava cercado de comunistas e que envergonhava o Ceará católico. Os parlamentares do PSD/CE, Fernandes Távora e Pontes Vieira, rebateram as falas dos lecistas n'*O Povo* e circunscreveram a ida da massa operária à sede do governo a uma expressão do livre pensamento, sem a menor conotação bolchevista.[337]

Diferentemente do jornal *O Povo*, *O Nordeste*, ao abordar o tema educação, sempre o fez divergindo do governo Moreira Lima. No início da gestão do interventor, começaram os antagonismos. O axioma – a politicagem invadia a Instrução Pública – norteou toda a conduta do jornal confessional. N'*O Nordeste*, as perseguições oficiais (reprimendas, transferências ou demissões) englobavam da honrada professora até os cargos diretivos e as novas admissões pretendiam fortalecer o PSD – tudo no sentido de tolher a vitória lecista. O órgão pessedista qualificava de melindres da LEC as críticas à intervenção oficial no letramento, por afastar das funções educacionais cabos eleitorais exaltados e por frustrar o padre Hélder Câmara, que transformara o professorado primário em arma política. Tratando da escolarização popular, *O Povo* evidenciou, na primeira página, a importância do decreto de criação, em fevereiro de 1935, de vinte escolas proletárias noturnas.

O órgão do pessedismo louvou a medida por facilitar a difusão do ensino nas camadas menos favorecidas de recursos econômicos. No considerando, o interventor Moreira Lima expôs as motivações pelas quais ampliava os horários de aprendizagem: o ensino público, como ideal sociopedagógico, a favor de todas as classes, notadamente as

[337] Os últimos acontecimentos políticos – A insinceridade da palavra oficial. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13set. 1934. As atitudes do interventor Moreira Lima provocam agitações na Câmara. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 set. 1934. Governo e Comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 nov. 1934. O Governo e a concentração comunista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 12 nov. 1934. Governo e Comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 nov. 1934. Formidável mistificação. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jan. 1935. Editorial, p. 1. O caso do Ceará na Câmara – a bancada do PSD repelindo os embustes. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 22 nov. 1934.

populares.[338] *O Nordeste* sequer mencionou a fundação destes estabelecimentos, visto que a incursão "socialista" do Executivo estadual rompia com o monopólio das entidades católicas nesta seara (MOTA, 2000, p. 137). Ou seja, surgia a alternativa oficial aos círculos de operários católicos, uma das entidades ligadas à Arquidiocese de Fortaleza, com maior ênfase na alfabetização de trabalhadores e no treinamento profissional.

Os hábitos políticos do coronel Felipe Moreira Lima divergiam largamente daqueles reservados pelo jornal *O Nordeste* aos administradores públicos, independentemente da esfera de poder a ser ocupada. Imprecisões conceituais à parte (o "socialismo" do interventor), Moreira Lima adotou medidas progressistas nos meses em que chefiou o governo do Ceará, de agosto de 1934 a maio de 1935. Aliás, a aproximação com o movimento operário avesso ao clero, permitindo mobilizações, passeatas e concentrações de trabalhadores, a abertura de escolas noturnas proletárias e a futura participação na Aliança Nacional Libertadora se coadunavam com o perfil exposto por Moésia Rolim n'*O Povo*, em novembro de 1934, ao defender o governante dos ataques da LEC: livre do "esgoto" da imprensa "mercenária", inimigo do Integralismo, opositor da intolerância religiosa, defensor da liberdade de opinião, idealista de 22, 24 e 30 (referindo-se ao tenentismo e à Revolução de 1930).

À vista disso, a eleição indireta ao governo do Estado, via Assembleia Estadual, em maio de 1935, e a escolha do prefeito de Fortaleza, em março de 1936, adquiriram caráter decisivo nas páginas d'*O Nordeste*. Em jogo, a continuidade do projeto lecista *versus* o pessedismo, tolerante ao bolchevismo. Na eleição estadual, saiu-se vitorioso o candidato da LEC – Francisco Menezes Pimentel, ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza, grêmio de curta duração de 1913 a 1920, professor da Faculdade de Direito do Ceará e ex-colaborador do governador Justiniano de Serpa (1920-1923). Para o executivo municipal, saiu-se vitorioso Raimundo de Alencar Araripe, presidente da LEC-CE e ex-presidente da União dos Moços Católicos.

Intercalado às prédicas eleitorais, *O Nordeste* estimulava o combate ao ateísmo e à indisciplina das massas. Na visão do periódico, o Cristianismo, recompensando a submissão dos homens públicos ao credo celestial, propiciava a resolução dos trágicos problemas sociais das pequenas e das grandes nações; todavia, o materialismo tentava implantar

[338] A politicagem invade a Instrução Pública. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 out. 1934. As consequências das refregas. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 fev. 1935. Editorial, p. 1. O PSD reorganiza a instrução. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 fev. 1935. Editorial, p. 1. O culpado. **O Povo**, Fortaleza, 9 fev. 1935. Editorial, p. 1. O diretor reorganiza a Instrução – E a LEC protesta, contrariada. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 26 fev. 1935. O Interventor Moreira Lima criou vinte escolas proletárias, nesta capital. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 28 fev. 1935.

sistematicamente o obscurantismo anticlerical, como na Espanha do período. No Brasil, a juventude e as turbas, as maiores vítimas, estavam fragilizadas perante tal arremetida. Logo, urgia aplicar as lições do papa Leão XIII: os católicos, respeitando a ordem vigente, jamais poderiam ir à luta dispersos. Rejeitando as leis divinas, os fiéis atentariam contra a autoridade, praticando ato inadmissível. Daí os aplausos d'*O Nordeste* à fundação das "Sentinelas da Eucaristia" e da "Concentração Catequista", setor da Ação Católica. As Sentinelas, iniciativa do cura da Catedral Metropolitana de Fortaleza, monsenhor Luis Rocha, visariam a incentivar a adoração perpétua a Nosso Senhor Jesus Cristo Sacramentado.

Seriam formadas diversas companhias de quarenta e oito pessoas. Os devotos, no mínimo, formando duplas, venerariam das 6 às 18 horas, durante 30 minutos, o sacrário, rezando seis Padre-Nossos e seis Ave-Marias. A eles, a título de recompensa, facultar-se-iam cem dias de indulgência. A "Concentração Catequista", tendo na condução o jovem padre Hélder Câmara, seria dividada em três secções (estatística, econômica e de estudos), todas a cargo de professoras de escolas católicas, que formariam quartetos de doutrinadores, compostos meio a meio de pessoas do sexo masculino e feminino. Cada secção viabilizaria o suporte às evangelizações: seleção de catequizadores, biblioteca, despesas de condução, de vestuário etc. As aulas e cerimônias ocorreriam nas igrejas e nas escolas de Fortaleza, posteriormente, nas diversas paroquias do Ceará.[339]

A LEC saíra vitoriosa do pleito de 14 de outubro de 1934 e a eleição suplementar, feita em 30 de dezembro, conservou intacto o número de eleitos. Os partidos Democrata, Republicano Conservador, Agrário e Ação Integralista concorreram às eleições utilizando-se da legenda da LEC. Consoante os dados do Tribunal Regional Eleitoral, divulgados em 6 de dezembro, os lecistas ficaram com sete vagas de deputados federais e o PSD com quatro. Nos estaduais, o lecismo obteve 17 cadeiras e o pessedismo, 13. Dentro da coligação lecista, o Democrata elegeu dois federais (Pedro Firmeza e Figueiredo Rodrigues), o Republicano Conservador (Olavo Oliveira), a Ação Integralista (Jeová Mota), o Agrário (Humberto Andrade) e o grupo católico dois (Waldemar Falcão e Jaime Vasconcelos). Na Assembleia Estadual, o Democrata conquistou quatro vagas (Felismino Neto, Hildeberto Barroso, Dário Correia Lima e Antonio Frutuoso Filho), o Republicano Conservador quatro (Stênio Gomes, Raimundo de Norões Milfont, Joaquim Bastos Gonçalves, George Moreira Pequeno), a Ação

[339] Combate ao ateísmo. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 jan. 1935. Editorial, p. 1. Ação e Oração. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1935. Editorial, p. 1. S. Excia. Revdma. o Sr. Arcebispo Metropolitano aprova e recomenda a instituição das "Sentinelas da Eucaristia". **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 15 jan. 1935. S. Excia. Revdma. o Sr. Arcebispo Metropolitano aprova e recomenda a instituição das "Sentinelas da Eucaristia". **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 jan. 1935. A nova organização do ensino religioso em Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 fev. 1935. Concentração catequista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 fev. 1935.

Integralista duas (Ubirajara Índio do Brasil e Plácido Castelo), o Agrário uma (Domingos Braga Barroso) e o grupo católico seis (Lauro Chaves, César Cals de Oliveira, Perboyre e Silva, Edmundo Monteiro, Edgar Falcão e Elpídio Prata Gomes).

Apurados os votos da eleição suplementar, saíram da bancada estadual lecista: Lauro Chaves, Edmundo Monteiro, Plácido Castelo, Perboyre e Silva, Edgar Falcão e Domingos Braga Barroso. Entraram: Carlos Benevides, Lourival Correia Pinho, João Pontes, Francisco Montes, Rui Monte, Silveira Aguiar. Definidos os assentos da LEC no parlamento local e ante as tratativas visando à eleição indireta ao governo do Ceará, em maio de 1935, via parlamento estadual, deu-se um rearranjo nas facções lecista. Democrata, seis deputados: João Pontes, Hildeberto Barroso, Dário Bizerril Correia Lima, Antonio Frutuoso Filho, Antonio Felismino Neto, Norões Milfont (ex-conservador); Ação Integralista, dois: Ubirajara Índio do Brasil e Carlos Eduardo Benevides; Republicano Conservador: seis, divididos em duas alas: uma sob a orientação do deputado federal Olavo Oliveira (Stênio Gomes, Francisco Monte, Rui Monte, Joaquim Bastos e Silveira Aguiar), outra sob a orientação de José Acioli, herdeiro da oligarquia aciolina, George Moreira Pequeno; grupo católico, três: César Cals de Oliveira, Elpídio Prata Gomes e Lourival Correia Pinho. À margem das especulações, *O Nordeste* se referia à unidade dos lecistas como fato irrefutável e ancorado no Código Eleitoral de 1932.[340]

Atinente à conjuntura política, compreendia *O Nordeste* que Moreira Lima destoava da sensatez do interventor Flores da Cunha. O dirigente gaúcho descartava frontalmente aos arrojos dos falsos revolucionários: os derrotados nas urnas e ciosos por modificar a situação valendo-se dos revólveres. O entendimento do governante do Rio Grande do Sul relativo ao presidente Vargas (merece toda a confiança do povo brasileiro e está prestigiadíssimo pelas forças armadas) ganhou efusivos parabéns do jornal, porque na República Nova o voto adquiria *status* de verdade, destoando do regime anterior no qual simbolizava burla.

Moreira Lima, porém, incentivava a liberdade de pensamento e com isto surgiam vocabulários de baixo calão endereçados aos sacerdotes, maculando-os de perigosos à paz social. Ademais, Moreira Lima baixava o nível da moral pública a degrau invulgar na brava História do Ceará. Nem por isso deixava-se de merecer o justo epíteto Terra da Luz, posto por José do Patrocínio, no instante em que a Província aboliu precocemente a escravatura, em 1884. Conciso, *O Nordeste* arrolou os parceiros de Moreira Lima no vilipêndio ao clero: os

[340] A Força e a Vitória do PSD. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 27 nov. 1934. Resultado geral da apuração das eleições de 14 de outubro no Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 5 dez. 1934. Um canudo... **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 30 mar. 1935.

adeptos da candidatura presidencial de Júlio Prestes, os apoiadores locais da Aliança Liberal e os aproveitadores da República Velha.[341] Restava, contudo, o pior dos algozes da cristandade, o bolchevismo, mas nos crentes perseverava uma resistência firme:

> A barbaria comunista a que aspiram as almas decaídas, não vingará neste solo abençoado, onde vive à sombra da Cruz, um grande povo cristão. [...] O lar-santuário das esposas e das virgens que encarnam a própria dignidade nacional não será nunca envilecido pelo crime dos celerados, que se confessam bandidos nas teses que desenvolvem como propaganda da sua ideologia irracional.[342]

A eleição ao governo do Ceará, em maio de 1935, e a escolha do prefeito de Fortaleza, em março de 1936, ocuparam espaços significativos nas páginas d'*O Nordeste*. As polêmicas envolvendo a LEC e o PSD davam a tônica dos noticiários e dos comentários políticos do jornal. Concomitante às articulações eleitorais, o periódico insistia na imperiosa manutenção da ordem pública. Desta feita, manifestou total apoio às declarações do Ministro da Guerra, Góis Monteiro, à imprensa da Capital federal. De início, o militar destacou a importância do princípio da autoridade em detrimento da ilegalidade e da agitação, ambas a antessala da anarquia. Nisso, louvou a disciplina do Exército por ter conseguido do Brasil e do governo Vargas o justo reconhecimento pelo decisivo empenho à manutenção da paz social. Na leitura d'*O Nordeste*, a fala do general engrandecia uma norma insubstituível: a distinção da liberdade da licenciosidade. Concretizada a última, o Brasil vivenciaria a desmoralização do Estado, o desrespeito à Constituição de 1934 e o tripúdio à vontade soberana do povo, exercida por meio do voto livre. Uma passagem na entrevista do oficial cativou bastante o matutino: a disposição de Getúlio Vargas de lançar mão da prerrogativa constitucional de convocar o Exército, na hipótese de interesses estranhos à fé e à cultura nacional tentarem comandar os destinos da pátria.

Reiteradamente, *O Nordeste* qualificava de artimanha ou de armação as tentativas do PSD de compor com a LEC chapa única (governador e senadores), na eleição de maio de 1935. Por sua vez, no início do processo eleitoral, o jornal *O Povo*, órgão do pessedismo, ignorava as tentativas de pactos ou ajustes secretos com o lecismo. Independentemente disso, o órgão religioso acusava-o de lançar cizânia no campo lecista. Primeiro, concluída a eleição suplementar de dezembro de 1934, *O Povo* questionava as mudanças na bancada da LEC em relação à permanência dos recém-eleitos no lecismo. Depois, fanfarreava a dissolução da Liga, em curto tempo.

---

[341] Últimas veleidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 jan. 1935. Editorial, p. 1. Desmoralização evidente. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 jan. 1935. Editorial, p. 1. Quais são eles? **O Nordeste**, Fortaleza, 5 jan. 1935. Editorial, p. 1.

[342] Miopia mental... **O Nordeste**, Fortaleza, 7 jan. 1935. Editorial, p. 1.

Ao cabo, especulava sobre a adesão de parlamentares da LEC às candidaturas do PSD, tornando-as imbatíveis. *O Nordeste* repelia os ataques d'*O Povo*, vinculando-os à herança maldita da Pátria Velha. Lá, predominaram a instabilidade das instituições, o "quem venceu perdeu", as constantes viradas de mesa e as afrontas à civilização cristã. A Revolução de 1930 vinha mudando o quadro. As agitações extremistas definhavam e Getúlio Vargas guiava uma cruzada patriótica de regeneração dos costumes políticos. No Ceará, as urnas expressaram os sentimentos das famílias cristãs. Por breve temporada, o Estado presenciara a equidistância partidária na gestão de Carneiro de Mendonça e, desgraçadamente, o invertido ocorria com Moreira Lima.[343]

O Povo fazia oposição à LEC, enfatizando vários aspectos, e, no decorrer do mês de fevereiro de 1935, quase que diariamente, e na maioria das vezes na primeira página, publicou severas críticas ao jornal *O Nordeste*. Conceituava o jornalismo do vespertino católico com base em duas faces: uma, "perversa e mentirosa"; outra, "ingênua e quase imbecil". Enquanto apontava no lecismo, submetido à ala moça, formada por José Martins Rodrigues, Olavo Oliveira e Edgar Arruda, cisões profundas, exemplo de ajuntamento de ocasião, em razão das escaramuças históricas envolvendo democratas e conservadores, elevava o PSD, de Fernandes Távora, à condição de uma força homogênea e triunfante na votação de maio de 1935.

Concernente à lealdade à Revolução de 1930, *O Povo* identificava na folha arquidiocesana marcas de oportunismo político: no Ceará, renegava Felipe Moreira Lima, revolucionário de estirpe, e compunha-se com os partidos decaídos (Conservador e Democrata), tornando-se automaticamente antirrevolucionária convicta. No Congresso Nacional, a LEC-CE dizia-se governista, bajulava Vargas e os ministros de Estado, à procura de favores. A gazeta católica, a propósito, confundia os leitores, noticiando a desistência do candidato oficial do PSD ao governo cearense, o major Juarez Távora, em favor de Moreira Lima. E o cômico: temendo sequestros, o estado-maior lecista solicitava aos deputados da agremiação que evitassem, sem exceções, diálogos em automóveis! Ou seria retaliação aos choferes em virtude da solidariedade imputada ao interventor?

Numa série de doze editoriais, dos dias 21 de janeiro a 2 de fevereiro de 1935, *O Nordeste* analisou uma entrevista de Moreira Lima à *Folha do Norte*, de Belém/PA. As

[343] Artimanhas pessedistas do órgão do PSD. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 8 jan. 1935. Prefiram a derrota. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 jan. 1935. Editorial, p. 1. Teríamos a anarquia. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 jan. 1935. Editorial, p. 1. Em maus lençóis. **O Nordeste**, Fortaleza, 10 jan. 1935. Editorial, p. 1. Não havia necessidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jan. 1935. Editorial, p. 1. Até quando? **O Nordeste**, Fortaleza, 15 jan. 1935. Editorial, p. 1. Intrigas de campanário. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 jan. 1935. Editorial, p. 1. Entrevista infeliz. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 jan. 1935. 2º editorial, p. 1.

argumentações do interventor foram reproduzidas integralmente pelo jornal fortalezense. Antes de iniciar tal sequência, *O Nordeste* estampou: A mentalidade estranha de um governante descrita por ele mesmo... Abaixo desta manchete, as chamadas: Como o coronel Moreira Lima julga o Ceará e explica a falta de cumprimento do seu programa de governo; Alusões deprimentes aos elementos da Ação Católica em nosso Estado; Uma coisa que não se sabia: o governo Carneiro de Mendonça apoiou a organização de uma "*societas sceleris*"; S. Ex.ª profliga a intervenção indébita de oficiais do Exército na administração cearense e a inacreditável frouxidão dos revolucionários. Apresentando os motivos de republicar o material do periódico nortista, *O Nordeste* explicou que era indispensável à população ter noção das hostilidades de Moreira Lima aos sentimentos do povo. A população precisava saber dos gastos do chefe do Executivo do Ceará com a propaganda fora do território. A difusão do pensamento do interventor no Pará custara 3.000 réis ao erário, valor barato na matemática financeira d'*O Nordeste*.[344]

Na *Folha do Norte*, Moreira Lima censurou o perfil da LEC/CE: clerical inflexível e reacionário. Orgulhosos, seus componentes se denominavam de pátrias-velhas, alardeando a inexistência de revolucionários no Ceará. O conglomerado heterogêneo abrangia três facções: a dos "padres" à mercê da Arquidiocese de Fortaleza, acolhendo beatas e papa-hóstias, a do antigo Partido Conservador e a do Partido Democrata. Na eleição de 14 de outubro de 1934, os sacerdotes ameaçaram, numa atitude indecente, os "matutos" hostis aos lecistas com a cólera de Deus e as penas do inferno. E surtiu efeito, dada a imensa religiosidade do povo, natural em pessoas sujeitas aos flagelos das secas.

O forte da votação do lecismo adveio do contingente feminino. Votar, alegava o entrevistado, poderia ter contribuído para a emancipação integral da mulher e não para domesticá-la, por isso o acesso às urnas deveria ser alvo de restrição até as votantes, especialmente as de classes baixas, libertarem-se das superstições religiosas. Entrementes, o cenário se apresentava difícil: a covardia dos velhos partidos aprovara na Constituição de 1934 o ensino religioso facultativo nas escolas e a assistência confessional nos quartéis. A LEC-CE originara-se para bancar a intervenção dos clérigos na política. A partir disso, aglutinava oligarcas decaídos, carolas, associações religiosas e a milícia católica, que fez da legião integralista, "tropa de choque" e da construção do tenebroso Estado totalitário, fim único.

Consumada a posse no cargo de interventor, feitas as corriqueiras exonerações e as nomeações às funções de confiança, sucederam-se as hostilidades. O lecismo sentia-se

[344] A mentalidade estranha de um governante descrita por ele mesmo... **O Nordeste**, Fortaleza, 17 jan. 1935.

prejudicado e assumia postura oposicionista intransigente. Do sexto dia em diante, veio à tona a ofensiva enérgica dos lecistas. *O Nordeste*, narrava o coronel Felipe Moreira Lima, passou-lhe a chamar de comunista, filiando-o ao liberalismo criminoso e conclamando os misseiros a levantarem-se contra o herege. As ofensas assemelhavam-se àquelas típicas do começo do século XIX. Os espíritos esclarecidos do momento eram pichados de pedreiros-livres, maçons e jacobinos. Redivivos e despertando pena, os reacionários acabavam derrotados, inapelavelmente.

A cada manifestação de trabalhadores ou a cada liberdade de reunião, a intolerância religiosa ampliava-se. Nisso, a reciprocidade (padres-políticos) crescia e buscava reaver posições de mando. No governo anterior, o de Carneiro de Mendonça, a "mão negra clerical" distribuíra quase todos os cargos aos apaniguados da padralhada. Mendonça sucedera Fernandes Távora, cuja demissão ocorrera em razão das artimanhas de civis e de militares junto a Vargas, em 1931. De fato, a deposição de Távora consumara-se porque este anulara o contrato do Matadouro Modelo de Fortaleza e, consequentemente, as sinecuras que seriam abocanhadas pelos atuais próceres lecistas, denunciava Moreira Lima.

O Nordeste começou refutando Felipe Moreira Lima, não só apontando a incompatibilidade do interventor com as convicções religiosas do povo cearense, registre-se, argumento recorrente no decorrer da polêmica, como defendendo Carneiro de Mendonça e reportando-se às origens do PSD/CE, agremiação preferida do governante, em declaração à *Folha do Norte*. Fora o próprio major Juarez Távora, um dos fundadores do pessedismo, a admitir, no desenrolar da Revolução de 1930, a necessidade de eliminar-se o Estado ateu, derivado da Constituição de 1891, e instituir o Estado neutro, em deferência à maioria católica. A defesa da gestão de Carneiro de Mendonça fixou-se na dualidade: a imparcialidade de Mendonça *versus* o facciosismo de Lima.

A equidistância possibilitava ao ocupante do poder abdicar das exonerações massivas, de perseguir adversários e de adequar à legalidade o emprego da força policial. Na contramão disso, a agressividade antirreligosa propiciava desenvoltura às minorias insubmissas, ao gosto do liberalismo ridículo. Falar de tolerância, ponderava *O Nordeste*, condenando o dispositivo constitucional de facultar a adoção do ensino religioso nas escolas, isto sim era ser ardoroso patriavelhista. Bradar tolerância e desqualificar a LEC, expoente da liberdade de crença e da tradição católica dos brasileiros, denotava romper os princípios da democracia.

A proposta de suspensão do direito de voto às mulheres acirrou as reprimendas d'*O Nordeste* a Moreira Lima. Intolerância revoltante! Adjetivava o periódico. A ojeriza do

chefe do Executivo cearense baseava-se em preceito vil: prolongar a garantia, condicionando-a à eliminação das superstições religiosas do universo feminino. Retirar o sufrágio das mães, filhas, esposas ou noivas traria expressiva fragilização da LEC, raciocinava o "mordaz" governante. Triste engano! Na verdade, o lecismo configurava-se num aglomerado insubstituível, movimento de caráter nacional para a defesa das reivindicações religiosas do povo. A LEC representava o aspecto político da Ação Católica. Refém da cegueira reacionária, Moreira Lima desejava exaurir o lecismo, na proporção que incentivava a plena liberdade de reunião e manifestação de pensamento.

Ou melhor, a clerofobia do interventor subsidiava o perigo comunista, enfraquecia o princípio da autoridade e dava alento ao liberalismo. Ardiloso, Moreira Lima creditava à rescisão do contrato do Matadouro Modelo de Fortaleza o nascimento da LEC. De novo caía em fragoroso erro: confundir os interesses da Igreja com os proveitos do Estado e de particulares. Em conclusão, competia aos lecistas resguardar o patrimônio público e ajudar a edificar um Estado obediente às leis divinas.

Estendendo-se acerca da anulação do contrato do Matadouro Modelo de Fortaleza, tratando a nulificação de forma genérica, privando-se de citar nomes e bem cauteloso, *O Nordeste* qualificou as afirmações de Moreira Lima de "trama diabólica". Caracterizou contrato do Matadouro de negócio de vulto e definiu-o: concessão pública, ato usual na administração estatal e que contemplara algumas pessoas filiadas à corrente vitoriosa em outubro de 1930, desprezando cores partidárias. Dando por encerrado o imbróglio e as repercussões do acontecido, apesar de que fora opositor do distrato no instante da consumação, *O Nordeste* desmentia as conexões feitas por Moreira Lima: a revogação contratual do Matadouro Modelo nem desencadeara o processo de destituição do interventor Fernandes Távora, em 1931; tampouco envolvera oficiais do Exército, sediados em Fortaleza, em maquinações.

A demissão de Fernandes Távora completara-se em decorrência das pressões legítimas vindas da caserna, pois o governante renegava a Revolução de 1930. Quanto à LEC, a agremiação se desenvolvia colada a uma demanda nacional: organizar politicamente os católicos e as sucessivas vantagens do lecismo cearense resultaram da vontade livre do povo. No Ceará, Carneiro de Mendonça impedira a fragorosa derrota da Revolução de 1930. O resto, "mão negra clerical", os lecistas, assenhoreando-se da gestão Carneiro de Mendonça e a

truculência das "baratas de igreja", convergiam tão somente para um locus deveras conhecido: os mexericos de corrilho.[345]

A conivência de Moreira Lima como os movimentos sociais de cunho extremista alimentava a luta de classes, diagnosticava *O Nordeste*; entretanto, em curto tempo, havia a possibilidade de se barrar a anarquia com a aprovação da Lei de Segurança Nacional, em tramitação no Congresso Nacional e com a derrota eleitoral do PSD, na eleição para o governo do Estado. Moreira Lima, fazendo vista grossa à fixação de boletins comunistas e de pasquins de insultos ao clero, na praça do Ferreira, centro de Fortaleza, enfraquecia a resistência nacionalista aos "tentáculos" do imperialismo comunista.

Para o jornal, tais publicações e seus autores (a gentalha, a escória, os malandros de rua, os exploradores da ingenuidade alheia, os agitadores da turba) só tinham vida mansa graças ao liberalismo, que retirava do Estado o dever de punir a falsa liberdade de expressão. Adepto da ética jurídica moscovita, o interventor, ao optar pela tolerância de pensamento, desfigurava a campanha de regeneração pátria liderada por Vargas. Retirava do povo a crença depositada na gestão Carneiro de Mendonça, cujo desenvolvimento fora pautado na obediência indelével ao Código Eleitoral de 1932. A legislação eleitoral varguista fortalecia o regime democrático, afastando o País de vez da herança nefasta da Primeira República, em que predominavam as futricas partidárias.

O fundamental era assegurar bom resultado à LEC na eleição estadual, visto ser a força vencedora, aquela agregadora da maioria dos deputados, superando o PSD. Oposto da Primeira República, a Presidência de Getúlio Vargas assegurava o sucesso das forças majoritárias, pouco importando o grau de adesão à Revolução de 1930. O lecismo submetera-se às disputas partidárias, saíra exitoso e obteria o direito de comandar o Poder Executivo do Estado do Ceará, eram as regras da democracia vigente e ponto final. Do contrário, a democracia fragmentar-se-ia. Bastava de impunidade à "demagogia vermelha".

Com isso, as massas ficariam à deriva, alvo de idiossincrasias exóticas, argumentava *O Nordeste.* De muito, a democracia liberal falhava na repressão à "arvore negra do mal". As anomalias proliferavam em múltiplos espaços e detê-la, em nome da segurança

[345] Palavra empenhada. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 jan. 1935. Editorial, p. 1. As hostilidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 jan. 1935. Editorial, p. 1. Plena liberdade! **O Nordeste**, Fortaleza, 23 jan. 1935. Editorial, p. 1. Situação deplorável. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 jan. 1935. Editorial, p. 1. Um parêntese. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 jan. 1935. Editorial, p. 1. Formidável mistificação. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 jan. 1935. Editorial, p. 1. História mal contada. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 jan. 1935. Editorial, p. 1. Trama diabólica. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 jan. 1935. Editorial, p. 1. Finalidade alcançada. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 jan. 1935. Editorial, p. 1. Governo apolítico. **O Nordeste**, Fortaleza, 31 jan. 1935. Editorial, p. 1. Enterrada viva. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 fev. 1935. Editorial, p. 1. O transtorno do governo. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 fev. 1935. Editorial, p. 1.

nacional, cabia unicamente à fibra moral dos governantes, traço inexistente em Moreira Lima. A repressão, pura e simples, falharia se desmembrada do processo de recristianização do País. Exceto o Cristianismo, nada destruiria a raiz da enfermidade. Nada deteria a onda de perversidade dos ataques soviéticos. Nada subverteria a tradição sacra do povo brasileiro e católico nenhum cairia nos manejos extremistas, pois

> O credo de Moscou é a inversão da fórmula católica. O indivíduo põe o seu Criador à margem, esquece todos os deveres para com ele, subordina os seus atos aos seus interesses imediatos. Essa posição de revolta para com a lei divina atira o pobre ser racional numa esfera de desordem, de anarquia, de desespero. Julgando encontrar nos bens efêmeros da vida a sua felicidade, precipita-se no caos da Babel mais tremenda que a história consigna – o báratro comunista.[346]

O Nordeste, esquivando-se de citar os autores ou supostos responsáveis, analisou a colagem de grandes cartazes que adiantavam o êxito do PSD, na eleição estadual de maio de 1935. Nos anúncios, espalhados aos montes, uma notificação à cidade: o coronel Felipe Moreira Lima será o futuro governador, custe o que custar. De outrora adversário da constitucionalidade no imediato pós-1930, já que a ditadura de Vargas levaria o Brasil a trilhar o rumo certo, o jornal passava a qualificar de afronta à Constituição de 1934 a antecipação de comportamentos eleitorais. O fracasso da LEC exposto em ambiente inadequado, nos muros, redundava num achincalhe à verdade do voto. A agressão extrapolava as rixas com o lecismo e desmoralizava o major Juarez Távora, o candidato oficial do pessedismo. Os delinquentes ludibriavam a boa-fé de Moreira Lima, dando-lhe a certeza de glória no Ceará. A violência à democracia equiparava-se à "barbaria comunista" e fracassaria pelo fato de predominar na Terra da Luz uma "cultura cívica" inversa à sabotagem.[347]

A defesa da mulher-eleitora tornou-se comum nas edições d'*O Nordeste*. Em contrapartida, na óptica de Moreira Lima, como visto, a subserviência aos chefes das famílias e à Igreja determinaram as opções das votantes. *O Povo*, associando-se ao interventor, opinava: o eleitorado feminino do Ceará era composto de fanáticas inconscientes governadas pelos padres políticos em detrimento de maridos, pais, irmãos ou demais parentes. Tais raciocínios instigavam protestos veementes no jornal lecista. Na folha católica, o interventor Moreira Lima e o órgão pessedista maculavam a pureza de civismo da mulher cearense;

---

[346] Empirismo legislativo. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 fev. 1935. Editorial, p. 1.

[347] Defesa da nacionalidade. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 fev. 1935. Editorial, p. 1. Em torno dos cartazes. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 fev. 1935. Editorial, p. 1. Reformas indébitas. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 fev. 1935. Editorial, p. 1. As consequências das refregas. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 fev. 1935. Editorial, p. 1. Lei de Segurança Nacional. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 fev. 1935. Editorial, p. 1. Pura fantasia! Custe o que custar. **O Nordeste**, Fortaleza, 1, 19 fev. 1935. 2º editorial, p. 1.

desferiam rudes injúrias às senhoras e senhoritas; praticavam anticlericalismo barato; depreciavam o cavalheirismo e o sentimento de cortesia às seguidoras de Maria.[348]

O cerco a Moreira Lima superava as disputas eleitorais e *O Nordeste* o atacava assentado no triângulo: carnaval-política-comunismo. A festa popular, de antigo divertimento, constituía-se em afronta à sociedade. Distanciava-se do espírito civilizatório e transformava-se, nestes tempos de "anarquia cortante", em perigo para a ordem pública. Com máscara e fantasias, libertinos, gozadores, celerados e inimigos do bem comum esbaldavam-se numa alegria recheada de erupções de "lama e sangue" a favor do delírio dos sentidos. No entanto, paralelamente a livre expressão dos malfeitores, a Casa dos Retiros, em Fortaleza, dava um exemplo de fé: uma turma de mentes sãs dedicava-se às orações. Em sentido inverso, Moreira Lima aderia ao "Regime da Fuzarca!"

Dava vivas ao "Frevo das Marietas!" Recepcionava no Palácio da Luz, sede do governo, Ponce de Leão, Rei do Carnaval. Combinado com o prefeito da Capital, Gentil Barreira, ordenou enfeitar nos padrões da orgia momesca a praça do Ferreira. Rejeitando a gastança carnavalesca, *O Nordeste* questionava a disponibilidade financeira do erário municipal: inexistiam cifras para saldar compromissos inadiáveis e continuar as obras de pavimentação por causa do aumento espantoso e injustificado aos funcionários, como iria subsidiar a farra de Momo? A título de economia, o periódico sugeriu reaproveitar uma faixa rubro-negra, anteriormente fixada no logradouro, transformado em palco da festança, e que dizia: o cel. Felipe Moreira Lima, revolucionário autêntico, será o governador constitucional do Ceará, porque O POVO quer.

As restrições ao Carnaval chegaram ao "Bloco da Galinha Verde". *O Nordeste* qualificava os foliões de extremistas, agitadores e anarquistas confessos. Eles tinham a evidente intenção de insultar o Integralismo e os membros do clero: o arcebispo metropolitano, Dom Manuel, e o padre Hélder Câmara. Os brincantes, usufruindo de guarida policial, fizeram todo o tipo de estripulia, inclusive, entoaram uma chula em que deturpavam o bendito "Com minha Mãe estarei", cantado para louvar Nossa Senhora. Da mesma forma, postaram-se defronte à residência do capitão João Barbosa Carvalhedo, líder integralista e chefe da Legião Cearense do Trabalho. O órgão caracterizou os farristas como notórios adeptos da candidatura de Moreira Lima ao governo do Estado. A Ação Integralista solicitara ao Chefe de Polícia do Ceará, dr. Francisco Sabóia, que proibisse a circulação do bloco, mas a autoridade desdenhava da solicitação dos partidários do sigma. Decorrido um conjunto de

[348] Magnífico documento. **O Povo**, Fortaleza, 27 fev. 1935. Editorial, p. 1. Perde ganha. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 fev. 1935. Editorial, p. 1. Máscaras caídas. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 fev. 1935. Editorial, p. 1.

transgressões, veio a extemporânea cassação. Examinando a audácia dos infratores, *O Nordeste* protestou: o Governo Federal propugnava, no Rio, a favor da votação de uma Lei de Segurança Nacional para combater o comunismo; no Ceará, porém, os chefes comunistas mereciam apoio irrestrito da própria polícia![349]

O Nordeste e *O Povo* trocavam acusações ininterruptas, focalizando a situação política do Ceará. Para o primeiro, imperava uma alarmante insegurança; para o segundo, a perfeita legalidade, embora solapada por boatos infames. Os periódicos incompatibilizaram-se em vários assuntos: interdição dos órgãos de oposição *Gazeta de Notícias, O Nordeste, A Rua* e *Correio do Ceará* a mando de Moreira Lima; coação aos deputados lecistas; presidência do Tribunal Regional Eleitoral; conflito entre soldados do 23º Batalhão de Caçadores e da Polícia Estadual. Os episódios ora relatados evidenciavam as opções do PSD e da LEC na conjuntura eleitoral em apreço: negligenciar o debate programático identificado com as questões de Estado. Conforme *O Nordeste*, a intimidação aos deputados lecistas Carlos Eduardo Benevides e Lourival Correia Pinho e aos jornais *Gazeta de Notícia* e *A Rua* fora comandada pelos senhores Japi Magalhães; Demócrito Rocha, deputado federal (PSD) e diretor d'*O Povo*; Jáder de Carvalho, jornalista d'*O Combate*; João Campos, delegado de polícia da capital e cunhado de Carvalho. O grupo, na noite do dia 15 de março, após invadir honrados lares portando revólveres, bater em donzelas inermes e ameaçar de morte Benevides e Pinho, estabeleceu tiroteios defronte às redações da *Gazeta de Notícia* e de *A Rua*.

Na *Gazeta*, o chefe da Polícia Estadual, dr. Francisco Sabóia, prendeu jornalistas e proibiu a circulação do jornal, alegando cumprir determinação de Moreira Lima. O "vandalismo" do pessedismo atingiu o auge, levando à prisão o presidente da Associação Cearense de Imprensa, Perboyre e Silva. Fechando estes relatos, *O Nordeste* reportou-se à desastrada solicitação que o delegado João Campos fizera a Andrade Furtado, editor-chefe do jornal, no sentido de pedir-lhe isenção na cobertura dos fatos aludidos. Na contestação ao suposto terrorismo contra Benevides e Pinho, este vice-presidente do Centro Estudantal Cearense, e as redações de oposição, o jornal *O Povo* negou peremptoriamente o envolvimento de Demócrito Rocha nos episódios ora relatados. Então, zombou da versão publicada n'*O Nordeste*: os diretores e redatores dos jornais considerados interditados foram encontrados na cidade, passeando livres, leves e soltos e isentos de qualquer espécie de coação. Aos protestos contra Benevides e a Pinho, alegava *O Povo* que se deviam ao fato de

[349] No Ceará, há isto!... **O Nordeste**, Fortaleza, 2 mar. 1935. Editorial, p. 1. Regime da Fuzarca! **O Nordeste**, Fortaleza, 2 mar. 1935. 2º editorial, p. 1. Carnaval e Política. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 mar. 1935. 2º editorial, p. 1. O destaque (o povo) referia-se ao jornal **O Povo**, ardoroso defensor do interventor Moreira Lima.

ambos terem assinado juntamente com a bancada lecista, na Assembleia Estadual, documento de repúdio à intervenção de Moreira Lima no Tribunal Regional Eleitoral e por declararem-se a favor do candidato da LEC ao governo do Estado. Sem amendrotá-los, o PSD cobrava-lhes somente fidelidade pelo fato de terem sido eleitos, sendo filiados à LEC, com o apoio dos pedessistas na votação suplementar de dezembro de 1934.

Ao modificar os critérios de preenchimento da Presidência e da Vice-Presidência do Tribunal Regional Eleitoral, retirando dos desembargadores veteranos a exclusividade de exercer estes cargos, passando a vigorar a norma de reservar ao mais velho a Presidência e ao mais novo a Vice, Moreira Lima quebrava, nas palavras do deputado federal Fernandes Távora (PSD), o monopólio do desembargador Olívio Câmara, ex-secretário do interventor pró-LEC Carneiro de Mendonça. No entendimento do deputado estadual lecista, Dário Correia Lima, o interventor cometera uma porção de ilegalidades: esvaziou o Conselho Consultivo do Tribunal, baniu o aval do presidente Vargas e atropelou a Constituição Federal, que conferia autonomia ao Poder Judiciário Estadual. Para o líder da bancada lecista na Câmara Federal, deputado Waldemar Falcão (LEC-CE), a mudança no Tribunal Regional Eleitoral destruiu praxe de 40 anos e configurou-se em pura manobra política, fruto do desespero de Moreira Lima em querer se tornar governador, sepultando as tradições do Ceará. O interventor perdera a compostura, dando vazão a caprichos, lançando mão de expedientes absurdos e desvirtuando princípios democráticos: liberdade de voto e respeito à vontade da maioria.

O motivo do conflito, na terça-feira de carnaval, 8 de março de 1935, na praça do Ferreira, com mortos e feridos, entre praças do 23º Batalhão de Caçadores, do Exército Nacional, sediado em Fortaleza e os soldados da Polícia Estadual, recebeu duas versões. *O Povo* culpava a intriga lecista pelo ocorrido; *O Nordeste*, ao defender-se, acusava: insinuação miserável a fim de possibilitar a execução de um plano de violência contra Menezes Pimentel, candidato da LEC ao governo do Ceara; Edgar Cavalcanti Arruda, presidente da LEC-CE; Olavo Oliveira, deputado federal (LEC-CE); José Martins Rodrigues, advogado lecista, e padre Hélder Câmara.

Os jornais rivais convergiam em algo: a notícia da possível saída do batalhão do Ceará desencadeara o atrito. *O Povo* debitava na conta da LEC o envio ao *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, dum falso telegrama em que o interventor Moreira Lima pedira a transferência da guarnição ao Executivo federal. Por sua vez, *O Nordeste* recusava a autoria deste feito e insistia na perpetração de ardil contra os dirigentes lecistas. Encerrando as rixas, o jornal confessional advertiu: muito ao contrário do que afirmava aquele órgão suspeitíssimo

(*O Povo*), os dirigentes da Liga, bem como os membros do clero, não disputaram a mínima parcela das cobiçadas posições políticas, nem se serviram dos votos, como instrumento da ambição e da vaidade humana.[350]

O desempenho eleitoral obtido pela LEC se dera em função das normas instituídas pelo Código Eleitoral de 1932 (criação da Justiça Eleitoral, alistamento de votantes, aperfeiçoamento do sigilo do voto e direito de sufrágio às mulheres). Nas urnas, a vontade livre do povo enterrava a Pátria Velha e sedimentava a Pátria Nova, alardeava *O Nordeste*. Antes do prélio cívico de outubro de 1934, a LEC tentara uma composição envolvendo as correntes políticas ordeiras; o PSD frustrara a perspectiva de unidade. Vencedora, a Liga passou a adotar o lema formulado por Carneiro de Mendonça, antecessor de Moreira Lima: onde existia maioria, não haveria conchavo. À possibilidade de levante armado, em se configurando a derrota do pessedismo, *O Nordeste* interpunha a dignidade do governo central, a garantia dos direitos políticos, a honra das instituições, a salubridade democrática e a verdade do voto. Assim procedendo, o jornal valorizava as mudanças do aparelho partidário-administrativo executadas na presidência de Vargas. Advertia, contudo, sobre as falhas congênitas do republicanismo: a reforma do aparelho eleitoral, entregue à responsabilidade da magistratura, trouxe, como era natural, um grande alento aos que continuavam acreditando na possibilidade de uma república isenta dos vícios inerentes à essência do sistema.

À medida que defendia o Código Eleitoral de 1932, *O Nordeste* rechaçava qualquer tentativa de sublevação da ordem, haja vista recear a movimentação "perigosa" das turbas. Por outro lado, posicionava-se contra as várias tentativas de aliança PSD-LEC, dentre elas, aquela a cargo do chefe de polícia do Estado, Francisco Sabóia, articulada na Capital federal. As ambições partidárias geravam nas instituições volubilidade, estimulavam nas massas o ludibrio da Constituição Federal e abriam espaço aos maléficos profissionais da

[350] Sobre o caso do deputado Carlos Benevides. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 2 mar. 1935. Um documento insofismável: coragem de trair a verdade. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 11 mar. 1935. Jornais que não circulam. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 18 mar. 1935. Ao público. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 21 mar. 1935. Restabelecendo a verdade. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 21 mar. 1935. Otaviano Benevides responde a Carlos. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 23 mar. 1935. Carta de Paulo Benevides. **O Povo**, Fortaleza, 28 mar. 1935. A verdadeira situação política do Ceará. **O Povo**, Fortaleza, 8 mar. 1935. Editorial, p. 1. Força política organizada. **O Povo**, Fortaleza, 16 mar. 1935. Editorial, p. 1. Protestando. **O Povo**, Fortaleza, 18 mar. 1935. Editorial, p. 1. A verdade. **O Povo**, Fortaleza, 20 mar. 1935. Editorial, p. 1. A propósito dos fatos de terça-feira de carnaval: telegrama dos elementos lecistas ao presidente da República, oportunos e vibrantes comentários do "Correio da Manhã". **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 9 mar. 1935. O deputado Dário Correia Lima, em carta ao jornalista Costa Rego, contesta declarações do Sr. Fernandes Távora. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 mar. 1935. É de angústia e insegurança a situação do Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 16 mar. 1935. Repercutem, profundamente, no Rio os atentados do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 18 mar. 1935. Fortaleza continua num ambiente de desgarantia e apreensões. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 20 mar. 1935. Conflitos e tiroteios na capital cearense: como o deputado Waldemar Falcão relata, para o "Diário da Noite" os últimos acontecimentos de Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 21 mar. 1935. Justiça idônea. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 mar. 1935. Editorial, p. 1. Um canudo. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 mar. 1935. Editorial, p. 1.

politicagem. Quer na Capital, quer no restante do Ceará, poderia haver estímulos a sustar a vontade livre do povo, manifestada nas urnas. Portanto, caberia aos vigários acalmar os litigantes. Voltando as costas à Divindade, os governos e as multidões sofreriam: a Providência fecha os olhos aos descalabros, às discórdias, às lutas e às ansiedades martirizantes da comunidade social. Conjecturando, *O Nordeste* evidenciava os desacertos do moreirismo, consubstanciado em bravatas: negar-se a entregar o governo do Ceará aos "canalhas" da oposição; prestar solidariedade a um programa libertário que desconsiderava a Constituição, pelo fato de renegar a composição da Assembleia Nacional Constituinte e que pregava, brandindo armas, a continuidade de Moreira Lima no Executivo estadual.[351]

O dia da eleição estadual se aproximava e *O Nordeste*, em nome da democracia, repelia burlas, conchavos ou intrigas partidárias. Havia a premência de salvar a Pátria da anarquia, ainda que decretando medidas compulsórias admitidas pela legalidade. O essencial do pleito residia na aplicação da Constituição de 1934 e do Código Eleitoral de 1932, bastiões da cidadania e obras magnânimas do presidente Vargas. Para o jornal, a campanha lecista adotava pressupostos díspares do corolário liberal: renegava a opressão, o suborno e a futilidade governamentais. Igualmente, enfrentava o conhecido reacionarismo anticristão e o sectarismo ateu do coronel Moreira Lima. O interventor perseguia servidores públicos, usava tropas nos municípios do sertão e violara urnas dentro do recinto do Tribunal Eleitoral, nas eleições de 1934. Caso desprezasse o livre veredito popular, a maioria do lecismo ante o pessedismo, a Revolução de 1930 anularia o jogo democrático. Por outro lado, o PSD desprezava a crescente regeneração política do Brasil chefiado por Vargas. Acreditava viver sob a égide da fraudulenta Primeira República, a Pátria Velha. Relativamente à disputa ao governo do Ceará: chamou-a de decisiva encruzilhada. Para a direita ou para a esquerda: comunismo ateu ou nacionalismo cristão!

Em breve pausa das controvérsias eleitorais, *O Nordeste* enfocou o quadragésimo quarto aniversário da *Rerum Novarum*. A enorme validade da encíclica de Leão XIII devia-se, entre outros pontos, ao momento de seu lançamento. Veio a lume refutando o liberalismo e o comunismo. A um só tempo, descartou a ditadura capitalista e o socialismo anticristão. Nem

[351] Advertência oportuna. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 abr. 1935. Editorial, p. 1. Horizontes claros. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 abr. 1935. Editorial, p. 1. As vozes do sertão. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 abr. 1935. Editorial, p. 1. A Paixão de Jesus. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 abr. 1935. Editorial, p. 1. Para que acordo? **O Nordeste**, Fortaleza, 23 abr. 1935. Editorial, p. 1. A paz do Estado. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 abr. 1935. Editorial, p. 1. Tudo esclarecido. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 abr. 1935. Editorial, p. 1. Paz de Varsóvia. **O Nordeste**, Fortaleza, 30 abr. 1935. Editorial, p. 1. O comício de ontem: gravíssimas declarações do Sr. interventor. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 8 abr. 1935. No editorial, *Paz de Varsóvia*, de 30 de abril de 1935, **O Nordeste** referiu-se a um telegrama, que Moreira Lima enviara aos Diários Associados desmentido a conflagração, caso ocorresse a derrota eleitoral do PSD/CE.

as extorsões burguesas, nem a aniquilação dos valores morais afeita ao marxismo. A limitação da jornada de trabalho, o domingo consagrado ao Senhor e a harmonia patrões-operários, preconizados no documento papal, apontaram uma saída longeva aos impasses daquela hora: superar os perigos da rebeldia social à luz da Fé e da Moral. A violação destes marcos prolongaria a existência do Mal e atrairia os castigos do Céu, advertia o periódico. As ameaças à cristandade (cobiça e usura) tanto em 1891, como 1935, assemelhavam-se e permaneciam a impulsionar a crise atormentadora do mundo industrializado. Sabiamente, Leão XIII concedera ensinamentos capazes de derrotar o perigo iminente de uma trágica revolução política. À vista disso, o jornal parabenizou os diretores do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos São José e de outras associações cristãs pelo fato de realizarem uma sessão comemorativa festejando a "Carta Magna dos Homens do Trabalho".

Finalmente, o momento de decisão: LEC ou PSD? Da véspera da instalação da Assembleia Constituinte Estadual, 23 de maio, até o desfecho do trâmite eleitoral, 25 de maio, os deputados lecistas e o candidato ao governo permaneceram alojados no Quartel do 32º Batalhão de Caçadores, sediado em Fortaleza e vinculado ao Exército Nacional. A LEC indicou Francisco Menezes Pimentel e o PSD, José Acioli, filho do oligarca Nogueira Acioli, que governara o Ceará de 1896 a 1912, líder do Partido Conservador e aliado dos lecistas no pleito de outubro de 1934. Pimentel obteve 16 votos e Acioli, 14. O deputado George Moreira Pequeno, alegando fidelidade a Acioli, desligou-se do lecismo e sufragou o pessedista. Para a disputa ao senado, a LEC elegeu Waldemar Falcão, mandato de oito anos e Edgar Arruda, mandato de quatro anos, contra Felipe Moreira Lima e o major João da Silva Leal. Empossado em 26 de maio, Menezes Pimentel nomeou o secretariado. No rol dos auxiliares, José Martins Rodrigues, secretário dos Negócios do Interior e Justiça, ex-líder do governador deposto em 1930, Matos Peixoto, e Álvaro Wayne, prefeito de Fortaleza. Wayne, destacava *O Povo*, vinha a ser maçom grau 33, desmontando de vez a ferrenha campanha demagógica encetada pelo jornal *O Nordeste* contra a maçonaria.

O Povo censurou veementemente o comportamento de Andrade Furtado, editor-chefe d'*O Nordeste* e juiz eleitoral, no desenrolar da eleição ao governo do Ceará. O órgão pessedista apoiou-se na carta do Monsenhor J. Quinderé, secretário de Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, publicada em uma de suas edições. Quinderé relatara a ida de Dom Manuel e Furtado à casa de José Acioli, do Partido Conservador, para informá-lo de que fora incluído na lista de candidatos a deputados federais da LEC. Outrossim, Quinderé nomeara as seguidas traições que sofrera Acioli: deixara de ser candidato a deputado, senador e governador, sem receber qualquer explicação dos próceres lecistas. Ou seja, Furtado

cumprira missão partidária, ocupação vetada pela Constituição Federal. Doutrinador agressivo, redigindo os artigos de fundo da gazeta pia, exercendo conhecida atividade político-partidária, Furtado largava a toga e rapidamente empunhava a pena, vingando-se dos inimigos dos lecistas. Enfático, *O Povo* recordava as diversas passagens em que denunciara a escalada ao poder da LEC, via tricas e futricas partidárias, e fora acusado de injusto pela imprensa arquidiocesana, mas o malabarismo político de Furtado evidenciava-se: falso moralista e aplicador da lei somente aos adversários do lecismo.[352]

Na condição de membro do Poder Judiciário, em abril de 1933, vetou o registro da secção cearense do Partido Comunista do Brasil (PCB), primeiramente, por se tratar de agremiação com presença em todo o Território Nacional, donde a improcedência da legalização a partir do Estado do Ceará. O argumento basilar da interdição ateve-se à filiação do PC à Internacional de Moscou, fato que ensejava "perigo grave" à segurança social e à estabilidade das instituições nacionais. Em 1939, Furtado afastou-se somente da magistratura para dirigir a Secretária Estadual do Interior e da Justiça, do governo Menezes Pimentel. Nas ausências de Pimentel, respondia pela interventoria. Permaneceu no primeiro escalão da administração até a saída de Pimentel em outubro de 1945.

Andrade Furtado coadunava-se com um tipo de intelectual descrito por Norberto Bobbio: os "cães de guarda" do poder constituído. Furtado advogou uma distinção entre as elites intelectuais, consagradas à direção da sociedade, e as massas, destinadas a serem conduzidas. Posto isso, define-se Furtado como adepto da compreensão: "os intelectuais, considerados como a parte viva, progressista e moderna da nação em contraposição às massas produzidas pela democracia doente dos nossos tempos" (BOBBIO, 1997, p. 33); isso tudo dentro de uma perspectiva de regeneração e educação política das massas via recristianização da sociedade.

---

[352] A nova câmara. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 maio 1935. Editorial, p. 1. Maçom, grau 30. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 maio 1935. Editorial, p. 1. Lição de civismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 6 maio 1935. Editorial, p. 1. Encruzilhada decisiva. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 maio 1935. Editorial, p. 1. Falta de confiança. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 maio 1935. Editorial, p. 1. Uma confusão. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 maio 1935. Editorial, p. 1. Grande data. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 maio 1935. Editorial, p. 1. Os deputados lecistas e o futuro governador, no quartel do 23º B. C. **O Nordeste**, p. 1, Fortaleza, 23 maio 1935. A instalação, ontem, da Assembleia Constituinte Estadual. **O Nordeste**, p. 1, Fortaleza, 25 maio 1935. Empossado, no Governo Constitucional do Ceará, o dr. Menezes Pimentel. **O Nordeste**, p. 1, Fortaleza, 27 maio 1935. Auxiliares do novo governo. **O Nordeste**, p. 1, Fortaleza, 28 maio 1935. A Palavra do Demônio. **O Povo**, Fortaleza, 21 maio 1935. Editorial, p. 1. A Ética da Mentira. **O Povo**, Fortaleza, 23 maio 1935. Editorial, p. 1. Vade retro, Satanás! **O Povo**, Fortaleza, 24 maio 1935. Editorial, p. 1. Explicações necessárias. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 23 maio 1935. O Sr. Andrade Furtado e a sua atividade político-partidária. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 25 maio 1935. A LEC a Maçonaria: o prefeito de Fortaleza, no governo lecista, é maçom grau 33. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 28 maio 1935. A LEC e a Maçonaria: O Nordeste não pode se defender. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 28 maio 1935.

Referente à eleição municipal de 1936 em Fortaleza, centrada no embate LEC *versus* PSD, *O Nordeste* retratou o grau de empolgação dos votantes: era o prato do dia! Fervilhava nos bastidores dos partidos, transpassava os cafés indo até aos bondes. Do ponto de vista institucional, o governador do Estado, o dr. Menezes Pimentel, significava a plena garantia ao voto livre dos cidadãos. O sufrágio deveria esboçar o congraçamento do eleitorado; lutas partidárias desarvoradas, nenhuma! Nacionalmente, Getúlio Vargas e a Constituição de 1934 sedimentavam o zelo apostólico dos Nóbregas e Anchietas. Isto se dava em vários *fronts*: na polícia, com o confisco e a queima de livros importados de Moscou; na apreensão de pasquins extremistas; nos quartéis e nas repartições públicas, enxotando-se os traidores custeados pelo dinheiro russo; na imprensa e no rádio, os profissionais ao lado das autoridades, levando à execração pública os brasileiros sovietizados.

Vargas, entretanto, enfrentava a grita dos oposicionistas, mas o Presidente reagia com altivez, pois identificava o objetivo da "hidra vermelha": pichar a Igreja Católica, desvirtuar a consciência da juventude, fomentar revoluções nas massas proletárias e preparar o assalto aos cofres do País. Para *O Nordeste*, todos deveriam se somar aos governantes, inclusive e, principalmente, as associações de classes. Ajudando a Administração estatal a construir vilas operárias, o associativismo de trabalhadores faria duplo papel: atenderia às necessidades inadiáveis do povo e combateria o comunismo, "fonte envenenada de perversão social".[353]

Insistentemente, no transcorrer da campanha municipal, *O Nordeste* comparou Menezes Pimentel a Moreira Lima. Este pregava o comunismo "vermelho", iludia as massas e apoiara a Aliança Nacional Libertadora. O administrador bolchevizado usara de artifícios condenáveis: violação de urnas no recinto da Justiça Eleitoral, balas e invasões às casas de família. Já Pimentel assegurava à oposição inteira liberdade de atuação, porém os inimigos de Deus, por extensão, inimigos do Brasil, conspiravam obstinadamente. Seu alvo: a Igreja Católica. Daí a premência dos fiéis de compreenderem a relevância da eleição à Prefeitura de Fortaleza: os "filhos das trevas" opondo-se aos defensores da civilização cristã.

O "mal de Marx" avolumava-se e buscava, alicerçado no liberalismo, teimosamente vigente na sociedade brasileira, dissolver os costumes cívicos. A satisfatória regeneração democrática, em curso com Vargas, seria exitosa se incorporasse a disciplina católica à Administração Pública. Como, porém, havia protelação disso, os fiéis deveriam ter

[353] Irrequietação política. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 jan. 1936. Editorial, p. 1. Novo rumo. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jan. 1936. Editorial, p. 1. Métodos falidos. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1936. Editorial, p. 1. E a questão do teto? **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1936. 2º editorial, p. 1.

maior empenho no pleito de março vindouro. A máxima – "Católicos de todo o mundo uni-vos!" – vinda das altas colinas do Vaticano materializar-se-ia no Ceará com a maciça votação do eleitorado católico nos candidatos do Partido Republicano Progressista (PRP).

Sucedâneo da LEC, o PRP apresentou como postulante à Prefeitura de Fortaleza Raimundo de Alencar Araripe, à época presidente da LEC-CE. O PSD, o ex-deputado federal J. J. Pontes Vieira. Vieira recebia fervoroso apoio do jornal *O Povo*. Rompidos com o lecismo, os integralistas e conservadores concorreram, respectivamente, com J. Carvalho Góes e Franklin Gondim, ex-secretário da Fazenda de Moreira Lima. O lema – nem vacilações, nem tibiezas – conduzia a campanha pró-Araripe n'*O Nordeste* e o jornal dualizava o pleito: de um lado, as "sereias" políticas, os anticlericais de todos os matizes, as forças do mal, o esquerdismo nacional e a bolchevização dos costumes; do outro, a família, o Cristo Rei, o Sumo Pontífice de Roma e a Ação Católica.

Afinal, caberia ao aplicado eleitor confessional praticar em 29 de março um dever indeclinável de fortalecimento da democracia e do patriotismo: impedir o retrocesso à situação passada: Primeira República, ambições partidárias e o primado de Moreira Lima, o "interventor comunista". O reforço à tradição católica do fortalezense se daria no voto de confiança nos postulados do PRP (valorização do patrimônio municipal, educação técnico-profissional, ampliação do plano educacional, assistência à pobreza, regularização do serviço de trânsito, solução do problema da alimentação e da habitação, zelo pela saúde física e assistência distrital e suburbana).

Novamente, as mulheres católicas receberam a incumbência de serem decisivas nas urnas e com seu voto, mescla de patriotismo e fé, derrotariam os inimigos da Igreja. Como a legislação vigente facultava a presença das mulheres, exceto as funcionárias públicas, *O Nordeste*, em edição extraordinária, no domingo anterior à data da eleição, conclamava: nada de deserção ou abstenção! Nada de escutar as vozes da intriga, perversamente travestidas de companheiras! Comparecendo, elas impediriam o retorno dos extremistas, que formaram com Moreira Lima um ajuntamento de revides à autoridade espiritual. A numerosa presença do feminino guiando-se pela LEC e sufragando o PRP seria uma valiosa lição aos detratores da sapiência das senhoras e senhorinhas.

No mais, insistia *O Nordeste*: o exercício de votar superava as questões legais, desdobrando-se em manifestação de fervor religioso. Saíra Moreira Lima, de nefasta lembrança e entrara no governo estadual um eminentemente cristão, assegurador da inviolabilidade das famílias. Chegava o momento de instalar na direção municipal alguém da estirpe de Menezes Pimentel e Raimundo de Alencar Araripe dera prova suficiente de conduta

impoluta: vinha a ser o substituto do venerado Barão de Studart na direção suprema das hostes vicentinas.[354]

Os jornais *O Povo* e *O Nordeste* polemizaram em torno das diretrizes encaminhadas por Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) para a LEC-CE acerca do pleito municipal. Noticiava o porta-voz do PSD: Athayde, presidente nacional da LEC, após consultar o núncio apostólico no Brasil, Dom Aloisi, e o cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, proibiu os lecista de favorecem o PRP, dado que os outros candidatos a prefeitos eram reconhecidamente católicos. *O Povo* reportava-se a um telegrama de autoria do padre Hélder Câmara enviado da cidade do Rio de Janeiro ao capitão Jeová Mota, integralista e deputado federal eleito pela LEC em 1934, cujo conteúdo informara sobre a deliberação de Athayde.[355]

Afora isso, *O Povo* afirmava que em função da subserviência da LEC-CE ao partido governista, a entidade perdera o *status* de organização católica. Na contraposição, *O Nordeste* atribuía ao noticiário do órgão pessedista a pecha de articulação de esquerda. Desta feita, o conluio agrupava os integralistas e os parceiros do interventor comunista. Tratava-se de algo típico dos agentes de Moscou: insultos aos poderes constituídos. Além disso, as relações com Athayde, Masella e Leme eram frutíferas e eles jamais contataram oficialmente o lecismo cearense censurando qualquer ação eleitoral.[356]

---

[354] Irrequietação política. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 jan. 1936. Editorial, p. 1. Novo rumo. **O Nordeste**, Fortaleza, 11 jan. 1936. Editorial, p. 1. Métodos falidos. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1936. Editorial, p. 1. E a questão do teto? **O Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 1936. 2º editorial, p. 1. Inimigos do Brasil. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 fev. 1936. Editorial, p. 1. A união dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 fev. 1936. Editorial, p. 1. Combate ao comunismo. **O Nordeste**, Fortaleza, 8 fev. 1936. Editorial, p. 1. Política de realidades. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 fev. 1936. Editorial, p. 1. A finalidade da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 fev. 1936. Editorial, p. 1. Ofensiva anticomunista. **O Nordeste**, Fortaleza, 18 fev. 1936. Editorial, p. 1. Mobilização Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, 20 fev. 1936. Editorial, p. 1. A causa acima de tudo. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 fev. 1936. Editorial, p. 1. Eleições classistas. **O Nordeste**, Fortaleza, 1 fev. 1936. 2º editorial, p. 1. Nem vacilações, nem tibieza. **O Nordeste**, Fortaleza, 3 mar. 1936. Editorial, p. 1.

[355] As disposições do governo. **O Nordeste**, Fortaleza, 5 mar. 1936. Editorial, p. 1. Escolha acertada. **O Nordeste**, Fortaleza, 7 mar. 1936. Editorial, p. 1. Dever eleitoral. **O Nordeste**, Fortaleza, 9 mar. 1936. Editorial, p. 1. O sentido católico. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 mar. 1936. Editorial, p. 1. A finalidade da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 27 mar. 1936. Editorial, p. 1. A vitória das urnas. **O Nordeste**, Fortaleza, 28 mar. 1936. Editorial, p. 1. Ao eleitorado de Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 13 mar. 1936. A grande reunião cívica do Partido Progressista. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 18 mar. 1936. Ao eleitorado e ao povo do município de Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 22 mar. 1936. Mulher Católica. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4, 22 mar. 1936.

[356] Atrelado ao partido situacionista. **O Povo**, Fortaleza, 20 mar. 1936. Editorial, p. 1. Farisaísmo. **O Povo**, Fortaleza, 23 mar. 1936. Editorial, p. 1. O testamento do Padre Hélder. **O Povo**, Fortaleza, 28 mar. 1936. Editorial, p. 1. As mulheres não são obrigadas a votar. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 21 mar. 1936. Tristão de Athayde, presidente da Junta Nacional da LEC, desaprova a atitude da Junta Estadual do Ceará. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 24, 28 mar. 1936. Desintegração da ordem. **O Nordeste**, Fortaleza, 23 mar. 1936. Editorial, p. 1. Falando gago. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 mar. 1936. Editorial, p. 1. As atribuições da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 26 mar. 1936. Editorial, p. 1.

Finalizada a apuração, o Partido Republicano Progressista elegeu Raimundo de Alencar Araripe prefeito de Fortaleza. Após o golpe do Estado Novo, tanto Menezes Pimentel como Araripe permaneceram em seus cargos e continuaram até 1945. Das 15 cadeiras na Câmara de Vereadores da Capital cearense, o PRP conquistou seis; o PSD cinco; o Partido Republicano Conservador duas e os Integralistas duas. O PSD ganhou, contudo, a presidência do parlamento municipal. Entre os membros da bancada do PRP, encontrava-se José Agostinho da Silva, presidente do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos São José, entidade vinculada à Arquidiocese de Fortaleza. Ao comentar a vitória de Araripe, *O Nordeste* reiterou os argumentos que proferira no desenrolar da campanha: o eleitorado consciente de nossa Capital referendaria firmemente o candidato da LEC, apesar das defecções pró-arraias da esquerda de integralistas e conservadores; o PRP derrotaria os alinhados com o interventor comunista Moreira Lima; a família cristã, unida aos superiores hierárquicos, resistiria aos ataques à continuidade da LEC; os eleitores fiéis ao dever católico exerceriam o direito de voto conciliando a defesa do bem público com os interesses da Religião.[357]

Longe de esboçar mudança de *status*, o voto feminino configurou-se numa extensão dos afazeres domésticos e religiosos de mães, filhas, esposas ou noivas. Somente a estas, *O Nordeste* reconhecia o direito ao sufrágio. O voto feminino ajudava a infringir revés ao PSD, era o que importava para o lecismo, cujo programa vetou às mulheres a cidadania ativa. E os números da apuração de outubro 1934 dimensionaram a ajuda das eleitoras ao lecismo: na Assembleia Estadual, 17 a 13 (12 do pessedismo e um deputado avulso); na Câmara Federal, sete a quatro, todos do PSD. Da mesma forma, o triunfo do Partido Republicano Progressista (PRP) sobre o PSD, na eleição municipal de 1936. Nesta, os lecistas dirigiram o PRP. Depreende-se que a cultura cívica almejada pelo *O Nordeste* caracterizava-se por formar cidadãos obedientes à autoridade governamental e de confiança plena no ambiente católico. Das raras confrontações sociais, emergiriam dissensões superficiais, rapidamente sepultadas e instrumentalizadas no sentido de manter a estabilidade política do País, sempre com Getúlio Vargas à frente, dirigindo o "Estado Novo" brasileiro.

Oficializada em 16 de dezembro de 1932, em Fortaleza, Capital do Estado, no salão nobre do Colégio da Imaculada Conceição, uma escola vicentina, fundada em 1865, na administração eclesial do primeiro bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, a Liga Eleitoral Católica entrou na disputa eleitoral após *O Nordeste*, insistentemente, afirmar o seu

[357] A vitória das urnas. **O Nordeste**, Fortaleza, 14 abr. 1936. Editorial, p. 1. A vitória do candidato apoiado pela LEC para a Prefeitura de Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 14 abr. 1936. Instalada hoje a Câmara Municipal de Fortaleza. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 12 maio 1936.

locus: fora e acima dos partidos. Premida pelas circunstâncias, em decorrência do isolamento imposto pelas correntes remanescentes das oligarquias pré-1930, notadamente o PSD, do oligarca reformista Fernandes Távora, só restou a LEC, informava o vespertino arquidiocesano para justificar o registro partidário dos lecistas, ir à luta em raia própria, mas diferenciando-se do jogo político da Primeira República, essencialmente laicista, por extensão, albergador dos comunistas.

Não só isso, porém, o lecismo, livre de "politiqueiros profissionais", tendo em vista exclusivamente a Constituinte Nacional, lutaria por pautá-la nos moldes católicos, por conseguinte, reintroduziria o Brasil nas tradições oriundas dos tempos coloniais e avivadas no Império, especialmente por Dom Pedro II. Então, recorrendo a Georges Balandier, verifica-se na prática da LEC e d'*O Nordeste* que: "A linguagem do poder contribui necessariamente para tornar manifestas as diferenciações sociais [...] e muitas vezes até o ponto extremo em que a palavra política não se transmite diretamente, mas gradualmente e por intermediários." (BALANDIER, 1982, p. 13). A seguir, uma "intimação obsequiosa" da LEC:


L. E. C.

AVISO

Hoje, ás 19 hs.30, no Palacio do Arcebispado, devem comparecer todos os membros da Junta Estadual e das Juntas locaes da L. E. C., para uma reunião onde serão ventilados assumptos de magna importancia.

FIGURA 12 – Reunião (Liga Eleitoral Católica)
Fonte: **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 6 fev. 1933.

Como estratégia de legitimação, a LEC, nas páginas do órgão clericalista, abusou de convocar reuniões no Palácio Arquiepiscopal, de vincular os candidatos do lecismo ao nome de Dom Manuel, arcebispo de Fortaleza, e impingir aos eleitores um dever sacrossanto: votar nos lecistas. Enfim, a LEC era uma correia de transmissão do periódico católico e diferenciava-se dos demais partidos: defendia a religião *in totum*. Entre os constituintes de 1933 eleitos pelo Ceará, Luís Sucupira, colunista diário do jornal e com vastas honrarias (congregado franciscano, vicentino etc.) e atuação em entidades vinculadas à Arquidiocese de Fortaleza, simbolizava a unidade altar-parlamento, bastante defendida pelo *O Nordeste*. Então, valendo-se de Balandier (1982, p. 13), chega-se à conclusão: o poder em análise se realizava e se conservava "pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos [...] em um quadro cerimonial".

A intervenção política d'*O Nordeste* nas eleições de 1945 (Presidência da República, Senado e Câmara Federal) seguiu por dois caminhos: a reorganização da LEC e a indicação dos candidatos aptos a receber os votos dos católicos. Em sucessivas edições, o jornal publicou a lista dos candidatos a todos os cargos em disputa, pertencentes a vários partidos (UDN – União Democrática Nacional; PSD – Partido Social Democrático; PDC – Partido Democrata Cristão; PPS – Partido Popular Sindicalista; PRP – Partido de Representação Popular). Apurados os votos, para a Presidência da República, Eduardo Gomes (UDN) derrotou Yedo Fiúza (PCB) e Eurico Gaspar Dura (PSD); foram eleitos para o Senado Plínio Pompeu e Olavo Oliveira, da coligação UDN-PPS e a UDN elegeu dez parlamentares à Câmara Federal, o PSD cinco e a PPS dois.

Das urnas, saíram derrotados Menezes Pimentel, para o Senado e Luís Sucupira à Câmara Federal. Ambos faziam parte do grupo gestor d'*O Nordeste* e candidataram-se pela legenda do PSD, o "partido sem Deus" de passado recente (eleições constituintes de 1933), no entanto, jamais receberam qualquer tipo de admoestação nas páginas do órgão arquidiocesano. Desta feita, Pimentel e Sucupira, que viviam da e para a política, sofreram fragorosa derrota, o primeiro por ter sido governador constitucional de 1935 a 1937, e com a ditadura do Estado Novo, interventor até outubro de 1945; o segundo, católico engajadíssimo, articulista longevo do órgão clerical, de 1922, ano de fundação deste, até 1964, e que ocupava, à época das eleições, a função de inspetor-chefe da Alfândega de Fortaleza, cargo saudado pela imprensa local como de símbolo de prestígio junto ao Executivo federal, afora ter pertencido ao restrito círculo de poder capitaneado por Menezes Pimentel, quando este exercia a interventoria federal no Ceará.

Os números do pleito de dezembro de 1945, com ares de abertura política, também revelaram uma grande derrota da Liga Eleitoral Católica e do pimentelismo, ou, como nomeava o jornal *Unitário*, "ditadura policialesca", em 1936. Diferentemente do corrido nos anos 1930, quando a LEC atuou como partido (1933 a 1935), lançando candidatos e vencendo o PSD, de Fernandes Távora e de 1936, quando assumiu a legenda do Partido Republicano Progressista, elegendo Raimundo de Alencar Araripe, prefeito de Fortaleza, também derrotando os Távoras, em 1945 contentou-se por indicar candidatos.

Os lecistas, todavia, estavam agrupados em torno das candidaturas de Menezes Pimentel ao Senado Federal e do general Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República. Abertas as urnas, derrota de Pimentel; derrota de Dutra, em Fortaleza e no restante do Estado. Na Capital, o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN obteve 20.535; Yeddo, do PCB, a grande surpresa ficou em segundo lugar com 9.455 e Dutra, do PSD, em terceiro lugar com 8.399. E mais: entre os dez parlamentares eleitos pela UDN, o dobro se comparado ao PSD lecista, encontrava-se Edgar Arruda, ex-senador eleito em 1934 pela LEC e ex-presidente da agremiação, quando do lançamento da entidade em 1932.

Durante a marcha das eleições, o maniqueísmo, assim como fora ao longo período pesquisado, dava a tônica nas opiniões d'*O Nordeste*. A reorganização da LEC-CE era apresentada como um setor da Ação Católica Brasileira e não mais como uma agremiação partidária, ou seja, a Arquidiocese de Fortaleza coadunava-se ao quadro nacional e o lecismo atuava "fora e acima dos partidos", indicando do *establishment*, candidatos de vários naipes partidários. Em 1945, como outrora, o Brasil estava numa encruzilhada: de um lado, os comunistas, ciosos por estabelecer um regime totalitário e ateístico, semelhante à URSS; de outra parte, os arautos do liberalismo e aptos a superá-los o "Exército de Cristo". A LEC-CE reviveria os idos de 1930, tempo no qual se postara na "vanguarda" do movimento de recristianização da política, como reconhecera naquele momento, o expoente do catolicismo brasileiro, dom Sebastião Leme, cardeal do Rio de Janeiro.[358]

O alistamento eleitoral e, consequentemente, o ato de votar nos candidatos indicados pela hierarquia católica, tornava-se, de novo, dever inalienável e *O Nordeste* lançava mão de um conjunto de argumentos; ia ao passado longínquo, referenciava-se num passado próximo e exaltava o porvir, já que a Terra da Luz honraria o seu passado de devoção às sagradas escrituras e ao lema "união, paz e justiça", norteador da LEC nos anos 1930 e do

[358] Fundada no Rio a LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 14 jul. 1945. A reorganização da LEC. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 out. 1945. Editorial, p. 3. A arma do voto. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 set. 1945. Editorial, p. 3.

governo Menezes Pimentel.[359] Então, nada de defecções! E isso incluía as freiras enclausuradas, prontas a receber a ordem e providenciar a "arma" dos fiéis, o título de eleitor, conforme explanou o colunista e secretário de redação d'*O Nordeste,* Audifax Mendes. Ao final da conclamação, Mendes interpôs um desafio aos devotos: "Como se vê, os católicos estão a postos, na defesa da Civilização cristã, pelo exercício do voto. Vamos agora ver se é mesmo verdade que o brasileiro é o povo mais comunista das Américas..."[360]

Arvorando-se de legitimidade, em função de representar a hierarquia eclesial e proferindo um discurso moralizador, calcada na exaltação à destra de Deus, *O Nordeste* repetia-se na conjuntura eleitoral de 1945 e impelia o eleitor católico a votar seguindo o indicado, tal qual fizera nos anos 1930. O "mantra" do órgão arquidiocesano (promulgação da Constituição em nome de Deus, defesa da família, legislação trabalhista seguidora da ordem cristã, pluralidade sindical e partidária, ensino religioso nas escolas, casamento indissolúvel, assistência médica às classes armadas, preservação da propriedade individual) reproduzia um "cerimonial" exaustivamente explorado: a Igreja Católica *versus* o comunismo.[361]

Com tal entendimento, vincula-se a "liturgia" do periódico uma compreensão de Rivière (1989, p. 13): "não há movimento político, de partido ou de regime, que deixe de recorrer à série de atos solenes, repetitivos e codificados, de ordem verbal, gestual e postural, de forte conteúdo simbólico". Daí depreende-se, ainda com Claude Rivière, que o grupo gestor do jornal buscava firmar-se como participe ativo de uma coletividade, apresentando uma identidade agregadora e exprimindo a necessidade de partilhar ideais comuns. Desse modo manifestava-se a estratégia do grupo gestor do jornal: moldar a fé cristã e o patriotismo a sua vontade de conquistar espaços nos aparelhos de Estado, ou seja, pautava-se por expressar uma perspectiva político-eclesiástica, vitoriosa na década 1930, mas derrotada com a redemocratização de 1945.

[359] Edificante disciplina. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 out. 1945. Editorial, p. 3. O dever dos católicos. **O Nordeste**, Fortaleza, 16 out. 1945. Editorial, p. 3.
[360] De bubuia. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 2 set. 1945.
[361] Reivindicações essenciais. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 out. 1945. Editorial, p. 3.

Considerações finais

> Não é possível ser católico e comunista ao mesmo tempo [...] ou com a Igreja, ou contra a Igreja, que vale dizer: ou Comunismo ou Anticomunismo.[362]

De 1930 a 1945, a ação política d'*O Nordeste* manifestou uma cultura política autoritária e conservadora, porque propagandeou a necessidade de o Brasil institucionalizar um regime político concentrador do poder nas mãos de uma só pessoa, no caso, o presidente Getúlio Vargas, reduzindo, consequentemente, a coadjuvantes os movimentos sociais. O jornal esconjurou a luta de classes, a soberania popular e a ideologia liberal, afora defender um regime político propenso a uma limitada modernização capitalista. Ainda delegou à Igreja Católica o papel de árbitro das questões sociais, adequando-se ao preconizado pelo papa Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, que pregava a conciliação capital-trabalho. Mesmo nas eleições, *O Nordeste* atuou premido pelo contexto: ou se engajava ou deixava os perseguidores de Roma usurparem as posições de mando.

Oscilando da intolerância à manipulação, o periódico elegeu o comunismo soviético de inimigo máximo do Brasil, que, finalmente, graças à Revolução de 1930, superava a crise de autoridade advinda da Primeira República, com sua constituição ateia e liberal. *O Nordeste* combateu em tom apocalíptico, desde quando surgiu em junho de 1922, no clericato de Dom Manuel da Silva Gomes, o suposto impulso avassalador do sovietismo no plano local e mundial, e quão nefasto seria ao proletariado e para o restante da sociedade, render-se aos "serventuários das trevas". Desdobrando isso, alimentava o mito da conspiração comunista, liderada por Luiz Carlos Prestes. Quanto ao "salvador da pátria", enaltecia a continuidade do "verdadeiro" cavaleiro da esperança, Getúlio Vargas.

O Nordeste propugnava a necessidade de o Brasil reagir à Modernidade. Com ela, veio o individualismo burguês e, como contraposição a este, o comunismo. A emergência de uma sociedade completamente liberal ou sovietizada desencadeava enorme preocupação no grupo gestor do jornal, ensejando o reformismo conservador, centrado nos círculos operários e na Legião Cearense do Trabalho, antagonizando-se com o sindicalismo independente do Estado e da religião; na disputa de eleições, preservando os cânones antiprogressistas; na rememoração dos tempos do Império, exemplo de sociedade cristianizada, e na destituição dos populares da condição de sujeitos da história.

---

[362] Suplemento do "Nordeste". **O Nordeste,** p. 1, Fortaleza, 25 ago. 1945.

Dom Manuel da Silva Gomes assumiu a Diocese do Ceará, em dezembro de 1912. Sucessor de Dom Joaquim José Vieira (1884-1912), do qual fora bispo-auxiliar, estruturava as ações diocesanas, depois as da Arquidiocese de Fortaleza, mediante o ingresso de ordens religiosas, criação de dioceses, ampliação das obras de caridade, fundação de escolas e de jornais. Em 1915, a pedido de Dom Manuel, o papa Bento XV desmembrou a Diocese do Ceará em Arquidiocese de Fortaleza, Diocese do Crato e Diocese de Sobral. Dom Manuel exerceu a administração eclesial cearense de 1912 a junho de 1941, sendo substituído por Dom Antônio de Almeida Lustosa. Aposentado, viveu breve período, últimos meses de 1941, em Salvador, sua terra natal, retorna a Fortaleza/CE, falecendo em 1944. A cada aniversário de Dom Manuel, *O Nordeste* saudava-o efusivamente.

O Nordeste exercia o papel de divulgador da agenda religiosa do Arcebispado e buscava ser organizador coletivo da sociedade civil em Fortaleza/CE, por meio do seu grupo gestor, personificado no editor-chefe do órgão, Andrade Furtado, que exerceu este ofício desde a fundação do jornal (1922) até 1962. Faziam parte deste núcleo ao longo do período pesquisado (1930-1945), além de Furtado, os assíduos Luís Sucupira, colunista do jornal, e Monsenhor Antônio Tabosa Braga, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, que assinou editoriais até 1934, quando faleceu. A eles agregavam-se, segundo a própria definição do periódico, o colaborador Menezes Pimentel, antes de ser eleito governador constitucional e nomeado interventor no Estado Novo, no transcurso dos anos 1935 a 1945 e o redator, por "largo tempo", José Martins Rodrigues, que se desvinculou d'*O Nordeste*, após a fundação do jornal *O Estado*, em 1936. *O Nordeste*, como organizador coletivo da sociedade civil fortalezense, tutelava dos costumes públicos aos privados, discutia da economia à cultura. Em tal empreitada, o vespertino expressava uma cultura política nacionalista e de direita.

O jornal *O Estado*, que manifestava apoio irrestrito ao governo constitucional de Menezes Pimentel e, na sequência, com o golpe do Estado Novo, em 1937, ao interventor Pimentel, era dirigido, desde o início por seu fundador, José Martins Rodrigues, que fora presidente do Círculo Católico de Fortaleza, entidade de breve funcionamento (1913 a 1922), e dirigente da Liga Eleitoral Católica (LEC), nos anos 1930. À época da criação do periódico, dirigia a Secretaria Estadual da Justiça. Rodrigues exerceu esta atividade de 1935 a 1939, quando passou a chefiar a secretaria da Fazenda, saindo da administração em 1943. Foi substituído por Andrade Furtado, então editor-chefe d'*O Nordeste*, na Secretaria da Justiça. Furtado saiu desta Secretária com a destituição de Pimentel, em outubro de 1945 e, enquanto a exercia, se mantinha na dianteira do jornal católico.

Diferentemente do pregado por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro (RJ), líder maior do catolicismo brasileiro, a Liga Eleitoral Católica (LEC) no Ceará, nos anos 1933-1935, ultrapassando a mera indicação de voto, obteve registro partidário, elegeu candidatos e ocupou funções governamentais. Em 1936, os lecistas passaram a dirigir o Partido Republicano Progressista. E mais: nos altos escalões da LEC, encontravam-se nomes proeminentes d'*O Nordeste* (Sucupira, Pimentel e Rodrigues) que, embora assumindo importantes cargos públicos, permaneciam vinculados à intervenção política do diário católico, salvo Rodrigues, em razão de suas responsabilidades na condução do jornal *O Estado*. Quanto a Sucupira, assinou colunas no vespertino clerical (Comentários e Ponto de vista) e Pimentel, quer como governador constitucional, quer interventor, recebia afetuosos elogios nas páginas do periódico.

A escrita política de Dom Manuel nas páginas d'*O Nordeste* era restrita. Exceções ocorreram em poucos momentos. Nelas, Dom Manuel foi um vibrante defensor da Revolução de 1930, um aguerrido opositor do comunismo e um resoluto indicador de votos. Os populares na destituição de Matos Peixoto do governo cearense em 1930, episódio capitaneado por Fernandes Távora, futuro dirigente do PSD, marcaram presença defronte ao Palácio Arquiepiscopal. Da sacada, o clérigo saudou o ardor dos manifestantes. Durante a missa campal de louvação ao triunfo da Revolução de 1930, na praça do Ferreira, Dom Manuel proferiu farta louvação a Getúlio Vargas e desejou longevidade de governança ao político gaúcho. Durante a "Segunda Campanha Contra o Comunismo" (1931), o vespertino publicou argumentação de Dom Manuel desancando Moscou. Finalmente, durante as campanhas da LEC e PRP, o jornal destacava: eis aqui a chapa do arcebispado!

Ao ampliar o assistencialismo, ao combater o catolicismo popular e ao articular-se com a intelectualidade leiga na criação de estratégias, partidos e entidades, que passaram a disputar a direção dos movimentos sociais, a Igreja Católica em Fortaleza, liderada por sua alta hierarquia, superava paulatinamente o isolamento da instituição perante o Estado republicano. Ávida por recuperar seus espaços nos círculos do poder, a cúpula católica da Capital, que ia além do arcebispo Dom Manuel e possuía como setores mais dinâmicos os dirigentes políticos d'*O Nordeste*, a LEC, o PRP e o circulismo, passou a arregimentar grupos de pressão formados por operários, estudantes, profissionais liberais, intelectuais, empresários, donas de casa e frações das camadas médias, visando a consolidar seu projeto autoritário de Estado.

Tratava-se, agora, de lidar com novos atores sociais provenientes do crescimento urbano e continuar na tarefa de educar as elites. Daí ser imprescindível registar que a

Arquidiocese de Fortaleza e *O Nordeste* compunham uma rede de sociabilidade que envolvia o Círculo Católico de Fortaleza, que atuou de 1913 a 1922; o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (fundado em 1915); o Crédito Popular São José/Banco Popular de Fortaleza (em 1920); a União de Moços Católicos (fundada em 1924, sucedânea do Centro Cearense de Propaganda Católica, organizado em 1910); a Confederação das Sociedades Católicas da Arquidiocese de Fortaleza (em 1925); a Liga Eleitoral Católica (em 1932); o Partido Republicano Progressista (em 1936) e a Federação dos Círculos Operários do Estado do Ceará (em 1940) etc.

Compreendia *O Nordeste* que a Primeira República, em função do "excesso" de liberdade concedido aos moscovitas, poderia ter levado o Brasil a se transformar em um mero satélite da União Soviética. Por isso, a importância de alinhar-se com o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Nele, a Arquidiocese de Fortaleza e *O Nordeste* expandiram a organização de grupos de pressão (círculos operários, sindicatos, associações beneficentes, grupos de oração etc.) e fortaleceram as práticas anticomunistas. O Estado, em harmonia com a Igreja Católica, a família, os sindicatos, a escola e os municípios, regeria os destinos da pátria. Logo, a legitimidade da Revolução de 1930 e do Estado Getulista dava-se reavivando a formação católica do povo brasileiro, que era tratado como néscio.

Visto que a hegemonia é, ao mesmo tempo, direção ideológico-política da sociedade civil e combinação de força e consenso para obter o controle social, explicitam-se os objetivos do grupo gestor do jornal *O Nordeste* no tocante à luta política: apoiar o presidente Getúlio Vargas, repelir o comunismo, fortalecer a LEC/PRP e o circulismo. Ao relacionar os objetivos do lecismo, *O Nordeste* citava o repúdio à mentalidade bolchevizante em quaisquer contextos e que os lecistas defendiam: a outorga de ajuda financeira governamental à Igreja Católica, o veto ao divórcio, o *status* jurídico ao casamento religioso, a educação religiosa nas escolas públicas e privadas.

Nos círculos do poder de 1935 a 1937, da eleição de Menezes Pimentel, pela legenda da LEC ao governo cearense, via eleição indireta na Assembleia Legislativa, até o golpe do Estado Novo, os lecistas de relevo, os membros do chamado "grupo católico", que eram apoiados fortemente pelo jornal *O Nordeste*, compuseram com as forças oligárquicas, pois a Liga Eleitoral Católica tinha em seus quadros integralistas e os remanescentes dos partidos Conservador e Democrata, cujo revezamento, no Executivo estadual, dominara a cena política cearense na Primeira República Integrantes da bancada da LEC na Assembleia Legislativa (1935-1937): seis deputados conservadores, seis democratas, dois integralistas e três do "grupo católico".

A hegemonia dos oligarcas lecistas-getulistas iniciou-se com as sucessivas vitórias da Liga Eleitoral Católica (LEC). Na votação de 1933, para a Constituinte Federal, de um total de dez deputados, a Liga Eleitoral Católica, no Ceará, elegeu a maior bancada: seis deputados contra quatro do Partido Social Democratico (PSD). Em 1934, para a Câmara Federal, de um total de 11 deputados, a LEC ganhou, elegeu sete e o PSD elegeu quatro; e para a Constituinte Estadual, de um total de 30 deputados elegeu a maioria: 17 contra 12 do PSD e um deputado avulso.

Em 1935, na Assembléia Legislativa, ocorreram dois triunfos da LEC, a eleição de Menezes Pimentel, ao governo do Ceará, e a escolha de Edgar Arruda e Waldemar Falcão, para o Senado Federal. Em 1936, a LEC assumiu a direção do recém-fundado Partido Republicano Progressista (PRP) e elegeu o prefeito de Fortaleza, Raimundo Alencar Araripe, ex-diretor da União dos Moços Católicos. Pimentel e Araripe, após o golpe do Estado Novo, continuaram em seus cargos, saindo em 1945, um pouco antes da deposição do presidente Getúlio Vargas. Em 1938, o senador lecista Waldemar Falcão foi nomeado ministro do Trabalho. Em 1941, Falcão deixou o Ministério e assumiu o posto de ministro do Supremo Tribunal Federal.

Insistentemente recorrendo ao sensacionalismo preventivo, *O Nordeste* vinculava o comunismo e os comunistas a várias imagens e símbolos. Localizados quase sempre na primeira página do jornal, os editoriais foram os espaços privilegiados de tal exercício. Ora o comunismo era identificado com a violência e a perfídia, ora com as doenças e os vírus. Os comunistas eram mostrados como representantes da demagogia, da intriga e da perversão dos hábitos cristãos, todavia a ligação recorrente dava-se com as figuras do Demônio e com o Anticristo. Sensacionalismo preventivo. Esta atitude contrariava a realidade dos fatos, segundo a própria compreensão d'*O Nordeste*. Tanto é que o periódico manifestou surpresa ao comentar a realização do 1º Encontro do Bloco Operário e Camponês no Ceará, em fevereiro de 1930: na Fortaleza, tradicionalmente cristã, alastravam-se na mentalidade "ingênua" dos trabalhadores os princípios "desvairados" do sovietismo. Passado pouco tempo, agosto do ano referido, quantificou os "vermelhos", que exploravam uma "insignificante" massa operária, dois ou três "espertalhões".

Recorrendo a uma linguagem belicista, *O Nordeste* veiculava a necessidade de um regime autoritário capaz de realizar uma "limpeza moral" no Brasil. Com isso, haveria o restabelecimento dos vínculos Igreja-Estado, suprimidos com a implantação da República (1891), a eliminação do laicismo, a definitiva conservação da propriedade privada e o combate eficaz ao socialismo. As referências de poder d' *O Nordeste* foram o nazista Adolf

Hitler, o fascista italiano Benito Mussolini, o catolicismo autoritário de António Oliveira Salazar, o austríaco Engelbert Dollfuss, o espanhol Primo de Rivera e o general português Óscar Carmona.

Em função disso, buscava enquadrar os leitores, afirmando sistematicamente que a hora das indecisões já se perdera nas "trevas" do passado, numa clara referência à Primeira República, visto que o momento político – leia-se, todo o governo Vargas – dizia respeito ao fortalecimento do princípio da autoridade. Acreditando que reconstitucionalizar o Brasil significava reavivar um sistema "desmoralizado", fator de dissolução herdado da Constituição de 1891, *O Nordeste* bradava: a Nação exige dos dirigentes "máximos" sinceridade nas atitudes, para que se processasse o definitivo restauro das forças sadias do organismo nacional. Persistindo na ideia de um governo forte, o periódico reclamava que a Constituição de 1934 concedera desmedida liberdade aos comunistas e aos políticos liberais.

No Ceará, ao longo da pesquisa (1930-1945), além das representações, o anticomunismo católico militante d' *O Nordeste* compunha a vertente de um movimento político, que, juntamente com a Arquidiocese de Fortaleza, com a LEC e o PRP, encetava ações concomitantes nos espaços governamentais e na imprensa. Exemplo disso é a atuação de Andrade Furtado, professor da Faculdade de Direito do Ceará, secretário estadual da Justiça do governo lecista de Menezes Pimentel e editor-chefe d'*O Nordeste*. Monsenhor Antônio Tabosa, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza e editorialista do órgão, de 1922 a 1934, é outra figura exemplar do circuito arcebispado-jornal-governança.

As ligações institucionais do jornal *O Nordeste* se intensificaram em 1935, quando Menezes Pimentel, colaborador do periódico, professor-titular da Faculdade de Direito do Ceará, ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza e filiado à Liga Eleitoral Católica, assumiu a chefia do Executivo estadual. No governo constitucional e na interventoria durante o Estado Novo, *O Nordeste* tornou-se porta-voz da administração estadual. Corriqueiramente, a agenda de Pimentel, seus contatos com o ditador Vargas, as inaugurações, as obras e as notas oficiais ocuparam espaços significativos nas páginas da gazeta católica.

A atuação do jornal *O Nordeste* nos pleitos de 1933 a 1936, quando a Liga Eleitoral Católica (LEC) suplantou seus concorrentes, em especial, o PSD, foi decisiva para o lecismo. O periódico mudou de posição, saiu da objeção às eleições para concitar os fiéis na LEC. O vespertino fazia sua pregação eleitoral sem esboçar qualquer autocrítica à repulsa que fizera aos processos eleitorais, vistos até então como algo daninho, pois fruto da "falida"

democracia liberal. Ao posicionar-se no debate em torno da constituinte, sentenciou: ou a futura Carta Magna traz o nome de Deus ou não será constituição para o Brasil.

O Nordeste amalgamava os misseiros em um corpo indivisível e, valendo-se de uma linguagem apocalíptica e de ultimato às autoridades, exigia eficaz combate aos brasileiros sovietizados. Justificando-se, alegava que os princípios revolucionários de 1930, com Getúlio Vargas à frente, representavam uma repulsa à "anarquia" e traziam reabilitação à cena política nacional. Durante a Constituinte de 1933, o periódico solicitou a implantação urgente de uma "ditadura", pois, com certeza, a lei maior seria desligada da "verdadeira" nacionalidade, visto facultar a participação de setores alheios à ordem pública e à tradição católica do povo brasileiro, no caso, os liberais.

Nas hostes católicas, a descristianização exercida pelos adeptos da "ditadura de Moscou", com o beneplácito do "carcomido" liberalismo republicano, degenerava a população do País, visto que, no âmago, o bolchevismo era antítese da Igreja. Vítima da corrupção moral crescente, a Nação carecia de lenitivo único: a missão regeneradora da Igreja. Ao optar por essas ações, *O Nordeste* manifestava elitismo, intolerância e autopromoção, como atitudes básicas de sociabilidade. À medida que as relações fraternais da hierarquia nacional da Igreja Católica com Getúlio Vargas se ampliavam, *O Nordeste* intensificava a propaganda em prol da implantação de um regime de força no Brasil, conservando, portanto, o seu discurso oriundo da década de 1920. A prova disso dava-se com apoio irrestrito que o jornal manifestava ao governo Vargas, desde o início, e notadamente a ditadura do Estado Novo (1937-1945).

A pregação salvacionista d'*O Nordeste*, defesa da ordem e anticomunismo, compunha uma articulação maior: a instalação de um regime autoritário e nacionalista no Brasil que colocava a Igreja Católica como guia maior do País, ante a conjuntura do período: crise do setor primário-exportador, os impasses da política econômica, a emergência da indústria, as novas formas assumidas pela questão regional na constituição do mercado de trabalho e de consumo, os constrangimentos financeiros, os desafios da técnica. Relativamente à opção do periódico arquidiocesano, com Dom Manuel da Silva Gomes (1912-1941) e com Dom Antônio de Almeida Lustosa à frente do Arcebispado (1941-1945), compreende-se que expressava elitismo clerical, pois a Igreja contava cristianizar as elites, para que estas por sua vez cristianizem o povo, o Estado e a legislação, consubstanciando, assim, uma estratégia de reforma pelo alto.

Produto dessa lógica, *O Nordeste* definia-se por ser um "vespertino de ação e informação católica". O órgão também manifestava enormes preocupações com o avanço do

sovietismo na Europa e difundia a convicção: o liberalismo fora o responsável político pelo desenvolvimento da luta de classes mundo afora. Sempre defensor da ordem, *O Nordeste* definiu a Revolta do Forte de Copacabana (1922), a Rebelião de São Paulo (1924), a Coluna Prestes-Miguel Costa (1924-1927), Revolução Constitucionalista (São Paulo, 1932) e o Levante Militar Comunista de 1935 de "extremamente" nocivos ao ordenamento público vigente.

Adepto da imprensa de opinião, *O Nordeste* publicou na primeira página de sua edição inaugural textos definidores de sua conduta. De início, enfatizou que a "pena", em louvação a Deus, era uma "arma", para qualquer circunstância e, principalmente, no embate do bem contra o mal. Referente à sua missão, enfatizou: orientar as multidões, com as diretrizes do nacionalismo. Por fim, reproduziu fielmente a repulsa da Igreja de Roma à Modernidade, arrolou, de forma intolerante e retrospectiva, os adversários do Vaticano e a vitória sobre eles. Em destaque, descreveu as glórias do cristianismo ocidental, indo até o nascedouro, e a derrota imposta ao materialismo, ao ateísmo e ao "espírito das trevas", isto é, ao comunismo.

De 1938 a 1945, semanalmente, *O Nordeste* publicou informativos especiais: Página do Lar, Página Literária, Página Pedagógica, Folha Rural, Folha da Juventude Feminina Católica, Folha dos Municípios etc. No tocante ao mundo do trabalho, a Secção Operária, em seguida, a Página Operária, depois a Página Trabalhista. Destaque dos informativos especiais, o *Suplemento do "Nordeste"* circulou, semanalmente, com quatro páginas, cujo objetivo único era a propaganda anticomunista. O tamanho do boletim, superando os demais informativos que possuíam apenas uma página, denotava o grau de importância que o tema ocupava na folha. Composto de artigos escritos por brasileiros "de renome", por autores locais e veiculando opiniões advindas da Europa, o *Suplemento* conservava o tom apocalíptico e belicista característico do jornal.

Nas eleições de 1945, houve a derrota eleitoral de proeminentes ex-lecistas, Menezes Pimentel e Luís Sucupira à Câmara Federal. Eles concorreram sob a legenda do PSD, o vitorioso na eleição presidencial com o general Eurico Gaspar Dutra. Este apoiou ostensivamente a candidatura de Menezes Pimentel ao Senado. No Ceará, no momento da sua destituição, Pimentel dividia a liderança pessedista com Olavo Oliveira, eleito senador, em 1945, e com a família Moreira da Rocha. Apurados os sufrágios, verificou-se o revés dos membros do grupo gestor d'*O Nordeste* e a da facção pimentelista, que viu o triunfo dos olavistas e o crescimento dos moreiristas.

De 17 deputados federais, a UDN, de Fernandes Távora, elegeu dez, o PSD cinco (dois moreirista e três pimentelistas), o Partido Popular Sindicalista, dois olavistas. O insucesso de Pimentel e de Sucupira debilitou bastante a intervenção política d'*O Nordeste*. Do ponto de vista comercial e editorial, o jornal manteve-se firme; perdeu, contudo, a publicidade do governo estadual. O sucessor de Pimentel, Beni Carvalho, da UDN, vinculava-se ao jornal *O Povo*, que tinha compondo a direção, o udenista, Paulo Sarasate. Carvalho e Sarasate foram eleitos deputados federais, em 1945. Nas eleições de 1945, *O Nordeste* atuou na defensiva, restringindo-se à indicação de candidatos com "formação católica".

FONTES

Arquivos e instituições pesquisadas

Arquivo Público do Estado do Ceará
Biblioteca Estadual Menezes Pimentel
Centro de Documentação Empresa Jornalística O POVO
Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará
Seminário Arquidiocesano de Fortaleza (Núcleo de História Eclesiástica)

Periódicos

O Nordeste (1929–1945)
O Povo (1931; 1934–1936)
Gazeta de Notícias (1931)
Correio do Ceará (1931)
Unitário (1935)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de Abreu; FERNANDO, Lattman-Weltman; BELOCH, Israel; LAMRÃO, Sérgio Tadeu de Niemayer (Orgs.). 5 vols. *Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro (DHBB)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

ACANDA, Jorge Luis. *Sociedade civil e hegemonia*. Tradução: Lisa Stuart. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

AGMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução: Iraci D. Poleti. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AMARAL, Azevedo. *O Estado autoritário e a realidade nacional*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. 45ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ANDRADE, Manuel Correia de. *O Nordeste e a questão regional*. São Paulo: Ática, 1988.

ANDRADE, Maria Lucélia. Combater o mal por escrito: jornal O Nordeste e a prescrição da leitura feminina. In: RAMOS, Francisco Régia Lopes; LUCAS, Meize Regina de Lucena (Orgs.). *Tempo no plural*: História, memória e diversidade cultural. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda., 2008, p. 109-132. (Programa de Pós-graduação em História – UFC)

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ANTOINE, Charles (padre). *O integrismo brasileiro*. Tradução: João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico*: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

AURENCHE, Guy. *Os direitos do homem*: uma boa nova. In: RÉMOND, René (Org.). *As grandes descobertas do cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 185-208.

AZZI, Riolando. O início da Restauração católica no Brasil (1920-1930). *Síntese*. São Paulo, Edições Loyola, vol. IV, nº. 10, p. 61-89, maio-ago. 1977a.

_____. O Início da Restauração Católica no Brasil – 1920-1930 (II). *Síntese*. São Paulo, Edições Loyola, vol. IV, nº. 11, p. 73-101, set.-dez. 1977b.

_____. O Episcopado Brasileiro frente à Revolução de 1930. *Síntese*. São Paulo, Edições Loyola, vol. V, nº. 12, p. 47-78, jan.-mar. 1978.

_____. O Fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940). *Síntese*. São Paulo, Edições Loyola, vol. VI, nº. 17, p. 69-85, set.-dez. 1979.

_____. *A Neocristandade*: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.

____. *A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil*: ensaio de interpretação a partir do povo (Terceira época, 1930-1964). Tomo II/3-2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5 (Antropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*: memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

_____. *História Sincera da República*. 4 vols. 5ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

BASTOS, Abguar. *Prestes e a revolução social:* fatos políticos, condições sociais e causas econômicas de uma fase revolucionária do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

BARBUY, Heraldo. *Marxismo e religião*. São Paulo: Dominus Editora, 1963.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da ordem*: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo: Edições Loyola; História Social-USP, 1999.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja frente aos Estados Liberais (1880-1930). In: DUSSEL, Enrique (Org.). *Historia Liberationis*: 500 anos de História da Igreja na América Latina. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 177-222.

_____. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História da Civilização Brasileira*. 3ª ed. Tomo III, vol. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 275-295.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ-Ed. FGV, 1996, p. 57-98.

_____. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.

_____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009, 29-46.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda:* razões e significados de uma distinção política. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. *Os intelectuais e o poder*: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1997.

BORIS, Fausto. *A Revolução de 1930*. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Getúlio Vargas*: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BUSETO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da História Política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti; PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; NETTO, Fernando Franco (Orgs.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Capinas: Pontes Editores, 2008, p. 9-23.

CABRAL, J. (padre). *A miragem soviética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1933.

_____. *A Igreja e o Marxismo*. São Paulo: Companhia Editora Panorama, 1949.

CALAGE, Fernando. *Ação Social de Leão XIII.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1941.

CAMACHO, Ildefonso. *Doutrina Social da Igreja:* abordagem histórica. São Paulo: Loyola, 1995.

CÂMARA, Fernando. Os Bispos de Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, p. 29-64, 1974.

_____. Dom Antônio dos Santos: apóstolo do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, p. 52-59, 1981.

_____. Dom Joaquim José Vieira e os oitenta anos de sua morte. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, p. 157-330, 1997.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência*: a polícia da Era Vargas. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UNB), 1994.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena*: propaganda no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1999.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1980.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Racismo nazista: A Era nazi e o antissemitismo. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 102-133.

CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. 3ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: DIFEL, 1978.

_____. *O P. C. B.* 3 vol. São Paulo: Difel, 1982.

_____. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

_____. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

CARROLL, James. *A espada de Constantino:* a Igreja Católica e os judeus. Tradução: Renato Pompeu. Barueri/SP: Manole, 2002.

CARVALHO, Gilmar; LIMAVERDE, Lucíola. Jornal "O Ceará": exemplo de mídia combativa na década de 1920. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), 2008, Natal/RN.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 11, p. 173-191, 1991.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

CHAUI, Marilena. Sobre o medo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 33-82.

CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. A Legião Cearense do Trabalho. In: SOUZA, Simone (Org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 317-344.

CORNWELL, Jonh. *O papa de Hitler:* a história secreta de Pio XII. Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos de Gregório XVI e de Pio IX*. Tradução: Darci L. Marin. São Paulo: Paulus, 1999.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ-Ed. FGV, 1996, p. 331-363.

DEBRUN, Michel. *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. Tradução: Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In: RIDENTE, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*: partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2002, p. 11-66.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luíza (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149-175.

DUPEUX, Louis. *História Cultural da Alemanha:* (1919-1910). Tradução: Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário:* imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ-Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

_____. História e Culturas Políticas – definições, usos e genealogias. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 28, p. 21-35, 2000.

FALASCA-ZAMPONI, SIMONETTA. Fascismo e Estética. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismo: conceitos e experiência. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 45-66.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*: historiografia e história. 13ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: Ed. UFF-Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

FERREIRA, Roberto Martins. *Organização e poder*: análise do discurso anticomunista do Exército Brasileiro. São Paulo: Annablume, 2005.

FERRO, Marc. *O ocidente diante da Revolução Soviética*: a História e seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUILLOOUX, Étienne. Integrismo católico e direitos humanos. In: ACAT – Ação dos Cristãos pela Abolição da Tortura (Org.). *Fundamentalismo integrismos*: uma ameaça aos direitos humanos. Tradução: Mariana Nunes R. Echalar. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 11-30.

FURTADO, Andrade. Trincheira bolchevista. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza/CE, Ramos & Pouchaim, vol. I, tomo II (segunda fase), p. 23-25, 1938.

GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1993.

GIRARDET, Raoul. *Mito e mitologias políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhias das Letras, 1987.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *Burguesia e trabalho*: política e legislação social no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

_____. A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro Gomes (Orgs.). *Estado Novo*: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 151-166.

_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). *Culturas Políticas:* ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 21-44.

_____. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura política e leituras do passado*: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 43-63.

GOMES, Misael. Dom Joaquim José Vieira: 2º bispo do Ceará no 50º aniversário de sua morte. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, p. 82-90, 1967.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson (Orgs.). *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: Ed. UFC (Universidade Federal do Ceará), 2002.

GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: história e memórias. In: SOUZA, Simone. (Org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 279-286.

GRAMSCI, Antonio. O partido político. In: _____. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p. 22-29.

_____. Jornalismo. In: _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução: Carlos Nélson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 161-204.

HERMANN, Jacqueline. Sebastianismo. In: VAINFAS, Ronaldo (Dir.). *Dicionário do Brasil Colonial*: 1500-1818. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 523-526.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios:* 1875-1914. 3ª ed. Tradução: Siene Maria Campos; Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Era dos extremos:* o breve século XX (1914-1991). Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER Terence (Org.). *A invenção das tradições*. 6ª ed. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.

HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, Enrique (Org.). *Historia Liberationis*: 500 anos de História da Igreja na América Latina. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 297-317.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. Tradução: Pedro M. Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
KOLONTAI, Alexandra. *Oposição operária*: 1920-1921. São Paulo: Editora Global, 1980.

_____. *A nova mulher e a moral sexual*. 3ª São Paulo: Expressão Popular, 2005.

KORTE, Gustavo. Os cultos de Dionísio e Apolo. In: _____. *O roteiro mágico de Pitágoras*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1999, p. 182-184.

KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. Tradução: Clarice Lima Avierina. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

_____. *História do proletariado brasileiro*: 1857-1967. Tradução: Clarice Lima Avierina. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História da Civilização Brasileira*. 3ª ed. Tomo III, vol. 2. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 343-374.

LEAL, Ângela Barros. *A História do Ceará passa por esta rua*. 2º vol. Multigraf Editora/Fundação Demócrito Rocha. 1993.

LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum* – Sobre a condição dos operários. Tradução: Manuel Alves Silva. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

LEITE FILHO, Rogaciano. *A História do Ceará passa por esta rua*. 1º vol. Multigraf Editora/Fundação Demócrito Rocha. 1993.

LEVINE, Robert. *O regime Vargas*: anos críticos (1934-1938). Tradução: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LENIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer?* Problemas candentes de nosso movimento. Tradução: Marcelo Braz. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LINK, LUTHER. *O Diabo*: a máscara sem rosto. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUSTOSA, Oscar de Figueredo (sel.). *Igreja e Política no Brasil:* do Partido Católico à L.E.C. *(1874-1945)*. São Paulo: Edições Loyola / CEPEHIB, 1983

INCISA, Luduvico. Corporativismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de Política.* Tradução: Carmem C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais e Renzo Dini. 13ª ed. Brasília: Ed. UNB, 2007, vol. 1, p. 297-291.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MALATIAN, Tereza. *Império e Missão*: um novo monarquismo brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. O "perigo vermelho" e o Catolicismo no Brasil. In: MALATIAN, Tereza; LEME, Marisa Saenz; MANOEL, Ivan Aparecido (Orgs.). *As múltiplas dimensões da política e da narrativa*. Franca,SP: UNESP, 2002, 173-183.

MANOEL, Ivan Ângelo. *Igreja e Educação Feminina:* uma face do conservadorismo (1859-1919). São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

_____. *O pêndulo da história*: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a Imprensa*: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan / Campinas: UNICAMP, 1998.

MATA, Sérgio da. *História & Religião.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. Sacralização da política, politização do sagrado (quando a Igreja se descortina). *Varia História.* Belo Horizonte, nº 16, p. 142-157, set./1996. (Dep. de História – UFMG)

MENEZES, Lená Medeiros de. Nazismo: a sacralização do profano. In: LIMA, Lana Lage da Gama; HONORATO, Cézar Teixeira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *História & Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002, p. 169-180.

_____. Civilização x barbárie: mito de combate no discurso midiático sobre a Revolução (1917-19210. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. *História e Imprensa*: representações culturais e práticas de poder (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ, 2006, p. 385-399.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. O Pensamento Autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 9-30, 2007.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1978.

MENESES, Filipe Ribeiro. O Estado Novo na era do totalitarismo. In: _____. *Salazar*: biografia definitiva. Tradução: Teresa Casal. São Paulo, Leya, 2011, p. 121-228.

MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé:* discurso e práticas católicas. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1987.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Labirintos do medo: o comunismo (1950-1964). In: _____. *História, Metodologia e Memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 151-183.

MONTENEGRO, Abelardo. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1980.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Evolução do catolicismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

_____. *Fernandes Távora e o tenentismo no Ceará (1921-1924)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

_____. *O Trono e o Altar:* As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817-1978). Fortaleza: Ed. BNB, 1992.

_____. O Tenentismo e a Revolução de 30. In: SOUZA, Simone (Org.). *História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994a, p. 307-320.

_____. Integralismo e Catolicismo. In: SOUZA, Simone (Org.). *História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994b, p. 361-370.

MORAES, Dênis; VIANA, Francisco. *Prestes*: lutas e autocríticas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará*: 1889-1930. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1986.

_____. *História Política do Ceará*: 1930-1945. 2ª ed. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000a.

_____. *História Política do Ceará*: 1945-1947. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000b.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. *Revista de História*, São Paulo, Humanitas-FFLCH-USP, nº 138, p. 93-105, 1998. (Departamento de História da Universidade de São Paulo-USP)

_____. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho":* o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

_____. A "indústria" do anticomunismo. *Anos 90*, Porto Alegre, nº 15, p. 71-91, 2001/2002.

_____. A "Intentona Comunista" ou a construção de uma lenda negra. *Tempo*, Rio de Janeiro, Sete Letras, vol. 7, nº 13, p. 189-207, jul. 2002.

_____. "Meu registro é breve: nasci comunista": militância judaico-comunista, um estudo de caso. *História Oral*, São Paulo, Associação Brasileira de História Oral, vol. 6, nº 6. p. 95-105, jun. 2003.

_____. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____. *Culturas políticas na história*: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-37.

NEGRÃO, João Henrique Boterri. *Selvagens e incendiários*: o discurso anticomunista do governo Vargas. São Paulo: Associação Editorial Humanitas-FAPESP, 2005.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

OPPO, Anna. Partidos Políticos. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de Política*. Tradução: Carmem C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais e Renzo Dini. 13. ed. Brasília: Ed. UNB, 2007, vol. 2, p. 898-905.

PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala*: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1999.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

_____ . *A Fé e a Razão na Política*: Conservadorismo e Modernidade das Elites Cearenses. Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia; Editora 34, 2008.

PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone (Org.). *História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 199-210.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Getúlio Vargas (1833-1954): reexame de alguns mitos. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, CEBRAP, vol. 10, p. 132-140, out.-nov.-dez., 1974.

PASCHKES, Maria Luísa de Almeida. *A ditadura salazarista*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAXTON, Robert. O. *A anatomia do fascismo*. Tradução: Patrícia Zimbres; Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINTO, José Aloísio Martins. *Serventuários das trevas*: os bolcheviques na imprensa católica. 2005. 160 p. Dissertação (Mestrado em história Social). Universidade Federal do Ceará.

PONTE, Sebastião. A Legião Cearense do Trabalho. In: SOUZA, Simone (Org.). *História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 371-387.

PORTELLI, Hugues. *Os socialismos no discurso social católico*. Tradução: Helena de Albuquerque M. Livramento. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

PRESTES, Anita Leocádia. *Os militares e a Reação Republicana*: as origens do tenentismo. Petropolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. *Uma epopeia brasileira*: A Coluna Prestes. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Da insurreição armada (1935) à "união nacional" (1938-1945)*: a virada tática na política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

REED, Jonh. *Os dez dias que abalaram o mundo*. Tradução: Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Peguin Classics Companhias das Letras, 2010.

RÉMOND, René. Do político. In: _____. *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ / Ed. FGV, 1996, p. 441-450.

_____ . A Igreja católica no século XX ante os fanatismos e as intolerâncias. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (Dir.). *Foro Internacional sobre Intolerância* (1997: Paris, França). Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 82-84.

REIS, Edilberto Cavalcante. "Vitrine" da romanização. *Jornal "O POVO"*. Fortaleza/CE, 3 de Junho de 2004, p. 7.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*: os comunistas no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Uma revolução perdida*: a história do socialismo soviético. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

_____. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *História do marxismo no Brasil*: partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Vol. V. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002, p. 69-102.

_____. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. Editora UNESP, 2003.

RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará*: ascensão e queda (1922-1947). Fortaleza: Edições UFC / STYLUS, 1989.

RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2ª ed. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2003.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do jornalismo brasileiro*. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

QUINDERÉ, José. Dom Joaquim José Vieira: segundo bispo do Ceará – aspecto de sua vida. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, p. 58-129, 1947.

RODRIGUES, Francisco Theodoro. *Os 16 deportados cearenses*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

ROMANO, Roberto. Igreja, domesticadora de massas ou fonte do direito coletivo e individual? *Revista Educação & Sociedade*, nº 35, São Paulo, CEDES-Editora Vértice, p. 60-92, 1990.
_____. O pensamento conservador. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, nº 3, p. 33-40, 1994. (Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná)

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola*. Tradução: Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

SANTOS, Jovelina. Círculos Operários no Ceará: uma ausência historiográfica. *Revista Trajetos*. Fortaleza/CE: Departamento de História da UFC, vol. 2, nº 4, p. 38-39, nov. 2003.

_____. *Círculos operários no Ceará*: instruindo, educando, orientando, moralizando (1915-1963). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Mestrado em História Social, 2007.

SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SCHLEGEL, Jean-Louis. Fundamentalismo e integristas ante a modernidade. In: ACAT – Ação dos Cristãos pela Abolição da Tortura (Org.). *Fundamentalismo integrismos*: uma

ameaça aos direitos humanos. Tradução: Mariana Nunes Ribeiro Echalar. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 129-149.

_____. *A lei de Deus contra a liberdade dos homens*: integrismos e fundamentalismos. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SEGATTO, José A. *Breve História do P C B.* São Paulo: Liv. Ed. Ciências Sociais, 1981.
SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção História, nº 41)

SILVA, Ricardo. *A ideologia do Estado autoritário no Brasil*. Chapecó: Argus, 2004.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. *Fortaleza:* imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

_____. *Paisagens do consumo:* Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

_____. *Rumores:* a paisagem sonora de Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2001 (Coleção Outras Histórias, nº 48)

SOBREIRA, Azarias. Dom Manuel da Silva Gomes. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, p. 147-150, 1972.

SOUZA, Simone. As Interventorias no Ceará (1930-1935). In: _____. *História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 321-346.

_____. Da "Revolução de 30" ao Estado Novo. In: _____. *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 287-315.

STOPPINO, Mario. Autoridade. In: In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de Política.* Tradução: Carmem C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais e Renzo Dini. 13. ed. Brasília: Ed. UNB, 2007, vol. 1, p. 89-94.

TÁVORA, Fernandes. *Algo de minha vida:* cumprindo uma velha promessa. Fortaleza, 1961.

VILLA, Marco Antônio. *História das constituições brasileiras*: 200 anos de luta contra o arbítrio. São Paulo: Leya Brasil, 2011.

VILAR, Pierre. *A guerra da Espanha*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1989.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35*: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Pão, terra e liberdade*: memória do movimento comunista de 1935. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos: 1995.

TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática, 1986.